

Cartas a Paulo Freire

Escritas por quem ousa esperar

3

Coordenação

Cidoval Morais de Sousa

Editores

Antonio Roberto Faustino da Costa

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves

Ivonildes da Silva Fonseca

José Cristóvão Andrade

José Luciano Albino Barbosa

Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva

Patrícia Cristina de Aragão

Waldeci Ferreira Chagas





Universidade Estadual da Paraíba

Profª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Profª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa (UEPB) | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)

Diego Duquelsky (UBA)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB)

Germano Ramalho (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)

Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística

Antonio de Brito Freire

Elizete Amaral de Medeiros

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Gilberto S. Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Assessoria Técnica

Walter Vasconcelos



Editora indexada no SciELO desde 2012



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Cartas a Paulo Freire

Escritas por quem ousa esperar

Coordenação

Cidoval Morais de Sousa

Editores

Antonio Roberto Faustino da Costa

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves

Ivonildes da Silva Fonseca

José Cristóvão Andrade

José Luciano Albino Barbosa

Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva

Patrícia Cristina de Aragão

Waldeci Ferreira Chagas



Campina Grande - PB

2021



Estado da Paraíba

João Azevêdo Lins Filho | *Governador*

Ana Lúgia Costa Feliciano | *Vice-governadora*

Nonato Bandeira | *Secretário da Comunicação Institucional*

Claudio Benedito Silva Furtado | *Secretário da Educação e da Ciência e Tecnologia*

Damião Ramos Cavalcanti | *Secretário da Cultura*

EPC - Empresa Paraibana de Comunicação

Naná Garcez | *Diretora Presidente*

William Costa | *Diretor de Mídia Impressa*

Rui Leitão | *Diretora de Rádio e TV*

Alexandre Macedo | *Gerente da Editora A União*



BR 101 - KM 03 - Distrito Industrial - João Pessoa-PB - CEP: 58.082-010

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA HELIANE MARIA IDALINO SILVA - CRB-15º/368

C322 Cartas a Paulo Freire 3: escritas por quem ousa esperar. / Coordenação: Cidoval Moraes de Sousa; Editores: Antônio Roberto Faustino da Costa e outros.; Ilustrações: Jô Oliveira. –Campina Grande: EDUEPB, 2021.
6.249 Kb - 660 p.: il.

ISBN 978-65-86221-96-1 (E-Book)

ISBN 978-65-86221-97-8 (Impresso)

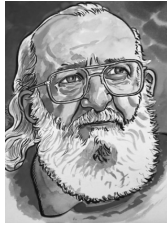
Nota: “ Projeto Editorial 100 anos de Paulo Freire” – Editores: Antonio Roberto Faustino da Costa, Fabíola Mônica da Silva Gonçalves, Ivonildes da Silva Fonseca, José Cristóvão Andrade, José Luciano Albino Barbosa, Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva, Patrícia Cristina de Aragão, Waldeci Ferreira Chagas.

1. Educação - Brasil. 2. Cartas brasileiras. 3. Educadores. 4. Pedagogia. 5. Esperançar. I. Sousa, Cidoval Moraes de (Coord.).

21. ed. CDD 370.981

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.



Projeto Editorial 100 anos de Paulo Freire

Coordenador

Cidoval Morais de Sousa

Editores

Antonio Roberto Faustino da Costa

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves

Ivonildes da Silva Fonseca

José Cristóvão Andrade

José Luciano Albino Barbosa

Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva

Patrícia Cristina de Aragão

Waldeci Ferreira Chagas

Ilustrações

Jô Oliveira

Josafá de Orós

*A trilogia **Cartas a Paulo Freire escritas por quem ousa esperar** é um projeto coletivo e só se tornou possível porque contou com o apoio e a colaboração de atores como o Governador João Azevêdo Lins Filho; o Secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia Cláudio Benedito Silva Furtado; a reitora Célia Regina Diniz e a vice-reitora Ivonildes da Silva Fonseca; a Rede de Cátedras Paulo Freire; Grupos de Pesquisas e Institutos Paulo Freire do Brasil inteiro; o Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisa; o GESPAUF; a CODECOM UEPB; a EPC (Editora A União); a SBPC Regional Paraíba; o Observatório Social do Nordeste (OBSERNE); os Programas de Pós-graduação da UEPB (PPGECM, PROFLETRAS, PPGFP, PPGLI, PPGDR); Academia de Cordel do Vale do Paraíba (ACVP); e aos educadores e educadoras, que não desistem de esperar um mundo novo.*

Paulo Freire, esse incrível!

*O que é que o professor Paulo Freire
Lá no Nordeste, entre o Recife e os Angicos
começou a desfazer pra inventar e refazer?
Ele transformou em redondo o que era quadrado
e desenquadrado o que era antes enquadrado.
Ensinou a pensar o ser onde havia o ter
Ele fez virar um círculo o que era uma sala.
E disse do professor que falava-sem-ouvir
que fosse o educador que escuta e depois... fala.*

*Ele imaginou sermos "nós" o que antes era o "eu",
e pensou como "nosso" o que era "só o meu".
E sendo do povo um igual, um parceiro e amigo,
e vivendo com ele a opressão e a injustiça
em que sofre a gente sofredora e pobre
ele criou uma "Pedagogia do Oprimido"
e pensou uma "Educação Libertadora".*

*Ele sonhou como partilha o que era posse
E imaginou como um dom o que era o lucro.
Trocou o "bancário" pelo "emancipador"
e soletrou "es-pe-ran-ça", no lugar da "dor".
Ele pensou o "vamos juntas" onde havia o "só você"
e o Eu-com-Você contra o Você-sobre-o-Eu.
Pensou "educação" onde havia "instrução".*

*E sonhou a palavra-compartida do diálogo
onde dominava o silêncio do monólogo.*

*Ele trocou o já-feito pelo se-fazendo.
Do "inacabado" pensou o "aprendizado"
e do sermos-imperfeitos, o aperfeiçoável
de quem sempre pode-ser-além-do-que-já-foi.
E pra quem não crê no que nós podemos ser
e no que juntas e juntos nós podemos fazer
se soubermos viver entre a luta e o sonhável,
Paulo Freire anunciou e gritou para o mundo
Que o caminho da vida é o... "inédito viável".*

*Letra de Carlos Brandão
Música de Paulo Padilha*

Apresentação

Se o diário representa a declaração mais íntima em registro escrito, feito pela pessoa para espelhar no papel seus sentimentos em ebulição, a carta diz respeito ao diário compartilhado. Escrevê-la é um ato de entrega, de encontro com alguém. E quando ela se destina a muitos, como carta aberta, adquire o caráter de imersão de um sobre o coletivo, de entrega a causas, de notas emitidas por instrumentos diferentes afinadas em harmonia.

O que Paulo Freire fez ao escrever a “Carta aos Professores” foi tentar construir um ambiente dialógico, de parceria e igualdade. Não se trata de Manifesto, mas de Carta, quer dizer, da relação comunicativa que possui intimidade entre seus interlocutores. Esta só se escreve para quem se conhece e possui empatia, afeto, não é impessoal ou categórica, mas empática, provocativa, incompleta.

Nesse caminhar de mãos dadas, entre ensinantes, cabe a cada um a tarefa do preparo, pois não se ensina o que não se sabe. A condição de professora e professor exige uma postura ética, política, profissional para estarem prontos para tal condição, ao exercício permanente de se colocar como aquele que sempre aprende e estuda. A “Carta de Paulo Freire” nos provoca ao exercício compartilhado de *ler o mundo*, de criticá-lo naquilo que ele tem de mais injusto.

Enquanto espaço institucionalizado, de fazer acadêmico, quer dizer, que diploma pessoas em formações específicas, qual tem sido o papel da UEPB diante da provocação freiriana? Mais ainda, neste cenário de adoecimento, de dúvidas sobre a própria prática docente em meio à grave crise de saúde provocada pela pandemia do coronavírus, como deve estar orientada nossa postura profissional e em qual horizonte de esperança?

Uma coisa é certa, o fato de construirmos coletivamente uma obra (“Cartas a Paulo Freire”) em comemoração ao seu centenário sinaliza que compomos,

de maneira comprometida, aquele grupo ao qual ele endereçou sua Carta. Em outras palavras, ao escrevermos para ele, fazemos o caminho inverso, de responder ao chamado, forjando o vínculo empático, a base solidária entre ensinantes que aprendem na caminhada.

No contexto em que vivemos, no interior do Nordeste, nosso compromisso deve ser aquele mesmo que induziu a formação institucional da UEPB. Qual seja, o de contribuir como parte importante no processo complexo de mobilidade social em um ambiente tão desigual e excludente, com destaque para as pessoas mais vulneráveis socialmente. Uma universidade aberta para todos, mas preferencialmente orientada aos mais pobres.

É isto que a obra “Cartas a Paulo Freire” representa: uma resposta ao mestre, como continuadores de novas “Quarenta horas de Angicos”.

Prof. Dra. Célia Regina Diniz¹

Reitora da UEPB

1 Doutora em Recursos Naturais (UFCG, 2005), professora e pesquisadora com atuação nas áreas de Engenharia Sanitária, Resíduos Sólidos, Resíduos dos Serviços de Saúde, Qualidade de água e Liminologia. Atualmente é reitora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Sumário

Paulo Freire, esse incrível!, 9

Apresentação, 11

Introdução

A marcha da esperança, 19

Depoimentos

Nita Freire: "O que vamos fazer juntos?", 25

Sobre dois escritos chilenos de Paulo Freire, 36

Cartas de Paulo Freire para Nathércia, Nathercinha, 43

Nunca deixar de ser menino, 48

A Escolinha do Povo, 51

Memórias e vozes de Angicos, 56

Professor, vem jantar conosco!, 65

Pedagogia do Oprimido

Sujetos de su propio destino histórico, 71

Educação é um bem público!, 77

Madeira de lei que cupim não rói, 86

O saber crítico muda nossa história, 93

Um convite a práticas freireanas nos cursos de Direito, 95

Os não-encontros nos territórios rurais, 104

Recuerdos de la segunda mitad del siglo XX, 108

Educação a serviço das pessoas, 113

Compartilhando aprendizagens, lutas e sonhos, 117

Por uma prática didático-pedagógica transformadora, 120

Quando a palavra vida tem a cara de morte, 123

Esperançar e alargar os horizontes de possibilidades, *127*
As possibilidades do inédito viável, *135*
Ser gente!, *144*

Pedagogia da indignação

Pandemônio de barbaridades e malvadeza, *151*
Entre a pandemia e o pandemônio, *157*
Trajetórias improváveis, pandemia e leitura do mundo, *164*
A tempestade não atinge todos da mesma maneira, *170*
Uma arqueologia da dor dos professores e professoras, *177*
O que sustenta nossas crenças limitantes, *182*
Almejando dias de educação e mudanças, *185*
Democracia, liberdade e direitos, *191*
Flor Viva: esperança contra a opressão, *199*

Pedagogia da Autonomia

Tempos de cólera, tempos de medo, *207*
Medo de escrever?!, *213*
Palavramundo que transforma, *218*
Leitura, cultura e universidade, *221*
Educação que se transforma, *229*
Compartilhando conhecimentos, experiências e vivências, *234*
Aprender a liberdade para ser quem se é, *239*
Professora formadora em tempos de pandemia, *241*
Educação de adultos e tecnologia, *249*
Contradições da educação inclusiva, *253*
Superar a educação bancária no ensino de inglês, *256*
Trajetória de aprendizagens, *261*
Ao Mestre com Carinho, *266*
A universidade presente para além dos muros, *269*
Os que atuam nutrem a esperança, *275*
Transformar-se para transformar, *278*
Um mergulho em contextos de “dias sem amanhã”, *283*
Ao lado de Paulo Freire, *289*
Reconocer la belleza de todos nuestros rostros, *291*

Pedagogia da Esperança

O impulso da fé anulando o impulso do medo, 299

As flores precisam ser regadas, 302

Em busca da flor viva, 306

Mantendo a chama acesa, 310

Diálogos disruptivos e... encantadores, 313

Venceremos, 316

Unir e Re-existir, 320

Havia outros caminhos e sonhos, 323

A palavra-chave é: esperar, 328

Um semeador de esperanças, 331

Uma missão de amor e de esperar, 336

De andarilhagens e esperanças, 342

A esperança, essa teimosa, 347

Recolhendo e plantando sementes de felicidade, 355

O esperar como ato de resistência, 358

Esperar é o que nos move, 363

Esperar é escolher agradecer, 369

O esperar na educação Quilombola, 371

A esperança no hoje e no amanhã, 377

Pedagogia da Intrepidez

Ousadia e coragem de viver e esperar, 383

Da justa raiva ao esperar!, 392

Cultivando a utopia em tempos distópicos, 400

Utopias forjadas nas lutas do cotidiano, 404

Faz escuro, mas eu canto, 410

O mundo está malvado, feio e desumano, 413

Interpretar o mundo esperando mudanças, 416

O portador de profecias e aquele que as professa, 422

Sim! Você fará a diferença!, 425

Ousar saber, ousar fazer, 429

Aprender com a própria história, 436

Aprendizagens da cooperação, 440

Qual “sombra da mangueira” será lembrada?, 449

Ao professor do futuro, 460
A educação em tempos de incertezas, 466
Educação infantil em tempos de pandemia, 472
A aflição de educar em tempos de pandemia, 478
O pensamento antirracista nas escolas, 485
O luto mobiliza a luta, 489
A pedagogia da água, 492
Um café com Freire sobre viver hoje, 497
Um festejo de ideias, 500
Um encontro intercultural inusitado!, 509
Freire, a hermenêutica e o paradigma da Complexidade, 516
Pelos caminhos da América que foi buscar o amanhã, 530
En la búsqueda de la paz, la justicia y el valor de la vida, 537

Boniteza

Por uma Epistemologia do A(fé)to, 543
Leitores sem fim, 550
Uma carta de quem ousa aprender, 556
Carta Sertaneja, 564
Carta sobre Cartas Pedagógicas, 569
O fascinante mundo das Cartas, 576
Tecendo a Libertação, 584
Recomeçar, eis a questão, 589
Memórias, Lembranças, Vivências, 592
Uma aula é uma aula, 599
Celebrando vida, memória e legado, 608
Café, Pão de Queijo e Educação, 613
De feiuras a bonitezas, 619
Sendo FREIRES por aí, 621
A Cigana analfabeta
lendo a mão de Paulo Freire, 629
O-î-kobé kó yby-pe auíemanhe-ne.
(Viverá para sempre), 634
A arte do encontro entre ensinantes e aprendentes, 637

Pedido de desculpas, *643*

A palavra geradora é: Gratidão!, *646*

P de Paulo Freire, *648*

Carta a Paulo Freire menino, *650*

Pertencimento a Paulo Freire, *653*

Introdução

A marcha da esperança

Freireanas e freireanos, O projeto *Cartas a Paulo Freire – escritas por quem ousa esperar*, da Editora da Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPB), enquanto iniciativa para refletir sobre o lugar de Paulo Freire, na contextura da educação nacional, transformou-se em uma grande rede dialógica, entrelaçando Brasil e mundo afora, a partir da ressignificação deste educador nos olhares e escritas dos autores e autoras que fizeram parte da composição da trilogia. Pessoas que pensaram o autor e, dialogando com ele, estabeleceram conexão com a realidade social, o cenário político e a conjuntura mundial.

Lançamos um convite amplo, sem fronteiras, travas acadêmicas, barreiras institucionais, que ganhou corpo, vida e alma e correu o Brasil e o mundo, mobilizando professoras e professores, da Educação Básica ao Ensino Superior, educadores e educadoras militantes da educação popular, movimentos sociais, educação no campo, para o desafio de escrever cartas ao grande mestre. Como estímulo/provocação recomendamos a leitura/releitura da sempre atual *Carta aos Professores*, publicada por Freire em 1993, no livro *Professora sim, Tia não – cartas a quem ousa ensinar*, hoje na 24^a edição. O resultado foi surpreendente: quase 300 cartas!

Em três volumes foram mais de 10 países correspondentes (dentre os quais estão nações/estados da América Latina, Europa, África, Estados Unidos e Canadá), mais de 500 autores, dezenas de instituições, todos os estados brasileiros, coletivos de diferentes territórios, representações de etnias. Uma ciranda pluricultural de freireanos e freireanas em diálogo. Um mapeamento, um círculo de cultura acerca das ressonâncias do Freire que vive. Sim, do Freire que vive, pulsa, inspira, resiste, utopia e esperança traduzido em cartas, muitas cartas!

Em diálogo com autores e autoras fizemos pequenos ajustes de natureza linguística e de formatação, preservando estilos, sotaques e, principalmente, a integridade dos conteúdos. Algumas missivas se aproximam de um ensaio ou de um texto acadêmico *stricto sensu*; outras, de um relato de experiência ou de uma peça propositiva; outras estão embebidas de sentimentos, afetos, amorosidade; e, outras, ainda, trazem o encanto da poesia e da literatura de cordel para um diálogo franco, respeitoso, criativo e emocionante com o patrono da Educação brasileira e seus seguidores no mundo.

Recebemos e publicamos cartas de saudades, de amorosidade, de boniteza, de lembranças, de reconhecimento e de reafirmação de um legado que marcou profundamente a história da educação brasileira. Cartas de atualização de leituras de mundo e de ousadias de reinvenção e esperançar. E cartas que anunciam uma nova pedagogia – a Pedagogia da Intrepidez – gestada nos diferentes territórios de resistência e que ganha corpo e se nutre, de um lado, da indignação movida pela compreensão dos determinantes históricos da realidade opressora e de morte que experimentamos nos dias atuais, e que tem como evidência mais clara a tragédia do Covid-19; e, de outro, da necessidade de se manter vivo, atualizado, reinventado e em processo permanente de recriação, o pensamento do mestre.

Como mostramos no volume 2, a palavra *intrepidez* é de origem latina (*intrepidus*) e significa, *stricto sensu*, “o que não teme”, “o que não é dominado”. Assim, em nossa leitura, as cartas desta trilogia foram escritas com ousadia, coragem, indignação pedagógica, decolonialidade, pertencimento, denodo. Foram escritas com intrepidez!

Nos três volumes, as cartas foram organizadas em territórios reveladores da essência de cada uma das missivas. No volume I, Lendo o mundo, Aprendências, Esperançando, Comunhão. No volume II: Desocultando, Resistência, Palavração. Neste volume 3 trazemos um território só de Depoimentos e outros com cartas que homenageiam obras de Freire como Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Indignação, Pedagogia da Autonomia, e Pedagogia da Esperança. Além disso, destacamos, num território específico, aquilo que consideramos os sinais mais significativos do que chamamos acima de Pedagogia da Intrepidez. Mantivemos, nos três volumes, o território Boniteza.

Ainda sobre o volume 3 é importante destacar a ênfase, sobretudo no

território Depoimentos, de uma questão pouco tratada nas muitas obras sobre Freire: a dimensão humana. Com textos de Carlos Brandão, cartas de Nathercinha, depoimentos de Nita Freire (viúva do educador) e remanescentes de Angicos, dentre outros, resgatamos um Freire que fala saudades, comidas, escreve poesias, ama e que pede para que nunca nos esqueçamos da criança que há dentro de nós.

Recebemos cada carta enviada como sinal de que não estamos sós, nunca estivemos e nunca estaremos, porque o que nos une é muito mais do que uma vontade política; é um projeto de nação e de humanidade centrado na educação. Não na educação bancária, reprodutivista de ideias e formadora de mão de obra a serviço do capital, mas na educação libertadora e emancipadora, pautada na valorização do ser humano.

As cartas, para nós, editoras e editores, revelaram o quanto as sementes plantadas pelo educador Paulo Freire germinaram Brasil afora, transpuseram as fronteiras desse país continental e atingiram outros povos e nações. Revelaram, também, o quanto Freire está presente nas práticas dos professores e professoras que formaram e formam outros professores e outras professoras; na prática de jovens que nas escolas, nas universidades, nos sindicatos e associações de classes continuam a marcha da educação para a mudança. Muitos dos jovens autores e autoras não conheceram Freire pessoalmente, mas se afirmam, nas cartas, tocados e tocadas pelo pensamento do educador.

Reforçamos, aqui, a nossa gratidão a todos e todas que responderam ao convite da EDUEPB, escrevendo para o mestre, que tinha uma paixão particular pelas cartas. Uma parte significativa da sua obra foi redigida nesse formato, destacando-se, entre elas, as Cartas a Guiné-Bissau (1977); Cartas aos animadores e às animadoras culturais de São Tomé do Príncipe (1980); Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar (1993); Cartas a Cristina (1994); e Pedagogia da Indignação (2000). Para ele, o fundamental era que as cartas não fossem apenas recebidas e lidas, mas discutidas, estudadas e, sempre que possível, respondidas.

Paulo Freire pensou profundamente o ser humano em todas as suas dimensões e, por isso, seu pensamento correu mundo, formou homens e mulheres, despertou sentimento de indignação e esperança. Isso, em nosso ver, fez e faz com que seus ensinamentos permaneçam no tempo, tocando pessoas

onde quer que elas estejam. Foi assim com os que enviaram suas cartas e, acreditamos, continuará com os que acessarem qualquer um dos três volumes desta trilogia, que podem ser lidos de forma separada, sem prejuízos para a compreensão e discussão, que desejamos coletiva, plural, dialógica, solidária e provocadora de novas iniciativas.

Numa de suas últimas cartas, Freire¹ escreveu que mulheres e homens podem mudar o mundo para melhor, mas a partir da realidade concreta em que vivem e nunca apoiados “em devaneios, falsos sonhos sem raízes, puras ilusões”. Para ele, não é possível pensar em transformar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto. Os sonhos são projetos pelos quais se luta, diz ele, e sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Segundo o mestre, a transformação do mundo a que o sonho aspira é um ato político e seria ingenuidade não reconhecer que os sonhos têm seus contrassonhos: marcas de um passado que, incapaz de perdurar por muito mais tempo, insiste em prolongar sua presença em prejuízo da mudança.

No mesmo texto, Freire afirma que a luta ideológica, política, pedagógica e ética de quem se posiciona numa opção progressista exige coerência: testemunhar o respeito à dignidade do outro ou da outra ao seu direito de ser em relação com o seu direito de ter. Por maior que seja a força condicionante da economia sobre o nosso comportamento individual e social, não podemos assumir uma atitude passiva de adequação, acomodação ou de pura adaptação à realidade que precisa ser transformada. A desproblematização do futuro, numa compreensão mecanicista da história, de direita ou de esquerda, de acordo com Freire, leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança. “O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo.”

O projeto *Cartas* convida a todos e a todas a seguirem a marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível.

Campina Grande (PB), agosto de 2021

Coordenação e Editores e Editoras do projeto *Cartas*

1 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Unesp: São Paulo, 2000.

Depoimentos



Nita Freire: "O que vamos fazer juntos?"

Cartas a Paulo Freire: *Escritas Por Quem Ousar Esperançar* (volume 3) tem a honra de compartilhar com todas e todos um dos depoimentos-tes-temunhos mais belos sobre o amor do Patrono da Educação Brasileira pelo mundo, pelo outro, pelas mulheres: “Porque eu digo que não é justo que as mulheres, no Brasil e no mundo, sejam tão pouco amadas. Eu que fui muito amada, extremamente amada, sei da importância, da alegria que é conhecer esse amor pleno”, faz questão de nos ensinar Nita Freire¹, companheira de Paulo, intensamente presente na última década de sua vida, com quem compartilhou tantas experiências e lutas.

Convidada especial para a *live* de lançamento do segundo volume da trilogia de *Cartas a Paulo Freire*, Nita fala da saudade física de seu/nosso companheiro como jamais podendo deixar de constituir uma presença viva entre todos nós. “Morte a Paulo Freire?”, responde ela: “quase que como um milagre, se criou, hoje, mais 200, 300 festejos dos 100 anos de Paulo, no Brasil e em outros países, como que um emblema, um escudo transparente. Um escudo que reflete a bondade, que reflete humanismo, que reflete a generosidade e amorosidade e que cresce cada dia mais.” Milagre que traz a boa nova do bem e da vida não apenas para jovens influenciadores, mas, quiçá, toda

1 **Ana Maria Freire**, mais conhecida como **Nita Freire**, educadora, escritora, possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Moema (1975); mestrado em Educação: História, Política, Sociedade, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1980); e doutorado em Educação (Currículo), pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994). Atualmente se dedica a organizar, publicar e divulgar a obra de Paulo Freire, como sucessora legal do educador.

uma geração de velhos formadores da nossa Pátria Brasil: “Porque quem lê um pouco de Paulo e entende, não fica mais o mesmo.”

Eu vou então tomar a palavra!

Boa noite a todas e a todos que me ouvem e que nos ouvem daqui. A gente não sabe nem onde é esse “aqui”, pois tem gente de todos os lugares, distribuídos por aí, em vários rincões do Brasil. Mas estamos todos voltados para a genialidade, para a grandiosidade de Paulo Freire.

Vânia², eu também sou nordestina. Você sabe, eu também nasci no Recife e tenho um orgulho enorme de ser nordestina e um orgulho, talvez maior, de ter sido a mulher de Paulo por 10 anos. Por eu o ter conhecido desde que eu tinha 5 anos de idade, quando ele estudou no colégio do meu pai que lhe concedeu bolsa de estudos. E depois, por toda a vida, pelo sentimento de gratidão que ele devotou a meus pais que lhe deram bolsa de estudos. Ele frequentava a nossa casa, a minha casa primeira, todo sábado e todo domingo. Depois ele se casou e ia lá com Elza e, assim, foi se construindo uma amizade muito grande.

Eu o vi no exílio uma vez, em Genebra. Eu telefonei, era noite, e ele disse: “Amanhã encontro vocês”. Era um dia que ele estava dialogando lá no Conselho Mundial das Igrejas, com o padre dominicano que depois largou a Igreja, que foi expulso, excomungado.

Mas aí ele disse: “Nita, amanhã eu não posso, mas na hora do almoço poderíamos almoçar juntos”. E assim foi. Como Paulo só tinha uma coisa que eu disse, vamos dizer, chata, era escolher comida. Comida, para ele, era um problema porque ele detestava a comida da Suíça e, em geral, a de todos os países para os quais ele viajou. Ele só gostava de comer em Portugal, na Espanha, na Itália e na Grécia. Tirando esses países, ele não comia. Ele esteve uma semana em Londres e um professor de lá disse: “Professor Paulo Freire, nós estamos muito preocupados. O senhor não come! O senhor está aqui há uma semana e só come pão e bebe leite”. E Paulo disse: “É que é um costume que eu tenho. Eu só me alimento de pão e leite mesmo”. Paulo dizia

2 Referência à Vice-reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Ivonildes da Silva Fonseca (Vânia), uma das editoras da trilogia *Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperar*, que na Live de lançamento do Volume 2 fez a apresentação da educadora Nita Freire.

que até o cheiro da comida inglesa fazia enjoar. Era a única coisa complicada de Paulo. Fora isso, tudo para ele era vivido com muito bom humor, com muita alegria.

Eu quero dizer que eu acho que foi uma dádiva de Deus eu ter me casado com Paulo. Eu acho que eu fiz muito bem à vida dele e ele fez muito bem à minha vida. Acho que aprendemos um com o outro, intensamente e vivemos juntos todas as coisas que um casal que se ama faz, e se revigora, com essas práticas. Então, para mim, foi uma perda tremenda. Uma perda da qual foi muito difícil eu me recuperar. Quando Paulo morreu, eu disse para a médica: “O que eu vou fazer agora no mundo? Eu não tenho mais nada para fazer”. Porque eu vivia o dia inteiro com Paulo. Quando ele ia dar aula na PUC, eu ia junto. Era um grupo pequeno, de pós-graduação, com três professores e eu ia também para essas aulas. Muitas vezes, eu fui. Viajei com Paulo todas as vezes que ele viajou. Quase todas. Uma vez, para Recife, eu não fui, e outra vez para Porto Alegre, que eu também não fui. E para a Europa, duas vezes, eu não fui.

Então era o tempo todo. Era full time. Era o tempo todo nós dois juntos, gozando a beleza de uma vida amorosa. Agostinho falou na questão da amorosidade. Entre as virtudes de Paulo, aquela com a qual ele já nasceu – ele dizia que não nascemos com virtudes, nós nascemos com tendências e depois vamos construindo nossas virtudes – a maior delas foi a sua capacidade de amar. Paulo amava e tinha tolerância total com pessoas que eram diferentes dele. Diferentes, não antagônicos. Paulo jamais amaria esse capitão que anda por aqui, de motocicleta, de cavalo, de barco. Seria incapaz de um diálogo com ele. Mas Paulo dizia que a gente tem que ter tolerância com o diferente. Essa era outra grande qualidade de Paulo.

Paulo teve uma qualidade que eu acho uma coisa realmente impressionante, de não se queixar, de não se lamuriar. Paulo um dia me disse: “Nita, eu não tenho a menor vontade de me lamuriar. Eu me nego a ter pena de mim mesmo. A vida é assim, cheia de dissabores. Se a gente tem desesperança da vida, a gente trata de juntar as forças, de se esperarçar outra vez e continuar a vida, não com raiva do outro. Mas, dentro das nossas próprias vontades e nossas próprias qualidades, irmos caminhando para a construção de um mundo cada vez melhor”. Então esse amor de Paulo é uma

das coisas que mais o marcaram como um homem que, partindo de uma vida muito pobre, conseguiu estudos, que foi no colégio do meu pai, através de sua mãe, que saiu pedindo pelas ruas do Recife e chegou ao nível que ele chegou.

Paulo tinha uma sabedoria, uma capacidade de tirar o que era óbvio e que ninguém pergunta e ninguém sabe, e Paulo, através do óbvio, elaborou sua teoria. Através de sua intuição. Paulo dizia: “Não podemos abandonar a intuição. A intuição é aquela que nos provoca, é aquela que mobiliza nosso corpo. Nosso corpo fica eriçado, os pelos eriçados, o peito com taquicardia. O meu corpo conheceu antes de mim, antes de minha razão”. A gente diz que conhece com a cabeça, com a razão. Paulo dizia: “A gente conhece com o corpo inteiro. Quando o meu corpo entra nessa comoção, ele está me dizendo: ‘Paulo, insira a sua reflexão nesta coisa que o está inquietando, nesta coisa que às vezes está ali, às vezes aborrecendo, ou alegrando. Vá à busca, porque a busca é importante’”. Paulo esteve a vida toda em movimento de busca. Ele dizia: “A busca é bonita por si só. Quando buscamos as coisas que queremos e que devemos buscar, ela nos traz resultados alvissareiros. A busca geralmente nos traz certezas de coisas, certezas das quais não devemos ter tanta certeza. As certezas eu tenho, mas eu devo sempre duvidar das minhas certezas”.

Então, neste processo histórico de ir trocando, de ir mobilizando, como ele dizia “me movendo” - Paulo gostava muito disso, do verbo mover: “Eu me movo no mundo, para tornar o mundo mais bonito, e não o mundo mais feio”. O mundo feio é o mundo que nós estamos conhecendo agora, aqui no Brasil. Jamais pensamos que entraríamos numa fase tão difícil... Paulo sempre dizia: “Nita, a elite brasileira é a mais malvada que eu já conheci pelo mundo todo. Não podemos estar certos que outra ditadura, igual ou pior, não venha, daqui a algum tempo”. Aí nós guardávamos sempre algum dinheiro em casa para a possibilidade de termos que fugir do Brasil. Porque se Paulo não tivesse saído do Brasil - e os militares diziam: “Fugiu, medroso! Malandro! Cabotino! Fugiu do Brasil para não prestar contas à Nação brasileira!”. Se Paulo tivesse ficado para dar conta, nós não estaríamos o festejando da maneira que nós estamos, porque o regime militar o teria matado.

Então, é essa capacidade de se mover, de entender, de não se lastimar do

que perdeu, mas procurar, novamente, forças e energia sempre em comunidade, sempre com outros companheiros e companheiras. Sempre tolerante, sempre cheio de otimismo. E sempre procurando. E se procura e não encontra, é outro movimento que vem, de uma nova procura, até chegarmos ao que queremos encontrar.

Paulo foi um homem de extremo bom humor. Eu fiquei casada com Paulo 10 anos e só vi Paulo zangar-se, ficar bravo mesmo, duas vezes. Uma vez com os padres do colégio jesuíta dos EEUU que contrataram Paulo para ir dar um curso lá, de 15 dias. Eles estavam fazendo formação dos leigos que atuavam nas paróquias. Era como se fosse a CNBB fazendo um curso assim. Então Paulo trabalha que nem louco, durante 15 dias, e ele falou: “Olha eu não vou ficar 15 dias aí sem levar Nita. Eu não viajo sem ela. Então eu preciso das duas passagens. Eu também não viajo de classe econômica, porque eu não sou turista”. Eu que disse: “Paulo, você não pode viajar nesses bancos apertados. Às vezes, vem um gordinho junto que toma o seu espaço e você se encolhe, para não ser indelicado com o outro e chega exausto ao seu ponto final. Você tem que viajar ou de primeira classe ou de classe executiva”. Eles tinham dito que iriam dar classe executiva, e deram. Só que, depois, cobraram a minha passagem. E o que eles pagaram a Paulo pelos 15 dias era tão pouco, vergonhosamente tão pouco. E Paulo disse: “Eu vou, mesmo que me paguem pouco, eu difundo a minha obra, eu ajudo a Igreja a ser uma igreja-testemunho e não uma igreja modernizada. Eu quero uma igreja que tenha a capacidade de mudar a mente das pessoas, despojar-se da noção de pecado por tudo. Despojar-se dos proibidos, dos inibidos. Não me importo de ganhar pouco”.

Só que, quando chega lá, vem um irmãozinho lá, da igreja deles, que acompanhava a gente, tomava as providências e disse: “Olha, Paulo, eu estou aqui com um envelope que o chefe [era como se fosse o presidente da CNBB] deixou para você”. Ele ficou assim, tão embaraçado, e disse: “Paulo, queria te dizer que a passagem de Nita foi descontada”. Paulo disse: “O que?”. Quando abriu o envelope, tinha algumas poucas cédulas de \$50, umas moedas e Paulo se zangou e jogou no chão: “Você diga a ele que eu não preciso de ninharia, não! Diga a ele que o dinheiro recolhido pela igreja não é só dele, não! Diga a ele que eu não me contento com humilhações. Eu vim, fiz o trabalho, que eu

espero que seja levado até os fiéis...”, que nunca levaram, imagina. Eles não queriam a igreja-testemunho. Eles queriam a igreja que coopta os fiéis para aquilo que eles querem. *Aí, no final, o pobre do rapaz ficou muito embaraçado dizendo: “Paulo, me desculpe, não fui eu o culpado”. Era Fernando o nome do rapaz. “Não, rapaz. Eu sei que não foi você”. Ele abaixou-se, pegou o dinheiro no chão, botou no bolso e disse: “Às três horas, eu venho buscar vocês para levar ao aeroporto”. Quando ele chegou, disse: “Paulo, ele mandou eu fazer um cheque, não descontando o dinheiro da passagem. Aqui está o cheque”. Paulo disse: “Muito bem. Se foi isso que eu acertei com ele, é isso que eu vou receber. Não menos, e não mais”. De outra feita, Paulo ficou assim um pouco zangado. Mas Paulo tinha um bom humor enorme.*

*A gente tinha uma secretária, Lílian, e ela teve um filho. Na primeira vez que levou o filho lá em casa, ele era um garoto enorme, muito alvo, com a cara rosada, e estava vestido de marinheiro. Era a coisa mais linda do mundo, parecia um boneco, um menino lindo. *Aí, todo dia, quando Lílian chegava, Paulo dizia: “Lílian como é que vai o marinheiro?”. E ela dizia: “Está bem, professor”. *Aí, um dia, eu lhe disse: “Paulo, parece que Lílian não gosta desta coisa de marinheiro. Tenha cuidado, não fique chamando o menino de marinheiro”. *Aí, no dia seguinte, quando Lílian chegou, ele perguntou: “Lílian, como é que vai o almirante?”. Ele promoveu o menino de marinheiro para almirante.****

*Havia uma mulher extraordinária, que ainda de vez em quando telefona para mim, com muitas saudades minhas, ela trabalhou mais de 50 anos para mim, como faxineira. Quando eu estava casada com Paulo, ela continuou indo lá, fazendo faxina. Ela se chamava Dalvina, uma paraibana medonha, forte, brava. Sabe? Uma mulher de atitude incrível. *Aí ela chegou e Paulo disse: “Oi, Dalvina. Eu estou lendo esse jornal da França, o Le Monde, e está dizendo que sua neta já está falando”. *Aí ela ficou assustada, né? “O jornal da França está dizendo que minha neta começou a falar?”. “Sim, o jornal da França está dizendo!”. *Aí eu disse: “Não está, Dalvina! Isso é malandragem de Paulo”. A menina tinha começado a falar naqueles dias, né? Então Paulo fez esse chiste com ela.****

Era assim. Ele fazia brincadeiras com todo mundo, até com alunos. Com a gente de casa, ele sempre fazia essas coisas. O Genildo era um paraibano

também, que foi empregado da casa. Ele morava na nossa casa porque tínhamos dois cachorros. Paulo e Elza moraram lá, nessa casa na rua Valença. E pensaram: “Vamos precisar de um empregado homem para cuidar deles”. E apareceu lá, foi indicado, um sujeito que parece um holandês. Ele é da região da Paraíba onde houve uma colonização holandesa muito grande. Então chegou Genildo lá, parecendo um holandês. Aí Paulo disse: “Olha, Genildo, eu quero ganhar um dinheiro para um dia eu chegar com você na Suécia, não vai ser na Holanda, não. Aí você vai andar com essa minha pasta de executivo fazendo pose de doutor. Aí as meninas vão ficar loucas por você, Genildo. Vai ficar todo mundo andando atrás de você”. Genildo ficava radiante e acreditava que podia passar por um professor na Suécia, com aquela língua tão complicada. Ele era assim, muito humilde, muito ingênuo e muito boa pessoa.

Todo fim de semana ele dizia: “Nita, o que tu queres que façamos juntos, hoje?”. Ele sempre me perguntava: “O que vamos fazer juntos?” Ele forrava a cama e sempre eu estava fazendo uma coisa ou outra, e ele dizia: “Vem ver como está bem forrada a nossa cama”. Eu ia lá e dizia que estava ótima, mas estava um horror. Ele não tinha noção de puxar o lençol, de estirar o lençol. Mas eu nunca disse isso a ele, nunca o desanimei, dizia que ele era um bom forrador de cama, também.

Era assim. Ele assobiava quando estava muito triste, e assobiava quando estava tendo suas ideias brilhantes, que depois ele passava para os escritos. Ele se sentava na sala, ou num banco do jardim, e ficava assobiando. Um dia eu cheguei e disse: “Nossa, Paulo! Como você assobia bem. Nunca vi ninguém assobiar como você!”. E é verdade. Aí ele disse: “Diga outra vez! Diga outra vez! Gostei demais do elogio!”. Então ele era assim, era como um menino. No dia em que ele levou os escritos de Cartas a Cristina – ele pegava os papéis como um menino – e entrou na minha salinha de trabalho e disse: “Este é o livro que eu acabei de escrever e eu quero que você escreva as notas. Isso vai me dar alegria. Você escolhe onde vai escrever as notas e que palavras precisam ser esclarecidas para os leitores. Fica a seu critério”. Eu disse: “Está bem”. Aí, sempre que eu escrevia, eu lia para ele. Quase sempre ele achou as notas muito boas. E eu realmente fui feliz, porque eu escrevi aquelas notas sobre o Inédito Viável, que era uma categoria do que Paulo

tinha trabalhado na Pedagogia do Oprimido e tinha deixado de lado. Eu disse: “Paulo, esta é uma categoria muito rica, você precisa explorar mais”. Então eu escrevi e, depois, dois filósofos, professores amigos de Paulo, de Genebra, que mandaram traduzir o livro para eles lerem, disseram: “Paulo, sua mulher é intelectual, também, pois a nota está belíssima”. Então foi uma coisa muito importante para mim. Foi o que começou a me dar segurança para começar a colaborar com Paulo. Eu dizia: “Paulo, os seus elogios, essa coisa de dizer que está muito bom, eu acredito pela metade. A outra metade pode ser só paixão. Então eu fico sempre receosa se a coisa está boa, ou não”.

E assim nós vivemos 10 anos. A morte de Paulo foi para mim, talvez, a pior coisa que aconteceu na minha vida. Porque, conviver com um homem como Paulo, ser amada da forma como eu fui amada por ele ... não é fácil perder essa pessoa. E digo a vocês, eu nunca dizia isso, mas um dia, eu disse numa live com professores dos Estados Unidos, que Paulo passou o dia bem, depois teve um princípio de enfarte, aí a médica veio e fomos para o hospital Einstein, no Morumbi, todos vieram e o socorreram. Ele não chegou a ter o enfarte, mas teve o princípio da dor do enfarte. Depois a médica disse: “Nós vamos fazer outro cateterismo”. E, quando fizeram, ela disse: “As nossas veias, o nosso corpo, é muito mais amigo da gente do que a gente, às vezes, racionalmente é. Do que outros, que a gente chama de amigos. Porque quando elas se rompem, outras se unem para que a circulação continue a se dar”. E Paulo se recuperou totalmente. “Olha, pode programar sua viagem à Lua”. Porque nós viajavamos muito. “Pode ir, não vai ter problema”. Então ela quis arranjar um quarto de semi-intensivo. Um hospital enorme, dois pavimentos só de doenças do coração, mas estava tudo lotado. Aí ela disse: “Eu não quero que ele fique no quarto. Eu vou deixá-lo na UTI”. Aí ela me disse: “Volta para casa, não vai ter perigo nenhum”. Aí, às cinco e pouco da manhã, eu tinha me deitado, botei um cobertor, estava muito frio, não tirei nem as botas, nada. Fiquei totalmente vestida para, se fosse preciso, sair correndo. Então, umas cinco e pouco, Paulo entrou no quarto, aquela figura enorme que tomou o quarto todo, veio e me abraçou. Eu me sentei, eu disse: “Paulo morreu”. Mas aí eu pensei: “Ele estava tão bem, que poderia ficar no semi-intensivo, e ele está no intensivo”. E a sala de terapia intensiva do Einstein é uma coisa que parece essas salas de cinema, de filmes

que têm dez mil comandos para se intervir no mundo inteiro. É uma coisa incrível de equipamento que tem ali.

E aí, às seis e meia, a médica telefonou e ela falava, falava e eu não entendia. “Doutora Maristela, o que a senhora está me dizendo? É que Paulo morreu?”. Ela disse: “É, Paulo morreu”. Aí eu disse: “O que é que eu vou fazer no mundo? Eu não tenho mais nada para fazer no mundo. A minha vida está sendo amar e colaborar com esse homem. Eu não sinto mais vontade de viver”. Eu fui tomada por um sentimento de perda que eu jamais pensei que existia. Foi uma perda tremenda para mim. E ainda mais que eles garantiram: “Passou tudo. Vai para casa e amanhã de manhã você volta e aí, se tiver desocupado um semi-intensivo, você fica com um quarto semi-intensivo”. E, assim, Paulo partiu. Partiu fisicamente, mas continua em mim. Continua comigo todo os dias de minha vida. Todos os dias, todos os momentos. E tenho me dedicado, esses 24 anos, que ele se foi, a cuidar das coisas dele. Dos livros dele, dos textos dele, das publicações. Atendo as lives, quando me convidam. E assim o meu maior desejo é que Paulo permaneça como uma presença viva entre nós. E Paulo está sendo uma presença viva.

E eu digo a vocês que, nos últimos dois anos, os livros de Paulo estão sendo muito mais vendidos. Desde que começaram aquelas marchas da Direita, as marchas desta gente que ama o mau e que ama a morte. Estes comitês de morte começaram a andar na rua e dizer: “Fora, Paulo Freire!”, “Basta de Paulo Freire!”, “Para Paulo Freire, nada!”, “Morte a Paulo Freire!”, e assim, quase que como um milagre, isso estimulou, inclusive a juventude, que não lia Paulo, a lê-lo. E se criou, hoje, mais 200, 300 festejos dos 100 anos de Paulo, no Brasil e em outros países, como que um emblema, um escudo transparente. Um escudo que reflete a bondade, que reflete humanismo, que reflete a generosidade e amorosidade e que cresce cada dia mais. Quer dizer, as pessoas do mau não conseguem, e não conseguirão... O Presidente disse que iria tirar Paulo como patrono da Educação brasileira e nós fizemos um movimento em Brasília, Erundina, eu e outros políticos e amigos. Fizemos uma audiência no Senado e conseguimos que esse título não fosse tirado de Paulo. Ele tentou outras vezes. Ele chamou Paulo de energúmeno. Ele desejou todo o mau do mundo a Paulo. Eu disse numa entrevista que ele não matou Paulo porque Paulo já estava morto. Agora a gente pergunta:

ele leu alguma coisa de Paulo? Certamente, nem uma frase. Porque quem lê um pouco de Paulo e entende – vai ver ele não leu e não entendeu – não fica mais o mesmo.

Esse menino, acho que é Felipe Neto, um jovem que tem uma ONG, à qual os jovens todos se filiam... Ontem Lula disse: “Eu queria saber como é que esse cara tem 40 milhões de seguidores. Como é possível?”. O jovem disse: “Eu tinha horror a Lula, e falava mal dele, falava mal da Esquerda. Eu não conhecia. No dia que eu fui ler e entendi, eu disse: ‘Pelo amor de Deus, eu sou um doido. Como é que eu venho falando mal desta pessoa?’”. Isso é que é ser vida. Aqui é que está a vida. E ele atualmente está endossando, está ajudando a difundir as ideias de Esquerda. Vai fazer uma entrevista com Lula que marcará época novamente. Marcará a diferença entre o antes e o depois.

Acho que eu já disse muitas coisas. O livro é composto de cartas, não é isso? Paulo gostava muito deste título, cartas. Ele escreveu Cartas a Guiné Bissau, depois Cartas a Cristina e Pedagogia da Indignação ele tinha chamado de Cartas Pedagógicas. Como ele morreu com o livro incompleto, eu coloquei Pedagogia da Indignação, porque o último escrito dele é sobre a morte do índio Pataxó, pelos filhos de grandes desembargadores e promotores públicos de Brasília. E Paulo dizia: “Eu gosto das cartas porque elas são mais comunicantes. Elas têm um caráter mais intimista. Eu escrevo para o outro que pode existir ou não. Mas quando alguém lê, sente como se aquela carta tivesse sido escrita para ele mesmo. Então chega e toca o outro. Então a grandeza das cartas dentro de uma política que quer politizar as pessoas”. E precisa politizar, porque o pensamento de Paulo é eminentemente político. É por isso que se diz: “O Brasil está deste jeito por causa de Paulo Freire”. Não é. Nunca se quis implantar uma política oficial das ideias de Paulo, da teoria de conhecimento dele. Por que? Porque são ideias políticas. São ideias que não ficam no blá blá blá. São ideias que querem desvelar a substantividade das coisas, sem a qual ficamos só nas periferias das coisas e não entendemos o amago da questão.

É isso. Muito obrigada. Desculpem se falei muito. Mas estou aqui, estou com vocês, e parablenzo a todos, a todas, e, de maneira mais particular, a Cidoval que fez contato comigo e está, me parece, chefiando este grupo. E

vocês tiveram um resultado tão bonito, tão bom que já estão partindo para um segundo volume. Isso é incrível! Nunca tinha visto dois volumes assim, no mesmo ano, de um mesmo tema.

E é engraçado. As cartas que eu li, geralmente eram cartas de paixão por Paulo. Cartas de amor para Paulo. Pessoas que dizem: “Depois que te conheci, comecei a te amar mais”, “agora eu sei o que é amor”. Muitas assim, muitas! Isso é bom!

Porque eu digo que não é justo que as mulheres, no Brasil e no mundo, sejam tão pouco amadas. Eu que fui muito amada, extremamente amada, sei da importância, da alegria que é conhecer esse amor pleno. Eu sempre digo para os homens: “Amem mais suas mulheres. Sempre falem que as amam, que precisam delas, que gostam de ficar com elas, que as amam em qualquer situação da vida”. Isso é importante.

E essas cartas estão dando chance às meninas a praticarem um amor que não é com Paulo, propriamente, né? Mas Paulo tem mobilizado essa figura de um homem que pode ser amado, com muita paixão, pelas mulheres.

Muito obrigada!

Sobre dois escritos chilenos de Paulo Freire

Carlos Rodrigues Brandão¹

Os primeiros tempos dos 16 anos de exílio de Paulo Freire foram solitários e tristes. Junto com amigos ele viveu no Chile. E nos primeiros tempos, ele deixou ainda no Recife Elza, a esposa, e filhas e filhos. Talvez imaginasse que logo estaria de volta ao Brasil. Seu exílio durou 16 anos.

Quando ele encaminhou em um embrulho o manuscrito de *Pedagogia do Oprimido*, ele escreveu uma carta na “primavera de 1968”. Uma carta muito breve. Comparada com as cartas que em geral Paulo escrevia. Está na página 32 de *Pedagogia do Oprimido (o manuscrito)*, publicado em 2018 pelo Instituto Paulo Freire, a UNINOVE e outras instituições.²

Escrita à mão, ela é assim:

1 Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1980); Livre Docente em Antropologia do simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou pós-doutorado na Universidade de Perugia e na Universidade de Santiago de Compostela. É “fellow” do St. Edmund’s College da Universidade de Cambridge. Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás. Possui experiência na área de antropologia, com ênfase em antropologia camponesa, antropologia da religião, cultura popular, etnia e educação, com foco na educação popular.

2 Versão com os originais da obra **Pedagogia do Oprimido** (*O manuscrito*): <https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Pedagogia-do-Oprimido-Manuscrito.pdf>

Queridos amigos
Jacques Chonchol e Maria Edy

Faz este mês, exatamente, quatro anos que cheguei a Chile Deixava Elza, deixava os filhos nossos, deixava uma velinha atônica ante o que lhe parecia compreender (a mãe dele). Deixava o Recife, seus rios, suas pontes, suas ruas de nomes gostosos – “Saudade” – “União” - “7 pecados”; Rua das “Creoulas”; do “Chora Menino”, rua da Amizade, do Sol, da Aurora. Deixava o mar de água morna, as praias largas, os coqueiros. Deixava os pregões: “Doce de bana e de goiba!”. Deixava o cheiro da terra e das gentes do Trópico. Deixava os amigos, as vozes conhecidas. Deixava o Brasil. Trazia o Brasil. Chegava sofrendo a ruptura entre o meu projeto e o projeto do meu País.

Encontrei vocês. Acreditei em vocês. Comprometi-me com o seu compromisso no INDAP que você partejava.

Queria que vocês recebessem estes manuscritos de um livro que pode não prestar, mas que encarna a profunda crença que tenho nos homens, com uma simples homenagem a quem muito admiro e estimo.

*Paulo,
Santiago,
Primavera de 68.*

Uma carta breve e um longo poema

Ora, além do valor de uma pequena carta que encaminha um dos livros mais essenciais não apenas da pedagogia, mas da questão do humano e o seu destino, através também da educação³, existe um outro motivo para que nós a aproximemos de um outro escrito de Paulo Freire.

A equipe da *Cátedra Paulo Freire*, da *Universidade Federal do Recife* elaborou um precioso *Calendário 2021*, com este título “*100 anos de Paulo Freire*”.

3 “Doce de bana e goiba”. Ou assim eram pronunciados os nomes dos doces nos pregões do Recife, ou na pressa da carta Paulo Freire esqueceu de completar as duas palavras. Elas estão escritas assim no manuscrito da carta a Jacques Chonchol e Maria Edy. Observemos que na poesia está escrito “banana” e “goiaba”.

De janeiro a dezembro, cada mês do calendário traz a capa de um dos livros de Paulo, a começar por *Educação como prática da liberdade*. E no lado de dentro da capa do calendário há o longo poema que está transcrito abaixo.

Será interessante, como uma “memória de Paulo”, reunir aqui a carta e o poema.

Em uma carta com menos de 20 linhas completas, Paulo Freire dedicou 10 linhas e mais um pedaço de uma outra, para falar do seu Recife, de suas ruas, dos seus pregões e do mar. E ele utilizou apenas quatro linhas e um pedaço de uma quinta para encaminhar o manuscrito de seu livro.

Quem leia momentos do poema e momentos da carta, observará evidentes convergências. Em ambos estão presentes palavras de ternura e de saudade do Recife. Em ambos aparecem as mesmas ruas da cidade, e até mesmo o mesmo pregão.

Teria a carta da “primavera de 68” inspirado, em parte, o poema de fevereiro de 1969?

Recife sempre

(Poema de Paulo Freire

*escrito no exílio, em fevereiro de 1969)*⁴

Cidade bonita

Cidade discreta

Difícil cidade

Cidade mulher

Nunca te dá de uma vez

Só aos pouquinhos te entregas

Hoje um olhar

Amanhã um sorriso

Cidade manhosa

Cidade mulher.

Podias chamar-te

4 Este longo poema de Paulo Freire está no lado da frente da última página do calendário: **PAULO FREIRE – 100 ANOS**, elaborado pela Equipe de Pesquisadores/as da Cátedra Paulo Freire, da Universidade Federal de Pernambuco

Maria
Maria da Graça
Maria da Penha
Maria Betânia
Maria Dolores.
Seria sempre Recife
Com suas ruas de nomes tão doces:
Rua da União
Que Manuel Bandeira tinha
“medo que se chamasse Dr.
Fulano de tal.
E que hoje temo que se chame
Coronel fulano de tal.
Rua das Creolas
Rua da Aurora
Rua da Amizade
Rua dos Sete Pecados
Podias chamar-te Maria
Maria da Esperança
Maria do Socorro
Maria da Conceição
Maria da Saudade
...
Pra nós, meninos da mesma rua
aquele homem quase correndo
gritando, gritando:
Doce de banana e goiaba,
Aquele homem era um brinquedo também.
Recife onde tive fome,
onde tive dor
sem saber por quê,
onde hoje ainda
milhares de Paulos
sem saber por quê

*têm a mesma fome
tem a mesma dor,
raiva de ti não posso ter.*

...

*No ventre ainda, ajudando a mãe
a pedir esmolas
e receber migalhas.*

Pior ainda:

*A receber descaso dos olhares frios
Recife, raiva de ti não posso
ter.*

Recife, cidade minha,

Já homem feito

Teus cárceres experimentei.

Neles fui objeto

Fui coisa

Fui estranheza.

*Quarta-feira, 4 horas da
tarde*

O portão de ferro se abria.

Hoje é dia de visita.

Sem fila.

...

*O relógio da minha casa
também dizia*

um dois três quatro

quatro três dois um

*mas sua cantiga era
diferente.*

Assim cantando

O tempo dos homens

Apenas marcava.

Recife, cidade minha

Em ti vivi infância triste

*Adolescência amarga em ti
Vivi.
Não me entendem
Se não te entenderem
minha gulodice de amor
minhas esperanças de lutar
minha confiança nos homens
tudo isso se forjou em ti
Na infância triste
Na adolescência amarga
o que penso
o que digo
o que escrevo
o que faço
Tudo está marcado por ti.
Sou ainda o menino
Que teve fome
Que teve dor
Sem saber por quê
só uma diferença existe
entre o menino de ontem
e o menino de hoje,
que ainda sou.
Sei agora por que tive fome
Sei agora por que tive dor.
Recife, cidade minha,
Se alguém me ama
que a ti te ame
Se alguém me quer
Que a ti te queira.
Se alguém me busca
que em ti me encontre
nas tuas noites
nos teus dias*

*nas tuas ruas
nos teus rios
no teu mar
no teu sol
na tua gente
no teu calor
nos teus morros
nos teus córregos
na tua inquietação
no teu silêncio
na amorosidade de quem
lutou e de quem luta.
De quem se expõe
De quem morreu
e quem pode morrer
buscando apenas
cada vez mais
que menos meninos
tenham fome e
tenham dor
Sem saber por quê
Por isso disse:
Não me entendem.
o que penso,
o que te digo
o que escrevo
o que faço
Tudo está marcado por ti.
Recife, cidade minha.
Te quero muito, te quero
muito.*

*Santiago, fevereiro de 1969
Paulo Freire*

Cartas de Paulo Freire para Nathércia, Nathercinha

Carlos Rodrigues Brandão¹

Sempre em uma pessoa como Paulo Freire há uma outra pessoa, um “outro Paulo”. Algo a respeito da “Pessoa de Paulo” eu procurei lembrar e relatar na sequência de escritos que tem este mesmo título.

Paulo Freire, Rubem Alves, Leonardo Boff, Frei Betto, Betinho e outras pessoas que, como eu, “vem lá dos anos sessenta” somos gente que vem dos tempos da caneta e da máquina de escrever. E entre nós nos escrevíamos cartas que, quando breves e apressadas, deviam ter pelo menos uma página escrita à mão ou “datilografada em espaço 1”. Cartas com mais vagar de duas a quatro páginas.

Assim éramos “naqueles tempos”. Ao invés de escrevermos uma mensagem de duas linhas a trezentas pessoas, escrevíamos uma carta de três páginas a uma pessoa. Acho que éramos mais felizes.

Isso tudo em tempo em que pessoas como Paulo, Rubem e eu queríamos mesmo é: “ser professor”. E ninguém pensava em ser: “facilitador”, “comunicador”, influenciador”, etc. inclusive com pedantes termos em inglês.

Sempre gosto de lembrar a carta com que Paulo Freire encaminhou no Chile o manuscrito, escrito a mão, do *Pedagogia do Oprimido* a Jacques

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1980); Livre Docente em Antropologia do simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou pós-doutorado na Universidade de Perugia e na Universidade de Santiago de Compostela. É “fellow” do St. Edmund’s College da Universidade de Cambridge. Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás. Possui experiência na área de antropologia, com ênfase em antropologia camponesa, antropologia da religião, cultura popular, etnia e educação, com foco na educação popular.

Chonchol (um amigo com quem Paulo trabalhou quando no exílio no Chile) e a Maria Edy (brasileira e esposa de Jacques). E é estranho, porque ele o faz com uma breve carta. Breve demais para ser uma carta do Paulo Freire. Ele devia estar com muita pressa. Ou, quem sabe, o contrário? Afinal, muita gente conhece um final de carta do padre Antônio Vieira. Uma carta enorme, em que ele se despede assim: “Perdoa, amigo, esta carta ser tão longa. É que eu não tive tempo de fazê-la curta”.

Pois bem. A carta de Paulo tem 13 linhas, fora as de datas e de nomes. Das 13 linhas, 8 são para falar do pesar do exílio e de haver deixado o seu querido Recife. E são linhas de pura saudade, e de afetuosas descrições da cidade, inclusive com a lembrança de nomes pitorescos de diversas ruas. Duas linhas são para falar da alegria de haver “encontrado” Jacques e Maria Edy. E apenas quatro linhas são usadas para falar, afinal, do livro. Com palavras que merecem ser transcritas aqui:

Querida que vocês recebessem esses manuscritos de um livro que pode não prestar, mas que encarna a profunda crença que tenho nos homens, como uma simples homenagem a quem muito admiro e estimo. (Na página 32 do *Pedagogia do Oprimido*, o manuscrito, esta passagem, reescrita “a máquina” tem 3 linhas).

Sobretudo nos longos anos do exílio – entre a Bolívia, o Chile, os EUA e a Suíça – mas trabalhando direto com ex-colônias de Portugal na África - Paulo Freire escreveu muitas cartas pessoais, ao lado dos livros e de outros escritos de trabalho, alguns deles com cartas, como “Cartas a Guiné-Bissau”

O que muito pouca gente sabe ou lembra, é que durante os anos de exílio ele escreveu seis cartas a uma então menina moradora - como eu mesmo até 1965 – no Rio de Janeiro.

Nathércia Maria Neves Lacerda é o seu nome. E ela segue morando no Rio de Janeiro. Como ela mesma escreve em um precioso livro com este nome: *A Casa e o Mundo lá fora – cartas de Paulo Freire para Nathercinha* que Paulo Freire “nasceu sobrinho de meu avô”.

Em uma das Cartas à Cristina, Paulo Freire em um momento escreve esta lembrança:

Antes de Cristina, no meu primeiro momento de exílio, o do Chile, após dois meses na Bolívia, tive outra correspondente, Nathercinha, prima de Cristina. Compartilhei com ela o espanto e a alegria de criança, em que de novo me

tornava. Quando apenas vi, pela primeira vez, a neve em Santiago, nas proximidades da Cordilheira onde morávamos, mas também fui para a rua com meus filhos para “meninizar-me”, fazendo bolas de neve e expondo-me por inteiro à brancura que caía em flocos sobre a relva, sobre meu corpo tropical.²

Assim era Paulo Freire. E os que conviviam com o lado mais pessoal de sua vida mais sabiam, por exemplo, que sendo um homem inteiramente dedicado aos seus ideais e à sua luta por realizá-los através da educação, quando ao redor de uma mesa de bar ele gostava de conversar sobre tudo... menos educação.

E as suas cartas mais íntimas e mais pessoais seguiam a vocação da carta com que encaminha o *Pedagogia do Oprimido*. Imaginem vocês, uma carta encaminhando o que veio a ser um dos livros mais essenciais de nossos tempos, em que ele começa falando de saudades e lembrando os “velhos pregões do Recife”, gritados pelas ruas por vendedores de “quitandas”.

Paulo e Nathércia se escreveram seis cartas entre o Chile, os EUA e o Brasil. As de Paulo para ela foram preservadas. E será delas que eu quero transcrever algumas breves passagens. Assim, farei isto lembrando uma ou duas passagens de cada carta de Paulo a Nathercinha. Lástima que entre exílios e viagens, Nathércia nunca conseguiu saber se as cartas dela a Paulo terão sido preservadas.

Primeira carta

É uma coisa boa, Natercinha, que a gente nunca deixe de ser menino. Os homens atrapalham as coisas, complicam tudo. Não sei se você vai entender isso que vou lhe dizer: Mamãe e papai lhe explicam melhor. Cresça, mas nunca deixe morrer em você a Natercinha de hoje, que começa a descobrir o mundo, cheia de curiosidade.

Se os homens não deixassem morrer dentro deles o menino que foram, se compreenderiam melhor. (Página 51)

Segunda carta

Conversar com meus amigos, por carta ou pessoalmente, é tão importante para mim, como para você é importante brincar quando chega da escola. Por isso é que escrevo 30 cartas por mês e recebo muitas também.

² *Cartas à Cristina*, página 28. **Nota:** somente nesta carta ele escreve o nome certo: “Nathercinha”, com o devido “h”. Nas outras, dirigidas a ela, ele esquece o “h”. E parece que ela nunca reclamou.

Às vezes me sinto como se fosse um menino também. Tenho vontade de correr, de brincar, de cantar. De dizer a todo mundo que gosto de viver. Você nunca deixe morrer em você a Natercinha de hoje. A menina eu você é hoje deve acompanhar a mocinha que você vai ser amanhã e a mulher que será depois. (Páginas 54 e 55)

Terceira carta

A cidade está ficando cheia de flores, de todas as cores. O jardim de nossa casa azul está com a grama toda verdinha. As roseiras começam a abrir suas rosas. A gente olha pras roseiras e parecem gente rindo. Meninos rindo, com a pureza do riso das crianças. Se os homens grandes, as pessoas grandes soubessem ou quisessem rir como as roseiras, como as crianças, não lhe parece que o mundo seria uma coisa linda? Mas eu acredito que um dia, com esforço do próprio homem, o mundo, a vida vão deixar que as pessoas grandes possam rir como as crianças. Mais ainda- e isto é muito importante – vão deixar que todas as crianças possam rir. Porque hoje não são todas que podem rir. Rir não é só abrir ou entreabrir os lábios e mostrar os dentes. É expressar a alegria de viver; uma vontade enorme de fazer coisas, de transformar o mundo, e amar o mundo e os homens somente como se pode amar a Deus. (Páginas 57 e 58)

Quarta carta

Depois de muito tempo, recebi uma cartinha sua que me trouxe muita satisfação. Antes tinha escrito a Naná e perguntava por você e dizia que estava sentindo falta de suas cartinhas. Será que Naná recebeu?

O Chile está sofrendo este ano uma crise horrível pela falta de chuva. Em pleno mês de agosto, a Cordilheira dos Andes está como se fosse verão. Completamente desnuda, sem gelo. Até calor temos tido. A seca ameaça com a fome a grande parte da população. (Página 60)

Quinta carta

*Queridas primas e amigas
Natercinha e Edith Maria*

...

Continuo trabalhando muito e estudando também. Vocês vão ver que a gente nunca para de estudar. Há sempre muita coisa para a gente aprender; mas a vida não pode ser só estudo. A gente também precisa brincar. Até quando a gente já está grande, como mamãe e papai, como eu que já estou ficando de barba branca, a gente precisa brincar. Só que brinquedo de gente grande às vezes já não é igual ao dos meninos. E também tem gente grande que fica zangada quando os meninos querem brincar. Essa gente grande se esqueceu de quando era menino. Brincando a gente aprende muito, mas é preciso também estudar seriamente. O jeito que tem é equilibrar o brinquedo com o estudo. Espero eu vocês façam sempre assim.

...

Paulo

Santiago

8 – 1 – 69

Sexta carta

Outubro 12/ 69

Como você talvez já saiba, desde maio estamos morando em Cambridge. Vamos ficar aqui até o próximo fevereiro, quando então iremos para Genebra, por três anos.

...

E você? Como vão seus estudos? Espero que vovó Nathércia (de um grande beijo nela por nós) mamãe, papai, seus tios, seus irmãos e primos estejam todos bem. Diga-lhes que sempre nos lembramos deles.

Mando estas duas fotografias dos primeiros homens na lua.

Receba um abraço do seu amigo

Paulo

(Páginas 68 e 69).

Indico o livro para quem o queira conhecer na íntegra.³

Entre saudades e esperança,

Campinas (SP), março de 2021

³ LACERDA, Nathercia; PORTO, Cristina Laclette; GUSMÃO, Denise Sampaio. **A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha.** Ilustrações: Bruna Assis Brasil. Rio de Janeiro: Editora Zit, 2016.

Nunca deixar de ser menino

Nathercia Lacerda¹
(*Nathercinha*)

Querido primo Paulo,
Sim, sou eu Nathercinha. Há tempos não lhe escrevo, desde os idos do ano de 2016 quando foram publicadas em livro as cartas que você me escreveu quando eu era uma menina de nove anos.²

Estamos no ano de seu centenário. São inúmeras as homenagens, as conversas, os escritos, os encontros que lembram e abraçam seu nome. Sim, é também verdade que sua visão libertária de mundo, tendo a Educação como eixo fundante e como vetor de diálogo e de aprendizados compartilhados, está mais uma vez sendo perseguida e atacada. O Brasil que parecia avançar, mesmo que lentamente, para um período de maior justiça social, mergulhou em sombras profundas. Lutar e esperar tem sido o tom nesse momento de agudezas pontiagudas que ferem o povo já tão sofrido.

Minha ação e intenção nesse turbilhão de águas em remoinhos têm sido compartilhar suas cartas dirigidas a mim. E ao lê-las e ao falar sobre elas para

1 Nathércia Lacerda estudou psicologia e arte-educação. Tem se dedicado à infância, trabalhando com brinquedos, brincadeiras, literatura, artes plásticas e teatro. Atualmente, integra a equipe do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância/PUC-Rio. Em 2016, recebeu o Selo Cátedra 10 Distinção, pela autoria do livro **A Casa e o Mundo Lá Fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha**.

2 As cartas escritas por Paulo foram publicadas em 2016 no livro **A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha** pela Editora ZIT do Grupo Editorial ZIT. O livro, escrito por Nathercia Lacerda, conta com a participação das pesquisadoras Cristina Laclette Porto e Denise Sampaio Gusmão, de Madalena Freire, da Gerente Editorial Laura Van Boekel e da ilustradora e artista gráfica Bruna Assis Brasil.

diferentes públicos, conto sobre a casa da Urca onde conheci você e Elza, e onde vocês me conheceram. Casa de meu avô Lutgardes, seu tio, irmão de sua mãe Tudinha, e de minha avó Natércia, de quem herdei o nome. Casa de afetos e também de idéias. Casa de frutos e de flores em fartura. Casa de raízes a se espriaiarem na terra fértil, cuidada e plantada com esmero. Casa também de saudades, depois de sua partida com Elza e filhos para o exílio forçado em tempos de medos. Conto, também, sobre como em cada carta carinhosa você foi pouco a pouco me levando para olhar e pensar para além da casa. Olhar não só para o Chile, que me encantava com sua cordilheira nevada, mas para o mundo em sua vastidão e contradições. Destaco, então, alguns trechos que tanto me ensinaram, me encantaram e me despertaram perguntas-pensamentos.

(...) A cordilheira dos Andes está ficando linda. Toda, branquinha vestida de neve. Ontem de tarde eu fui com Elza, Madá e o marido dela “brincar” de fazer boneco de neve, num morro que fica perto de nossa casa. Depois de um dia muito frio e chuva, o morro ficou parecido com um papai Noel, só que em lugar de algodão era neve. E muito bonito tudo isso. Às vezes eu me sinto como se fôsse um menino também. Tenho vontade de correr. De brincar. De cantar. De dizer a todo mundo que gosto de viver. (...)

4 - 6 - 67

(...) E uma coisa boa, Natercinha, que a gente nunca deixe de ser menino. Os homens atrapalham as coisas, complicam tudo. Não sei se você vai entender isso que vou lhe dizer. Mamãe e papai lhe explicam melhor. Cresça, mas nunca deixe morrer em você a Natercinha de hoje, que começa a descobrir o mundo, cheia de curiosidade. (...)

Outono 67

(...) Hoje é sábado. Um dia lindo de primavera. Um céu azul. Tudo claro, com um sol mansinho, que quase deixa a gente olhar pra êle. A cidade está ficando cheia de flores, de tôdas as cores. O jardim de nossa casa azul está com a grama toda verdinha. As roseiras começam a abrir suas rosas. A gente olha pras roseiras e parecem gente rindo. Meninos rindo, com a pureza do riso das crianças. Se os homens grandes, as pessoas grandes pudessem ou quissem rir como as roseiras, como as crianças, não lhe parece

que o mundo seria uma coisa linda? Mas eu acredito que um dia, com o esforço do próprio homem, o mundo, a vida vão deixar que as pessoas grandes possam rir como as crianças. Mais ainda – e isto é muito importante – vão deixar que todas as crianças possam rir. Porque hoje não são tôdas as que podem rir. (...)

21 – 10 – 67

Termino essa nossa conversa epistolar como se estivéssemos à sombra da grande mangueira plantada pela minha avó e que até hoje frutifica em abundância. Estaríamos certamente saboreando mangas. E depois, de mãos dadas com o caldo da fruta ainda escorrendo entre nossos dedos, atravessaríamos o portão da frente da casa e caminharíamos em direção à rua para nela agirmos esperando.

Com ternura,

Rio de Janeiro (RJ), junho de 2021

A Escolinha do Povo

Nelci Veiga Mello¹

Caríssimo amigo!
Você se lembra daquela vez, talvez uma das primeiras quando, durante a nascente Ação Popular, envolvemos toda uma cidade num grande movimento social de transformação a partir de ações concretas pelo uso da palavra? Todos se entusiasmaram. Foi uma beleza! ... não havia divisão entre os grupos sociais e os olhos se voltaram, pela primeira vez naquela cidade, para os mais necessitados. Foi posta em prática não somente a alfabetização como agente de transformação – princípio tão caro a você, amigo! Mas muitas outras iniciativas essenciais para oferecer condições dignas de vida àqueles necessitados. E todos os poderes e autoridades da cidade se deram as mãos e as estenderam aos pobres.

Havia a alfabetização de adultos, ponto alto da iniciativa, em pelo menos três espaços, mas o xodó era a Escolinha do Povo, na Vila Operária. Havia também a Cruzada de Ação Social, os grupos de escoteiros e bandeirantes. Os jovens se reuniam na casa paroquial e no campo de bocha na praça central da cidade. Aos poucos vieram outros de outras cidades e todos queriam participar. Era uma beleza ver o entusiasmo de todos em torno de um objetivo comum – a ajuda ao próximo.

Nós éramos jovens sonhadores liderados por Dom Eliseu Simões Mendes. Só que Dom Eliseu não gostava de aparecer! Era o jeito dele! Tinha João Batista Filho, José Luiz Silva, padres então... Raquel Felau (que veio de Curitiba a convite de José Luiz para coordenar a ação pedagógica), Estel

¹ Mestra em Linguística Aplicada, professora aposentada, publicou o livro *Caminhadas Vermelhas*; no prelo outro – *Uma Escola, muitas Histórias*.

Ferreira de Mello, Imaculada Conceição Cavalcanti e outros. Este grupo enca-beçou o trabalho da Escolinha do Povo, todavia, como disse, a cidade inteira falava a mesma linguagem de igualdade, solidariedade, justiça social e, prin-cipalmente – a de transformação pelo conhecimento! Uma beleza ver aqueles jovens, aquelas pessoas adultas, até as crianças se envolviam no trabalho, nas nossas peças teatrais!

Agora que o tempo é passado, resta uma sensação dolorosa, mas ainda esperançosa de que é possível a transformação a partir de tais pressupostos. Até hoje ressoam nos meus ouvidos as aulas que preparamos a partir de seus ensinamentos – alfabetizar e transformar. Transformar ao trazer para a cons-ciência das pessoas os seus reais problemas de sobrevivência. E o começo da cartilha de alfabetização, a primeira palavra ensinada àquele povo sofrido – foi a palavra TIJOLO. Este resistiu ao tempo. Transformado, mas resistiu e está lá para contar a história.

Quando veio 31 de março de 1964, nossa voz, que soava desde fins de 1962, foi calada. A Escolinha do Povo apagada. João Batista jogado ao vento, José Luiz enviado para Europa. Algumas alfabetizadoras continuaram tra-balhando, apenas com alfabetização de crianças. E tudo tomou outros con-tornos. O que se chamara Escolinha do Povo, passou a ser denominada Escola Isolada Dr. Osvaldo Cruz. Está lá ainda, promovendo a Educação Básica, anos finais, o hoje denominado Colégio Estadual Dr. Osvaldo Cruz – o higienista.

Caro Paulo, é difícil contar a você tudo o que fizemos. Por isso vou transpor aqui uns recortes de notícias que Raquel Felau e outros escreveram no final daquele ano, inconformados com a paralisação das atividades. Provavelmente tenha sido uma última tentativa de continuar o projeto. Um último apelo. Uma edição especial do Jornal de Notícias, datado de 27/12/1964 que teve como Diretor – Edir Casteli; redatores Dr. José Kaul, professora Raquel Felau, Irajá Messias e Divanir Borges abriu a edição assim:

Favelados em desespero

DESEMPREGO, PROSTITUIÇÃO e MORTE – AGONIAS CONSTANTES

Reportagem de Edir Casteli – exclusivo para o Jornal de Notícias

O desemprego e a falta de casas populares ao alcance de seus salários são os principais motivos de fixação dos trabalhadores nas favelas de Campo Mourão. Foi o depoimento da maioria dos favelados em recente contato

com esse jornalista. O problema urbano só pode ser resolvido definitivamente com uma reforma urbana municipal.

Prossigue a reportagem a contar sobre as péssimas condições de vida dos moradores daquelas duas vilas paupérrimas – Operária e Urupês. Citou a condição em que as famílias eram constituídas, sem dinheiro para um casamento no civil. Por conta disso, nosso movimento promoveu o primeiro casamento coletivo que se teve notícias. Precisava ver – uma beleza ver aqueles casais com um brilho de alegria nos olhos... por um momento a esquecer o único cômodo que os abrigava a todos – quarto, sala e cozinha – imperava a promiscuidade entre adultos e crianças. Barracos sem banheiro. No lugar destes apenas fossas negras precariamente construídas, muitas vezes impossibilitadas de uso devido ao extravasamento. Conta ainda a reportagem a respeito de:

SEXO, ÁGUA E LIXO

Além dos problemas principais os favelados destacaram outros que mais os afligem:

1 – dadas características das favelas elas se tornam verdadeiros antros de devirtudes sexuais, prometeram ajuda caso fosse formado um forte policiamento;

2 – existe tanto na favela de Vila Operária como na da Vila Urupês, apenas um poço para cinco famílias, sendo evidentes os problemas gerados por esse fato;

3 – além de não ser coletado, o lixo domiciliar é lançado a céu aberto, o que torna o ambiente favorável à multiplicação de insetos e roedores, transformando o local em palco de disputa alimentar entre crianças e animais.

PROSTITUIÇÃO E MORTE

Em recente levantamento realizado pelas professoras da Escolinha do Povo ficou constatado o seguinte:

*os crentes são mais instruídos que os católicos e conhecem a Bíblia;
ondas de fuxicos criam um clima de intranquilidade nos favelados;
a maioria das crianças morrem antes de completar um ano;
os favelados são supersticiosos ao extremo;*

*há pais de família que ganham apenas Cr\$ 6.000,00 mensais;
o povo é subnutrido;
a maioria das moças se prostituem, encaminhadas (muitas vezes) pelos
próprios pais.*

Na mesma edição encontra-se um texto que acredito ser da lavra de Raquel Felau sobre a

Finalidade da Escolinha do Povo

PROMOÇÃO DO HOMEM

A incitar os cidadãos a abandonar a “passividade” e lutar contra a “dor da miséria, da exploração, da ignorância, da injustiça, da doença, do desemprego, da fome”.

O que se tem feito para solucionar esses males?

Sabemos que não podemos ficar passivos, deixar as coisas correrem. Temos que tomar posição, de lutar para que haja um mundo melhor. Ninguém tem o direito de se omitir. Você, leitor, também o que tem feito? É hora de definições e luta.

Já tivemos oportunidade de mostrar um pouco de nosso trabalho.

(...)

Quero continuar o diálogo que já iniciamos em outro artigo.

Nosso trabalho – “Escolinha do Povo” – como você já sabe tem por finalidade a ‘a promoção do homem’.

Escreve Raquel que a ideia da alfabetização de adultos foi do Padre José Luiz Silva e logo encampada por toda a população. A escola foi erguida com doações dos madeireiros, o terreno cedido pela prefeitura municipal e os moradores entraram com o trabalho de erguer as paredes – a resposta a seu apelo chegou de quase todos os lados. (...)

A preocupação fundamental foi a formação dos elementos que iam desenvolver este trabalho. A equipe inicial era formada de 9 elementos, na sua quase totalidade constituída de moças e senhoras.

A situação da vila era a seguinte: a maior parte das casas são barracos em péssimas condições feitos de lâminas. Higiene é péssima. É visível a miséria. Ela é gritante! Quase não há água; a luz somente querosene ou

vela. A subnutrição é crônica e a infestação de parasitas é um dos principais problemas. Grande número de crianças são atacadas por vermes. Quase não há emprego fixo ocorrendo, frequentemente, o desemprego. Os que trabalham não ganham suficiente para dar de comer e vestir toda a família. Geralmente a mulher é obrigada a ajudar o marido trabalhando como lavadeira e, quando não, ficando o dia todo fora.

27 de dezembro de 1964.

Pois é. Foi isso. A Escolinha do Povo, na verdade fundada pelos na época padres José Luiz Silva e João Batista, foi apagada da história por 35 anos, embora tenha sobrevivido na consciência daqueles que dela participaram. A luta continuou. João Batista em Campina Grande, algumas alfabetizadoras continuaram o trabalho com crianças; Raquel em Palmares, depois Costa Rica e no movimento estudantil em Curitiba. Essas pessoas levaram consigo os seus princípios, Paulo e, de alguma forma, colocaram-nos em prática ao longo do tempo. Ah! Paulo, se tivéssemos prosseguido tudo seria uma beleza! A Escolinha do Povo ia se expandir. Você não sabe, mas era um projeto piloto também aceito pela Secretaria de Estado da Educação. Uma das alfabetizadoras chegou a ir para Curitiba com a finalidade de estudar e colocar em prática as suas ideias. O que lhe digo, Paulo, é que tudo se transforma, mas também há um certo retorno ao princípio. Por conta disso, aqui estamos nós...

Esperançando

Campo Mourão (RN), junho de 2021

Memórias e vozes de Angicos

Ana Lúcia Oliveira Aguiar¹

Charles Lamartine de Sousa Freitas²

Rosilene da Costa Bezerra Ramos³

Em nenhum lugar do mundo onde estive fiquei mais tocado do que aqui e agora
(Paulo Freire, Angicos, 28 de agosto de 1993)

Querido Paulo Freire, vinte e oito anos após sua carta aos professores, muito temos para compartilhar. Nossas mãos acolheram as tantas lições escritas, palavras preenchidas de fervoroso amor e doação, ladrilhadas pelas variadas travessias adicionados em nossas vidas pelos anos de vida e de

-
- 1 Graduação e Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestrado em Sociologia pela UFPE. Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória, Formação e Pesquisa (Auto) Biográfica (FE/UERN).
 - 2 Graduado em Teologia e Serviço Social. Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma/Itália). Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na área de Filosofia e História da Educação. Diretor Geral da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN).
 - 3 Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Educação pela UERN. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação (POSEDUC) da UERN. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas GEPEMABI da UERN. Coordenadora dos Programas de Formação Continuada da Educação Básica da Rede Pública e Particular. Atua nos seguintes temas: Formação Docente, Inclusão e Educação de Jovens e Adultos.

trabalho de forma tão generosa. Pensamos caber neste diálogo este compartilhar, através desta carta escrita a seis mãos, que aderiram seus ensinamentos amorosamente, uma vez que o senhor perpassa e proclama o amor em todas as suas lições de mundo, da “palavramundo”, chegadas aos nossos ouvidos e levadas à prática. Somos professores e professoras da rede básica de educação e da rede de ensino superior.

Essas assertivas, no entanto, não nos fazem melhores, posto que o que nos marca como pessoas profissionais é, antes de qualquer dimensão, a centralidade em um fazer alicerçado na prática, de pé no chão e à sombra de tantas mangueiras da vida. Basta desejar o caminho do amor armado, como o senhor nos apresenta. Amor de todos os dias, amor que deve permear nossos feitos, nossas ações, nossos outros, amor como ordem do dia. Nossa labuta cotidiana inspirada pela “palavramundo” reluz amparada pela memória dos seus ensinamentos. Palavra esta carregada de sensibilidade na escuta, como o senhor continua a nos ensinar, instigadora da libertação em movimento.

E o que se constituiria em melhor movimento com a “palavramundo”, a palavra que traz a vida na vivência da prática, senão ir em busca das vozes de seus e suas alunos e alunas de Angicos? Nenhuma outra experiência prática seria tão adequada para contarmos nesta carta quanto o encontro que organizamos e realizamos nesta cidade, localizada no estado do Rio Grande do Norte. Lugar das memórias, dos sujeitos, dos acontecimentos, dos tempos de ontem e que repercutem ainda hoje em nossas vidas e nas nossas práticas diárias pelas/nas veredas, atalhos, córregos, escolas, universidades. Angicos foi o lugar no mundo onde o senhor relatou ter se sentido mais tocado.

Decidimos fazer uma viagem a esta localidade para a realização de um projeto de pesquisa chamado Narrativas de empoderamento em histórias de mim: memórias das lições de Paulo Freire em Angicos. Seria esse projeto o cheiro, a pele, o aroma das narrativas de vida e escolares de seus alunos e alunas. Dois sábados nos embelezaram de tamanha emoção ao pensarmos em tocar com nossas mãos e corpos aquele lugar onde Paulo Freire tocou, conviveu, conheceu, estimulou, provocou saberes, transformou a palavra na “palavramundo”.

A ideia de aproximação, de chegar perto de seus alunos e do lugar onde o senhor se sentiu mais tocado, tirava nosso fôlego de uma ansiedade educativa, motivadora, provocadora. Sentimo-nos inspirados não apenas pela

essência da alfabetização realizada, como também pelas suas mãos, pelo desejo de alfabetizar com as palavras do lugar, do dia a dia e da palavra geradora, estas foram as dimensões que nos embalaram. Outras lições postas em prática, aprendidas no ensinar e no aprender, não temos dúvida, chegaram até nossas memórias. De onde emergiu toda essa disposição? Dos ensinamentos e aprendizados, do sermos ensinantes e aprendentes que têm o estudo do mundo e com o mundo como principal sentido do praticar a vida, aprender a vida, conscientizarmo-nos e conscientizar a partir da realidade social.

Desejamos relembrar, com a mesma intensidade, Paulo Freire, que para além dos escritos nos livros e nos escritos institucionais, as histórias de suas alunas e alunos de Angicos resultam em uma forte necessidade para a história vista a partir de pessoas do lugar, pessoas simples, uma vez que as versões oficiais contadas lutam, mas sem validação, para não deixar espaço para as histórias contadas pelo povo.

Quanta ideia apressada! O fato, porém, é que percebemos que alguns optam por ensinar sem competência de vida, sem conhecer, sem aproximação. Essa dimensão implica em formação, implica em teoria desde que esteja molhada pela prática, como o senhor afirma em sua carta aos professores. É preciso estudar. Estudar em um entendimento permanente sem estarmos na rota de modelos, de fórmulas, de cartilhas, de receitas, pois a vida não é uma linearidade. É o que praticamos, professor Paulo Freire. Praticamos a vida, uma vez que esse roteiro nos leva a aprender a aprender.

Para essa incursão à Angicos, somamos estudantes e professores do mestrado em Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Rio Grande do Norte (UERN), professores da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN) e profissionais da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), da UERN, que se lançaram em uma viagem para ouvir, escutar, sentir o privilégio de trazer essa história, a história de alunas e alunos de Paulo Freire, por suas próprias vozes, para narrá-lo e narrar a repercussão dos ensinamentos levados à Angicos, consagrados como as 40 horas de Paulo Freire, desenvolvido no início dos anos 1962. Aludimos às 40 Horas de Angicos com ensinamentos trazidos pela noção de que o conhecimento do mundo vem antes do conhecimento da palavra, onde cerca de 300 adultos, em 40 horas, foram alfabetizados.

Em nossa incursão, precisávamos de um diário de campo permeado pela certeza do ensinar e do aprender. Queremos dizer mais do que poderíamos dizer dos ensinamentos nas incertezas, nas alegrias, nas tristezas, nos acertos, nas dúvidas, nas lacunas deixadas pela curiosidade que nos envolve para que, no dia seguinte, realimentássemos mais uma vez a trajetória.

Precisaríamos de muitas páginas de narrativas que teriam, como ponto de partida, o viver a vida com o mundo, por todos os caminhos de construção da vida e com os outros. As dimensões subjetivas e da subjetividade permitem o autoconhecimento e nos embalaram durante os encontros com as pessoas do lugar. Paramos no pátio da Paróquia de São José dos Angicos para uma roda de conversa provocada pelas reflexões sobre sentir o lugar. Pela primeira vez, entrávamos na referida cidade. O pátio da Igreja foi nossa primeira sala de aula. O que ocorreu? Várias pessoas se aproximaram e, de imediato, uma delas dizia-se sabedora da história e onde moravam as ex-alunas e os ex-alunos de Paulo Freire. A alegria tomou conta de nossa imaginação e saímos em busca das ruas.

Ouvir as vozes dos narrados, com base na história de amor e resistência, guiou nosso itinerário Paulo Freire. Caminhos construtores diante dos quais dialogamos no interior de cada casa e com seus moradores. A recepção foi amorosa, como os ensinamentos do senhor, professor. Acercavam-se filhos, irmãos, irmãs, primos, netos, todos em uma grande festa da memória recordação.

Escrever o mundo, a “palavramundo”, pelas vozes de Angicos, dos seus alunos e suas alunas, tendo como mirada apreciativa a maneira como vivem, seus saberes e seus fazeres, leva-nos ao exercício da narratividade em um movimento cruzado pelas fronteiras onde cada um sente, faz, compreende, percebe-se no tempo do antes e do depois de sua chegada a este local. Aqui, a cartografia e o mapeamento têm como primeiros mestres a vida e as vivências, as experiências do tocado, do conhecido, do vivido e do sentido, no compartilhamento, nas aflições, nas angústias, nas alegrias, na saudade, nos silêncios, no dito, no não dito. Bordas bordadas pelo reconhecimento do ser sujeito do lugar. A performance de sua história pede para percorrermos os amálgamas, o inenarrável, somarmos a criatividade do aprendente e do ensinante. Qual borda definirei para meu compromisso com o outro? Perguntemo-nos. Esse é uma girada de

olhar, de leitura de mundo, fundamental para nos sentirmos livres, marcando com a criatividade as narrativas como guia para uma/sua história. Livres pensadores foi o que exercitamos em Angicos durante a nossa pesquisa.

Aqui paramos para exigir uma passagem de Pablo Neruda quando, em 1979, afirma que nos lugares onde estivermos, espinhos podem nos ferir, mas vamos cozendo nossos corações com outros corações. Certamente, encontraremos alimento, braços, mãos, ternura.

De Angicos, situada na região central das terras do Rio Grande do Norte, localizada na região Nordeste do Brasil, anuncia-se, para nós, na pista do projeto desenvolvido, um traçado de sonhos e aflições. Um caminhar por entre ruas a procura dos seus alunos e alunas. Incansáveis, resistíamos ao sol e à desesperança por horas, mas o esperar nos reabastecia. Por aqui e por ali, uma luz anunciava uma porta que se abriria para nos receber. O que fazer com todas essas portas abertas? Encontrar dificuldades ou ver possibilidades?

O itinerário nos colocou diante de pessoas colaboradoras e afetuosas. Como em Patativa do Assaré, suas alunas e seus alunos afirmavam: “Eu sou de uma terra que o povo padece, mas não esmorece e procura vencer. Da terra querida, que a linda cabocla de riso na boca zomba no sofrer, não nego meu sangue, não nego meu nome, olho para a fome, pergunto o que há? Eu sou brasileiro, filho do Nordeste”.

A terra lá atrás, em Angicos, uma cidade professora da vida, das letras, das artes, das lutas, do amor. Suas alunas e alunos, sem nenhuma obrigação de lembrar, mas do saber doce e suave do lembrar por onde caminhou, com quem caminhou e com quem construiu alegrias, sonharam, viveram certezas e incertezas, dores, interdições e permissões, no prumo do resgate dos valores de respeito aos princípios da dignidade humana. Paulo Freire, querido, o senhor foi o artesão dessa construção, como a argila nas mãos do oleiro. Na relação temporal com os tempos, as pessoas, os acontecimentos, os alunos e alunas de Angicos vivenciaram, com base na honra e dignidade, o com e o para a vida.

O valor das relações de vínculo plantado pelo senhor, Paulo Freire, em Angicos, está cimentado nos braços, no colo, no corpo de homens e mulheres cheios de dores, de ausências, na constituição corporal, todavia, fortes, seguros, decididos e resilientes na performance dos valores humanos.

Tomamos a decisão de escrever esta carta ao senhor como elemento de agradecimento. Sim, nós precisamos agradecer pelo presente que é a sua vida para todos que o conheceram e que a partilharam, com seus modos de fazer somados ao seu quefazer. Para dizer, primeiro, que escrevemos esta carta da forma como nosso coração há dias vem prescrevendo pensar e decidir por fazer. É do modo como nos sentimos. A escrita aqui posta, advinda dos nossos sentimentos de pertencimento, amparará todos os sons seguintes, apaixonados, vivos. Decidimos seguir a voz da narrativa e da escrita do nosso coração, nutrido pelo som do seu coração.

Seus alunos e alunas, protagonistas até hoje, buscam um sentido para a própria existência e a de todos os outros que vivenciam experiências tocadas por suas mãos. O senhor disse que nenhum lugar o tocou tanto quanto Angicos. Dizemos que nenhuma outra pessoa nos tocou tanto quanto o senhor em suas lições do esperar. Uma busca de si. Por esse caminho e a partir dele, alicerçado e edificado nessa reflexão de si e do outro, fizemos e pisamos os caminhos de Angicos na busca pela compreensão de todos sobre a relevância dos seus ensinamentos para a vida.

O contorno marcado, movimento impresso em sua trajetória de vida e na decisão de levar a alfabetização pela leitura de mundo antes da leitura da palavra, significa porta aberta para a compreensão dos simbolismos como lugar comum, de sujeitos comuns, por ter sido com base no socialmente referenciado. Afirmamos o viver uma vida com significado, que tenha sentido para quem ensina e para quem aprende.

Nessa rota, escolhemos o movimento, posto que seus alunos e alunas têm construído sua história em autobiografia, na qual a história de suas lições permanece como base geradora de tantos outros desdobramentos. Esperançamos o esperar, a vida, o sentido da vida. Observamos em suas narrativas toda a performance das alunas e alunos que hoje possuem uma máquina de costura motivada pelo lápis e caderno, que não puderam guardar por força da história contada por quem está no poder.

A cartilha do ABC foi desenhada, escrita, fincada no chão da vida, na leitura de mundo, na prática, nas letras colhidas da terra. O que seriam os múltiplos fazeres realizados, Paulo Freire, a partir das lições aprendidas? Alargaram-se em tantas outras lições pela força da memória narrativa. A vida é a arte que

vai se aperfeiçoando na arte da vida, esteira na qual se encontra sua potencialidade formadora e dos seus alunos e alunas.

Então, Paulo Freire, os caminhos foram instigantes pelo que deixa escondido, pelos silêncios, pelo que brada, pelo que permite tecer em um caminho de reflexões, de entusiasmos, pelas trajetórias e contornos inspiradores de atalhos, veredas, rotas diferentes, pelas páginas de inclusão e exclusão dos/nos escritos que pretendem seus narradores. Provoca pelo dito e pelo não dito, pistas para a visibilidade de um passeio pelo mundo, “palavramundo”. Aguça olhares para captar os gritos, desafia as construções dos silêncios de uma história atravessada pelas mãos de quem a conta a partir de seu ponto de vista. Com um tema relevante, quer trazer à tona alguns outros temas de destaque para o debate acadêmico, a saber, a Formação humana, formação docente/ (auto)formação, ensino, aprendizagem, autoformação.

Dentre os caminhos, veredas, atalhos, rotas realizadas por quem escreve esta carta, queremos dizer que foi uma satisfação imensa levarmos à Cuba, à cidade de Havana e Cienfuegos, o vídeo *Narrativas de empoderamento em histórias de mim: memórias das lições de Paulo Freire em Angicos*, produzido após a pesquisa que realizamos. Foi encantador e prazeroso ver estampado nos olhos, nos rostos e no corpo de todos que se fizeram presentes ao evento a alegria e emoção quando falamos sobre Angicos e sobre as narrativas resultantes de nossas visitas a este local em 2015. Momento tão encantador do admirarmos-nos da beleza dos festejos ao senhor, Paulo Freire. A comitiva da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), que apresentou oito trabalhos no IX Encuentro Internacional “Presencia de Paulo Freire”, realizado em Cuba, no período de 02 a 06 de maio de 2015, sente prazer em rememorar a experiência adquirida naquele país.

Emoção dizer que participaram do evento, compondo a Delegação de Mossoró, com representação da UERN e do Colégio Diocesano de Santa Luzia e a Faculdade Diocesana, hoje Faculdade Católica do Rio Grande do Norte: Ana Lúcia Oliveira Aguiar, Charles Lamartine de Sousa Freitas, José Evangelista de Lima, Rosilene Ramos, Stenio Brito Fernandes e Rosa Maria da Costa Siqueira. Não cansamos de dizer o quanto o evento sinalizou para o aprofundamento da investigação dos aportes teóricos e práticos da obra de Paulo Freire sobre a construção de poder desde a Educação Popular nos

diferentes espaços educativos e apontou sobre o espaço, durante o evento, das trocas de experiências de construção na metodologia freireana. Ressaltamos a importância da troca de experiências quanto aos processos de educação inclusiva para contribuir com o seu fortalecimento desde a dinâmica social. Dos oito trabalhos apresentados, três foram desenvolvidos pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), da UERN, pesquisas em processo de realização com discentes com deficiência. Os outros cinco trabalhos foram elaborados a partir das aulas de campo desenvolvidos nas disciplinas Memória, Formação e Pesquisa (Auto) Biográfica e Movimentos Sociais e Educação Popular, do POSEDUC, ministradas pela professora Ana Lúcia Aguiar, nas quais as discussões sobre Paulo Freire são centrais.

As discussões foram problematizadas por pesquisadores de vários países do mundo, na soma e compartilhamento de suas experiências com os pesquisadores cubanos, entre os países participantes destacam-se: Brasil, Argentina, Equador, Panamá, Estados Unidos, México, Chile, Moçambique, Angola, Portugal, Colômbia, Honduras e Uruguai. Um dos destaques no evento foi a apresentação do vídeo que produzimos, reforçamos, “Narrativas e Empoderamento em Histórias de Mim: Memórias das Lições de Paulo Freire em Angicos/RN”, que aborda uma reconstrução das memórias dos alunos e alunas de Paulo Freire nas 40 Horas de Angicos. Em suas narrativas, há marcas dos momentos de experiência e aprendizagem a partir do método Paulo Freire como potencializador da palavra, dos contextos de vida, das vozes dos protagonistas homens e mulheres simples.

Cabe dizer mais uma vez, grande educador, que ler o doce e suave de suas lições anuncia passear pela leveza do ser, ser capaz de transformar o próprio ser de sujeito, adentrar mais ainda em seus contextos, memórias, experiências, sentidos, mobilidades, arranjos sociais e configurações que nos identificam. Sintamos o aroma nas narrativas dos seus alunos e alunas. Veja quando enchem suas vozes de vigor ao levar à memória recordação aos idos de 1960. O que seus alunos e alunas guardam na memória reminiscência é tão profundo que deixamos aqui, nesta carta, o que nos disseram como, por exemplo: “Ele chamava nas casas os alunos para estudar”. “Era uma alegria quando a gente se encontrava para estudar”. “O povo dizia que vai chegar o professor e vamos articular para ir para as aulas de Paulo Freire”. “Eu acho no

meu modo de pensar eu ter aprendido e ter chegado aonde eu queria, o saber é coisa melhor que tem”. “Só com as aulas dele tenho meu diploma que trabalhei com o um juiz”. A preciosidade dos ensinamentos continua em mais narrativas, a dizer: “Eu sei que eu aprendi o que eu quis”. “Eu sei ler e sei escrever o que a senhora botar”. “Ele era professor”. “Ele nunca deu um castigo em ninguém e nem falou grosseiro com ninguém”. “Ele chegava aqui em sala de aula e dizia”: “vamos estudar, gente? ” “Vocês vão ver como é bom estudar”. “Amanhã ou depois vocês vão ser outras coisas que vocês vão nem pensar”. “Minha mãe, quando aprendeu, entrou na aula de corte e costura, minha mãe aprendeu a ler e a escrever primeiro do que meu pai”. Textos e contextos na boniteza da alma. Agradecer a Paulo Freire e continuar em agradecimento, temos certeza de que revigoraremos na prática seus ensinamentos em uma relação intergeracional.

Concluimos tendo a certeza sobre os caminhos ladrilhados como pedrinhas de amor e do esperar. Lições duradouras que atravessarão todos os tempos, posto que serão contemporâneas a cada tempo. Como o senhor nos ensinou: “Só desperta paixão em aprender, quem tem paixão de ensinar”. Seus alunos e suas alunas, ainda hoje, têm nos olhos o que foi a paixão de aprender e, hoje, a paixão de ensinar pelas mãos de seus aprendentes e tantas outras mãos que perdurarão na escrita da “palavramundo”.

Um abraço afetuoso dos seus ensinantes e aprendentes.

Angicos (RN), junho de 2021

Professor, vem jantar conosco!

Sérgio Storch¹

Cambridge, 1981, lá se vão 36 anos, número cabalístico. O Iuri, meu segundo filho, precisa de escola especial: com 2 anos, assustadinho com o choque da mudança de país, está com a língua travada, por indecisão de idioma. Até na casa da *baby sitter* coletiva do condomínio, chinesa, com crianças chinesas, são outros idiomas: espanhol, inglês, além do português em casa. É um trauma que terá efeitos ainda por alguns anos.

Visitamos uma creche que a Léa descobriu, distante uma estação de metrô, na Central Square. Pé atrás. É a primeira vez que me aproximo de religiosas católicas, no face to face. Mas as cuidadoras me cativaram: são freiras, maravilhosas, Teologia da Libertação. E é o lugar que o Iuri precisa. Quem cuidará dele é a Sister Lenore, que nos impressiona com sua escuta compassiva. E gostamos de ver lá crianças de baixa renda, várias pretinhas.

Sister Lenore mora com outra irmã, que tinha sido missionária no Maranhão, talvez na mesma ação social em que militou a irmã Dorothy Stang, duramente reprimida pela ditadura, e que viria a ser assassinada, já em plena democracia, em 2005.

Um dia, ao buscarmos o Iuri na creche, Sister Lenore nos transmite a dica de sua companheira, que tinha se interessado por nós. “Adivinhem quem está aqui: Paulo Freire”. Como assim, quando, onde? “Sim, o professor Paulo Freire veio dar um curso no Boston College (que é uma universidade de jesuítas), e vai dar uma palestra hoje à noite”.

¹ Texto publicado em memória de Sergio Storch, Engenheiro de Produção, por formação acadêmica, e, como vocação, engenheiro de redes sociais e de afetos, pescador de pessoas para lutar com ele por um mundo melhor e “caçador de si”, morto em 1 de julho de 2021. Homenagem do projeto Cartas.

Paulo Freire me fora totalmente estranho até nossa lua de mel, em 1973. Exilado, seus livros eram proibidos. Encontrei dois numa livraria em Lima, no Peru, que era então um oásis, época do governo socialista do general Velasco Alvarado, que eu acompanhava através das excelentes reportagens do Miguel Urbano Rodrigues, na revista Visão. Bati os olhos numa estante, e vi “Educación como práctica de libertad”, e “Pedagogia del Oprimido”. Comprei imediatamente, e li avidamente nos intervalos, junto com “Las venas abiertas de America Latina”, do Galeano. Paulo Freire veio a ser uma referência, ao longo de toda minha vida, o marco de uma conexão que ainda está por se realizar plenamente com educação libertadora.

Não foi o primeiro. O bichinho da educação havia inoculado desde “Liberdade sem Medo”, surgido nos anos psicodélicos pós-68, do fundador da incrível escola Summerhill, na Inglaterra. Vieram muitas mais leituras sobre educação, sempre por uma perspectiva crítica: Ivan Illich (“Sociedade sem Escolas”), Lauro de Oliveira Lima (“Conflitos no Lar e na Escola”), todos eles hoje a R\$ 6,00 (o que atesta a diferença entre preço e valor).

Tinha odiado as escolas por onde passei, desde o jardim de infância até a faculdade: a rigidez dos rituais, o bullying, o vazio de sentido.

A escola não foram anos felizes. Era lá, em Cambridge, a primeira e única vez que amei a escola, a Sloan School of Management. Não só por ela, nem só pela universidade, o M.I.T., mas também por estar de certa forma vivenciando o que mais tarde o professor José Pacheco chamaria de “Cidade Educadora”, pois respirei um ambiente em que vi palestras de Howard Zinn e Noam Chomsky, fiz curso com Donald Schon na escola de Urbanismo, aprendi com uma colega mestranda na Harvard Education sobre a teoria de Lawrence Kohlberg do desenvolvimento moral na criança, e aprendi sobre experiências de autogestão no mundo todo, na Industrial Cooperative Association, que foi central para a dissertação de mestrado deste aprendiz socialista num ninho que forma executivos para o mundo do capital.

Não era, portanto, só a escola. Era um ambiente imersivo em que vivi intensamente dois anos e meio, de educação autodirigida, sem ter ainda consciência do que isso significava.

E Paulo Freire estaria no Boston College, naquela noite!

Não vacilamos. Entregamos o Sami e o Iuri à vizinha com quem alternávamos o *baby-sitting*, e fomos.

Assisto extasiado a sua palestra e, ao final, claro, quero mais, resisto à puxada da Léa, do “vamos que já está tarde”, e fico naquele grupinho de insaciáveis que cerca o palestrante para beber mais um pouquinho.

Tímido, pois afinal tinha descido de paraquedas em terreno estranho. Ele, cercado por educadores, e eu lá, de curioso.

As pessoas indo embora. Quando só restam quatro ou cinco pessoas, eu sem muita expectativa lanço o anzol: “Professor, o senhor tem compromisso para jantar?”. Ele: “não, acho que vou para o hotel”. Com aquele frio na barriga, que cara de pau convidar esse deus, Paulo Freire, convidei, e ele veio.

Momentos incríveis, nós, pessoas sem nenhuma importância, termos à mesa Paulo Freire e sua companheira, ouvindo as histórias que contamos sobre o Sami e o Iuri. Conexão forte e sistêmica, que se transmite por gerações, como hoje ensina o Sami, professor de Constelações Sistêmicas.

Anos depois, já de volta a São Paulo após dez anos de ausência (Bahia e Estados Unidos), colocamos os meninos na escola CRIE, que não sabíamos que tinha como sócia uma de suas filhas, Madalena Freire. Lá eu conheceria a Ciça, professora do Sami, e com quem eu viria a ter um reencontro sublime duas décadas adiante, em que me mostrou no seu primeiro livro uma redação do Sami, na turma de 40. ano em que ela fez sua pesquisa de mestrado. Claro que senti como mais um reencontro com Paulo Freire.

Haveria também de me tornar amigo do Alexandre Dowbor, seu neto, filho da Fátima Freire e do Ladislau, com quem iniciei amizade através de um outro educador querido, o Carlos Seabra.

Um rizoma complexo, em que de certa forma estou eternamente ligado a esse gigante brasileiro, que, apesar do golpe que tenta desconstruir a sua memória até na Wikipedia, voltará, ao lado de outros gigantes da nossa educação, como Anísio Teixeira, Lauro de Oliveira Lima e Darcy Ribeiro.

Gente. Momentos densos de vida. Lá na frente, um dia esse engenheiro revoltado haveria de trilhar caminhos no mundo empresarial com a gestão do conhecimento, a aprendizagem organizacional, e a inteligência coletiva, com Pierre Lévy a tiracolo. Mas a relação com esse campo tinha se iniciado com ele, Paulo Freire. Vínculo afetivo que, claro, é menos com o homem real que conheci tão pouco, e sim com a parte de mim que ele representa, e com a pedagogia da esperança que espero que as trevas não abatam.

Nada é por acaso, nos caminhos do coração cantados pelo Gonzaguinha:

... é tão bonito... quando a gente entende que a gente é tanta gente aonde quer que a gente vá... toda pessoa sempre é as marcas... das lições diárias de outras tantas pessoas...

... é tão bonito quando a gente pisa firme...nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos...

... é tão bonito quando a gente vai à vida... nos caminhos... onde bate bem mais forte o coração...

Pedagogia do Oprimido



Mural da Escola Municipal Paulo Freire,
do bairro Cidade Nova, Caxias do Sul.
Foto: Claudia Velho/reprodução

Sujetos de su propio destino histórico

Jacinto Ordóñez Peñalonzo¹

Querido maestro y amigo,
Escribo desde Costa Rica, el país que visitaste invitado oficialmente por el entonces Presidente, Lic. Daniel Oduber Quirós (1974-1978). Esta invitación respondía al interés de organizaciones populares de nuestro pueblo por mejorar y ampliar la visión del trabajo educativo en los sectores más necesitados tanto urbanos como rurales, de llevar a la práctica educativa que aquí se realizaba una orientación más acorde con nuestras necesidades, con la esperanza de lograr un cambio de nuestra “educación bancaria”, como tú la llamaste, que también en Costa Rica se practicaba de una manera obviamente vertical y que, lamentablemente, se repetía en diferentes formas en la recién fundada Universidad Nacional de la ciudad de Heredia, capital de una de las provincias de nuestro país, cuando la práctica educativa en esos años seguía siendo en su mayoría vertical y que, excepto algunos casos considerados como especiales, aún se mantenía, y se mantiene en el día hoy, cuando te escribo.

Cuando nos visitaste en la década de los años 1970, ya se conocían tus primeros libros —*La Educación como Práctica de la Libertad, Pedagogía del*

1 Jacinto Ordóñez Peñalonzo es guatemalteco nacionalizado costarricense. Obtuvo su Doctorado en Filosofía Social de la Educación, Universidad Loyola, Chicago, Illinois, con la Tesis: *Paulo Freire 's Concept of Freedom: A Philosophical Analysis* en 1981. Fue Profesor de Filosofía de la Universidad Nacional (UNA), de Heredia, Costa Rica, donde fue el creador de la Cátedra Paulo Freire; Profesor Invitado en Universidades de América Latina, Estados Unidos y Europa; Escritor de libros y artículos sobre Filosofía de la Educación, incluyendo la Educación Precolonial.

Oprimido y ¿Extensión o Comunicación? La concientización del medio—. Fue entonces cuando, siendo yo Director del Departamento de Extensión Universitaria de la Universidad Nacional de Costa Rica (UNA), fui invitado a una reunión ecuménica sobre educación que se celebraba en un campamento ubicado en Huampaní, Perú, donde tuve la oportunidad de conocerte y preguntarte sobre la posibilidad de que visitaras mi país. Recuerdo que cuando aceptaste esta invitación provenías de Ginebra, Suiza, donde trabajabas en proyectos educativos en diferentes partes del mundo, proyectos que apoyaba la Secretaría de Educación del Consejo Mundial de Iglesias con sede en Ginebra. Para tu llegada a Costa Rica, el Presidente en ejercicio ya mencionado nombró a su Ministro de Educación —el Lic. Fernando Volio— y la Universidad Nacional de Costa Rica (UCR) me nombró a mí —siendo yo profesor de Filosofía de la Educación de la mencionada Universidad— para recibirte en uno de los salones especiales del Aeropuerto Nacional Juan Santa María y hospedarte en uno de los hoteles de San José, la ciudad capital de Costa Rica.

¿Qué se sabía entonces en mi país de tu pensamiento? Mi apreciación es que entonces se sabía poco; quienes estaban mas informados de tu pensamiento éramos los profesores universitarios que habíamos comenzado a leer y a estudiar tus primeros libros que llegaron a Costa Rica y también algunos jóvenes estudiantes universitarios y personas que se mantenían al día de las recientes publicaciones por pertenecer a movimientos de educación popular, inclusive personas que en sus viajes te habían conocido, entre quienes me incluía yo.

Los que te habíamos conocido personalmente habíamos comenzado a leer tus libros e inclusive algunos comenzamos a dar conferencias para dar a conocer tu pensamiento, obviamente, usando los métodos tradicionales de la educación en la cual estábamos inmersos. De manera que cuando se comenzó a pensar que la educación de este país debería superar la educación “domesticadora” que entonces se practicaba en las aulas de nuestro sistema educativo nacional en el cual había vivido, tus primeros libros fueron para nosotros importantes. Las palabras de Júlio Barreiro en su introducción a la primera edición de tu primer libro publicado en español, *La Educación como Práctica de la Libertad*, y que nosotros llegamos a conocer, decía lo siguiente:

La educación verdadera es praxis, reflexión y acción del hombre sobre el mundo para transformarlo. En boca de este extraordinario pernambucano, la afirmación está respaldada por una amplia experiencia llevada a cabo no sólo en Brasil, sino también en Chile, o sea, en la compleja trama de la realidad latinoamericana, donde planteaba tan sólo la posibilidad de la transformación del mundo por la acción del pueblo mismo, liberado a través de esa educación y anunciar así las posibilidades de una nueva y auténtica sociedad, es convulsionar el orden anacrónico en que todavía nos movemos.²

En la medida en que nuestra lectura de tu primer libro iniciaba en nosotros un nuevo concepto de educación que sugería y que también iniciaba un sentido diferente del acto de educar que se resumía en la comprensión de la palabra praxis que significaba acción y reflexión del ser humano para la transformación del mundo, realidad que era para nosotros la sociedad latinoamericana donde se mantenía el ejercicio de una educación vertical, transmisora y por tanto violadora de *La Educación como Práctica de la Libertad* que también podrían practicar los docentes y discentes, inclusive los que también administraban la educación. Pues la educación tradicional ignoraba el proceso educativo que mantuviera —si se me permite la expresión— un proceso “praxiológico” de la educación que intentara la práctica del concepto de praxis que sugerías en todos los aspectos del ejercicio educativo, que en tus tiempos y que todavía en los tiempos actuales cuando te escribo, se tuviera en nuestro país una educación que formara a nuestro pueblo para que participara en la posibilidad de “la transformación del mundo” para la superación del “orden anacrónico en que todavía nos movemos”.

Se trataba de una nueva actitud en el trabajo educativo que asumiera una educación dialéctica entre la acción educativa y su correspondiente reflexión, una acción que siempre se enriqueciera con su reflexión anterior para volver de nuevo a la acción que ya no sería la misma educación anterior hecha, porque ella —la acción educativa— habría sido enriquecida con su propia reflexión, pues la reflexión sobre ella habría incorporado nuevos elementos a su primera acción que a su vez generaría su correspondiente reflexión que no sería la misma que la primera reflexión.

² Paulo Freire. *La educación como práctica de la Libertad*: Montevideo, Uruguay: Tierra Nueva, pp. 9 y 10.

Esto significaba que la relación entre estos dos factores presentes en el primer momento habría iniciado el proceso de enriquecimiento a partir de nuestra anterior acción educativa y su respectiva reflexión. Es más, que a partir de esa acción-reflexión original nace un segundo momento de la misma acción con su correspondiente reflexión que sucesivamente se va enriqueciendo todo el proceso educativo en forma permanente, porque la anterior relación siempre será seguida por otra relación entre su acción y su reflexión en cuyo movimiento se va dando la respuesta reflexivamente apropiada a la acción educativa anterior, acción y reflexión de la misma práctica que es la dinámica del proceso total del quehacer educativo siempre ha de responder a una realidad concreta.

Es decir, la práctica de la educación es un proceso que cambia permanentemente enriqueciéndose con la reflexión siguiente que se realice sobre la acción anterior. De manera que no hay procesos absolutos, sino procesos que generan acciones que dan origen a su correspondiente reflexión que, a su vez es reflexión que da origen a otra acción más lúcida porque responde a un momento ya enriquecido por su anterior reflexión. De lo que se trata es que toda práctica educativa es una acción más acertada en la medida en que esa acción sea consecuencia de la reflexión de la acción anterior, práctica que genera su siguiente acción-reflexión. La nueva acción educativa siempre seguiría una nueva relación de la acción con su correspondiente reflexión que será cada vez el intento por responder a las necesidades educativas del nuevo momento.

Tu siguiente obra que llegó a Costa Rica fue *Pedagogía del Oprimido*,³ cuya publicación la dedicaste “a los desaharrapados del mundo y a quienes, descubriéndose en ellos, con ellos sufren y con ellos luchan”. Hermani María Fiori, a manera de introducción de este libro, comienza diciendo que Freire no era una persona comprometida sólo con ideas, sino que había demostrado que su compromiso era con la vida y la existencia de su pueblo. Freire era un educador sí, pero su concepto de praxis citado en su primer libro debe tomar en cuenta que una cosa es decirlo “en sociedades cuya dinámica estructural conduce a la dominación de las conciencias” puesto que estas sociedades

3 Cf. Paulo Freire. **Pedagogía del Oprimido**: Montevideo, Uruguay: Tierra Nueva, 1970, p. 5.

utilizan la educación con un criterio de dominación de conciencias, pues su concepto de pedagogía será siempre “la pedagogía de las clases dominantes”. Pero otra cosa será decir que los métodos de esta pedagogía no pueden ser liberadores porque no es pedagogía de las clases oprimidas. Tú no propusiste una pedagogía para el oprimido sino una pedagogía desde el oprimido, desde su realidad cuya agenda fundamental es liberarse.

El oprimido no espera ser liberado, sino que reclama el derecho a ser sujeto, no más objeto de su propia liberación, por ejemplo, que alguien lo venga a liberar. Asumir este derecho significa altos niveles de responsabilidad, obviamente, de realizar un trabajo consciente de asumir, tanto en el nivel práctico como en el nivel teórico, el deber de considerarse sujeto de su propia educación, consecuencia obvia de las aspiraciones de los sectores oprimidos quienes despertando a su realidad de oprimidos asumen ser “sujetos de su propio destino histórico”. Por eso, *La Educación como Práctica de la Libertad*, título de tu primer libro que conocimos, genera una pedagogía que renuncia a ser práctica de la opresión y aspira crear una *Pedagogía del Oprimido*, título de tu segundo libro, y, en el contexto de esta segunda obra, expresiones tales como “Nadie libera a nadie, ni nadie se libera sólo. Los hombres se liberan en comunión”, de ahí el impacto que tuviste en comunidades cristianas de Costa Rica. De tu segunda obra también se recuerda el concepto de ser humano que fundamentaba su pensamiento. Por eso, fue famosa tu expresión “El hombre como ser inconcluso y consciente de su inconclusión y su permanente movimiento tras la búsqueda de SER MÁS”. De ahí el impacto que tuviste en los sectores estudiantiles especialmente universitario.

Sin embargo, Maestro, tu pensamiento tuvo su mayor impacto en el Instituto Latinoamericano de Pedagogía de la Comunicación (ILPEC) que dirigía el Dr. Francisco Gutiérrez Pérez quien te invitó para asesorar los proyectos que entonces se habían creado en áreas rurales de Talamanca, en Costa Rica. Por otra parte, la Universidad Nacional, inicio una educación universitaria por extensión y, se me pidió que organizara sesiones de trabajo con Freire para discutir su tesis sobre el tema Extensión o Comunicación, título que tenía su mas reciente libro. Sobre tu trabajo realizado en la Universidad Nacional, se hicieron grabaciones de los diálogos realizados que sin duda fueron conservados por la Biblioteca universitaria correspondiente. Estos

materiales podrían ser publicados en la medida que se encuentren las transcripciones hechas de esas grabaciones. Trabajo pendiente para futuras investigaciones de tu pensamiento, Maestro Freire, en la visita que realizaste a Costa Rica en el año 1971.

Sólo resta dejar constancia de la hermosa oportunidad de haberte conocido como maestro y como amigo. De haberte podido invitar para estar en mi casa y comer *espagueti* con mi esposa Alicia y mis entonces pequeños hijos quienes no sólo celebraron tu amistad, sino que mis dos hijas acariciaron tu barba y mi hijo puso en tus brazos el pequeño conejo que había recibido como regalo de cumpleaños. Tu visita en nuestra casa también fue celebrada por toda nuestra familia.

Una de las últimas actividades celebradas con tu presencia fue una entrevista con el Ministro de Relaciones Exteriores de parte del gobierno de Costa Rica. Gracias, Paulo, por tu venida a Costa Rica que nos dejó la inspiración de un Maestro que fue escuchado por miles y un amigo que muchos hubieran deseado conocer.

Cordialmente,
Santa Ana, Costa Rica, Junio 2021

Educação é um bem público!

Sandra Eloisa Pisa Bazzanella¹

Sandro Luiz Bazzanella²

Prezado Paulo Freire! Olá, tudo bem? Espero que ao receber esta carta esteja ciente de que o mundo está enfrentando desde fins de 2019 uma pandemia. Trata-se da pandemia da Covid-19. Segundo conhecimentos científicos alcançados até o presente momento, é um vírus da família do “Coronavírus” presente majoritariamente em morcegos, mas que por motivos ainda não suficientemente esclarecidos sofreu mutações que lhe permitem infectar seres humanos. Sua ação ao penetrar as células do corpo humano, principalmente no sistema respiratório, mas também há relatos de incidência no sistema cardiovascular, renal e nervoso central, desencadeia uma reação exagerada do sistema imunológico que tende a levar o hospedeiro, caso tenha comorbidades, a óbito. Mas, também estamos presenciando casos em que pessoas sem histórico de doenças crônicas também enfrentam dificuldades de recuperação e, em alguns casos vem a óbito. Nos casos em que o paciente alcança cura a passagem do vírus deixa sequelas como perda do olfato, entre outros efeitos colaterais. É um vírus que não deixa rastros no organismo após sua passagem, o que significa que pode haver reinfeção, entre outros desdobramentos ainda em investigação e análise.

No momento em que lhe escrevemos, em 29 de junho de 2021, estima-se que no mundo morreram por Covid-19 mais de 3 (três) milhões de seres humanos. No Brasil alcançamos 514 (quinhentas e quatorze mil mortes) por

1 Estudante de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina. sandra.bazzanella@hotmail.com

2 Professor de Filosofia. sandroluizbazzanella@gmail.com

Covid-19. Segundo cientistas, infectologistas e epidemiologistas mais de 400 mil vidas poderiam ter sido salvas, estar vivas e atuantes em seus núcleos familiares e sociais se o governo brasileiro tivesse tomado às medidas sanitárias adequadas orientadas pela ciência, que ao longo dos séculos acumulou conhecimentos suficientes com experiências pandêmicas ocorridas.

Mas, infelizmente, o governo brasileiro, eleito em 2018, a partir de um movimento golpista patrocinado pelas elites empresariais em articulação com os meios de comunicação, com militares e, com parte do poder judiciário para retirar do poder em 2016 a presidente legitimamente eleita Dilma Rousseff, promovendo uma ruptura institucional e social para implementação uma vez mais do receituário neoliberal, decidiu submeter a população à imunidade de rebanho. Ou seja, ao invés de promover as medidas sanitárias adequadas (uso de máscaras, de álcool em gel para higienização das mãos, afastamento social e, nas regiões mais afetadas o *lockdown*), e auxílio emergencial suficiente, optou por deixar a população a própria sorte.

Foi e ainda é apoiado nesta estratégia por setores da sociedade sob o perverso e falacioso argumento de interesse exclusivo das elites herdeiras do *ethos* escravocrata colonial de que a economia não pode parar, pois levaria milhões de brasileiros ao desemprego, à fome. Fato é que o desemprego e a fome são realidades que se intensificaram após o golpe de 2016, acima relatado. A falácia do referido argumento se intensifica quando consideramos que sem os devidos cuidados com a vida não se promove a economia, os empregos, o bem-estar da população brasileira. Ainda nesta direção, é preciso que se diga que apoiado por parte expressiva de brasileiros, majoritariamente de classe média que se identificam com seu autoritarismo, com suas grosseiras, com sua misoginia, com sua xenofobia, com sua maneira inusitada e violenta com que interpreta as demandas sociais e ambientais em curso.

No contexto desta ausência de política sanitária adequada de combate à pandemia, permitindo o avanço da mesma entre amplos e majoritários setores carentes da sociedade brasileira em que milhares de vidas foram e, continuam sendo ceifadas, o governo foi agraciado com o título de genocida. Título que lhe é merecido diante de seu desprezo com a saúde pública, com a segurança da imensa maioria dos brasileiros. No Senado Federal está em andamento a CPI da Covid-19, que tem o mérito de revelar à nação os

desmandos sanitários a partir do qual o governo federal conduziu e continua conduzindo as estratégias de combate à pandemia. Os próximos meses e anos talvez nos apresentem com a imagem deste governo sentado no banco dos réus de tribunais nacionais e internacionais respondendo por crime de genocídio, por crimes contra a humanidade. Governos totalitários, autoritários, de tendência genocida precisam entrar para os registros históricos e, sobretudo registrá-los na memória das presentes e futuras gerações para que barbáries desta natureza jamais voltem a se repetir.

É um governo que enquanto flexibilizava a compra de armas para a população, ventilava a possibilidade de aumentar os impostos sobre os livros. Em dois anos e meio de governo estamos diante do quarto ministro da educação. Paradoxalmente estamos desprovidos de uma proposta educacional em todos os níveis, que promova as jovens gerações, os pesquisadores, a constituição de uma ciência nacional que contribua para constituição de um projeto de desenvolvimento autônomo e soberano à sociedade brasileira diante dos desafios de um mundo globalizado. É um governo que está implementando um projeto de educação, que Darcy Ribeiro denunciava e, o que você Paulo conhecia muito bem, ou seja, de que o projeto de educação das elites é não promover a educação para a autonomia, para o pensar crítico e criativo aos filhos da imensa maioria da sociedade brasileira. É uma proposta de educação tosca para atender exigências de um mercado de trabalho precarizado, flexibilizado. Neste momento, em que lhe escrevemos estas linhas, este governo das elites se lança contra as universidades públicas estaduais e federais, contra os institutos federais retirando orçamento, denegrindo a imagem de cientistas, pesquisadores e professores vinculados a estas instituições. A intenção é clara: restringir o acesso das classes populares a um ensino de qualidade, à universidade. “Filho de porteiro, de pedreiro, de motorista, de empregada doméstica, de desempregado, de agricultor não precisa estudar, tem que trabalhar”. Tudo indica que o governo está promovendo o desmonte do ensino superior público e gratuito como estratégia de atender os interesses dos fundos financeiros especulativos globais que tem interesse no mercado educacional brasileiro.

- Prezado Paulo, não tivemos a oportunidade de nos conhecermos pessoalmente. Sou o professor Sandro Luiz Bazzanella. Enquanto era estudante de

filosofia na segunda metade dos anos 80 do século XX, você tinha retornado ao Brasil, após o exílio imposto pela ditadura militar. Estavas naquele contexto, escrevendo, proferindo palestras e, sobretudo insistindo com a sociedade brasileira em torno da importância, da urgência da sociedade brasileira promover uma educação popular, democrática e cidadã. Você deixou esta vida terrena e não tivemos oportunidade de nos conhecermos pessoalmente. Mas, suas ideias sobrevivem, vicejam e a cada dia em meio a barbárie de mais este golpe que estamos enfrentando, suas obras e ideias não apenas sobrevivem, mas se tornam centrais para pensarmos, resistirmos e caminharmos na construção de um Brasil para os brasileiros “que vem”.

- Paulo, eu sou Sandra Eloisa Pisa Bazzanella, filha do Sandro. Nasci em 2001, quando a perspectiva de futuro parecia mais otimista que nos tempos de meus pais. Sou egressa da educação pública. Minha infância decorreu-se durante os dois governos Lula. Posteriormente, cresci durante um governo Dilma, e fui, ainda adolescente, apresentada ao debate político que, naquele contexto, desenrolava-se sobre especulações de corrupção, negação de resultados de eleição, que culminaram no *impeachment* da ex presidente Dilma. Presenciei e participei de inúmeras discussões desde então. Quando ainda estudante da educação básica, não compreendia exatamente como se davam os cortes de bolsas de pesquisas, de intercâmbios. Quando entrei na universidade federal, comecei a compreender diretamente a importância do investimento nos orçamentos das universidades e programas de incentivo à pesquisa, como o Brasil sem Fronteiras. Sei que inúmeros estudantes das universidades federais Brasil a fora têm verdadeiro gosto pelo que estudam. E gostariam de poder dedicar-se integralmente aos estudos. Em vez disso, parte destes estudantes precisam consumir parte significativa de seu tempo com seus empregos, pois nossos governantes não estão dispostos a garantir a eles condições de pesquisa e permanência. Longe disso, as bolsas diminuem, o orçamento sofre cortes progressivos, a universidade torna-se local de sonhos incompletos e pausados. O ingresso na universidade, que para muitos é uma esperança de um futuro profissionalmente estável, acaba se tornando um gigante desafio. É também necessário reconhecer que muitos estudantes do ensino básico, entretanto, nem chegam à graduação.

Paulo, nas linhas que seguem, compartilharemos com você algumas de nossas reflexões em torno da educação pensada aqui como um bem público e, que requer neste contexto de usurpação do horizonte de possibilidades da população brasileira o compromisso social em sua defesa, senão na exigência que a educação definitivamente seja pública, gratuita e de qualidade, caminho privilegiado para a emancipação e autonomia dos indivíduos e cidadãos, que cotidianamente com sangue, suor e lágrimas constroem este país.

Dentre as inúmeras possibilidades de se refletir a educação, uma delas passa pela reflexão acerca de seu papel. Podemos convencionar aqui que, sucintamente, um dos papéis da educação é, sobretudo, contribuir na constituição de crianças, adolescentes e jovens para o alcance da emancipação, condição fundamental para a cidadania, e permitir que, após 12 anos na escola, os indivíduos alcancem uma série de habilidades específicas de cada área do conhecimento, e se reconheçam como membros de uma sociedade, bem como parte responsável pelos rumos dela.

Nesta direção, inúmeras são as questões que podem ser abordadas a partir de tal temática, seja a importância da família, a influência do contexto social, entre outros. Aqui pensaremos na escola. A primeira questão a ser situada, portanto, incide sobre os professores. São os professores que apresentam e, até certo ponto, são responsáveis pelo desenvolvimento de certas habilidades específicas nos alunos. Como se constitui a formação de tais professores? Isto é, qual a qualidade de reflexão sócio-política, econômica e, educacional a que os professores Brasil afora estão envolvidos? Perguntamos isto, pois a abordagem pedagógica utilizada, ou a falta de uma reflexão contextualizada, impacta no modo como os saberes são apresentados aos alunos. Neste sentido, e por decorrência das questões acima expostas, questiona-se: que educação promove uma proposta educacional que desconsidera as contradições, os paradoxos inerentes à sociedade brasileira? Qual a possibilidade de os estudantes criarem mais aversão do que gosto pelos estudos a partir de abordagens mal pensadas e mal planejadas?

Ainda é necessário questionar: como os professores e as demais autoridades escolares enxergam os estudantes? Isto, pois o modo como interpretam algo diz respeito ao modo como lidam com isto. Como se desenvolve a formação dos professores no sentido de apresentar-lhes o fato de que os

estudantes, então crianças ou adolescentes, serão membros efetivos de uma sociedade? Sobre sua profissão, os professores compreendem que exercem uma profissão importantíssima e, ainda que não sejam valorizados de acordo com a responsabilidade que possuem? A carga horária a que se submetem permite que estudem que planejem as aulas, as atividades e testes para a excelência do ensino?

Em relação aos estudantes, alguns dados necessitam ser apresentados. No ano de 2020, sobretudo em decorrência da suspensão das aulas presenciais por conta do enorme risco /sanitário a que a comunidade escolar estaria submetida no ensino presencial, o ensino remoto foi adotado por escolas públicas e particulares Brasil afora. Segundo a Agência Brasil, dados do estudo “Cenário da Exclusão Escolar no Brasil – um Alerta Sobre os Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação”, lançado pelo Unicef em conjunto com o Cenpec (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária)³, demonstram que, em 2020, cerca de 5 milhões de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos ficaram fora da escola. Em parte, este número diz respeito à dificuldade de acesso à internet ou meios tecnológicos para acompanhar as aulas. Os estudantes, neste sentido, privados de bens para acessar a educação, mesmo que seja direito garantido constitucionalmente em sua dimensão pública e para todos, encontram-se sob o risco de perder significativa parte, se não a totalidade, dos estudos necessários para a compreensão de si mesmos, das relações sociais em que se encontram inseridos, do mundo e de suas possíveis oportunidades.

Em relação à educação superior, o impacto da pandemia também foi profundo, sobretudo nas modalidades presenciais em que os acadêmicos foram orientados em função do isolamento social a aulas remotas. Também nesta modalidade de ensino parte significativa dos acadêmicos enfrentaram os limites tecnológicos a sua disposição, mas sobretudo o desemprego que se abateu sobre os jovens, limitando suas condições financeiras para que pudessem honrar mensalidades, custos do curso de graduação promovendo o trancamento de cursos e desistências. Por outro lado, neste contexto pandêmico, as Instituições privadas que vendem ensino a distância (EAD) no Brasil mantiveram suas atividades, bem como se ampliaram matrículas de novos

3 Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-04/mais-de-5-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-ficaram-sem-aulas-em-2020>

acadêmicos. Na contramão da oferta de educação para o maior número de pessoas, as universidades federais, nos últimos anos, vêm sofrendo cortes nos seus orçamentos.⁴ Isto implica a precarização do ensino, na medida em que bolsas de permanência estudantil são cortadas, contas de serviços básicos como energia elétrica são atrasadas, e serviços mantidos pela universidade, como segurança ou alimentação, sofrem impactos negativos. Não apenas para os estudantes, mas para os futuros professores da educação básica que são formados nos cursos de licenciatura de tais universidades, a educação parece um bem submetido unicamente a condições financeiras pessoais, uma vez que a oferta de permanência estudantil por meio de programas de auxílio tem se demonstrado cada vez mais escassa.

Aqui nos interessa, sobretudo, a educação pública, uma vez que ela abrange o maior número de estudantes da educação básica, está presente em todos os estados na educação superior e é administrada com dinheiro público, isto é, que advém dos impostos pagos pela população brasileira. É um bem público a que todo cidadão tem o direito de acesso garantido em texto constitucional.

Neste sentido, algumas perguntas, novamente, devem ser feitas. É possível que um país que não investe em suas crianças e adolescentes na educação básica, que não cria as condições básicas de acesso à educação como no contexto da pandemia da Covid-19, proporcione as condições educacionais adequadas para a formação cidadã? É possível que crianças e adolescentes, fora do convívio escolar, ou sem uma formação minimamente adequada, compreendam-se como sujeitos sociais, como cidadãos, partes do tecido social e responsáveis pelos rumos de uma sociedade? Em relação à educação superior, é possível que pesquisa, ensino e extensão sejam adequadamente desenvolvidos por estudantes que sequer possuem segurança nos campus em que estudam? Se a educação pública superior não tem oferecido aos estudantes mais carentes condições reais de permanência, então a quem serve esta educação? Ela realmente serve à maioria dos brasileiros que a partir de suas limitações salariais pagam seus impostos e contribuem para a manutenção das instituições? Ela realmente é pública, então, se não consegue atender a todos os interessados?

4 Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/12/ciencia-e-tecnologia-acabaram-em-11-anos-orcamento-do-mec-para-as-universidades-federais-cai-37percent.ghtml>

Tais questionamentos devem ser feitos, pois nos parece evidente que um país que não oferece às crianças e adolescentes condições mínimas de acesso à educação básica, um país que não oferece a seus universitários condições mínimas de permanência, assina diariamente o compromisso com a formação única e exclusiva de cidadãos que não se veem como parte da sociedade brasileira. Assina diariamente o compromisso com a reprodução das relações de exploração, de expropriação do trabalho e da vida, uma vez que passa a tomar como principal meta da educação básica o condicionamento do estudante para ser um futuro trabalhador pago com salário de miséria, e não um membro ativo da comunidade que compreende as dinâmicas sociais em que está envolvido. Assina o compromisso de individualizar as relações, fazendo com que sejam antes permeadas pelos interesses individuais do que pela consciência e, ação social.

É necessário também perguntar se esta realidade perpassada pela primazia da dimensão individual advém de um erro ou de um projeto de nação. É necessário perguntar se estes aparentes “erros” não possuem a finalidade de conformar justamente os brasileiros submetidos a exploração de seu trabalho, a expropriação de seus bens comuns, da vida, do próprio mundo. É necessário perguntar se a lógica meritocrática do empreendedor de si mesmo que é propagandeada diariamente não vai ao encontro da precarização da educação no sentido de gerar nos estudantes noções de concorrência que carregam a ilusão do sucesso profissional, mesmo que a formação que lhes tenha sido oferecida por vezes mal dá conta de ensinar-lhes as operações matemáticas básicas⁵.

Parece-nos necessário e urgente questionar os rumos da educação brasileira, ao mesmo tempo em que questionamos suas bases. Desde a formação dos professores, à garantia de condições de permanência nas universidades federais, é necessário questionar: quem é (des)educado com a educação ofertada no Brasil hoje? Quem serão, em 20 anos, os egressos da educação pública básica? Por que este modo de ensino, precarizado, é perpetuado? Por fim, é possível repensar a educação básica de modo que ela realmente seja um instrumento emancipador?

5 O Pisa (Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes) de 2018, aponta que 68,1% dos estudantes brasileiros de até quinze anos não possuem nível básico em matemática. Fonte: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206

Vemo-nos responsáveis por intensa e urgentemente questionar os rumos e as bases da educação pública brasileira. Não é possível que caminhando nos corredores de instituições de ensino superior não olhemos também àqueles que farão parte destes espaços, àqueles que já fazem e àqueles que sequer poderão frequentar tais instituições, dadas as inúmeras exclusões a que são submetidos ao longo da vida. Como estudante de licenciatura e professor, é nosso papel no mínimo questionar o que vem sendo feito com a educação pública brasileira. Para que ela seja berço de cientistas, pensadores, trabalhadores que, independente da função que ocuparem, possuam dignidade e vejam-se como cidadãos. Para que os dramas do cotidiano brasileiro diminuam na medida em que as crianças estiverem nas escolas e os adultos possuam empregos dignos. Para que a educação brasileira honre o nome de seu patrono, Paulo Freire.

Paulo era isso que tínhamos para compartilhar com você. Evidentemente a reflexão continua e precisa ser aprofundada. Enquanto, estivermos por aqui neste mundo resistiremos à barbárie, a reprodução do *ethos* colonial escravocrata que insiste em manter este povo e esta terra generosa na condição de colônia, submetida aos interesses de elites nacionais minoritárias subservientes as elites do capital financeiro internacional.

Viva! Um forte abraço Paulo! Inspirados em suas ideias e exemplo de vida reafirmamos a continuidade da luta por uma educação para a criticidade, para a criatividade e a autonomia das presentes e futuras gerações de brasileiros.

Com gratidão,

Ascurra (SC), 29 de julho de 2021.

Madeira de lei que cupim não rói

Artur Maciel de Oliveira Neto¹

Fabio Arlindo Silva²

Anna Augusta Sampaio De Oliveira³

“Fazer é a melhor maneira de dizer” (José Martí).

Querido Paulo, que esta carta leve junto, para você, amorosidade para mais uma semana de intervenções significativas nesse universo mágico e louco que é a educação brasileira.

Paulo, nesse último mês estive refletindo sobre a seguinte fala de Marx “a crítica arrancou as flores imaginárias que enfeitavam as cadeias, não para que o homem use as cadeias sem qualquer fantasia ou consolação, mas para que se liberte das cadeias e apanhe a flor viva”. O que seria essa “flor viva” nos cenários de debates da política inclusivista em educação? Quais seriam as cadeias que o professor precisa se libertar para que a inclusão seja efetivada? Dentro da conjuntura Bolsonaro/Lira é possível libertar-se dessas cadeias? A partir de que modelo de sociedade e de governo se construiu e se reproduz

1 Mestrando do programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI) pela Universidade Estadual Paulista. Atua como professor intérprete de Libras no CAS Mossoró/RN. <https://bit.ly/3vu1rT>

2 Doutor pela Universidade Estadual Paulista. Especialização na área de formação de professores e educação a distância (EaD). Atualmente, trabalho na assessoria pedagógica para EaD. <https://bit.ly/3wP8v5q>

3 Pós-doutorado em Educação (USP). Coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências (Unesp/Marília). <https://bit.ly/3aLVK2e>

cotidianamente tal ideário na educação brasileira? A minha prática pedagógica tem sido inclusivista? Estas e muitas outras inquietações surgiram no ato reflexivo. Ao passo que reflito sobre estas questões, ouço a voz do pernambucano, sempre meu mestre, que nos indos da minha infância já dizia “se a estrutura não permite um diálogo, a estrutura deve ser mudada”.

Permitam-me convidar para essa nossa conversa algumas pessoas como Vigotski (1997), Miranda (2003), Mendes (2010), Bezerra e Araújo (2010 e 2013), Corrêa & Manzini, (2012), Capellini & Lopes (2013), Souza, Dainez, Smolka, Scian e Hulshof (2014), para que dialoguemos nesse parangolé. Paulo permita nos compartilhar com você as reflexões resultantes da roda de conversas que fizemos com os autores já citados, prenuncio que não serão resultados definitivos, mas a ponta do novelo de Ariadne.

A educação inclusiva brasileira está alicerçada e comprometida com uma base de orientação capitalista neoliberal. Percebemos isso claramente ao analisarmos a história do surgimento da acunha educação inclusiva. Somente quando a escola (sistema educacional) for liberta das “cadeias” da alienação, começando a reconhecer os direitos de todos os alunos, conforme suas especificidades, dando condições para que todos aprendam e se desenvolvam plenamente, de forma global, sem fazer uso de discursos discriminatórios transvertidos de inclusivista. Vivenciaremos o que Bezerra e Araújo (2010, p. 265) chamam de uma “autêntica transformação social e, conseqüentemente, pedagógica”, somente após isso meu caríssimo Paulo é que teremos encontrado a “flor viva”, da analogia de Marx.

Ao lembrar-me do início da minha jornada na educação inclusiva, na terra dos altos coqueiros, aos 15 anos de idade, ainda escuto os discursos sem representatividade e sem locais de fala dos sujeitos foco, reverberarem após 18 anos de caminhada. Os discursos permaneceram inalteráveis ao longo dos anos, sempre acompanhado de ideologia, de manobras do estado, de concessões minúsculas para que as pessoas não lutem por seus ideais. A educação especial encontra-se diretamente ligada aos ideários do poder opressor, já que os oprimidos, impossibilitados de problematizar questões relacionadas à realidade que os oprime, simplesmente “aceitarão” esta realidade como ela é.

Os direitos continuam a serem negados, mas como diz a minha avó, um sorriso deixa tudo melhor. O Estado neoliberal nega os direitos pétreos com

um sorriso, pois ao afirmarem sorrindo (sorriso esse demonstrado através de suas magníficas propagandas) que a escola especial é melhor para o aluno com deficiência do que a escola inclusiva, eles mascaram o cruel veneno da segregação, da isenção estatal, do descompromisso educacional. Com esse sorriso tipicamente cruel das classes dominantes, o peso do sucesso educacional é depositado nos ombros das famílias, como se elas fossem os jardineiros com dedo verde capaz de fazer florescer a flor viva. Desprezam o fato de que a heterogeneidade das classes inclusivas são benéficas para todos os envolvidos devido as trocas e cooperações que ocorrem por meio das interações humanas (MIRANDA, 2003).

Nossos legisladores e professores de gabinete, pensam as leis e metas educacionais sem, contudo, considerar Vigotski (1994), que prega o meio social como fonte de desenvolvimento humano e constitutivo do ser humano. Quando estes sujeitos não consideram o “chão da escola”, eles desprezam a organização escolar, o cotidiano da escola e os alunos que consideram a escola como um porto seguro em meio ao turbilhão de problemas sociais e estruturais que são suas casas. Nós educadores precisamos trabalhar a nossa representatividade nos ambientes sociais, para que assim possamos problematizar as relações de ensino e conquistar condições dignas de trabalho.

Infelizmente enquanto não nos unirmos, e nossos sussurros não se tornarem tão insuportáveis quanto uma moscaria de madeira que faça o “cavalo” não ter mais forças para abanar o rabo. A educação para todos e de todos não acontecerá, continuaremos a ser ilhas, e em alguns casos meu caro Paulo ouviremos nossos alunos cantarem a música de Chico Buarque *“Apesar de você/ Amanhã há de ser/ Outro dia/Eu pergunto a você/Onde vai se esconder/... Quando chegar o momento/ Esse meu sofrimento/ Vou cobrar com juro, juro/Esse grito contido/Você vai pagar e é dobrado/Cada lágrima rolada/ Nesse meu penar/ O jardim florescer/ Qual você não queria/ Você vai se amargar/ Vendo o dia raiar/ Sem lhe pedir licença/E eu vou morrer de rir/ Que esse dia há de vir/Antes do que você pensa...”*

Nossos alunos tem clamado de diversas formas para que deixemos os seus jardins florescerem, e para que sejamos a diferença em suas vidas. Clamam para que tiremos o sistema da inércia, e coloquemos em prática a pedagogia do parangolé e dá afetividade. De nada adianta o Estatuto da Pessoa com

Deficiência, o PNE, a BNCC, os decretos, as portarias, as resoluções, as notas técnicas e as leis que dispõem sobre a educação especial e inclusiva, se as escolas continuam a exercer práticas arcaicas e excludentes.

Aqui destaco três “Hiatos de Trólósó”, com três acentos mesmo, como dizia um amigo e professor de língua portuguesa que tive. Estes hiatos existentes entre as políticas públicas e as práticas pedagógica em educação inclusiva, e as principais contradições que emergem do cotidiano escolar no “País de Troloso”. Enquanto pesquisadores da linha de formação de professores, temos dialogado semanalmente sobre o arcabouço jurídico e suas implicações benéficas na vida do sujeito com deficiência, mas como bons brasileiros a lei que mais cumprimos é que não se encontra em nosso arcabouço jurídico, a “Lei de Gérson”.

Em 2018 o setor de educação especial orgulhosamente anunciou para quem quisesse ouvir que em 10 anos havia ensinado Libras para mais de 5 mil alunos ouvintes da rede municipal. Contudo, quando colocamos os dados apresentados no microscópio vemos que não foi bem assim. O programa possui 3 professoras pedagogas ouvintes, sem formação formal na área de Libras, e a cada 15 dias elas vão até a escola que possui um aluno surdo matriculado e ensinam alguns sinais a turma o qual o aluno está matriculado ou ensaiam uma música com uma parte da turma, essas três professoras visitam cerca de 7 escolas cada. Salientamos que só existe 1 interprete no município para dá conta de 27 alunos surdos e das demandas que as secretarias municipais exigem. Mas voltemos a análise desse primeiro hiato, que chamarei de hiato linguístico, a média de alunos por cada escola frequentada é de 250 alunos por turno, e por turma de 35 alunos. Logo se vou a escola quinzenalmente ensinar alguns sinais soltos a uma única turma, estou negando o direito que o aluno surdo tem de se comunicar com os 215 colegas restantes da escola, acrescido o fato de que se o aluno passar 4 anos na escola ele ficará na mesma turma durante estes 4 anos, logo serão 35 alunos vezes 4 anos, 140 alunos. Esse cálculo é irreal, pois estou multiplicando os mesmos alunos, não são alunos novos. Vocês devem estar se perguntando e se o aluno mudar de turma, a cada ano não seria melhor? Neste caso, o setor de educação especial chama a diretoria e manda colocar o aluno da turma que ele estava, pois segundo os professores da SRM é melhor (não sei para quem). Embora divulguem números irreais, a cruel realidade é que o

aluno surdo nesse caso continuar a ser uma ilha cercada por um mar de silêncio e de segregação linguística.

O segundo hiato é o que denominaremos de hiato estrutural, recentemente a prefeita assinou um decreto para que a cidade se torne acessível. Logo as praças e calçadas começaram a serem reformadas, no final de 3 anos todas as praças da cidade possuíam acessibilidade, só esqueceram das escolas nessa onda reformista. As escolas continuam sem rampa, com portas que não passam as cadeiras de roda, mesas não adaptadas, sem ventiladores. Aconteceu em uma determinada escola da periferia que todo dia os professores precisavam carregar o aluno de 15 anos nos braços para dentro da sala e sentá-lo numa cadeira comum, pois a cadeira de rodas além de não passar na porta não cabia na sala devido a quantidade de alunos x espaço físico. Gerando um desconforto tanto para o aluno quando para o corpo docente. Vemos aqui a realidade comum a todos, a exclusão arquitetônica.

Por fim, apresento o hiato pedagógico. O município de Trolosso possui uma lei chamada popularmente de 14^o salário, as escolas são avaliadas em diversos critérios e as melhores, todos os profissionais da escola recebem o 14^o salário ao final do ano. Alguns dos critérios são: formação continuada de todos os funcionários, trabalhos acadêmicos publicados, projetos realizados pela escola, inovações pedagógicas, frequência dos alunos, índice de reprovação, entre outros. Os alunos com deficiência são excluídos desse processo, pois não existe critérios diferenciados, para aquele aluno que só consegue chegar na escola se o ônibus que passa na sua porta for acessível. Logo tornou-se uma prática comum as escolas maquiarem alguns dados, como por exemplo a frequência e as notas, aprovando o aluno sem que ele tenha as condições mínimas exigidas, só para que a escola não perca o 14^o salário. E nessa busca por esse prêmio, já vi supervisores orientado aos professores não colocar falta nos alunos com deficiência, pois o cuidador não poderia ir aquela semana então a escola orientou que o aluno ficasse em casa. Acrescido ao fato que o setor de educação especial determina a escola que pode ser realizada a pesquisa, os pesquisadores são sempre encaminhado para as ditas escolas modelo, tudo numa tentativa de mascarar a cruel realidade vivenciada cotidianamente.

Esses hiatos são apenas alguns vivenciado cotidianamente nos bastidores do grande espetáculo, promovidos pelo poder público, chamado escola

inclusiva. A cada dia a política neoliberal busca meios para apaziguar os anseios de uma sociedade que não se contenta mais com determinadas situações. Estes hiatos, meu caro Paulo, reforçam as ideias de Mendes (2010) que apregoa a educação especial como um sistema dual, assistencialismo filantrópico e um sistema educacional fragilizado, o qual cada dia torna engrossam as grandes que nos prendem.

Diante do exposto e de tantos gritos sociais lecionar tornou-se nesses últimos tempo um ato resistência, de subversão, de rebelião. Diante de um (des) governo que vem desmontando as instituições do país, de um Ministério da Educação cuja a única política aplicada é a da procrastinação, e que promove constantes ataques neoliberais a educação pública, que quer passar os recursos públicos para mãos privadas, virando de costas para a grande maioria da população. De um Ministério Público que constantemente ataca as escolas sem considerar os inúmeros cortes de verba e de pessoal. Nesse contexto os professores tem se erguido valorosamente e gritado que a injustiça dói, que queiram ou não queiram os governantes nossos vamos conseguir fazer com que o aluno aprenda, afinal “nós somos madeiras de lei que cupim não rói”.

Nesses últimos anos vi o gigante levantar-se três vezes, mas também vi a elite dominante colocar o gigante de joelhos e castiga-lo em doses homeopatas. Caríssimo mestre, se é necessário que rompamos com o neoliberalismo, iniciemos o movimento, antes que algum oportunista o faça.

Paulo, você teria orgulho de ver os professores nesse processo de resistência, se reinventando, buscando levar aos estudantes os ideais de emancipação, cidadania e justiça social. Os membros da resistência por uma educação emancipadora, tem apregoadado uma visão libertadora, que aceita todo homem e mulher como agentes de sua transformação. Algo que os defensores da educação bancaria e neoliberalista consideram como ideologizar o ensino. O professor nem mesmo durante a pior pandemia da humanidade se entregou ao fatalismo, negando ao educando o conhecimento de sua opressão, e permite a ele se libertar.

Paulo, como Leão do Norte que somos, sabemos a importância da resistência e da insurgência muitas vezes, sabemos que queiram os não queiram os “juízes” nosso bloco é campeão, pois somos madeira de lei que cupim não rói, e que se hoje lecionamos é porque a injustiça dói, contudo mesmo sofrendo,

nunca deixaremos de lecionar em amorosidade e de mostrar ao nosso estudante que a vida é bonita é bonita é bonita!

Concluo esta carta Paulo, fazendo uso de umas das celebres frases de Yoda “Faça ou não faça. A tentativa não existe”.

Amplexos,

Mossoró (RN), junho de 2021

O saber crítico muda nossa história

Sandra Regina da Rocha¹

Querido Paulo Freire,
Escrevo-lhe essa carta em forma de gratidão pela sua enorme dedicação e contribuição a educação do Brasil e do mundo. O ensinar e aprender faz parte da história do meu povo, da minha família africana e nordestina, que através do tempo, sofreu vários tipos de escravização e opressão. Contudo, através do saber crítico mudamos nossa história.

Na minha raiz familiar estão pessoas oprimidas pela falta do acesso à educação e aos bens sociais e culturais. Mas essas pessoas guerreiras da vida e de sonhos lutaram muito lá no sertão; lá onde muitos não lutam porque roubam seus sonhos, seu direito de acreditar que todos merecem ser cidadão. Querido Freire, você trouxe, com o seu saber, uma luz diferente aos olhos das pessoas que as fizeram acreditar que estudar não era para todos - quanta tristeza não ter o direito nem do sonho.

Mas apareceu alguém para mostrar que todos podem aprender e além de aprender ser agente de sua própria história, dar esperança para quem só tinha força de trabalho. Sou filha desse povo forte, batalhador, terreno ao qual você semeou esperanças e sonhos.

O sonho da minha mãe era ter uma filha professora, ela que nem frequentou a escola, pois era “apenas” uma mulher. Opressão. Sorte dela, tem 3 filhos professores, que amam a educação. E eu busco aprender com você a boniteza e responsabilidade de ensinar em tempos tão difíceis, (você passou

¹ Sou professora da Educação Básica da Rede Municipal de Londrina e Estadual do Paraná, Cientista Social e militante do Movimento Negro, da Mulher e da Educação, mãe da Maria Flora.

por tempos bem difíceis, eu sei) onde existe uma total desvalorização do educador, ser professor crítico tem sido um ato de amor e revolução. Os tempos difíceis voltaram com nova roupagem. Mas buscamos seguir firmes no objetivo de ensinar a leitura do mundo.

Muito obrigada por sempre me lembrar da alegria e da boniteza dessa profissão, pois mesmo com tantas dificuldades tento não esquecer do querer bem os estudantes e levá-los a ser críticos.

Obrigada por sua eterna existência

Um abraço fraterno

Londrina (PR), 17 de junho de 2021.

Um convite a práticas freireanas nos cursos de Direito

Phillipe Cupertino Salloum e Silva ¹

Ana Carolina Graciano Castro ²

Arleandro Silva dos Santos ³

Eloisa Aparecida da Silva Ávila ⁴

Jhenyffer Skopek Cabral ⁵

Luiza Nogueira Souza ⁶

Querido Freire,
Nesta carta, vamos tomar como objeto as experiências do projeto de extensão “AJUP Caliandra do Cerrado”, desenvolvido no curso de Direito da Universidade Estadual de Goiás – Campus Norte, que está situado na cidade de Uruaçu. Somos um coletivo, majoritariamente composto por estudantes da graduação, atuamos desenvolvendo parcerias e trabalhos com movimentos sociais, em especial, povos e comunidades tradicionais, atendendo demandas políticas, burocráticas e jurídicas, assim como desenvolvendo práticas voltadas para educação em direitos humanos.

Buscamos refletir como o pensamento de Paulo Freire pode fornecer subsídios metodológicos e teóricos para oportunizar espaços de diálogos e trocas entre estudantes, profissionais do mundo jurídico e os movimentos sociais

1 Doutorando em Direito pela UFRJ e professor de Direito da UEG

2 Estudante de Direito da UEG

3 Estudante de Direito da UEG

4 Estudante de Direito da UEG

5 Estudante de Direito da UEG

6 Advogada, pós-graduada em Direito Civil e em Direito Constitucional

que permitam colocar a universidade e o Direito a serviço da transformação social e do enfrentamento às diferentes formas de opressão.

Desta maneira, para ilustrar como a prática de extensão popular no curso de Direito tem o potencial de promover espaços de aprendizado mútuo, onde o conhecimento é construído de forma conjunta e dialeticamente, optou-se neste trabalho por relatar como se deu a organização do seminário “Maio Cigano: conquistas e lutas”, realizado no ano de 2021 e transmitido virtualmente pela plataforma do YouTube. Uma vez que este evento ocorreu por iniciativa da Associação Comunitária dos Ciganos de Condado (ASCOCIC) e da Associação de Preservação da Cultura Cigana do Estado do Ceará (ASPRECCEC), por meio das lideranças Maria Jane e Seu Eudo,⁷ convidaram o nosso projeto de extensão e o grupo “Navega(arte)” (UEPB), para auxiliar na operacionalização da atividade, assim como na sua divulgação.

Com frequência somos questionados sobre o que consiste exatamente a “AJUP”, o que fazemos, o que somos. Há as vezes uma expectativa que, pelo fato da nossa sigla significar “Assessoria Jurídica Universitária Popular”, nossas atividades sejam confundidas com as atribuições das práticas de estágio oferecidas pelas faculdades de Direito, que prestam assistência gratuita àqueles que não possuem condições financeiras de acessar a justiça. Inclusive já fomos procurados para representar ações previdenciárias, trabalhistas, divórcio e assim por diante.⁸ Mas, afinal de contas, o que faz uma “AJUP”?

Primeiramente, é importante falarmos que a “AJUP” consiste numa prática composta pelo tripé “formação”, “ação” e “organização” que é inspirada no legado de Paulo Freire acerca da educação popular. A partir das parcerias com movimentos sociais, associações e demais formas de coletividades,

7 Tratam-se de duas representações ciganas da etnia *Calon* que atuam politicamente em suas respectivas comunidades e também em órgãos colegiados estaduais. A ASCOCIC, presidida por Maria Jane, tem sede no município de Condado-PB e a ASPRECCEC tem sede no município de Caucaia-CE. Ambos são parceiros e constroem lutas em conjunto mobilizando outros ciganos para lutar por políticas públicas e direitos humanos.

8 Sobre pressupostos teóricos que fundamentam a “AJUP Caliandra do Cerrado”, sugerimos a leitura de artigo de autoria de alguns integrantes desse projeto. FILHO, J. A. S. et al. A Assessoria Jurídica Popular em tempos de pandemia: a experiência da extensão popular em direito na Universidade Estadual de Goiás entre anos 2019-2020. *Expressa Expressão*, Pelotas, v. 26, n. 1, p. 68-83, 2021.

engajadas nas lutas sociais ou pautas relacionadas à diversidade cultural, atuamos em questões e demandas apresentadas por estes, entendendo esta relação entre a universidade e grupos historicamente oprimidos como um espaço de diálogos, de trocas, de educação não colonial, não etnocêntrica e libertadora, voltada para a alteridade, e sobretudo de fortalecimento político das organizações.

Sendo assim, ao mesmo tempo que se entende a “AJUP” como um espaço de aprendizado e de formação de juristas comprometidos e comprometidas com o enfrentamento de todas as formas de opressões, é também uma articulação que promove um esforço de proporcionar uma educação voltada para os direitos humanos à medida que atua em parcerias com os movimentos sociais. Qual seria então a principal contribuição de Paulo Freire para a nossa “AJUP Caliandra do Cerrado”?

Nesse sentido, a principal obra que nos inspira, *Pedagogia do Oprimido* (1974), apresenta não apenas o que se chama de método em “educação popular”, mas provocações de natureza ética. Uma vez que Paulo Freire se posiciona e se coloca para pensar formas de atuação política não apenas no âmbito do ensino formal, mas também voltada para a tomada de consciência e a superação das opressões, no sentido de lutar contra a lógica do capital que opera nas mais diferentes formas de relações sociais, culturais e econômicas.

E compreendemos que o compromisso ético com o povo oprimido, com os grupos vulneráveis, ter um lado, e atuar em conjunto, entendendo o protagonismo destes nas suas lutas, aprendendo e ensinando novos saberes a partir da realidade concreta, pode e deve ser assumida pelos estudantes e profissionais do Direito. Nas palavras de Paulo Freire, “somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores” (1974, p. 24), em outras palavras, no momento em que os oprimidos se libertarem, os opressores deixarão de existir, e assim ambos encontrariam a liberdade.⁹

O ensino jurídico, a formação de profissionais ligados ao Direito, inspirado nas reflexões de Warat, não devem se limitar ao conhecimento das normas, sobretudo conhecer de “gente”, acessar a realidade, as contradições, desigualdades e injustiças sociais.¹⁰ Transcendendo o aspecto exclusivamente

9 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

10 WARAT, Luís Alberto. **Educação pela despinguinização**. Casa Warat, 2007.

formalista, e buscando compreender o fenômeno jurídico, como ele surge, a quem ele serve, como pode ser mobilizado para oprimir, segregar e discriminar, reforçando lógicas colonialistas que hoje fortalecem o sistema capitalista. Para tanto, aliamos a perspectiva de educação popular em Paulo Freire aos estudos relacionados às vertentes teóricas do “direito insurgente”,¹¹ das “teorias críticas dos direitos humanos”¹² e do “direito achado na rua”.¹³

Concordamos com Paulo Freire quando defende que a libertação do estado de opressão é uma “ação social”, não podendo, portanto, acontecer isoladamente, uma vez que os homens e as mulheres são “seres sociais” e por essa razão, a consciência e transformação do meio deve acontecer em “sociedade”. Por outro lado, assumimos também que há limite na nossa atuação enquanto “AJUP”, pois não é um projeto de extensão em si que vai transformar a realidade, e sim as pessoas que mudam o mundo.

Dessa forma, um dos nossos principais propósitos enquanto “AJUP” é colaborar para a problematização da realidade e instigar a organização dos próprios grupos que atuamos a batalharem pelos seus direitos e contra as opressões, e apresentar simultaneamente aos estudantes e profissionais juristas uma diferente perspectiva de atuação jurídica, não cabendo a nenhum de nós ficarmos em “cima do muro” em face dos processos que promovem a desumanização das coletividades historicamente subalternizadas na sociedade e todas as suas implicações.

Enquanto “AJUP”, a partir do ano de 2020, por conta das lutas que acompanhamos, nos aproximamos das pautas dos movimentos dos povos ciganos. É fundamental que a universidade reflita a realidade destes povos, se

Disponível em: <http://luisalbertowarat.blogspot.com/2007/04/educacao-pela-des-pinginzao.html>. Acesso em: 06 abr. 2021.

11 Sugerimos a leitura do seguinte trabalho: PAZELLO, R.; SOARES, Moisés Alves. Direito e marxismo: entre o antinormativo e o insurgente. *Rev. Direito e Práxis*, v. 5, n. 9, 2014.

12 Para compreender as diferenças entre as teorias tradicionais e as teorias críticas, recomendamos o seguinte trabalho: BERNER, Vanessa Oliveira Batista; Raphaela de Araújo Lima Lopes. Direitos Humanos: o embate entre teoria tradicional e teoria crítica. In: CONPEDI. *Filosofia do direito*. Florianópolis, 2014.

13 Sugerimos a leitura do seguinte trabalho: SOUSA JÚNIOR, J. Geraldo de. O Direito Achado na Rua: condições sociais e fundamentos teóricos. *Rev. Direito e Práxis*, v. 10, n. 4, 2019.

colocando como um instrumento de transformação social e de ruptura com o anticiganismo.

O Estado brasileiro possui uma dívida histórica com os povos ciganos. Embora sejam os primeiros habitantes a ocupar esse território, desde o início do processo de colonização, há uma dificuldade de reconhecer a sua contribuição para formação social, econômica e cultural do país.¹⁴ De um lado são recorrentes narrativas de lideranças e representações ciganas durante as audiências públicas e demais espaços da esfera pública, como atividades ou eventos estatais, onde são trazidos relatos de violência, discriminação racial, restrições de direitos em geral, como educação, saúde, moradia, trabalho e segurança.¹⁵ Simultaneamente, tais questões ainda são pouco conhecidas pela sociedade majoritária, inclusive levando em consideração o campo de atuação dos direitos humanos e das AJUPs.

Ao observarmos a relação entre os povos ciganos e as práticas estatais, especialmente no âmbito do Sistema de Justiça, é possível dizer que tanto no passado, como também no presente, os aparelhos repressivos e o direito penal é que mais se aproximam da realidade desta minoria étnica. Ao passo que há uma dificuldade e resistência de incluí-los nas políticas públicas de enfrentamento à pobreza, ao racismo e à ciganofobia no país. Todavia, não podemos ignorar que nos últimos anos, especialmente a partir da década de 2000, graças à organização e luta dos movimentos ciganos, ocorreram alguns poucos avanços em termos de reconhecimento e aproximação com a burocracia estatal. Em termos exemplificativos, podemos citar o decreto presidencial que reconheceu o “24 de maio” como o “Dia Nacional do Cigano”.¹⁶

14 Sobre esta questão, sugerimos a leitura sobre a relação entre os povos ciganos e os direitos humanos pensadas a partir de uma perspectiva decolonial: SILVA, P. C. S. Gypsies, Coloniality and the Affirmation of Human Rights in Brazil. *Journal of Gypsy Studies*, v. 2, n. 1, 2020.

15 Sobre a inserção dos povos ciganos nas políticas públicas, indicamos o seguinte trabalho: SILVA, P. C. S; FIGUEIRA, L. E. V. Direitos, Identidade e Povos Ciganos: Um estudo sobre as fronteiras dos processos de normatização da ciganidade no Brasil. *Revista Direitos Culturais*, Santo Ângelo, v. 15, n. 35, 2020.

16 Decreto de 25 de maio de 2006 que institui o “Dia Nacional do Cigano”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/dnn/dnn10841.htm>. Acesso em: 27 jun. 2021.

Entendendo a importância de aproximar o estudante e a comunidade universitária da realidade do povo, inclusive das minorias étnicas como os ciganos, a “AJUP Caliandra do Cerrado” vem promovendo aproximações desde o ano de 2020. Nesse sentido, auxiliamos a ASPRECCE e a ASCOCIC, associações ciganas respectivamente do estado do Ceará e da Paraíba, a realizarem atividades comemorativas de forma virtual em alusão ao “Dia Nacional do Cigano”. Tais esforços foram empreendidos em parceria com o projeto de extensão “Navega(arte)” (UEPB).

Nosso papel enquanto universidade foi oferecer a estrutura institucional para realizar o evento na modalidade seminário acadêmico, divulgar, certificar os participantes e mediar os debates. Já que os representantes das organizações ficaram com a responsabilidade de convidar outras lideranças ciganas para palestrarem em dois dias de eventos. Frisa-se que todos(as) palestrantes das atividades foram ciganos e ciganas que integram lutas coletivas, que são ativistas e que também ocupam espaços na academia, em que abordaram suas trajetórias de vida, apresentaram as demandas mais urgentes desta coletividade, discutindo temas relacionados à educação, saúde e políticas públicas em geral.

No dia 20 de maio, em mesa intitulada “Trajetórias, Processos e Caminhos”,¹⁷ fizeram exposições orais as lideranças ciganas na seguinte ordem: Maura Piemonte, Maria Jane e Marcilânia Alcântara. A primeira palestrante enfatizou a atuação dos órgãos colegiados nacionais, regionais e locais, como o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial e o Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais. A segunda participante da mesa, que é formada em Pedagogia, abordou sua trajetória de vida, as dificuldades para acessar a escolarização formal, por ser cigana e trabalhadora, desde muito cedo, fornecendo também destaque aos obstáculos encontrados na relação com as autoridades locais para ouvir e dar atenção às demandas dos povos ciganos. Por fim, a última palestrante, que é professora da rede municipal, trouxe mais elementos sobre a questão da educação, da necessidade de preparar os profissionais de ensino para atuarem em um

17 A atividade foi transmitida pela plataforma YouTube e até a finalização desta carta teve 201 visualizações. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r-5cKkRDv8-s&t=6s>. Acesso em: 23 jun. 2021.

ambiente perpassado pela diversidade étnica-racial, assim como levantou a reivindicação por políticas afirmativas de acesso à universidade e formações profissionalizantes e principalmente no incentivo à inserção de jovens ciganos no mercado de trabalho.

No dia 24 de maio,¹⁸ contou-se com a presença de duas lideranças ciganas também da etnia *Calon*, atuantes na Pastoral dos Nômades¹⁹. Primeiramente palestrando Jucelmo Dantas, professor adjunto do curso de Agronomia da Universidade Estadual de Feira de Santana, reconhecido como o primeiro cigano a obter o título de doutor no Estado da Bahia. E, em seguida, palestrou Marcondes Dantas, advogado, tendo sido bolsista do programa PROUNI e sendo também o primeiro aluno cigano a ingressar no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande Norte por meio de política afirmativa específica. Ambos trataram e entrelaçaram suas respectivas trajetórias pessoais aos desafios que enfrentaram, assim como muitos ciganos, para completarem a formação formal, sobretudo aqueles que ainda possuem práticas itinerantes ou que vivem em moradias precárias.

Todas as falas em alguma medida trouxeram reivindicações por mais ações do Estado em todos os âmbitos (municipal, estadual e federal), assim como denúncias quanto às situações recentes de violação de direitos humanos. Destacando, principalmente, a importância de que os próprios ciganos e ciganas devam ocupar os espaços de visibilidade na esfera pública, seja na academia, seja na interlocução com o Estado, para que possam tratar diretamente de assuntos relacionados às suas comunidades e sobre a etnia cigana em geral. Sem deixar de mencionar o convite destas lideranças aos

18 A mesa “Povos Ciganos, Políticas Públicas e Direitos” foi transmitida pela plataforma YouTube e até a finalização desta carta teve 371 visualizações. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3eOCWUAYAkgt=1212s>. Acesso em: 23 jun. 2021.

19 Segundo informações colhidas no próprio website desta organização, “a Pastoral dos Nômades é um serviço da Igreja Católica Apostólica Romana que se dispõe a atender pastoralmente aos ciganos, circenses e os parquistas. Em suas atividades e metodologia, a PN caracteriza-se pela busca da encarnação evangélica e da inculturação, buscando o contato e o convívio com o ambiente nômade, evitando qualquer forma de paternalismo ou de dominação cultural” (PASTORAL DOS NÔMADES, [s/d]).

espectadores a conhecerem mais a realidade étnica cigana, sem reproduzir os estereótipos e estigmas negativos que foram historicamente construídos. Além de convocar a todos(as) à adesão às lutas por direitos.

Gostaríamos de destacar nesta carta que a principal intencionalidade da atuação da “AJUP Caliandra do Cerrado” com a realização e a organização de um evento em parceria com lideranças do movimento cigano é proporcionar um ambiente de aprendizado, de diálogos e trocas com sujeitos que trazem saberes, vozes e formas de encarar o mundo que ainda possuem pouco espaço no ambiente universitário, em especial no curso de Direito, em que ainda há uma preponderância de valores elitistas, excludentes e que prestigiam formas de racionalidades ligadas ao padrão eurocêntrico. Não se tratando apenas de uma oportunidade para conhecer os ciganos, o que é fundamental, mas acima de tudo de conhecer por eles mesmos, suas narrativas, suas dores, como eles enxergam o Estado, de modo a despertar a indignação com as injustiças e a desumanização que passam as minorias étnicas e se solidarizarem com suas lutas.²⁰

Por fim, devemos dizer que não há uma fórmula ou um manual específico para desenvolver essa modalidade de prática de extensão. Buscamos dar ênfase nesta carta a partir do presente relato que o mais importante para as AJUPs é o compromisso ético dos seus participantes e militantes com a transformação social, com o enfrentamento das desigualdades e de todas as formas de opressões.²¹ Disputando novos sentidos para compreender e atuar em face do fenômeno jurídico, sendo as lutas sociais o principal combustível para aprender e atuar nesse campo.

As desigualdades potencializadas pela pandemia, causada pelo “Covid-19”, acarretaram novos desafios para a universidade e para a sociedade como um todo. Ao mesmo tempo em que modificamos nossas formas de atuação

²⁰ Nos inspiramos no artigo de Ranulfo Peloso sobre trabalho de base para pensar o valor/princípio da “indignação”. PELOSO, Ranulfo. Resgatar o espírito de militância. *In: Setor de Formação – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Brasil). Método de trabalho base e organização popular. 2009.*

²¹ Para aprofundar sobre os pressupostos éticos políticos que perpassam a prática das AJUPs, sugerimos a leitura da tese de doutorado defendida na Universidade Federal da Paraíba. ALMEIDA, Ana Lia V. de. *Um estalo nas faculdades de direito: perspectivas ideológicas da assessoria jurídica universitária popular. 2015. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.*

profissional e também política, devido às medidas de distanciamento social fundamentais para o enfrentamento desta doença, convivemos e assistimos também ao aumento da pobreza, da miséria, da ampliação das vulnerabilidades sociais e lamentavelmente dezenas de milhares de vidas perdidas. No caso da experiência aqui narrada temos um exemplo de aproximação e de estreitamento de relações que ocorre por conta deste contexto em que precisamos dar continuidade às atividades, porém de forma remota.

Não podemos deixar de registrar nessa carta nossa homenagem ao advogado e pesquisador Marcondes Dantas que participou da nossa atividade, quando apresentou os primeiros sintomas do Covid-19 e por conta de complicações causadas por esta doença veio a óbito no dia 16 de junho de 2021. Mas também demarcar nossa revolta e indignação, pois perdemos um jovem de 34 anos, ativista cigano, pesquisador e jurista que apostou nos estudos e na militância como uma forma de lutar contra a ciganofobia e pela inclusão social de seu povo *Calon*. Ressaltamos que a partida precoce de Marcondes não será em vão e que o luto que nos acomete será convertido em combustível para fortalecermos nossas lutas pela transformação social.

Esperando transformação social,

Uruaçu-GO, 28 de junho de 2021.

Os não-encontros nos territórios rurais

Luís Fernando Soares Zuin¹

Querido Paulo, Passados mais de 44 anos depois que você publicou o livro “Extensão ou Comunicação?”² ainda vivenciamos os caminhos e forma de ensinar difusionista em boa parte das interações pedagógicas nos territórios rurais brasileiros. Independente do sistema produtivo, ou do tamanho da propriedade rural, uma parte significativa dos técnicos que atuam no campo acredita que somente eles ensinam. Por isso não é necessário ter a visão do mundo dos agricultores que interagem nos momentos de assistência técnica ou extensão rural. Como você bem explicou Paulo. Para este profissional das ciências agrárias, o importante é transferir de forma bancária o seu conhecimento acumulado de forma hierarquizada para o produtor rural, sua família e funcionários. Eles realmente acreditam que leitura da palavra, aquela que eles trazem dos seus cursos técnicos de graduação, em agronomia, veterinária, zootecnia, entre outras profissões que atuam no campo, deve vir antes da leitura do mundo que o agricultor se encontra.

1 Docente do Departamento de Engenharia de Biosistemas da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP). Líder do Grupo de Estudos em Metodologias para Assistência Técnica e Extensão Rural Digital (GEMATERdi-FZEA-USP) e também do Laboratório de Comunicação Rural (LACOR-FZEA-USP). Formado em Zootecnia (UNESP-FCAV) com doutorado em Engenharia de Produção (DEP-UFSCar). Contato: lfzuin@usp.br

2 FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2015.

A imposição de informações presente nos encaminhamentos pedagógico, originadas nos conhecimentos historicamente constituídos nas universidades e centros de pesquisas agropecuárias, sejam elas governamentais ou privadas, resultam todos os dias os mais variados não-encontros nas interações entre produtores e extensionistas rurais. Você pode se perguntar: como assim um não-encontro, se ele aconteceu? Eu explico Paulo. Mesmo acontecendo a interação de forma presencial no campo, entre produtor e extensionista, não resultou em nada que ajudasse o produtor a melhorar a sua vida e de sua família. Foi uma perda de tempo. Neste caso, fica claro as dificuldades que esses sujeitos enfrentam em se comunicarem, visando a construção participativa de territórios rurais, que sejam ambientalmente sustentáveis e socioeconomicamente justos. Na prática, o produtor rural não confia nos resultados possíveis que estão sendo ofertados, para as suas rotinas produtivas, que a nova tecnologia oferece. Não há uma construção histórica de laços de confiança entre esses sujeitos. Ocorre o não-encontro.

Eu acredito que o não-encontro tem início antes da interação presencial nos territórios rurais. Ele é construído historicamente na educação desses técnicos nos cursos de graduação que envolvem as ciências agrárias. Constituído de uma parte significativa, os professores desses cursos apresentam uma postura hierarquizada e monológica, onde seus enunciados são unidirecionais e a relação é hierarquizada entre aluno e professor. Ocorre continuamente nos encontros na sala de aula aquilo que você descrevia como educação bancária, a acumulação de informação sem um exercício de criticidade dos seus conteúdos. Pouco mudou da sua época. Algumas escolas tentaram introduzir disciplinas e metodologias de ensino de extensão rural com seus ensinamentos, aulas mais dialógicas, menos hierarquizadas, buscando que este profissional que apresentasse uma alteridade dialógica para com o outro. Mas mesmo nessas disciplinas, em alguns casos, as aulas ocorriam de forma monológica, por meio de palestras, com uma comunicação unidirecional. O que não ajudava muito na formação dialógica deste profissional das agrárias de uma alteridade, que como você dizia, deveria buscar primeiro a visão de mundo das pessoas que vivem e trabalham nos territórios rurais. Entretanto, nos lugares onde a condução da disciplina obedecia aos seus ensinamentos ela também não costuma impactar significativamente os alunos a mudarem

suas posturas monológicas e difusionista. Pois ela estava sozinha num mar de encontros monológicos e difusionista de outras disciplinas. O interessante seriam que todas, ou boa parte das disciplinas, fossem dialógicas nos seus encaminhamentos pedagógicos. Como na sua época, hoje, ainda não aconteceu.

Com essa formação na postura difusionista quando nossos alunos deixam as universidades e vão trabalhar no campo na Assistência Técnica ou Extensão Rural, principalmente para agricultura familiar, ocorre inúmeros não-encontros, nas interações no campo. Há uma dificuldade profunda desse jovem profissional de se colocar no lugar do outro, do agricultor e sua família. No momento das interações nos territórios rurais com os agricultores, quando este jovem profissional interage com eles há um conflito de interesses, o que é natural. Geralmente, este jovem é um vendedor de insumos agropecuários de alguma empresa de insumos agropecuários, que possui metas de volume de vendas dos seus produtos. Do outro lado, um agricultor que não raro encontra-se descapitalizado, e que também está muito duvidoso da eficiência e eficácia dos produtos que estão sendo oferecidos. Já que historicamente com outros vendedores, em muitos casos, a compra e introdução de novos produtos, esses insumos agropecuários, não deram certo nas suas rotinas produtivas, ocasionando em muitos casos o agravamento de sua condição financeira.

Por causa dessa desconfiança em adquirir novos produtos é comum que o agricultor seja rotulado, por uma parte dos profissionais de agrárias que atuam no campo, como uma pessoa tradicional, teimosa, que não gosta da inovação. Na verdade Paulo, como você sabe, essa esse rotulo depreciativo que o produtor rural recebe possui origem na falta do profissional das agrárias em se colocar no lugar do outro. Eu sinceramente não acho que seja de propósito essa postura, esse jovem apenas não foi educado para isso. O jovem técnico não consegue ver e depois se sensibilizar com a realidade que passa na sua frente.

Nos preocupa o desconhecimento desse jovem nos caminhos pedagógicos dialógicos, usados para compartilhar e construir novos conhecimentos de forma participativa no campo. Como eu já escrevi, ele aprende a ser difusionista e monológico durante as suas vivências no seu curso superior. Então quando chega no campo pensa que é professor e o agricultor o aluno,

imediatamente, tenta construir uma relação hierárquica e monológica. Ele acredita que o conhecimento científico que acumulou em horas intermináveis na faculdade, na sala de aula e também nos laboratórios de pesquisa, vai resolver todos os problemas no campo. Ele pensa que está certo, busca na sua educação bancária os conteúdos e encaminhamentos, para se ter sucesso no momento da interação, de convencer o agricultor a comprar algum produto seu. Ele ainda não sabe como compartilhar com o outro as suas ideias, do saber científico e da vida. Importante o conhecimento científico, mas somente ele não é suficiente para construir um novo território rural, mais justo e igualitário. Por outro lado, o agricultor, olha esse jovem e pensa: *o que ele tem para me ensinar? O que ele oferece e compartilha para ajudar nas minhas rotinas produtivas? Não as rotinas de outros lugares, que eu desconheço de como existem. Mas as rotinas da minha propriedade, da minha casa.* Em boa parte das vezes não são reveladas de forma clara respostas para suas indagações, o que em certa forma, frustra ainda mais o agricultor nessas interações.

Com o tempo esse não-encontro na vida pode mudar, para encontros mais participativos e dialógicos. As relações entre esses dois sujeitos tendem a se transformarem com o tempo, se aproximarem, caso ocorra uma convivência de longo prazo. Aos poucos pode ocorrer que o profissional das ciências agrárias, não mais jovem, começa a ler o mundo do agricultor e coteja essa realidade com o seu conhecimento originado na ciência positivista. Laços de confiança são formados. Com as experiências vivenciadas por ambos na introdução de novas tecnologias, pode ocorrer uma construção conjunta de uma nova realidade dos territórios rurais, uma que seja mais justa e igualitária. Mas é um caminho longo, difícil, mas que pode se realizar na concretude da vida de forma dialógica como você bem nos ofertou no livro “Extensão ou Comunicação?”. Para que ocorra na sua plenitude os mais variados tipos de encontros nos territórios rurais das pessoas que trabalham e vivem neles.

Esperando uma realidade mais justa e igualitária,
São Carlos (SP), 15 de janeiro de 2021

Recuerdos de la segunda mitad del siglo XX

Walter D. Mignolo¹

Estimado Paulo, No nos hemos conocido, aunque siempre estuve atento (como otras cientos y miles de personas) a tu obra. Tu obra cubre y testimonia la segunda mitad del siglo XX que, me atrevo a decir, fue una época (1960-1990), apasionante desde las independencias y la formación de las repúblicas, hoy llamados estados nacionales. Sin duda, quien haya vivido en otra época podría decir también que fue apasionante. Ingresé a la universidad en los primeros años de la década del 60. Lo que me aparece hoy como apasionante, fue el masivo despertar de lo que podríamos llamar la “conciencia latinoamericana”.

Si hacemos un poco de memoria nos encontramos con los debates de la dependencia, la teología y filosofía de la liberación, la literatura del boom, el nuevo cine brasilero y argentino, las bienales latinoamericanas de arte, y la revolución cubana que agregó al despertar al mismo tiempo que alarmó a EE.UU. y que provocó la Alianza para el Progreso y organizó la Operación Cóndor. Fue ese despertar que detonó la alarma y surgieron las dictaduras colaboracionistas temerosas de lo que podría significar la revolución cubana

1 Argentino nacido en Córdoba, es Filósofo, Semiólogo, Crítico Literario e uno de los fundadores de la *Red de Investigación Latinoamericana Modernidad/Colonialidad / Decolonialidad*. En la Universidad de Duke, Estados Unidos, es Profesor de Literatura e Director del Instituto Franklin para Estudios Interdisciplinarios e Internacionales. Entre sus libros, *La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial*, recibió el Premio Frantz Fanon por Excelente Contribución al Pensamiento Caribeño, otorgado por la Asociación Caribeña de Filosofía.

sino, fundamentalmente, del ese despertar del cual la revolución cuba fue un elemento más. Tu obra es un monumento que acompañó y enriqueció los debates en política, economía, arte, literatura, teología y filosofía. Tu obra cubrió el sector pedagógico que completó el panorama del despertar.

¿Qué despertar? Immanuel Kant celebró en su celebrado ensayo ¿Qué es la Ilustración? el despertar de la etno-clase burguesa (pues no sólo era una clase social, era también una etnia), europea y cristiana, sino no por convicción, por inevitabilidad histórica. En las primeras frases, tan célebres como las primeras frases del Don Quijote de la Mancha, Kant dictaminó: “La ilustración es la liberación del hombre de su culpable incapacidad. La incapacidad significa la imposibilidad de servirse de su inteligencia sin la guía de otro. Esta incapacidad es culpable porque su causa no reside en la falta de inteligencia sino de decisión y valor para servirse por sí mismo de ella sin la tutela de otro. ¡*Sapere aude!* ¡Ten el valor de servirte de tu propia razón!: he ahí el lema de la ilustración.” Kant celebró el despertar de “la conciencia de la etno-burguesía europea” a la cual él pertenecía. El despertar de la “conciencia tercermundista latinoamericana” fue otro. Fue la conciencia de la dependencia económica, política, cultural de esa etno-clase burguesa cuya liberación Kant celebró. El despertar de la clase media y pequeña burguesía ya no europea sino de ascendencia europea; o europeos de segunda clase. En esos años, los de la segunda mitad del siglo XX, era común pensar que el colonialismo había concluido en el siglo XIX, más temprano en hispano-américa-un poco más tarde en luso-américa. De a poco fuimos entendiendo que si el colonialismo había terminado sus ciclos, no así la *colonialidad* que seguía agazapada en el sentimiento de la dependencia. Aníbal Quijano lo aclaró a comienzo de los 90s. Tu encuentro con la obra de Frantz Fanon agregó este elemento a la pedagogía de la liberación que también lo encontramos en la teología y la filosofía de la liberación, pero no muy evidente en los debates de la dependencia, la literatura y las bienales.

A mediados de los 90s, cuando tu publicaste Pedagogía de la autonomía, una serie de acontecimientos anunciaban lo que hoy concebimos como un cambio de era y no ya una era de cambios. Cuatro de esos acontecimientos notables fueron: el colapso de la Unión Soviética, el surgimiento del Zapatismo, el ingreso fuerte de las doctrinas neo-liberales en América del

Sur y la emergencia del concepto de *colonialidad* (Anibal Quijano) que nos cambió las imágenes que teníamos del colonialismo como de la modernidad. Paralelo con estos acontecimientos hubo un cambio en el concepto de “desarrollo” que ocupó la atención crítica desde los 60s a los 90s. Las Memorias del Subdesarrollo (1968), del cubano Tomás Gutiérrez Alea, mostró en el relato visual que las promesas del desarrollo eran inseparables de sus consecuencias: la ilusión y la promesa que ocultaba que el subdesarrollo es inseparable del desarrollo, así como la *colonialidad* es inseparable de la modernidad. Todo esto ocurría en el despertar de la conciencia latino-americana, es decir, de la clase media y sus intelectuales de ascendencia europea.

El Zapatismo produjo un vuelco en la “conciencia latinoamericana” de las décadas precedentes. La creciente afirmación de la “conciencia indígena” (que no es conciencia latinoamericana sino precisamente indígena), provocó la necesidad de su propia educación, inevitable para reconstituir sus saberes y formas de vida que fueron destituidos—pero no eliminados—en la larga historia de la colonialidad, que no terminó con las independencias. Con anterioridad al Zapatismo, en los 80s el proyecto de lo que sería la pluriversidad *Amawtay Wasi*, en Ecuador. Anterior a *Amawtay Wasi*, la década del proyecto *Warisata* en Bolivia había ya mostrado la necesidad de la pedagogía liderada por indígenas, pero no sólo para indígenas sino para toda la nación. En Ecuador también Juan García desde los noventa sembró el terreno para una educación afro-Ecuatoriana por la comunidad Afro-descendiente reconstituyendo sus propios saberes. Quisiera imaginarme los diálogos que ocurrirían hoy entre tu enorme experiencia y la trayectoria de tu obra para el despertar de la conciencia de la clase media latinoamericana de ascendencia europea (a veces mestizaje de sangre pero no de mente), y la creciente afirmación de la conciencia indígena y de la conciencia de la diáspora africana, que tan fuerte es en Brasil. Hay otras memorias en esos saberes destituidos por el legado de la educación colonial y la continuidad de la *colonialidad* del saber hasta hoy.

Tu obra quedará para las generaciones futuras como el llamado de atención que la educación no consiste en transmitir información. Eso es escolaridad—como tu lo has puesto claramente al distinguir la escolaridad de la educación para la liberación. Lo que tu has hecho es impecable en la

historia de la pedagogía puesto que has marcado el punto ciego de lo que hasta ese momento se entendía por “educación.” Como toda obra importante encuentra sus críticas. Algunas concurrentes, otras malevolentes. Entre las concurrentes están las del filósofo argentino Rodolfo Kusch, cuya obra cubre desde 1952 a 1979 exploró el pensamiento indígena y popular y cuestionó las promesas del desarrollo al comprender que tales promesas eran ajenas a las necesidades y conciencia indígena.

Kusch conoció tus trabajos y propuestas y las consideró respetuosamente, con algunas disidencias que hoy es necesario tener a cuenta. Kusch, como tu seguramente sabes, dio un vuelco a la reflexión filosófica y trató de entender el pensamiento popular e indígena. Encontrar a través de los relatos, opiniones, discursos de las gentes con las cuales conversaba (Kusch no era antropólogo y lo dice claro, no intentaba cumplir esa función). En cierto sentido, invirtió los principios antropológicos. Es decir, no intentó “estudiar a los y las indígenas” sino al contrario “aprender de ellos y ellas” y a partir de aquí cuestionar sus propios principios, creencias, razonamiento y volcar su crítica a la clase media argentina a la cual pertenecía. Mientras que el desarrollo proponía “desarrollar y mejorar las condiciones materiales de los pueblos originarios,” Kusch percibió que esto era irrelevante para ellos y ellas. Las cosmologías de los Pueblos Originarios no bebían de las fuentes Greco-Latinas ni sus versiones modernas europeas occidentales, en las cuales se fundaron las repúblicas latino-americanas, y sus universidades después de las independencia y por cierto, las escuelas primarias y secundarias. En la misma época, Ivan Illich organizaba sus seminarios en Cuernava. No se si se conocieron. No obstante, el ensayo de Illich *La Sociedad Desescolarizada* es concurrente con tus tesis, aunque para Illich la pedagogía y la formación de maestras y maestros no era su preocupación fundamental.

En fin, no podría decir que la época que te sucedió (1990-2020) fue la más interesante en la historia de América del Sur. Quizás en retrospectiva la veamos como la más trágica, con momentos de esperanza clausurados por la continuidad del proyecto neo-liberal. Sería interesante escucharte hoy, en Brasil, cuando asistimos no sólo a un golpe judicial de la derecha sino a la (in) consciencia de la clase media (en su amplitud) que apoyó el golpe y luego votó en favor de Jair Bolsonaro. El despertar de la conciencia latino americana,

la creatividad y la autoafirmación intelectual, artística, política, económica y pedagógica en el cual tu fuiste una figura fundamental, no tuvo las mismas consecuencias que el despertar que anunció Kant.

La burguesía que Kant celebraba es hoy la burguesía que en Europa y EE.UU. y en los sectores dependientes de América del Sur, trabaja denodadamente para contener la historia que se les fue de las manos. Intuyo que lo que tu dejaste, lo que tu generación dejó, está resurgiendo de otras maneras y en otros lugares: las manifestaciones en Chile, Colombia, en Perú (a pesar de los esfuerzos de Vargas Llosa para celebrar el neoliberalismo), el indomable pueblo Boliviano, el voto mayoritario por Alberto Fernández, a pesar de que amplios sectores de la clase media votaron por Mauricio Macri contra sus intereses (como lo hicieron quienes votaron por Bolsonaro), son fuegos que no se extinguen, fuegos a los que tu contribuiste decididamente a comenzar.

Luchando por un nuevo tiempo,
Argentina, junio 2021

Educação a serviço das pessoas

Serjane de Queiroz Vale Dantas¹

Querido amigo e professor Paulo, é com imenso prazer que aqui estou à sombra de uma mangueira em plena tarde de domingo em solo potiguar no nosso sertão nordestino escrevendo-lhe algumas palavras, mas não sem antes parabenizar-lhe pela comemoração de seu centenário. É exatamente por causa dele que me sinto motivada e privilegiada em escrever esta singela carta, mas com todo o sentimento de amor e esperança que carrego em mim.

Quero, antes de mais nada, contar-lhe um pouco sobre minha relação de aprendizado e afeto com o senhor, lhe agradecer incondicionalmente por ter dedicado e contribuído tanto tempo seu à educação e, além de tudo, por ter continuamente me ajudado a ler, a compreender o mundo e, mais que isso, a mim mesma.

Sabia que nossa relação teve início ao final da década de 70 quando o senhor estava exilado e eu ainda no ventre da minha mãe? Na ocasião, ela estava na faculdade, cursava pedagogia e estava fascinada ao ler sua majestosa obra *Pedagogia do Oprimido*, recém-publicada. Minha infância esteve marcada com a imagem de seus livros espalhados pelos cômodos da casa, pois mamãe se mantinha atenta e entusiasmada com suas mágicas e sábias palavras... O que gerava em mim uma impetuosa curiosidade, uma certa admiração ingênua. Sabe, ela foi uma mulher e uma professora apaixonada pela educação; uma revolucionária que deixou seus pais, irmãos e o campo, ainda quando criança, pelo direito que sentia lhe pertencer... O direito à escola, ao aprender.

¹ Professora de Filosofia da Educação Básica no Estado do Rio Grande do Norte; Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC/UERN; Assessora Pedagógica da Educação do Campo na 10^a Diretoria Regional de Educação e Cultura do RN. E-mail: serjane@msn.com.

Impulsionada pela inquietude de um dia adentrar como profissional no universo da educação, me matriculei no curso do Magistério e, desde então, passei a compartilhar de momentos, situações, contextos e conhecimentos ao lado dela nas escolas em que trabalhava. O sentimento que carregava era semelhante ao de um discípulo seguindo seu mestre... Estava constantemente a observar cada detalhe e as diversas emoções que as relações na escola proporcionavam. Me considerava uma transeunte, trilhando caminhos passo a passo pelas escolas da periferia como quem procurava responder a um chamado. Era o esquisso de um desejo, do sonho de me tornar aprendiz de professora e dar continuidade ao legado deixado pela minha genitora a qual dedicou sua vida inteira à educação e, desde sempre, inspirada por seu pensamento que propunha uma pedagogia instituída na ética, na amorosidade, no respeito à dignidade e na autonomia do educando.

Lembro-me com exatidão do meu primeiro contato com seu livro *Pedagogia da Autonomia*, um livro que conduzo comigo por onde ando e desando... Eu já cursava o Magistério no início do ano de 1999. Ao me deleitar em cada palavra pude perceber que aquele não era apenas um simples livro, um escrito qualquer, mas uma meditação, uma provocação, um tratado de transformação. E, portanto, uma leitura fundamental e necessária a quem tenta a ousadia de ensinar e humanizar, tocar e ser tocado, um mantra para ser absorvido com a alma. Uma obra literária produzida sob a ótica da amorosidade como tudo que o senhor fez e almejou para os sujeitos de possibilidades.

Quero que saiba de uma coisa: - durante o percurso de aprendiz e professora pelas escolas públicas por onde passei, experimentei e me deixei afetar pelo espírito educativo, percebi o quanto essa profissão que nós educadores exercemos é única, importante (porque importa e se importa) e “sem igual”, pois temos antes de qualquer atribuição e a partir de uma relação dialógica, a responsabilidade de proporcionar a transformação de nossos estudantes através de uma educação libertadora e conscientizadora. Nessa persistente jornada, também pude perceber diversas situações que me fizeram refletir sobre a sociedade, inclusive sobre as desigualdades alarmantes tão presentes em nossa territorialidade.

Confesso que, muitas vezes, as experiências vivenciadas me acarretaram momentos de indignação e inquietações por me fazer enxergar que o acesso a uma vida digna e a uma educação de qualidade não eram condições

compartilhadas igualmente por todos os estudantes tornando, assim, o processo de cidadania distante ainda mais dos “esfarrapados do mundo”. Elementos que me fizeram compreender muito daquilo que constitui a vida e, inclusive, fortalecer ainda mais um atributo da alma que carrego comigo, o elevado senso de justiça. A partir de então passei a entender inúmeras coisas que até então estavam veladas pelo poder hegemônico e segregador da classe dominante e do sistema de produção capitalista ao qual estamos submissos.

Sou, sim, menina nascida no Sertão do nordeste brasileiro, neta de agricultores já falecidos e que, apesar do desejo de aprender a ler e escrever, nunca abraçaram essa oportunidade, pois a escola na época que eles viveram não se configurava como uma realidade cujas portas pudessem estar abertas para todos. Ora, para opressores, os sujeitos das “subculturas”, os trabalhadores da terra não precisavam ser letrados, pois o trabalho por si já os bastava. Seus direitos se resumiam à labuta árdua da enxada, do facão, da foice e da comida como forma de suprir a necessidade mais básica que era alimentar seus filhos. Eis, portanto, um grande problema da humanidade... “Afogar o direito dos outros a sua gulodice incontida”.

Seus anos dedicados à educação e às classes populares foram imperiosos para que o senhor deixasse um legado de luta pelos direitos dos oprimidos. Seremos, desta forma, resistência a essas práticas e que o direito à educação de qualidade seja para todos e com todos tal e qual o senhor afirmou: - “os obstáculos não se eternizam”... Precisamos, pois, lutar por uma educação com mais equidade, que seja inclusiva, cidadã, libertadora, transformadora e democrática. Uma educação que esteja a serviço das pessoas e não do mercado e da competitividade.

Trago, assim, no ínfimo do meu ser o desejo incansável de me tornar uma profissional cada vez melhor, motivo pelo qual incessantemente estou lendo e relendo seus livros, pois a maneira que o senhor enxerga a educação, a existência, a condição humana, o mundo e as pessoas me encanta e move meu esperar. Sua sensibilidade, cuidado e atenção aos excluídos socialmente, oprimidos, silenciados, esquecidos pelas políticas públicas e por essa sociedade indiferente, onde quanto se mais tem mais se quer, me dá a segurança que não estou sozinha nessa luta. Estou realizando a perene lição de sempre conjugar o verbo esperar...

E para terminar minhas palavras, gostaria que soubesse da significativa prerrogativa enquanto educador e exemplo de ser humano que o senhor representa para mim e para milhares de pessoas. Prova disso são as inúmeras manifestações de carinho em comemoração ao seu centenário no mundo inteiro; algo que me deixa feliz em demasia, pois esse cuidado de mantê-lo vivo e presente em tudo que pensamos e fazemos ressalta o quanto o senhor está cada vez mais atuante e presente naqueles que amam e acreditam no poder transformador da educação. Obrigada por toda a contribuição dada em favor da educação e de um mundo mais justo e, por conseguinte, melhor.

Sem mais, me despeço carinhosamente partilhando um forte e solidário abraço!

Caicó (RN), 06 de junho de 2021

Compartilhando aprendizagens, lutas e sonhos

Luciana Rodrigues de Araújo¹

Querido Paulo Freire

Antes mesmo de começar esta carta; gostaria de pedir desculpas pela total ausência de formalidades, mas, tamanha quebra de protocolos, deve-se tão somente ao grande afeto, respeito e gratidão que a ti, tenho devotado.

Há tempos, quando ainda era estudante do Ensino Fundamental II, por volta de meus 13 anos, tive a honra de fazer parte de um Projeto de Alfabetização para Adultos na Sociedade de Amigos de Bairro, no bairro onde nasci. Na época, os meus alunos eram senhores e senhoras, pais e mães de família que desejavam muito aprender a ler e escrever. Os homens, em sua grande maioria eram pedreiros, serventes de pedreiro e feirantes; as mulheres, trabalhadoras domésticas e lavadeiras que passavam a maior parte do dia trabalhando na lavanderia comunitária. Nesse período, com o intuito de obter êxito em tão bela jornada, me debrucei sobre o Método de Alfabetização Paulo Freire; mal posso descrever a imensidão de minha alegria, ao ouvir um pedreiro lendo as palavras tijolo, cimento, telha e uma dona de casa lendo panela, casa, camisa; dentre tantas outras. Sim, estavam sendo alfabetizados através de um Método Revolucionário que partia do princípio de que o aprendizado se torna muito mais fácil quando utilizamos palavras que estão presentes no cotidiano das pessoas.

¹ Graduada em Matemática/UFMG e Biologia/UPE. Especialista em Planejamento Educacional e Docência do Ensino Superior/ESAB. Mestra em Ciência e Tecnologia Ambiental/UEPB. Doutora em Engenharia Ambiental/UEPB. Técnica administrativa/UEPB.

As aulas eram sempre no turno da noite, duas vezes por semana; todos chegavam com aspecto cansado, afinal, trabalhavam o dia inteiro, mas entravam na sala cheios de alegria e esperança; ávidos para aprender a ler e escrever. Cada encontro era uma bela aventura, uma grande descoberta; eu sempre pedia que levassem objetos, instrumentos de trabalho, coisas que lhes fossem bastante familiares, enfim, que fizessem parte do cotidiano de cada um deles. Aos poucos foram sendo alfabetizados, de uma forma bastante rápida, tranquila e encantadora. Ao longo das aulas, compartilhavam histórias, anseios, projetos, lutas, fracassos, vitórias, alegrias, tristezas e tantas outras experiências de vida; sem dúvidas, aprendi muito mais com eles do que eles aprenderam comigo.

O seu primeiro livro que li, meu querido Paulo Freire, foi *Pedagogia do Oprimido*. Naquela época eu não tinha condições financeiras para comprar todos os livros que queria; aliás, ainda hoje não tenho, pois, essa paixão pela leitura que herdei de meu pai, de minha mãe e de minhas irmãs, é praticamente um vício, sendo assim, jamais estarei completamente saciada. Sempre haverá uma enorme lista de livros para adquirir futuramente. Porém, retornando à minha leitura do Livro *Pedagogia do Oprimido*; como estava sem dinheiro para adquirir o exemplar, todos os dias quando saía do colégio, ia à uma livraria localizada no centro da cidade e praticamente devorava algumas páginas antes de pegar o ônibus. No trajeto de volta para casa, ficava relembro o que havia lido e planejando como seriam as próximas aulas. Meses depois, coincidentemente, um vizinho e grande amigo me doou o livro; justamente na época em que eu estava dando aulas e utilizando o seu Método. Recordo até hoje, a minha enorme alegria e emoção ao receber tão significativo presente.

Atualmente, não sei por onde andam os meus alunos e minhas alunas do Curso de Alfabetização para Adultos; mas não tenho dúvidas que a semente que plantei com tanta dedicação e carinho, certamente, de alguma forma ainda existe. Em todas as aulas eu falava seu nome, sua história, seu importante papel para a Pedagogia, falava no quanto devíamos resistir, não nos deixar oprimir e que a Educação precisava ser, antes de tudo, Libertadora. Ao longo de minha vida acadêmica, mantive presente todo o aprendizado que adquiri lendo os seus livros.

Anos depois, já graduada, quando lecionei Matemática e Ciências em Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio, também levei seus ensinamentos para todas as minhas aulas. Na realidade, nunca consegui ensinar apenas Matemática e Ciências, sempre tentei transmitir muito mais do que os conteúdos presentes nos livros didáticos; busquei partilhar com os estudantes os mais diversos saberes que contribuíssem para que fossem cidadãos e cidadãs comprometidos com a construção de um mundo mais justo, humano e igualitário, que não oprimissem, nem se deixassem oprimir, que mantivessem acesa a chama da Esperança, que valorizassem seus lugares de origem e que cuidassem de si, das demais pessoas e do nosso planeta.

Talvez agora, enquanto leem esta carta, as pessoas estejam a se perguntar: será que essa sonhadora e aprendiz de professora, conseguiu atingir seus objetivos enquanto esteve em sala de aula? Não sei, mas, sei que sou e sempre serei, imensamente grata por ter utilizado o seu Método e seus ensinamentos e de tê-lo assim, tão próximo a mim; ao ponto de ter a respeitosa ousadia de chamá-lo simplesmente de Meu Querido Paulo Freire.

Sempre sonhadora e aprendiz.

Campina Grande (PB), junho de 2010

Por uma prática didático-pedagógica transformadora

Maria das Graças Cavalcante de Melo Feitoza¹

Prezado Mestre Paulo Freire, Ao realizar leituras sobre os diversos aspectos que envolvem as políticas e práticas de educação inclusiva, dentre outros, vieram-me inúmeras recordações da nossa trajetória no seio da instituição escolar. As discussões realizadas durante as diversas formações em que tive o privilégio de ler muitas de suas obras, as quais me ajudaram a perceber que nossas fragilidades e dificuldades enfrentadas no cotidiano não são peculiaridades apenas de nossa instituição, mas de muitas outras escolas também. Precisam ser (re)vistas por nós enquanto profissionais e por todos os demais atores sociais envolvidos direta e/ou indiretamente com o fazer didático-pedagógico.

Isso porque muitos são os estudos e pesquisas na área da Educação que têm mostrado um cenário de precariedade tanto nos aspectos estruturais, materiais, como pedagógicos nas instituições de ensino no Brasil. Tais precariedades aliadas a conflitos e contradições no exercício profissional dos docentes repercutem negativamente no processo de desenvolvimento dos alunos que apresentam um histórico de marginalização e exclusão em muitos aspectos. Estes, decorrentes de suas dificuldades de conseguir um processo

¹ Graduada em Pedagogia e em Letras Língua Portuguesa pela UERN. Especialista em Novas Tecnologias na Educação e Supervisão Educacional pela FIP e em Atendimento Educacional Especializado-UFERSA. Mestranda em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual Paulista-UNESP. Professora do Atendimento Educacional Especializado-AEE e Coordenadora Pedagógica.

de formação intelecto-pessoal com a devida qualidade, como é o caso dos alunos público-alvo da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Especial.

Assim, meu companheiro, faz-se necessário atendermos aos seus ensinamentos e passarmos a desenvolver “uma leitura crítica acerca do fenômeno inclusão escolar, começando pela explicitação de seus nexos orgânicos com a ideologia neoliberal e seu caráter antidialético, apaziguador e a-histórico [...]” (BEZERRA e ARAUJO, 2013) para com isso compreendermos a importância de uma prática ativa, transformadora, que consiga revolucionar, ir além das imposições do sistema capitalista ou qualquer outra ideologia que tente camuflar interesses sob o uso de discursos, artefatos que colocuem em cheque a justiça social, o direito de aprender dos indivíduos.

Sob essa ótica, o desenvolvimento de uma consciência crítica nos ajudará a conquistar a libertação das antigas práticas da inclusão precária, da alienação e a conquistar o potencial pedagógico. Por conseguinte, os melhores resultados de aprendizagens possíveis dos nosso alunado, sobretudo dos que apresentam dificuldades para ingressar e permanecer na escola pelas mais variadas questões, que por sua vez repercutirão na sociedade a que pertencemos.

Nesse contexto as discussões, reflexões, dentre outras atividades desenvolvidas sobretudo no Mestrado Profissional em Educação Inclusiva da Universidade Estadual Paulista-UNESP foram de fundamental importância para perceber a distância existente para o cumprimento do que colocam as políticas e práticas na Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da educação inclusiva. Em destaque, as principais contradições existentes na dinâmica escolar estão a falta de uma formação continuada que possibilite ao professor uma análise crítica e reflexiva sobre as suas práticas e os fatores que a condicionam, considerando a inexistência de um processo avaliativo que leve em consideração as principais fragilidades do aluno e a necessidade de alternativas que as contornem e/ou minimizem.

Outra contradição perceptível com relação às políticas e práticas na Educação de Jovens e Adultos sob a ótica dos aspectos da Educação Inclusiva é a falta de sintonia entre o que apresentam os documentos oficiais norteadores do sistema educacional com a realidade vivenciada na referida instituição. Dicotomias acerca do esclarecimento relativo às atribuições de cada segmento, a falta de recursos humanos e materiais.

Assim, a leitura de suas obras, os encontros realizados através de rodas de conversas, exposições dialogadas, apresentações de seminários... durante a realização do referido curso foram imprescindíveis para a percepção das potencialidades da escola pública. Também para identificar o quanto estas precisam melhorar no que se refere a implementação das políticas públicas em prol da efetiva educação inclusiva, e a necessidade que como professores temos de aperfeiçoar. Aprimorar conhecimentos e práticas de forma constante para percebermos intencionalidades e fragilidades em nosso exercício profissional, evitarmos a alienação. E, assim, conseguirmos lutar por condições dignas de trabalho e favorecer a garantia do direito de aprender a todos os alunos.

Espero que consiga perceber o quanto é importante para todos nós que fazemos a educação e para os que dela precisam para conquistar sua dignidade em uma sociedade cada vez mais injusta. Que possamos ser oportunizados a participar de mais formações pautadas em seus ensinamentos, para com isso seguirmos na luta por uma escola realmente justa e coesa.

Até breve!

Luís Gomes (RN), junho de 2021.

Referências

BEZERRA, Giovani Ferreira; ARAUJO, Doracina Aparecida de Castro. **Em busca da flor viva: para uma crítica ao ideário inclusivista em educação**. Educ. Soc. [online]. 2013, vol.34, n.123, pp.573-588. ISSN 1678-4626. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302013000200014>.

SOUZA, F. F.; DAINEZ, D.; SMOLKA, A.L.; SCIAN, R.; HULSHOF, C. **Políticas e práticas de educação inclusiva: condições e contradição no cotidiano de uma escola de ensino fundamental**. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 22 (82) 2014. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=275031898090>

Quando a palavra vida tem a cara de morte

Maria das Graças Ferreira¹

Caríssimo mestre paulo freire
Quando me deparei com o senhor pela primeira vez, estava em curso preparatório para professores que iam iniciar o processo de alfabetização de adultos pelo MOBRAL. Era os anos 70/71e eu morava na zona rural de um distrito do município de Londrina no estado do Paraná. Mais especificamente se tratava de alfabetizar os colonos que, como eu, moravam numa grande fazenda produtora de café, na região.

É importante que eu esclareça que já era professora na fazenda e durante o dia ensinava as crianças filhas e filhos dos colonos, a ler, escrever, lecionando até o quarto ano do ensino primário. Isto justificou a minha escolha para a tarefa de alfabetizar os adultos, pois, se eu sabia alfabetizar as crianças, também saberia alfabetizar os adultos. Era o raciocínio lógico à época, e, pasme, ainda hoje, 50 anos passados, ainda tem gente que pensa assim, ainda tem gente que acredita que alfabetizar o adulto é somente passar o que se sabe para quem não sabe, mesmo que o que se saiba seja apenas assinar o nome.

Isto pode até ser importante, porém, não é suficiente, aprendi com o senhor. Voltando ao começo, fiquei encantada com o material recebido. Era visualmente muito bonito. Confesso que nunca tinha tido em mãos um material tão bonito, e eu já lecionava a um bom tempo. O material era colorido, chamativo e de boa qualidade, resistente, segundo os nossos capacitadores, porque iria permanecer na escola para as próximas turmas de alfabetização.

¹ Professora aposentada da Universidade Estadual de Londrina

Enfim, terminado o curso de capacitação, lá vou eu em direção aos meus alunos alfabetizando, pressionados pelo patrão para que se matriculassem na escola, com uma euforia danada e totalmente ignorante na arte de alfabetizar os adultos.

Já na sala de aula, não sei quem apresentava a cara mais assustada, se os alunos ou eu. Vencida a etapa de distribuição do material, observação e manuseio do material pelos alunos, e após o discurso sobre o cuidado que deveriam ter com este, começo finalmente minha aula.

Cartaz com a primeira palavra para a leitura devidamente pendurado na parede juntamente com a primeira palavra a ser ensinada escrita por mim no quadro de giz e começamos a ladainha da repetição -VIDA- sim, esta era a palavra que supostamente, segundo o material deveria despertar a curiosidade e o interesse dos alunos pela aula. E seguindo todos os passos sugeridos no treinamento recebido, imaginava eu que os alunos estavam aprendendo. Repetição da palavra, separação das sílabas, repetição das sílabas, junção das sílabas, formação de novas palavras.

Foram duas horas de “aula”, tendo por base a repetição da palavra e suas sílabas. Pergunto ao senhor, o senhor pode imaginar uma coisa dessas? Eu acho que o senhor pode imaginar sim, pois anos depois, quando comecei a ler os seus escritos, umas das primeiras coisas que li foi justamente sobre esta questão, as aulas maçantes, repetitivas, onde o sujeito deixa de manifestar o seu pensamento para repetir o que o professor ordena. Não demorou muito para eu perceber que nada do que eu fazia, tinha algum sentido para aqueles homens, sim, eram só homens, porque então, mulheres não precisavam saber ler e escrever. O desânimo veio em seguida. A vontade de desistir também. Mas como o você sabia, juntamente com estas empreitadas outros interesses se juntam, de modo que, ao assumi-las, têm-se que levá-las até o final, sob pena de perder muito.

E assim permaneci mais uns bons meses à frente deste trabalho até que ele mingou por completo com a fuga da sala de aula de grande parte dos alunos. É preciso ressaltar, caro mestre, que os que não desistiram e conseguiram suportar as aulas e a mim, todos conseguiram aprender, foram alfabetizados. Importante dizer que isto não se deu somente com a minha turma, mas sim com quase todas as turmas que foram abertas pelas fazendas da região.

Caro professor, aqui quero trazer algumas pinceladas sobre o meu processo de aprendizagem significativa sobre o você e o seu trabalho com a alfabetização dos adultos. Alguns anos se passaram, um intervalo bem grande até a minha chegada à Universidade como aluna do curso de Pedagogia. Foi aqui que eu tomei conhecimento do seu trabalho e pude me familiarizar com a sua obra. E deixe-me dizer-lhe que não foi propriamente pelo curso, mas por vontade e curiosidade minha, forçada pela situação de um estágio curricular obrigatório que eu passei a ministrar para alunas do 4º ano, alunas formandas.

A turma a mim destinada era composta por professoras leiga, como eu havia sido, todas lecionando para crianças. Logo, entendi que o estágio seria muito mais rico caso fosse desenvolvido com alunos adultos, onde os professores estagiários pudessem viver outra experiência. Não tive dúvidas. Consegui o espaço nas escolas onde havia turmas de alfabetização de adultos e para lá fomos, duas turmas, duas vezes por semana, aprender o como os professores alfabetizavam os adultos e como os alunos aprendiam a ler e escrever.

Assim, meu caro mestre, busquei seus livros, *Pedagogia do Oprimido e a Importância do ato de ler, foram os dois primeiros que li e, em seguida apresentei às minhas alunas. Foram descobertas fantásticas, a educação bancária, a palavra geradora e toda a sua magia no sentido de que, quando o sujeito a descobre e a compreende, passa a acreditar que o mundo, esse mesmo que lhe foi sempre negado, lhe pertence e que com ela, a palavra, ele é capaz de recriar seu próprio mundo. Foi aqui que descobri o sentido da palavra VIDA, com a qual aquele belo material didático do MOBREAL se iniciava. Foi aqui que descobri também que a VIDA da qual você falava aos seus alunos, não tinha nada a ver com aquela palavra escrita no cartaz, que aquela estava morta, ou seja, ela não tinha vida. Por sua vez, aquela VIDA, da qual você falava, estava absolutamente, senão eternamente viva. Posso dizer que aqui eu já não era mais aquela professorinha de 19 anos que acreditava saber alfabetizar os adultos. Eu havia renascido como professora e como alfabetizadora.*

Foram descobertas infundáveis durante meu largo percurso de 32 anos lecionando no curso superior. Durante esse tempo, lecionei para inúmeras turmas de licenciatura, outras tantas de pós-graduação *latu sensu* especialmente o curso de especialização em Educação de Jovens e Adultos onde pude

adentrar mais profundamente na sua obra e deleitar meus alunos e alunas com *A Educação como Prática de Liberdade, A pedagogia da Autonomia, Cartas a Cristina, Pedagogia da Esperança, Educação e Mudança, Educação na Cidade e tantos outros que não caberia colocá-los aqui.*

Professor Paulo Freire, me foi pedido que eu lhe escrevesse uma carta. Ca' estou tentando cumprir tal tarefa. Me desculpe se minha missiva não é assim tão importante, mas foi o que me ocorreu quando me pus a pensar o que lhe diria em uma carta. Pensei em escrever minha primeira experiência como alfabetizadora de adultos e como se deu a grande decepção da minha vida ao perceber que o meu entusiasmo não era suficiente para que os sujeitos aprendessem a ler e escrever.

Hoje posso olhar para trás e ver que a experiência serviu e muito para que novos aprendizados acontecessem. Não tenho arrependimentos. Tenho muito orgulho do que fui e do que eu me tornei. Aprendi e ensinei muito e devo muito disso ao grande aprendizado que tive ao ler parte da sua obra.

Que bom que o senhor esteve por aqui. Que bom que o senhor permanece e permanecerá sempre por aqui. Muitas gerações terão o privilégio de conhecê-lo e aprender muito com os seus escritos.

Até um dia.

Londrina (PR), junho de 2021

Esperanças e alargar os horizontes de possibilidades

Carlos Antônio Brandão¹

Meu querido Professor Paulo Freire, Mestre de todos nós, Vivemos aqui no Brasil em uma conjuntura em que parece que todas as contradições de nossos séculos de opressão, exploração, expropriação etc. se condensaram no tempo presente-estancado. Toda sorte de violências, barbaridades e truculências parecem ter sido desatadas na nossa Caixa de Pandora, aberta nos últimos cinco anos. Estão demolindo o nosso país e entregando os pedaços ao mercado. À nossa frente, figuras toscas e inescrupulosas. Processos e personagens retrógrados, impasses que parecem na forma de circuitos fechados e de devastações em variadas dimensões e de várias ordens.

Em mais um daqueles ciclos da história brasileira, as forças políticas do atraso e do retrocesso, que estão sempre à espreita, atuando nas sombras, hibernando algum tempo, retornam com toda a sua força e intolerância. Lutam, violentamente, contra as conquistas do povo e tudo que possa ameaçar seus privilégios, distorcem sempre a realidade com seus meios de desinformação de massa, e procuram perpetuar o atraso e a opressão. Como o senhor mesmo presenciou e sentenciou, “buscam reacionariamente entrar o avanço e

¹ Professor Titular do IPPUR/UFRJ. Doutor, Livre Docente e Professor Titular pelo Instituto de Economia da Unicamp. Pós-doutor em Geografia pela Universidade British Columbia e em Ciências Sociais pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Bolsista do CNPq. Coordenador do site www.interpretesdobrasil.org. Página Pessoal: www.carlosbrandao.org

fazer-nos permanecer indefinidamente no estado em que estávamos, buscam esmagar o seu oponente” (Freire, 1967: 49).

Precisamos, mais do que nunca, da sua inspiração, da sua centelha de esperança e do alento dos seus ensinamentos para iluminarmos as trevas conservadoras e reacionárias que estamos atravessando.

Assim, queria expressar aqui minhas melancolias e perplexidades e lhe dizer nesta carta o triste e complexo momento que nosso país atravessa. Como nunca, temos a necessidade de uma potente resistência, antes de tudo na defesa da democracia, mas também da soberania nacional, e da luta contra as múltiplas injustiças, destituições, tiranias, intolerâncias e desigualdades que marcam estruturalmente o Brasil, mas que se acentuaram sobremaneira desde 2016.

Para que possamos avançar e reconstruir esta nação, é preciso criar tensão na correlação de forças, para distorcê-la para o bem deste povo tão sofrido, humilhado e intimidado pelo jugo de nossas classes dominantes.

Se o desenvolvimento humano significa justamente transformar o *status quo* dominante, importunar diuturnamente as estruturas e as coalizões tradicionais e retrógradas de controle e reprodução do poder, como os grandes intérpretes do Brasil, como o senhor, Celso Furtado, Florestan Fernandes e tantos outros nos alertaram, então precisamos nos revigorar cotidianamente para as lutas sociopolíticas requeridas. Se quisermos um outro Brasil, será preciso enfrentar o encadeamento das ações de veto à nossa emancipação por parte dos projetos hegemônicos que buscam perenizar o atraso e a falta de democracia. Só através da luta política e da educação será possível desatar as energias da criatividade contida e valorizar a riqueza cultural, que é nossa força vigorosa contida pela opressão e pela modernização conservadora.

Assim, a educação deve ser um mobilizador de ativos sociopolíticos. A educação, da mesma forma que o processo de desenvolvimento que devemos buscar, é antes de tudo um movimento dinâmico de *alargamento de horizontes*. Neste sentido, como o senhor tanto nos demonstrou, educação deve ser entendida enquanto exercício da capacidade de colocar em questão, de problematizar, de reconhecer a complexidade do real-concreto, do histórico-geográfico e dos tempos estruturais e conjunturais que estejam diante de cada uma e de cada um. Seus ensinamentos nos indicaram que educar deve ser um processo capaz de transformar cada um(a) em sujeito, em um

problematizador de situações, até que ela ou ele possam chegar à crítica e à rebeldia.

Com certeza, estes processos educativos, ampliadores de alternativas, devem ser dialógicos. Devem ser acionados e revigorados por ações pedagógicas transformadoras. Mas, “essa pedagogia deve começar pelo diálogo, pela comunicação, por uma nova relação humana que possibilite ao próprio povo a elaboração de uma consciência do mundo em que vive” (FREIRE, 1996). Assim, as palavras devem ser “uma força de transformação do mundo” e a educação deve ser emancipadora.

Outro grande intérprete do Brasil, como o senhor, Florestan Fernandes, também estudioso do desenvolvimento e da educação, afirmava que os países subdesenvolvidos, dependentes, periféricos e imperializados, como o nosso, “ou adquirem a capacidade de produzir conhecimentos científicos e tecnológicos originais (...) conseguindo condições para colocá-los em prática, de forma efetiva e criadora, nas situações de existência histórico-social em que se encontrem (...) ou se veem impossibilitados de pôr a ciência e a tecnologia científica a serviço dos projetos nacionais de desenvolvimento econômico, social e cultural” (FERNANDES, 1963: 301). Como o senhor bem sabe, ele afirmava que a educação é fator chave da mudança social. Por outro lado, outro grande pensador, como Celso Furtado, dizia que seria necessário forjar novo patamar de homogeneidade social, que se traduzisse em enriquecimento cultural e em apropriação dos avanços tecnológicos e novos padrões civilizatórios.

Não obstante, no Brasil torna-se difícil engendrar tensão na correlação de forças políticas postas no bloco no poder, de natureza oligárquico-mercantilista-rentista, tendo “camadas baixas” difusas, deserdadas e com fratura orgânica na falta de propriedade, educação e de direitos essenciais. Neste contexto de apatia e desorganização política “dos de baixo”, que mais parecem uma massa amorfa e informe, vai se cristalizando um tipo muito peculiar e impiedoso de dominação interna, com desigualdades estruturadas, sistemáticas e reprodutíveis de poder. Em um país com uma população “dos de baixo” tão expoliada e sofrida, e com poucos instrumentos para se rebelar, só a educação pode e deve afetar política e culturalmente a vida e desempenhar papel fundamental de transformação de “um povo marginalizado imerso na passividade”, a partir da mobilização democrática e de uma concepção como a do

senhor, de implementar uma educação como prática da liberdade (1967). Ou seja, educar exige apreensão da realidade, mas deve ser “o educando que vá sendo o artífice de sua formação”.

No Brasil atual, em uma economia sem autonomia e em uma sociedade fraturada, coloca-se a premência de se acumular forças políticas e transformação pela educação problematizadora, que possam promover disputas pela “humanização do homem brasileiro, ameaçado pelos fanatismos, que separam os homens, embrutecem e geram ódios. Fanatismos que se nutrem no alto teor de irracionalidade que brota do aprofundamento das contradições” (FREIRE, 1967: 51). Só a consciência crítica poderia modificar esse estado de coisas em que “o homem simples esmagado, diminuído e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele. Mitos que, voltando-se contra ele, o destrói e o aniquila. É o homem tragicamente assustado, temendo a convivência autêntica e até duvidando de suas possibilidades” (FREIRE, 1967: 44).

Como o senhor sempre dizia, “toda relação de dominação, de exploração, de opressão já é, em si, violenta” (FREIRE, 1967: 48), desse modo, lutar contra a marginalização social e política da grande maioria da população é lutar contra a violência das forças do atraso estrutural. Estas forças “massificam, domesticam e endemoniadamente se ‘apoderam’ das camadas mais ingênuas da sociedade. Na medida em que deixam em cada homem a sombra da opressão que o esmaga” (FREIRE, 1967: 37).

A educação, como força da mudança, para formar sociedades-sujeitos da transformação deve ser poderoso instrumento na luta contra a alienação. Parecendo falar de nossos dias o senhor falava que aquele (como este) era um momento em que a ciência e a educação passavam a ser vista pela parte reacionária da população brasileira, e pelos poderes constituídos, como “perigosa subversão”. O senhor dizia sempre da urgência de dar autonomia aos destituídos de riqueza e poder para que eles fossem partícipes condutores do processo de sua transformação. “O que precisa urgentemente é dar soluções rápidas e seguras aos seus problemas angustiantes. Soluções, repita-se, com o povo e nunca sobre ou simplesmente para ele” (FREIRE, 1967: 57).

Desafortunadamente, no Brasil, as injustiças, desigualdades e destituições são os únicos atributos ou características bem distribuídos por todo o

território nacional. O nível de injustiça social e espacial, de desigualdades e destituições de renda, riqueza, propriedade e acesso a bens e serviços essenciais é extraordinário no Brasil e deita raízes profundas. Assim, a interdição e o travamento estrutural ao pleno acesso à educação, à propriedade da terra e aos serviços coletivos de qualidade destituem a maior parte da população brasileira dos direitos fundamentais da vida cidadã. Uma provisão com qualidade desses bens e serviços coletivos essenciais, que instalasse a habilitação cidadã e que fosse mais equânime, social e espacialmente, seria decisiva para modificar a dramática situação social brasileira.

Neste momento excepcional e enigmático da vida nacional, em que há uma condensação de nossas contradições históricas em momento de profunda e multidimensional crise (econômica, política, civilizatória e sanitária), seria necessário garantir uma renda mínima permanente, promover políticas realmente redistributivas (não apenas focalizadas e compensatórias), que tenham capacidade de engendrar assimetrias virtuosas, de forma difusa e pervasiva por todas as regiões. Tais ações públicas deveriam ser geradoras de combate frontais às (re)combinadas formas de heterogeneidades estruturais e aos variados e recalcitrantes lógicas e mecanismos socioeconômicos, culturais e políticos de espoliação, opressão, exploração e marginalização. Estratégias criteriosamente espacializadas e territorializadas de desenvolvimento deveriam orientar a implementação de um sistema de provisão de bens, infraestruturas, serviços e equipamentos coletivos de utilidade pública, sobretudo nos espaços regionais mais desiguais.

A educação pública de qualidade deveria estar no centro de uma estratégia de criação de instrumentos auxiliares na formação ampliada das forças e capacidades produtivas e criativas-emancipatórias humanas, que poderiam cumprir papel crucial para desatar e mobilizar ações universalizantes e de criação de patamar adequado de homogeneidade social, pela via da construção da habilitação e das inovações sociais e institucionais, sobretudo na conjuntura inusitada da pandemia, que agravou ainda mais as históricas e estruturais desigualdades sociais e regionais do Brasil.

Estas ações de indução pública e coletiva deveriam ultrapassar a simples lógica fragmentária, “setorialista” e compartimentada. Isto é, deveriam promover a capacidade articuladora do tecido sócio-produtivo-territorial, ao

lado de impulsionar os adequados engate e conexão de aparelhos produtivos localizados e a melhor distribuição de riqueza e renda, habilitando e redistribuindo mais equânime e territorialmente os direitos sociais aos cidadãos.

O certo é que a mudança no padrão de oferta de bens e serviços tem potencialmente a possibilidade de reforçar os efeitos dinâmicos e sinérgicos entre estes sistemas (alguns deles ainda precários em sua estruturação). Como simples exemplos, dentre muitos outros de caráter sistêmico que poderiam ser lembrados: existe a possibilidade de se articular melhor as *políticas de C,T&I e industriais em torno de equipamentos* de monitoramento de água, de mobilidade urbana de massa, do complexo industrial e de serviços de saúde, de lazer, de cultura. É preciso dar maior impulso e articulação às ações educativas, artísticas, pedagógicas-politizadoras; elas requerem ser melhor articuladas, através de postos e pontos de atendimento à cidadania, eventos, utilização de espaços físicos como escolas, arenas e estádios de futebol, rádios comunitárias, emissoras públicas, clubes etc., em uma *ação pública dialógica de indução massiva, catalisadora e integrada no terreno da vida cotidiana*, dando prioridade às áreas mais carentes dos espaços urbanos e rurais de cada região brasileira. Na verdade, esses exemplos e outros visam demonstrar que não deveria haver contradição, mas antes complementaridade, entre ações exigentes de tecnologias avançadas e de ponta e ações que reclamam antes tecnologias sociais e mais mobilização, ativismo e agito socioculturais.

Desenvolver e educar são tarefas que exigem a apreensão da complexidade da realidade, desatar e animar processos e energias que partam dos anseios e sonhos, sobretudo das massas destituídas. O senhor tinha concebido os maravilhosos “Círculos de Cultura” durante o Governo João Goulart, que iriam levantar e discutir a temática do povo brasileiro, auscultando suas aspirações. É preciso criar espaços concretos de conversa com o povo, células de diálogo em cada bairro e comunidade, onde se discuta, articule e se implemente a oferta articulada e sistêmica de bens, serviços e infraestruturas públicas e coletivas.

O Brasil é uma frágil nação em construção travada e inconclusa. Frequentemente, ao longo de sua história, há o retorno cíclico dos movimentos retrógrados e de interrupção abrupta de suas tentativas de início de superação do subdesenvolvimento. Ampliar a margem nacional de arbítrio

(desenvolvimento) em momento em que há esta enorme opressão sobre os subalternos, é tarefa hercúlea e de necessário enfrentamento das forças (internas e externas), reveladas ou tocaiadas, do atraso e do retrocesso que sempre estão presentes (a esperar e retornam à cena) na história brasileira, como já disse aqui nesta carta. Talvez seja o tempo de quebrar o senso comum de todos os fundamentalismos, inclusive o de mercado. Tempo de buscar engendrar outras condições de existência social, que não a econômica ou a individualista. Perseguir o enriquecimento cultural além do material. Recolher e enfeixar condições objetivas e subjetivas que logrem se contrapor à constelação de injustiças que nos são impostas e nos constroem, estruturando e legitimando decisões alternativas.

Florestan Fernandes afirmava que a superexploração, a opressão e a subordinação das massas e a própria situação subdesenvolvida “só desaparecerão quando os de baixo lutarem organizadamente contra a espoliação, exigindo transformações profundas na política econômica, nas funções do Estado e na estrutura da sociedade de classes” (Fernandes, 1995: 1.10).

Com certeza, os oprimidos devem legitimar e defender a democracia, mas não qualquer forma de democracia. “Defendê-la é levá-la àquilo que Mannheim chama de “democracia militante”. Aquela que não teme o povo. Que suprime os privilégios. Que planifica sem se enrijecer. Que se nutre da criticidade e não da irracionalidade” (Freire, 1967: 121).

Em suma, as lutas e as resistências devem continuar, cotidianamente, em todos os espaços e tempos, por uma educação efetivamente emancipadora, liberadora e transformadora. Somos desafiados a transformar nossas lutas. “Não é na resignação, mas na *rebeldia* em face das injustiças que nos afirmamos” (Freire, 1996: 31).

Querido Professor, a situação aqui está quase insuportável. É de doer o coração, mas precisamos ter esperança, não é?.

Precisamos buscar a união das forças democráticas para que essas se aglutinem em torno de um projeto nacional que possa trazer soberania ao nosso país e uma vida digna aos seus cidadãos.

Vamos espalhar o Amor contra o ódio.

Vamos voltar a sonhar.

Com um forte abraço,
Rio de Janeiro (RJ), 15 de Julho de 2021

Referências

FERNANDES, Florestan. **A sociologia numa era de revolução social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963

FERNANDES, Florestan. **O rateio da pobreza**. Folha de S. Paulo, 11 de agosto, 1995, p. 1.10.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire más que nunca: una biografía filosófica**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO, 2020.

As possibilidades do inédito viável

Ana Paula Cavalcanti¹

Caríssimo e amado mestre, Paulo Freire, escrevo esta carta em um momento muito difícil de nossas vidas aqui em teu País que tanto amaste. Tantas coisas passam em minha cabeça, é tanto que quero te falar. Sinto, verdadeiramente, que por esta carta, terei a oportunidade de conversar com uma das pessoas que mais admiro em minha vida. Atualmente, vivo para proteger o teu legado.

Freire, preciso me apresentar primeiro. Somos conterrâneos! Sou recifense e não posso ficar sem meu feijão com muita farinha de mandioca (lembro-me que achou nossas iguarias até no exílio!). Fiz o curso de Pedagogia na mesma universidade em que tu foste professor. Quando cursei, apenas li um único livro teu (Educação como Prática da Liberdade). Ainda na UFPE, participei de uma campanha nacional de alfabetização no governo Lula (sim, Lula foi presidente por dois mandatos!). A Campanha se chamava Brasil Alfabetizado e fui alfabetizadora de mais de 30 jovens, adultos e idosos. Foi uma experiência inesquecível, mas lembro que não te lemos o suficiente nas nossas formações. Uma vez questionei sobre o uso de teu método, mas me disseram que estava ultrapassado. Apesar disso, persisti nas leituras de tua obra, e cursei uma disciplina no mestrado dedicada às tuas produções.

Continuei a caminhada de estudante e professora. Terminei o mestrado e iniciei meu doutorado no curso de Letras. Sim, sou uma apaixonada pela linguagem, tal como eras aqui em nosso plano. Enquanto fazia o doutoramento,

¹ Pedagoga, Letróloga, Mestra em Educação, Doutora em Letras. Professora titular das licenciaturas Letras e Pedagogia do Centro Universitário Newton Paiva. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire (GEPPF).

inicie minha carreira no ensino superior e passei em um concurso para professora de educação básica no município de Belo Horizonte (sim, deixei nossa cidade natal, mas sempre retorno quando posso).

Ao tomar posse do cargo de professora do ensino fundamental, eu precisava escolher uma escola. Optei por uma que fazia homenagem ao teu nome. Acreditava que se a comunidade escolar te homenageou, certamente, por lá as práticas eram de uma pedagogia libertadora, mas não era bem assim. Para encurtar a história, trabalhei na instituição por três anos, ao mesmo tempo em que lecionava Didática em uma faculdade privada. E foi lecionando essa disciplina que reencontrei-me com tuas obras.

Pedagogia da autonomia me reconectou novamente contigo. O meu pequeno livro de bolso, já desgastado com o tempo, posto que eu já o tinha desde os primeiros anos da faculdade de pedagogia, me fez rever toda a minha prática pedagógica. Comecei a repensar na corporeificação da palavra como exemplo, na distância entre o que eu falava e o que fazia, na humildade em meu fazer pedagógico, na noção de inacabamento e inconclusão, na necessidade de mediatizar o conhecimento e não transferir informações, na importância do desenvolvimento da consciência crítica e emancipatória dos aprendizes e tantas outras reflexões... eu me reconectava contigo mais uma vez. Seu texto me persuadia e me convencia, constantemente, a repensar todo o meu “querfazer” pedagógico. E, assim, fui lapidando minha prática com maior humildade e amorosidade, como resultado, aproximei-me mais afetivamente de meus estudantes.

Minha trajetória de estudo e trabalho me levou a encontrar um outro grupo que estudava tuas obras e que me despertou interesse: O Café com Paulo Freire. Ao fazer parte do corpo docente do Centro Universitário Newton Paiva, estabelecemos parcerias acadêmicas com grupos de estudos freirianos. Nesta oportunidade, passei a visitar tuas obras, como *Pedagogia da Esperança*.

Pedagogia do Oprimido foi necessária, inevitavelmente, para os estudos do Café com Paulo Freire, mas foi o livro que escolhi para ler em janeiro de 2019. Sim, demorei muito para me debruçar em teu mais importante e reconhecido trabalho, mas lê-lo no contexto em que me encontrava fez muita diferença em minha análise e interpretação do texto.

Naquele ano, eu chorava e me angustiava por saber que teríamos, suponho e arrisco afirmar: o pior de todos os governos da história de nossa república. Um ano antes me assombrava o plano de governo deste candidato (que não merece ser nomeado nesta carta). Ao ler aquele texto infame, eu já prenunciava o que estava por vir. A ideia era perseguir teu legado, difamar tuas ideias e eliminar tua contribuição. Quando o referido político saiu-se vitorioso, chorei, pois eu já previa o desmonte da educação brasileira, o sectarismo e o ataque à liberdade de expressão e de cátedra.

Tudo que previ aconteceu e está acontecendo, numa medida ainda pior do que eu imaginava. Somado ao projeto fascista do então chefe do executivo, uma pandemia assolou nosso mundo, manifestando-se de forma devastadora em nosso País. Hoje, 20 de junho, o dia que finalizo esta carta, chegamos a marca de 500.000 brasileiros e brasileiras vítimas fatais de uma doença para a qual o cientista já desenvolveram vacina. Só no ano de 2021, 300.000 pessoas morreram, mortes evitáveis, pois já possuíamos vacinas para impedir essas perdas.

Esta é uma doença causada por um vírus que poderia ser detido por meio de boas práticas como distanciamento e uso adequado da máscara, mas o negacionismo e a pós-verdade estão vencendo a razão e o conhecimento científico. O contexto para o curso da pandemia no Brasil não podia ser pior: somos governados por um grupo de sectaristas que rejeitam a ciência, repudiam o diálogo, promovem o desmonte das instituições democráticas, odeiam a vida e o povo.

E neste ponto, pretendo conversar contigo sobre como os conceitos desenvolvidos por ti me ajudam a entender tudo o que estamos vivendo e como resistir a esse momento tão desalentador. Para entender como chegamos até aqui, é importante retomarmos onde nos perdemos, em que ponto as consciências estagnaram-se ao status “ingênua, mágica ou fantástica”.

Estou consciente de que quando escrevestes tuas obras, teu contexto era outro. Não sei se cabem comparações, mas é possível, a partir de tuas categorias e de teus conceitos, refletir nossa conjuntura e pensar em possibilidades de superarmos a situação. Hoje vivemos outro tipo de tortura e de ditadura. Elas sofisticaram-se com aquilo que nomeamos “bolsonarismo”. Trata-se de um grupo sectaristas, alinhados com um posicionamento de extrema-direita, fundamentalismo religiosos, conservadorismo moral, que encaram

opponentes políticos como inimigos. Como disse antes, rejeitam o conhecimento científico, perseguindo acadêmicos e intelectuais, por isso, sempre atacaram teu legado. Não toleram as minorias, como o povo negro, mulheres e a comunidade LGBTQIAP+.

Esse grupo surgiu nos idos dos anos 2014, liderado por um ex-capitão da reserva que manteve-se na política por décadas (como deputado, sobretudo), mas que nunca propôs um projeto decente para seu povo. Esse sujeito aproveitou-se do desequilíbrio político perpetrado pelo judiciário e Ministério Público, em uma operação conhecida pelo nome “Lava Jato”. Esta operação rendeu um desajuste em nosso sistema democrático: um impeachment de uma presidenta inocente (considero, particularmente, um golpe político) e a despolitização.

Um cenário perigosíssimo para uma sociedade tão jovem democraticamente como bem afirmavas nos primeiros capítulos de *Educação como Prática da Liberdade*. E neste contexto, o sujeito que descrevi anteriormente, o tal capitão, deu início a retórica e estética bolsonarista de ataque a grupos minoritários e aos opositores políticos. Seu discurso enaltecia os torturadores da ditadura e alinhava-se com pautas ultraconservadoras, sobretudo aquelas defendidas por fundamentalistas religiosos.

Enquanto isso, a esquerda perdia-se naqueles aspectos que mencionastes em teu livro *Professora, sim; tia, não* “O erro das esquerdas esteve quase sempre na absoluta certeza em suas certezas que as fazia sectárias, autoritárias, religiosas.” (FREIRE, 2019, p. 49, grifos do autor). Em boa parte das vezes, teus escritos são um prenúncio do que vivemos aqui no futuro. Ou será que a Terra (que é redonda) gira tanto e não sai do lugar? Ou ainda, é possível que um projeto de sociedade igualitária, democrática e justa é, inexoravelmente, repelida pelos opressores para manterem seu *status quo*? Talvez um pouco de tudo isso.

Assistimos à formação de um grupo sectarista com ideias fascista crescer e se torna uma opção para boa parte dos brasileiros. E neste ponto, queria fazer uma reflexão a partir de teus escritos. Como o nosso povo pode ter optado por um político claramente fascista e antidemocrático, como as pessoas utilizaram-se de seu direito ao voto direto a favor de alguém que atenta contra instituições democráticas e enaltece torturadores?

Em 2019, no ano em que fascista tupiniquim venceu a eleição para a presidência do País, eu me posicionei e entrei em diversos conflitos, inclusive familiares. Mas, como bem dizes em *Professora, sim; tia, não*: “Não há vida, nem humana existência, sem briga e sem conflito. O conflito parteja nossa consciência. (...) Fugir a ele é ajudar a preservação do status quo.” (FREIRE, 2019, p. 133). Muitas foram as desavenças em que me encontrei, mas nunca deixei de me posicionar, pois sempre compreendi minha posição política inclusiva e nunca excludente. Portanto, jamais toleraria calada e inerte o discurso sectarista do eleito tão pouco de seus apoiadores (ainda que fossem amigas, irmão, primos, primas, cunhados, cunhados, colegas, enfim, o parentesco ou a relação afetiva não interferia em minha luta política).

Nesses conflitos, eu me perguntava algumas vezes se não estaria sendo intolerante e até sectarista, contudo, em mais uma leitura de *Professora, sim; tia, não*, compreendi que o intolerante não deve ser tolerado. Eu não posso tolerar alguém que defende a tortura, a discriminação racial, a misoginia, a homofobia e todo o tipo de preconceito, pois tudo isto reflete um posicionamento intolerante. Nas tuas palavras: “Ser tolerante não é ser conivente com o intolerável, não é acobertar o desrespeito, não é amaciar o agressor, disfarçá-lo. A tolerância é virtude que nos ensina a viver com o diferente. Aprender com o diferente, a respeitar o diferente.” (FREIRE, 2019, p. 126). Depois que li esse trecho, Freire, eu compreendi que eu devo respeitar os que têm posição política diferente da minha, mas não posso aceitar que o agressor perpetre o mal. É isto que vem acontecendo desde que se elegeu este sujeito: o mal.

Foi com *Pedagogia do Oprimido* que comecei a compreender o que estava acontecendo, bem como, busquei formas de esperar. Neste livro entendi que a educação libertadora não é de interesse dos opressores. O bolsonarismo foi vencedor porque o oprimido tem desejo de ser opressor quando a educação não é libertadora. Apesar de toda a tua contribuição, acredito que o Brasil nunca rompeu com o modelo de “educação bancária” e tradicional. Isso nos legou um povo oprimido e acrítico em uma sociedade anti solidária, cuja elite não tem o menor interesse em reduzir seus privilégios.

Com *Educação e Mudança* compreendi os estados de consciência e o desenvolvimento da conscientização. Analisando o bolsonarismo e adeptos do negacionismo, percebi o quanto se adequam à categoria “consciência

ingênuas”, entretanto o cenário é ainda pior, pois não há, por parte desses grupos, a busca por compromisso, mas as características elencadas por ti, explicam muito do *modus operandi* desses sujeitos, tais como (FREIRE, 2019, p. 52 e 53):

- “Tendente a um simplismo na interpretação dos problemas”: Por exemplo, a ideia mágica de que a liberação de armas é a fórmula para a segurança pública.
- “Tendente a considerar que o passado foi melhor”: Mais um exemplo: acreditam que na época da ditadura tudo era melhor e havia segurança e controle social.
- “Tendente a aceitar formas gregárias ou massificadoras de comportamento, levando a uma consciência fanática”: Esses grupos costumam ser abertamente fanáticos flertando com ideias supremacistas.
- “É impermeável à investigação. Satisfaz-se com experiências. Toda concepção científica para essas pessoas é um jogo de palavras. Suas explicações são mágicas”: Nada mais definidor que a conduta desses grupos, sobretudo durante a pandemia.
- “Tem forte conteúdo passional. Pode cair no fanatismo ou sectarismo”: Há um apelo para o cristianismo, pasme, a fim de justificar os preconceitos e as discriminações.
- “Apresenta fortes compreensões mágicas”: Ao defenderem que a Terra é plana, por exemplo.
- “Diz que a realidade é estática e não mutável”: Não compreendem, notadamente, a evolução dos estudos científicos.
- “É frágil na discussão dos problemas. O ingênuo parte do princípio de que sabe tudo. Pretende ganhar discussão com argumentações frágeis”: Costumam culpabilizar todos os problemas do País a um único partido.
- “É curioso ver como os ouvintes se deixam levar pela manha, pelos gestos e pelo palavreado. Trata-se de brigar mais, para ganhar mais”: O inominável presidente expressasse sempre por palavões, gritos, ofensas e todo o tipo de agressividade, em seus discursos públicos e pronunciamentos.
- “É polêmico, não pretende esclarecer. Sua discussão é feita mais de emocionalidades que de criticidades: não procura verdade; trata de impô-la”:

No contexto da pandemia, esse líder ignaro e todo o grupo de adeptos defenderam e impuseram o uso de medicamentos ineficazes (cientificamente) contra a doença o que gerou mais morte e adoecimento.

Portanto, penso que se trata de um grupo de consciência fanática, pois há “uma entrega irracional” (FREIRE, 2019, p. 51). Milhares pagaram com a própria vida por se deixarem levar por esse discurso negacionista contra a vida. Será que nesse estado de consciência é possível alguma transitividade para a consciência crítica?

Parece que não temos saída, mas é preciso esperar, Freire. Concordo com o que tu dizias, não posso ser uma progressista e não ter esperança de dias melhores. Volto a *Pedagogia do Oprimido* para compreender o que nos é imposto na soma atroz de pandemia de vírus mortal e um governo cruel, igualmente mortal. Vivemos uma situação-limite que se apresenta como determinante histórica, esmagadora, em face da qual não lhe cabe outra alternativa, senão adaptar-se. (FREIRE, 1982, 110). E é isso que muitos de nós tentamos fazer: conscientizando as pessoas sobre a importância do distanciamento social, do uso de máscaras, da vacinação e de todos os cuidados necessários para evitar que o vírus circule mais e ceife outras vidas. Uma outra situação-limite impôs-se também: o ensino remoto emergencial. Com o indispensável isolamento, as escolas fecharam suas portas e o ensino vem se realizando em forma virtual ou on-line. Sabemos que essa não é a solução adequada, visto que crianças pobres terão prejuízo acadêmico permanente, já que não gozam dos privilégios de uma banda larga. Para esses casos, as escolas adotaram o trabalho remoto no qual as atividades impressas são enviadas para as famílias e depois devolvidas na escola.

Com as situações-limites impostas pela covid-19 e pelo autoritarismo do governo federal, não chegamos a transcendê-las, mas este é o nosso inédito viável que nos faz, paulatinamente, mais críticos. Em suas palavras, “Para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das situações-limites em que os homens se acham coisificados” (FREIRE, 1982, p. 111). Os homens e mulheres se acham coisificados no Brasil de 2021 quando a eles e a elas são negadas vacinas que impediram a morte de 300.000. São coisificados quando o chefe do executivo não lamenta pelas mortes perdidas e

ainda debocha dos que morreram ou que perderam o ar com a doença. Somos coisificados todos os dias por um governo que, durante a pandemia, negou a ciência e optou, deliberadamente, por tratamentos ineficazes, promoveu aglomerações e desaconselhou o uso de máscara. Viramos números, pois nossa sociedade já normalizou as 2.000 brasileiros e brasileiras morrem diariamente em função dessa doença. Observo, de modo geral, que as pessoas normalizaram o número de mortes diárias. É preciso superarmos a coisificação em que nos achamos nesta pandemia.

Como superação de todas essas situações-limites, tu argumentas, meu mestre, que a ação libertadora deve se impor. Ontem, no dia 19 de junho, milhares de pessoas foram às ruas, a despeito do risco de contaminação por covid, mas o motivo é justo: percebemos que o presidente é ainda mais letal que o próprio vírus. Por isso, ir às ruas foi mandatário. Como dizias em *Pedagogia do Oprimido*: “as “situações-limite” implicam na existência daqueles a quem direta ou indiretamente ‘servem’ e daqueles a quem ‘negam’ e ‘freiam’.” (FREIRE, 1982, p. 110).

Assim seguiremos freando aqueles que se encontram confortáveis nessas situações-limites (os ricos enriqueceram ainda mais durante a pandemia) e promovendo ações, o inédito viável, para dirimir os perversos impactos sobre povos que estão sendo exterminadas por essa doença: pessoas pobres pretas e periféricas; comunidades quilombolas e indígenas. Sim, Mestre, vivemos um genocídio em curso.

Como disseste em *Educação e Mudança*, para o irracionalismo sectário, a humanização representa um perigo (FREIRE, 2014), portanto essas mortes são um projeto do governos federal e, comprovadamente, um programa muito bem sucedido de assassinato de povos vulneráveis e oprimidos.

Apesar das situações-limites descritas até aqui serem aterrorizadoras, de alguma forma, a solução ou o “inédito viável” estão favorecendo a conexão dos grupos que estudam tua obra e teu legado. Com o distanciamento social, ficou muito comum os encontros nos espaços virtuais e nós, estudiosos de tua obra e progressistas, estamos ocupando esses lugares, com um sem número de eventos virtuais, postagens com citações tuas, e-books (livros eletrônicos) que reúnem capítulos e artigos escritos por aqueles que vêm dedicando-se a educação libertadora, entre outras ações.

Preciso finalizar, então, minha carta com boas novas. Estamos comemorando seus 100 anos de existência e graças à virtualidade, podemos nos unir cada vez mais para discutir tuas ideias, retomar tuas obras e repensar formas de estar com o povo em seu processo de libertação desse governo opressor que se impõem.

Particularmente, a situação-limite enfrentada me fez reler quase todas as tuas obras, me fez ainda mais crítica e consciente do papel político que a educação tem. Repensei toda a minha práxis, meu “quefazer” pedagógico e meu compromisso com a transformação da realidade opressora. Neste momento em que vivemos, não há espaço para a neutralidade, é preciso posicionar-se. Agora, em favor da vida! Não há neutralidade, sobretudo no ato educativo, e esta constatação nunca se fez tão clarificada.

Sou uma agnóstica humanista, não possuo crenças, mas acredito na metafísica. É possível que tua consciência esteja em algum lugar e espero que esteja ciente destas minhas palavras e de toda gratidão que tenho por ti.

Comprometida com a mudança,
Belo Horizonte (MG), 20 de junho de 2021.

Referências

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Ser gente!

Rita de Cássia da Rocha Cavalcante¹

Meu caro Paulo Freire,
Que bom poder falar com você!

Escrever-lhe esta carta é como realizar um antigo sonho. Um desejo acalentado, desde os bancos do Curso de Graduação em Pedagogia, no início da década de 1990, quando eu ansiava por esse encontro. Grande Mestre, aprendi a admirar seus escritos, pois são cheios de vida. Eles me tocam profundamente e me possibilitam aprender mais sobre mim e sobre os outros.

Quero continuar este pequeno registro remontando a minha memória e trazendo momentos que foram importantes. Nessa viagem, encontrei um dos primeiros trabalhos que fiz na Academia sobre os educadores brasileiros, quando conheci um pouco de sua vida e de sua obra. Fiquei surpresa ao saber que a relação entre educação e pobreza que você investigou causou repulsa, e esse estudo chegou a incomodar alguns, embora essa relação fosse sentida por muitos brasileiros nas formas mais vis. Uma opção política em nome dos despossuídos da terra. Que fazer? Enfrentar com compromisso social e ético.

Paulo, quando suas produções começaram a se destacar, eu estava por nascer. Um tempo difícil, em que o falar não podia ser livre. E é sobre esse aspecto que quero me deter e centrar minha carta.

Recordo que, bem pequena e curiosa, intrigavam-me as diferenças físicas entre meus pais. E de vez em quando, vêm-me à memória alguns diálogos que tive com meu pai. Eu questionava por que ele tinha os cabelos tão enroladinhos e escuros, a pele das mãos e dos pés de cores diferentes, e o nariz

1 Professora do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba.

tão grande que, ao inspirar fundo, levaria todo o ar do mundo. Entrávamos em longos e demorados debates, em que ele sempre negava e afirmava ser impossível me vencer. Eu era pura teimosia, dizia ele. E quando lhe faltavam argumentos, ele me fazia um sinal com o dedo indicador cortando a boca. Menina, não é pra falar disso! Silêncio! E eu, prontamente, atendia ao seu pedido - quase uma ordem - pois reconhecia sua autoridade e por respeitar os mais velhos.

Confesso, meu querido, que, geralmente, não entendia o que se passava. Intrigava-me sempre a pergunta: Por que o que eu via meu pai negava? Mais estranho era que quase tudo o que eu via me pediam para não falar. Ficava eu a pensar: será que eu vejo diferente? Minha vista teria algo errado? Eu precisava de óculos? Para completar, era difícil eu ver e não poder perguntar. Não ter com quem dividir doía e me lançava um peso sobre meu ser. Essas questões me acompanharam durante muitos anos.

Você, talvez, não imagina o quanto a situação se complicava, quando eu olhava para minha mãe, uma mulher magra, de cabelos lisos, nariz pequeno e fino, pele e cabelos claros e de uma cor só. Ela era uma bonequinha, linda! Herdara os traços físicos de seus pais, que pareciam holandeses. E como se não bastasse, meu amigo, as pessoas ainda diziam que eu me parecia com meu pai. Não se falava em mistura. Sequer as pessoas diziam “ela tem isso da mãe e aquilo do pai”. Nada.

Durante vários anos, Paulo, eu fui a única menina de cabelos pretos longos e encaracolados entre dois meninos de cabelos lisos e de uma cor só. Assim, muitas vezes, meu cabelo foi cortado para baixar, e ao acordar, a primeira coisa que me falavam era: “Vai lavar o rosto e pentear esses cabelos.”

Com um pente pequeno e fino, pentear era uma tortura. Os penteados para deixar os cabelos bonitos também me despertavam ira. Eu chegava a desejar que o espelho grande do quarto de minha mãe quebrasse, e o pente desaparecesse de uma vez. E não custou para isso acontecer!

Eu gostava de meus cabelos cheios, longos e com cachos pretos e bem definidos, eles me encantavam. Eram minha alegria e tristeza. Amava vê-los, adorava que fossem muitos, mas detestava ter que cortá-los ou frisar para eu parecer com meus irmãos, nem que fosse à força do corte rebaixado. Tudo isso me deixou marcas profundas!

Quando fui à escola, foi como chegar em outro mundo. Tinha tantas pessoas diferentes. Eu olhava para meus colegas e ficava a imaginar como tínhamos tantos tipos de cabelos e cores de pele, embora usássemos os mesmos uniformes, isto é, uma farda para meninos, e outra, para as meninas.

A atividade que eu mais gostava de fazer no educandário era pintar. E não demorou muito para eu descobrir, em minha caixa, um lápis estranho, que me deixava decepcionada. Lembro quando a professora me deu um desenho de uma pessoa para pintar e fiquei em dúvida sobre a cor que a pintaria. Como eu levei muito tempo preenchendo o modelo, a professora se aproximou e me perguntou o que estava faltando. Eu disse que não sabia de que cor pintar o rosto e os braços daquela mulher. Ela, então, me apresentou a solução mágica, o lápis cor de pele. Ainda me disse, de forma serena: “Agora que você sabe, não vai mais parar a pintura”.

Naquele dia, eu consegui terminar o quadro mimeografado, mas não estava satisfeita. Como era sexta-feira, dia de fazer artes, passei todo o final de semana pensando por que um lápis de cor fraca, que quase não aparecia no papel, podia ser usado para pintar todo mundo.

No domingo, minha mãe, estranhando o fato de eu ter passado todo o final de semana isolada no quarto, me perguntou o que acontecera na escola. Segundo ela, eu chegara diferente. Então, teria acontecido algo por lá. O que era? O que fizeram com todo aquele material que nós mandamos para você usar? Eu contei a situação de sala de aula que me intrigara, e ela me disse que não sabia o que responder, tampouco, meu pai. Eles, juntos e a uma só voz, me disseram que falasse com a professora na segunda-feira. Assim eu fiz. E a resposta da professora para a pergunta que me preocupara, durante dias a fio, foi a seguinte: “Esse lápis serve para pintar qualquer pessoa, por isso tem esse nome de cor da pele”.

Voltei para casa mais decepcionada. Essa foi a minha primeira grande decepção com a escola. Não queria pintar todo mundo da mesma cor. Fiquei chateada por muito tempo com essa questão. Para mim, se uma rosa não podia ser azul ou de outra cor diferente da que vemos na natureza, as pessoas também não deviam sofrer essa alteração visual. E por que com uma caixa com 12 cores de lápis, só uma poderia ser usada para dar cor às pessoas?

Ocorre que, um dia, na aula de Língua Portuguesa, a professora começou a dizer algumas expressões e mostrou figuras ilustrativas do tipo: “ele ficou roxo de raiva”, “vermelho de alegria”, “amarelo de medo”. Então, eu logo pensei: “Agora tenho algo que me permite pintar as pessoas de cores diferentes”. Resolvi uma questão prática também - todos os meus lápis poderiam ser usados. Não mais fazer a ponta dos lápis para usar um só ou deixar de lado alguns porque suas cores não serviam para pintar quase nada ou achar uma utilidade para o lápis branco que não aparecia no papel ofício que usamos na maioria dos trabalhos escolares era fantástico!

Enquanto a professora dizia que aquelas afirmações seriam figurativas e, por vezes, abstratas, para mim e para muitos de meus colegas, elas eram pura realidade. Foi então que passei a pintar as pessoas de tudo quanto é cor. Primeiro, com todas as cores da caixa de lápis; depois, com a mistura dessas cores. Era um arco-íris em forma de gente!!!

Recordo também que, naquela época, houve uma moda de pintar as unhas com esmalte preto. Eu achava lindo as minhas primas mais velhas, que eram manicures, sempre cuidando de suas mãos com os melhores e mais novos produtos cosméticos. Nesse ponto, eu queria ser igual a elas, isto é, bem cuidada e num estilo valorizado, mas elas me diziam que aquilo não era coisa para criança. Que eu não tinha idade para usar esmalte escuro. “Um rosa clarinho fica bem em você!” Todo aquele cenário se completava quando algumas pessoas diziam que pintar as unhas daquela cor (preta) era fazer pacto com o diabo.

Os medos que nos faziam eram tantos que, numa noite, sonhei com um vulto tenebroso que me dizia, depois de ver minhas unhas das mãos pintadas com esmalte preto: “5 pra mim e 5 prá tu.” Acordei com o coração acelerado e gritando: “Eu não, eu não vou perder minha mão”.

Tinha tido um pesadelo que parecia não ter fim, pois, acordada, queria estar na moda, mas o medo não deixava e, dormindo, nem de longe queria pagar para experimentar essa novidade. E agora? O que fazer? Como fazer?

Esse dilema me perseguiu sem resposta durante longos anos. E, mais uma vez, foi a sua obra e a escola que me deram condições de ver mais longe. Além daquele horizonte já estabelecido e aceito como único, outros olhares seriam possíveis. Os estudos me serviram para entender nossa educação e refletir

sobre minha vida e me fizeram enxergar aspectos que ultrapassavam, muitas vezes, minha existência. Também me ajudaram a entender como nós, professores, podemos nos tornar educadores.

Paulo, sou grata a você por todo um legado extraordinário que foi colado com a realidade concreta, partindo das pessoas num diálogo como fala de contrários, o que fez com que eu me reconhecesse como gente.

Um forte, fraterno e afetuoso abraço, com estima!

Guarabira (PB), 16 de maio de 2021.

Pedagogia da indignação

Josafá de Orós



Pandemônio de barbaridades e malvadeza

Slaine Senra Mattos do Amaral¹

Tatiana Nascimento Severino Queiróz²

Thalita Ramos Rocha de Carvalho³

Querido Paulo Freire, nosso mestre e educador, saudações!
É com grande carinho que escrevemos esta carta. Iniciamos com o pequeno trecho da música de Roberto Carlos: “eu tenho tanto pra lhe falar, mas com palavras não sei dizer”... Realmente nos sentimos assim, mas começamos pelas apresentações. Somos três discentes de licenciaturas, amantes da educação. Três mineiras morando em uma mesma cidade, estudantes do mesmo Centro Universitário Newton Paiva, porém que não se conhecem fisicamente, nosso trio se encontra semanalmente por meio virtual. Licenciamos pela Educação a Distância, uma opção proporcionada nos tempos atuais. Pode lhe parecer estranho esta forma de educar virtualmente, pois, antes de 1997, isto poderia até ser considerado utopia. Porém, em 2021, o ensino virtual é uma realidade que se estende a toda educação, até mesmo a infantil.

1 Discente de Letras Licenciatura EaD pelo Centro Universitário Newton Paiva (MG). Integrante bolsista no Grupo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire (GEPPF). Graduada em Secretariado Executivo, atuando por dez anos na assistência executiva empresarial.

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR); Graduada em Letras pelo Centro Universitário Newton Paiva; Integrante voluntária do Grupo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire (GEPPF).

3 Discente do curso Pedagogia na modalidade EAD pelo Centro Universitário Newton Paiva (MG). Integrante voluntária do Grupo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire (GEPPF).

Pois bem, como percebeu, somos do futuro e estamos em um momento de mudança. Mudança que a princípio gerou medo, insegurança e até desesperança. Mudança no trabalho, na socialização e na educação. Iremos lhe contar.

Há pouco mais de um ano, o mundo foi assolado por uma pandemia que obrigou o confinamento das nações. A humanidade vive o “pandemônio” causado pela Covid-19. O novo coronavírus tem nos atormentado, tirado nossos sonhos, nossos momentos com a família e, pior, a vida de muitos, inclusive dos nossos entes familiares a quem tanto amamos.

Somos obrigados a sobreviver em meio ao caos, não estamos vivendo e sim sobrevivendo sem o direito de sonhar e de planejar. E ainda nos deparamos com outra questão séria: o que aconteceu com o nosso Brasil, com a sua população, principalmente aquela mais humilde. A utopia de um mundo mais humano e mais democrático, sem exclusão, está cada vez mais distante.

Se antes da pandemia a educação já era lenta e precária, agora ela está muito pior. Com a indiscutível necessidade do ensino virtual devido ao contexto de saúde pública, surgiram muitas dificuldades aos profissionais da educação, principalmente aos de escolas públicas: desvalorização e precariedade em relação aos meios e às ferramentas de trabalho, além dos prejuízos à saúde mental são aspectos que foram acentuados. Sem falar ainda sobre o aumento das desigualdades sociais, do preconceito e da discriminação.

A falta de políticas públicas emergenciais voltadas para a educação contribuiu para o aumento da evasão escolar, essa muito citada e criticada pelo senhor, já que “os estudantes não deixam a escola porque querem, eles são expulsos por ela” (FREIRE. 2020, p.87). Diante das dificuldades encontradas, sejam elas financeiras e/ou emocionais, muitos estudantes não pretendem mais seguir com os estudos, alegam falta de ajuda por parte da família e muitos não têm onde encontrar o apoio e o incentivo que precisam, veem a escola como uma inimiga, sentem-se com medo e desamparados. Além disso, a proposta de ensino, elaborada pela maior parte dos governos, não atende a todos os estudantes, devido à falta de equipamentos tecnológicos em casa – computadores, tablets, celulares smartphone e roteador –, bem como falta acesso até mesmo à internet.

Atitudes como essas nos remetem ao livro *Direitos Humanos e Educação Libertadora* (2020), no qual em uma entrevista sobre a necessidade de mudar

a “cara da escola”, o senhor diz “...porque tenho certeza de que essa escola que expulsa os alunos (e isto tem sido chamado de evasão escolar), que reproduz as marcas do autoritarismo deste país nas relações dos educadores com os alunos, que tem bloqueado a entrada dos pais e da comunidade na escola, não tem uma “cara” de que se possa gostar” (FREIRE, 2020, p. 208). Realmente, esta fala do senhor se faz muito pertinente aos dias atuais, a escola não tem sido vista com bons olhos, já que a grande maioria dos seus alunos, estão fora dela, porque ela não consegue oferecer um ensino de qualidade e de inclusão.

A educação, o emprego e a saúde estão um tremendo caos. Em qual lugar nós paramos? Por que há tantas vidas perdidas? Por que há tantas dores, medos e sofrimentos? Por que não se faz nada? Por que não se age com rapidez? Nos perguntamos constantemente: e se o senhor estivesse aqui, o que acharia disso tudo? O que estaria fazendo pelo seu povo? Porém, infelizmente, não está. São momentos de muitas frustrações, de muito medo e insegurança. Não temos mais o direito de nos manifestarmos, de usar a nossa liberdade de expressão, corremos o risco de sermos eliminados, espancados, simplesmente porque queremos atitudes mais humanas, que valorizem vidas. Estamos cansados, cansados de tantas barbaridades e de tanta malvadez!

No entanto, Mestre, diante desse contexto tão triste, ainda há uma esperança que nos une e seus ensinamentos nos guiam à luz dessa esperança. Inspiramo-nos em seus relatos, das infâncias de sua época, infâncias vividas no Recife e suas obras parecem escritas nos tempos atuais, nos fazendo sentir mais próximas de ti. A história de sua alfabetização à sombra de uma mangueira, retratada em *A importância do Ato de Ler* (1989), em que o senhor nos atenta que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 09), nos proporcionando grandes reflexões. Assim ficamos emocionadas em *Cartas à Cristina* (2020), nas declarações de sua infância, nos momentos difíceis em que o senhor descreve que, por causa da fome, lhe faltava até o raciocínio.

Seus estudos junto ao Serviço Social da Indústria (SESI), atuando como responsável pelas primeiras atividades da organização em Pernambuco, em 1961, nos revelou, desde o início, atenção e preocupação com as crianças e seus pais. São seus primeiros trabalhos como assistente na equipe da Divisão de Educação e Cultura, que contou com a democratização inserida nos Círculos de Pais. Os relatórios, daquela época, mostrando as diferenças entre

as famílias das regiões rurais e das regiões litorâneas, como os pais sofriam com os trabalhos exaustivos e lidavam de diferentes formas com os filhos, sendo as palmadas e agressões infantis mais presentes na área rural do que no litoral. Assim foi retratado pelo professor e historiador Sérgio Haddad, em um dos fascinantes relatos que ele nos presenteou no livro *O Educador: um perfil de Paulo Freire (2019)*.

Seus passos, Mestre, são a nós apresentados pelos estudiosos e estudiosas, professores e professoras, que, à luz de seus ensinamentos, não deixam esquecido o seu legado. Sem esses, nós, da geração futura, não teríamos a incrível (re)descoberta sua, a aproximação com suas experiências e a clareza de suas ideias, pois são através das biografias que apreciamos sua trajetória, suas concepções e ideias centrais.

Então, por que tomarmos como destaque uma parte de sua história tão distante, 1961? Lá no tempo em que o senhor iniciou seus primeiros trabalhos como educador e que transformaria sua atuação. Ora, distantes estamos nós da nossa realidade. A sociedade brasileira está dividida e desinformada.

No tempo atual, as infâncias são vividas um pouco diferentes. Hoje a alfabetização é dada através do ensino remoto, pela tela. Quase não há mangueiras. As crianças não brincam mais ao pé de uma árvore, pois é raro encontrar quintais arborizados. Os centros urbanos tomaram conta da atual geração. Se os pais agridem ou dão palmadas, não têm mais tanta importância, pois as infâncias foram sucateadas pela pandemia. Não há escola nem ensinamento democrático em um Brasil de disputa política, fascista, interesseira e individualista.

Ainda há fome nas infâncias, mais do que isso, há uma triste realidade imposta pelo atual governo, há órfãos em demorado. “O homem que governa o Brasil condenou uma geração a crescer e a viver sem pai ou sem mãe”, assim diz a carta escrita por Eliane Brum (2021), escritora, repórter e documentarista. Eliana destina a carta à afilhada de apenas dois anos, que perdeu o pai, Lilo Clareto, para a Covid-19. É importante contextualizar que o fotógrafo, Lilo, se dedicou a retratar as violações ambientais e humanas que ocorrem na floresta Amazônica desde a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, e ler essa carta não nos proporciona o mesmo gosto de ler as inúmeras cartas que encontramos em seus escritos, mas nos revela a dor e a falta de amor por parte de quem deveria zelar pela nação.

A população brasileira convive com o discurso político neoliberal, autoritário, difuso, que espalha incertezas, discurso negacionista que gera conflito e o agravamento da pandemia. Esperançar e responsabilizar são verbos que encontramos em muitos dos seus registros, nas suas obras e cartas, entretanto, se tornaram distantes, já que estamos em tempos de ações que não condizem com fatos.

Em *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar (2015)*, encontramos, além desses verbos, importantes reflexões sobre o ato de educar, ensinar e aprender com os seres humanos. Na décima carta, encontramos o relato da disciplina que tanto nos faz falta hoje no país. Precisamos acreditar na ciência, nos estudos científicos, aceitarmos a responsabilidade científica e recusarmos a distorção cientificista. Por fim, acreditar na democracia!

O caminho para uma educação progressista se faz nas virtudes, que podemos encontrar explicada na sexta carta dessa mesma obra *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar (2015)*, virtudes que delineiam uma educação progressista. A humildade que exige a coragem, a confiança de que ensinando também se aprende, pois “ninguém sabe de tudo e ninguém ignora tudo” (FREIRE. 2015, p. 82). As premissas para o diálogo aberto ao aprender e ao ensinar, estando próximos dos outros e agindo com humanidade. A coragem de lutar pela democracia, pela intolerância. A decisão, a segurança, a disciplina intelectual, a procura pela justiça sem o uso de privilégios. A “unidade na diversidade” de direito igualitário.

Portanto, Mestre, decidimos ser professoras porque carregamos conosco o desejo de fazer a diferença na vida das pessoas, de ajudá-las a lutar por um mundo melhor. Fazer com que acreditem que é possível alcançarem os seus objetivos, mesmo com tantas dificuldades. Porque, acreditando em todas as virtudes, de uma educação progressista, podemos fazer de sua filosofia pedagógica nosso método de ensinar e educar. Agradecemos por nos proporcionar tantas reflexões e amorosidade!

Abraço triplo.

Belo Horizonte (MG), 20 de junho de 2021.

Referências

BRUM, Eliane. **Maria, preciso te contar sobre Bolsonaro, o fazedor de órfãos.** El País, Brasil, 05 de maio de 2021. Opinião. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2021-05-05/maria-preciso-te-contar-sobre-bolsonaro-o-fazedor-de-orfaos.html>> Acesso em: 04 de junho de 2021.

HADDAD, Sérgio. **O Educador: Um perfil de Paulo Freire.** Introdução: James N. Green, Posfácio: Regina Dalcastagne. São Paulo: Todavía, 1ªed., 2019 - 256 páginas.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis.** Organização de Ana Maria Araújo Freire. 1a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____. **Direitos Humanos e educação libertadora: gestão democrática da pública na cidade de São Paulo.** Organização de Ana Maria Araújo Freire, Erasto Fortes Mendonça. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, 24. ed. rev. e atual.

Entre a pandemia e o pandemônio

Ana Carolina de Souza Ferreira¹ | Andrei Mazzola de Jesus Dias² | Ewerton Rafael Raimundo Gomes³ | Jalidiane Moura Queiroga⁴ | Jessica Marília da Silva Souza⁵ | José Yan Oliveira⁶ | Matheus Gleydson do Nascimento Sales⁷ Ruth Margarete da Silva Albuquerque⁸ | Taynnã Valentim Rodrigues⁹

-
- 1 Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba, residente do projeto de iniciação a da docência da residência pedagógica, subprojeto de História de Campina Grande Ana.Carolina.ferreira@aluno.uepb.edu.br
 - 2 Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba, residente do projeto de iniciação a da docência da residência pedagógica, subprojeto de História de Campina Grande andrei.dias@aluno.uepb.edu.br
 - 3 Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba, residente do projeto de iniciação a da docência da residência pedagógica, subprojeto de História de Campina Grande ewerton.gomes@aluno.uepb.edu.br
 - 4 Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba, residente do projeto de iniciação a da docência da residência pedagógica, subprojeto de História de Campina Grande jalidiane.queiroga@aluno.uepb.edu.br
 - 5 Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba, residente do projeto de iniciação a da docência da residência pedagógica, subprojeto de História de Campina Grande Jessica.marilia@aluno.uepb.edu.br
 - 6 Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba, residente do projeto de iniciação a da docência da residência pedagógica, subprojeto de História de Campina Grande jose.yan@aluno.uepb.edu.br
 - 7 Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba, residente do projeto de iniciação a da docência da residência pedagógica, subprojeto de História de Campina Grande Matheus.sales@aluno.uepb.edu.br
 - 8 Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba, residente do projeto de iniciação a da docência da residência pedagógica, subprojeto de História de Campina Grande ruth.albuquerque@aluno.uepb.edu.br
 - 9 Mestra em História pela Universidade Estadual da Paraíba, preceptora do projeto de iniciação a da docência da residência pedagógica, subprojeto de História, Campos de Campina Grande. Taynna.rodrigues@professor.pb.gov.br

Querido Mestre,

Como os grandes mestres da antiguidade nos ensinaram, não podemos começar esta carta sem recorrermos ao sagrado. Que a musa da história nos ajude a recordar a memória deste bravo brasileiro, que dedicou sua vida à educação dos menos favorecidos.

Querido professor Paulo Freire, é com imensa honra que vos escrevemos. Já se passaram vinte e quatro anos desde que o senhor partiu. As coisas aqui não andam muito bem. A educação continua sendo desvalorizada, o ensino ocupa um papel secundário na vida da maioria de nós, porém, nos mantemos firmes e resistindo a cada dia, a este processo elitista, que tem gênero e raça marcados e que cada vez mais têm um projeto político, educacional e social que coloca a classe pobre e trabalhadora à margem da sociedade, retirando-os de si seu senso crítico e sua voz.

Vivemos em um país que vêm sendo marcado por uma desigualdade social e econômica que se agravou com a situação pandêmica do covid-19, que expôs o abismo existente entre o ensino privado e o público, este último que o senhor dedicou a vida a estruturar, de modo que, independentemente de raça, orientação sexual e condições econômicas pudessem usufruir de maneira menos desigual, abrindo horizontes antes jamais imaginados.

A pandemia nos afastou do convívio pessoal, dos abraços e dos aprendizados do dia a dia, nos privou do toque, das conversas nos corredores, dos debates em sala de aula, mas nos mantemos firmes. O ensino, a educação e a resistência se mantêm agora de forma on-line, continuamos seu legado, o aprendizado não basta, ele se adapta, se modifica, encontra caminho nas mais difíceis adversidades.

Se antes nos esforçamos para, senão evitar, ao menos diminuir a agitação e os barulhos das salas de aula, hoje nos deparamos com o silêncio solitário. As conversas alegres, e nem sempre relacionadas a aulas cessaram, deram lugar ao vazio. A lousa da escola foi substituída pelo slide, o lápis deu lugar ao mouse, o apagador encontrou um atalho, basta agora pressionar *Ctrl +z*. Uma aula outrora barulhenta, hoje se encontra no abismo silencioso dos microfones desligados e nos *chats* sem conversas. Na qual insistimos de maneira esperançosa que os alunos participem da aula, pois vós mesmo nos ensinastes, que a educação é um processo plural, que o aprendizado é o fruto de uma síntese de ideias, estas muitas vezes, opostas e contraditórias entre si.

Nós enquanto residentes, enquanto professores de história em formação, enquanto membros da Residência Pedagógica do subprojeto História, da Universidade Estadual da Paraíba, campus I, nos propomos a expor aqui a nossa experiência dentro do programa da escola; ECIT Francisco Ernesto do Rêgo, situada na cidade de Queimadas-PB. Discorrendo sobre as dificuldades e desafios por nós enfrentados no ensino remoto, relatando-vos nossas estratégias e planejamentos, visando uma melhor maneira de repasse de conhecimento, fomentado o debate e a discussão teórico-metodológico, isto feito em parceria professor-educando, com os alunos do ensino médio da referida instituição.

No decorrer desta conversa, analisaremos alguns métodos que falharam, outros que deram bons frutos, demonstrando como nossa maturidade docente foi se moldando, e se podendo a cada novo desafio encontrado. Cada plano frustrado, cada noite sem dormir, cada expectativa não correspondida, nada disso foi em vão. Nos ajudaram a compreender como é o dia a dia escolar, longe das teorias e métodos que aprendemos na universidade, é professor... a educação na prática exige algo que não aprendemos na academia; o olhar o próximo com empatia, entender a dificuldade do outro nos auxiliou a pensar novas estratégias, a fazer atividades à molde, pensado para cada turma em específico. Cada dia de aula é uma história, cada história tem seus próprios percalços.

Nesse contexto pudemos conhecer de perto a dificuldades dos nossos alunos no acesso às salas virtuais devido a suas limitações tecnológicas, que acabam os desmotivando, além das adversidades vivenciadas no cotidiano familiar em suas residências, tendo em vista que hoje as salas de aula mudaram de endereço e se encontram dentro de seus lares. Levando em consideração que boa parte do alunado vem de uma situação econômica difícil que se intensificou em consequência do cenário nacional atual ao qual estamos vivendo.

Dessa forma, as aulas de história que antes continham uma carga horária maior, hoje passaram-se a durar apenas vinte e cinco minutos cada aula. O que pra nós já era um desafio trabalhar com aulas remotas de quarenta minutos, ao qual tínhamos pouquíssimos alunos presentes e uma participação escassa, fomos sujeitos a um novo plano pedagógico que pudesse alcançar o maior número de alunos para que nenhum fosse prejudicado. O plano de adaptação então ficou por conta de áudio-aula na qual buscamos reduzir o

tempo de aula para os vinte e cinco minutos contendo exatamente a explicação em áudio e as imagens do slide, os quais também precisaram ser repensados já que nos deparamos com as circunstâncias nas quais os alunos assistem estas aulas.

O sentimento que nos cerca é de limitação, devido ao uso dessas áudio-aulas. Tornou-se ainda mais complicado reduzir conteúdos para aulas cada dia mais tecnicistas, também nos trouxe a inquietude de como nossos jovens estão recebendo esse conteúdo, de como nossas indagações chegam para eles, como seria a possibilidade de promovermos um ensino crítico-social através do nosso diálogo em aula. Todas essas questões perpassam pela nossa mente, deixando lacunas e a sensação de incompletude, por razão da abordagem de temas complexos precisarem ser cada vez mais resumidos e mecanizados.

A escassa participação dos alunos nos faz pensar e elaborar a todo momento novas estratégias que os impulsionassem a participarem das aulas ou ao menos comparecerem a elas, tendo em vista que enfrentamos o pequeno número de presença nas aulas e o déficit na participação dos mesmos. Uma das estratégias pensadas para trazer esses alunos as aulas e instigá-los a participar foi a aula de questões a qual foi pensada justamente com o intuito não somente da aprendizagem em si, mas em busca de responder a algumas das nossas inquietudes quanto ao aprendizado e a forma como eles recebem o conteúdo, como também um método de buscar um contato visual diante da tela, ou seja, a procura de estreitar laços, estes que não tivemos oportunidade de estreitá-los nas aulas conteudistas.

Paulo, sei que enfrentaste a perseguição política dos anos de chumbo, tiveste em cárcere e posteriormente fora de tuas terras nativas, ensinando o mundo a ler a si próprio. Aos que puderam te conhecer ao menos pelas páginas dos livros, você sempre nos encantou com tua boniteza humana e perseverança de quem luta, como diria Florestan Fernandes (outro querido professor) “contra as ideias da força, a força das ideias”. Sendo acusado de subversivo, encarado como inimigo da nação e inclusive de Deus, logo tu Paulo, um homem que via Cristo em cada esquina nas favelas do Recife.

Tu sendo um homem que viu e sentiu a fome, não perdeu a esperança, esta última que aprendemos contigo, do verbo esperar, não deixou de buscar a transformação social através da leitura do mundo mediada pelas palavras. Pois como dizia, se começa a ler desde quando vamos percebendo a vida, as árvores,

os cheiros e odores, sendo atravessados pela materialidade do mundo, a palavra mundo. Mundo este que você, Paulo, ousou transformar, pois sabia que fome, miséria, analfabetismo, violência e demais tristezas desta vida não são naturais, pois o mundo não é, ele está sendo. O mundo não é fixo ou natural em suas desigualdades, logo, passível de transformação, revolução.

Queria te dizer que aqui ainda não aprenderam muito com seus ensinamentos, que a sociedade ainda está violenta, votando de forma violenta, movida pelo ódio e pela desinformação, os tempos são difíceis, Paulo. Vemos que a perseguição e proibição de teu projeto para o Brasil no campo da educação pelos militares em 1964 ainda está aqui, em 2021 ainda não aprendemos a ler o mundo. Nós hoje temos um governo que ainda te persegue, mesmo teu corpo já não estando mais entre nós. Tuas ideias ainda assustam os poderosos, não deixam as maiorias (povo pobre e negro) acessar as tuas ideias, querem nos impor o ensino bancário que além de impositivo e mecanicista tem por trás literalmente os bancos e interesses mercadológicos e empresariais com objetivos de cimentar ainda mais os muros da desigualdade, reproduzindo o sistema capitalista.

Desde 2020, paira sobre nós a insígnia da peste, da fome e da guerra que ainda segue a matar os cristos pelas favelas deste país, Paulo. Hoje a educação não é mais um direito, acessam os que podem pagar pelos serviços de internet, as ondas de conectividade nos tornam agora mais distantes, pois se viu as salas serem esvaziadas, as turmas se esvaindo e a educação sendo desacreditada. Em uma sociedade violenta tu sabes o que isso significa, Paulo. Aqui ainda não aprendemos contigo, nos falta empatia, humanidade e conhecimento sobre as formas de opressão que ainda seguem a nos marcar as carnes. Como um iniciado no mundo da educação, logo no início do curso de História me lembro de chegar a ti na biblioteca da UEPB através do livro “A pedagogia do Oprimido”. Com esta obra pude conhecer um pouco de sua capacidade em ser humano, sensível e crítico com a sociedade em que viveu. A partir da nossa atuação no Projeto Residência Pedagógica, buscamos nos aproximar de ti e de todos os demais que ousaram propor a transformação e acender a chama de uma nova vida, aquela que nos ensinou o poeta que mesmo Severina, vale a pena ser vivida, positivada e transformada.

E assim, apesar de todas essas angústias que nos cercam e nos fazem desacreditar, nos agarramos ao verbo esperar e seguimos nessa luta usando

as armas que temos para fazer seu legado continuar e, enquanto estiver pelo menos uma faísca acesa, lutaremos para ela não se apagar.

Espero que não te assustes, mas também não dá para negar que os demasiados ataques, desvalorização e postergação a educação, desanima e faz refletir se ainda vale a pena lutar. A educação tem ido do amor ao ódio na mesma frequência. Por sorte, o amor tem pesado mais nessa balança, permitindo-nos sonharmos com um amanhã justo, acessível e consciente, mesmo presos nas ferragens de um sistema que cada dia mais nos rouba a autonomia e a possibilidade de consciência, já que nos enquadra a um conjunto de regras e normas que nos assaltam a esperança de recuperar o senso de humanidade. Temos poucas munições na arma, Paulo.

A educação de fato tem sido um ato político, mas com dois lados opostos, e o que vem contra, tem muita força. É a própria política/governo, ela não se agrada dos indivíduos autônomos, da libertação dos oprimidos, nem da pedagogia crítica. E assim, nos limitando a vinte e cinco minutos de áudio aula estritamente explicativa, desvia nossos passos da sua pedagogia, mas mesmo cambaleando encontramos um jeito de não desviar.

Essa abordagem tecnicista que está nos sendo imposta anula todo o espaço para reflexões, que sem dúvidas, são fundamentais para o desenvolvimento de um alunato autônomo ao qual o senhor dedicou a vida na tentativa de desenvolver. Os alunos, cansados e quase sempre alienados da importância de uma educação voltada para reflexão, muitas vezes se posicionam a favor do encurtamento do tempo em sala de aula e a síntese de conteúdos que deveriam ser abordados com calma e paciência, mas quem pode culpá-los? Quem pode atribuir a esses jovens o pesado fardo da responsabilidade dos resultados das políticas de um sistema que os quer assim; alienados e descrentes de sua condição enquanto agentes na própria história?

Porém temos seu exemplo, e como dissemos, não desistimos estamos sempre na tentativa de fazer novas abordagens quando as anteriores falham, erguer o ânimo dos alunos quando se desmotivam perante as adversidades e obstáculos da educação à distância que evidenciou e potencializou a fragilidade de uma educação que não é tratada como prioridade em nosso país. Seguimos na luta, Paulo, vibramos com cada avanço e cada participação que obtemos dos alunos, pois sabemos que é este um dos principais desafios na atípica situação na qual nos encontramos atualmente

Pasme, ultimamente temos usado como resistência uma frase que diz “Onde queres revólver, sou lousa e giz. Onde queres Carlos Ustra, sou Paulo Freire”. Pois, até a educação nos querem roubar. Mas ainda acreditamos nela como ferramenta para a sociedade mudar. E temos feito de tudo, nos refizemos, recriamos, reinventamos, entretanto nunca do barco pulamos.

A nossa caminhada pode ser resumida quando o senhor diz que “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 2004, p. 142). Temos tecido esperança, semeando conhecimento e nos mínimos, colhido alegrias, e assim, com um passo aqui e outro acolá, permanecemos a caminhar seguindo os seus ensinamentos.

Querido Paulo Freire, estamos vivenciando tempos difíceis na educação, porém, com seus ensinamentos seguimos firmes, resistindo e principalmente dando nosso melhor a cada dia pois acreditamos que com a semente da educação poderemos colher muitos bons frutos.

Apesar da falta de reconhecimento, dos ataques diários, das limitações, nós professores e professoras estamos trilhando um caminho cheio de empecilhos, mas que nos deixa felizes em saber que não estamos sozinhos nela. A cada olhar de gratidão dos nossos alunos nos sentimos firmes, orgulhosos e confiantes para continuar trilhando um caminho no qual não saberemos o que nos espera. Gratidão, pois tudo fica mais claro e objetivo quando paramos para ouvir ou lê seus ensinamentos. Obrigado mestre por toda inspiração.

Cordialmente,

Campina Grande (PB), junho 2021

Trajetórias improváveis, pandemia e leitura do mundo

Sol Silva Brito¹

Ao utópico e esperançador Paulo Freire,
Saudações professor Paulo Freire!

Desde que recebi a divulgação do trabalho em comemoração ao seu centenário, realizado pelo professor Cidoval Sousa, que neste momento organiza o terceiro volume da trilogia “Cartas a Paulo Freire”, venho pensando o quanto me daria satisfação ousar ser autora de uma carta endereçada ao Patrono da Educação Brasileira. As Cartas Pedagógicas (FREITAS, 2020) entraram na minha vida acadêmica muito recentemente, assim como o meu (re)encontro com seu legado e suas obras também se deram noutra dia, quase no findar do ano passado. Preciso destacar, que ao assumir esse tardio aproximar-me do seu legado, o faço sem qualquer orgulho ou humildade, o sentimento é de tristeza e um pouco de vergonha mesmo, não poderia deixar de confessar.

Embora a descoberta das Cartas Pedagógicas seja algo recente, tenho recorrido a elas cada vez com mais paixão e interesse e é nesse contexto que lhe escrevo, tanto como uma apaixonada por elas, as Cartas Pedagógicas, quanto pela gratidão por (re)encontrar e (re)significar seu legado no meu caminhar acadêmico como doutoranda de um Programa de Pós-Graduação em Educação.

1 Filha de retirantes nordestinos (Pernambuco), mãe do Lucas e do Felipe que, assim como ela, também são frutos da escola pública. Pedagoga pela UNISO; mestre em educação pela UFSCar-Sorocaba, atualmente é doutoranda na mesma instituição. Atua há mais de 25 anos na rede pública municipal de Sorocaba/SP e, nos últimos nove anos, na supervisão de ensino.

Tenho pensado muito em escrever sobre como é sistematizar as ideias e reflexões a partir de Cartas Pedagógicas e quero muito fazê-lo considerando seu legado, pelas lentes dos estudos da professora Freitas (2020) que, ao nos apresentar o tetragrama aponta possibilidades de compreender o que se dá nesse movimento de autoria. Penso que será uma escrita sobre os andaimes da perspectiva de expressar, anunciar e propor reflexões, por meio das Cartas Pedagógicas, no entanto, não farei isso nesse momento. Para essa escrita meu foco será compartilhar e propor uma reflexão sobre como o mundo e suas realidades têm se anunciado a mim, para questões em que me esqueço que a leitura do mundo deveria preceder a leitura da palavra (FREIRE, 1989).

A minha crença de que outras cartas lhe serão escritas contextualizando o cenário pandêmico que o mundo vive nesse momento e, tendo (re)lido recentemente “Pedagogia da Indignação” minha escolha é iniciar o diálogo a partir de algo que há dias vem ocupando meus pensamentos. Primeiramente destaco que há mais de duas décadas perdi o hábito de assistir TV, tanto para entretenimento, quanto para qualquer outro fim, mas dia desses parei num canal qualquer ao me deparar com um documentário que apresentava, sob a chamada “Os esquecidos dos lixões”, a realidade de uma cidade chamada Eunápolis na Bahia. Nunca tinha ouvido falar dessa cidade, mas não posso negar que o contexto do documentário não era algo inédito.

O destaque principal do repórter voltava-se para o lixo hospitalar que vinha sendo, recorrentemente, jogado no lixão de Eunápolis comprometendo a saúde daquelas e daqueles que vivem da reciclagem do lixo tendo isso como o “trabalho” que garantia o sustento de suas famílias. No recorte que assisti, o falava-se ainda da falta de saneamento básico da cidade, mostrando o fluxo de caminhões que vinham despejar esgoto em córregos próximos ao lixão, enfatizando a precariedade de uma cidade sem qualquer estrutura de tratamento de esgoto, cuja coleta se dá por meio de sucção das foças domésticas e comerciais, pois, em pleno século XXI, essa cidade não tem qualquer tipo de captação e tratamento do esgoto.

Deu-me a impressão que a denúncia da questão sanitária envolvendo o despejo de esgoto a céu aberto fora uma descoberta quando da equipe estar no lixão para retratar a situação dramática do descarte do lixo hospitalar, (seringas, agulhas, gaze, ataduras e cateteres com restos de sangue, entre

outras coisas que nem sei nomear), no mesmo espaço em que lixo doméstico e comercial é jogado mantendo várias famílias em situação de vulnerabilidade “trabalhando” naquele lugar. Se não bastasse a indignação de saber que no Brasil de hoje inúmeras famílias sobrevivem dos lixões, o maior impacto/indignação e o que não sai do meu pensamento foi a frase dita por um senhor aparentando uns sessenta anos que, respondendo ao repórter como via aquela situação (descarte de lixo hospitalar no lixão) respondera que era muito triste visto o perigo que aquele tipo de lixo provocava a quem trabalhava ali e destacou: *“A gente é de uma classe inferior, mas o trabalho pra nós é uma honra.”*

Reconhecer-me enquanto filha de retirantes nordestinos, saber e assumir minha trajetória (im)provável que se realiza a partir de oportunidades que nasceram na escola pública e da escolha por ter a educação como espaço profissional de uma vida, faz com que eu tenha dificuldade de processar, no sentido de compreender, que sim, eu poderia ser mais uma brasileira se assumindo de uma classe inferior.

Nesse sentido, quando penso no legado que o professor Paulo Freire deixou, não necessariamente para o Brasil, mas para humanidade; quando penso na educação popular enquanto foco de sua atuação em lugares como Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, fica impossível não me perguntar por que a realidade como a mostrada no documentário ainda é uma realidade.

Ao retomar suas reflexões (FREIRE, 1989) e pensar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e que

É neste sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não e associada sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica. (p. 14)

Fica impossível não se indignar por ainda não termos, de alguma forma, generalizada essa ação contra-hegemônica. É no movimento de indignação disparado pela fala daquele senhor, que acredito ter se dado visto minhas origens nordestinas, que me pego escrevendo essas linhas enquanto (re) significativo e desloco o olhar, trazendo o foco para mim enquanto educadora,

acadêmica, brasileira, filha de retirantes nordestinos, enfim, gente e, passo a me perguntar: *O que tenho feito para transformar a realidade dos cenários que atuo? Que contribuição tenho dado nos espaços em que me insiro e me posiciono enquanto profissional e acadêmica?*

Essas questões me levam de volta ao cenário da pandemia e ao “Memorial Inumeráveis”², um espaço virtual do qual tomei conhecimento num curso de extensão que venho participando. Lá, no espaço virtual, encontram-se narrativas de pessoas que perderam suas vidas para a COVID-19 e, quando fui conhecer a página, ainda que pareça mórbido, quando percebi estava a procurar por “Solanges” que estivessem ali retratadas e encontrei seis registros. Eram “Solanges” que deixaram esse plano em virtude da pandemia da COVID-19, entre os 31 e 67 anos de idade. Me senti impelida a ler essas narrativas, mas não consegui ler todas. Me deparei com a narrativa escrita sobre “Solange dos Santos Alves, 31 anos”³,

Bancava a durona, mas tinha o coração mole.
Também conhecida por Sol, o que para ela era um apelido perfeito. Não apenas por causa de seu nome, mas pela luz própria que irradiava.
Do bairro de São Miguel Paulista, foi mãe de Miguel e de Guilherme, suas paixões, assim como também eram seus demais familiares e amigos. (Grifos meus)

Também sou Sol, também tenho dois filhos (Lucas e Felipe) que significam, justificam e dão sentido à minha existência, mas com uma diferença muito grande da Sol do “Memorial Inumeráveis”, eu tive a idade dela, mas ela não terá a minha! Tomar consciência de que seis “Solanges” deixaram esse plano, por conta da pandemia, foi como ter que reconhecer e aceitar, como um anúncio feito em frases de *outdoor* em *neon*, o que Morin (2020) apresenta como “fragilidade esquecida”; a mesma fragilidade que, senão por muito esforço, acabo por esquecer de minhas origens e do quanto ainda há por ser feito em lugares como Eunápolis/BA.

Ainda, segundo Morin (2020, p. 26), “Com o vírus e com as crises que se seguem, provavelmente conheceremos mais incertezas que antes e precisamos

2 “Inumerável” - Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. Disponível em <https://inumeraveis.com.br/>

3 Disponível em <https://inumeraveis.com.br/solange-dos-santos-alves/>. Acesso em 18.abr.2021.

nos aguerrir para aprender a conviver com isso.”. Morin também destaca a importância de olhar para o aumento imensurável das desigualdades sociais que agora vão para a “fatura” da pandemia, mas que já estava escancarada em muitos lugares do mundo, assim como podemos citar Eunápolis/BA mais uma vez.

É nesse contexto em que compreender a importância da leitura do mundo, como condição para a leitura da palavra, no meu caso não a alfabetização, mas a escrita de uma tese, que me proponho e convido à reflexão: Como continuar minha narrativa a partir do que as leituras, partilhas e reflexões que o espaço acadêmico me mobiliza sem deixar de olhar, reparar e buscar revelar o que está inscrito enquanto realidade de mundo que se evidencia a mim, seja por meio de um documentário de TV ou um site da internet? Escrever cartas tem sido uma experiência que está me marcando, intelectual, pessoal, existencial e profissionalmente e levando-me a fazer algumas perguntas num diálogo comigo mesma. Recorrendo à Passeggi (2011) tenho me perguntado: Agora que tenho consciência dessas experiências (necessidade da ler e assumir a leitura do mundo) e do que elas fizeram comigo (olhar pelo viés da utopia e do esperar); “O que faço com o que isso me fez?”.

Noite de domingo e me preparo para descansar. Em mim a gratidão transborda, visto que não me falta cama ou cobertor, depois de um banho quente, mas Freire povoa meus pensamentos me lembrando que preciso buscar pela ação que deve vir com a indignação, não fosse assim, como poderia eu esperar?

Abrços com amorosidade,
Sorocaba (SP), 20 de junho de 2021.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção

polêmicas do nosso tempo; 4)

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma pesquisadora: cartas pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras Paulo Freire**. 1 ed. São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poiesis & Poiética Casa Publicadora, 2020. 302p

MORIN, Edgar. **É hora de mudar de via: lições do coronavírus**. [Tradução Ivone Castilho Benedetti], colaboração de Sabah Abouessalam. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: file:///C:/Users/Lucas/Downloads/8697-32659-1-PB.pdf

A tempestade não atinge todos da mesma maneira

Marcila de Almeida¹

Querido Paulo Freire, em tempos que a tecnologia digital tem ocupado espaços preponderantes nas nossas vidas, modificando nossos espaços, tempo, modos de pensar, agir e ser, ressignificando nossas práticas cotidianas e relações sociais e de sociabilidades. Onde as mensagens passaram a ser curtas, rápidas, fluídas e efêmeras, imbuídas de signos, mas, muitas vezes, sem significado. Dedicar-me a lhe escrever é a significação de que o digital não substitui a grandeza, experiência, cuidado e afeto da escrita de uma carta com papel e caneta. Sim, quis lhe escrever da maneira mais raiz e prazerosa possível, riscando e rabiscando frases.

Mesmo que a produção de cartas seja uma das metodologias utilizadas nas minhas aulas de História na Educação Básica (na qual, os alunos escrevem como se fizessem parte do tempo histórico estudado narrando o contexto e sua visão para algum parente distante), a última vez que escrevi uma, foi na adolescência. Então é como se fosse a minha primeira vez escrevendo, e não deixa de ser, a pessoa que me tornei, ao vários papéis que assumi, mulher, professora, pesquisadora, e os espaços que ocupo sociedade, escola, ciência refletem nesse tempo e palavras dedicadas a você. Porque foi a partir de suas lutas e lidas que me tornei professora e defensora da educação pública, gratuita e de qualidade que perpassa pelas questões democráticas e equitárias, dando visibilidade e atuação as múltiplas diversidades dos sujeitos. É lá, que

¹ Graduada em História/ UEPB. Professora de História na Educação Básica. Mestra em Formação de Professores/ UEPB

assim como você fez e continua fazendo, tento me fazer de espada e escudo pelo que acredito e defendo.

Quero lhe agradecer pelo valioso legado que nos deixou. A importância e a dimensão dele e seu nos fazem ver e crer em um amanhã melhor. Você está vivo e presente em cada canto e pessoa, saiba que não é mais apenas um, sem deixar de ser único, você é milhões, lhe vejo em várias faces. Sou semente das suas sementes, sem deixar, também, de ser, diretamente, parte das suas. Inicialmente, conheci-lhe por outros rostos, vozes e olhares que, também, se tornaram os meus, e partir deles vim até você. Bebi do pote antes mesmo de chegar na fonte. E que fonte? Inesgotável, diga-se de passagem!

É uma honra lhe escrever, retribuir um pouco do muito que você nos deixou e ensinou e ensina. Já havia esquecido a sensação que é, o atrito da tinta na folha, o som da caneta deslizando de uma linha para outra, parece captar as emoções nas palavras gravadas no papel, como se soubessem (folha e caneta) que se trata de um documento diferente dos habituais, não de notas de alunos, elaboração de planos de aula escritos solicitados pela escola ou de anotações referentes ao desenvolvimento dos alunos. As várias frases riscadas, as longas pausas tentando encontrar as palavras certas parecem denunciar que é uma carta, mas não qualquer uma e nem endereçada a qualquer pessoa. Será que foi a voz de Santana, O cantor ao fundo, que neste momento estou a escutá-lo, cantando “canção da saudade”, que denunciou?!

“Quando lembro de você, sinto uma coisa que remexe lá por dentro, como se fosse reviver cada momento”. Essa música me fez refletir sobre as suas infinitas contribuições para a Educação e para a sociedade com um todo, o que remexe aqui dentro é pensar e saber que muitos ainda não reconhecem a sua grandeza, é ver os rumos que, nos últimos tempos, a Educação tem tomado, ou melhor, tem sido levada a tomar.

Paulo, saudade é um dos sentimentos que vem me consumido nos últimos tempos, além da tristeza, dor e impotência. Saudades dos meus amigos/as, dos alunos e alunas não vejo a maioria não os vejo há mais de um ano. Talvez alguém já tenha dito o que estou a escrever, acredito que não esteja lhe trazendo nada de novo, mas insisto em lhe dizer o quanto tem sido duro lidar com um monstro invisível e outro, insensível. E por causa deles, tem sido tempos temerosos e dolorosos. Perdemos vários dos nossos nessa guerra contra o covid-19

e, ainda mais, contra um (des)governo que não está nem aí para seu povo. Mas apesar dele amanhã há de ser outro dia e já está sendo. E que este dia chegue a todos e todas por causa da Ciência e do SUS isso é possível.

Você já soube que os profissionais da Educação já tomaram a primeira dose? Fiquei muito feliz e emocionada por esse momento histórico ter chegado para mim, para meus e minhas colegas e amigos/as de profissão. O tempo todo estivemos, também, na linha de frente, de outras formas e de todo jeito, sempre ali. Não paramos um momento, pelo contrário, nosso trabalho triplicou, temos insistido e resistido as duras pelepas diárias. Enquanto lhe externo minha comoção, fico triste por todas as pessoas, professores e professoras que tanto esperaram, lutaram para que esse dia chegasse, mas que já não estão mais entre nós. Fico revoltada por saber que todas as perdas, que todas as vidas, histórias ceifadas poderiam ter sido evitadas, que tínhamos todas as oportunidades para tornarmos exemplos de país imunizador. Que ao invés de estarmos na lista para receber doações, poderíamos estar na de doadores de vacinas.

Sabe, Paulo, muitos disseram que estávamos no mesmo barco, mas nunca estivemos. A tempestade não atingiu a todos da mesma maneira, em todos os aspectos. (A maioria não teve o privilégio de ficar em casa e os que tiveram pouco e poucos fizeram). Há um ano, quando o Conselho Nacional de Educação decretou o fechamento das instituições de ensino e, posteriormente, a transição para o remoto foi um dos momentos mais difíceis, conflitantes e desafiador para todos nós.

As aulas remotas escancararam as desigualdades em diversos âmbitos, mas, principalmente, sociais e educacionais, as quais estavam expostas, porém não eram muito visíveis quando se concentravam em uma sala de aula física, elas ficavam quase que camufladas. Com a transição, sem planejamento pedagógico, mas puramente positivista, burocrático, da sala de aula física para uma virtual houve um colapso no cenário educacional que atingiu toda comunidade escolar. Nós, professores, fomos afetados, pelo fato não pela questão em si do retorno às de maneira virtual, mas pela forma como foi implantada, sem nossas vozes serem ouvidas, sem sermos consultados.

Enquanto precisávamos de uma alfabetização midiática, fomos levados a um local e situações para qual não tínhamos preparação, formação e nem

muito conhecimento, sem saber o que fazer, o que poderia ser feito e como fazer. Estávamos em milhões nessa situação, porém, todos sozinhos. Embora os documentos normativos educacionais evidenciem há muito tempo a importância do uso pedagógico das tecnologias digitais na escola para a promoção de um processo educativo e efetivo, ainda é incipiente, seja por ausência formativa do docente ou por questões de escassez desses tipos de recursos na escola. E isso se intensificou com o advento da implantação das aulas remotas, muitos professores tiveram que lidar com uma problemática ainda maior, recorrer ao uso pedagógico os recursos digitais em ambiente virtual, algo que para alguns já era um problema presencial.

Paulo, nossas casas já eram uma extensão da escola, mesmo que não fosse tão perceptível, mas tínhamos horário para desempenhar as atividades, para planejar aula, para corrigir os trabalhos dos alunos. Algum professor ou professora já deve ter lido que com a implantação das aulas remotas, nossas casas deixaram de ser uma extensão e se tornaram a própria escola, então a rotina foi totalmente alterada, tivemos nossa privacidade invadida, nosso tempo e espaço ocupados pelo trabalho.

Posso lhe dizer que um pouco diferente de hoje, ano passado foi bem complicado, conflituoso, desgastante e frustrante. Em 2020, no desse formato de ensino, nos dois ou três primeiros meses, encaminhávamos apenas uma atividade por semana no grupo da turma do WhatsApp, fomos orientados a elaborar atividades simples e com uma rápida explicação. Todos da escola estavam aprendendo a lidar e como atuar nessa nova modalidade emergencial educacional. No mês de julho começamos a ministrar aulas semanais pelo Google Meet, era uma vez por semana, os meus dias eram na quinta e sextas-feiras, já que além de História, ministrei também a disciplina de Ensino Religioso. Os outros dias da semana fazia atendimento individual com os alunos no privado no WhatsApp para tirar dúvidas, eles enviavam as fotos das atividades respondidas.

No final estávamos todos frustrados e sobrecarregados assim como os nossos celulares que não aguentava mais receber fotos de atividades. Só pra você ter ideia, enquanto estava planejando aula, várias mensagens de aluno, então não ocorreu de maneira organizada como estabeleci/estabelecemos, de segunda a sexta entre os turnos manhã e tarde para atendimento individual

quando não estava em aula. Eu recebia mensagem as 21h da noite, 10h da manhã de um sábado, enquanto estava fazendo faxina, 5h da manhã enquanto ainda dormia, já cheguei a receber mensagens de aluno até de quase meia noite. E eu retornava por saber e entender a realidade de todos e todas, que boa parte desses alunos/as que procuram nesses horários era por causa do tempo que eles/as não tinham de fazer as atividades porque ajudavam/ajudam os pais, porque só possui um único celular e alguém da família leva quando sai, ou porque é quando consegue ir até à casa de alguém para acessar a internet.

Nas atribuições de planejar, elaborar, executar aulas e planos, preencher fichas e mais fichas para documentar que estávamos, realmente, trabalhando, tivemos que criar diversos tipos de atividades para atender as múltiplas realidades dos/as alunos/as. Atividades para os alunos que assistiam aula pelo Meet e estavam no grupo do WhatsApp, para os que não participavam da aula, mas estavam no grupo, para os que não tinham acesso à internet, para os que não tinham acesso à internet e eram acompanhados pelo AEE, neste dois últimos casos, atividades impressas. Buscamos todos os meios para que nenhum/a aluno/a ficasse desassistido educacionalmente e continuamos fazendo. Você acredita que ainda há quem diga que não trabalhávamos, que ganhávamos com a cara? E, até hoje, ainda dizem.

Sabe quando a gente faz de tudo para diminuir as perdas, os abismos sociais em sala de aula, mas não consegue? É tudo tão perto e, ao mesmo tempo, tão distante de nós. Pensei que poderia ser um pouco mais fácil para mim, porque pesquisei sobre tecnologias digitais no processo de ensino aprendizagem, mas não é a mesma coisa que utilizá-la em uma sala de aula na escola de maneira partícipe, próximo ali do aluno/a, e não se vendo e interagindo por uma tela.

Dos que têm acesso à Internet, inicialmente, poucos alunos participavam das aulas, e os que participavam a maioria não interagia. Por muitas vezes me sentia sozinha em sala, falando, tentando provocar o interesse deles para a discussão e como resposta o silêncio dos outros lados, câmeras e microfones desligados. No início minhas aulas eram um monólogo, acabavam sendo positivas e alunos/as expectadores, tive muita dificuldade para promover uma prática educativa virtual crítica, problematizadora, porque não tinha

resposta e nem perguntas. E até entendia e entendo o desconforto que deve ser ter que assistir aula em casa (como é para ministrar também), com pessoas em volta, a vergonha de alguém falar algo inapropriado e o professor e a turma inteira ouvir, como já aconteceu. Ou algum familiar, pai ou mãe queira aparecer na aula para questionar se os que não estão participando da aula vão ser aprovados.

Posso lhe dizer que diante de tudo que já passei, este ano está bem melhor, apesar da sobrecarga continuar, já consigo diferenciar os dias da semana, antes nem sábados e domingos existiam para mim. Desde de fevereiro, estou ministrando aulas pelo Google Meet todos os dias da semana, exceto na segunda-feira que é minha “folga”, nos horários de 13h20 as 17h00. Se não me falhe a memória desde de março temos acesso ao Google Sala de Aula, então pude organizar melhor as atividades, migrar do WhatsApp para essa plataforma, assim tenho uma visão e planejamento maiores. Continuamos enviando atividade impressas para os alunos que não têm acesso à internet, algumas vezes ocorreram tentativas de encontros semanais para atendimento individual com esses alunos/as, mas por causa do aumento do número de pessoas com covid, sempre é suspenso. No máximo consegui fazer atendimento uma vez com eles, o número é pequeno, mas a necessidade é tamanha, com as devolutivas deu para perceber que, apesar das dificuldades, estão conseguindo se desenvolver. Minha maior preocupação são esses alunos, há mais de um ano recebendo apenas atividade, sem nenhum apoio docente direto e/ou constante.

Se você me perguntar o que podemos tirar de positivo nisso tudo? É bem difícil de responder por agora, principalmente, porque ainda estamos no meio do furacão, de uma maneira geral, ou seja, observando a rede educacional como um todo, ainda não vejo algo positivo, para isso teria que ter uma ruptura muito grande e é um caminho muito longo que temos ainda que percorrer. Mas, olhando pra minha realidade, ao meu lugar de ocupação e pertencimento profissional, sempre têm pequenos gestos que dão certa injeção de ânimo, quando o aluno retorna atividade, interage na aula, demonstram interesse, a dedicação e empenho em participar, quando encontramos apoio, autonomia e confiança na equipe escolar, principalmente entre os colegas professores, quando algum pai, mãe ou responsável deixa alguma mensagem

no WhatsApp elogiando o trabalho. Apesar de tudo, é bom saber que não estamos sozinhos, mesmo que cada um na sua ilha (cada um na sua escola/casa), a qual não se encontra vazia, pelo contrário.

Encerro essa carta dizendo que, apesar do que relatei antes, tenho boas novas para lhe contar, os alunos que tem assistem aula pelo Meet já estão mais soltos e seguros, já interagem em sala, ligam microfones e, até mesmo, câmeras, já não estou mais. Com relação a minha insegurança e incertezas, estou desenvolvendo de maneira remota, o que trabalhava de modo presencial, com o uso pedagógico e metodológico de metodologias ativas, onde os alunos são protagonistas. Um dos projetos que tenho desenvolvido com a turma do 6º ano é o do museu virtual que depois do recesso junino vai ser inaugurado, mas isso é assunto para a próxima carta. Nos mais, sigo resistindo como você foi, é e nos ensinou a ser.

Com afeto e admiração!

Barra de Santana (PB), junho de 2021.

Uma arqueologia da dor dos professores e professoras

Márcia Rejania Lemos de Souza¹

Meu querido Paulo Freire
Quero que saibas da minha felicidade em escrever esta carta para ti, justamente neste ano em que comemoramos o centenário de teu nascimento. Me inspiro no livro *Cartas a Cristina* (um dos que eu mais gosto), em que escreves sobre tua vida e tua práxis em resposta aos questionamentos que tua sobrinha Cristina faz sobre tua condição de educador.

O tema que quero tratar contigo não é o mesmo que Cristina menciona em suas cartas, mas é tão importante quanto. Me refiro ao tema da depressão descrito por ti em um trecho do livro *Pedagogia da Esperança* e tão evidenciado no mundo inteiro, especialmente nesse momento em que vivenciamos os desafios da pandemia que acometeu toda a humanidade, e os casos de pessoas com depressão aumentou muito.

No contexto da Educação Escolar o tema das doenças mentais tem sido cada vez mais recorrente entre alunos e professores.

Aos alunos são indicados medicamentos que possibilitem o controle dos seus corpos, tão vivos, tão saudáveis, tão pulsantes. A ideia é garantir a aprendizagem dos conteúdos escolares e a disciplina para os estudos, mas isso não tem sido eficaz.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina (1992) e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina na Linha de Pesquisa Ensino e Formação de Professores (2010). Atualmente é professora associada da Universidade Estadual de Londrina no Paraná.

Na minha opinião e, também, de especialistas no tema, pelo menos em oitenta por cento dos casos, não é necessário medicamento, mas uma mudança de hábitos, como por exemplo, mais sociabilidade que implica brincar com outras crianças ao ar livre, menos computador e celular, alimentação saudável, leitura, entre outros. E é claro, por parte da escola a necessidade de trocar uma educação tradicional bancária por uma educação libertadora e transformadora da vida e da sociedade.

Vale lembrar da necessidade de fazer essa leitura considerando as diferenças socioeconômicas das crianças e adolescentes. Para os meninos e meninas da classe média é pertinente esse discurso, digo discurso porque há uma distância significativa entre o ideal e o real, entre o que se diz e o que de fato é possível. Já o menino pobre, muitas vezes nem chega à escola, e quando chega fica muito pouco, não há *tempo de ter depressão*, gasta sua pulsão de vida enfrentando a vulnerabilidade familiar e social.

Quanto aos professores, e é essa a ênfase que quero dar nessa carta, a depressão de professores da Educação Básica, indicada como uma das doenças que mais afastam das atividades laborais. Se os profissionais da educação já apresentavam quadros severos de depressão, com a pandemia essa condição aumentou muito. Aulas *on line*, medo da morte, a morte de parentes e amigos, ameaça de perder o emprego, para as professoras o aumento da violência doméstica, e uma lista interminável de coisas.

As pesquisas tanto acadêmicas quanto de caráter demográfico indicam as condições de trabalho como o principal fator, baixos salários, jornadas de trabalho extensas, diminuição considerável das políticas públicas de atendimento aos docentes, desvalorização e descrédito da profissão por parte da sociedade, além da violência crescente no contexto das escolas.

Acrescente a isso três anos de gestão de um presidente insano e irresponsável, que vem paulatinamente atacando a classe trabalhadora e não menos os professores, adjetivando-os de forma pejorativa ao ponto de chamá-los de vagabundos. Então imagine, Freire, para esses trabalhadores responsáveis pela formação de todas as pessoas da sociedade, sendo atacados dessa forma por um dirigente político que deveria protegê-los. Há que se deprimir mesmo.

Em teu livro tu te reportas à depressão relacionando-a a uma condição social de estresse e sofrimento profundo que diz respeito à condição do povo

nordestino largado à seca, ou às enchentes, e à pobreza. Para tanto afirma que os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo, de qualquer forma referido a algo do passado.

Com isso tu te referes a uma trama que marcou com muita força tua experiência existencial e teve sensível influência no desenvolvimento do teu pensamento pedagógico e de tua prática educativa, fazendo menção a um processo cujo ponto de partida se achava nos fins de tua infância e começo da adolescência em Jaboatão de Pernambuco.

Peço, então, licença para citar nesta carta uma passagem do livro em que descreves teu estado de ânimo, sobretudo porque também é o estado de ânimo dos professores que padecem de depressão.... *Durante todo o período referido, dos 22 aos 29 anos, eu costumava de vez em quando ser tomado por uma sensação de desesperança, de tristeza, de acabrunhamento, que me fazia sofrer enormemente. Quase sempre passava dois, três ou mais dias assim. Às vezes o estado de ânimo me assaltava inesperadamente, na rua, no escritório, em casa. Às vezes, vinha aos poucos tomando conta de mim. Em qualquer dos casos me sentia de tal maneira ferido e desinteressado do mundo, como que mergulhado em mim mesmo, na dor cuja razão de ser desconhecia, que tudo em volta de mim era estranheza. Razão de desesperança.*

Sabe, Freire, quero te dizer da importância e profundidade do teu relato, inclusive porque depois que descreves com tanta propriedade o estado de ânimo de uma pessoa que padece de depressão, também apontas caminhos para lidar com a mesma. São reflexões tão profundas, tão carregadas de significado e historicidade que poderíamos conversar horas sem fim e não esgotaríamos tudo, ou mesmo eu poderia escrever muitas e muitas cartas para ti, e ainda assim não esgotaríamos tudo sobre o tema.

Nesse sentido vou pontuar aqui meu entendimento sobre a explicação da trama que envolvia teu estado depressivo e na sequência indicar o caminho apontado por ti que eu julgo pertinente para os professores brasileiros enfrentarem seus respectivos desafios em torno da depressão.

É importante quando fazes a arqueologia da tua dor escrevendo que tuas depressões estavam associadas à chuva, à lama, ao barro massapê, ao verde

dos canaviais e ao céu escuro, não a nenhum desses elementos sozinho, mas à relação entre eles.

No caso dos professores, eles conseguem se perceberem depressivos, mas na maioria das vezes param nesse ponto e silenciam sua dor com medo do julgamento (inclusive do próprio colega de profissão), têm medo de perder o emprego. Muitas vezes demoram a procurar ajuda profissional, e quando procuram a corda já esticou e rebentou, comprometendo assim sua integridade física, psíquica e até espiritual.

O fato é que a maioria dos professores brasileiros não consegue fazer a arqueologia da sua dor, não por competência, é claro, mas porque se encontram tão sugados pela questão em si, que não sobra muita alternativa a não ser catar e tentar colar os cacos que sobraram quando a corda rebentou.

Sabe, Freire, penso que a arqueologia da dor dos professores e professoras brasileiras diz respeito ao processo de descobrir a trama da sua respectiva dor e perceber a sua razão de ser, se conscientizar das várias relações entre os sinais e o núcleo central, mais fundo, escondido dentro de cada um como pessoa e como classe. É preciso com isso desvelar o problema pela apreensão clara e lúcida da razão de ser das coisas e do estado em que se encontram.

Acho elucidativo quando tu escreveste que, no domínio das estruturas socioeconômicas, o conhecimento mais crítico da realidade, que adquirimos através do seu desvelamento, não opera por si só a mudança da realidade, é preciso atitude, é preciso luta por condições de trabalho mais dignas.

A esperança de ensinar os conhecimentos e saberes para os alunos e alunas é tão fundamental aos professores quanto indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e das oprimidas. Educar a esperança dos professores em meio às suas depressões implica compreender e apreender que a educação sozinha, enquanto prática desveladora, gnosiológica, não faz a transformação do mundo, mas nela implica.

Por fim, e para encerrar minha carta, quero falar de algo que julgo importante para os professores, não como conselho, ou receita, ou coisa parecida, mas como uma porta, ou uma das portas, de saída, ou de passagem, para o enfrentamento do problema. Diz respeito ao que tu chamaste de educar a esperança, enquanto se procura a razão de ser mais profunda da dor, jamais

esperar que as coisas simplesmente se deem, mas trabalhar as coisas, os fatos, a vontade. É preciso inventar a esperança concreta em que um dia os professores ficarão livres do mal-estar.

Com carinho.

Londrina (PR), 10 de junho de 2021

O que sustenta nossas crenças limitantes

Carla Beatriz Carvalho Ribeiro¹

Prezado professor Paulo Freire colega de sonhos e de luta, Em meio às leituras obrigatórias do meu curso de mestrado profissional em inclusão e, dentre outras surgiam nas várias janelas abertas do meu computador; pois quanto mais eu lia mais eu queria ler; e o desespero se aproximava diante do movimento dos ponteiros do relógio, que indicavam o prazo muito curto para assimilar tanta informação. Ocorreu uma lembrança, a qual eu gostaria de compartilhar com você, se me permite esse tratamento informal.

Sinto-me em casa para dividir as minhas angústias, além disso, imagino que sabes sobre o que estou me referindo. Afinal, tu és um ícone da Educação Brasileira e conhece os efeitos de quem vivencia na prática o conhecimento.

Falo das nossas lutas cotidianas enquanto professores, sobre as políticas de responsabilização e de meritocracia que recaem sobre nós; que é um fardo deveras pesado; das contradições observadas no ambiente escolar. chamo a atenção para a primeira delas: dificilmente a nossa prática está alinhada com as nossas falas, principalmente as de abertura das reuniões pedagógicas de

1 Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP). Atua como professora do Ensino Fundamental na rede municipal de Macaé, RJ e como professora de Educação Especial na rede municipal de Rio das Ostras, RJ. Administra o canal Professora Carla Beatriz. Disponível em: <https://bit.ly/carlaluzdemim>

formação em serviço, ou nas orações e rezas (que não deveriam, mas acontecem em algumas das escolas LAICAS).

Somos pressionados diariamente a nos calar diante de injustiças, somos forçados a trabalhar em escolas sem nenhuma infraestrutura, com salários miseráveis e cobranças excessivas e apesar de tudo isso, somos obrigados a sorrir e a agradecer, afinal o desemprego está na casa de milhões de brasileiros, estar empregado já basta!?

Eu busco assumir o meu compromisso político, que ao meu ver não é apenas com a escolarização dos meus alunos, mas também o empenho de trazer à tona as discussões e reflexões que permitam o reconhecimento da manipulação ideológica implícita: da opressão e da alienação. Busco não deixar que os seus ensinamentos sejam esquecidos (na prática).

Aponto como a segunda contradição que emerge do ambiente escolar, o fato de termos em nossos discursos frases carregadas de conceitos emancipatórios que você tanto nos ensina, mas na prática, quando não há concordância é preciso que o outro se cale. É o oprimido pensando ser o opressor, mas na sola dos sapatos da classe dominante capitalista, que tudo vê e tudo sabe.

Eu gostaria muito que todos os nossos colegas de profissão, se tornassem colegas de luta, o que para mim é sinônimo de busca pela liberdade, uma verdadeira revolução interna contra as já citadas, alienação e opressão. Que não se perdessem em embates individuais. Como em uma guerra precisamos estar cientes de quem é o verdadeiro inimigo.

Somos cotidianamente forçados a vestirmos a nossa capa e guerrear contra todos os males que se encontram em nossas escolas. E vestimos muitas vezes essa capa até sem percebermos! Mas ao mesmo tempo, falamos desanimados sobre o papel da escola, pedimos socorro pela sobrecarga e saúde prejudicada, gritamos, pois nossos braços parecem curtos diante de todas as situações que nos são impostas, mas somos muitas vezes incapazes de uma discussão mais aprofundada. Ficamos no raso, pois assim parece mais seguro! E essa é a última contradição que desejo compartilhar nessa carta.

Para finalizar, gostaria de dizer que eu teria amado tomar um café com você e compartilhar pensamentos e reflexões. Mas hoje, aqui, neste momento, sem café, mas com muita indignação não posso deixar de pensar na frase de Joseph Goebbels (ministro da propaganda na Alemanha nazista)

que diz “uma mentira dita mil vezes torna-se verdade”. Quais mentiras escutamos cotidianamente? Quais mentiras reproduzimos? Quais nem sabemos que são mentiras e mesmo assim são elas que sustentam a nossa prática e nossas crenças “limitantes?”. O que vivemos parece realmente fazer parte de um projeto.

Penso que existe todo um contexto, este não sendo despreocupado e ingênuo. Ingênuos somos nós, que acreditamos e não percebemos que estamos sendo forçosamente a agir de maneira passiva. E nos calamos! A quem interessa que a Educação com seus superpoderes (que lhe foram atribuídos) redima o agravamento da exploração capitalista? Uma Educação (representada aqui por nós professores) que tudo é capaz de conseguir, caso tenha boa vontade e não falte ao trabalho, não fique doente, não reclame, não lute...

Espero que entenda o que me deixa triste, me inquieta e ao mesmo tempo me move!

Atenciosamente,

Rio das Ostras (RJ), 16 de junho de 2021.

Almejando dias de educação e mudanças

Renata Carolina Gonçalves Justino¹

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. (Freire, 2007, p. 19).

Prezados/das/des colegas professores/as

Início esta carta com menção à citação acima, em que todo professor sabe, ou pelo menos deveria saber, o tamanho da importância dos seus gestos com e para o aluno. Mas o que venho relatar aqui, é sobre a importância dos gestos dos nossos alunos sobre nós, professores.

O ano é 2018, estou eu ao término de uma semana de vivências em sala de aula, a turma é composta por 27 alunos do Ensino Fundamental do primeiro ano, ou seja, alunos entre seus cinco e seis anos de idade, início do processo de alfabetização escolar. O mês é agosto, estamos em aulas presenciais no município de Sorocaba, em uma unidade escolar pública municipal, situada num bairro na zona oeste.

Como já foi possível perceber a narrativa atual consiste no texto de uma professora. Eu, professora com seus quase quinze anos de magistério, em sua maioria nos anos iniciais da Educação Básica. E nos seus trinta e quatro anos de idade.

¹ Renata Carolina Gonçalves Justino é pedagoga e geógrafa, professora de crianças e de adolescentes, alfabetizadora, e entusiasta por dias melhores

O ano é de forte campanha eleitoral no Brasil, já que ao final do ano, um novo presidente, governador, deputado serão eleitos, visto posto, o que aconteceu.

Em todo o país se instala um discurso de ódio, de intolerância e de disseminação de fake news, por redes sociais e outros veículos de comunicação em rede. Ano eleitoral, em que o país inteiro se divide em discursos ditos com viés de movimentos de esquerda e de direita, denominado como de extrema polarização. Discursos que evidenciaram, e ainda permanecem evidenciando, pela dita direita conservadora tradicional, práticas cheias de ódio, racismo, sexismo, xenofobia e homofobia. Discursos e práticas que deveriam deslegitimar o candidato ao maior cargo de representatividade de uma nação, a presidência. Porém, os mesmos discursos e práticas, levam uma legião de apoiadores às ruas, com o mesmo ódio e preconceito de seu candidato, sendo clamado e chamado de ‘mito’.

Na educação, o ano foi mais que difícil, ano árduo para entender, compreender e desenvolver a afirmação de Paulo Freire, de que não há docência sem deiscência.

E assim, em um dia de aula, de uma semana cheia de vivências escolares, numa das tantas situações que as crianças levam até o ambiente escolar, sem a preocupação com questionamentos ou julgamentos, muitas vezes externalizando suas vontades ou simplesmente reproduzindo o que vivenciam em casa, me deparei com o gesto de um dos meus alunos.

Era uma sexta-feira, mas propriamente o final dela, já às 16 horas e 50 minutos, início de uma das tantas atividades de rotina permanente, garantindo dentro das práticas do primeiro ano do ensino fundamental, o brincar. Momento chamado por alguns professores como “Hora do brinquedo” ou “Dia do brinquedo”. Ressalvo a importância desse momento, que é de grande significado para as crianças, pois é nele que elas levam para a escola, um pedacinho do seu lar. A proposta deste momento, é fazer com que as crianças aprendam acima de tudo, o valor do compartilhar. Pois, justamente, é a fase que as crianças têm dificuldades em partilhar, seja seus brinquedos ou até mesmo a atenção dos pais e outras pessoas. Momento em que as crianças se relacionam mais ainda em grupos, nos grupos que elas querem, já que nesse momento nós professores não realizamos o que chamamos de agrupamentos

produtivos, tão necessários ao processo de alfabetização, momento em que não direcionamos a aprendizagem, momento em que observamos mais do que nunca, as falas, os gestos, os comportamentos de nossos alunos. Momento em que os alunos se relacionam por meio da socialização, por meio do diálogo, por meio de discussões. Tentam em grupos, ser ouvidos e compreendidos em suas vontades, em suas reclamações. Tentam acima de tudo resolver conflitos de maneira saudável dentro do ambiente escolar. E como tenho o hábito de registrar com fotos esses momentos, momentos de naturalidade e descontração em sala de aula. Não deixei que neste dia fosse diferente. Então, preparo meu celular, aponto a câmera para um dos grupos, que ali estão se comunicando, quando um dos pequenos, se posiciona pra foto e reproduz o mesmo gesto que o candidato à presidência, hoje 2021, eleito, imitando-o com o gesto de uma arma em punho, e me pede ... *“Prô, tira uma foto minha assim, de mito!”*

Logo, posso aqui, registrar inúmeras situações engraçadas em sala de aula, momentos inesquecíveis e de grande aprendizado. Mas escolho justamente este momento que representa o que uma criança pode presenciar em seu ambiente familiar e reproduzir em outros e para outros, e muitas vezes, tomar pra si, enquanto adulto um modo de achar que é o correto para se resolver algo.

Escrevo sobre este momento, em que já finalizando a semana em sala de aula, a vivência de uma semana de carga horária cansativa e cheia de altos e baixos, onde todo professor bem sabe que o cansaço mental prevalece sobre o cansaço físico, me deparo com esta situação, que me gerou muita angústia, alerta, medo e sobretudo de paralisação, de como me portar e de como direcionar o momento. Em que me questionei, como ser discente em minha docência, em tempos tão difíceis.

Esse momento em 2018 e até hoje, infelizmente não foi único. Em diversos momentos nós professores nos deparamos com o embate de não legitimar o uso de brinquedos que incitam a violência, brinquedos de armas, de combate, que reproduzem muitas vezes uma vivência que não deveria ser a realidade de nenhuma sociedade. E esse gesto reproduzido por esse pequeno, cada vez mais tornou-se corriqueiro, nas ruas, nas redes e infelizmente em sala de aula.

Durante esse momento, que durou poucos minutos, não tive as reações que gostaria de ter, não consegui discursar e dialogar sobre e com os meus

alunos, que é o que eles mereciam, certamente não reagi da maneira que deveria. Enquanto professora, apenas ordenei, sim, dei a ordem para que parasse, sem grito, sem fala alta ou agressiva, nada de comunicação violenta, apenas de forma incisiva e direta, sem maiores explicações, sem esclarecimentos sobre, que era o que deveria ser feito naquele momento, mas não consegui, sou falha, e não consegui. Talvez a minha falta de encaminhamento pedagógico nesse momento deu-se ao cansaço físico e mental que todo professor chega a um final de carga horária, carga esta, dupla em 2018. Não, não foi apenas, e não é apenas, sobre o cansaço mental instalado na jornada dupla de trabalho. Sei que meu cansaço mental neste ano, foi muito maior que em todos os anos lecionando até hoje, deu-se justamente em ver tantos pequenos reproduzindo o mesmo gesto do hoje, presidente da nossa nação, nosso chefe de Estado, mas não meu representante.

Assim, hoje, peço desculpas aos meus alunos e tento aqui, narrar o modo que me senti, o que imaginei e o que passou pelo meu corpo ao me deparar com aquela cena. E que assim entendam o que eu, enquanto professora não desejo a nenhum de vocês, e não desejo a sociedade alguma, uma arma em punho, seja pelo motivo que for.

Naquele momento, eu deveria ter desenvolvido uma situação melhor, eu deveria sim, mas não consegui, reitero que sou falha e não consegui. Não consegui me desprender do ódio em que o próprio discurso de ódio tão excitado em 2018 e hoje tão banalizado em 2021, porque hoje, em meio a uma pandemia mundial, a morte de milhares de pessoas, se tornou banal para alguns, onde podemos afirmar que tão perigoso quanto o vírus que se alastra no mundo, é o atual presidente da República do Brasil.

Naquele momento não consegui me desfazer do ódio que o próprio discurso de ódio muitas vezes provoca em mim, não ódio a uma criança, e sim ao que um adulto pode construir numa criança, ao que podemos normalizar na atitude de um gesto, a grande simbologia do gesto, cheio de violência. Onde simular uma arma com os dedos tornou-se ícone da campanha de 2018 e se transformou numa espécie de símbolo do governo. O que na fala do presidente identifica o tamanho apreço que o mesmo tem pelo armamento, quando em um dos seus momentos de fala, o próprio, confidenciou ter ensinado os filhos a usarem armas aos cinco anos de idade. E em um dado momento em que

foi questionado, sobre a proibição da prática pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), insinuou esperar que o estatuto “*seja rasgado*”. Em suas palavras:

O ECA tem que ser rasgado e jogado na latrina. Não pune o menor. Precisamos reduzir a maioridade, de preferência para 14 anos. Se não der, 16, 17, não tem problema. O ECA é um estímulo à vagabundagem, à malandragem. (Bolsonaro, 2018.)

É claro que naquele momento em que vi no meu aluno de apenas 6 anos de idade, reproduzir o mesmo gesto do então candidato à presidência, não pude deixar de lembrar do fato acima, como não pensar e indignar-se que ao invés de o governo federal assumir o papel de contrariar o incentivo ao armamento, o hoje, presidente faz abertamente a apologia ao uso de armas por crianças, seja ensinando a armar-se com os dedos ou com reprodução de uma arma em punho, mostrando total indiferença ao elevado número de mortes e do aumento da violência. Não tem como descartar tal imagem da minha docência, tal imagem a minha ideologia de sociedade, contrariando tudo o que almejo em dias melhores.

O professor aprende enquanto discente, sobre a importância da formação da consciência e do comportamento de uma criança, que desenvolve o pensamento, a partir das relações do gesto, dos atos, da imitação com o pensamento simbólico. E ao receber o estímulo para o uso de armas, o que podia eu, enquanto docente, pensar. Naquele momento, em poucos minutos, apenas pensei, que o pequeno que reproduziu o gesto, achará o uso normal, pois o ensinamento foi passado, mediante o gesto, pelo nada mais nada menos, candidato à presidência da República. Já que o simbólico induz o gesto, o gesto pode assim, estimular a ação.

Peço, então, que todos os professores que como eu, sentem dor na alma e em toda sua docência, com a reprodução seja de gestos como do meu pequeno, ou de falas de outros pequenos e grandes, que aprendam a ser discentes. Que se coloquem no lugar dos que reproduzem simbologias do ódio e, dialoguem, que mesmo quando se sentirem paralisados, sejam resistência. Sei que o corpo muitas vezes cansa, que a luta por diálogo, por uma educação como mecanismo de luta, de mudança de sociedade, muitas vezes nos abate,

mas que em tempos difíceis, nunca esqueçamos da fala de Nelson Mandela “A educação é a *arma* mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

Esperando diálogos,
Sorocaba (SP), junho de 2021

Referências

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

Criança com farda da PM e arma de brinquedo na mão posa para fotos com Bolsonaro. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/são-paulo/noticia/2019/10/11/crianca-com-farda-da-pm-mostra-arma-de-brinquedo>. Acessado em: 26 de maio de 2021.

DECKER, Augusto; TOMAZELA, José Maria. **Você sabe atirar? pergunta Bolsonaro a uma criança.** Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,voce-sabe-atirar-pergunta-bolsonaroauma-crianca>. Acessado em: 28 de maio de 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Democracia, liberdade e direitos

Mônica Costa Marçal de Moraes¹

Bruna Mariane Rocha Nascimento²

Querido Paulo Freire, estamos lisonjeadas em poder escrever essa carta e expressar toda nossa gratidão por nos agraciar com suas reflexões em prol de uma educação mais democrática e acolhedora. Nós que acreditamos em seus ideais, que somos estudiosas e apaixonadas por suas obras, que acreditamos em uma educação para liberdade, para emancipação e para transformação, principalmente no ano em que comemoramos o centenário do seu nascimento, gostaríamos de lhe enviar essa carta com boas notícias, com várias alegrias, contando do progresso do nosso país, do nosso povo, de como os cidadãos críticos seguem mudando o mundo, sua realidade, como a cultura é respeitada, mas, infelizmente, isso não será possível. Estamos em 2021, vivendo em um período de caos devido a uma pandemia por Covid-19, que há mais de um ano vem nos afastando do convívio social.

Assim, para contextualizarmos esse período tão doloroso em que escrevemos para o senhor, este distanciamento também ocorreu nos espaços físicos da escola. Instaurou-se o medo e a insegurança nos corações de todos os educadores e educadoras, levantando questões que há muito deveriam ter sido discutidas no cenário educacional. Em nossa atual conjuntura, há uma grande violação à democracia, os direitos estão sendo suprimidos, as pessoas

1 Discente de Pedagogia Licenciatura EAD pelo Centro Universitário Newton Paiva (MG). Integrante bolsista no GEPPF Grupo de Estudo e Pesquisa Paulo Freire. Graduada em Letras e pós-graduada em Linguagem, Tecnologia e Ensino pela UFMG

2 Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Newton Paiva. Integrante voluntária no GEPPF- Grupo de Estudo e Pesquisa Paulo Freire

estão passando fome, não há emprego, a população indígena está sendo assassinada, a ciência tem sido questionada e não temos um governo para nos ajudar e direcionar nem para zelar de fato pelo povo nessas circunstâncias, infelizmente estamos desamparados.

Inicialmente, é importante nos questionarmos sobre como construiremos a autonomia para mediar o ensino-aprendizagem em plena vigência de um período limitador, que desumaniza e ressalta ainda mais os problemas sociais. Há tanto tempo o senhor trata sobre a importância de uma educação progressista, em que “Sem intervenção do educador ou da educadora, intervenção democrática, não há educação progressista.” (FREIRE, 2015, p.94), sobre um profissional que não foge do medo, mas lida com ele de cabeça erguida, assim tem sido esse momento de “ensaio” da educação remota, feita muitas vezes sem orientação e sem muitos recursos. Diretores, coordenadores e professores têm tido que lidar com a pressão dos governantes, da sociedade e, por vezes, dos alunos, para promoverem um ensino de qualidade, quando muitas vezes os educadores e educadoras não têm muito conhecimento das tecnologias, que tem sido o único meio de não afastar as totalmente as crianças da escola.

Assim, falando um pouco mais sobre educação e política, destacamos suas palavras sobre politicidade, segundo o Glossário Paulo Freire, em que “...a qualidade política da educação, quer dizer, não há e nunca haverá, não há e, possivelmente não haverá, jamais, uma prática educativa neutra, quer dizer, toda prática educativa tem uma conotação, uma marca, que não se afasta da prática educativa que é a política.” Por isso, é importante dialogar sobre os tipos de professor, conforme o livro *Professora sim, Tia não* (2015), pois é possível encontrar, na escola, profissionais que têm “...opção progressista, democrática ou autoritária, reacionária, passadista ou se, espontaneísta.” (FREIRE, 2015, p.55)

Porém, antes, gostaríamos de falar sobre o medo da liberdade, pois, conforme o Glossário Paulo Freire “algumas vezes nós estamos com medo da liberdade, mas dizendo que queríamos ser livres, ou pior, que somos livres, mas não estamos, e estamos com medo da liberdade”, e isso tem feito com que muitos educadores e educadoras se silenciem diante de um momento tão obscuro de nossa política. Começam a ter uma ação espontaneísta, em que não se

define consistentemente pela liberdade nem pela autoridade, o que pode gerar grandes prejuízos à educação, pois reforça a questão maternal que alguns políticos querem que os professores assumam, visto que, desta maneira, ficaria mais fácil manipular o cenário educacional e diminuir ainda mais as causas que muitos educadores e educadoras progressistas vêm lutando ao longo de tantas décadas, como uma educação mais democrática e inclusiva.

Desta forma, podemos ressaltar até mesmo como isso impacta o aspecto curricular, assim Silva e Fasano (2020) ressaltam que as tensões em virtude da oposição entre as correntes progressistas da educação com as políticas neoliberais, expressas pelos critérios internacionais para a educação estabelecidos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) levaram a grandes embates na elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), um documento que serve de palco para grandes discussões no cenário educacional. Pois, na elaboração deste documento, venceu os critérios educacionais estabelecidos pelo mercado. E isso torna ainda mais assustador, principalmente nesses tempos em que, como educadores e educadoras, não podemos nos deixar abater pelo medo e devemos ter esperança, aprendendo e ensinando com as crianças a educação como prática da liberdade.

Além disso, o senhor já nos dizia, em *Professora sim, Tia não* (2015), que não vale a pena insistir nesta temática da escola pós modernamente progressista como sendo a “salvação” do Brasil, tampouco, porém, sem uma escola formadora de cidadãos críticos não é possível alcançar uma educação mais democrática e é nela que a professora que fala ao e com o educando ouve o educando, pois, uma criança competente e produtiva necessita de professores que assim a reconheçam e a valorizem, ou seja, as crianças necessitam de educadores competentes e amorosos e não apenas meros tios e tias.

Assim, falaremos mais abertamente sobre a educação pública no Brasil, não que muitos problemas que enumeramos não estejam presentes no ensino particular, mas este tem um aliado a mais para enfrentar essa situação, o capital financeiro. Sabemos que os licenciados no país não recebem muito incentivo em relação à educação continuada e o resultado disso foi pânico total diante do fechamento das escolas. Não tínhamos um plano de ensino que previsse um modelo de educação tão tecnológico, alguns projetos até

foram surgindo lentamente, acontece que havia um problema que precisava de uma atenção primária: muitos professores, coordenadores e diretores não sabiam como trabalhar dessa forma. Instaurou-se, então, a insegurança, e questões sobre como preparar aulas interativas e que despertem a atenção do educando, além de ser necessário também pensar em como continuar nosso trabalho, enquanto educadores e educadoras, sem prejudicar o aprendizado dessas crianças, pois sabemos que muitos estudantes não têm acesso à *internet* e muito menos têm um computador em casa.

Por conseguinte, o medo e a insegurança, por não ter condições concretas de promover uma educação democrática e a mais inclusiva possível, forçaram com que esses professores e professoras fossem à luta. Luta essa que primordialmente se deu contra a demora de uma resposta do sistema em relação a um plano de ensino emergencial e a questão da falta de equipamentos para as crianças acessarem às aulas e realizarem suas tarefas, mas que também se deu quanto às suas próprias falhas em relação aos aspectos metodológicos do ensino diante das tecnologias da internet.

A educação precisou ser reinventada nesse momento, as aulas, temporariamente, não podem mais acontecer em espaços físicos, a situação requer distanciamento, tecnologia e acesso a bens que grande parte dos educandos da rede pública de ensino desse país não possuem. Todos esses agravantes estão contribuindo para que haja uma grande expulsão dos jovens da educação, como o senhor nos diz em várias de suas obras: não há evasão, há expulsão, são várias as circunstâncias que levam as crianças e os jovens a desistirem de seguir nos caminhos da educação, principalmente o trabalho informal, crianças têm ido para as ruas e o trabalho infantil voltou a ser uma realidade. Quando se nega um direito tão primário à pessoa, no caso o acesso à educação, seu processo de formação como cidadão é comprometido. O indivíduo que tem algo tão importante “arrancado” de sua vida que passa a ter dificuldades de compreender, de forma clara, quais são seus verdadeiros direitos, qual seu papel no mundo, por quais causas ele quer e precisa lutar, qual governo ele deseja e, até mesmo, como se posicionar socialmente para que possa ser respeitado.

O papel do professor e da professora no processo de conscientização do seu educando é fundamental, e esse processo acontece por meio do diálogo.

Na obra *Professora sim, tia não, cartas a quem ousa escrever* (2015), o senhor fala do dever que possuem os educadores na formação dos sujeitos críticos, em que:

Falar *a* e com os educandos é uma forma despretensiosa, mas altamente positiva que tem a professora democrática de dar, em sua escola, sua contribuição para a formação de cidadãos e cidadãs responsáveis e críticos. Algo que tanto precisamos, indispensável ao desenvolvimento de nossa democracia.... (FREIRE, 2019, p. 86)

Portanto, quando se nega o direito à educação, quando se impossibilita o diálogo entre educadores e educandos, compromete-se a democracia e o seu desenvolvimento. Assim, a ideia de democracia que você tenta nos transmitir, professor, é muito bem trabalhada no artigo *A Pedagogia da Democracia de Paulo Freire* (GASPARELLO, 2017), em que o senhor destaca um ponto crucial de todas as suas obras, sua luta antiautoritarismo, pois sempre defendeu a ideia de democracia como construção, processo, como uma conquista que acontece de maneira conjunta, com participação de todo coletivo, sendo necessário que haja respeito e diálogo nesse processo.

No entanto, estamos diante de um governo completamente autoritário. Os opressores impõem à população aquilo que desejam e que é interessante para o projeto de governo que eles possuem, se é que podemos dizer que há um projeto por parte desses sujeitos. Eles agem de todas as maneiras, seja disseminando notícias falsas, seja prendendo seus opositores, seja calando a imprensa, seja negando a ciência, seja acabando com a cultura, seja com a educação. Quanto sofrimento para os pobres, os oprimidos, professor! Cada dia mais precisamos reforçar nossas esperanças e pensarmos em maneiras de agir para que não acabemos sucumbidos a toda essa situação.

A nossa democracia, ainda tão jovem, também sofre com todo esse cenário. Os opressores a atacam constantemente para que eles possam se manter no poder. Na obra *Professora sim, tia não, cartas a quem ousa escrever* (2015), o senhor nos ensina sobre a construção democrática com as seguintes palavras:

Não se constrói nenhuma democracia séria, que implica mudar radicalmente as estruturas da sociedade, reorientar a política de produção e do desenvolvimento,

reinventar o poder, fazer justiça aos espoliados, abolir os ganhos indevidos e imorais dos todo-poderoso sem prévia e simultaneamente trabalhar esses gostos democráticos e essas exigências éticas. (FREIRE, 2015, p.89)

Professor, com seus ensinamentos, não apenas nessa obra, mas em tantas outras, nos tornamos cientes de como a construção democrática ocorre, ela é um processo, que precisa de esforço contínuo para se concretizar. Esse trabalho envolve diálogo, trocas, expansão de consciência, desenvolvimento da criticidade, da autonomia e a compreensão por parte dos sujeitos que somos nós os responsáveis pela construção da sociedade democrática e justa, que tanto almejamos. Logo, quando a criança, o jovem e o adulto perdem o direito à educação, toda a estrutura é afetada, desde a formação daquele indivíduo para que ele se torne um cidadão crítico e consciente, até o processo de democratização do nosso país que fica prejudicado quando direitos são retirados.

Diante de todo esse cenário, precisamos ainda manter as esperanças e acreditar. Porém, não basta apenas teorizarmos, discorrendo sobre nossas dores e nossas dificuldades, é preciso agir. Sendo assim, nós voltamos para o período em que o senhor esteve como Secretário de Educação na cidade de São Paulo. A situação que o senhor e sua equipe se depararam no período em que assumiram a secretaria se assemelha com essa que temos nos dias atuais. Então, acreditamos que, mais uma vez, devemos nos pautar em suas práticas e direcionar nossa atuação. É o momento de estruturarmos uma gestão escolar voltada para ações que busquem amenizar os danos causados por essa pandemia, bem como por esse governo. É o momento de buscarmos formas de dialogar, de maneira mais próxima, com toda a comunidade escolar.

Como educadoras e educadores somos políticos, fazemos política ao fazer educação. E se sonhamos com a democracia que lutemos, dia e noite, por uma escola em que falemos aos e com os educandos para que, ouvindo-os possamos ser por eles ouvidos também. (FREIRE, 2015, p.60)

É preciso ouvir as famílias e os educandos, assim como as pessoas que trabalham na escola, do professor ao vigia. É fundamental que possamos compreender quais são as dificuldades que se agravaram neste período, quais

foram aquelas que surgiram e pensar em maneiras reais de contribuir para coletivamente amenizarmos essas dificuldades. É urgente pensar em medidas de reestruturação curricular, pois as crianças estão afastadas da escola e a defasagem, provavelmente deve ser imensa, além disso é fundamental estruturar maneiras de trazer as crianças e os jovens para escola novamente, pois sabemos que vários desistiram dos seus estudos por falta de opção de continuar lutando pelo seu futuro. Dessa forma, todas as ações precisam ser realizadas para que a educação pública e de qualidade seja uma realidade para todos. Para que esse processo se efetive, é necessária a colaboração de todos, trata-se de uma ação conjunta e coletiva, conforme o senhor nos ensinou.

As educadoras, que não são tias dos seus alunos, precisam perder o medo de exercerem sua liberdade e precisam lutar todas as vezes que forem necessárias pelos seus direitos. A professora progressista precisa exercitar seu discurso político, ela precisa se posicionar diante da realidade que lhe é apresentada, ela não pode se eximir de suas lutas. A educadora que se dispõe a lutar, ela ensina por meio de sua postura para seus estudantes como eles devem exercer seus direitos, não aceitando as condições que lhe são impostas, mostrando que são eles os sujeitos responsáveis por mudarem suas próprias vidas e o mundo, pois eles não são meros espectadores da realidade.

A situação na qual estamos inseridas, professor, não é confortável para as classes sociais menos favorecidas, conforme lhe relatamos. Contudo, isso não significa que não iremos nos articular para lutar por nossos direitos, pelas nossas liberdades e pela educação. A organização dentro do contexto educacional precisa da participação de todo coletivo. Todos são sujeitos nesse processo e precisam se sentir parte dele, mesmo que isso seja mais delicado nesse período de distanciamento social. Seguiremos, querido Freire, nos pautando em seus ensinamentos, na sua postura, em todo o legado que você nos presenteou para continuar na luta por uma educação mais justa, democrática e que possa continuar a plantar uma sementinha de esperança no coração de todos nós brasileiros.

Abrço de duas educadoras esperançosas.

Belo Horizonte (MG), 19 de junho de 2021.

Referências

FREIRE, Paulo. **Direitos Humanos e educação libertadora: gestão democrática da pública na cidade de São Paulo**. Organização de Ana Maria Araújo Freire, Erasto Fortes Mendonça. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, 24. ed. rev. e atual.

GASPARELLO, Vânia. **A Pedagogia da Democracia de Paulo Freire**. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4357/2/FPF_PTPF_01_0969.pdf> Acesso em: 10 jun. 2021.

SILVA, Marta Regina Paulo da; Fasano, Edson. Crianças e Infâncias em Paulo Freire. In: In: SILVA, Marta Regina Paulo da; MAFRA, Jason Ferreira. (org.). **Paulo Freire e a Educação das Crianças**. 2. ed. São Paulo: BT Acadêmica, 2020. p. 57-82.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AGRESTE DE PERNAMBUCO. Instituto de Educação e Direitos Humanos Paulo Freire. **Glossário Audiovisual de Paulo Freire**. Pernambuco. s.d. Disponível em: <<http://app.uag.ufrpe.br/glossario/en/pesquisar/331>> Acesso em: 10 de jun. 2021.

Flor Viva: esperança contra a opressão

Ísis O. de Sousa¹

Raquel X. Grazzinoli²

Caro mestre Paulo Freire,
Queremos compartilhar com você nossas reflexões sobre a frase de Marx “A crítica arrancou as flores imaginárias que enfeitavam as cadeias, não para que o homem use as cadeias sem qualquer fantasia ou consolação, mas para que se liberte das cadeias e apanhe a flor viva” (MARX; ENGELS, 2008, p. 6). Ficamos pensando o quanto somos diariamente condicionados a seguir ideais e padrões, nos moldando a situações “impostas” de forma romantizada, ao ponto que, se não pararmos para refletir, nos envolvemos nas propostas colocadas para nós como um peixe atraído pela isca no anzol.

Estamos cansadas dos discursos políticos capitalistas e neoliberalistas Paulo, nos arriscamos a dizer que são muito próximos dos discursos religiosos, os quais, com todo respeito, nos vendem uma verdade libertadora que, numa falsa ideia de estarmos “crescendo” e conquistando aquilo que nos

1 Ísis O. Sousa: Possui licenciatura plena em Letras pela Anhanguera; Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Pinhais – FAP; Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. E-mail: isis.sousa@unesp.br

2 Raquel X. Grazzinoli: Possui licenciatura plena em Letras pela Anhanguera; Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Pinhais – FAP; Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. E-mail: isis.sousa@unesp.br

é de direito, e em troca disso, e com muito sacrifício, precisamos aceitar as perdas necessárias, pois como diz jargão popular “não existem triunfos sem perdas”, e assim, precisamos lidar com os “danos colaterais.” E nesse pressuposto que precisamos sofrer para evoluir, perder para conquistar, vamos nos aprisionando numa condicionante que nos anuviam os olhos, impedindo de enxergar e entender o que de fato está sendo proposto. Ou seria imposto?

Fato é amigo, que a sociedade está atravessada pela necessidade da conquista, o que nos faz lembrar suas palavras “O antidialógico, dominador, nas suas relações com o seu contrário, o que pretende é conquistá-lo, cada vez mais, através de mil formas. Das mais duras às mais sutis. Das mais repressivas As mais adocicadas, como o paternalismo.” (FREIRE, 1987, p.100) Se não tomarmos cuidado de onde vem e de quem vem, muitas vezes, essa “conquista” vem impreguinada de manipulação e opressão.

Querido amigo, pensando no contexto em que escrevemos esta carta, o de trabalhadoras da Educação pública em 2021, confessamos o cansaço de sobreviver em um país em que, a maioria dos representantes políticos têm os mesmos intuitos: retirar direitos, ampliar impostos, sucatear a saúde e Educação. Até razão humana às crianças e estudantes da rede da maior rede de ensino da América Latina um desses “representantes” quis dar. O mais triste de tudo isso amigo, é a constatação de que se essas pessoas nos representam, fato é que foram colocados lá democraticamente. O sentimento pulsante ao pensarmos sobre isso, é o de fracasso, pois diante de tanta pobreza, desigualdade e injustiças, nos perguntamos “Como?” E novamente nos remetemos às suas palavra Paulo, sabias palavras “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor.”

Nos perguntamos dia após dia, o que faz o oprimido não largar a mão do opressor? Será o medo do novo que nos coloca na zona de conforto e nos faz aceitar o que está posto sem questionar, por um segundo sequer, o porquê de continuarmos aceitando tantas agressões? Será a falta de perspectiva de um futuro melhor que nos mantém presos em uma realidade presente e latente que nos massacra? Será a cesta básica? Será o aumento mínimo que é melhor que nada? Será a sensação de sermos melhor do que quem está “embaixo”? Será? Será? São tantos serás querido amigo, que, se por um lado nos entristecemos e por uma fração de segundo pensamos em desistir por parecer que

estamos remando contra um tsunami, por outro lado também nos colocamos à pensar e tentar responder a todos eles e mudar essa compulsão por ataques; pois o capitalismo é para a sociedade o “ópio do povo”, como cita Marx, relacionando a miséria religiosa à miséria capitalista e neoliberalista: “A religião é o soluço da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, o espírito de uma situação carente de espírito.”

Gostaríamos de avançar nos discursos camuflados nos extensos documentos mundiais que, numa ilusória ideia de que a educação é para todos, numa falsa (para não dizer hipócrita) perspectiva inclusivista, “[...] pois se torna difusora de valores como a solidariedade, a tolerância, sustentabilidade e empreendedorismo individual, vistos como forma de resolver os antagonismos sociais (DELORS, 1998; DUARTE, 2001)”, ao mesmo tempo que alimenta os grandes investidores com mais milhões em suas contas bancárias, também alimenta os pobres com o a falsa sensação que o amanhã será melhor que hoje. É o status quo!

Tanto na Declaração Mundial sobre Educação para Todos (Conferência de Jomtiem, 1990), e na Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais (Declaração de Salamanca, 1994), encontramos apontamentos importantes acerca da participação das “agências de regulação do capitalismo”. Acabamos constatando Paulo que, se por um lado “toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem,” (Declaração de Salamanca, 1994); por outro lado temos inúmeras situações em que docentes de turmas superlotadas, sem recursos, muitas vezes sem colaboração e parceria dos colegas e gestores também envolvidos por seus problemas, sem formação adequada para compreender e lidar com a diversidade existente nos múltiplos contextos sociais. A única coisa que ainda segura a mão de muitos educadores caro amigo, é a esperança, mesmo que não a vejamos, ela está ali, nos segurando firme e fielmente.

Pedimos perdão pela redundância, mas nossas reflexões culminam em contradições de documentos legais apontando que “toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas,”(Salamanca, 1994), mas o que temos constatado é que o papel aceita tudo, na prática temos estudantes sendo promovidos, mesmo sem estarem

alfabetizados, sem um plano de ensino que considerasse suas singularidades e potencialidades, sem estratégias de ensino e recursos necessários que promovessem seu avanço no desenvolvimento escolar, promovendo ganhos biopsicosociais, e sem o mais importante: PENSAMENTO CRÍTICO. E o que segura a mão desses estudantes, se não for a esperança, é a ignorância, pois no atos democráticos civis, continuamos elegendo opressores, eleição após eleição Paulo. E isto PRECISA acabar!

Ora querido amigo, são muitos os problemas que a escola pública enfrenta para conseguir atender as demandas necessárias para se efetivar uma educação inclusiva que atenda as especificidades de todos os estudantes considerando a diversidade, principalmente num ideário neoliberalista em que vivemos hoje. Sei que, apesar de todos os esforços demandados pelos profissionais da Educação, estamos longe de alcançar excelência na escola pública para todos, como tanto almejamos e é de direito. Ainda assim amigo, ainda assim penso que não podemos desconsiderar ações que nos aproximam mais dessa realidade, mesmo muitas vezes, parecerem utópicas.

E nesse cenário Paulo, não podemos deixar de valorizar ações de inúmeros Professores que atravessam cidades para levar educação e esperança para seus alunos, contornando situações adversas, resolvendo conflitos existentes, inserindo no contexto educacional estudantes subjugados na sociedade. Professores que acreditam que “o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual” (VYGOTSKY 1989, P.18).

Enfim querido amigo, gostaríamos ainda de compartilhar com você que apesar de tantos esforços para dirimirem a Educação pública, nossos olhos brilham ainda mais quando falamos sobre ela.

E assim como sonhamos em ser Professoras desde a tenra infância, ainda hoje sonhamos com o dia em que transcenderemos ao ponto que não precisaremos mais debater sobre inclusão; onde acontece, onde não acontece, o que é, o que precisa para acontecer. Será um processo tão natural mundialmente, desde a eliminação total de qualquer tipo de preconceito e barreira atitudinal (o que depende de cada um de nós), a formação adequada de todos os profissionais, e os recursos de acessibilidade não serão mais artigo de luxo nas escolas.

Quando este dia chegar caro amigo, teremos alcançado a flor viva, uma sociedade transformada, sem interesses capitalistas, sem brigas de ego e poder. Desabrocharemos, seremos nossos próprios Sois, nos libertaremos do capitalismo e neoliberalismo que, num paralelo com a religião, nos acorrenta e domina. Como refletiu K. Marx “A religião é nada mais que o sol ilusório que gira em torno do homem, na medida em que ele gira em torno de si mesmo.” (MARX; ENGELS, 2008, p. 6) O capitalismo nos dá a falsa sensação de poder sobre quem tem menos, ao passo que necessitamos conquistar para nos sentirmos melhores, enquanto podemos ser melhores, nos conquistando uns aos outros.

Sejamos Luz num mundo que tanto necessita.

Com esperança no fazer e no olhar!

Embu das Artes (SP)/Juiz de Fora (MG), 20 de junho de 2021.

Referências

Brasília, 1988. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

DELORS, J. (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC; Unesco, 1998. (Relatório da Unesco para a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI). Disponível em: . Acesso em: 1º dez. 2011.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Introdução à crítica da filosofia do**

direito de Hegel. Tradução Artur Morão. Covilhã: Lusosofia Press, 2008.

UNESCO. Declaração mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, Tailândia: UNESCO, 1990.

Vygotsky, L. S. (1989). **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes.

Pedagogia da Autonomia



Tempos de cólera, tempos de medo

Elisabete Carlos do Vale¹

Querido Professor Paulo Freire,
Recebi sua carta num momento extremamente difícil em nossas vidas, mas, muito mais difícil para a vida do povo pobre, “os esfarrapados brasileiros”. Fiquei cá comigo pensando, como poderia responder sua carta? por onde começar? Lembrei-me de uma carta do querido poeta Chico Buarque enviada a um amigo, no terrível período de chumbo aqui no Brasil, quando ele diz: “meu caro amigo eu não pretendo provocar nem atizar suas saudades, mas acontece que não posso me furtar a lhe contar as novidades”. Pois é, Paulo, infelizmente, as novidades não são nada boas por aqui, não estamos em tempos normais, e sim em ‘tempos de cólera’, tempos de medo, seja pelas ameaças à vida do povo, à democracia, à soberania nacional, seja pelo ódio e intolerância reinantes na sociedade, seja pela retirada de direitos sociais e pelo aumento exponencial da fome. Além desse quadro desolador, estamos enfrentando a pandemia do novo coronavírus (Covid19), a maior pandemia dos últimos séculos, e o que é pior, num contexto de um necro-governo cujas marcas centrais são as práticas fascistas, genocidas, negacionistas e anti-ciências.

Como se isso não bastasse, no contexto das relações sociais, vive-se um tempo de “pós-verdade” no qual a verdade é apenas mais uma participante do

1 Doutora em Educação/UERJ. Professora do Departamento de Educação/UEPB, atua, especialmente, nas áreas de Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos e Didática das Ciências Naturais. Coordenadora do Projeto de Extensão “Diálogos com Paulo Freire”. Orientadora do Projeto de Iniciação Científica “A Formação de professores de EJA: o que dizem as licenciaturas da UEPB”. Membro do grupo de pesquisa “Ensino de Ciências”

jogo, sem privilégios ou prerrogativas. A “pós-verdade” não seria então, exatamente, o culto à mentira, mas a indiferença com a verdade dos fatos, como vimos nos descarados argumentos de deputados e senadores para impichar a Presidenta Dilma Rousseff; a organização mafiosa que foi a “Operação Lava a Jato” que prendeu o ex. presidente Lula tirando-o do processo eleitoral para abrir caminho para a eleição do atual presidente, o ultrareacionário Jair Bolsonaro. Para o senhor ter uma ideia, o juiz que conduziu a tal operação virou ministro da justiça. Esse cenário foi construído e alimentado por um ambiente neoconservador exacerbado, por um lado, pelo avanço do neopentecostalismo de religiões de matriz cristã, tanto católica, quanto evangélica, e por outro, pela manipulação das informações e formação de opinião pela grande mídia que encontra espaço fecundo na ausência de uma efetiva educação para a cidadania e nas nossas complexas contradições sociais.

Pois é, meu querido professor Paulo, é nesse amálgama conservador que veio se cristalizando na nossa sociedade um movimento brasileiro intitulado de “Escola Sem Partido - ESP”, cujo fundamento é que à escola cabe apenas o ensino instrucional neutro; a educação em si seria exclusividade das famílias e da Igreja. Para seus idealizadores, a “ESP” busca combater a “doutrinação ideológica que perverte as mentes e os corações de crianças e jovens nas escolas e universidades”. De acordo com esse movimento, os professores e professoras das universidades querem através de um movimento chamado por eles de “marxismo cultural”, implementar causas progressistas, como por exemplo as questões de gênero (chamada também de ideologia de gênero), a defesa dos direitos das minorias (LGBTQ+, mulheres, negros, índios, deficientes, etc), a liberdade sexual e o multiculturalismo. Bem surreal, mas esse pessoal elegeu o senhor como inimigo da nação, eles o consideram como um “comunista pervertido”, um controlador de mentes ingênuas, bem como, os professores que têm como referência seu pensamento político-filosófico. Logo o senhor, um teórico plural com mente aberta, que constrói criticamente e criativamente argumentos sobre diferentes aspectos da vida, da sociedade e do mundo (ZITKOSKI, 2015).

Sabe professor Paulo, fiquei cá pensando.... Quem tem medo de Paulo Freire? E por quê? A conclusão é bem óbvia, essa direita reacionária e raivosa quer mesmo é tentar minimizar o potencial crítico dos espaços formativos,

despolitizar a educação, a partir do depósito de conhecimentos supostamente neutros típicos do modelo da educação bancária que aliena e doméstica, como o senhor criticou e denunciou. Na verdade, eles querem que nós professoras e professores sejamos “burocratas da mente”, que nossas práticas sejam reforçadoras da “cultura do silêncio” que impede o desvelar do mundo por parte dos oprimidos e oprimidas, por parte dos educandos e educandas em processo de formação, através de diversas formas e meios, das mais repressivas às mais adocicadas como o paternalismo, conforme o senhor nos alertou em diversos livros seus, como Pedagogia do Oprimido, Pedagogia de Esperança e Pedagogia da Autonomia.

E aí meu querido professor, não tem como não lembrar dos seus ensinamentos, quando você diz que nossa escolha pela docência deve estar imbuída pela dignidade e pela importância de nossa tarefa, esta, fundamental para o ser humano, em qualquer sociedade. Você nos lembra que os problemas ligados à educação não são apenas pedagógicos, são políticos, éticos, econômicos, culturais, estéticos e, a partir deles, você convoca a todos e a todas, sem sectarismo, a se assumirem profissionalmente com esta consciência e com posicionamentos progressistas. Pois bem, você nos ensinou que não há neutralidade, que a educação é um ato político a favor da manutenção da realidade como está ou da sua transformação em algo “menos feio”, mais próximo daquilo com o que sonhamos.

Movida por essa compreensão me engajei na luta do nosso Sindicato, o ANDES – SN (Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior – Sindicato Nacional), através da nossa seção sindical ADUEPB (Associação dos Docentes da Universidade Estadual da Paraíba), visto que, nosso sindicato se organiza pela base através das seções sindicais. Além das diversas lutas mais corporativas (campanha salarial, carreira docente, etc), empunhamos a luta em defesa da universidade pública, de qualidade e socialmente referenciada, a luta contra o tal Projeto Escola sem Partido, e, conseqüentemente, a defesa da Liberdade de Cátedra Docente conforme nos garante a Constituição Federal. Do resultado dessa luta conseguimos que a ALPB (Assembleia Legislativa da Paraíba) aprovasse o Projeto de Lei 2003/2018, de autoria do Poder Executivo. Esse foi um passo importante, pois, garante aos docentes das redes pública e privada, a liberdade de expressão e pensamento na sala

de aula e no ambiente escolar. Como o próprio texto do PL afirma, “Escola é território aberto do conhecimento e livre de censura: repressão ideológica não é legal”.

Ah, meu querido Paulo, mas, voltando praquela assunto das tentativas de rechaçamento das suas ideias promovidas pela direita raivosa e reacionária do nosso país. teve um efeito inverso, pois despertou a curiosidade de alunos e alunas. Aqui na UEPB, muitos alunos e alunas de diversos cursos de licenciatura questionavam o porquê do senhor ser constantemente atacado nas redes sociais e nos movimentos de rua dos grupos de direita; qual o potencial político-pedagógico das suas ideias para a educação e porque elas são consideradas perigosas pela direita conservadora brasileira. Bom, como trabalho com o componente curricular Educação de Jovens e Adultos - EJA, a discussão feita sobre os referenciais da educação popular é bastante superficial, daí que muitos estudantes nos instigaram a pensar e organizar um “curso mais aprofundado sobre suas ideias”, pois, queriam compreender a importância das mesmas para a educação brasileira. Assim, a demanda apresentada pelos estudantes, aliada a importância e potência das suas reflexões para o atual contexto histórico, para formação crítica dos jovens e, em particular para a formação de professoras e professores nos levou a organizar um curso de extensão que contribuísse para a compreensão da importância e a atualidade das suas ideias, suas contribuições para a compreensão acerca da necessária relação dialética entre a leitura do mundo e a leitura da palavra como possibilidade essencial para a formação de pessoas críticas a partir da vivência de práticas educativas democráticas e emancipatórias. E como bem poetizou o poeta cordelista Crispiniano Neto: “Que esse povo aprendesse a aprender, e aprendendo a leitura fosse ler o que está por detrás da dor da gente; na leitura ficasse consciente de que a vida não pode ser metade; que prisão não existe só na grade, e que muro não tem só de concreto”.

Assim, organizamos no ano de 2019, o curso de extensão “Diálogos com Paulo Freire” que teve como objetivo central “Estudar e refletir sobre a potencialidade e a atualidade do referencial Freiriano e sua importância para repensar processos formativos de professores/educadores, numa perspectiva de exercício de práticas educativas dialógicas, problematizadoras e emancipatórias”. Nossas ações extensionistas teve como participantes estudantes dos cursos de licenciatura da UEPB, professores/as da educação básica, bem

como, educadores/as populares que militam em organizações e movimentos sociais populares. Sabe Paulo Freire, alguns desses jovens estudantes participam não só do movimento estudantil, mas também de um movimento da juventude que trabalha com educação popular junto a jovens da periferia, buscam contribuir através da organização de cursinhos preparatórios para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, como forma de contribuir para que jovens pobres da periferia possam ingressar nas universidades públicas, estimulando o protagonismo social da juventude.

Ah meu querido Paulo Freire, tem tanto assunto pra te falar que se for escrever tudo, essa carta vai ficar gigante. Mas, rapidinho vou só te dizer de como tá difícil a vida nesses tempos pandêmicos, além do vírus da Covid 19, como já informei acima, temos que enfrentar um governo genocida, negacionista e anti-ciências que, deliberadamente, deixou milhares de brasileiros e brasileiras morrerem de uma doença para a qual já existia vacina, a covid 19. Não só não providenciou a vacina, como tentou inviabilizar as ações de governadores que agiam baseados na ciência e buscavam saídas para a pandemia. Mas, como se diz por aqui, não há mal que dure para sempre, pois, há sempre uma luz no fim do túnel. Pois é, nesse momento, está em andamento a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da Covid, no Senado, pra investigar a omissão do governo federal no enfrentamento da pandemia. Essa CPI está conseguindo trazer à tona o maior esquema de corrupção desse governo. De acordo com o que tem sido apurado, o governo não foi apenas omissor; deliberadamente atrasou a compra de vacina para poder ganhar propina das farmacêuticas às custas da vida dos milhares de brasileiros vítimas da Covid19.

Mas, como o senhor sempre nos falou, todo tempo é tempo de esperar. Pois é, as pessoas estão despertando e percebendo que só a luta do povo nas ruas pra derrubar o tirano. Assim, mesmo com o receio do vírus, mas com os cuidados necessários, a população tá indo para as ruas exigir o impeachment do presidente, pois comprovadamente, ele já cometeu diversos crimes, inclusive crime contra humanidade.

Tudo isso meu querido Paulo, tem despertado em nós, múltiplos sentimentos de angústia, sofrimento, insatisfação, raiva, tristeza, apatia e impotência, mas ao mesmo tempo de resistência, de luta, de esperança, tempo de ESPERANÇAR. Sabe por que, Paulo? Porque o que você, anunciou lá em Pedagogia da Esperança, em 1992, a nós, seres pandêmicos de 2021, é que

ainda que a liberdade humana se apresente como relativa e a vida seja feita de condicionamentos, um ano melhor é possível, ou seja, que é preciso que continuemos esperando (RATIER, 2021). Lembro-me também, que você alertou que esperança e luta não podem ser apenas repetições abusivas de discursos sem práticas, “mas guias práticos para um período que se configura como desafiador, e ao mesmo tempo, fértil de possibilidades positivas” (Ibidem). Assim, parafraseado Chico Buarque, apesar desse necrogoverno, o ano de 2021, ano do seu centenário, é também o Ano da Solidariedade, da Pedagogia Libertadora, da Educação Popular, da Educação Como Prática da Liberdade, da Pedagogia da Autonomia, da Pedagogia da Indignação, da Pedagogia da Esperança. O Ano do Esperançar.

Afetuooso e esperançoso abraço dessa professora que aprendeu com o senhor que “num país como o Brasil, manter a esperança viva é em si um ato revolucionário”!

Campina Grande (PB), São João de 2021

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3.

RATIER, Rodrigo. **O que Paulo Freire ensina sobre esperança em 2021**. Disponível em: <http://www.uol.com.br/ecoa/colunas>

ZITKOSKI, Jaime J. **Paulo Freire & a educação**. 2^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Medo de escrever?!

Celso Augusto Nunes da Conceição¹

Meu amigo Paulo Freire, hoje um dia chuvoso, daqueles que nos fazem admirar a boniteza da natureza, com perdão ou não da aliteração em suas ‘ezas’ e seus ‘ãos’.

Parece que o medo ou receio de não cometer o que dizem serem “erros de português” nos acomete também, sobretudo por saber que você, professor e educador, escreve muitas cartas. E muitas vezes já pedimos desculpas por tais deslizes quando os percebemos no ato de fala. Aconteceu com você também? Comigo é uma constante, mas tento justificá-los a cada diálogo. Por que tento? Bem, vamos continuar conversando e eu vou dizendo.

E é ouvindo os clássicos de Chopin que escrevo esta carta, em que a emoção brota pela lembrança empática e solidária com as pessoas que deixam de escrever porque sentem ‘medo’ de cometer os chamados deslizes linguísticos de nossa tão complexa e complicada língua portuguesa.

Nesse momento mágico em que as teclas do piano de Chopin fazem ressonância, e ao mesmo tempo lendo mensagens de uma pessoa que me colocou na estrada das cartas pedagógicas, hoje tão famosas para mim, deixo a emoção transbordar pela gratidão de existirem pessoas sensíveis à educação e que são incansáveis na luta por aqueles que precisam de nossas contribuições, tanto

1 Graduado em Letras/FAPA-RS; Mestre e Doutor em Linguística Aplicada/PUCRS; Pós-Doutor em Direito/Universidade Nova de Lisboa; Membro Correspondente Brasileiro da Academia das Ciências de Lisboa; Professor das disciplinas de Português Instrumental, Linguística, Sintaxe, Semântica, Pragmática e Lógica; Avaliador das redações do Enem/2009; Elaborador de provas de concurso público de nível superior; Elaborador da disciplina de Português Jurídico/Cesuca.

na área do conhecimento como na interação de tê-las afetivamente próximas pelo bem comum. Mensagens essas justamente sobre a carta que ora escrevo, gerando lembranças do que ocorreu ao longo do curso geradas por todas as pessoas envolvidas: impossível conter as lágrimas que descem pelo rosto a cada nota ouvida pelo piano... a cada teclada no computador.

Você não imagina, ou talvez sim, como o amigo aqui está se sentindo. O meio pedagógico se distancia em muito do que “dizem” ser um ambiente estritamente científico e frio nas suas relações. E claro que você sabe disso. A Pedagogia é diferente, com certeza! Basta estar dentro da área e propiciar encontros educacionais. O resultado é experienciado com momentos de amorosidade e afetividade, duas das tantas propriedades inerentes a uma efetiva aprendizagem. É preciso estar dentro do processo para entender. E eu já entendi.

Você, meu amigo Paulo Freire, deve estar se perguntando quem é essa pessoa. Pois eu digo, ela é a professora Ana Cristina Rodrigues, pedagoga e gestora universitária da Unipampa/Jaguarão/RS. E o que fez para me apresentar essa “outra estrada”? Bem, ela simplesmente me fez um convite para participar dos encontros de alunas/alunos do Mestrado Profissional em Educação no primeiro semestre do ano passado. Não sou pedagogo. Sou um linguista que entrou na área da pedagogia por um portal que ali se descortinava e, do outro lado desse portal, se vislumbrava um mundo que jamais imaginava existir, me considerando praticamente um “estranho no ninho”. Eu já o conhecia, meu amigo Freire, mas não sabia da existência de suas “cartas pedagógicas”. Ali eu me adjectivei como inSipiente. Sim, com ‘S’ bem maiúsculo, necessitando de muito aprendizado para pode começar a contribuir com a minha formação.

E o tempo foi passando com os encontros acontecendo...

Essa interação em tempo real com Ana Cristina justamente no momento em que estou lhe escrevendo, faz com que eu coloque em prática o que aprendo dia a dia nos encontros propiciados pelas “tais cartas pedagógicas”, que tanto poder têm nos diálogos propostos por você, meu amigo Freire. Sua área é fascinante pelo que provoca e pelos efetivos resultados em quem acredita que é possível aprender a partir dos diálogos a atingir objetivos emotivo-educacionais.

Nessa andarilhagem, a minha colega Ana Lúcia Souza de Freitas, que você conhece muito bem, também foi convidada pela professora Ana Cristina para compor o quadro docente como pesquisadora convidada da Unipampa. A partir desse novo encontro, fui me inteirando das competências individuais dos meus pares. As duas, juntamente com o grupo de alunas que me receberam com tanto carinho e afeto, me proporcionaram aprendizado no nível acadêmico no qual consegui me autopromover com o adjetivo de inCipiente, agora com o ‘C’ bem maiúsculo apesar de estar ainda no estado inicial dessa aprendizagem. Deixo aqui, meu amigo Freire, o meu eterno agradecimento a esse maravilhoso grupo de pesquisa.

Mas tudo isso não teria acontecido se não houvesse um “legado freireano”, no que de pronto já antecipo meus agradecimentos, ou melhor, gratidão pela sua existência!

Essa interação em tempo real com Ana Cristina justamente no momento em que estou lhe escrevendo, faz com que coloco em prática o que aprendo dia a dia nos encontros propiciados pelas “tais cartas pedagógicas”, que tanto poder têm nos diálogos propostos por você, meu amigo Freire. Sua área é fascinante pelo que provoca e pelos efetivos resultados em quem acredita que é possível aprender a partir dos diálogos contidos na correspondência dessas cartas.

E a pergunta que não quer calar: As pessoas realmente têm medo de escrever? Parece que sim porque o título nos induz a isso.

Sim, não só induz como há justificativa, mas é necessário abrir mais uma informação: a de que estamos nós, o grupo de pesquisa, em outra investida: Curso de Extensão “Cartas pedagógicas como instrumento de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Além do grupo de alunas e alunos, a professora Bárbara Sicardi Nakayama, Universidade Federal de São Carlos, é mais uma convidada compondo o corpo docente desse curso, que está já na sua finalização, restando mais dois encontros. A robustez desse grande grupo é a marca que emociona a todos nós pelo seu caráter de envolvimento, dinamismo, competência e muito aprendizado conjunto.

Agora sim, meu amigo Freire, depois desse preâmbulo contextualizador da minha andarilhagem pela área pedagógica, posso começar a expor minha impressão e convicções nas causas do “medo” de escrever.

Intencionalmente comecei com um ‘porque’ junto e sem acento no título desta carta. Há mais três que todos nós conhecemos, mas há mais um ‘porquê’ na língua portuguesa que está lá pelos pagos de Portugal: pronome interrogativo e também substantivo. Para quem não é da área linguística, aqui já começa o primeiro obstáculo: Como ensinar esse tipo de “regras” para que alguém aprenda, se é também tão difícil para os próprios nativos da língua materna?

Citei no início do texto a palavra “aliteração”, que é uma figura de linguagem que trata da repetição de fonemas idênticos. Lembro de minha professora no primário dizer “Evitem repetições quando escreverem”. Sim, eu estava no primário nos idos de 60. Naquela época éramos obrigados a “decorar” tudo isso. Aliás, e muito mais na “decoreba” do que nos era passado. Não digo “que nos era ensinado” porque naquela época o “ensino” era unilateral: do professor/a para a/o aprendiz. Não havia diálogo que propiciasse a construção do conhecimento por quem recebia a informação. E como aprender de fato quando não se está no diálogo? Pois é, meu amigo Paulo Freire, a concepção de ensino era equivocada e autoritária. Escrever era a pior das tarefas. Por onde começar, o que escrever no início, no meio e no fim. Diziam-nos que era para aprender que um texto é composto de ‘introdução’, ‘desenvolvimento’ e ‘conclusão’, mas não sabíamos de que era composto cada parte.

Nesse mesmo texto, escrevi com certo desrespeito às normas gramaticais vigentes quando do uso do pronome ‘se’, com referência à rubrica linguística ‘colocação pronominal’. Por quê? Porque nosso idioma é o brasileiro e colocamos o pronome antes do verbo mesmo que não haja atração para fazermos a próclise. Minha pergunta: Quem sabe disso? São poucos e a população brasileira é muito grande para se preocupar com todas as regras. E é preciso saber de todas essas regras para saber escrever? Eu digo que não, meu amigo Freire, e você concorda comigo, certo? Eu tinha certeza de sua resposta, meu mestre! Seu legado incentiva o diálogo para a comunicação e essas regras não podem impedir de que possamos nos comunicar simplesmente porque não sabemos todas ou nenhuma das regras para poder justificar esse uso. Mas será que o ‘medo’ de escrever é somente por isso ou porque temos uma “sombra traumatizante” em nosso interlocutor e que nos vigia a qualquer passo linguístico em falso?

Arrisco afirmar que não é somente pelas regras, mas também por não saber começar um assunto para colocá-lo em um formato de texto. Sempre nos questionamos se estamos no caminho certo. Eu, por exemplo, não conhecia as cartas pedagógicas e me questionava qual o gênero predominante, se narrativo, descritivo, dissertativo, argumentativo, expositivo ou injuntivo. Será que há uma estrutura-padrão? E é preciso dessa estrutura para escrever uma carta se o objetivo é traçar uma correspondência com alguém?

Em todos os nossos encontros, sempre me deparei a observar o estilo, a estrutura, as características e, principalmente, a dificuldade das colegas e dos colegas professores para escrever a sua primeira carta. Senti a necessidade de também expressar a minha, garantindo a todas e todos que mesmos linguistas têm dificuldades de começar algum texto porque envolve uma preparação do assunto e de seus detalhes e organizar as ideias para que tenham logicidade na sua apresentação. Percebi que minha fala sobre isso gerou um certo alívio intelectual. Sim, alívio, meu mestre, porque a dificuldade precisa ser explicitada de forma natural e contagiante.

Bem, meu amigo Paulo Freire, está na hora de nos despedirmos por ora, entretanto nosso diálogo certamente não encerra aqui. Acredito que ainda discorreremos sobre esse mesmo assunto porque esta é a primeira das cartas que deverão compor justificativas linguísticas mais consistente sobre “o medo de escrever”, principalmente agora “nossas cartas pedagógicas”.

Até o próximo encontro, mestre Freire!

“Temos muito a compartilhar o que sabemos e colher o que sabem os outros.” (Celso Augusto)

Porto Alegre (RS), 20 de junho de 2021.

Palavramundo que transforma

Claudia Cristina dos Santos Andrade¹

Querido Paulo Freire,
Demorei a escrever esta carta. No tempo em que a preparava, o vírus da Covid assolou minha família. No dia 12 de abril levou meu pai, depois de duas semanas da doença, no dia 15 me levou ao hospital, onde permaneci por oito dias, tendo alta no dia do Santo Guerreiro, do qual minha mãe era fervorosa devota. Acredito que ela tenha dado uma forcinha junto ao santo, para que eu pudesse voltar para minha casa. Lembro dela na frente da imagem, mãos postas, olhos fechados, rezando, colocando papéis com nomes e pedidos na base da imagem. Acendia a vela, enchia a taça com cerveja, e rezava. Eu brincava e dizia que São Jorge não devia ter mais paciência com ela, de tanto que ela o solicitava. A baixinha me xingava, falava que eu não acreditava em nada, e continuava suas orações. Agora que ela está mais perto dele, deve ter sido mais fácil, né?

Durante o período de internação e, até antes, enquanto meu pai lutava pela vida, um sentimento forte de revolta se abrigou em meu peito. Como um desses filmes que vão estabelecendo uma relação de sentido, causa e efeito, entre fatos, com imagens que se sucedem rapidamente. Eu fui revendo toda a história dessa doença, e como eu e meu pai estávamos atentos aos movimentos desumanos que o governo central do país fazia. Meu pai era meu principal interlocutor. Era com ele que analisava a política no Brasil. Ele sempre

¹ Sou professora da rede pública de ensino do Rio de Janeiro desde os 18 anos. A partir de 1996, passei a lecionar no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ), para os anos iniciais do EF. Fiz Mestrado em Educação na UFF (2000) e Doutorado em Educação na USP (2007). Gosto de estudar a linguagem, o ensino da leitura e da escrita e o processo de formação de leitores críticos.

informado, não só pelos diferentes telejornais que assistia o dia inteiro, mas acompanhando, pelas TVs da Câmara, do Senado e da Justiça, o que os personagens desta engrenagem política do Brasil diziam. E depois comparava com o que eles faziam, desvelando jogadas espúrias e manipulações.

Meu pai, querido Paulo, era um leitor crítico da *palavramundo*. Sem a ajuda do ensino formal, ele foi se formando leitor, na vida, porque se constituiu curioso e crítico da realidade. Não a via como algo dado, mas como algo a ser transformado. Indignava-se com as injustiças do mundo, desconfiava das palavras contraditórias, que escondiam a verdade.

Meu pai representava o leitor que você nos impulsiona a formar, cotidianamente, em nossa tarefa de ensinar. Tarefa que se faz difícil em face de uma corrente anticientífica, desumana, de desinformação e produção de ódio aos atores sociais que se dedicam à vida, à formação humana. Professores e professoras, cientistas, artistas, temos sido confrontados, hostilizados, caluniados por uma ação consciente e planejada, nas redes sociais, que produziu um mundo paralelo fomentador um pensamento assustador, que vê na maldade e na destruição do Outro a solução para os problemas do país. Eles se dizem “cidadãos de bem” e destilam todo o ódio em suas postagens nos diferentes meios.

Confesso, Paulo, que preciso muito de sua ajuda para compreender tudo isso e tentar alguma intervenção. Sinto-me cansada e desanimada. Vivemos uma distopia de desesperança e medo, que foi calculada e produzida pelos “donos do dinheiro” como dizia meu pai, mas efetivada em mentes menos críticas, mergulhadas em uma intransitividade ingênua.

Às vezes fico desconfortável em usar a ideia de ingenuidade que perpassa a sua teoria. Sei que nesse conjunto de pessoas que estão levando a frente o projeto genocida e fascista do bolsonarismo há os que sabem o que estão fazendo, têm plena consciência dos seus objetivos, que é ampliar a opressão sobre a população, de forma que um mar de miseráveis sem direitos garanta a opulência de uns poucos, e continue garantindo, como se repete historicamente. Nada mudou Paulo, na base primeira desta nossa situação. Só se agudizou, pois as redes sociais se transformaram nas novas «Cavernas de Platão». Saramago já nos alertava, não é? Ele só não imaginou que o shopping estaria dentro dos nossos celulares.

Acredito, também, que dentre aqueles e aquelas que engrossam as fileiras do “gado do Bolsonaro”, há os que nutrem o pensamento escravagista e violento que ainda persiste no Brasil, resultado de um processo colonizador marcado por uma opressão brutal.

Querido Paulo, preciso te reler, buscar esperanças e fazeres na tua *palavramundo*. Mas não te preocupes com esse meu discurso desanimado, não irei desistir, não desistiremos. Minha doença e a perda do meu pai para o projeto genocida me alimentaram de indignação propositiva. Tua *palavramundo*, ideia tão atual quanto necessária, me constitui e ela, junto com a de Boaventura Santos, Djamila Ribeiro, Emir Sader, Itamar Vieira, Conceição Evaristo, e tantos outros que me ajudam a estar neste mundo, é minha arma.

Aqui na Terra, Paulo, meu querido Paulo Freire, seguirei na luta por um mundo menos injusto, mas humano, com meu pai na minha mente e no meu coração. Lutaremos juntos, ainda mais unidos!

Com amor e muita saudade.

Rio de Janeiro (RJ), 28 de abril de 2021

Leitura, cultura e universidade

Jomar Ricardo da Silva¹

Prezado Paulo Freire,
Em carta anterior discorri sobre as experiências vivenciadas na periferia da cidade Campina Grande, por meio das Comunidades Eclesiais de Base, pastorais sociais e movimentos comunitários de bairro, inspiradas por suas concepções de educação, visão de mundo e método de ensino e de aprendizagem.

Nesta missiva pretendo fazer um diálogo com o senhor a partir de minha experiência de professor de História dos antigos 1º e 2º graus, atualmente com a denominação de ensino fundamental e médio, quando comecei o exercício profissional, há cerca de 30 anos, como também compartilhar minhas impressões sobre meu ofício de professor de Metodologia Científica nos cursos de graduação da Universidade Estadual da Paraíba, iniciada em 1999.

Na verdade, minha formação como aluno universitário no curso de graduação em História começou concomitante à atividade de monitor de Círculo de Cultura de Alfabetização de Adultos que levava seu nome. Fui me fazendo aprendiz, antes de ser professor, em diálogo com os alfabetizados para tornar-me ensinante, tarefa exigente como bem diz o senhor no capítulo: “Primeiras palavras: *Professora-tia, a armadilha*”, do livro “Professora sim, Tia não, Cartas a quem ousa ensinar”: “*Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional, afetivo. É uma tarefa que requer de*

¹ Professor da Universidade Estadual da Paraíba, lotado no Departamento de Ciências Sociais (DCS). Doutor em Educação pela UFRN.

quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica.”

Nesse processo vamos paulatinamente adquirindo a empatia, o cuidado que vamos aprendendo a ter pelos outros, desdobrando nosso amor a nós mesmos em direção a todos, pois o ato de ensinar e aprender conduz-nos a percepção que existe condições sociais, étnicas, de classes e de gêneros, em suas diferenças e semelhanças, que nos torna comum à vida, nas dimensões das angústias e sofrimentos, desejos e sonhos. Tornar-se humano é processo contínuo, desde que abertos ao mundo e ao outro, mas apenas se fazendo educador com propensão de sê-lo por e com amor, no qual, sem a humildade, o desiderato não seria atingido.

A escola pode representar uma separação do jovem de sua realidade de origem operária, campesina, negra pelo fato dos currículos não contemplarem a perspectiva da cultura popular, o que se constituía um fato nas décadas de 1970 e 1980, sem se cogitar a inacessibilidade ao livro didático, que era outro empecilho para a iniciação da prática da leitura e nos preâmbulos didáticos da ciência.

A situação dos jovens que hoje ingressam na universidade, principalmente para os cursos de licenciatura, mostra como as dificuldades continuam, ainda que modificados alguns elementos do ensino básico, no que se refere a leitura e escrita, pelo mesmo motivo que o senhor assinala, não se restringindo a uma fase da educação formal, guardando em suas origens um quadro educacional que atravessa toda a vida escolar dessas pessoas.

Para essa problematização o senhor traz um elemento intrínseco ao processo de ensino e aprendizagem, além da estrutura pedagógica da escola e da origem do capital cultural dos educandos na “Primeira Carta Ensinar – aprender. Leitura do mundo – leitura da palavra” do livro “Professora sim, Tia não, Cartas a quem ousa ensinar”. Afirma: *“Um dos equívocos que temos está em dicotomizar ler de escrever e, desde o começo mesmo da experiência em que as crianças ensaiam seus primeiros passos na prática da leitura e da escrita tomarmos esses processos como algo desligado do processo geral de conhecer. Essa dicotomia entre ler e escrever nos acompanha sempre, como estudantes e professores. ‘Tenho uma dificuldade enorme de fazer minha dissertação. Não sei escrever’, é a afirmação comum que se*

ouve nos cursos de pós-graduação de que tenho participado. No fundo, isso lamentavelmente revela o quanto nos achamos longe de uma compreensão crítica do que é estudar e do que é ensinar.”

O caráter do futuro profissional que as instituições de ensino superior procuram formar, dotando-os de habilidades que implica a prática da docência e da pesquisa, baseia-se numa atividade de estudo em que a leitura é indispensável para a aquisição do conhecimento e conseqüentemente para sua produção. Constata-se que uma das dificuldades, principalmente no momento da elaboração do projeto do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), reside na aparente distância que a linguagem acadêmica possui da vida cotidiana e das dificuldades que os alunos possuem para refletir sobre a própria realidade em que estão inseridos e de onde poderiam elaborar questões para a investigação científica.

Ainda assim, como exposto anteriormente, a realidade social dos discentes da área de licenciatura é marcada por questões educacionais que remontam desde as séries anteriores cursadas no ensino fundamental, caracterizada por uma pequena quantidade de leitura. O baixo índice de leitura no Brasil torna-se uma dificuldade que recai sobre o desempenho acadêmico do futuro professor e por parte dos seus educadores da universidade, chega a ser um desafio.

Se o senhor aponta a dicotomia entre ler e escrever, também nos chama atenção para a disjunção entre a realidade do discente e o currículo escolar. Não se aprende aquilo que se constitui irrelevante, tanto no aspecto político, cognoscente ou por motivação didático-pedagógica relativos à vida cotidiana.

Dessa forma, expõe o senhor na quarta carta – identidade cultural e educação: *“Pensar que é possível a realização de um tal trabalho em que o contexto teórico se separa de tal modo da experiência dos educandos no seu contexto concreto só é concebível a quem julga que o ensino dos conteúdos se faz indiferentemente ao e independentemente do que os educandos já sabem a partir de suas experiências anteriores à escola. E não para quem, com razão, recusa essa dicotomia insustentável entre contexto concreto e contexto teórico.”*

A educação, nesse sentido, estaria vinculada a uma concepção inerente à própria vida e que se refere aos conhecimentos, às experiências, às práticas

do indivíduo, não emanados de uma instituição produtora de ensino convencional ou não-convencional, mas disseminados por todo contexto social.

Para o senhor o estado ontológico do homem é de ser inconcluso, independente, portanto, de faixa-etária, gênero ou condição social. Assim tanto a criança como o adulto, os homens e as mulheres, empobrecidos e expropriadores, estão em um processo educativo. Assim sendo compreende a educação como uma pluralidade de relações entre o homem e o mundo, à procura de responder aos seus desafios. No livro *Educação como prática da liberdade* assinala: [...] *“na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age.”*

Na condição de seres de cultura, o homem e mulher estão abertos a múltiplas variedades de respostas, devido a sua condição de criador. Inconformado com sua situação existencial presente, ele aponta para o infinito. Ele está sempre em busca de algo mais que lhe possibilite superar as dificuldades que uma determinada realidade lhe impõe.

Como o senhor expressa no livro *Educação e mudança*, a educação *“seria uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição”*. Acredito que ele age no interior dos seus limites com base em sua capacidade de responder e no mesmo instante se transformar, alterar-se no ato de criar uma solução aos desafios e leva-o a agir. Nessa relação entre pensar criativamente, agir e transformar-se, talvez haja um *leitmotiv* implícito em sua obra que viria a se constituir a concepção de práxis a partir da leitura de mundo, no modo que esse ser respondente faz a leitura do seu lugar.

No seu livro *A importância do ato de ler*, *“a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”*. Antes de tornar-se palavra escrita, a realidade foi captada em pensamento pela abstração, designando-a em conceitos, palavras, numa representação intelectual das coisas que se postam na exterioridade da consciência.

A leitura do mundo faz-se por infinita determinação temporal. Ela nunca dar-se por completa e intensamente insatisfeita, busca incessantemente outras interpretações, em novas leituras pelo sujeito cognoscente. Por sua vez, este, na prática da leitura escrita, resultado da leitura de outros, cultiva, por conseguinte, a experiência de sua própria leitura de mundo. A leitura, dessa forma, presta-se como vínculo para a consciência jungir-se à realidade infinita e desafiadora, para quem se ergue com intrepidez para desvelá-la.

Oportuno se faz mencionar que o senhor identificou a precedência da leitura do mundo à leitura da palavra. O signo - “a palavra”, “a letra”, “o texto” – estaria impregnado nas cores da natureza que se modificam à medida que seus frutos, a exemplo da manga, amadurecem. Dizia no texto *A importância do ato de ler*: “*O verde da manga espada verde, o verde da manga espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre essas cores, o desenvolvimento do fruto, a resistência à nossa manipulação e seu gosto. Foi nesse tempo, possivelmente, que eu, fazendo e vendo fazer, aprendi a significação da ação amolegar.*”

Aprendemos que conhecimento provém da observação do movimento da natureza, de uma realidade social que não nos permite ver o processo, muito lento por sinal, mas apenas seu resultado de amadurecer através das cores que indicam a mudança. Primeiro veio a constatação, depois uma leitura do aprimoramento do fruto e, por fim, um conhecimento conceitual de “amolegar”.

Oportuno estabelecer um cotejo dessa sua passagem escrita com uma de Hegel, no livro *Fenomenologia do Espírito*, quando o filósofo conhecido pelo estilo intrincado, escreveu a metáfora da flor em agradável linguagem poética: “*O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-á da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários.*”

Na figura apresentada, o botão, a flor, o fruto são momentos de ultrapassagem contínua. Apesar de haver negação das várias partes constitutivas,

numa mesma relação de superação sucessiva das fases, o fruto encontrava-se em potência no botão, que foi suprimido pela flor e da qual se fez nascer o fruto, numa ordem natural das coisas.

Disso resulta que o conhecimento provém da leitura do mundo que precede, por sua vez, a leitura da palavra escrita. O texto escrito é a realidade consignada em forma de conceitos, palavras. Os substantivos leitura e intelectual guardam em si idêntica raiz etimológica, logo, para quem escreve é o mundo em ponto de chegada, inconcluso, para quem ler é ponto de partida com possibilidades infinitas de interpretações. E essa capacidade de ler, pensar e agir no mundo nos fez ser o que somos.

Na carta “Identidade cultural e educação” o senhor reflete sobre como a condição humana estar articulada entre a cultura e a natureza. Limitados pelos condicionamentos herdados conseguimos superá-los e passarmos para a posição de criadores de cultura: *“No fundo, mulheres e homens nos tornamos seres especiais e singulares. Conseguimos, ao longo de uma longa história, deslocar da espécie o ponto de decisão de muito do que somos e do que fazemos para nós mesmos individualmente, mas, na engrenagem social sem a qual não seríamos também o que estamos sendo. No fundo, nem somos só o que herdamos nem apenas o que adquirimos, mas a relação dinâmica, processual do que herdamos e do que adquirimos.”*

Por isso considerando o saber do chão da vida dos educandos de nossas escolas e universidades, situadas no semiárido brasileiro que muito nos identifica no que nós somos e fazemos, é o princípio que desencadeia o ato de educar, não previamente, mas contíguo ao próprio ato, como proposta solidária e de comunhão, em um convite feito pelo ensinante ao aprendiz.

Daí resultou a iniciativa de trabalhar a música “Cabelo de milho” (1980) de autoria de Sivuca e Paulinho Tabajós, numa experiência no curso de humanas e exatas, por trazer a percepção dialética dos fenômenos naturais e numa tentativa de trabalhar o conceito de espaço na disciplina de Metodologia Científica, a leitura de modo significativo no exercício da lida em sala de aula.

Nessa mesma intenção educativa a que o senhor se refere: *“Em continuação, que a educadora seja cada vez mais competente cientificamente o que a faz saber o quanto é importante conhecer o mundo concreto em que seus alunos vivem. A cultura em que se acha em ação sua linguagem,*

sua sintaxe, sua semântica, sua prosódia, em que se vêm formando certos hábitos, certos gostos, certas crenças, certos medos, certos desejos não necessariamente facilmente aceitos no mundo concreto da professora”.Então Sivuca revela uma concepção de espaço dialético entre o abstrato e o concreto, entre a Ideia absoluta e o particular, entre o qualitativo e o quantitativo. “Tanta água no poço e o riacho tão seco e só / O cercado é de toco e o arado é de pedra e pó / Um cansaço na rede e uma sede de se estranhar / Um olhar na parede e uma prece pro céu chorar / Se pudesse o sol chover / Só a metade do que chove no meu coração / Dava um lago pra beber / E o chão virava neve de tanto algodão / Via o trapiá crescer / E o gosto de rever moringa na janela / Tanto milho pra colher / De nunca mais se ver o fundo da panela [...]”

O poeta de Itabaiana acende de forma lírica a fogueira de discussão travada na história da filosofia entre metafísicos e físicos, em que os primeiros defendem o espaço relativo, entendido como uma consequência das coisas espaciais que lhe dariam sustentação. Diria Hegel, a partir de Leibniz, “*que o espaço é uma ordem das coisas, a qual em nada atinge os [númenos], e que ele tem suporte nas coisas [...]*”. Enquanto os segundos defendem o espaço absoluto porque este precede as coisas e seria condição de sua existência. Ou em outra afirmação de Hegel “*caso se diga que ele é algo substancial por si, então deve ser como uma caixa, que, mesmo com nada dentro, se conserva contudo como algo particular por si*” (**Enciclopédia de ciências filosóficas em compêndio - 1830**). Assim na canção, o chão representa o absoluto que pode se perder de vista na divisa do horizonte, mas adquire dimensão relativa da percepção do algodão que o preenche o espaço vazio do espaço geométrico, tornando-o físico.

Os homens produzem cultura em suas relações com a natureza e com outros homens. Enquanto a natureza age silenciosamente pelo crescimento do fruto, o homem trabalha fazendo cultura na manufatura da moringa para reserva d’água. O cabelo de milho que reluz com o brilho da luz do sol, passou por fases de transformação até chegar a sua fase de maturação, chegando ao ponto de ser colhido. Ao encher o espaço da panela vazia, tem-se o fim da tensão criada pela escassez e sua superação estaria na opulência, resolvida na satisfação das necessidades de sobrevivência.

Com esse exemplo queria mostrar ao senhor como suas reflexões inspiram a prática educativa de docentes a partir de uma realidade social em que os próprios educandos não apenas fazem parte do cenário, mas a compreende, a modifica e a constrói conceitualmente com suas ações mediatizadas com conhecimento teórico e prático, e com isso elaboram a base do saber científico fruto de suas experiências da grande arte chamada vida.

Cordialmente,

Campina Grande (PB), 18 de março de 2021

Educação que se transforma

*Naiara Evaristo Felix*¹

Caríssimo Paulo Freire,
Saudações fraternas!

És um nome de destaque em diversos países, e tuas filosofias, até hoje, são pilares para a educação, que fazem com que a busca por uma formação crítica dos cidadãos com o fim de libertá-los das amarras da ignorância seja a missão de muitos docentes.

Como você bem sabe, vivemos momentos difíceis, em que educar a população para fazer escolhas e se posicionar, política e eticamente, para evitar que se repitam erros do passado, tornou-se fundamental, pois estamos vivenciando um retrocesso quando os educadores são reprimidos e não se respeita o fato de que a escola é um universo político e não tem neutralidade e que silenciar é um ato político que deve ser eticamente respeitado como qualquer outro posicionamento social, pois nossa Constituição nos garante a liberdade de escolher e de pensar.

O ano de 1964 foi muito difícil para você, o que, certamente, levou-o a escrever 'A Pedagogia do Oprimido', que retrata o cotidiano de muitos cidadãos pobres que são subjugados e humilhados por uma classe dominante que se sente acima das leis. Portanto, foi uma obra de grande relevância para a formação dos atuais profissionais da Educação e os que ainda estão nas instituições de ensino superior buscando a formação integral e que almejam ser profissionais reconhecidos e capacitados.

¹ Estudante do Curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Humanidades e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC da Universidade Estadual da Paraíba.

Outrossim, sua presença faz falta, e a cada dia, é notório o quanto suas teorias abrem os olhos dos educadores e os ajudam a trilhar um caminho no qual mediar conhecimentos para construir uma curiosidade epistemológica é fundamental para a formação crítica dos discentes. Podemos dizer, grande Mestre, que, há 24 anos, perdemos uma pessoa e ganhamos um ícone da educação brasileira que lutou em busca de um ensino de boa qualidade em todas as regiões do Brasil. Seu legado mostrando que o aluno leva para dentro da escola uma bagagem de vida que deve ser explorada pelo professor para facilitar a aprendizagem é um marco entre nós.

Vivemos o ano do seu centenário e gostaríamos de parabenizá-lo por nos ter deixado tantos ensinamentos, que o tonaram um dos educadores de referência para a *práxis* de tantos docentes no mundo. Você é conhecido em outros países, porém me entristece dizer que suas obras e seu legado são mais reconhecidos fora do nosso país.

Paulo Freire, eu tive a oportunidade de dar continuidade a um projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC – em que pesquisamos sobre as práticas pedagógicas e o patrimônio cultural por meio de um estudo sobre a educação multicultural nas produções acadêmicas do CH-UEPB. Nele compreendemos que os movimentos sociais passaram a ser considerados mais relevantes a partir da década de 1970, com suas iniciativas para proporcionar uma educação de boa qualidade, nas lutas pela valorização e pelo reconhecimento das diversas culturas nos diferentes segmentos sociais. Hoje ainda enfrentamos a desvalorização das contribuições dos negros e dos índios para o patrimônio cultural brasileiro, mesmo com a promulgação de dispositivos legais avançados.

Entendo que, no âmbito da sala de aula, os professores devem ser reflexivos e pesquisadores, pois poderão assumir uma postura de constante reflexão crítica sobre sua prática, atuando ativamente na construção do saber pedagógico. O profissional da educação tem o comprometimento de criar uma conexão entre o universo microssocial da sala de aula e a realidade socio-cultural, a fim de estimular no aluno uma curiosidade epistemológica, como você nos ensina em suas teorias.

Essa é uma oportunidade de poder contar para um dos maiores educadores do mundo como foi nossa experiência no Projeto de Iniciação Científica

cujo poder formativo é inestimável para a formação docente, pois o professor deve ter curiosidade, e a pesquisa é a forma mais significativa de contar para o mundo as experiências vividas no ambiente universitário e obter respostas.

Além disso, na formação dos professores, o multiculturalismo acaba sendo desvalorizado ou pouco lembrado, apesar de estar sempre presente nos sistemas escolares, mesmo que desconsiderado por parte do currículo escolar. Para que o multiculturalismo seja ensinado de forma mais adequada, são necessários profissionais capacitados. Além disso, esses mesmos profissionais precisam de uma formação permanente, capaz de fazer com que possam trabalhar de forma imparcial as diferentes culturas e religiões, valorizando sua natureza, as características e as desigualdades.

Assim, pelas razões aqui mencionadas, entendo que os currículos dos cursos de formação de professores devem ter especificidades sobre o multiculturalismo, para que eles possam usufruir de uma base teórica sobre cultura sem preconceito, a fim de que se tornem capazes de orientar os alunos com o conhecimento adquirido no exercício de sua formação docente.

Após o levantamento e as discussões, foi constatado que os professores precisam auxiliar o desenvolvimento das identidades plurais dos alunos. Para isso, em sua formação acadêmica, os formandos devem aprender a trabalhar com a diversidade cultural respeitando o multiculturalismo presente nas escolas. Essa predisposição do profissional de educação começa a ser construída, principalmente, a partir dos exemplos em sala de aula (na condição de discente), em que professores têm mais amadurecimento para idealizar o que é mais importante para ser tratado no âmbito escolar.

Dito isso, podemos afirmar a importância crucial de componentes curriculares, oficinas pedagógicas, semanas culturais e eventos que intensifiquem a discussão sobre esse tema no meio acadêmico, para que seja formado um profissional consciente e com embasamento para lidar com as diversas realidades de cada instituição.

Portanto, os resultados indicaram que é sobremaneira importante promover discussões no meio acadêmico, principalmente, porque é nele em que são formados os novos profissionais que vão atuar na educação básica. Para isso, o professor deve buscar estratégias para transmitir o conhecimento adquirido, inovar em sua metodologia de trabalho e na forma de tratar o conteúdo e

não formar só alunos e profissionais para o mercado de trabalho, mas também cidadãos que conheçam e respeitem a diversidade da sociedade em que vivem.

Agora vou lhe dar algumas notícias que vão entristecê-lo e que, talvez, você até já saiba aí de cima. Trata-se das dificuldades que temos vivenciado para manter nossas vidas. Atualmente tivemos que mudar nosso modo de viver. A higiene, por exemplo, passou a ser intensificada em todos os âmbitos. Não podemos ir à escola nem receber nossos parentes, como fazíamos com tanta naturalidade antes, porque estamos vivenciando uma pandemia do SARS Covid-19, o que nos impossibilita de fazer cumprimentos básicos, como um simples aperto de mão.

Atualmente, necessitamos usar produtos que nos ajudem a nos manter longe da infecção desse vírus, como máscaras, álcool e outros produtos de limpeza, o que, de certo modo, nos mantém parcialmente protegidos, porque a aglomeração de pessoas pode ocasionar a contaminação dos indivíduos. Todavia, já temos uma notícia boa - os cientistas de todo o mundo, desde o início da pandemia, estão batalhando para encontrar uma forma de voltamos a ter a vida normal, e a vacina já é uma realidade.

Muitos países já estão com a vacinação avançada em relação ao Brasil, e apesar de tantas perdas, começaram a se reerguer e a voltar a realizar suas atividades parcialmente, por meio de uma quantidade de público em determinados locais. Além disso, a ciência brasileira vem sofrendo inúmeros cortes (investimentos públicos) nas bolsas de pesquisa e no repasse para as universidades e para os centros de pesquisa nos últimos anos. Porém esses cortes já vinham acontecendo gradativamente, antes mesmo da pandemia, o que contribuiu para que o Brasil demorasse a produzir vacinas. Então, se, com dinheiro, já era difícil, sem ele, piorou, pois muitos pesquisadores e professores precisam tirar seu sustento de trabalhos muitas vezes distintos da realidade de sua formação pessoal. Essas informações mostram como a realidade é dura para quem deseja fazer pesquisa no país, por ter que lidar com as mais diversas repressões.

Penso que, se as políticas públicas e os investimentos fossem maiores e seus profissionais reconhecidos, conseguiríamos estar em um cenário melhor do que o atual, em que vidas poderiam ter sido salvas, e o número assustador de mortos deveria ser menor.

Em meio a essas reviravoltas por que o mundo passou e vem passando, nossa educação se transformou - ou melhor dizendo - se configurou para um ensino teoricamente produzido a distância, visto que as atividades passaram a ser de forma digital, em momentos síncronos e assíncronos. Ressalto, no entanto, que não ficamos totalmente parados no tempo, já que tivemos que nos adaptar à realidade atual, como, por exemplo, adotar o formato híbrido para ministrar aulas (presenciais e online).

Espero, em breve, ter notícias melhores para lhe dar.
Guarabira (PB), 20 de maio de 2021.

Compartilhando conhecimentos, experiências e vivências

Irana Bruna Calixto Lisboa¹

Caríssimo Paulo Freire,

Escrevo esta carta como uma forma de agradecimento pela sua significativa contribuição a educação, que nos presenteou com sua vasta produção bibliográfica destinada para àqueles que ousam ensinar, os educadores comprometidos com uma educação humanizadora, crítica e de qualidade centrada na formação de sujeitos conscientes de suas realidades.

Seus pensamentos servem de referência inspiradora para todos aqueles que ensinam mediante condições de ensino tão desafiadoras e precárias que impõem superações de barreiras nas práticas de ensino.

É reconhecido pela grandiosa contribuição na história da educação brasileira, nos deixando seu legado, suas lembranças e sua presença viva entre os educadores que seguem a sua pedagogia. Hoje, seu pensamento está vivo e atual. Pois, suas obras são disseminadas entre os educadores do Brasil e do mundo. E suas considerações são atemporais.

As reflexões abordadas em seus textos indicam os caminhos a serem seguidos por aqueles que escolheram a área da docência, para que se tornem profissionais qualificados e conscientes do papel importante, que exercem no diálogo com seus educandos.

¹ Professora Substituta de Antropologia, na Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Binacional de Oiapoque. Mestra em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA). Graduada em Ciências Sociais pela mesma instituição.

Visto que, a prática docente está condicionada a exercer a formação de sujeitos conscientes e críticos do contexto em que vivem através da leitura de mundo e da leitura da palavra.

De fato, ensinar e aprender são ações que se retroalimentam nos saberes e fazeres executados nas práticas de ensino dos educadores junto aos seus educandos. Seus textos apresentam os anseios daqueles que ensinam e aprendem, tendo escolhido à docência como ofício e acreditando no cunho transformador da realidade permitido pelo estudo e esclarecimento da realidade social, cultural e política da sociedade.

A sua proposta pedagógica rompe com a concepção tradicional de ensino, a qual acredita que o professor é o detentor do conhecimento absoluto, e os educandos são seres destituídos de conhecimentos, apenas recipientes dos conteúdos repassados pelos educadores.

A sua abordagem pedagógica nos leva a refletir sobre as possibilidades de utilizar o método dialógico no relacionamento entre os educadores e os educandos. Os educadores não são os únicos possuidores de conhecimentos, os educandos também possuem seus conhecimentos.

A educação humanizadora e problematizadora é essencial para a superação do paradigma da educação bancária tão presente e impregnada na concepção educacional brasileira. A educação e o conhecimento devem ser os caminhos percorridos para a prática da liberdade dos nossos educandos.

A sua recomendação extremamente necessária ao dizer que os educadores devem ser humildes e abertos, bem como repensarem seu papel e posição enquanto educadores. Isso mostra que a profissão docente deve ser exercida de uma maneira que possibilite aos educadores rever suas práticas.

Ao ressaltar que a escolha pelo ofício docente requer preparação e formação que devem ocorrer permanentemente para que seja alcançável a análise crítica de sua prática. Suas reflexões mostram a realidade dos educadores o qual evidencia que ser educador é estudar sempre. A busca incessante pelo conhecimento deve ser a força motriz para desenvolvimento de uma atuação docente rumo a excelência.

De fato, no processo de ensino-aprendizagem os educadores não devem apenas desenvolver formas de ensinar pautadas apenas na teoria, mas sim aplicar a teoria e a prática no processo de ensino. A utilização somente da

abordagem teórica engessa os avanços a serem ultrapassados para a concepção de uma educação crítica, humanizadora e problematizadora que prepara os educandos para refletir criticamente sobre a realidade de seus contextos.

Considero muito interessante as suas cartas, com uma escrita simples, mas não simplista. Elas são empregadas como instrumentos pedagógicos, formativos e reflexivos que possibilitam serem usadas como ferramentas didáticas nas práticas pedagógicas.

Seu método de alfabetização precursor evidenciou uma experiência exitosa na alfabetização de adultos em Angicos, no Rio Grande do Norte, na ocasião 300 trabalhadores foram alfabetizados em aproximadamente 45 dias. Essa experiência é lembrada até hoje como um de seus grandes feitos que contribuiu na educação de adultos trabalhadores. A partir disso, seu método de alfabetização foi disseminado em outros estados brasileiros.

A sua orientação de alfabetização foi bem-sucedida, por isso, até hoje direciona muitos educadores em suas práticas pedagógicas, pois a sua preocupação com a alfabetização concentrava-se no fomento de uma consciência crítica do mundo por parte dos alfabetizandos, que necessitam entender a junção da leitura de mundo e a leitura da palavra, no processo de alfabetização para que entendem seus contextos vivenciais. Verdadeiramente, a leitura de mundo e leitura da palavra são importantes para os indivíduos em seu processo de alfabetização.

As palavras geradas são relevantes para a execução de uma alfabetização conscientizadora conectada com as realidades concretas dos alfabetizandos. Para que a aprendizagem da leitura e escrita estejam ancoradas em uma consciência crítica capaz de fazer uma leitura real e sóbria acerca dos acontecimentos que os cercam.

O título de Patrono da Educação Brasileira foi uma atribuição merecida diante da significativa contribuição de seus pensamentos sobre o contexto educacional brasileiro. Suas ideias influenciam as práticas pedagógicas de vários professores em contextos locais, regionais, nacionais e internacionais. O centenário comemorado esse ano é um momento de homenagear e celebrar seus pensamentos tão pertinentes e atuais.

Suas análises coerentes e lúcidas atentando para as questões educacionais voltadas para o atendimento de educandos das camadas populares.

Os seus escritos trouxeram à tona a reflexão de que o ato de estudar não acontece apenas na escola, mas extrapola o ambiente escolar, qualquer lugar é propício para estudar, dependendo da atitude séria e curiosa envolvida no processo de aprendizagem.

Efetivamente, é de suma importância estudar, embora haja dificuldades a serem enfrentadas para isso, mesmo assim devemos continuar estudando e resistindo diante dos percalços que envolvem a trajetória estudantil.

Conforme a sua ponderação estudar é um dever revolucionário. Sendo assim, a educação pode colaborar na transformação das realidades e concepções de mundo dos envolvidos no processo de ensinar e aprender.

Realmente, a prática docente exercida pelos educadores deve ser comprometida com a educação em seus diferentes níveis e esferas no trato com seus educandos e educandas. A profissão docente requer ética profissional, amorosidade e responsabilidade com a formação dos educandos e educandas.

Seus pensamentos nos propõem enquanto educadores que possamos incitar reflexões com intencionalidades de desvelar o mundo dos educandos e educandas estabelecendo conexões lúcidas e críticas com a realidade envolta dos educandos e educandas.

Suas ideais ressaltam a necessidade da formação permanente que a profissão docente exige, para que os educadores se preparem em se tornar profissionais competentes, críticos e éticos revendo suas práticas pedagógicas.

Os educadores devem ter o comprometimento com o ensinar crítico para que os educandos façam a leitura de mundo e leitura da palavra de maneira crítica e contextual que desoculte e mostre a realidade como ela é. Desprovida do véu que esconde os aspectos nocivos e degradantes da sociedade que envolve o universo dos educandos.

Com efeito, o papel dos educadores não deve apenas elucidar a leitura dos textos, mas também a leitura dos contextos. Já que os educadores em suas práticas educativas possuam uma autoridade responsável pela formação de seus educandos.

A educação é uma prática política na qual os educadores expressam seus posicionamentos na sala de aula diante de seus educandos. Palavras e atitudes devem estar de acordo com a visão política dos educadores e condizentes com suas práticas pedagógicas. Portanto, os comportamentos adotados pelos

educadores na cotidianidade educativa do ambiente escolar refletem em atitudes políticas.

Para terminar, os seus livros indicam os caminhos possíveis a serem trilhados pelos educadores para (re)pensarem suas práticas com o intuito de melhorá-las na cotidianidade escolar. Isso está de acordo com a formação permanente a qual os educadores devem ser submetidos para aprimorar suas práticas educativas.

Esta carta expressa a imensa admiração pelas suas obras e seu legado. Seus textos possuem mensagens inspiradoras aos educadores.

Com amorosidade.

Oiapoque (AP), junho 2021

Aprender a liberdade para ser quem se é

Theo G. Alves¹

Caríssimo Paulo Freire, Este é, antes de qualquer outra coisa, um pedido de socorro. Embora sua voz ainda ecoe entre nós através de seus livros, da resistência e vividez de sua palavra, parece que precisamos agora da sua presença, da voz saída de sua boca enquanto crianças e adultos se põem sentados ao seu redor. Precisamos dos alfabetizados de Angicos outra vez e, neste momento, somos milhões à espera, ainda que enorme parte de nós nem saiba exatamente do que precisamos.

Paulo, boa parte de nosso país parece não saber mais quem é. Há trabalhadores lutando pelo fim dos seus próprios direitos em nome de uma queda de braço perdida de véspera com seus patrões. Estão a usurpar de nós as conquistas que, sob tanto sangue e suor, conseguimos através das lutas terríveis e desgastantes vencidas por aqueles que vieram antes dos que aqui estamos.

¹ Theo G. Alves é professor, escritor, fotógrafo e servidor público, graduado e especialista na área de Letras e ensino. Nascido em Natal – RN, cresceu em Currais Novos e vive atualmente em Santa Cruz, ambas no interior potiguar. É professor há mais de vinte anos, lecionando Português, Literatura e Inglês, entre outras, em escolas de Ensino Médio e faculdades de Pedagogia. Como escritor, foi premiado em concursos nacionais e locais tanto por sua prosa quanto pela poesia. Publicou os livros “Pequeno Manual Prático de Coisas Inúteis”, “A Máquina de Aversar os Dias” e “Doce Azedo Amaro”, “Caderno de Anotações Breves e Memórias Tardias”, todos de poesia; “Por que Não Enterramos O Cão?”, de contos; e “A Cartomante que Adivinha O Presente”, de crônicas”.

Todos os dias assistimos ao terrível espetáculo da perda e degradação de nossos valores: trabalhadores reduzidos a tão pouco, a uma mão de fazer coisas pela mera obrigação de as fazer, sem saber a quem pertence o braço, sem saber a quem pertence a obra. Parecemos alfabetizados disfuncionais por um mundo a que não pertencemos. Somos matéria apenas, só textura.

As crianças de nossas escolas parecem andar numa sala escura e cheia de armadilhas nas quais cairão mortalmente, para as quais a única pergunta restante é: quando? Nossos professores caminham com elas, tentam protegê-las, mas quem os defenderá nesse jogo cruel? Afinal, os homens grandes que mexem as cordas dos títeres, parecem todos vociferar contra os que se dispõem a ensinar, especialmente quando se propõem a ensinar sobre a vida, a discuti-la, a questionar os papéis que ocupamos e que nos são dados à revelia.

É por isso, Paulo, que você nos faz ainda mais falta agora. Os que estão a apedrejar seu nome, a tentar diminuí-lo e vilipendia-lo precisariam ouvir, compreender sua luta, seu desejo de liberdade para os que aprendem. Trata-se disso, afinal: aprender a liberdade para ser quem se é. Contra isso, os titereiros não saberiam lutar. É por isso, Paulo, que precisamos mais do que as belas lições que você nos deixou. É de sua voz, de sua presença que tanto carecemos agora.

Mas eu sei, meu caro, que esta batalha é nossa herança agora. Seguros por sua mão, precisamos entender sua palavra, compreender o valor da luta e da libertação, passá-los adiante, ensiná-los para que ninguém sobre a terra aceite coleiras, grilhões e algemas, mesmo sofisticados pela lei como agora o fazem.

É preciso que lutemos, Paulo, armados dos livros que nos querem tomar, da voz que nos querem calar, da liberdade que nos querem tolher. É preciso que lutemos, Paulo. E só nos resta fazê-lo diariamente até a morte, mesmo por que viver sem a liberdade merecida de nada nos valeria.

Que sua voz continue a ecoar sobre nós, Professor.

Santa Cruz (RN), 24 de abril de 2021

Professora formadora em tempos de pandemia

Telma Sueli Farias Ferreira¹

Querido mestre Paulo Freire, É um prazer imenso socializar algumas ideias minhas com você. Minha carta encontra-se dividida em duas partes: a primeira remete ao relato de experiência acerca das aulas que ministrei em 2020, especificamente no semestre de 2020.1 na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) por meio da modalidade do ensino remoto no curso de Letras Inglês, e a segunda contém alguns versos dedicados a você.

Bem, para começo de conversa, as aulas foram suspensas. Isso ocorreu na segunda semana de março de 2020, devido à pandemia provocada pelo COVID-19. No meu ingênuo pensamento, um mês no máximo e tudo estaria resolvido, ou seja, as aulas presenciais seriam retomadas sem maiores problemas.

Na UEPB, houve a possibilidade de darmos continuidade às nossas atividades no final de março, e como sempre apreciei trabalhar com tecnologias, contactei todos os alunos da turma e prosseguimos com a disciplina de Estágio Supervisionado I. Olha que responsabilidade: conduzir uma turma de estagiários em plena pandemia, com um planejamento inicial apenas para as discussões teóricas, deixando as preocupações de locação de alunos nas escolas, referentes à prática de observação, em um segundo plano, pois ainda

¹ Professora mestra do curso de Letras Inglês do departamento de Letras e Artes da UEPB – Campus I.

acreditava que por volta de abril, o ensino presencial já estaria ocorrendo. Ledo engano! Estamos em junho de 2021 e continuamos no ensino remoto.

Então, para além das leituras teóricas e dos documentos oficiais que são estudados no Estágio Supervisionado I do nosso curso², foi aberta a possibilidade para que a parte prática desse componente ocorresse de forma remota³. Com base nessa realidade, consegui locar os estagiários em dois locais de ensino: uma escola de idiomas e uma escola da rede pública de ensino, sabendo que as atividades práticas de observação de aulas ocorreram todas na modalidade remota por meio do *Zoom* e do *Google Meet* respectivamente. Ao final de cada aula observada, por meio do diário reflexivo dialogado situado nos comentários no *Google Classroom*, os estagiários refletiam criticamente (com bases teóricas) acerca dos elementos mais relevantes para eles e após a leitura dessas escrituras eu enviava um *feedback* para cada reflexão postada.

Em termos de uma análise geral acerca dessa experiência, assevero que neste semestre, fizemos o que foi possível, visto que as aulas precisavam acontecer e, diante da concordância dos graduandos em dar continuidade ao referido semestre, por meio do ensino remoto, procurei propiciar aulas de estágio com menos prejuízo possível para esses discentes.

Ainda neste mesmo semestre de 2020.¹⁴, ministrei o componente de Estágio Supervisionado II, com os mesmos alunos do estágio anterior. Nesse momento, a universidade propiciou aos docentes um curso de formação para uso das ferramentas digitais e aos discentes o Programa Auxílio Conectividade, como política de assistência estudantil, para viabilizar o acesso dos estudantes à modalidade do ensino remoto.

2 Na UEPB, especificamente no curso de Letras Inglês (Campus I), oferta-se três estágios: Estágio Supervisionado I (leituras teóricas e de documentos oficiais e prática de observação de aulas no Ensino Fundamental II e Ensino Médio); Estágio Supervisionado II (leituras teóricas, produção de sequência didática e regência de aulas em turmas do Ensino Fundamental II); Estágio Supervisionado III (leituras teóricas, produção de sequência didática, regência de aulas para turmas do Ensino Médio).

3 Para o desenvolvimento da parte prática desse estágio, precisei elaborar uma proposta de realização da parte prática da disciplina na modalidade remota que foi analisada e aprovada pelo colegiado do nosso curso.

4 A UEPB ofertou duas etapas para o semestre de 2020.1: etapa 1 entre final de março até julho e a etapa 2 de agosto a dezembro de 2020.

A experiência dessa disciplina foi bem diferente da anterior, visto que na segunda etapa de 2020.1 os discentes tiveram mais disciplinas a cursar, o que demandou menos tempo de dedicação para cada componente curricular. Entretanto, considerando todos os esforços e toda dedicação dos graduandos destinados ao cumprimento das disciplinas, acredito que a grande maioria dos nossos alunos conseguiram, da melhor maneira possível, cumprir com o cronograma dessa etapa.

Em relação, especificamente a nossa experiência para com o componente de Estágio Supervisionado II, na medida do possível, realizamos todas as fases dessa disciplina no modelo do ensino remoto, quais sejam: (i) leituras teóricas complementares; (ii) elaboração de sequências didáticas a partir da realidade da turma, por meio de orientações virtuais (por *e-mail*, documentos do *Google Drive*; encontros pelo *Google Meet*; (iii) aplicação do referido material didático em turmas do Ensino Fundamental II em duas escolas públicas da cidade de Campina Grande; (iv) reflexões acerca das aulas ministradas nas escolas, por meio de áudios postados no *Google Classroom* e (iv) escrita do relatório de estágio, gênero textual acadêmico exigido como elemento de avaliação somativa no final desse componente curricular. Faz-se importante pontuar que em relação ao desenvolvimento de todas essas atividades, a experiência remota não suplanta a realização do estágio na modalidade presencial, entretanto, como já explicitado anteriormente, percebo que essa disciplina foi ministrada com base nos esforços depreendidos pelos estagiários e pela professora formadora e como resultado acredito que houve a aquisição dos conhecimentos referentes a esta disciplina.

Gostaria de deixar registrado aqui a aquisição de alguns saberes tecnológicos que adquiri ao ministrar esse componente. Para além das ferramentas digitais que eu já conhecia na etapa 1, percebi a necessidade de aprender a manusear outros aparatos tecnológicos para melhorar minha prática. Dentre eles, gostaria de destacar a produção de videoaulas⁵ e a construção de um *podcast*, denominado de PodEstágio⁶. Para a produção de videoaulas, aprendi que o primeiro passo é gravar a aula, o que requer cuidados com fatores tais

5 Sobre a produção de videoaulas, como ferramenta digital, usei o *Apowersoft* para gravação das aulas e o *VSDC* para edição.

6 Para conhecer esse podcast basta acessar: <https://anchor.fm/podestagio/episodes/Apresentao-ehhgs3>.

como: ruídos externos, falha na conexão da *internet* e problemas de iluminação. Em seguida o professor precisa editar o vídeo, o que demanda conhecimentos de como operar ferramentas digitais que realizam essa função. Como conclusão, descobri que o docente necessita ter conhecimentos sobre o conteúdo a ser ministrado, conhecimentos técnicos, tempo e paciência para criar suas próprias vídeo aulas. Entretanto, apesar de todas essas exigências, percebi que essa prática fortaleceu meu fazer docente, não só no contexto do ensino remoto, mas também de uma forma ampla, pois para além desse atual contexto de ensino, todo conhecimento é válido para tantas outras demandas da nossa profissão. E acerca do PodEstágio⁷, o objetivo inicial era que, juntamente com os estagiários, pudéssemos manter o *podcast* durante a segunda etapa do referido semestre, entretanto, após algumas reflexões, decidi não incluir a participação dos graduandos, visto que aumentaria a demanda de atribuições da turma. Dessa forma, optei por produzir os episódios como forma de relatar, registrar e socializar minhas experiências acerca desse componente curricular.

Diante do exposto, querido Paulo Freire, finalizo a primeira parte da minha carta, pontuando uma relação entre a experiência socializada acima e três ideias suas, a partir do seu livro “Pedagogia da Autonomia”, publicado em 1996. Acerca da primeira ideia, referente ao capítulo “Não há docência sem discência”, quando você pontua sobre “a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo” (*op. cit.*, p. 35), compreendo que não posso e nem devo eximir-me da responsabilidade para com minha profissão o que converge para o entendimento de que o ensino remoto, no momento atual, é necessário e que preciso conhecer diferentes formas de agir nesse contexto de ensino. Sobre a segunda ideia, localizada no capítulo “Ensinar não é transferir conhecimento”, você menciona que “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança” (*op. cit.*, p. 72). Nessa linha de raciocínio, vamos caminhando no exercício da profissão, na modalidade de ensino remoto em meio à pandemia, entre esperanças e alegrias: esperanças diversas que permeiam o

7 Quero deixar registrado o meu agradecimento à professora Maria Lúcia Serafim, lotada no curso de Pedagogia, especificamente no departamento de Educação da UEPB, que me incentivou a criar um *podcast* para fins educacionais.

âmbito da saúde, da solidariedade, da empatia, da resistência entre outros, e alegrias variadas por poder contribuir de alguma forma para com o processo de aprendizagem dos discentes, descobrindo com eles as possibilidades distintas que sempre surgem no caminho de quem acredita em melhores dias. Por fim, na terceira ideia, contida no capítulo “Ensinar é uma especificidade humana”, você desvela que “não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco” (*op. cit.*, p. 96), passos que busco seguir no meu fazer docente, pois minha consciência, sendo o juiz que acompanha o desenrolar das minhas ações, sinaliza para que eu busque uma “ aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo”.

A seguir, apresento os versos traçados com simplicidade, mas com o coração cheio de gratidão, por todo conhecimento que você compartilhou conosco, e de esperança de dias melhores.

Uma carta a Paulo Freire
“Por onde vou começar?”
Me pus a pensar por dias
Queria participar
Da publicação do livro
Desse mestre tão querido
Que nos ensina a educar

De Campina Grande, PB
Prazer, sou Telma Ferreira
Professora d’Letras Inglês
Na UEPB fiz minha carreira
Com trabalho em formação
Realizo toda ação
Da minha melhor maneira

Ah querido Paulo Freire
Aqui estou a te falar
Ou será melhor dizer
Estou aqui a digitar
O meu agradecimento
Por tudo que vens fazendo
Mesmo do lado de lá

Dentre tantos livro teus
Que nos dá inspiração
Pedagogia da Autonomia
Escolhi de coração
Pra fazer um link decente
Com minha prática docente
No viés da formação

“Não há docência sem discência”
Concordo em gênero, número e grau
O respeito ao saber discente
É um ponto fundamental
Que prezo na minha prática
E que permeia minha didática
Igualdade é essencial

No viés da criticidade
Busco sempre alertar
Meus alunos pra importância
Da curiosidade ingênua superar
Sair do senso comum
Não se aquietar de modo algum
Teoria e prática abraçar

“Ensinar não é transferir conhecimento”

Uma ideia que nos faz
Sair da zona de conforto
Pra propor um ensino eficaz
Sendo o aluno o protagonista
Longe de seguir sem crítica
O que a teoria traz

Inacabados somos todos
Comento com meus discentes
Façamos nossa história
Numa construção consciente
Superando o determinismo
Num constante dinamismo
Com curiosidade permanente

“Ensinar é uma especificidade humana”

Preservo essa ideia comigo
Liberdade, generosidade, autoridade
São práticas que eu insisto
Não só discutir em sala
Mas realizar na caminhada
Do meu profissionalismo

Ser professora nesse viés
É uma infinda reconstrução
Diálogo, estudo, pesquisa
Compromisso, reflexão
Uma tentativa constante
De reformular a cada instante
A minha presente ação

E toda essa inquietude
Esse movimento freiriano
Faz parte, sem dúvida alguma
Do agir ético humano
E não seguir o seu legado
Apagando seu passado
É dar vez ao subhumano

Por fim, mestre Paulo Freire
Na despedida venho dizer
Que o ensino remoto
Exige sempre te ter
Por perto o mais possível
Pra fazer o impossível
No ensino acontecer.

Um abraço fraterno!
Campina Grande (PB), 09 de junho de 2021.

Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Educação de adultos e tecnologia

Luciene Rodrigues Silva¹

Querido professor Paulo Freire, professores e colegas do curso de extensão, escrever para vocês falando de educação de jovens e adultos, para mim, é uma grande alegria, pois esse foi o assunto que primeiro me apresentou a Paulo Freire ainda no meu curso de magistério. Trago comigo, também, uma lembrança muito afetuosa de quando atuei como professora do Estado de São Paulo e trabalhei por um período na educação de jovens e adultos nas séries finais do ensino fundamental e ensino médio. Nessa ocasião, tive o prazer de poder acompanhar uma aluna que chegou a fazer o curso superior de Serviço Social, um caso de sucesso que pouco se repetiu entre os alunos da escola na qual trabalhei.

Quando vim morar na França, o primeiro local que me acolheu como professora voluntária foi a Associação Herança Brasileira que, em parceria com o Consulado Brasileiro em Paris, realiza um curso de estudos para preparar os alunos para realização da prova do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA). O ENCCEJA é um exame realizado no Brasil e no exterior, que dá a oportunidade a quem não tenha concluído seus estudos de realizar as provas e conseguir sua certificação de conclusão da educação básica.

A ideia do grupo era que cada um lesse um texto do livro *Pedagogia da Indignação*, e fizesse uma carta resposta ao professor Paulo Freire, eu fiz essa também em resposta aos colegas e professores do curso de extensão, pois

¹ Graduada em Pedagogia e História (UNIMES, 2014). Atualmente é voluntária do ENCCEJA – Paris, na Associação Herança Brasileira. Atua na área de Educação de Jovens e Adultos e Português como Língua de Herança. Desde 2020, integra o Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França. prof.lucienersilva@gmail.com

assim que li o texto *Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica*, em que Freire diz que sempre era chamado para falar e escrever sobre educação de adultos, e que jamais a abordou como compreensão mecanicista,

[...] por isso mesmo, que sempre tenha entendido a alfabetização como um ato criador a que os alfabetizandos devem comparecer como sujeitos, capazes de conhecer e não como puras incidências do trabalho docente dos alfabetizadores. Daí a ênfase, no caso ainda da alfabetização, com que insisti sempre na crítica aos ba-be-bi-bo-bu, à memorização mecânica de letras e de sílabas, ao Eva viu a uva; a ênfase jamais esmaecida com que chamei a atenção dos educadores para a necessidade de os alfabetizandos se exporem à substantividade misteriosa da linguagem, à boniteza de sua própria fala, rica de metáforas. (FREIRE, 2000, p.40).

Lembrei-me de imediato de uma história que muito me tocou e que aconteceu nessa última semana. Eu tive a felicidade de conhecer Sueli, uma mulher paraibana de 45 anos que mora na França há 10 anos, a história dela é como a de muitos outros imigrantes, mas quando a conheci ela me disse que era uma felicidade muito grande conhecer uma professora brasileira, pois ela queria aprender a escrever. Ela me contou um pouco de sua vida e seu sofrimento e disse que já conhece as letras, que até consegue ler uma ou duas palavras, mas que não consegue ler uma frase inteira, que já tentou por algumas vezes estudar, mas tem trauma, acha que pelo fato da mãe ter batido muito em sua cabeça quando era criança, ela não consegue memorizar as palavras todas. Ouvindo uma história dessas, não tem como não nos lembrarmos imediatamente de nosso querido Paulo Freire, pois, “*A leitura do mundo e da palavra é, em Freire, direito subjetivo, pois, dominando signos e sentidos, nos humanizamos, acessando mediações de poder e cidadania.* (PASSOS, 2018, p.285).”

Quando eu perguntei a ela porque ela queria aprender a ler e escrever a resposta foi: “*quero poder responder quando minhas patroas mandam uma mensagem escrita no aplicativo de whatsapp, hoje eu sinto vergonha de falar para as pessoas que não sei ler, eu não conto isso para as minhas patroas...*” E novamente o texto de Paulo Freire se fez presente, quando ele diz que aprender a ler e escrever, em si, não basta para que deixemos de ser sombra ou não sintamos vergonha do outro, é preciso muito mais...

A aprendizagem da leitura e a alfabetização são questões vistas por Freire sob o ângulo da educação política, por entender toda educação como um ato profundamente político, [...] Assim, descarta a possibilidade de uma educação neutra e enfatiza a necessidade de uma compreensão crítica do ato de ler. Na sua concepção, a alfabetização deve consistir em aprender a ler o mundo, a compreender o texto e o contexto, surgindo aí sua célebre afirmação: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (2001, p. 11). Ou seja, trata-se sempre necessariamente de uma concepção crítica de leitura, que implica a percepção das relações entre o texto e o seu contexto, sem fazer dicotomia entre ambas as leituras. (KLEIN, 2018, p.287).

Tivemos uma longa conversa e eu me senti desafiada a aceitar a proposta de acompanhar Sueli na aprendizagem da leitura da palavra e do mundo. Enquanto estávamos conversando, em minha cabeça, passava tudo que já li e vivi sobre a leitura e alfabetização. Nesse instante que escrevo, me dou conta de que estamos vivendo uma pandemia, ainda não nos é possível retomar nossas atividades presenciais, mais um desafio a ser enfrentado, fazemos nossas aulas de forma virtual. Ainda não sei como vou estruturar essas aulas, mas já deixo aqui o meu pedido de ajuda aos colegas de curso, o que sei é que tentarei buscar uma prática freireana enfrentando com amorosidade e rigor as adversidades do ensinar em tempos de pandemia.

Faltou me tempo para dizer tudo que quero dizer para você, professor Paulo Freire, aos professores e colegas do curso de extensão, mas me comprometo a vir aqui uma próxima vez para contar sobre essa mulher que busca ler as palavras, contar sobre os desafios das aulas de forma remota, com as tecnologias sendo colocadas a prova no ato de alfabetizar, e também sobre a reinvenção do legado freireano pelo mundo.

Reitero assim meu agradecimento por partilhar desafios freireanos em nossas vidas, pela oportunidade de fazer parte desse curso de extensão, no qual minha presença só é possível por estar sendo realizado de forma virtual.

Forte abraço freireano.

Paris, 15 de maio de 2021.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

KLEIN, Remí. Ler/Leitura (verbete). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 287-288.

PASSOS, Luiz Augusto. Leitura do mundo (verbete). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 285-286.

Contradições da educação inclusiva

Gisele Gonçalves de Carvalho¹

Júlia Coutinho Mafra de Moraes²

Amado mestre, Freire!
Estamos aqui a refletir sobre as muitas leituras feitas nos últimos meses e nos vem o desejo de escrever-lhe. De falar a você sobre o exercício que fazemos, agora mais amiúde, nessa formação que surgiu como forma de consolidar a busca pelo conhecimento que você sempre nos falava.

Sim, Paulo, conseguimos vaga em uma universidade pública para fazer mestrado profissional em Educação Inclusiva, e você teve papel de destaque nesse processo, pois suas palavras de que “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou construção” nos fizeram perceber que não bastava adaptar atividades. Assim, repensando nossas práticas, veio à tona uma inquietação que nos incentivou a participar do processo seletivo do PROFEI. É um mestrado em educação inclusiva e estamos nos dedicando mais, especificamente, a entender formas de efetivação de uma política que você não teve oportunidade de conhecer – a Política Nacional de educação Especial na Perspectiva Inclusiva. Esta política, amigo, aponta caminhos para a efetivação de práticas mais refletidas, bem aos moldes que lhe agradariam... um olhar mais zeloso sobre as especificidades dos alunos, implicando mais compromisso e amorosidade no planejamento...

1 Mestranda em educação Inclusiva pelo Profei- Unesp, Especialista em Educação Ambiental pela UEMG, Graduada em Licenciatura Plena em ciências Biológicas pela Favale UEMG. Atua como professora efetiva da rede pública estadual do Espírito Santo.

2 Mestranda junto ao Profei-Unesp, Especialização em Educação de Jovens, Adultos e Idosos na Diversidade pela Universidade Federal Fluminense. Professora da Fundação Pública Municipal de Educação de Niterói

Precisamos dividir com você um pouco das nossas experiências no ambiente escolar e contar que percebemos que não é raro interpretações equivocadas sobre o trabalho do professor de AEE. A comunicação restrita e ineficiente entre o professor regente e o professor de AEE nos leva a um terreno árido e pouco produtivo, em que toda a comunidade escolar, especialmente os alunos, público-alvo do AEE ou não, não encontram condições favoráveis para seu pleno desenvolvimento.

Precisamos lhe falar sobre um aluno que despertou em nós a necessidade de melhorar nossas práticas e entender nosso papel como educadoras. Trata-se de um aluno com Síndrome de Down, hiperativo, que joga os materiais dos colegas no lixo, bate em seus pares, cospe nos professores, foge da sala de aula e cujas referências passadas pelas professoras de AEE eram de um aluno sem limites com quem deveríamos ter “pulso firme”. Fatídico erro! Depois de dias de conflitos constantes com ele em sala, ao reler suas sábias palavras em “Pedagogia da autonomia” sentimo-nos patéticas ao perceber que permanecíamos sem conseguir atingir o principal objetivo da profissão, que era despertar nele o desejo pelo conhecimento e conduzi-lo como sujeito ativo no seu processo de aprendizagem, além de levar a turma a uma visão de acolhimento e não de rejeição ao colega que “só atrapalha”.

Durante anos ficamos apegadas ao discurso de falta de qualificação adequada para limitar nossa zona de conforto em adaptar atividades, mas ao nos deparar com esse aluno nos chamando de bruxas, completamente alheio à aula e sem ao menos tocar nas atividades a ele ofertadas, nossas estruturas foram abaladas e percebemos o quão falho e omissos eram os nossos pensamentos.

Além dele, recebemos outros alunos com diferentes necessidades especiais, mas que por essas necessidades não serem tão “evidentes” nos deixavam com a falsa concepção de preguiça e indisciplina e quando, tardiamente, soubemos que eram alunos “do AEE”, novamente caímos na frustração por não conseguir atendê-los adequadamente.

Neste contexto de choque de realidade, começamos a repensar conceitos e atitudes e compreender a necessidade de rever as nossas e ajudar colegas a também repensarem suas práticas de modo a proporcionar a todos nossos alunos a oportunidade de “florescer”, de produzir e de ser participativo na construção de seu conhecimento. Refletimos: Que tipo de professora temos

sido? Temos efetivamente cumprido com as responsabilidades de educadora? Que marcas temos deixado nos alunos? Como tem sido a inclusão dentro da nossa escola?

A partir de tais reflexões começamos a perceber o quão contraditórias eram as perspectivas da educação inclusiva dentro da escola onde temos excelentes profissionais regentes e de AEE, um discurso inclusivista, uma boa sala de recursos multifuncionais, mas que, em contrapartida, a interação entre nós, professores regentes, e os professores de AEE, não estava sendo eficiente e que nossas práticas pedagógicas ou pessoais poderiam podar o florescer de nossos alunos (público-alvo do AEE ou não).

É preciso colocar em cheque a nossa zona de conforto e partir para um campo que de fato possa oferecer uma educação para todos. Assumir responsabilidades e exercer a empatia. Enxergar as potencialidades do outro e parar de tentar encaixar todos num mesmo padrão. Precisamos entender que todos são nossos alunos e, portanto, nossa responsabilidade. Temos um compromisso com cada vida que passa pelo nosso caminho pessoal e profissional e esse compromisso vai além de transmitir informações, mas de fazê-los se perceberem como um sujeito ativo e participativo, capaz de deixar sua marca na sociedade na qual deve se sentir realmente pertencente.

Creemos ainda ser um ideal utópico diante da realidade brasileira que “exclui para incluir”, mas desejamos uma escola em que haja um terreno fértil de recursos e oportunidades que garantam a equidade, de modo que todos possam florescer e mostrar seu potencial. Anseio que outros profissionais tenham em seus corações sua observação de que “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo”, e que ao exercermos efetivamente nosso papel de educadores, contribuiremos para que importantes transformações na sociedade aconteça. Podemos não mudar o mundo, mas se conseguirmos fazer uma turma com 35 alunos de 6º ano que o colega não é “o que só atrapalha”, mas sim, alguém que ama, sente e produz, teremos dado um importante passo na direção tão idealizada.

Somos gratas por todos os ensinamentos que nos deixou e reafirmamos nosso compromisso social e político de educar!

Espírito Santo, junho de 2021

Superar a educação bancária no ensino de inglês

Ana Paula Bopp Mello¹

Olá, Paulo Freire. Como você está? Espero que você e sua família estejam bem enfrentando esta terrível pandemia que está acontecendo em todo o mundo. É incrível como você pode ter cruzado décadas estando sempre atualizado ajudando professores e alunos em todo o mundo incluindo a mim. Meu nome é Ana Paula e sou professora de inglês há mais de vinte anos e já se passaram dez anos desde que comecei a ler seu trabalho e posso dizer que realmente ao encontro do desenvolvimento da aquisição de uma segunda língua. O objetivo desta carta é mostrar como seu trabalho contribuiu profundamente para minha formação e aperfeiçoamento como professora.

No final da década de 1960 e início da década de 1970 foi a era dos grandes debates nas escolas convencionais. As escolas eram tidas como desumanizantes, ou no mínimo alienadoras, e havia a necessidade de uma abordagem mais crítica da educação, que levasse em conta a pessoa como um todo e não se desenvolvesse apenas capacidades intelectuais, mas a consciência intrapessoal e habilidades interpessoais. O ensino de línguas estrangeiras não ficou imune a esses debates. O ensino de línguas foi originalmente desenvolvido

1 Formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica. Tenho uma pós-graduação em Interdisciplinaridade e Linguagens e outra em tradução Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente estou cursando o mestrado em Ensino de Inglês como segunda língua. Sou professora de Inglês há mais de vinte anos e o mote da minha pesquisa é buscar formas de adultos aprenderem inglês de forma mais rápida e significativa.

cognitivamente e envolvia principalmente a memorização. Posteriormente, foi considerado sociocognitivo: a linguagem pode ser aprendida por meio do processo de interação social. Hoje, no entanto, a técnica dominante no ensino de qualquer língua é o ensino comunicativo de línguas (CLT).

Foram as teorias de Noam Chomsky na década de 1960, com foco em competência e desempenho na aprendizagem de línguas, que trouxeram o ensino comunicativo de línguas, mas a base teórica para CLT foi lançada na década de 1970 pelos linguistas Michael Halliday, que estudou como as funções da linguagem são expressas por meio de gramática e Dell Hymes, que introduziu a ideia de uma competência comunicativa mais ampla em vez da competência linguística mais estreita de Chomsky.

A ascensão da CLT na década de 1970 e no início da década de 1980 foi parcialmente em resposta ao fracasso dos métodos tradicionais de ensino de línguas e, de certa forma, pelo aumento na necessidade de aprendizagem de línguas. Na Europa, o início do mercado comum europeu, antecedente econômico da União Europeia, levou à migração na Europa e a um maior número de pessoas que precisavam falar uma língua estrangeira por motivos de trabalho ou pessoais. Nesse ínterim, mais crianças foram começaram a aprender línguas estrangeiras na escola, visto que o número de escolas secundárias que oferecem línguas aumentou em todo o mundo como parte de uma tendência universal de ampliação e modernização do currículo, com o estudo de línguas estrangeiras não mais restrito às academias de elite.

Vários alunos se debateram com métodos tradicionais, como a tradução gramatical, que inclui a tradução direta de frase após frase como uma forma de aprender a língua. Esses métodos presumiam que os alunos pretendiam dominar o idioma alvo e estavam ansiosos para estudar por anos antes de esperar usar o idioma na vida real. No entanto, essas expectativas foram confrontadas por alunos adultos, que estavam ocupados com o trabalho e não podiam dedicar anos à aprendizagem antes de poderem usar o idioma. Os educadores entenderam que para estimular esses alunos era necessária uma abordagem com uma recompensa mais imediata e passaram a usar o CLT, uma abordagem que enfatiza a habilidade comunicativa e tem melhores resultados.

Além disso, a ascensão do construtivismo na educação forneceu pressão adicional para os educadores mudarem seus métodos. O construtivismo diz

que a aprendizagem ativa é mais eficaz do que a aprendizagem passiva. Como essa ideia teve adesão, nas escolas houve um movimento geral de utilização de técnicas em que os alunos estivessem mais ativamente envolvidos, como o trabalho em grupo. O ensino de línguas estrangeiras seguiu essa tendência e os professores queriam encontrar novos métodos, como o CLT, que pudessem acompanhar melhor a mudança de pensamento e de demandas.

Neste ponto, você pode estar se perguntando por que estou apresentando uma visão geral sobre a abordagem comunicativa. Bom, felizmente tive a chance de estudar em uma escola muito boa e ótimos cursos de inglês onde a abordagem comunicativa já era uma realidade, então minha formação sempre foi pautada nessa perspectiva. Assim, me tornei uma professora que tem lutado para proporcionar aos meus alunos o melhor que eles podem ter não só em termos de aquisição da língua, mas também em termos de uma educação crítica. Moro em um país onde os professores não são valorizados em nenhum aspecto e não tem muito tempo e dinheiro para investir em seu desenvolvimento profissional e pessoal.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1968) você traz o conceito denominado Educação Bancária. Entendi que o conceito “bancário” de educação é um método de ensino e aprendizagem onde os alunos simplesmente armazenam as informações que lhes são transmitidas pelo professor. Nesse ambiente, a sala de aula é organizada de forma que a obrigação primária dos alunos seja lembrar e relembrar corretamente as informações fornecidas pelo instrutor. Eles não são solicitados a contribuir de nenhuma outra forma, simplesmente absorvendo as informações. Nesse tipo de abordagem, o mundo é visto como estático e inalterado, e os alunos simplesmente devem se encaixar nele como ele é. A incidência do conceito bancário na maioria dos sistemas educacionais impede que os alunos desenvolvam habilidades que os tornem críticos.

Eu tinha explicado brevemente como e por que a abordagem comunicativa surgiu na aquisição da segunda língua, porque eu realmente acredito que foi uma forma de mudar a educação bancária que fazia parte das salas de aula onde uma segunda língua era ensinada basicamente por meio da repetição, memorização e gramática que estava totalmente desconectada da realidade do aluno. Tenho visto realmente o esforço de pesquisadores e professores em lutar contra qualquer método que não tenha nenhuma ligação com a

vida do aluno. No entanto, como professora tenho me perguntado: Diante do avanço tecnológico, estamos realmente proporcionando aos alunos uma educação significativa e crítica \ ou estamos apenas, apesar de todas as novas ferramentas e ambientes de ensino, dando uma outra cara para “Educação bancária”?

O mundo enfrenta uma pandemia desde 2020 e trouxe uma forma definitiva de ensino e aprendizagem em que a educação ocorre basicamente online e como a maioria dos professores, me vi cumprindo prazos muito apertados, preparando aulas online sem experiência prévia e sendo totalmente dependente da tecnologia desde o momento em que acordava até o momento em que dormia. Um dia, um dos meus filhos veio até mim e reclamou muito de suas aulas e disse que estava terrivelmente entediado por ter que assistir cinco horas de aulas que eram realmente sem sentido. Depois disso, decidi observar as aulas e como sou professor, nunca iria criticar o professor dele, mas senti que vinha fazendo o mesmo com meus alunos, estava preparando vídeos para eles assistirem e me preocupava mais com o assunto que tinham que aprender do que fazer com que usassem o mesmo para expressarem suas ideias, por exemplo. Não esqueci tudo em que acredito e tudo que tenho estudado, mas sinto que a necessidade de trabalhar online pode tornar os professores mais preocupados com ferramentas e tecnologia, em vez de transmitir uma educação crítica. O professor não pode pensar que vale a pena usar um e-board, vídeos do YouTube, aplicativos e outros sem uma abordagem dialógica que os conecte com a realidade do aluno. Eu vinha trabalhando basicamente com e-boards e ferramentas que eu achava que poderiam ser interessantes por si só e esqueci que atrás da minha câmera havia alunos que também estavam enfrentando problemas de adaptação a essa nova realidade e precisavam lidar com novas ferramentas. Bem, estando ciente disso, comecei a usar a tecnologia de forma dinâmica e dialógica. Cada vez que preparo uma aula, há um dizer de sua obra *Pedagogia do Oprimido* ‘que sempre me vem à mente; “Subjetividade e objetividade devem estar em diálogo constante”.

Gostaria de encerrar esta carta dizendo que pensar criticamente é um dos objetivos das cartas pedagógicas, assim como entender que o ato de escrever para alguém sobre nossos sentimentos em relação à nossa prática como professores nos faz enfrentar nossos pensamentos e crenças profundas.

Enquanto escrevia, vi não só o quanto melhorei, mas também o longo caminho que tenho que percorrer para plantar a semente de uma Educação crítica no mundo.

Defendendo uma educação crítica e não bancária, despeço-me.
Santa Catarina, junho de 2021

Referências

JENNING-WINNINGS-WINTERLE, Felícia. Letter about Pedagogical Letters: an invitation to writing. In FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Leituras de Paulo Freire: Uma triologia de referência**. - 2ª. ed.ampliada. Nova Iorque: Editora BeM, 2020. E-book Kindle.

CANALE, M.; SWAIN, M. (1980-03-01). “**Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing**”. Applied Linguistics. I (1): 1-47

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 43ª. ed. São Paulo: Editora Villa das Letras, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogy of the oppressed**. 30th anniversary edition. translated by Myra Bergman Ramos. Bloomsbury. New York-London-New Delhi-Sydney - First published in 1970.

RICHARDS, JACK C. **Communicative language teaching today**. SEAMEO Regional Language Centre, 2005.

VIEIRA, Adriano Hertzog. Pedagogical Letters. In: D. Streck. E. Redin, J.J. Zitoski (edited by). **Paulo Freire Encyclopedia**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2012, p.272-274.

Trajetória de aprendizagens

Ivanilde Apoluceno de Oliveira¹

Querido Mestre,
Escrevo esta carta para expressar o quanto a educação de Paulo Freire foi importante para a minha vida pessoal e acadêmica universitária, bem como o seu pensamento educacional é necessário para a educação brasileira, considerando a realidade de desigualdade social existente e o número de pessoas sem acesso à escolarização básica.

O meu encontro com Paulo Freire se deu em 1982, quando ele esteve em Belém do Pará para participar de um ciclo de conferências promovido por uma faculdade particular da cidade de Belém do Pará.

Os professores do Curso de Pedagogia, implantado em agosto de 1980, estavam iniciando a discussão do projeto pedagógico e a Pedagogia crítica de Paulo Freire fazia parte dos debates.

Assim, para participar desse evento e participar dos debates sobre a linha do Curso de Pedagogia iniciei a leitura das obras de Paulo Freire. Posso dizer que foi paixão à primeira vista, cada leitura compartilhava com Freire suas ideias e angústias em relação à educação. Nesse diálogo silencioso entre a leitora e o autor e refletindo sobre a minha prática pedagógica fui construindo a minha formação acadêmica.

O que me chamou atenção na proposta educacional de Paulo Freire naquele momento foi o processo de humanização, por meio de uma educação

1 Doutora em Educação pela PUC-SP e UNAM-UAM-Iztapalapa - México. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Coordenadora do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire – NEP e Cátedra Paulo Freire da Amazônia da Universidade do Estado do Pará. Bolsista Produtividade do CNPq. E-mail: nildeapoluceno@gmail.com

voltada para uma formação humana e contra todas as formas de opressão; ser uma educação crítica que desvela os discursos ideológicos, os processos de alienação e problematiza a realidade social e ser uma educação ético-política pautada em princípios éticos de respeito à vida humana, na amorosidade que envolve aspectos afetivos e na luta política em prol de um mundo mais humano, justo e solidário.

Acrescento ainda que a leitura de obras de Paulo Freire também me respondeu a algumas questões que me levantava como docente da disciplina Introdução à Filosofia. Na minha formação em filosofia pouco tinha lido sobre a educação e as questões que levantava sobre a minha prática, algumas não tinha resposta como a minha experiência com o Antônio, um menino de rua, que passo a relatar.

Antônio um dia entrou em minha sala de aula e me disse: tia eu quero estudar. Os alunos da turma estavam realizando uma prova e eu, então, deixei o Antônio entrar e sentar em uma das cadeiras próximo a mim. Eu lhe dei papel e lápis e pedi para ele escrever o seu nome. Ele escreveu letras separadas o A, N, T. Eu perguntei seu nome é Antônio? E ele disse que sim. Pedi para ele desenhar uma flor e ele me disse: flor eu não sei desenhar. Eu disse: desenhe o que você quiser e Antônio desenhou uma faca peixeira, um revólver, um ônibus, um homem deitado no chão (que disse ser o patrão do pai dele e que estava morto), um casebre e uma torneira pingando água.

Depois que o Antônio saiu fiquei me perguntando: por que ele não sabia desenhar uma flor que era tão fácil para mim? Mas o que ele desenhou com muitos detalhes estava bem desenhado. E Paulo Freire respondeu ao meu questionamento ao enfatizar que a aprendizagem é significativa ao sujeito e está relacionada ao seu contexto social. A flor tinha significado para mim e não para o Antônio, assim como o revólver tinha significado para ele e não para mim. Isso significa, na visão de Paulo Freire, que o ponto de partida do processo ensino-aprendizagem é o contexto social e cultural dos educandos. Neste caso do Antônio o ponto de partida é o seu contexto cultural como menino de rua.

Nos cursos de especialização, mestrado, doutorado e estágio de pós-doutoramento em educação fui aprofundando minhas leituras e reflexões sobre a educação à luz do pensamento freireano.

Assim, os primeiros trabalhos foram desenvolvidos, no período de 1987, no Curso de Especialização na área da educação, com os seguintes títulos: “Antropologia Freireana”, “A prática docente de 3o Grau na perspectiva da educação libertadora: possibilidades e limites” e “Teorias Educacionais Brasileiras”.

Nestes estudos, aprofundi Paulo Freire nas suas bases filosóficas e trouxe Paulo Freire para a disciplina Filosofia da Educação, em especial nas tendências na educação brasileira.

Além da produção acadêmica, Paulo Freire foi importante, sobretudo, para a minha prática profissional, porque fiz modificações em minha ação educativa cotidiana escolar e comecei também a participar de projetos de educação popular com crianças e adultos. Como fruto dessa experiência desenvolvi, de 1991 a 1992 a pesquisa “A educação de adultos e o desenvolvimento escolar da criança: uma ação integrada de pesquisa”. Pesquisa que oportunizou analisar a relação entre a educação de jovens e adultos e o processo de escolarização de crianças.

Em 1998 passei a coordenar o Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da UEPA, que tinha por base a educação popular de Paulo Freire.

Essas experiências me instigaram a avançar nos meus estudos. Procurei, então, na Universidade Federal da Paraíba o Curso de Educação Popular no Programa de Pós-Graduação em Educação. Neste curso, além de aprofundar os estudos teóricos sobre a Educação popular de Jovens e Adultos, descrevi e analisei o trabalho pedagógico de alfabetização freireana realizado em uma escola confessional da cidade de Belém do Pará.

No Doutorado na PUC-SP continuei minhas leituras freireanas, fundamentando não só minha tese, como ao participar da Cátedra Paulo Freire tive a oportunidade de conviver com pessoas que participaram da vida pessoal e profissional de Paulo Freire como Ana Maria Freire, Alípio Casali, Ana Maria Saul, Miguel Arroyo e Mário Sérgio Cortella, entre outros. Debater Paulo Freire com a viúva e amigos de Paulo Freire enriqueceu ainda mais a minha formação freireana.

Alguns escritos são frutos dessas experiências: “O Ato de Perguntar na Pedagogia Freireana”, “A experiência educativa popular Freireana do PROALTO”, “Formação docente no fazer pedagógico dialógico-coletivo”, “Um olhar Freireano sobre a problemática da exclusão social das pessoas

com necessidades especiais” e o livro “Leituras freireanas sobre educação”, organizado por Ana Maria Araújo Freire e publicado em 2003 pela UNESP.

Em 2002 ao retornar do doutorado, o PROALTO foi transformado em Núcleo de Educação Popular Paulo Freire, que passou a desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão na perspectiva da educação freireana. O NEP vem me proporcionando experiências de práticas educativas em diferentes contextos educacionais: ambientes hospitalares com pessoas jovens e adultas, escolas públicas no ensino de filosofia com crianças e na educação especial com crianças, jovens e adultos.

Em 2010 realizei estágio de pós-doutoramento na PUC-Rio com a professora Vera Candau. O estudo realizado foi sobre Paulo Freire a gênese da interculturalidade no Brasil, que culminou na publicação de um livro e alguns artigos sobre o tema.

Em 2017 foi criada no NEP a Cátedra Paulo Freire da Amazônia em parceria com grupos de pesquisas de universidades do Pará, Amapá e Amazonas. E a criação da Cátedra é oriunda de ter identificado em estudos realizados sobre o legado de Paulo Freire em Institutos, Cátedras e Grupos de pesquisas, que não havia Cátedra Paulo Freire na Amazônia.

Por essa caminhada de leituras Freireanas sobre a educação, a partir do meu encontro com Paulo Freire, em 1982, escrevi artigos, livros, capítulos de livros, realizei pesquisas, sendo algumas pesquisa-ação colaborativas com as escolas da rede estadual de ensino do Pará e desenvolvi no NEP projetos de extensão e de ensino.

Entre os projetos mais recentes destaco as práticas de alfabetização freireanas com crianças, jovens e adultos com deficiência em unidades especializadas. É uma ação inovadora e desafiadora, que tem indicado resultados satisfatórios em termos de aprendizagem do público da educação especial.

Assim, Paulo Freire faz parte da minha trajetória e formação acadêmica e alguns foram os aprendizados:

- a) A permanente abertura e busca de novos conhecimentos. O aceite de novos desafios no campo da educação;
- b) A necessidade da escuta e do diálogo na prática docente;
- c) A importância das relações intersubjetivas afetivas e respeitosas na prática educativa;

- d) A criticidade e a criatividade como necessárias na prática docente;
- e) A valorização de ações coletivas e solidárias;
- f) A compreensão da ética e da politicidade na educação, por meio de um engajamento com os segmentos sociais oprimidos na prática docente;
- g) Que fazemos parte de uma comunidade aprendente;
- h) A reflexão sobre a prática e a busca da coerência entre a teoria e a ação;
- i) A necessidade da luta permanente pela democratização da educação e da sociedade.

Finalizo esta carta ressaltando a importância de Paulo Freire e de seu legado para a educação brasileira.

No contexto atual de pandemia, com o aumento das desigualdades sociais e de desmonte na política educacional, a educação de Paulo Freire humanista, crítica, ética e esperançosa é oportuna e necessária.

Paulo Freire nos ajuda a ter esperança no momento de desesperança e é para todos nós educadores/as símbolo de resistência e de luta por escolas que sejam democráticas, dialógicas e críticas, e que contribuam para uma sociedade mais igualitária e solidária.

Resistência e luta.

Pará, junho de 2021

Ao Mestre com Carinho¹

Maria Cleide Rodrigues Bernardino²

Meu querido Mestre Paulo Freire, Escrevo hoje do auge dos meus 54 anos e lembrando da menina de 10 anos que sonhava em ser escritora. Essa menina, que embora tenha sido alfabetizada tardiamente, já era uma leitora promissora e amava escrever histórias. Tenho saudade dessa menina, mas tenho orgulho da mulher de hoje, que foi fortemente influenciada pela sua ‘palavra geradora’, tirada do cotidiano da Favela da Fumaça, no Planalto Pici, em Fortaleza.

Aquela menina, Mestre, jamais imaginou que se tornaria uma professora. Pro-fes-so-ra! Quanta beleza carrega essa palavra! E devo confessar, meu querido Mestre, que nem os seus escritos foram capazes de me antecipar o que viria a seguir. Mas me conduziram na compreensão da amplitude e grandiosidade da docência. Falo amplitude porque compreendi que ela ultrapassa os momentos de sala de aula. E grandiosidade pela resposta, positiva ou não, que posso ter, anos depois, resultado de ensinamentos que respeitam a liberdade e autonomia, como voce pregava. Sabe, ‘liberdade’ foi outra palavra que aprendi ainda menina, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que atuavam ligando a reflexão bíblica com ações junto à comunidade e que o entendimento a respeito de liberdade e direito à moradia era muito forte.

1 Alusão ao título do filme de 1967, dirigido por James Clavell e estrelado por Sidney Poitier.

2 Professora do Curso de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA); Doutora em Ciência da Informação, pela UnB; Mestre em Linguística, pela UFPB; Bacharela em Biblioteconomia, pela UFC. cleide.rodrigues@ufca.edu.br

Acho que se orgulharia de sua pupila. Primeiramente, queria confessar que aprendi seus ensinamentos na prática, antes de ler os textos, que somente agora posso adquirir (não sei se ficou sabendo, estão tentando impossibilitar ainda mais a compra de livros no Brasil). Acredito que se orgulharia porque tenho procurado atuar compreendendo cada discente como único, tentando possibilitar condições de autonomia e protagonismo. Esse pensamento tem se tornado muito frequente nesse tempo de agora. Aliás, querido Mestre, falar do que passamos nestes últimos três, quatro anos é, talvez, assunto para outra carta. Mas vou tentar explicar.

Vivemos um retrocesso em vários segmentos da sociedade, e a educação vive um capítulo sombrio. Lembra da Ditadura Militar no Brasil? Pois é, tem algumas pessoas saudosas desse período. Isto, às vezes, faz com que pensemos que falhamos na nossa condição de educadores. Depois abandonamos essa ideia e focamos em suas palavras: “A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”³. E, num ato de extrema coragem, voltamos ao início, em busca de construir diálogos e reflexões.

Obrigada, Mestre! Obrigada por me acompanhar neste caminhar transgressor, de educação pautada na responsabilidade social e política. Falei que me alfabetizei um pouco tarde e assim foi em todo ensino formal. O Ensino Médio foi feito por intermédio do Supletivo e outra palavra ganhou significado: tempo. A noção de tempo mudou de conotação à medida que entendia que o nosso tempo é quando estamos preparados para tal. E de nada adiantava eu lamentar que estava, aos 40 anos, fazendo Mestrado com colegas de 20 e poucos, porque o meu tempo era diferente do tempo delas. Era preciso respeitar isso. E foi você que me ensinou isto. Nunca é recuperar o tempo perdido, pois este não foi perdido, ele foi repleto de aprendizados. Foi minha grande lição da fase adulta: respeitar a minha história e meu tempo.

Quando penso na menina aprendiz, vejo a mulher aprendiz de hoje. Essa que aprende a cada instante, numa conversa informal ou de orientação com discentes, em uma aula, no dia-a-dia, cujo os olhos estão voltados para a

3 FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018, p. 122.

possibilidade. Possibilidade de conhecer e a certeza que não estamos acabados nunca. Penso na jovem deslumbrada que entrou para a Universidade aos 25 anos e que ainda não tinha em mente a dimensão da palavra professora em sua vida. Aqui, devo esclarecer que cursei Biblioteconomia e que atuei como bibliotecária por 10 anos, um outro aprendizado que lhe falo depois e que foi responsável pela profissional que sou hoje.

Essa jovem senhora de hoje ainda tem os olhos no futuro e na possibilidade de aprendizado. Ela pensa que o compartilhamento de saberes é essencial à construção de uma educação completa, socializadora e claro, autônoma. Esses saberes são construídos diariamente a partir das experiências de cada um, docentes e discentes. E é isto que é tão fantástico nesta profissão: as trocas.

Por fim, peço que continue a me acompanhar. Ainda tenho muito a descobrir e aprender. Pensando em suas lições para a prática docente, uma educação pautada na liberdade, no diálogo, na reflexão e na criticidade, e, sobretudo, no amor e na coragem. Ganho aqui a compreensão do significado de outra palavra geradora: gratidão. Sim, agradecimento por tudo o que representa para a minha prática docente. Quero conduzir minha prática conforme vou descobrindo suas palavras, suas ideias e juntos, eu e você, Mestre, quem sabe podemos transformar algo neste caos que se instaurou em nosso país.

Com carinho!

Juazeiro do Norte (CE), junho de 2021

A universidade presente para além dos muros

*João Henrique Lúcio de Souza*¹

*Walter Fabiano Santos Feitosa*²

Saudoso Professor Paulo Freire, Como o senhor já está sabendo, as coisas por aqui não estão nada fáceis. O negacionismo que assola o nosso país está acabando com tudo, os oprimidos estão cada vez mais oprimidos, mas o que mais nos incomoda é o fato de que ainda existem oprimidos defendendo os opressores. A cada dia tentam apagar suas memórias, manchar o seu legado. Mas lutaremos até o fim, seremos resistência até o fim. Nessa luta constante, ganhamos até o honroso título de “comunistas de mesa de bar”. Nossas ideias, inspiradas nas suas ideias, incomodam os capitães do mato. Mas, apesar das perseguições políticas, continuamos firmes no propósito de melhorar a educação do nosso país, em especial do nosso sertão pernambucano.

Querido Freire, o senhor sempre foi inspiração, exemplo e caminho a ser seguido. Professor Paulo Freire, a sua experiência profissional foi construída em diferentes espaços e modalidades de educação, dentro desse enorme leque de atuação e militância, queremos destacar a criação do Serviço de Extensão Cultural do Recife da Universidade do Recife, atualmente, Pró-reitoria de

1 Professor da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco. Doutorando em História Social (UFRPE). Mestre em Sociologia (CDSA/UFCG). Licenciatura em História (AESA/CESA)

2 Professor da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco. Licenciatura em Matemática (UEPB). Mestrando em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGECM/UEPB)

Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco, que hoje é base de sustentação da universidade brasileira e retorno social, educacional e tecnológica para a comunidade, feito esse que se espalhou pelo Brasil e pelo mundo nas mais diversas formas de colaboração.

Como não se inspirar no senhor, um dos maiores educadores do Brasil e uma das maiores autoridades mundiais em educação. Como não seguir o caminho traçado pelo professor que criou um sistema de alfabetização revolucionário para adultos, que influenciou pessoas de todo o mundo e obteve reconhecimento universal do seu trabalho.

Diante do seu exemplo, nos questionamos, qual o papel social do professor na contemporaneidade? No ano do seu centenário essa velha indagação está mais nova do quem nunca. No modelo de educação pensado e executado pelo senhor, não há espaço na educação para um professor apolítico, individualista, sem preocupação social e desligado da realidade em que vive. Nos seus discursos, nos seus estudos e no seu exemplo fica claro que ser professor é tomar para si a luta por um mundo igualitário, ter preocupações coletivas, resistir, defender e brigar quando for preciso, fica claro que o ato de educar é um movimento social constante, complexo e militante.

Como o senhor falou no seu clássico *Pedagogia do oprimido* “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p.78). Não podemos nos esquecer que ser professor é, em primeiro lugar, ser um ativista social e “seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica” (FREIRE, 1984, p. 89). Bem, nos orgulhamos por muitos que, no ano do seu centenário, se engajam no movimento coletivo, lutam pelo bem de todos (mesmo daqueles que não participam e condenam o movimento) e, justificam através seus atos pertencer a uma terra de revolucionários, de ativistas sociais como o senhor (nosso exemplo de educador), Frei Caneca, Joaquim Nabuco, dentre tantos outros.

Portanto professor, pedimos licença ao senhor, patrono da educação brasileira, para fazer um pequeno relato sobre o projeto NEMIP/UFPE (Núcleo de Extensão Moxotó, Ipanema e Pajeú) inspirado na sua atuação no Serviço de Extensão Cultural do Recife da Universidade do Recife.

Veja professor, desde 2017, nós (comunistas de mesa de bar, como os reacionários nos chamam) enquanto professores da Escola de Referência em Ensino Médio Olavo Bilac começamos a discutir sobre a presença da universidade pública e de qualidade na região do Sertão do Moxotó Pernambucano, região essa com o menor IDH do Estado de Pernambuco, e, sempre em nossas conversas se sobressaía à experiência da interiorização universitária do vizinho estado da Paraíba.

Começamos a procurar um parecer, uma justificativa técnica que atraísse os olhos de alguma universidade para um investimento dessa magnitude numa cidade do semiárido pernambucano como Sertânia. Precisávamos de uma justificativa com grande porte técnico e retorno social para implantar e atrair os olhares de uma universidade da envergadura e com a magnitude da sua Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em Sertânia. A nossa cidade professor, se transformou em uma ilha (cercada de faculdades pelos quatro cantos).

Nesse mesmo ano nos agarramos nas perspectivas advindas do Projeto de Integração do Rio São Francisco – PISF neste território, marcado pela singularidade do semiárido e que detém elevado potencial em termos de biodiversidade e de recursos humanos. Seguindo o seu caminho e nos inspirando no seu exemplo com o Serviço de Extensão Cultural do Recife, resolvemos trabalhar na proposta de criação de um centro ou departamento de extensão que venha dotar as microrregiões do sertão do Moxotó, Ipanema e Pajeú, particularmente no município de Sertânia/PE, de suporte para capacitação da sua população, em especial os jovens, considerando as perspectivas advindas do Projeto de Integração do Rio São Francisco – PISF em que as vezes parece ser lembrada apenas pelo sol forte que queima e seca tudo que toca.

Neste ponto, precisamente em setembro de 2017, preparamos um projeto e procuramos professores da UFPE, em especial nosso amigo e conterrâneo Professor Dr. Antônio Jorge de Siqueira (PPGH/UFPE) para uma revisão técnica do projeto e viabilização de apoio entre professores e funcionários da UFPE para a efetivação da proposta. O professor Antônio Jorge nos apresentou (e apresentou o projeto) à Professora Dr^a Edvânia Torres Aguiar Gomes (PPGeo/UFPE), que inspirada também no senhor, abraçou a ideia, revisou o projeto e assumiu, junto com nosso grupo, o protagonismo e o desafio da concretização desse núcleo de extensão.

O projeto foi protocolado na Reitoria e no sistema interno da UFPE pelos professores Antônio Jorge e Edvânia Torres. Por conta da turbulência que o Brasil passava naquele ano (2018), eleições, crise financeira, clima de polarização política, o projeto ficou paralisado até o fim de 2019. Não havia clima para pedir ou propor a extensão ou ampliação da presença universitária pelo sertão pernambucano em meio a tempestade que o país passava.

No início de 2020, com a eleição e posse do novo Reitor, o Professor Alfredo Macedo Gomes (sertanejo de Ouricuri) que foi diretor do Centro de Educação da UFPE, centro do qual o senhor foi professor, o projeto foi desengavetado e colocado em discussão pelo empenho dos professores Antônio Jorge e Edvânia Torres. Em meio a pandemia, em junho de 2020, começamos a conversar virtualmente e adequar a proposta à realidade que vivemos hoje.

Surgiu a ideia de implantação de um Núcleo de Extensão da UFPE que teria sede em Sertânia, mas atenderia a demanda das regiões do Moxotó, Ipanema e Pajeú. Justificamos que Sertânia e os municípios das regiões entorno, compreendem uma população de cerca de 800 mil habitantes distribuídos em quase 23035 mil Km² que a partir do PISF vem assumindo uma nova configuração territorial, podendo espelhar um novo marco no âmbito tecnológico e educacional, desde que contando com o apoio das instituições, lideradas pelo conhecimento da UFPE. As águas do rio São Francisco garantirão o abastecimento humano, as safras agrícolas, as atividades industriais e do turismo, com a elevação na qualidade de vida da população, melhoria dos sistemas de saneamento básico e crescimento de atividades produtivas que têm na água um de seus mais importantes componentes.

Nesse momento a Reitoria da UFPE nomeou o Pró-Reitor de Extensão e Cultura, Professor Oussamar Nauar (um francês, professor da UFPE há 15 anos, que estuda suas ideias e ocupa a função no qual o senhor foi o primeiro), para acompanhar e agilizar a implantação do Núcleo. A ideia de regionalizar e começar pela extensão foi genial. De junho de 2020 para cá, várias reuniões com o Reitor e Pró-Reitor foram feitas e já recebemos uma visita presencial do reitor da UFPE, Prof. Alfredo Gomes, do Pró-reitor de Extensão e Cultura, Prof. Oussamar Nauar acompanhado pelos professores da UFPE, nossa base e assim como o senhor nossa referência, Edvânia Torres e Antônio Jorge Siqueira.

Foi nessa visita presencial professor Paulo Freire, numa segunda-feira (28/12/2020), que o reitor Alfredo Gomes e o pró-reitor de Extensão e Cultura, Oussamar Nauar, representantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) estabeleceram parceria com a Prefeitura de Sertânia e conosco (professores da Rede Estadual de Ensino) para a criação do Núcleo de Extensão das Regiões do Moxotó, Ipanema e Pajeú (NEMIP/UFPE), também acertaram detalhes da implantação do núcleo com o prefeito de Sertânia Ângelo Ferreira e foram apresentadas as instalações que futuramente poderiam abrigar o NEMIP/UFPE.

Professor, o senhor não imagina a nossa felicidade quando o reitor da UFPE, professor Alfredo, disse: “Vamos estudar a possibilidade de diversificação das atividades de extensão realizadas em Sertânia e demais cidades que integram aquela região”, e, a nossa emoção quando o Pró-reitor de Extensão e Cultura, Prof. Oussamar Nauar, ressaltou a importância da aproximação da universidade com os territórios mais carentes do estado: “Na atual conjuntura, é importante que a universidade se faça presente para além de seus muros. A extensão tem um protagonismo nesse processo”, e, a alegria de escutar do prefeito de Sertânia que “Esse sonho é um sonho que se materializa, um sonho de professores, pais, profissionais, de diversas áreas, que contribuíram para a idealização desse projeto”.

Sonhar professor, sonhar é preciso, o senhor que sonhou tanto que nos ensinou que o sonho humaniza, enobrece e traz razão de ser e estar no mundo. O senhor que nos disse que “não é possível sonhar e realizar o sonho se não se comunga este sonho com as outras pessoas”. Estamos percorrendo o caminho que seu abriu, nos ensinando a andar nele e nos inspirando a continuar, a olhar as pessoas em nossa volta, a refletir sobre a realidade e continuar a sonhar, a caminhar, a olhar e a refletir. E ainda, além de tudo, esperar! Porque se tirarmos a esperança do nosso povo, o que nos restaria?

Obrigado Professor Paulo Freire!
Pernambuco, junho de 2021

Referências

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Os que atuam nutrem a esperança

Marinete Covezzi¹

Prezado Professor Paulo Freire, Meu primeiro encontro com suas obras ocorreu no início da década de 1980, quando eu era discente do curso de Ciências Sociais e me lembro de como contribuíram imensamente com a minha formação e prática docente. Suas obras não são apenas referência para a educação, mas para a vida.

Como professora formadora de professores, seus ensinamentos sempre estiveram presentes nos momentos em que eu mais necessitava, sobretudo, a sua metodologia dialógica, a busca da prática docente com autonomia, o respeito aos conhecimentos dos estudantes e a valorização da sua cultura, trabalhando com o princípio da autonomia docente e discente e pensando a educação como um importante instrumento de luta.

Quando realizei a leitura do seu livro *Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, há trinta anos, uma frase me deixou

¹ Professora Aposentada no Depto. de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Mato Grosso, Graduada em Ciências Sociais pela UEL - Universidade Estadual de Londrina, Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso e Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- Campus de Araraquara. Exerci a docência durante 34 anos, cinco anos no Ensino Fundamental e Médio durante (1984 e 1989) e 19 anos no Ensino Superior (1989-2018) no Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Dep. de Sociologia e ciência Política – UFMT entre os anos de 1989-2018. E fui professora nos cursos de Pós-graduação em Geografia-mestrado UFMT (2006-2012) e em Sociologia- mestrado (2016-2018). A maior parte do meu trabalho no ensino superior foi voltada para cursos de formação de professores nas humanidades: História, Geografia, Ciências Sociais e Pedagogia, com destaque para o curso de Ciências Sociais, quando trabalhei essa formação mais intensamente, ministrando disciplinas específicas na formação para o exercício da licenciatura.

intrigada “[...] é um livro assim, escrito com raiva, com amor, sem o que não há esperança”. Eu me perguntava como é possível alguém escrever uma obra com raiva? Ainda mais um pensador que sempre enfatiza que a afetividade, o amor deve estar presente nas atividades docentes, então, precisei viver mais alguns anos para entendê-la, pois foi com esse mesmo sentimento que comecei a escrever esta carta.

Nosso país atualmente passa por um período de obscurantismo. Após uma experiência democrática que se iniciou com o final da ditadura e que seguiu até 2019, estamos à mercê de um governo federal que foi eleito democraticamente, mas que governa com base em políticas e ideologias neoliberais, com medidas antidemocráticas, que têm levado ao desmonte das políticas sociais.

Esse obscurantismo, como observa a professora Raquel A. Marrada Madeira Freitas da PUC de Goiás, se estende para todos os setores educacionais e se inicia com o aparelhamento do Ministério da Educação, colocando em seus postos principais pessoas que não são especializadas para os cargos, porém, coadunam com as ideologias do governo federal. Nesse contexto, são definidas as políticas educacionais em processos antidemocráticos e retrógrados em todos os setores, que excluem especialistas e incluem empresários, religiosos e banqueiros aliados à ideologia conservadora, que não respeitam as diversidades, os direitos sociais, as identidades e as diferenças. Suas práticas são baseadas em crenças e opiniões e na negação dos conhecimentos sistematizados e científicos, e nesses preceitos se definem as novas bases curriculares, que, em governos anteriores, haviam avançado em conteúdos e temas inclusivos, e agora passam por retrocessos, com a retirada de conteúdos fundamentais para o desenvolvimento de um pensamento crítico.

Assim, após tanta luta para democratizar o acesso às escolas e universidades públicas, ocorre um processo de desmonte, com redução de recursos, que causam danos diretamente no funcionamento dessas instituições. Nas universidades, afeta, sobretudo, os programas de inclusão das classes menos favorecidas (bolsas e outros recursos) e os serviços prestados às camadas da população mais pobre são inviabilizados (hospitais, centros de atendimento jurídico, assistência social e outros).

Porém, apesar de tudo isso, não é o momento de esmorecer, como você mesmo mostra na sua obra *Pedagogia da Esperança*, é preciso alimentar a

esperança de que um dia ocorrerá uma mudança, de que um dia as injustiças, as desigualdades e a miséria, mesmo não desaparecendo completamente, poderão ser amenizadas. E como você mesmo sempre enfatizou, não é ficando de braços cruzados que esse cenário mudará, é preciso ter esperança do verbo esperar, não do verbo esperar. Esperançar é não desistir, é ir atrás, é se unir, é lutar, e só assim poderemos vencer esse período de obscuridade.

Um abraço saudoso,
Cuiabá (MT), 20 de maio de 2021.

Transformar-se para transformar

Senhorita das Estrelas¹

Meu querido Paulo Freire,
É uma honra estar nessa tarde sob os fortes ventos do outono, escrevendo-lhe esta carta. Sei que não podemos mais ser agraciados pela sua presença física nesse plano, mas sinto que estais presente espiritualmente e escrevo esta carta na certeza que essas simples palavras chegarão de alguma forma a você, pois sinto tua essência tão viva que seria um disparate me referir a ti como alguém que já partiu. Quem faz história e produz obras tão importantes como a sua nunca morre.

Enquanto escrevo meus olhos transbordam de lágrimas, não sendo possível conter a emoção pela honra de poder te escrever. Estou escrevendo esta carta á mão, do jeito que eu gosto, não estranhe se a letra não for a melhor ou se o papel estiver borrado por causa das lágrimas...Espero que chegue até você todo meu amor e carinho que tenho por ti.

Falo como se fossemos velhos amigos, mas você ainda não me conhece, então vou me apresentar: Me chamo Ione, tenho 25 anos, nasci e me criei no interior da Bahia. Sou de família humilde, caçula de três irmãos, perdi minha mãe ainda bebê e meu pai com 16 anos, mas fui criada com muito amor pela minha tia e ganhei mais quatorze irmãos.

Querido Freire, os caminhos que hoje percorro, parafraseando Rubem Alves, só apareceram para mim, pois os que um dia planejei caminhar não

1 Pseudônimo de Ione Pereira Silva. Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande. Membro do ARBOR (Grupo de pesquisas e estudos em Educação e Pensamento Complexo – UFCG/UFRN)

deram certo. Como uma bússola interior, fui direcionada a seguir os caminhos necessários para minha alma e não a do meu ego.

Explicarei melhor: Desde a infância tenho o desejo de ter uma profissão que ajudasse o mundo a ser um lugar melhor e não uma carreira que só trouxesse benefício próprio. Gostaria de ser útil, e por um bom tempo sonhei em ser médica, mas a vida tem suas surpresas e após dois anos da conclusão do ensino médio surgiu a oportunidade de cursar licenciatura em Ciências Biológicas na Paraíba. Fiquei muito feliz, pois era meu sonho me graduar e construir minha jornada através dos estudos. Logo desisti de fazer medicina e floresceu em mim uma paixão já existente pela vida e pela natureza. Apesar de estar em um curso de licenciatura, não estava em meus planos seguir a carreira docente, pois eu a via como uma prática enfadonha e as palavras como planejamento pedagógico, metodologia de ensino, entre outras me causava estranheza. Ensinar para mim era algo que não enchia meu peito de paixão.

Mas, na metade do curso, minha visão em relação a prática docente mudou. As experiências que tive na educação informal através do trabalho voluntário no movimento escoteiro e as bolsas de monitoria e projetos de extensão na universidade, tornaram-se as primeiras experiências que eu tive como educadora, nelas surgiu minha paixão pela docência e passei a olhar a educação com outros olhos. Neste período eu estava tendo fortes crises de depressão e ansiedade e o contato que estava tendo com as crianças e os adolescentes eram os únicos momentos que me faziam sair de uma crise.

Tive que ter uma nova visão sobre o que é educação, para então me apaixonar por essa prática. Tive uma educação bancária voltada para o acúmulo de conteúdos que muitas vezes estavam desconectados da realidade em que vivia. Lembro-me que estudava disciplinas como física e química e questionava a importância de certos assuntos para minha vida, a resposta que obtinha sempre estava voltada para seu uso prático em provas e concursos. Durante a minha graduação eu refletia sobre minha futura prática docente e qual seria a importância dos conteúdos que iria abordar em sala de aula.

Querido Paulo Freire, é com pesar que lhe digo que estou em um curso de licenciatura, com algumas disciplinas sobre educação em que raramente um professor cita seu nome ou indica suas obras para ler, infelizmente a maioria das pessoas só procuram algo que lhes é oferecido. Tive a sorte de ter contato

com sua obra através do grupo de estudos e pesquisa “Arbor” onde discutimos seu livro “A Pedagogia da Autonomia”. Através dele aprendi qual é a verdadeira essência do ato de educar que se constitui em uma construção, partilha e envolvimento entre o educador e educando e não uma simples transferência de conteúdo.

Percebi através de suas palavras a beleza que esta presente em uma educação libertadora que torna os sujeitos conscientes de seu papel social e político. Compreendi que nossa construção histórica, biológica e social é indissociável do ato de aprender e ensinar. Porém a sociedade capitalista enclausurou a educação e pôs educadores e educandos em ambientes que se assemelham a fabricas de produção e á sistemas penitenciários para servir um sistema opressor, explorador que põe o lucro acima da dignidade humana.

Não quero, meu caro Freire, fazer parte dessa educação bancaria, quero me libertar, e sei que para tal preciso percorrer um único caminho e começar a transformação por mim mesma. Sou fruto de uma educação opressora, de origem familiar, da escola e também da sociedade. Se eu não tomasse consciência disso e não partisse para uma reforma intima do ser, serei perpetuadora desse sistema de opressão. Iniciei de forma autônoma meu processo de deseducação, pois tive que desaprender muitas coisas que um dia aprendi e que foram impostas como verdades absolutas. Tive que me despirm de vários preconceitos que como ervas daninhas tomavam conta do meu modo de pensar e compreender a vida. Eu estava em busca da minha essência como sujeito que estava escondida e sufocada por memórias ruins, traumas, situações mal resolvidas, além de outras sombras que me impediam de viver de forma plena.

Confesso-lhe que todo esse processo que ainda ocorre é muito doloroso, deixar ir um modo de ser requer coragem, resistência e paciência. Por varias vezes tive vontade de desistir de tudo, dos meus sonhos, da graduação e infelizmente da minha própria vida. Tive inúmeras crises depressivas que roubavam minha esperança, vinha como uma nuvem negra que pintava de cinza meus dias e roubavam todas as minhas forças e vontade de viver. Nesses momentos a sensação que eu tinha se assemelhava a estar presa em uma bolha sufocante que era impossível de desvencilhar, a bolha era meu corpo pesado e dolorido além dos meus pensamentos torturantes.

Desde criança que sinto as emoções de forma muito intensa, cada experiência vivida tinha uma significância muito explícita eu sentia cada um deles como se não houvesse em mim nenhuma proteção, mas, querido Freire não fui educada para compreender e aceitar esse sentir, na verdade não há uma educação voltada para acolher nossas emoções. Como a sociedade é ágil para decifrar o genoma humano e anda a passos lentos quando o assunto é o sentir, a sensibilidade, a espiritualidade que faz parte de nossa essência.

Por não saber lidar, fui aos poucos reprimindo minha forma de sentir e passei a criar em mim uma barreira para que me protegesse das minhas emoções e acabei me afastando do mundo, das pessoas e o pior, de mim mesma. Tento aos poucos me desvencilhar dessas barreiras e ter minha autonomia para pensar e ser quem eu quero para tornar-me uma educadora capaz de semear algumas sementes boas.

Apreendi que não é possível ensinar algo a alguém, sem que este esteja disponível a aprender, temos que respeitar a autonomia e o direito de escolha de cada um, além de compreender o outro e se colocar no lugar dele. Apreendi contigo o quando o amor é essencial nesse processo e que para amar é necessário coragem para se estar disponível e enfrentar todas as dificuldades inerentes no ato de educar.

Já ouvi muitas perguntas sobre os métodos e estratégias para se aplicar algo, como ensinar tal conteúdo, ouvindo essas perguntas me questiono como irei fazer com que meus futuros educandos tenham uma visão crítica e possam se enxergar como sujeitos em uma disciplina como a Biologia. Como será possível tornar uma disciplina tão fechada, fonte de libertação, de conhecimento de si mesmo? Penso, querido Freire que essa pergunta possa ser respondida sob uma perspectiva diferente que não tenha como base o uso de metodologias frias ou estratégias de aplicação de conteúdos sem sentido. Penso que o caminho está na autotransformação do educador, ele deve fazer parte desse processo como exemplo a ser seguido, a partir daí o que será posto em sala de aula é a própria experiência de quem se libertou através do conhecimento, a melhor estratégia será o próprio ser de quem ousa esperar e se libertar de um sistema opressor e desumano. A melhor metodologia será a essência de quem aprendeu a sentir sem medo e tem a sensibilidade de acolher as necessidades do próximo.

Por isso, meu caro Freire, sigo aprendendo a ser uma pessoa menos presa a certas amarras. Tenho o desejo de reformar meu pensamento e aprender a cada dia a amar, pois quando eu estiver em sala de aula vou estar oferecendo antes de tudo, aquilo que me tornei, pois educar é um ato de entrega e gostaria de entregar para meus futuros educandos todas as coisas boas que terei para oferecer. Estou consciente que esse processo é uma via de mão dupla e espero ter a humildade necessária para aprender e me transformar com as experiências de cada educando que eu tiver contato.

Para finalizar essa carta, quero lhe dizer que estamos passando por um momento muito difícil em nossa história. Nossa democracia é muito jovem e apesar de ser o melhor sistema político disponível, os cidadãos do nosso país ainda não são bem educados para escolher nossos representantes. Elegeram-se em nossa nação um genocida e ditador, estamos a deriva em meio a uma crise sanitária, política e social. Ah meu querido Freire, o quanto você nos avisou sobre esse perigo, mas nossa pátria amada tão cega e distraída foi arrastada para o fundo de um poço escuro e tudo isso fazia parte de um plano. Agora entendo muito bem o porque de suas ideias serem duramente criticadas, imagino sua tristeza ao vê-las sendo alvo de distorções e mentiras. Tanta coisa podia ser evitada de valorizassem seu ilustre trabalho, pois em seus escritos você sempre nos alertou.

Despeço-me, envio a te minhas simples palavras como um desabafo que eu só faria a um amigo muito querido. Fique em paz onde estiver, continuarei aqui honrando teu legado e buscando coragem para ousar esperar, apesar de todas dificuldades. Tentarei semear minha semente de tamareira mesmo que eu não possa saborear seus frutos, na esperança de deixar o mundo um pouco melhor do que encontrei, parece ser algo bem utópico, mas desejar isso me ajuda a seguir caminhando.

Com todo meu afeto e meu ser
Ibitiara (BA), 20 julho de 2021

Um mergulho em contextos de “dias sem amanhã”

Jackeline Pereira Mendes¹

A minha posição, desde então, era o de otimismo crítico, isto é, a da esperança que inexistia fora do embate. Talvez venha daquela fase, a da infância remota, o hábito que me acompanha até hoje, o de entregar-me, de vez em quando, a um profundo recolhimento em mim mesmo, quase como se estivesse isolado do resto, das pessoas e das coisas que me cercam. Recolhido em mim mesmo, gosto de pensar, de me *encontrar* no jogo aparente de *perder-me* (FREIRE, 1994, p. 38, grifos do autor).

Prezado mestre Paulo Freire,
Que honra poder destinar-lhe esta carta, ainda mais por ser exatamente o ano em que o senhor completaria cem anos se estivesse vivo entre nós; mas não se preocupe, sua memória e o seu legado permanecem vivos em nossas práticas e corações. Penso que, por meio desta escrita, posso refletir mais facilmente, eternizando-me, de certa forma, através destas palavras escritas e pelo diálogo que pretendo estabelecer ao passo que decido escrever-lhe. Assim, encontro-me, mais uma vez, em frente ao computador – máquina que nesses tempos de ensino remoto tornou-se uma extensão de mim mesma e de tantas (os) colegas, esta é a impressão que tenho – Partindo desta necessidade dialógica, a qual os seus escritos vêm ensinando-me, que cultivo sua reinvenção e, ao reinventá-lo, vou refletindo sobre esses meus “dias sem

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande/PB (UFCG), Campus I. Integrante bolsista do Grupo PET (Programa de Educação Tutorial) da UFCG.

amanhã”, como bem o senhor destacou no livro compartilhado com Faundez (FREIRE; FAUNDEZ, 1998, p. 18).

Logo de início, destaco estes tempos difíceis que estamos vivendo, devido a pandemia gerada pela COVID-19. Dia após dia, cada um de nós, segue lidando com este constante processo de perdas, faltas, saudades, medos, incertezas e tantos outros sentimentos dolorosos que vão nos acometendo enquanto sujeitos humanos, históricos e sensíveis; seguir em frente, continuar dialogando e esperando têm sido atos de ousadia. Contudo, acredito que são justamente esses tempos difíceis que exigem de nós uma capacidade crítica de leitura; de modo que, os aspectos das problemáticas que tangem nossos dias, não sejam por nós ignorados ou passem despercebidos. Precisamos, mais do que nunca, exercitar nossa capacidade para ler o contexto que nos rodeia, lendo e relendo, desenvolvendo e reformulando nossas reflexões críticas em meio ao presente pandêmico, para que possamos compreender e criar as possibilidades de ação. Por isso, muito me agrada e instiga a ideia destacada pelo senhor, referente a importância de lermos nosso contexto:

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...]. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1989, p. 13, grifos do autor).

Sendo assim, destaco que, por meio desta carta, encontro a oportunidade de falar-lhe sobre minha experiência de leitura deste cenário histórico tão adverso. Estas palavras foram surgindo a partir da minha inquietação com os dias atuais e diante deste atual “governo desgovernado”, o qual, posso afirmar, iria deixá-lo muito descontente e profundamente indignado.

O senhor fala tanto sobre ousadia, querido educador Paulo Freire, que resolvi exercer esse sentimento, de maneira que, recentemente, escrevi uma carta para o *XXII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire*, que aconteceu nos dias 20, 21 e 22 de maio deste ano, de maneira remota. Nessa minha primeira experiência escrevendo uma carta pedagógica, pude refletir um pouco sobre o meu processo de formação em meio a este contexto pandêmico, sob

o título “O exílio provocado pela COVID-19: uma experiência de formação docente em contexto de pandemia”. Senti que muitos dos sentimentos de exílio que compartilhou conosco em suas obras como, por exemplo, *Cartas a Cristina (1994)* e *Por uma pedagogia da pergunta (1998)*, estavam passando a construção das minhas experiências remotas. A partir das inquietações que me tomaram na produção dessa carta, a qual suas obras me inspiraram muito, peço licença para resgatar alguns pontos nesta. Partindo de tal colocação, muitos questionamentos passaram a assaltar-me diante deste atípico contexto experienciado, tais como: devemos continuar ou parar? Como seguir em frente? Como pensar nessa educação remota? Como continuar estudando?

Destaco, em um primeiro momento, a temática do exílio, pois por ser tão presente em seus escritos prende minha atenção e meu interesse reflexivo. Quando escrevi minha primeira carta pedagógica, como já mencionei, e aproximei suas considerações sobre o seu exílio, do meu sentimento de “exilada”, não foi minha intenção, de modo algum, comparar nossas dores e indignações; mas compartilhar o fato de que ambos, em períodos diferentes de construções experienciais, passamos por esse processo de “Alfabetização de nosso ser” diante desse novo “contexto de empréstimo”, como bem destaca o senhor juntamente com o educador Antonio Faundez. (FREIRE; FAUNDEZ, 1998, p. 16). É assim que me sinto, em processo de *alfabetização*, perante esses novos dias complexos; tentando, sem permanecer atada ao saudosismo do que foi, cultivar no hoje perspectivas do que pode ser, de dias melhores.

Desse modo, estimado educador, foi por meio da leitura das suas obras que encontrei respaldo para refletir sobre minhas inquietações, dificuldades, desafios, minha vida de modo geral e, por isso, sou grata imensamente. Posso dizer que, apoiando-me no que o senhor escreveu em *Professora, sim; tia não (2015)*, eu, assim como tantas (os) outras (os) colegas de curso e educadoras (es), não permitimos que o medo do difícil nos paralisasse. O desconhecido tende a nos assustar, mas como já nos aconselhou na obra supracitada:

A questão que se coloca a nós não é, de um lado, negar o medo, mesmo quando o perigo que o gera é fictício. O medo, porém, em si é concreto. A questão que se nos apresenta é não permitir que o medo facilmente nos paralise ou nos persuada de desistir de enfrentar a situação desafiante sem luta e sem esforço (Ibidem, p. 47).

Por mais que seguir seja desafiador, sei que é o melhor que podemos fazer, por nós mesmas (os) e por nossos pares. O que precisamos entender, e particularmente, caro mestre Paulo Freire, acho fundamental que haja essa compreensão, trata-se de não nos anestesiarmos perante o contexto problemático, como condição para poder seguir; mas seguir, porque o nosso processo de constante humanização implica sentir. Sentir a dor das perdas, dos descasos, descuidos; sentir indignação pela falta de responsabilidade dos que saem nas ruas sem máscaras, dos que promovem festas, aglomerações; sentir revolta, por todos os oprimidos e oprimidas que têm que “escolher” se ficam em casa e são espreitados pela fome ou saem para trabalhar e ficam expostos ao vírus. As questões igualmente problemáticas e preocupantes são múltiplas e, mais do que nunca, a desigualdade vem mostrando-se cada vez mais acentuada.

Partindo dessa noção de sentir, sinto-me à vontade para confidenciar-lhe a respeito do quanto continuar estudando, pesquisando e repensando a educação está sendo um processo complexo e desafiador. Percebo, em meio ao meu ciclo de amigas (os) professoras (es), o quanto é doloroso tentar seguir da melhor forma, construindo um percurso de ensino-aprendizagem significativo e, mesmo assim, ouvir tantos sujeitos afirmando que neste período de aulas remotas os professores não estão trabalhando. Posso afirmar, grande mestre, que estamos em um constante exercício de *coragem*, uma das qualidades que o senhor nos apresentou como indispensável em nosso processo de construção enquanto educadoras e educadores progressistas (FREIRE, 2015). Friso a importância que a coragem tem desempenhado nesses dias em que docentes e discentes lidam diariamente com planejamento, dependência tecnológica, horas e horas em frente ao computador, câmeras por muitas vezes fechadas, estudantes sem acesso à internet, dentre tantas outras problemáticas.

Reitero que não está sendo um processo fácil e não esperava que fosse, mas venho tentando não paralisar e ficar presa ao passado, aos meus dias antes da pandemia; tão pouco cruzar os braços e apenas esperar que tudo isso acabe. Se todos tivéssemos paralisado diante das dificuldades em lidar com essa perspectiva de ensino remoto, muitas das bonitezas que tenho visto, principalmente em comemoração ao seu centenário, não teriam acontecido e nem estariam acontecendo.

Resgato aqui, nessas palavras finais, por ora, (tendo em vista que considero que um diálogo iniciado será sempre um contínuo) a epígrafe que abre esta carta e compõe um de seus livros, pelo qual nutro um profundo apego. Sou muito grata ao senhor, por ter feito-me entender que, enquanto sujeitos históricos e, por isso, em constante transformação, não podemos perder nossa condição de mulheres e homens otimistas. Um otimismo que, assim como a esperança, deve acompanhar o desejo da luta pela transformação concreta e possível. Para isso, hoje sei, é necessário que tenhamos a clareza do porquê fazemos o que fazemos e pelo que lutamos, estabelecendo coerentemente uma relação contínua entre nossa teoria e prática. Mesmo nos momentos mais desafiadores, compreendo o quanto precisamos atribuir sentido ao que fazemos.

Posto isso, assim como o senhor escreveu no trecho que utilizei como epígrafe, foi também perdendo-me no mais íntimo de meu ser que escrevi esta carta inundada de desejos, medos, inseguranças. No entanto, o que me conforta e me possibilita sorrir mesmo em “dias sem amanhã”, é a certeza de que o futuro não está feito e nem acabado, mas é o acontecido do que fazemos acontecer no presente, assim como o senhor sempre argumentou.

Portanto, gostaria de afirmar que compartilhamos o mesmo sentimento, o de continuar nessa luta por uma sociedade melhor. Seguimos esperando, lutando por dias melhores, por uma educação libertadora, democrática e dialógica. Gratidão por tantas obras escritas e por tanto conhecimento compartilhado!

Com otimismo crítico.

Casinhas (PE), 30 de abril de 2021.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta [recurso eletrônico]**. 4^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não [recurso eletrônico] cartas a quem ousa ensinar**. 24^a. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

Ao lado de Paulo Freire

Grupo de Leitura e Estudos de União da Vitória (PR)¹

Saudações Professor Paulo Freire

Em tempos nos quais suas palavras ditas anos atrás ainda se encontram tão presentes, vivas e necessárias para a formação humana, buscamos apreender alguns pontos importantes do seu pensamento. Pontos estes importantes tanto para a instrumentalização da prática pedagógica quanto para viver, a saber, a humildade, a amorosidade, a coragem e o medo, a tolerância, a decisão, a segurança, a ética, a paciência e a impaciência. São qualidades do ser humano progressista pouco compreendidas por aqueles que atuam antidemocraticamente.

Estes pontos são na verdade qualidades do educador progressista, mas que se encaixam para toda pessoa, e são ensinados por você de forma profunda, radical, mas ao mesmo tempo leve. É profundo pelo fato de que seus significados tocam a alma, as relações humanas e o mundo material de forma atemporal. É radical porque propõe que tomemos posições importantes e necessárias para toda pessoa, e é leve, pois seus significados são colocados sem imposições.

Chega a ser quase incompreensível pensar que possam haver pessoas não sensibilizadas pelos seus ensinamentos. Por isto sentimos falta de sua presença material entre nós mas, em contrapartida, seus livros são imortais e

1 Idemar Beki, Luciane Vieira Missau, Lucimara Vieira, Gustavo Furtoso e Salete Tonon são integrantes do Grupo Leitura e Estudos da cidade de União da Vitória (PR), participante do I Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, realizado de agosto de 2018 a abril de 2019. O Ciclo de Leituras é um projeto de extensão organizado por um coletivo de educadores do grupo sindical APP Independente; do Instituto Federal do Paraná e da Universidade Federal do Paraná.

estão aqui para nos auxiliar a enfrentar nossa realidade tão pesada, onde a democracia que você tanto prioriza está sendo ameaçada, não só nas instituições do Estado, mas principalmente no cotidiano do povo brasileiro. Tanto que para tentar entender e enfrentar este momento que estamos vivendo, nós estamos participando, quatro educadores e um acadêmico, de um grupo de estudos de sua obra *A educação na cidade*. Está sendo uma experiência teórica incrível na medida em que nos faz, a cada leitura, perceber a importância de tomarmos consciência, cada vez mais clara, de nossa posição política que vai definir o que-fazer como educador progressista, e do papel da escola na sociedade brasileira, escola popular e democrática. E o que nos deixa mais felizes é que este grupo de estudos faz parte de um projeto que atinge 600 pessoas no território do Paraná.

Nos sentimos muito bem de estarmos do mesmo lado que o seu, isto é, da educação como emancipação constante das classe oprimidas. A dimensão geográfica e intelectual de suas reflexões é evidente, está em muitos países ocupando espaços nas universidades e escolas pelo mundo, e para nós elas são uma forma de resistência contra o fascismo moderno e um instrumento poderoso para formação humana.

Dada a importância de sua passagem pelo mundo, deixamos nossa gratidão a um ser humano que não podia compreender a vida e a existência humana sem amor e sem a busca do conhecimento.

Abraços fraternos,

Grupo de quinta (Idemar, Gustavo, Luciane, Lucimara, Salete).

União da Vitória (PR), 31 de janeiro de 2019 .

Reconocer la belleza de todos nuestros rostros

Jorge Alejandro Santos¹

Roxana Taranto²

Paulo, querido!

Somos el sur del que venimos y en donde moramos. Ese sur del sur en el que, cada día, Latinoamérica despierta y se asoma a un continente que lo vertebra y contiene. Latinoamericanos sureños, de esas latitudes y longitudes, en las que los climas y relieves son tan diversos como las formas y colores de quienes los habitamos. Desde esta australidad, andamos. Lo hacemos entre viejas y nuevas injusticias, entre antiguas y renovadas esperanzas.

En este natalicio centenario, aquí estamos, atravesados por barbijos, virtualidades y corporalidades lejanas, colmados de tantas preguntas, sentires y pensares como cada vez que llegaste hasta nosotros. En este hoy en el que el porvenir (por-venir) nos invita a aminorar levemente el paso para mirar hacia atrás y a los costados, te hallamos como siempre, delante nuestro. Es por eso que queremos pensar (te) desde aquí. Es por eso que escuchamos tan fuerte como cerca, aquellas palabras pedagógicas para crear autonomías libres, que

1 Abogado y PhD en Filosofía por la Universidad de Buenos Aires. Profesor en la Maestría de Estudios Culturales de América Latina (MECAL) FFyL-UBA. Posdoctorado en Educación, UNOCHAPECO, Santa Catarina, Brasil. Investigador CONICET-UnaHur, Buenos Aires, Argentina. Página web: <http://jorgesantos.bye-thost18.com/>

2 Profesora y Licenciada en Historia por la Universidad Nacional de Luján. Profesora de Pensamiento Pedagógico Latinoamericano e Historia de Latinoamérica en la Universidad Nacional de Hurlingham (UNaHur), Buenos Aires, Argentina.

en estos tiempos son a la vez, refugio y línea de partida. Retomaremos algunos de los mensajes que nos dejaste en tus obras para mostrar cómo nos siguen inspirando e interpelando.

Nos hablaste de la “rabia justa”, esa rabia que demanda dignidad y vida, la que sentimos cada vez que los límites de nuestro hacer de educadores (tan surcado por la tierra que pisamos) nos bloquean el paso. La rabia como un derecho a la rebelión, que es transformación, no como ese ejercicio catártico en el que muchas veces nos encontramos con otros y, al poner en voz alta tantos anhelos insatisfechos, nos contentamos sencillamente al sentirnos comprendidos. De vos aprendemos, Paulo, que esa rabia justa debe ser la lumbre que mantenga encendida la esperanza de cambio, esa esperanza propia de nuestro devenir humano, del estar-siendo las identidades que se entrelazan en nuestro oficio. Es la esperanza una exigencia del educador que debemos ser. Desde ella pensamos cómo eludir los designios fatalistas de un mundo que se llama a sí mismo al silencio ante la desigualdad. Desde esa esperanza y también desde la alegría por la certeza de que otro mundo es posible, buscamos que nuestra docencia sea escuela, que las luchas de hoy se colmen de esas incertidumbres que permiten dudar de lo inamovible. Somos, con vos, “seres de la esperanza”, aquella sublime esencia que día a día, marca el camino a abrir.

Que para educar hay que reconocer y asumir nuestra identidad cultural, es otro de tus fundamentos Paulo. Tarea en marcha pero aún pendiente para los Latinoamericanos, asumir la diversidad de nuestra historia cargada de injusticia y sufrimiento pero que proyecta libertad y anhelos de justicia. Reconocer la belleza de todos nuestros rostros, aquellos que ocultamos a veces tras las máscaras europeas que nos son aún tan caras. Es cierto, hay mucha Europa en Nuestra América, pero mayor es nuestra diversidad, Europa es uno más entre tantos rostros y tantas lenguas, fisonomías y colores en nuestra piel y en nuestros labios: indígenas, andinos, africanos, paisajes y florestas en nuestros ojos. Necesitamos aprender que esa diversidad no es nuestra debilidad sino nuestra fortaleza, solo enorgulleciéndonos de ella podremos alcanzar la libertad y la justicia que, como pueblo, merecemos.

Nos dijiste que “enseñar exige la corporización de las palabras por el ejemplo”, porque a las palabras dichas en una clase muchas veces se las lleva

el viento. Las palabras que no están ancladas en el ejemplo, especialmente en el aula, son vacías si no las llenamos con el contenido de nuestros gestos: podemos pintar sin hablar, pero cada vez que hablamos, pintamos. Cuando hablamos de democracia, nuestra aula debe ser ejemplo de ella, cuando hablamos de autoridad sin autoritarismo, nuestro rol de docentes tiene que estar amparado en la autoridad amorosa que establece los límites necesarios para que el aprendizaje sea posible. Educarse consiste en internalizar ideas, conceptos, actitudes, y solo se puede interiorizar la democracia si se vive la democracia, la libertad si tengo límites seguros en donde ejercerla. Las palabras cargadas de ejemplos se arraigan en el aprendizaje de los educandos, y el aprendizaje de los educandos se arraiga en nuestro oficio y dignidad de docentes.

Con vos aprendemos que sólo quien sabe escuchar, aprende a hablar a alguien más que a sí mismo. El diálogo es el momento en el cual toda otredad puede hallar una posibilidad de enunciarse. Educar nos exige escuchar como un accionar activo, nunca pasivo, jamás inerte. Aquellos educadores que, enamorados del sonido de su propio emitir, no pueden trascenderse para acercarse a quienes leen y viven en el mundo desde su propia experiencia, jamás podrán orillar siquiera el oficio de educar. Quienes, como nos recordás, no posean la humildad para reconocer que no existe nadie superior a otro, están imposibilitados de crear un genuino espacio para enseñar, y aprender haciéndolo. Los docentes latinoamericanos debemos escuchar lo evidente, y especialmente lo inaudible; aquellos silencios que existen en quienes, muchas veces, fueron oprimidos en su decir, negados en su experiencia, invalidados en su sentir. Escuchar brinda la posibilidad imperiosa de dar al educando corporalidad real donde sólo la hay ficticia.

Enseñar nos exige riesgo y asunción de lo nuevo, y lo nuevo debe asumirse evitando cualquier forma de discriminación. A veces nos queremos aferrar a tus enseñanzas y a tus métodos y simplemente repetirte, eso nos da seguridad y la confianza que a veces nos falta, pero ya se ha dicho: “la única forma de copiar a Freire es no copiándolo”. Esa paradoja nos libera, nos motiva, nos impulsa al riesgo a la experimentación, a abandonar y olvidar los métodos y estrategias de Freire cuando imaginemos otros más adecuados, pues esa es la mejor manera de recordarlos. No copiar, crear, o mejor copiar-creando.

Humildad, tolerancia y lucha por los derechos de los trabajadores de la educación. La humildad necesaria para reconocer que nuestro conocimiento, aún en áreas de especialización, es limitado, tolerancia y si es posible, amor a la palabra y a la presencia del otro, especialmente cuando su opinión nos interpela. Esa es la posición que propusiste para el docente. El educador es a veces idealizado: puede solucionar todos los males de la sociedad; otras es bastardeado por no ser capaz de llevar a cabo la tarea hercúlea que se pone sobre sus espaldas. Ni una cosa, ni la otra, nuestra tarea es central, pero apenas con educación escolar no alcanza para solucionar las desigualdades, violencias e injusticias en nuestras comunidades, para organizar una sociedad mejor el compromiso es de todas y todos, y la exigencia a los estados que marcan cuánto, cuándo y cómo, debe ser parte de nuestra labor. Estamos dispuestos a hacer nuestra parte, es cierto, la educación de calidad y masiva crea una sociedad más justa, vamos a dar todo por ella tras tu ejemplo Paulo, pero necesitamos recursos, infraestructura, salarios dignos, capacitación permanente. Volcar recursos a la educación y a la formación y bienestar del trabajador docente implica en ese acto, crear una sociedad más justa.

La libertad debe ser creadora de autonomías, y los educadores debemos acompañar su formación desde la guía paralela, no desde la posición final. Toda autonomía implica la certeza de que las decisiones que tomamos tienen consecuencias, más o menos esperadas o deseadas. Pensar la libertad desde la responsabilidad que implica, es alejarla del casillero vacío al que la condena el consumo neoliberal, que enarbola su bandera intentado convencer de que ser libre es poder tener y hacer, sin importar qué resultados tengan las decisiones y posesiones que en mí se aúnan. Cuán imperativo nos resulta llenar de contenidos una libertad vaciada de ética.

Libertad y autoridad son para nosotros, los educadores de esta Latinoamérica convulsa, los ejes que nos llaman a equilibrar nuestro diario devenir, para no caer en un libertinaje que todo parece corromper, y un autoritarismo que jamás debe dar cuentas del por qué de su accionar. La autoridad es nuestra obligación, porque nos permite concretar en un ir y venir de saberes y aprendizajes, aquella búsqueda a la que nuestra labor nos lleva. Que esa autoridad sea legítima por sus valores éticos y su amor al derecho de ser iguales ante la posibilidad de aprender, debe ser nuestra meta superior.

Gracias Paulo, por obligarnos, con tu palabra candente, a tomar posiciones frente a la educación que ejercitamos, y a cada uno de los temas que en ella enseñamos. Gracias por enseñarnos que la neutralidad es comodidad, esa que permite contentar a todos, sin generar molestias a poderosos e indiferentes. Ser educador es tomar decisiones. Ser educador es comprender las miserias del mundo y saber que no son indefectibles. Ser educador es defender la democracia, y al mismo tiempo, reflexionar sobre sus limitaciones e inequidades. Si la educación es, inexorablemente, una forma de intervención en el mundo, ser educador es recordar diariamente que desde ella libramos las batallas contra los silencios y las omisiones.

La responsabilidad de la formación y rigurosidad profesional, la pertinencia y conocimiento profundo de los contenidos desde los que mi práctica se articula, es una parte de nuestro oficio. Si nos convierte en ventrílocuos habilitados del saber, si se aleja de la invitación al pensar conjunto, al involucramiento de la múltiples experiencias que cada educando atesora, si evita la construcción de vínculos amorosos, es una educación incapacitante. Una educación que cumple sólo desde el educador y en el educando, con la búsqueda neoliberal de utilidad y destreza, careciendo de sueños y utopías, confirma en el aire todo aquello que el cuerpo ya padece.

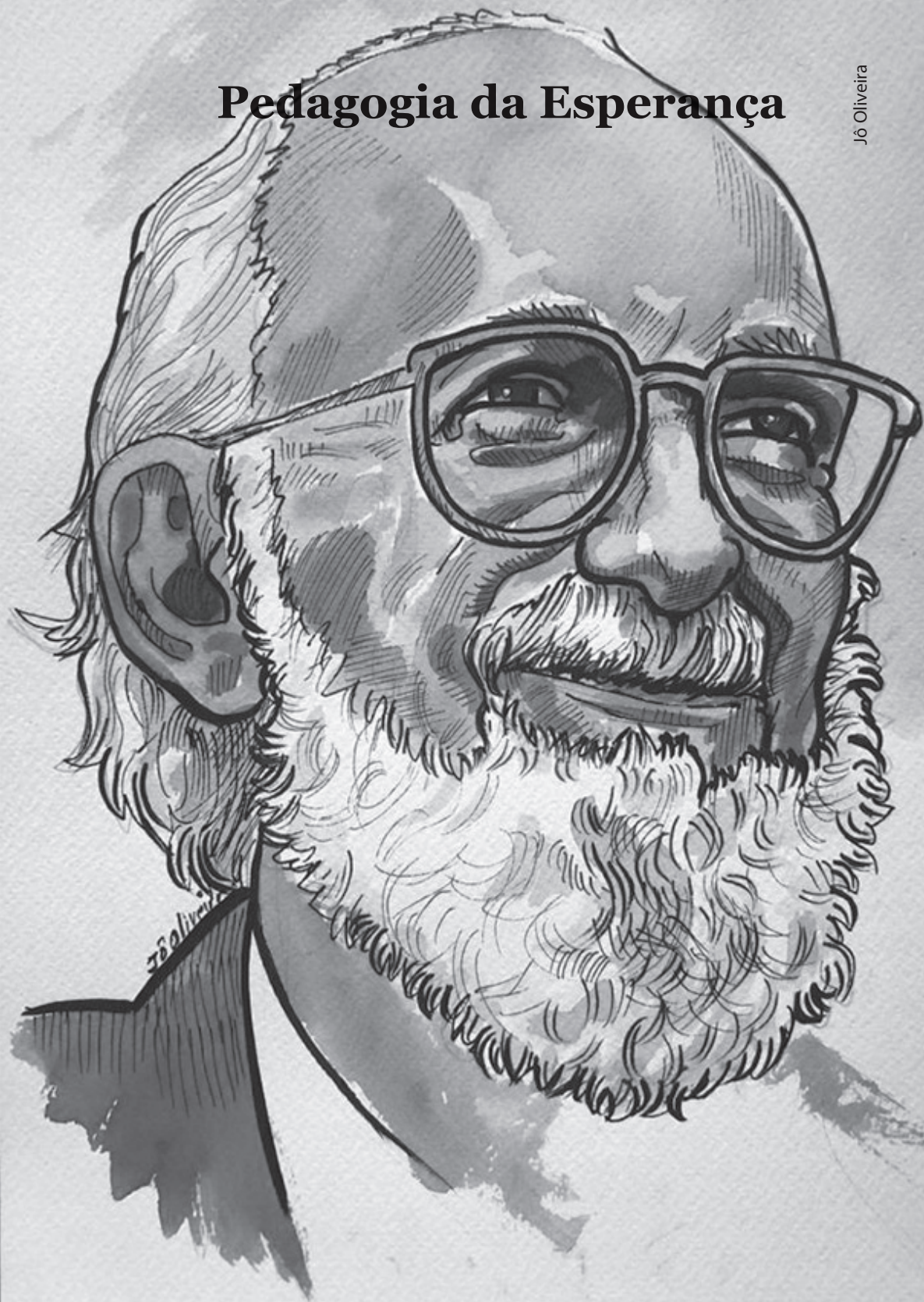
Nuestra práctica educativo-crítica nos hace con vos, juntar la voz a aquellos que resisten en este continente colmado de preguntas y horizontes posibles. Desde la tiza, el fibrón, la pantalla de la computadora en esta época de virtualidad obligada, enarbolamos la digna rabia, aquella que denuncia las condiciones de opresión, traición y engaño, y sabe que la Historia es tiempo de posibilidad, no de determinismo, y que la falsa idea de que se repite, está hecha para inmovilizar y amedrentar las luchas que debemos dar; sabemos que el futuro es problemático, vaya si lo es, pero no inexorable, y que debajo de los adoquines, muy debajo, está la playa.

Felices jóvenes cien años Paulo. Gracias por estar naciendo nuevamente cada día, en todos aquellos que descubrimos en vos, todo lo que aún la educación debe ser.

Com atenção e afeto,
Argentina, junio de 2021

Pedagogia da Esperança

Jó Oliveira



O impulso da fé anulando o impulso do medo

Viviane Marques Sousa e Silva¹

Estimado Paulo Freire, tem sido difícil ser professor, preciso concordar que desde sempre. Porém, ultimamente, desenvolver uma atividade intelectual com sentido e com prazer está sendo desafiador. Infelizmente nos deparamos com situações que contribuem para que muitos colegas se exilem dentro da profissão. São Leis rasas, que de fato não valorizam o saber. Dubiedade dos poderes, que desembocam num oceano de desvalorização, oceano este composto por políticos, sociedade, alunos e pasme, por outros professores. Sim, os próprios professores. Em momentos convenientes negam seus discursos encantadores, comprometendo nossa luta e a beleza do nosso ofício. Não os condeno, apenas não encontraram o tesouro que é o sentido de ser professor.

Ao iniciar minha jornada, depositava uma quantidade de energia tremenda ao ofício e esperava um retorno de resultados na mesma proporção, esperava professores vivendo seus propósitos, esperava instituições comprometidas.

Esperei. Foi uma longa espera. E de tanto esperar a decepção chegou.

Pronuncio aqui que me exilei (de mim, em mim), amarguei o afastamento da docência por estas circunstâncias que me aterrorizavam... Atravessei um deserto de 4 anos dolorosos. Talvez a pouca idade e pouca experiência tenham

¹ Professora vinculada à rede pública de ensino da Paraíba. Formação em Licenciatura Química pela UEPB; Mestranda em Ensino de Ciências e Educação Matemática-UEPB; Integra o Grupo de Pesquisa em Metodologias para o Ensino de Química (GPMEQ) da UEPB.

contribuído, mas, sem dificuldade afirmo-te que foi o tempo necessário para a maturação de meus posicionamentos e alocar meus valores diante de um mundo.

Concordo com sua fala: o exílio possibilita nos conhecermos da forma mais difícil, longe do seu lugar, sem o cheiro e sem os sabores. E não é que o seu lugar seja melhor ou pior, ele é apenas diferente. Porém, a nostalgia que é brasa neste distanciamento não pode ser uma âncora, e, sim uma catapulta de arremesso sereno e calculado, para vislumbrar o horizonte que outrora se encontrava encoberto.

Os atalhos que eu abraçava sempre me conduziam ao papel de professora. Sua fala sobre Didocência foi arrebatadora, ressignificando meu pensar e agir, direcionando-me a encontrar as metas que havia estipulado. E foi chegada a hora de me libertar da prisão que havia feito para mim mesma.

Esperei. Foi uma longa espera. E de tanto esperar me vi esperançar.

Hoje vejo e vivo a realização no pouco. O todo é consequência de vários poucos. E é este pouco que faz revolução em uma sociedade injusta, que abre o futuro aos sentenciados a uma vida excludente, que aguça a oportunizar mudanças, que possibilita olhos opacos brilharem ao descobrir que são mestres de seus destinos, que são capazes de se promover nesta sociedade. É fazê-los esperançar. Tudo depende apenas de uma atitude positiva de sua parte. Meu lema pode parecer ficção, utopia, mas a quem desejar se aventurar, asseguro que será agraciado com prazer incomparável de ver ao menos uma vida modificada. O recomendável para esta jornada é que você vá pelas trilhas que não aparentem ser fáceis e cômodas.

Meus alunos não me escolheram como professora, mas, eu escolhi ser professora. Assim sendo, escolho meus alunos todos os dias, escolho despertar neles o prazer de aprender, escolho apresentá-los a responsabilidade de uma forma justa, a não ter medo de perguntas, a amar e cuidar de seus ambientes.

Foi você, amigo, com tua sabedoria e humildade em compartilhar saberes, com sua postura de ser espelho para os alunos que me fez despertar para as emergências da vida e lutar, com as armas que tenho habilidade, por uma educação que viabilize o mesmo ponto de partida para todos os cidadãos. Tua pedagogia não reconhece a palavra impossível, alavanca o impulso da fé anulando o impulso do medo. Aqui pontuo que medo é algo que existe apenas

no plano de nossa imaginação, medo é relacionado ao futuro, ao que poderia acontecer, é areia nos nossos olhos para não realizarmos sonhos.

Conversando com você, através de leituras, compreendo que não há imparcialidade na Educação. Questiono-me a cada aula planejada, a cada projeto desenvolvido se minha base ideológica está sendo inclusiva ou excludente.

Em suma, preciso dizer que seus projetos, todos seus livros e pensamentos continuam inspirando muitos a se superarem, se moldarem, a lapidar ofícios. E acima de tudo sendo o cerne neste cenário atual, em que a educação é posicionada em um belíssimo palco, mas, atrás das cortinas.

A ti minha profunda gratidão por meu novo endereço!
Campina Grande (PB), Maio de 2021

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à Prática Educativa. 6^a ed Paz e Terra, São Paulo, 2019.

ENTREVISTA com Paulo Freire. Canal Fundação Cecierj. 1990. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Zx-3WVDLzyQ>

As flores precisam ser regadas

Daniela de Fátima Barbosa Gonzales¹

Rosecleide Orozimbo Harada²

Estimado amigo Paulo Freire,
É com muita alegria que nos debruçamos na escrita desta singela carta. Primeiramente sentimo-nos lisonjeadas e agradecidas em escrever para você, um amigo que nos acompanha desde a época de nossa formação acadêmica. Infelizmente estamos em um período não muito alegre no mundo. Desde o ano passado tem sido muito complicado para todos. Fomos acometidos por uma pandemia e o mundo inteirinho tresloucou-se. Mas, contudo, ainda fomos presenteadas com algo maravilhoso, fomos selecionadas, para fazer um curso de pós-graduação. Adivinha só!!! Um mestrado em educação inclusiva.

Sabe, caro amigo, as interações realmente acontecem e como você mesmo dizia: nas interações nos educamos, e criamos possibilidades de nos construirmos. Neste momento, unidas na escrita de nossas reflexões voltadas ao ideário inclusivo e as Políticas Públicas de Inclusão, uma inquietação toma

1 Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEL), pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atua como Professora Bilíngue para Surdos na rede Municipal de Ensino de São Paulo.

2 Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEL), pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atua como Tradutora e Intérprete de Libras na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) _ polo de Maracaju/Ms.

conta de nós: será que teremos um futuro esperançoso, onde possamos sonhar com a igualdade de direitos desde a sua gênese, onde não tenhamos mais que pensar em “Incluir”? Ou continuaremos anestesiados, vivendo nas ilusões do Ópio, como bem coloca Karl Marx em uma de suas obras sobre o capitalismo e a alienação religiosa?

Diante de nossos estudos acerca da inclusão, percebemos o quanto o nosso conceito de inclusão estava equivocado e como nós somos manipuláveis repetindo os mesmos ideários neoliberalistas, buscando entender o fracasso a partir da escola, dos professores e não de um sistema falido que nos apresenta a educação o tempo todo como um negócio com lucros ou perdas. Como estamos alienadas!

Achávamos que estávamos nos movendo criticamente contra as injustiças sociais, mas sentimos agora o amargor de uma traição, como não percebemos todo este processo ideológico desde nossa tenra formação?

Os Decretos e Leis estão postos como um campo com flores mortas, onde nós educadores buscamos em nossa práxis diária, um ideário do sucesso coletivo em detrimento do sucesso individual. Diante de tantos insucessos causados pelo perverso sistema de escolarização, sentimos como se estivéssemos a colher flores imaginárias.

Paulo, queremos também lhe contar que temos uma grande paixão pela educação de surdos. As questões de letramento dos surdos, o respeito pela cultura surda e o estudante com surdez são as nossas motivações. Em nossas práticas educacionais buscamos desenvolver as potencialidades deles em sua primeira língua (Libras), mas, em contrapartida, temos um sistema avaliativo (avaliações externas) excludente, que “mede” o conhecimento dos estudantes desrespeitando o seu direito de aprender a partir de sua língua materna. Sentimo-nos como “peixes nadando contra a maré”, um esforço em busca de um ensino de qualidade a partir das potencialidades deste estudante, mas sentenciadamente insuficientes diante da cobrança externa e resultados prontos.

Esperamos não estar nos apresentando um tanto quanto oprimidas nesta carta, mas diante de tantos conhecimentos adquiridos em tão pouco tempo de mestrandas, percebemos o quão ignorantes e incoerentes estávamos diante da inclusão, como você mesmo dizia, meu caro, “ninguém está pronto

e acabado”, temos muito a aprender. A educação sozinha é como aquele ditado que se diz por aí, “Uma andorinha só não faz verão”, mas como vamos ter mudanças sem os saberes? Percebemos o quão alienadas estivemos durante todo nosso processo de formação, o quanto as classes sociais ainda determinam o tipo de conhecimento que este ou aquele deve obter, o quanto as políticas estão dissociadas da prática, e como a “educação para todos” tem sido um bordão, atrelado a lutas de poderes econômicos e políticos. É, meu querido, é urgente a democratização do saber.

Talvez possam nos comparar a um grande compositor britânico, pois sonhamos com um futuro onde a “educação para todos” perca as aspas, e não haja mais uma sociedade com distinção de classes, que tenhamos um ensino voltado para a humanização e não para a produtividade. Continuamos sonhando com um futuro onde a palavra “inclusão” não seja mais necessária, pois todos farão parte deste processo.

Ah! amigo querido, não tem sido fácil, a nossa luta é árdua mas... como dizem por aí, brasileiro não desiste! Então seguimos lutando, estudando, buscando novos saberes, e reformulando nossa prática docente, focando sempre nas potencialidades destes estudantes e não em suas limitações, acreditamos que, assim, teremos campos floridos .

Paulo, sentimos que a educação é como uma flor, cuja semente foi plantada por estudiosos como você. Flores são passíveis de transformações, sensíveis, complexas, diversas, coloridas, belas e fortes, mas necessariamente precisam de: água, sol, terra e nutrientes, ou seja, é fundamental todos os esforços, estudos e ações revolucionárias para desabrochar e atingir sua finalidade, uma educação qualitativa e equitativa para todos.

Todas as flores precisam também de manutenção para se manter vivas e belas, às vezes é necessário uma poda, mais luz, mais sombra, enfim, a formação continuada dos professores, a conscientização e aquisição de conhecimentos sobre a educação, o respeito e a valorização da modalidade, o trabalho colaborativo, a exploração das habilidades, a empatia e a esperança são necessários para nos tornarmos educadores sociais, irrigadores de sonhos.

Por fim, querido amigo e mestre, nós continuamos firmes tendo esperanças, mas como você mesmo nos deixou escrito: esperança do verbo esperar, construindo novo saberes, levantando-nos dos tombos que levamos

sem nunca desistir, pois sabemos que toda essa trajetória será como campos lindos de flores coloridas, e, ao final, saberemos que tudo valeu a pena, assim como seu lindo legado deixado para nós!

Com carinho e muitas saudades.

Brasil, 16 de Junho de 2021.

Em busca da flor viva

Michelle de Souza Simone¹

Estimado e admirado mestre Paulo Freire, Hoje acordei disposta a aproveitar essa oportunidade ímpar e escrever para um dos maiores educadores e filósofos com atuação e reconhecimentos internacionais que foi e continua sendo referência quando se trata de ensinar o aluno a “ler o mundo” para poder transformá-lo.

Aproveito para dialogar sobre algumas inquietações do meu cotidiano profissional e humano. Partindo das leituras que tenho feito sobre alguns artigos que me foram colocados através do Programa do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede – PROFEL, um sonho realizado. A menina pobre que sonhava, ousou entrar no mestrado e conseguiu, porque você lutou e rompeu com uma concepção vigente e eu me tornei protagonista da minha história. Como você mesmo insistia, *sou professor contra a ordem capitalista vigente, que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo.*

Você, mestre, lutou e inspirou outros educadores a continuarem nessa luta incessante, e, diante disso, eu consegui e também sou “subversiva”: quero lutar pela transformação social de meus meninos e meninas, mais especificamente os PAEE, alunos público da educação especial e inclusiva.

1 Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEL), pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atua como Professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e orientadora pedagógica do município de Duque de Caxias-RJ. Ver: <https://www.scielo.br/j/es/a/fdHHbbfgv4m7c6SnkdxcfSF/abstract/?lang=pt&format=html#>

Meu coração se enche de alegria e suspira para te contar um pouquinho das minhas angústias diárias, frente a inclusão e seus muitos desafios para atender a essas crianças e suas famílias por quem tenho muito apreço, e que as acompanho em seus desafios, dentro dessa sociedade tão desigual, que não proporciona as políticas públicas de que eles tanto necessitam.

Como sei que você sempre se posicionou nos movimentos de pautas sociais, eu me espelho nesse seu pensamento: lavar as mãos do conflito entre os poderosos e os impotentes significa ficar do lado dos poderosos. O educador tem o dever de não ser neutro.

Não posso ser neutra, por isso estou sempre atenta às publicações e movimentos que possam refletir nas questões que são concernentes à educação inclusiva. Confesso que li um artigo de Bezerra e Araujo (2013), “Em busca da flor viva: para uma crítica ao ideário inclusivista em educação”, e ele me trouxe algumas questões que antes não havia pensando ou estudado. Nele está descrito de forma bem crítica um debate e problematizações da política de educação inclusiva surgida no final dos anos 1980, fazendo uma análise sobre as duas convenções internacionais, a Conferência Mundial sobre Educação para Todos e a Conferência Mundial sobre as necessidades Educativas Especiais.

Isso me fez repensar sobre as reais intenções desses financiadores internacionais, eu então após várias leituras bem atentas e anotações, me percebi impregnada dos ideais e valores neoliberais que me foram apresentados até a presente data, embalados com a ideia que à escola sozinha é capaz de produzir justiça social.

Você nos deixou como marco ideal que não podemos retroceder das conquistas já obtidas. Elas foram e continuam sendo importantes para a visibilidade dessas pessoas que antes eram privadas de serem matriculadas em nossas escolas, algo que antes não era garantido por leis, a saber a Constituição Federal de 88 e Resolução do CNE/CEB nº 2/2001. Agora, temos algumas mudanças com a nova política nacional de educação especial através do decreto nº 10.502, que temos tentando entendê-las melhor, afim de tomarmos algumas posições enquanto educadores que somos.

Sabes que ainda encontro nesse novo decreto sobre a educação especial e inclusiva algumas divergências, trazendo-me aflições sobre o fato de como

caminharmos em busca de condições mais humanas e igualitárias para as pessoas com necessidades especiais, assim como demandas de outras diversidades. Mas dentro desse cenário, também encontro os responsáveis por alunos com deficiências moderadas/severas que me relatam que gostariam que seus filhos(as) frequentassem uma escola especializada.

Com o relatos dessas famílias, percebo que falhamos enquanto sociedade. As políticas públicas que tangem as questões de inclusão foram paliativas, buscaram atender as demandas sociais visando um baixo custo, jogaram-nos em prisões e ainda nos alimentam de esperanças de dias melhores. Mas quando nos deparamos com a nossa realidade, ficamos tentando apagar incêndios educativos para amenizar algumas situações que não foram organizadas pelos governos de forma séria.

Muito me angustio, percebendo que a realidade que nos foi imposta pelo tipo de governo que nos mesmos elegemos foi essa, a perpetuação de um plano político que tem como estratégias reformista do capital manter o *status quo*. Colocaram toda a responsabilidade em incluir somente na escola e no próprio aluno que tem que aprender a conviver junto e aprender a ser, sem as mínimas condições físicas, tecnológicas e de apoios dos diversos profissionais necessários a essa integração e continuidade de escolarização se tornaram de fato acessíveis

Sabe, meu caro amigo, o artigo que falei traz a figura de linguagem a *busca de uma "flor viva*. Com isso os autores deixam algumas tentativas de desmistificação sobre os objetivos produtivistas do capitalismo, o que me fez refletir sobre o nosso cotidiano de trabalho, estamos incluído/excluindo, será que as nossas práticas educativas estão de fato atingindo nesses alunos? Ou eles estariam apenas dentro da escola sem perspectivas de continuidade de contribuições e atuações dentro da sociedade? Quais as mudanças seriam necessárias para que pudéssemos sair dessa condição de educação separatista que difere ricos de pobres e alunos com padrões ou não de desempenho estudantil?

Meu caro, estou colocando tantas perguntas para ti, porque sei que tinhas sempre uma resposta amorosa e acertiva, para nossas batalhas diárias em rumo a uma educação que objetive dar as mesmas oportunidades e condições de acesso e permanência desses alunos público, alvo da educação inclusiva,

conforme preconiza a nossa LDB. Sendo necessário, assim, que continuemos a denunciar às condições de trabalho sem nenhum suporte que nos são impostas diariamente, que costumam nos adoecer, assim como os demais profissionais envolvidos no ambiente escolar.

Como você disse, amar é um ato de coragem!, Por isso lhe trago esse artigo hoje para uma conversa muita franca. Ele fala em desabrochar, pelas sendas da história, o desejo pela *flor viva*, que ele cita sendo por meio de uma ação humana revolucionária, nos traz além da crítica ao tipo de sistema capitalismo que tenta a todo custo resolver as questões que emergem socialmente através dos meios mais baratos, o que trará grandes consequências as futuras gerações, sejam no tema central dele a educação inclusiva ou a formas, ele ainda pergunta ao leitor que tipo de colheita iremos ter?

Paulo Freire, voce sabe e sempre questionou essa questão, da escola querer que os alunos se adequem ao sistema estabelecido por elas. Trago a você, que essa inquietação se tornou o meu objeto de pesquisa e construção do produto educacional, que tem como objetivo ser um guia educativo que norteie e dê algumas possibilidades para esses professores pensarem sobre adaptações desses instrumentos avaliativos e algumas formações no sentido de se entender sobre avaliar, dentro de perspectivas inclusivas. Esse meu pré projeto tenho em você a inspiração.

Termino agradecendo pela forma tão carinhosa com que voce sempre olhou para a classe trabalhadora. Acredito que suas contribuições acadêmicas refletiram e construíram novas possibilidades aos menos favorecidos, e eu sou uma dessas. Por mais que as situações nos pareçam adversas não podemos desistir e sei que tinha em sua alma a empatia de se colocar no lugar do outro e com muito profissionalismo e amor, deixando, assim, marcas incontestáveis na educação.

Ainda quero escrever outra carta, para lhe contar dos desafios que tenho enfrentado frente a essa nova vida acadêmica, mas esse é assunto pra depois

Com carinho e muitas saudades.

Rio de Janeiro, 16 de Junho de 2021.

Mantendo a chama acesa

Naiane Santos Paudarco Silva¹

Caro professor,
Neste dia lindo, em pleno ano 2021, um calor eloquente, sol vibrante, no clima que mais me agrada e me inspira a escrever-lhe. Preciso lhe falar da minha sonhada vontade de ver a educação florescer na prática e estabelecer uma criticidade no âmbito escolar, para que nossos alunos possam refletir a cerca de si e do outro. Hoje, meu mestre, é necessário manter a chama do sonho acesa, porque nossa realidade é cruel, desumana e até reversa.

Eu me importo e penso na educação como um momento de reflexão, crítico, a busca pelo avanço e as oportunidades que a vida possa oferecer. Não é só o fato de aprender a aprender, mas aprender para mudar, aprender para fazer algo produtivo. A legislação dá subsídios e a teoria também, mas a prática não se relaciona com os mesmos.

Inicialmente, me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. (FREIRE, 1989, p.13).

¹ Mestranda no curso de Mestrado profissional em Educação Inclusiva - UNESP.
Email: naiane.paudarco@unesp.br

Nestas suas palavras, eu só consigo perceber a educação como libertadora, e por isso insisto, persisto. E se a chama da vontade revelar, querer se apagar por perto de mim, com meus colegas e alunos, também persistirei com eles e por eles; sozinha sei que não posso.

Infelizmente, a educação virou produto do sistema capitalista, se tornou mecanismo de manobra e alienação. Aos alunos das escolas públicas é disponibilizado o mínimo, não há conforto, há opressão aos professores, salários congelados, para induzir a tristeza, o desmazelo, o desânimo; paredes sujas, sem pintar; carteiras quebradas; merenda escolar (quando há), de péssima qualidade; estrutura ínfima, que não transmite prazer. Com isso, vem a evasão escolar, vem a desistência pela maioria, isso significa uma quebra a luta, a luta por um lugar melhor na sociedade, em relação a conhecimento, oportunidades, crescimento pessoal, cultural, moral e porque não capital? Sim, é uma grande conquista para um ser humano vir de um lar pobre, estudar e ter um trabalho que possa proporcionar um conforto para si e sua família, que não teve antes. Nossas crianças estão sendo induzidas a desistir e nós também, os professores.

Hoje, é difícil me manter firme, manter a chama da vontade de ensinar e aprender acesa, mas é preciso, meu amigo, é necessário fazer a diferença, ser resistência. As muitas diferenças possíveis e imagináveis, permitiram que um desgoverno acontecesse, e além disso, conseguimos perceber que muitas pessoas tem pensamentos elitistas e preconceituosos. Por outro lado, meu caro, outros, como eu, permanecem aqui, em busca de melhores tempos, usando a arma do ler e escrever.

Nossas escolas precisam cada vez mais assumir uma postura crítica, formando cidadãos cada vez mais conscientes dos seus direitos e que não aceitem faz de conta, ou menos do que merecem, compreendendo a lógica neoliberal.

Preciso dizer-lhe, também, que sinto um profundo contentamento ao ler seus livros e me parecem tão atuais. Mestre, o quão é difícil ser professor e amar a profissão, mas por vezes se ver descaracterizado e por isso sentir-se ínfimo. A busca é por não deixar que sejamos e sejam nossos próximos, só números, mantendo a chama da vontade por mudança acesa, a chama que acredita que a educação pode mudar muito e tudo.

Finalizando, digo-lhe que se oportunidade tivesse, diria (não se adiantaria) a todos os governantes, detentores de poder e disponibilização de recursos que estes sujeitos, envolvidos no processo de ensino aprendizagem precisam de mais, é seu direito receber mais; me arriscaria a dizer que quem sabe a economia pudesse estar melhor se maior instrução o povo tivesse... Suposições que eu verdadeiramente acredito e espero que você também.

Até breve.

São Paulo, junho de 2021

Referência

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

Diálogos disruptivos e... encantadores

Heitor Gularte¹

Caro Professor Paulo Freire, Permita-me, de plano, proceder à devida apresentação: meu nome é Heitor Gularte e sou professor de direito há mais de 20 anos. Escrevo-lhe, e já adianto, tendo duas singelas pretensões, ou, quem sabe, motivações. A primeira, resta subsumida em uma paradoxal constatação: somente agora tive contato com sua obra. Tal confissão se impunha, quer por honestidade acadêmica ou até mesmo por humildade intelectual.

O paradoxo referido, contudo, repousa no fato de que o contato mencionado é, realmente, recente, mas o seu efeito, ao reverso, é poderoso, se afigurando, ao que se pode perceber, duradouro e transformador.

Não temi, também confesso, qualquer repreensão ou quiçá desaprovação atrelada a reconhecida condição de neófito. Lembrei isto sim, situação encorajadora, de uma entrevista sua, relatando o desejo inicial, em sendo advogado, de fazer carreira no âmbito da magistratura, quando, ao depois, felizmente para a humanidade, tornou-se esse grande educador e/ou pensador.

Vinculei, em juízo de cognição sumária, essa mudança de percurso vocacional a situação hoje por mim experimentada, da qual, meu querido professor destinatário, és o principal artífice.

¹ Bacharel em Direito, professor dos cursos de Direito e Comunicação Social (Publicidade e Propaganda e Jornalismo) na URCAMP-Bagé, mestrando em Ensino no Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa-Bagé-RS. No mestrado desenvolve a pesquisa intitulada: Cartas Pedagógicas: possibilidades e limites na avaliação da aprendizagem no Curso de Direito, sob a orientação da professora Ana Cristina S. Rodrigues.

Explico: conhecendo sua obra, no âmago de um célere e singular processo de “apoderamento”, ainda numa espécie de recorrente exercício de resgate do tempo perdido, como se fosse isso possível, encontrei uma ressignificação na carreira de docente, com novas vontades, reinventadas através de outros fazeres e saberes.

Esse processo, fecundo e produtivo, está consubstanciado na descoberta das Cartas Pedagógicas. O efeito é tão forte e transformador que, sob certo aspecto, se afigura, disruptivo, sobretudo, hoje, referentemente aos meus estudos e objetos de pesquisa.

Guardo, sem dúvidas e nem poderia ser diferente, as experiências desse anterior percurso formativo, mas a apropriação das Cartas, em qualquer das suas formas de utilização, e, em especial no dia dos namorados, configura-se um processo encantador, apaixonante, remetendo à sua própria fala Professor: de que a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

Mas há mais, como antes referido, são duas as pretensões. A segunda, que passo a explanar, dialoga também com o Universo de utilização das Cartas Pedagógicas, agora num exercício proposto com um amável grupo de colegas, cujo mencionado tema é a fonte maior a inspirar nossos debates.

Devo, neste segundo momento, expor minhas impressões acerca da obra de Edgard Pereira Coelho (Pedagogia da Correspondência), em recorte particular, no tocante aos capítulos iniciais. E aqui Professor e querido destinatário, de tudo que fora explanado pelo aludido autor, extraio, mais precisamente da página 21, passagem em que seus amigos falam da sua vontade de virar o milênio.

Este é o mote que escolho para estabelecer o presente colóquio, nossa conversa por assim dizer. Sem dúvida, posso afirmar, que o Senhor Professor Paulo Freire, inobstante não tenha presenciado o terceiro milênio, porém, o representa como poucos.

Dizem os antropólogos que esse é o milênio do agrado. Da conquista, daqueles que são bem-sucedidos à medida que priorizam a levar a bom termo as relações interpessoais.

Suas cartas, professor, numa análise particular, em processo de permanente provocação, são a expressão pragmática das valências exercitadas pelo homem do terceiro milênio, com significâncias e significados, sem descuidar

de um estudo sério e do devido rigor científico, quando necessário, aptas, portanto, ao fim colimado de estabelecer um permanente diálogo com o mundo, cuja importância epistemológica e o respectivo legado são tão indúvidos quanto reconhecidos.

Não olvide, e assim espero, que os termos desta carta expressem, mesmo que de forma singular e com uma proposital e indisfarçável condição carinhosa, típica e fruto da natural admiração dos fãs, o portentoso espectro de sua obra e seu correlato efeito multiplicador. Ou seja, espero ter sido justo com a dimensão de sua importância e significado Professor, a final, como dizia Vitor Hugo, ser bom é fácil, difícil é ser justo.

Com um fraterno e inspirador abraço, de quem a passos lentos, mas significativos vem aprendendo a se auto(trans)formar!

Bagé (RS), junho de 2021

Venceremos

*Adriana Pellanda Gagno*¹

*Luiz Carlos Paixão da Rocha*²

*Luriana Bovo da Silva*³

Querido Professor Paulo Freire,

*escrevo com a tua vida e com a minha,
com o teu amor e com os meus
(Pablo Neruda)*⁴

Que honra termos a oportunidade de expressar nossa admiração e reconhecimento pela sua trajetória e obra, em seu centenário de nascimento!

-
- 1 Professora de Psicologia no Instituto Federal do Paraná (IFPR). Psicóloga e mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), doutora em Educação (UFPR). Integrante da Coordenação do Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, projeto de extensão organizado por um coletivo de educadores do grupo sindical APP Independente; do IFPR e da UFPR. E-mail: apgagno@gmail.com
 - 2 Professor da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Graduado em Letras - Português pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e mestre em Políticas e Gestão em Educação (UFPR). Integrante da Coordenação do Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, projeto de extensão organizado por um coletivo de educadores do grupo sindical APP Independente; do IFPR e da UFPR. E-mail: rochalp@uol.com.br
 - 3 Graduanda em Ciências Econômicas (UFPR). Integrante da equipe de apoio à Coordenação do projeto de Ciclos de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire. E-mail: luribovos@gmail.com
 - 4 Tradução livre, feita pelos autores, de trecho do poema Oda al hombre sencillo, de Pablo Neruda, publicado no livro Odas elementales, Barcelona: Editorial Planeta, 1954/1993.

Com alegria, queremos lhe contar sobre o percurso do nosso coletivo, que se inspirou em seus escritos para fomentar a formação humano-pedagógica, em um projeto de extensão intitulado *Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire*. Este projeto constitui a nossa maneira de manter vivo o seu pensamento e reinventá-lo no cotidiano. Trazemos, então, um breve relato desta ação, que articula várias pessoas e instituições, como nossa humilde homenagem, em seu aniversário.

Somos educadoras e educadores do Paraná, vinculados a escolas públicas de diferentes níveis de ensino - do grupo sindical de trabalhadores da educação da rede estadual do Paraná APP Independente; do Instituto Federal do Paraná e da Universidade Federal do Paraná⁵. Nos encontramos na luta pela educação pública de qualidade e pela democracia, e fomos nos articulando para promover a organização de grupos de leitura de seus livros!

Partimos, portanto, da leitura e do estudo coletivo dos seus livros, para oportunizar o desenvolvimento das pessoas e das comunidades onde elas estão inseridas. Buscamos contribuir para o fortalecimento pessoal, dos grupos e organizações envolvidos, em especial das escolas públicas.

O I *Ciclo* teve início em agosto de 2018, após um Simpósio que realizamos em comemoração aos 50 anos de publicação do seu livro *Pedagogia do Oprimido*. Foram 46 grupos de leitura e estudos organizados em 32 cidades do estado do Paraná. Aproximadamente 600 pessoas participaram deste *Ciclo*, que foi encerrado com a realização de Simpósios Regionais, onde os(as) integrantes dos grupos apresentaram suas experiências e compartilharam reflexões sobre as leituras realizadas, a partir de suas vivências humano-pedagógicas. Neste *Ciclo*, cada participante teve a oportunidade de ler um dos seus livros indicados pela Coordenação do projeto. Foram indicados seis livros de sua autoria: *Pedagogia do oprimido*, *Educação como prática da liberdade*, *A importância do ato de ler*, *A educação na cidade*, *Pedagogia da esperança* e *Pedagogia da indignação*.

O II *Ciclo*, realizado de setembro de 2019 a abril de 2020, foi organizado a partir da leitura de um único livro: *Pedagogia da Autonomia: saberes*

5 Integram a coordenação deste projeto: Bernardo Kestring, Luiz Carlos Paixão da Rocha e Pedro Elói Rech, da APP Independente; Adriana Pellanda Gagno do IFPR Campus Curitiba; Geraldo Balduino Horn e Maria Aparecida Zanetti da UFPR.

necessários à prática educativa. Contamos com a participação de mais de mil pessoas, contando com 87 grupos de leitura, distribuídos em 45 cidades, sendo 44 no estado do Paraná, e um em Goiás.

O III *Ciclo*, que iniciamos neste ano de 2021, celebra o centenário do seu nascimento. Este *Ciclo* conta com grupos de leitura e estudos em 15 estados brasileiros, em dezenas de cidades, tendo também alguns participantes que residem em outros países (Inglaterra, França e Portugal), formando 164 grupos. Estamos lendo o livro: *Educação como prática da liberdade*. Diferentemente dos ciclos anteriores, este tem se realizado de forma online, em razão da pandemia que estamos atravessando. Como metodologia de socialização de experiências vividas e das leituras realizadas utilizamos a troca de cartas entre os grupos participantes do ciclo. Somos cerca de 1300 pessoas lendo sua obra, distantes fisicamente, mas conectados por um objetivo em comum, refletindo conjuntamente e compartilhando ideias com outro grupo. É muito bonito e gratificante acompanhar a interação entre os grupos, os participantes relatando suas histórias de vida, destacando ideias do livro e indicando novas referências de leituras, músicas e poemas.

Um aspecto que destacamos na metodologia adotada nos ciclos é o trabalho autogestionado dos grupos, a partir de orientações da coordenação do curso. Cada grupo organiza a sua própria dinâmica de funcionamento, as datas e os horários dos encontros. Buscamos estimular a autonomia dos docentes e demais participantes dos grupos de leitura e estudos, ao fomentar sua auto-organização.

Como vê, houve uma procura crescente de pessoas desejando participar de nossos ciclos formativos. Alguns em busca do primeiro contato com a sua obra; outros já especialistas, incansáveis em estudar e compartilhar suas ideias.

Enfim, para nós a experiência de coordenar um projeto com essa dimensão em tempos tão difíceis tem sido um presente de vida, e um marco em nossa trajetória profissional.

Estamos encantados com a atualidade de sua obra. Quando o senhor esteve por aqui, em seu ciclo de produção e reprodução da vida enfrentou a injustiça social, o coronelismo político, a ditadura militar, a perversa concentração de renda e um profundo quadro de pobreza material de boa parte

da população brasileira. Através da educação pode questionar essas mazelas e apontar a importância de um projeto emancipador do ser humano. Inseriu a educação em um projeto civilizatório global, de valorização da vida e da humanidade.

Sua presença física na terra findou-se há algum tempo, mas o seu legado, o seu modo de encarar a vida e as pessoas continuam nos movendo e dando força e alento para continuarmos a nossa travessia. Nosso alento é a esperança do verbo esperar. É saber, como bem o senhor disse, que o ser humano é um ser inacabado e que o mundo não é, está sendo. É essa dimensão e compreensão da vida acalentada pelo senhor que nos faz não desanimar da resistência, do sonho e da ousadia de lutar. Muito obrigado por fazer o nosso projeto cotidiano de existência ter mais sentido e gosto.

Iniciamos este diálogo inspirados pelo poema *Ode ao Homem Simples*, de Pablo Neruda, que foi o mote para a primeira carta trocada entre os grupos de leitura no nosso *Ciclo* deste ano, e com ele também nos despedimos. Com otimismo crítico, afirmamos: “os mais simples, nós, venceremos”!

Um grande abraço, com esperança sempre.

Coordenação do projeto de Ciclos de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire.

Curitiba (PR), junho de 2021.

Unir e Re-existir

Grupo de Leitura e Estudos de Cascavel (PR)¹

Humilde Senhor Paulo Freire, Somos mulheres e homens que escolheram trabalhar e atuar nas mais variadas áreas da educação, porque há muito tempo acreditamos na educação pública e de qualidade como uma forma de melhorar esse país e a vida tão árdua deste povo que resiste. Resiste com todas as suas forças à pobreza, ao abandono, à exclusão, à violência e sorri com o olhar instigante de um estudante que “ousa” tecer comentários, construir raciocínios, pegando os conhecimentos oportunizados em uma sala de aula simples, muitas vezes esteticamente feia ou em condições precárias. E ousa mais ainda, compreende sua realidade e vai adiante, “sonha”, pega sua história nas mãos e segue em frente seu caminho como ser histórico.

A cidade em que vivemos e produzimos nossa sobrevivência, Cascavel, no Estado do Paraná, é marcada pelo conservadorismo, pelo ultraliberalismo e uma visão de cidade que desprivilegia a classe trabalhadora e a coloca às margens da prioridade do desenvolvimento. Aqui, o que interessa para o sucesso dos negócios são os latifúndios e a destruição da natureza e da vida. Resumidamente, uma cidade que se constituiu sobre a exploração do trabalho rural e de cooperativas do agronegócio e formou politicamente nosso povo para a submissão às tradições de forma não crítica. Por aqui, por exemplo, elegemos “bolsonaros” com 70% dos votos e fazemos experiências

1 Integrantes do Grupo de Leitura e Estudos de Cascavel (PR), participante do III Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, que está sendo realizado durante o ano de 2021. O Ciclo de Leituras é um projeto de extensão organizado por um coletivo de educadores do grupo sindical APP Independente; do Instituto Federal do Paraná e da Universidade Federal do Paraná

de laboratório com a vida de trabalhadores da educação e de estudantes, apenas para manter a vida do mercado.

Neste contexto, vemos uma progressiva destruição de direitos sociais e, com uma conhecida agenda destruidora, não temos tempo de nos rebelarmos, gritar forte, ir para a rua, disparar nosso descontentamento, estamos todos mordendo um fruto amargo e não podemos cuspir. Até porque, para agravar mais ainda todo o caos no sistema, veio, no início de 2020, a pandemia do coronavírus que tem assolado a humanidade. Muitos dos nossos melhores estão perdendo o estímulo para a luta. Não havendo alternativas a não ser para expor as chagas abertas de uma sociedade que esconde o grito sob a máscara de proteção, porém ousamos nos organizar nos espaços possíveis. O poema de Geir Campos, vem ao encontro de nossa difícil “tarefa”, de “Morder o fruto amargo e não cuspir / Mas avisar aos outros o quanto é amargo [...] / Sofrer o esquema falso e não ceder / Mas avisar aos outros o quanto é falso [...]” (CAMPOS, 1981).

Em tempos de desesperança, não nos resta outro caminho senão esperar. Em tempos de carestia de alimento, educação e humanidade, só nos resta unir para resistir, e o III Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire nos traz essa oportunidade, que nos possibilita refletir junto com os nossos pares, a importância da educação. Mas o mais importante, que esses encontros nos possibilitam despertar o valor de continuar a semear a esperança, para que possamos, contigo estimado Paulo, “reinventar o mundo”.

E é dentro desse contexto que este grupo de pessoas que aqui vos fala busca afirmar-se e fortalecer-se. Não anda fácil! Mas confessamos que encontrar nossos companheiros, nesse momento, é quase uma questão de sobrevivência, não só física, mas também de ideais e de resistências. Por isso, esperamos quando nos encontramos para, coletivamente, pensar o mundo e nossas práticas, com o objetivo do bem comum. E lembrar-nos sempre de que: “se a educação não pode tudo, alguma coisa de fundamental ela pode” (FREIRE, 2004, p. 112).

Vamos esperar juntos?

De seus estimados companheiros/camaradas,

Adriana Maria Meneghetti, Valesca Folha de Souza, Conrado Pereda

Minucelli, Veronice Suriano Alves, Jocimar Bertelli, Viviane Bordin Luiz, Ireoniva de Jesus Vieira da Silva, Rafael Gil Ferques, Raissa Caroline Gallego.
Cascavel (PR), 16 de maio de 2021.

Referências

CAMPOS, Geir. **Tarefa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Havia outros caminhos e sonhos

Aline Maria da Silva Gabriel¹

Caros colegas,
É com muita alegria e estima que venho por meio desta relatar uma das minhas aprendizagens com o legado Freiriano por meio do curso de extensão Paulo Freire: “cartas a quem ousa ensinar”. Dois motivos me fizeram participar deste minicurso ministrado remotamente pelo Prof. Dr. José Luiz Ferreira (UFCG/CH/UAEEd). O primeiro foi em decorrência da minha falta de conhecimento sobre o autor, mas saber que ele e seus escritos foram, e ainda são, de suma importância para quem faz educação. O segundo motivo foi por causa de duas queridas amigas minhas, que disseram que seria ótimo se nos inscrevêssemos. Os únicos contatos que tive com as obras de Freire foram; uma frase de camisa de terceiro ano do ensino médio que dizia “Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes (1987, p.68)”, o livro *Pedagogia do Oprimido* que ganhei em um sorteio no primeiro dia na universidade e *Pedagogia da autonomia*, que estudamos em uma disciplina no segundo período de Pedagogia. Mesmo assim, ainda eu não o conhecia de fato, eu não sabia que ele era meu conterrâneo, não sabia que ele teve uma vida humilde cheia de dificuldades... Até começar o curso de extensão. Eu sabia de algumas facetas de seus pensamentos, sabia que ele foi, é e será criticado, mas não sabia bem a razão.

Depois do primeiro encontro, quando eu soube que conheceríamos um de seus livros e que era em formato de cartas eu fiquei mais animada, pois se tem uma coisa que gosto, é escrever cartas. Eu não estava errada, a maneira como

¹ Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) mail: alinegabriel2000.silva@gmail.com

Freire escreve, simples e com clareza, mas também com poeticidade é de uma lindeza sem igual. Também tem aquela sensação de que ele escreve diretamente para cada um dos leitores, o que nos aproxima mais dele. No segundo livro que discutimos, mesmo Freire escrevendo para sua sobrinha Cristina, a sensação ainda persiste e ousou dizer que ainda mais forte. Nas cartas lidas, pude me aproximar mais da pessoa Paulo Freire e não do autor/pensamento. A cada carta que lia eu ficava mais encantada com as reflexões que Freire me levava a pensar, como ele fala sobre as coisas cotidianas, que nunca parei para refletir, que estão cheias de uma razão de ser. Uma coisa interessante que aconteceu comigo foi que após cada carta lida, a cada descoberta, a cada conhecimento, eu comecei a ver Freire em tudo na minha vida. Então, toda vez que algo acontecia eu olhava para minha irmã e dizia: “Freire escreveu sobre isso, é impressionante como ele escreveu sobre tudo!”. Comecei a refletir mais sobre o que eu fazia, sobre o que pretendo fazer, sobre que tipo de docente serei. E confesso que tenho medo de não conseguir ser uma professora que respeita as diferenças, que entende o aluno, a aluna e suas particularidades, que sabe falar, mas também ouvir e aprender com o outro. Eu sei o que devo fazer, mas como o próprio Freire diz em *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 1992) a mudança na compreensão não significa a mudança no concreto. Por isso, tenho medo de ter a incongruência na teoria-prática, de não ser capaz de ser e formar sujeitos críticos. Entretanto, não deixarei que esse medo me paralise, que me impossibilite de lutar e resistir, pois como Freire bem discute (1997) a questão não é negar ou fingir que o medo não existe, mas sim, não permitir que ele nos paralise.

Mas enfim, foi indagado no curso qual significado dos encontros do curso, qual impacto as cartas tiveram sobre mim e como a teoria de Freire estará presente em minha prática. Pois bem, aqui digo que esse curso, além de me ajudar a passar pelo momento difícil da quarentena, ele foi riquíssimo para minha formação profissional, pois me levou a acreditar mais nos sonhos, no desejo de uma humanidade melhor. Saber que Freire, mesmo passando por momentos difíceis na infância, os quais também passei, na adolescência e na fase adulta e mesmo assim não caiu no fatalismo, me fez perceber que ainda temos esperança, e tudo está em nossas mãos. Foi a partir da leitura do livro *Cartas à Cristina*, na qual Freire (2020) diz que o futuro depende do

presente e que ambos são tempos em construção, que percebi o quanto devemos buscar no hoje a realização dos nossos sonhos do amanhã, pois nada cai do céu. Hoje, devo isso a Freire e a leitura das suas obras, eu busco pensar mais sobre as coisas que faço de uma forma crítica. Antigamente eu tinha pensamentos machistas e alguns até racistas, ainda continuo a tê-los, mas depois que os tenho, sinto vergonha de mim mesma por ter pensado tamanho absurdo. Espero um dia não tê-los mais. Quando isso acontecer, eu sonharei mais alto e desejarei que outras pessoas não os tenham, pois é aí que teremos uma sociedade verdadeiramente democrática.

Agradeço cada encontro realizado, encontros leves, divertidos e emocionantes. Tenho certeza de que cada carta tocou cada um dos cursistas de maneiras diferentes, mas de forma muito profunda. Uma das cartas que mais me tocou, me fez chorar em silêncio e parar para refletir sobre minha infância, foi a primeira carta do livro *Cartas à Cristina*, intitulada “*A fome na minha infância: Em tenra idade já pensava que o mundo teria de ser mudado*”. Nessa carta me senti muito próxima da pessoa Freire, mais do que poderia imaginar. Nela ele narra sobre sua própria infância, permeada de dificuldades, de fome. Mas isso não o deixou desistir nem cair no fatalismo, mas, o forjara em uma curiosidade e esperança diante do mundo que parecia perdido.

Então eu digo que, diante das barbaridades que estão acontecendo atualmente, não deixemos que as pessoas se alienem e caiam no fatalismo. Se a democracia é possível, que trabalhemos para que no futuro a tenhamos da melhor forma possível. Que reflitamos criticamente sobre nossos atos, sobre nossa prática, sobre nossos discursos e também sobre os dos outros. Que ponhamos em prática a empatia, a tolerância, o amor ao próximo, a democracia.

Hoje vejo que minhas vivências, minhas experiências de vida estão estritamente ligadas a uma coisinha chamada desigualdade social. Tá, mas porque você está falando do sistema? Ora, por que tem tudo a ver com Paulo Freire, como já dito um conterrâneo, que não conheci em vida, porém graças ao curso de Pedagogia e ao curso de extenso, conheço boa parte de suas ideias, de seu legado. Um pensador brasileiro que sentiu na pele o que é e como se dá a desigualdade. Mesmo assim, não desistiu da educação, não caiu no fatalismo. Reportando-me à minha história, vejo que o que vivi me serve de base para eu entender melhor os sujeitos com os quais conviverei em sala de aula. Isso

porque, Freire está me guiando para uma educação que eu até então nem sabia que estava em falta, pois a minha ideia de educação estava pautada nas minhas experiências. Eu percebia que era falha, mas não entendia que havia outros caminhos que poderia seguir. Atualmente, tenho uma consciência muito mais ampla, o curso de Pedagogia está não só me formando para o trabalho, mas está me transformando em um ser humano melhor. Espero poder, por meio da educação, transformar meus alunos em sujeitos melhores também.

Conhecer Freire inicialmente através dos livros, de pessoas que o admiram e posteriormente através do curso de extensão, foi uma das melhores coisas que poderia ter acontecido em minha curta vida. Foi por ele e através dele que saí de uma bolha que eu nem sabia que estava. Ele me apresentou a vida real, abriu meus olhos para o mundo, e eu nunca serei capaz de agradecer adequadamente. Digo mais, foi Paulo Freire quem me fez apaixonar-me pela educação e acreditar que ela pode, sim, ser a melhor “arma” contra a ignorância, contra as desigualdades, conta as injustiças.

Recordo-me de como fiquei chocada ao lê-lo pela primeira vez, senti como se o mundo estivesse até então nublado e naquele momento ele, enfim, desanuviou-se. E isso foi em meu primeiro contato com ele, um ano depois me inscrevi em um curso que trabalha algumas de suas obras e ainda não deixo de chocar-me com a crueldade da humanidade. Do fato de que, é impressionante que uma obra escrita em um contexto diferente há anos atrás, caiba perfeitamente nos momentos atuais. Também que em meio a tantos sofrimentos e desgraças sociais ele ainda acreditava na educação, e nos leva a acreditar também.

Pensando um pouco, caros colegas, cheguei a conclusão de que todo e qualquer ser humano deveria conhecer Paulo Freire, pois ele não é contra nós, muito pelo contrário, ele é por nós. Pensar em uma educação libertadora, que leve os sujeitos a refletir sobre o mundo em que vivem e sobre suas ações sobre ele é pensar em uma humanidade melhor, democrática e sonhadora.

Lembro-me e ainda me emociono com uma reportagem que assisti há alguns anos atrás, na qual uma menina é indagada acerca de seus sonhos. Uma criança pobre, do subúrbio que às vezes nem tinha o que comer, respondeu: “Eu não sonho”. Então, que mundo é esse que tira os sonhos das crianças, tira sua alegria e as esmaga? É o mundo em que vivemos.

Eu lhes digo, eu não quero mais esse mundo, nem para mim nem para as gerações futuras. Mas também tenho medo, tenho receio de não conseguir mudá-lo nem que seja uma mudança ínfima. Carrego comigo a esperança, mas também o temor de que na hora da luta, eu me acovarde. Mas enquanto a esperança viver em mim sei que haverá *esperança*.

Caros colegas, me despeço com enorme alegria, pois sinto como se acabasse de ter tido uma agradável e longa conversa com vocês.

Esperançando um mundo novo,
Casinhas (PE), 24 de abril de 2021.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'gua, 1997.

FREIRE, P. **Cartas à Cristina [recurso eletrônico]: reflexões sobre minha vida e minha práxis** / Paulo Freire; organização Ana Maria Araújo Freire. 1 ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2020. (Recurso digital)

A palavra-chave é: esperar

Thays de F. Botelho¹

Isis O. de Sousa²

Amigo Paulo Freire, estamos aqui em 2021 esperando que a escola valorize a diversidade humana, mas está extremamente complicado ser educador progressista nos dias de hoje. Vivemos as dicotomias impostas pelas estruturas neoliberais que por um lado nos exigem formar pessoas críticas e reflexivas, mas por outro nos pede para seguirmos trabalhando para o desenvolvimento de competência e habilidades que atendam às necessidades do capital e não as necessidades humanas.

Vemos que muitos companheiros perderam a força e o ânimo para lutar contra as estruturas injustas de um sistema educacional que se diz inclusivo, porém continuam colocando jovens e crianças enfileirados em salas que mais parecem uma indústria por conta da sua dinâmica rígida do que uma escola que valoriza os diferentes tipos de saberes. Observamos coordenadores e diretores escolares que não conseguem atender as necessidades específicas dos seus professores e estudantes, porque órgãos centrais que pensam nas

1 Possui graduação em História pela Faculdade Anhanguera; Pós-graduação em Educação Especial - Deficiência Intelectual – Claretiano, Pós-graduação em Educação Especial – TEA – UNESP, Professora de Apoio e Acompanhamento a Inclusão no CEFAI – DRE Campo Limpo. E-mail: thaysbotelho1605@gmail.com.

2 Possui licenciatura plena em Letras pela Anhanguera; Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Pinhais – FAP; Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. E-mail: isis.sousa@unesp.br

políticas educacionais estão mais preocupados em justificar a ineficácia do sistema transferindo cada vez mais a responsabilidade para as unidades escolares e se negando a refletir sobre os caminhos adotados pelo sistema que já provou que possui suas fragilidades e necessita de reflexões e ações rápidas.

Querido Paulo, apesar de tudo continuamos sonhando com uma escola com mais pedagogia e menos burocracia. Ah meu amigo, sonhamos com uma escola sem portas fechadas para a diversidade humana na qual não precisaremos saber se o estudante tem ou não deficiência, onde todos tenham o direito à uma educação voltada as suas potencialidades e que as desenvolva em sua plenitude. Como será bom o dia em que as pessoas valorizarem cada um a partir do que realmente são e não por meio de laudos; como será bom o dia em que os interesses políticos não se sobrepuserem à educação, será esplêndido!

Sonhamos, assim como você meu querido amigo, com uma escola que forme pessoas questionadoras, sujeitos críticos formadores de opinião. Às vezes nos pegamos vagando em nossos pensamentos questionadores: será que as pessoas que insistem em um sistema que valoriza a meritocracia estão realmente preocupadas em romper as estruturas existentes na educação capitalista? Enquanto nossos companheiros estiverem alienados neste movimento de atingir resultados impostos pelo sistema que insiste em provas externas para classificar as escolas sem refletir sobre a importância de sua função, de sua formação para a vida dos estudantes, infelizmente continuaremos com um ensino ineficaz, escolas intituladas inclusivas, mas que em suas ações permanecem excludentes e classificatórias. Sentimos que precisamos despertar deste movimento alienante, não podemos continuar aceitando que as escolas se tornem laboratórios a serviço de organizações que não valorizam a vida em sua totalidade.

Por fim, querido mestre, percebemos que estudar tem sido perigoso, em tempos como os atuais em que a banalidade está sobrepondo ao saber, e as preocupações são maiores com as vestimentas dos nossos estudantes em detrimento aos valores que atribuímos nas relações pessoais construídas nos espaços escolares. Como é triste perceber que, após quase dez anos como professores, valorizando e buscando os mesmos ideais que você meu amigo tanto defendeu, lutando e sonhando por uma educação emancipatória para as

classes populares, agora somos tachados como rebeldes e comunistas, além de outros adjetivos que você conhece bem.

Mas de qualquer forma querido companheiro, saber que estamos do lado oposto aos que defendem as atrocidades ocorridas nos últimos anos nos permitem deitar e dormir o sono dos que lutam por justiça e igualdade. Seria muito ruim as pessoas que amamos não saberem das nossas escolhas políticas pela vida, pela educação e pela ciência. Como você mesmo sabe, não dá para nos calarmos diante de tantos absurdos. O silêncio é a arma que os covardes utilizam para se eximir das suas responsabilidades com a vida humana.

Nos despedimos com a esperança que logo tudo isso acabará e que veremos suas teorias ganhando corpo nas escolas da periferia da maior cidade do país pelas ações de nossos colegas professores, amigos que lutam diariamente por uma educação libertadora.

Um fraterno abraço cheio de saudades,
São Paulo, junho de 2021

Um semeador de esperanças

Silvano Fidelis de Lira¹

Patrícia Cristina de Aragão²

Querido Paulo!

Paulo, através de seus escritos percebemos o quanto temos em comum, ao pensarmos numa educação renovada, ressignificada, pautada na autonomia dos sujeitos educativos, no reencantamento do aprender e no despertar contínuo de nossas crianças em suas criatividade. Uma educação renovada em que os princípios da ética, cidadania e dos direitos humanos sejam respeitados e reiterados, fazendo-nos pensar que uma educação dialógica principia a formação de um sujeito pleno em seus saberes e sua relação com o mundo, com o contexto, com a vida.

Suas obras, *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia da Esperança* nos fazem acreditar que, de alguma maneira, veremos nosso sonho ser real, então sigo pensando na autonomia dos educandos e na esperança de uma educação cujo alicerce seja a prática da solidariedade, da amorosidade, da liberdade. Liberdade de ser, liberdade de aprender!

Se esperar é uma palavra plantada nos seus escritos, ela também nos move a construir esperança em tempos em que as incertezas dominam a cena do nosso viver. Tempos profundamente áridos, onde vidas humanas se perdem a cada dia, no corredor da morte, tempos de enfretamentos, de ameaça à democracia que o Brasil tem passado.

Momentos que considero delicados, para o reavivar os direitos humanos, onde se tem fecundado ódio ao invés de amor, em que a ausência profunda de

1 Graduado em História (UFPB) e Mestre em História (UFCG).

2 Professora de História da Universidade Estadual da Paraíba.

empatia humana, tem sido um contínuo. Diante deste cenário desolador, nos voltamos para o trajeto de seu pensamento, de sua maneira de ler a realidade social de nosso país pela educação e congregar possibilidades, abrindo espaço para que os sujeitos se anunciem no mundo a partir de sua própria interpretação deles. Suas palavras eivadas de sentido, de propriedade humana, de humanização é sempre ensinamento em tempos de turbulência social, política, de crises e adversidades.

Pensar a educação se tornou algo necessário, algo que precisamos fazer em nome de dias melhores, pensando a reelaboração da vida, para que gerações futuras, possam ter a garantia de seus direitos sociais e a revalidação destes direitos. O desafio de nossos dias não é apenas viver, mas sonhar, preservar e cultivar nossos sonhos, a escola, a sala de aula não podem ser apenas espaços de saber, mas vista como espaço de construção da solidariedade humana, da aprendizagem da vida e pela vida, do despertar da união coletiva e pela união coletiva fazer reavivar e reascender os sonhos de lutar por uma vida, um país e um contexto melhor. A escola dever ser portanto, espaço de estimular os sonhos.

A utopia de dias melhores para sempre deve ser regada constantemente, deve ser ressignificada na prática coletiva e na luta e conquista dos direitos sociais, dos valores dentro da diversidade, do respeito ao diverso em sua dimensão, do respeito a todos e todas sujeitos humanos que lutam para sobreviver e viver num mundo multifacetado, em que, de um lado, se convive com a indiferença e. do outro, a possibilidade de unir forças e lutar.

Ah! Paulo, como queríamos que você pudesse visitar e semear cada escola, assim como você fez debaixo daquela mangueira, onde você sonhou e alimentou o sonho de alfabetização! Ainda bem que seus livros alimentam a nossa esperança e abrem leques de possibilidades nos nossos sonhos e vidas. Você nos fez saber que os sonhos são o alimento da vida que precisamos sempre beber nesta fonte da vida chamada tempo, alimentando esperança e esperançar e o que nos move e nos impulsiona.

Falamos tanto em sonhos. Mas e a realidade? A realidade nos permite sonhar. Meu caro Paulo, a gente tem pensado tanto nisso. Recentemente chegamos a desacreditar que o futuro seria bom, mas ao reler suas palavras, percebo que devo persistir e continuar a trajetória da vida, acreditando nas

possibilidades, acreditando que o amanhã pode nos apresentar possibilidades e, nessas condições, reencantar sonhos e esperar é fundamental para nos fortalecer e perceber se o contexto está na contra-corrente de nossos sonhos e esperança, não devemos desistir para continuar resistindo. Resistência é a palavra que deve dominar nossas ações, porque ela nos mostra nos espelhos da vida, a esperança.

Pedagogia da Esperança, que livro lindo! Que texto inspirador! Afirmo que foi ele que nos deu esperança, até mesmo para sentar e ensinar as letras para as filhas, de fazer com que elas tenham esperança. Devemos a você o aprendizado que tivemos e temos. Ele tem nos afirmado enquanto educadores que teimam na boniteza da vida e da educação que possa ser prática de liberdade. Nossa partilha da vida traz um misto de lágrimas, diante do que vivemos, mas também carregamos risos e amizades importantes para minha trajetória enquanto educador e educadora, e seres humanos de busca. Ao escrevermos esta carta meditamos a vida e bebemos na fonte de suas palavras que nos apontam a busca por certezas, mesmo diante de todas as impossibilidades.

Aprender com você é aprender com uma prática de educação que pensar o singular e o plural, o coletivo e o individual, o uno e o duplo, buscar ressaltar que aprender a ler o mundo e as palavras que evocam a partir destas leituras é fundamental para compreender a realidade vivida.

Acreditar que a escola não pode ser uma gaiola, nos permite depreender que ela é espaço de formação, mas também de transformação, não de limitação ou onde se poda a criatividade humana, e isso Paulo é importante tanto na prática docente como na maneira como se pensa a educação.

Paulo, o conjunto de sua obra tem uma capacidade imensa de nos afetar, pela criticidade e sensibilidades humana, pela forma como você conseguiu captar a compreensão do social, pelo entendimento de uma educação que liberta, que forma sujeitos para transformar o mundo e a vida no mundo. Você teve a capacidade de transformar o escrito num diálogo com o corpo e com a alma da gente, quem se abre a ler os textos que você produziu jamais será a mesma pessoa, se reinventa ao compreender o sentido e significado que você queria tecer da educação e das possibilidades sociais que ela apresenta e representa.

Paulo, estamos precisando de novas esperanças, pois temos que exercitar continuamente os verbos esperar, acreditar, resistir, reencantar para não perder a possibilidade de lutar. Ah! Paulo, quem dera você pudesse tocar as pessoas, com a boniteza de suas palavras, que rimam a vida de maneira tocante a alma e ao coração, fazendo-as acreditar que esperar é um verbo, sempre possível.

Escrever esta carta para você, nos permite contar uma experiência, daquelas que transformam e nos fazem crer no poder transformador da educação, naquele poder que você nos ensinou a acreditar. Não o poder que oprime, mas o poder sinaliza novos olhares para as diferentes plataformas da vida, as sensibilidades da correnteza da vida e do viver, um poder que nasce da autonomia e não da prepotência, uma autonomia que se confunde com o ideal de um futuro melhor, que brota do desejo de dias melhores, é como diz a canção: somos desejos de “dias melhores pra sempre”. É isso que nos encanta, Paulo, no que você escreveu, no que pensou e criou. Você nos deu condições de pensar de forma relevante que cada sujeito humano em seu potencial, pode sempre ser mais.

Lembramos que por diversas vezes você nos disse que a educação não pode ser reduzida a um discurso, mas é uma prática, que acontece cotidianamente, com os instrumentos que são dispostos e, mesmo que a realidade muitas vezes seja difícil e adversa, o sonho e a utopia juntos, podem sim regar esperanças.

Você é prova disso, mesmo perseguido pela Ditadura Militar, nunca perdeu perspectiva de semear esperança, e até mesmo hoje, quando imaginamos uma democracia consolidada vemos seu nome usado por negociacionistas e sujeitos que chegaram ao poder através da mentira.

Querido Paulo Freire, acho que ao refletirmos sobre esse contexto precisamos, refletir sobre o poder de suas palavras e a força daquilo que nos foi ensinado. Parece que nem aprendemos suas lições, mas sigamos, estamos aqui tentando resistir, seu nome deixou de ser uma teoria, ou um fundamento teórico de nossas pesquisas. Paulo Freire agora é militância, estampa bandeiras, inspira lutas antifascistas e acompanha nossas lutas, acreditamos que esteja bem satisfeito com isso, era isso que você sempre quis, que a esperança e a luta por uma escola de qualidade e democrática fosse real. Assim, lhe dizemos, a luta continua.

Paulo, você precisava visitar nossas escolas e, principalmente, as escolas do campo, seriam experiências lindas, todas as vezes que conversamos com os professores, com os alunos e com as pessoas dessas comunidades lembro de você, como você gostaria de ouvir os “causos” dessas pessoas e passaria as mãos na grisalha barba ao ouvir as experiências de pessoas cujos saberes e fazeres foram talhados na cotidianidade de uma saber unguído de histórias e memórias de vidas. Pessoas que observam a vida nas coisas simples.

Paulo, você nos inspira e nos aponta para **IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER ... a vida, o contexto e as pessoas. Sua expressão ao mundo da vida foi uma AÇÃO CULTURAL PARA LIBERDADE numa EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE.**

A sua obra é um convite a **EXTENSÃO E COMUNICAÇÃO** para vida, pois, você nos chamou atenção a não ter **MEDO** mas **OUSADIA**, para mostrar a educadoras e educadores que para fazer educação é preciso ter em vista **UMA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA**, uma **PEDAGOGIA DO DIÁLOGO** mesmo em face do **CONFLITO**, que mesmo diante de incertezas é preciso ter em vista a **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**, para que possamos refletir sobre as diversidades pensando a **PEDAGOGIA DA INDIGNAÇÃO** e indignados possamos construir **A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA**, que possamos ser educadores dentro e fora da escola **EDUCADORES DA RUA**, pensando todos, todas e todes sujeitos crianças e jovens que na rua desenvolvem sua vida, no grande telhado da cidade! Que possamos chamar atenção ao **DIÁLOGO** mesmo diante do **CONFLITO**.

Paulo, esta carta que fazemos é um registro sensível de professor e professora que assim como você, que tantas vezes enviou **CARTAS AOS PROFESSORES**, acreditamos na ecopedagogia do fazer humano, na arquitetura de um fazer educativo molhado de vida, com as pulsações da alma.

Vamos que vamos à luta!

Na resistência da reexistência humana pela vida!

Campina Grande (PB), inverno de 2021

Uma missão de amor e de esperançar

Joseilda de Sousa Diniz¹

Mestre Paulo Freire, minhas saudações... Estimado Mestre, eu sou uma de suas discípulas, uma jovem do interior paraibano, nascida em Campina Grande, em meados de maio de 1971, oriunda de uma família humilde, cujo pai é pedreiro, mestre de obras, e a mãe, a melhor merendeira que conheci pela avidez por bem alimentar crianças “famintas” que, diante da pobreza e face às desigualdades sociais, vinham à escola, muitas vezes, no sentido de “meredar”. Até hoje, me emociono, ao pensar nos meus primeiros anos escolares! Ao lembrar da minha mãe, alimentando aquelas crianças e jovens da escola primária na qual estudava. Pois, sem saber, Dona Joselita desenhou minhas primeiras lições de vida: de amor, de dedicação e de empatia face às desigualdades sociais vivenciadas pelas crianças do Grupo Escolar Centenário, localizado no bairro do Catolé, um lado deserdado da comunidade daquele bairro. Aprendi, igualmente, grandes lições de solidariedade, resiliência e “esperançar”. Ao alimentar as crianças, minha mãe deixava transparecer, mas do que sua dedicação e primor no preparar os alimentos. Entrevia-se uma missão, reminiscências de uma dor. Talvez, a dor de um dia ter vivenciado a “privação”; a fome medonha de uma família de nove mulheres, outrora, abandonada pelo genitor.

¹ Formada em Letras pela UFPB, Prof^a e pesquisadora, consultora de cultura, curadora no Museu de Arte Popular da Paraíba – MAPP/PROCULT/UEPB. Mestre e Doutora em Literaturas Comparadas e Estrangeiras pela Université de Poitiers-França.

Enfim, Mestre, a minha história se quer anunciar como uma história de superação, de boas influências e esperanças; todos, desenhados por enfrentamentos de obstáculos, desafios, mas movidos pelo esperar de que só a educação é libertadora e produz transformação no indivíduo. Meus pais contribuíram muito para transformar pelo amor e dedicação todos os obstáculos ao longo do meu percurso. Sim, Senhor! Conseguiram fazer a diferença apesar dos desafios e falta de instrução. Foram perseverantes na crença de que só a educação poderia transformar o cotidiano humilde da família. Com amor, trabalho, fé e solidariedade educaram os cinco filhos, e, também, os agregados que compuseram a família Sousa Diniz. Eles não deixaram faltar o pão de cada dia e não se furtaram em investir nas possibilidades de acesso ao saber e ao conhecimento. O que, desde cedo, me surpreendeu e me orgulhou, Mestre! Como o senhor diria, a chama acesa do “esperançar” dos meus pais fez a diferença. Esperançando e agindo, eles fomentaram o edifício do saber, para eles intransponível. E para seus descendentes, uma oportunidade de ressignificação! Mesmo não tendo estudado, meus pais compreendiam a importância da Educação como instrumento libertador. Sentiam que o investimento na educação transformaria, um dia, a realidade da família e as possibilidades dos seus filhos.

Acreditando nessa premissa, fizeram de tudo ao alcance de suas forças para que os filhos estudassem. Posso dizer, que graças a esse esperar, eu pude conhecer mais sobre o mundo, tendo acesso a conhecimentos e culturas diferentes, daqueles que me habitavam. Aprendi a agir e estar em interação com o mundo de forma respeitosa, criativa e interativa. Apesar de me sentir incompreendida na escola, diante das dificuldades para aprender a ler e escrever.

Os conhecimentos e saberes trazidos na bagagem do meio familiar e que me eram tão naturais e significativos, pareciam não encontrar eco na escola. Os saberes e fazeres não “serviam” como referenciais de construção do meu processo de ensino-aprendizagem na escola. Muito pelo contrário. As riquezas de minhas origens e heranças culturais foram sendo escondidas por não haver validação no espaço escolar e acadêmico-científico. Somente mais tarde, já cursando Letras, me dei conta do melhor em mim; na minha individualidade de sujeito e na riqueza cultural e familiar.

Ao ingressar na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, campus II, atual UFCG, compreendi que não havia lugar para recusa, vergonha, nem resistência aos saberes e fazeres provenientes do mundo oral do qual era herdeira e fazia parte. Toda uma experiência de leitora-ouvinte do cordel, da oralidade latente de uma família predominantemente “de poucas letras”; como insistia em me dizer, o saudoso poeta, José Alves Sobrinho. As “poucas letras” tornaram-se motivos de orgulho e pertencimento, pois eram conhecimentos diferentes do mundo livresco e escolar.

Posso dizer que foi justamente este percurso e formação atípicos que me animavam o espírito, o intelecto, a criatividade e, sobretudo, a avidez de viver, aprender e transmitir os conhecimentos e as experiências compartilhadas, fazendo-me ser, agir e estar no mundo de um modo diferente.

A minha infância, adolescência e parte significativa da minha jovem vida adulta foram plenas de emoções, aventuras e aprendizados. Ler fazia parte integrante de um processo maior e coletivo de memória, do contar de “boca a ouvido”, da repetição, memorização e transmissão de conhecimentos orais, da tradução do experienciado. E menos da leitura do texto escrito e do livro. Eu me sentia um ser, ao mesmo tempo, diferente na minha individualidade de Sujeito, nos sonhos e esperanças. Um ser profundamente conectado com as suas raízes orais, nômades, cuja ancestralidade me unia às etnias formadoras do povo brasileiro na sua multiplicidade de vozes, cores, sotaques, linguagens, ritmos etc.

Na verdade, eu quis começar essa conversa Mestre, no sentido de lhe partilhar dessa minha experiência como leitora-ouvinte, intelectual orgânica, mesmo transitando - ainda e sempre -, entre dois mundos: o da oralidade e o da escrita.

Situar-me como participante ativa de um processo de construção social, cultural, político e intelectual - uma leitora da vida, uma menina que sonhava em ser professora. A jovem que viu no labor dos pais a crueza das desigualdades sociais e a justeza e necessidade de transformação. Só anos depois imbuída desse sonho de ressignificar a minha condição é que me tornei professora e uma leitora de livros, ávida leitora, desengavetadora de histórias de vida, de sentidos, de linguagens. Ao me debruçar sobre a história de vida de meus sujeitos de pesquisa do mundo da oralidade, percebi que

estava buscando compreender igualmente a minha trajetória nesse *entre-deux* mundos.

Tornei-me uma leitora-ouvinte privilegiada de crianças ao ingressar na docência como alfabetizadora das primeiras letras. Senti a angústia e inquietude latentes de não conseguir alfabetizar - a contento - alguns dos meus alunos. E descobrir, impotente, como a escola estava distante dos anseios e realidade desses jovens. Como normalista vivenciei meus primeiros desafios e superação.

Em fins da década de 1980, inícios da década de 1990, participei de um projeto voltado à “Alfabetização dos Excluídos da Escola”, ou seja, voltado às crianças em idade escolar, mas, que por alguma razão, se encontravam “fora” dos espaços escolares. Ironicamente, em pleno século XXI, ainda subsiste este tipo de situação no Brasil, um país desigual, neoliberal que investe insuficientemente na educação e no acesso democrático a inúmeros bens de consumo, dentre os quais, a saúde, a infraestrutura básica à população, assim como, no acesso à arte e aos bens culturais como um todo.

Para a minha surpresa, Mestre, ao lhe escrever estas páginas, voltei no tempo, décadas depois, da experiência infanto-juvenil, no grupo escolar, no qual mamãe era a merendeira, do qual mencionei, no início desta carta. O projeto de “Alfabetização dos Excluídos da Escola” previa a implantação da merenda escolar como “atrativo” para trazer de volta as crianças excluídas da escola convencional. Sem verba para alocarmos nos custos de contratação de uma merendeira, minha mãe aceitou o desafio e veio agir conosco na comunidade do Bairro “Buraco da Jia”, atual Rosa Mística.

Eu e uma colega normalista hasteamos a bandeira do “Esperançar” ao decidirmos - juntas - investir na empreitada do projeto. Percebíamos a grandeza da proposta, no que dizia respeito à inclusão e acesso ao saber e conhecimentos. Mas fomos atropeladas no processo pela burocracia administrativa e descaso institucional dos órgãos envolvidos no projeto.

Resultado: Nunca fomos pagas com a bolsa prometida, nem sequer, os custos de transporte e/ou deslocação. Pagamos para trabalhar, Mestre Paulo Freire; no esperançar de que estávamos contribuindo em uma grande missão que se vislumbra para além dos obstáculos encontrados no percurso.

Felizmente, nossos pais custearam a missão, pelo menos, até onde esta conseguiu se manter e resistir. Porque o esperançar é feito de resistência e resiliência.

Mestre até a merenda das crianças nos foi usurpada, haja vista que enquanto ela existiu, tínhamos a garantia da presença das crianças no local de aulas e trocas de saberes. Manter as crianças no espaço e durante um turno, no qual dedicávamos à partilha e o aprendizado de conhecimentos, experiências, saberes e fazeres se tornou inviável sem o alimento. Como alimentar a alma com a barriga seca? Foi terrível e cruel este aprendizado que se somou a nossa sensação de impotência, Mestre.

Foi nessa época que eu descobria a sua Pedagogia do Oprimido. E com esta leitura a crueza das desigualdades sociais e exclusão dos oprimidos do saber e do conhecimento. Dura realidade que me fez hesitar em ser professora.

O divisor de águas veio quando já cursando a pós-graduação no estrangeiro, pude de retorno ao Brasil, conhecer o grande poeta e cantador repentista, José Alves Sobrinho, meu grande e saudoso Mestre! Um poeta autodidata, um intelectual orgânico, exímio pesquisador da poesia popular, da cantoria e dos saberes e fazeres dos seus mestres. Foi este poeta, um sujeito de mudança na minha percepção do valor da educação, da arte e cultura como ferramentas de transformação na vida dos indivíduos. Através dele e de muitos outros poetas, com os quais convivi, ao longo de décadas, me partilhando e transmitindo seus saberes e fazeres, seus conhecimentos oriundos de uma civilização e culturas orais, que, finalmente, compreendi que ser professor era uma missão maior do que ter um diploma. Era agir e fazer a diferença na vida dos sujeitos que buscavam partilhar e compartilhar experiências. Era o sentimento vivo de amor, de luta e resistência.

Eu consegui Mestre, tornar-me, enfim, professora. Aprendi a amar a pesquisa, a busca incessante e solitária pelo saber, pelos conhecimentos, compreendendo o quanto tudo isso pode ser transformador dos sujeitos com os quais partilhamos e construímos o aprendizado. E mais importante, quando somos igualmente afetados nessa relação de interação e entrega, enquanto sujeitos político-sociais e culturais. Li muito sobre mundos e culturas bem diferentes. Construí, mediante essas imersões intelectuais, conexões simbólicas, afetivas, educativas e pedagógicas, capazes de criar aprendizagens fora dos parâmetros curriculares. Os conhecimentos acadêmicos e científicos ampliaram as minhas relações com o mundo, possibilitando-me o acesso a novos espaços de diálogo e interações, oportunizando e ressignificando a minha

condição político-social, cultural e intelectual. O conhecimento e o status da condição acadêmica abriram-me portas, mas sem dúvida, foram os valores e experiências do mundo da oralidade, no qual me banhei que me apontaram os caminhos e a condição de sujeito transformador do meu entorno.

Ao esperar, Mestre, eu me desnudei do desesperar da vida, dos medos que nos aprisionam e tolhem, das dores advindas de perdas insuperáveis e incompreendidas, de lutas perdidas, mas jamais abandonadas no curso do combate. O seu esperar reaviva em mim a fé, a determinação, a empatia, a solidariedade, o respeito e o amor acima de tudo naquilo que espero como sujeito e educadora.

Com afeto e gratidão, esperancemos dias melhores, Mestre.

Campina Grande (PB), junho de 2021

De andarilhagens e esperanças

Luciana Nascimento¹

Caro mestre Paulo Freire
Começo esta carta para mostrar o quanto o senhor está presente em minha existência como professora e pessoa. O senhor está presente quando ouço Belchior - o seu conterrâneo de região, nordestino de coração selvagem, no trecho: “*Não estou interessado em nenhuma teoria, amar e mudar as coisas me interessam muito mais...*” Que o senhor pensou e criou teorias na educação que mudaram e mudam a realidade de muitas crianças, jovens e adultos.

O momento atual me fez pensar muito e estudar mais o seu legado, o quanto fez e faz pela educação. Esta carta terá um caráter memorialista de uma andarilha, como também o senhor foi pelo Brasil e mundo. Eu apenas por algumas cidades do Brasil, afinal o meu percurso se formou muito pelos seus livros. O senhor se faz presente em minha trajetória de vida, afinal me tornei e ainda me tornarei professora cada vez mais devido aos contatos que tive com seus livros e após alunos e alunas. Contarei brevemente este percurso.

O primeiro contato que tive com o senhor foi através da curiosidade em conhecer o *Pedagogia do Oprimido*, por ouvir e ler a frase mais bem dita sobre a relação do opressor com o oprimido que me fez aproximar. Fazia ainda o curso de ciências sociais pela Universidade Estadual de Londrina,

1 Bacharelado em ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina, licenciada em História pela UNIFRAN. Especialização em Ensino de Sociologia pela UEL e Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política -FESPSP. Professora de filosofia e sociologia em colégio particular de Boituva e História da rede municipal de Porto Feliz.

jamais pensava estar em sala de aula como professora, tinha planos de fazer concursos em outras áreas, mas jamais em educação. Havia a visão de que como professora jamais conseguiria me sustentar.

Quando terminei em 2000 o curso de bacharelado em ciências sociais fui morar em Campinas em busca de trabalho. O primeiro que surgiu foi para trabalhar em um colégio particular para a formação de jovens e adultos. Percebi as diferenças de idades em uma mesma sala e experiências. Apesar de lotada era possível ouvir algumas histórias de vida. Como a de um aluno que gastava horas de ônibus para poder trabalhar e estudar. Ouvi um outro aluno e a sua dificuldade em enxergar as letras da prova, percebi e comentei com outros professores, descobrimos que ele precisava aprender as letras como também usar óculos.

As histórias das alunas casadas que eram impedidas de frequentar o curso pelos maridos. Como também alunos com idade acima de cinquenta que sentiam dificuldade e, portanto, se dedicavam com mais afinco para aprender. Tive aluna poeta, cozinheira, garçoneiro, vendedor ambulante, prostituta e garoto de programa. Enfim, uma infinidade de profissões, mas que apenas buscavam através da educação uma melhoria ou mudança de vida.

Não pude ficar muito tempo neste colégio, acabei adoecendo e sem condições financeiras para me manter em Campinas. Voltei para casa dos meus pais na cidade de Fernandópolis. Tempo que tive para ler e pensar em tudo que vivenciei, como transformar estas experiências em ações. A saúde melhorou, voltei para Londrina, assim começaram as buscas.

Em 2001 através de um convite da professora Raimunda de Brito Batista, participei do projeto laboratório de ensino de sociologia, pesquisas para auxiliar professores do estado do Paraná de outras áreas para o ensinar sociologia, o retorno destas aos conteúdos escolares retirados no período militar. Antes de ocorrer o concurso para a área de sociologia foi passado as aulas para professores com outras áreas de formação, portanto houve a necessidade de laboratório para auxiliar professores e professoras.

Nós, como alunos do projeto, fazíamos a pesquisa para selecionar material de apoio para auxiliar no ensino de sociologia. Um dado momento fizemos a leitura do livro da coleção Primeiros Passos, *O que é o método Paulo Freire?* escrito por Carlos Rodrigues Brandão., assim se fez meu segundo contato e

livro com a sua teoria. Assim, ensinar para mim não pareceu tão técnico, mas sim o envolver-se, dialogar, sentir e aprender, não exatamente nesta ordem, mas algo mais possível e não tão metódico e disciplinador.

O Meu terceiro contato foi em 2002 em um seminário ocorrido na Universidade Estadual de Londrina, organizado pelo curso de pedagogia. No período de uma semana tive contatos com trabalhos, ouvi pessoas explanando sobre ações através de suas teorias. Vi trabalhos utilizando suas perspectivas e pensei em tantas possibilidades e assim *esperanciei* o ensinar. Neste mesmo ano voltei para sala de aula em curso técnico de um colégio particular. Tive contato com jovens e adultos trabalhadores na busca de melhores perspectivas de trabalho. Conheci alunos e alunas dos mais diversos bairros de Londrina e percursos de vidas que se encontravam no terminal central de ônibus para irem ao colégio. Muitas vezes os encontrava e andávamos até o terminal e assim os ouvia.

Fiquei em torno de quatro anos fora da sala de aula quando voltei em 2007. Morava em Aracajú e fui aceita para aulas como tutora do curso de bacharelado em Ciências Sociais em modalidade EAD pela ULBRA. Vivenciei outra realidade com alunos e alunas que tinham trajetórias múltiplas. Alunos que pertenciam ao sindicato da Petrobras, alunas que viviam em assentamento do MST e eram professoras do ensino fundamental. Uma delas o marido não admitia que estudasse e deixasse os filhos em casa com ele. Um juiz aposentado e uma servidora do tribunal de justiça, uma senhora que sonhava em fazer uma faculdade já que os filhos já eram adultos e uma corretora de imóveis. Enfim, uma multiplicidade de profissões e diversidade de experiências.

Foram várias as situações que ultrapassam as paredes da sala de aula, como quando me apresentaram a importância da festa de São João e todas as outras festas do ciclo junino. Aprendi a alegria na boniteza das expressões das danças, comidas, músicas e abraços e desejos que são trocados nestas datas. No dia em que me despedi da sala uma das alunas que era muito séria, veio até mim e disse que faria falta que ela sorria pouco, mas não significava que não gostava das aulas. Aprendi mais ainda que ensinar exige valorizar todos os momentos seja dentro e principalmente fora da sala de aula, a beleza se dá nos encontros.

As minhas atuais “andanças” começaram em 2008 em um colégio particular em Boituva, e em 2018 na rede municipal de ensino de Porto Feliz.

Encontrei alunos e alunas de cinco anos aos 10 anos nas aulas de filosofia, de 14 aos 17 anos no nas aulas de sociologia e de 11 aos 14 anos nas de História. Passei por inúmeras situações e vivências. Descobri histórias ao caminhar com alunos e alunas ao realizarmos projetos fora da escola ou apenas em uma conversa acontecida em um passeio ao parque, museu ou biblioteca.

Em todo o meu percurso pelas salas de aula de alunos e alunas de seis de idade a até sessenta, foi na busca de ouvir, aprender, transformar o ensinar em algo vivo. Muitas das ações que fiz em aulas, projetos, avaliações foram no ouvir alunos e alunas na sala de aula, não simplesmente seguir planos, habilidades, documentos, foi e é uma busca de como alunos e alunas falam, agem e reagem aos conteúdos apresentados.

No ano passado e este fomos tomados por uma pandemia mundial, infelizmente muitas mortes e perdas devido as complicações da covid. A escola obrigatoriamente vazia e apenas contato com alunos e alunas remotamente ou hibridamente. Decretos que mudam a rotina escolar e governantes que não se interessam por pessoas, apenas números e papeis. Acham que resolvem comprando computadores e sistemas de ensino para acontecer o ensino a distância, mas o distanciamento dos governantes em relação a educação já ocorria em tempos ditos normais. O ensino se tornou um sistema de lucros e carimbos, apagaram os alunos e alunas, estes passaram a ser índices e notas. A educação pública tronou-se mais em função da crise do que para mudança, ou na formação da escola cidadã e participativa tão desejada pelo senhor.

Como me disse um aluno do sétimo ano do PEBII, “*viramos quadrinhos, né professora.*” Ele se refere as aulas dadas ao vivo remotamente pelo aplicativo zoom. Ele é um dos poucos que conseguem acessar. Para o senhor ter uma ideia tenho em torno de 120 alunos de sétimos anos, os que conseguem acessar através do celular ou computador são apenas dez. Pensar nesta escola em que grande parte das famílias não vivem em situação precária como outras mais periféricas da rede municipal de Porto Feliz.

Contarei uma outra situação no ensino privado na qual também trabalho. Nos colégios particulares, digo ao senhor que não há nenhum aluno sem internet, sem acesso até mesmo a escola, os donos de colégio particulares pressionam governadores e prefeitos para fazerem professores e professoras irem às escolas e trabalharem mesmo com risco de contraírem Covid. Ocorre,

assim, o aumento do abismo social, a diferenciação entre a escola pública e a privada, a pandemia apenas o abriu mais ainda.

Conto ao senhor que infelizmente hoje fiquei sabendo de mais um aluno que testou positivo para Covid. Torço pelas vidas e o viver deles e delas. Triste ouvir que são uma geração perdida, um determinismo cruel para quem ainda poderá ir além dos conteúdos e apostilas não mexidas em sala de aula. Quando dizem e escrevem isso em jornais e documentos apagam pessoas que existem e são possíveis. Como se estes conteúdos que cabem em gavetas e prateleiras fossem todas as possibilidades de viver de alunos e alunas, como os que estão passando não fosse a imensa mudança em seus aprendizados enquanto humanos.

Enfim voltei a estudar o seu legado com seus livros e ações no ano passado e este para pensar como conseguiu passar por um ditadura, exílio e uma possível redemocratização. Como a educação pública é necessária e a privada poderia ser apenas uma escolha. Como as classes populares necessitam da escola como possibilidade de mudança em tempos tão sombrios em que vivemos, onde o PIB vale mais que a fome de muitos, a doença mais valorizada que a vacina.

Finalizo esta carta agradecendo por seu legado, por me ensinar a *esperanciar* mesmo em momentos que nos leva a desistir. Que o aprender e ensinar vem muito das andanças que fiz com alunos e alunas. Para mudar as coisas é preciso teoria e ação. Enfim, a educação brasileira precisa vivenciar mais as suas obras e ações, torná-lo vivo como o senhor é para mim

Atenciosamente,

Boituva (SP), 15 de junho de 2021

A esperança, essa teimosa

Maria do Rosário Gomes Germano Maciel¹

Aníbal de Menezes Maciel²

Querido Paulo Freire!

Hoje resolvemos nos comunicar com você. Na verdade, adiamos esse registro porque não temos boas notícias, mas como nos lembra Rubem Alves, *Ostra Feliz não faz pérola*. Sendo assim, estamos iniciando essa carta, pois quem sabe entre uma palavra e outra, a angústia, o medo, a falta de perspectiva dê lugar a pensamentos e ações que mobilizem a esperança de que você fala, não aquela da espera, mas a que aciona o verbo esperançar. Esperançar é levantar para construir possibilidades num mundo de incertezas; esperançar é ir atrás, construir, buscar, fazer, não desistir da luta, sobretudo, em prol dos esfarrapados do mundo; esperançar é juntar-se com outros, homens e mulheres, para fazer de outro modo, não é?

Entrelaçados pelos significados atribuídos por você ao verbo esperançar, vemos Paulo que estamos mergulhados em mais uma crise que afeta todas as esferas da vida humana. Meu caro, tu bem sabes que desde a década de 1980 à medida que o neoliberalismo foi se expandindo e o capitalismo financeiro foi se consolidando, o mundo vive em permanente crise. Esta vem

1 Professora efetiva da Universidade Estadual da Paraíba. Pedagoga. Vinculada ao Departamento de Educação da UEPB- Campus I. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Grupo de Pesquisa Tecnologias, Educação, Mídias e Artes - GEPTEMA

2 Professor efetivo da Universidade Estadual da Paraíba. Vinculado ao Departamento de Matemática. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Vinculado ao Programa de Pós Graduação no Ensino de Ciências e Educação Matemática – PPGCEM.

sendo utilizada para justificar os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) e redução de salários.

Por isso, tu sabes que a Pandemia vem agravar uma situação de crise que a população mundial já vem vivenciando, especialmente as desigualdades sociais. Aqui no Brasil, como estratégia para conter o avanço do vírus, adotou-se a quarentena, porém vemos a dificuldade para cumprir essa medida em grupos como: mulheres, trabalhadores informais, os sem teto, as populações em situação de rua, os moradores de periferia das cidades, favelas, os internados em campos de refugiados, os imigrantes indocumentados, as pessoas com deficiência, os garis, as prostitutas, entre outros, que sentem na própria pele a crueldade da pedagogia do vírus, que reforça a injustiça, a discriminação e a exclusão social, aquela que ensina através da morte, como revela Boaventura. Aliado a essa dura realidade, temos um presidente negacionista, preconceituoso, genocida, miliciano que institui o discurso a favor do armamento da população e da destruição da natureza e dos nossos sonhos.

Fazendo esse percurso por essas vielas da atualidade, vemos o aumento assustador de desempregados, da pobreza, da miséria e da fome. Homens, mulheres e crianças pedindo dinheiro nos sinais de trânsito, pessoas dormindo nas calçadas e em prédios abandonados. As vezes, emergem sentimentos de indignação e revolta, principalmente com o clima de ódio e polarização agravado pela dissiminação de notícias falsas, acontecimentos que afastam qualquer possibilidade de diálogo entre diferentes grupos. Preceitos religiosos e uma falsa moral são utilizados para ludibriar as pessoas.

Em meio a essa conjuntura desoladora, caro mestre, chega-nos também, como um raio de esperança, a memória da década de 80, mais precisamente o ano de 1985, quando realizamos juntamente com outros jovens, um trabalho de alfabetização de adultos no bairro da Bela Vista, em Campina Grande, Paraíba com o método Paulo Freire, denominado assim por Brandão. Querido Paulo, essa experiência foi gestada no ventre de uma Comunidade Eclesial de Base. Na ocasião, o bispo Dom Luís Gonzaga Fernandes custeou as despesas com os materiais didáticos.

Gostaríamos de registrar que essa vivência embalou o nosso namoro e que completaremos agora 33 anos de casados.

Nesse período, além do planejamento das atividades, estudávamos algumas de suas obras, a exemplo da *Pedagogia do Oprimido* e *Educação como Prática da Liberdade*. Você fala de forma apaixonante sobre: educação; a relação intrínseca entre ensino e aprendizagem e entre professor e aluno; o diálogo; a problematização, o universo vocabular, as palavras geradoras, a leitura do mundo, entre tantas outras coisas, que nos revelavam o seu profundo respeito pelos conhecimentos prévios dos alunos e alunas, por sua autonomia, seus saberes e cotidiano.

Sendo assim, permita-nos apontar aqui alguns dos seus pressupostos teóricos que balizaram essa experiência.

Estimado professor, durante o processo de alfabetização na Bela Vista, entendemos, que o homem é o sujeito da construção do seu conhecimento. No relacionamento com seus pares, ele ensina e aprende. Mediante a compreensão da sua inconclusão busca conhecer mais sobre si e sobre o mundo. Assim, o conhecimento é concebido como uma produção social, resultante da ação e reflexão (práxis), da curiosidade que em constante movimento sempre procura desvelar o desconhecido.

Nessas trilhas, buscamos no diálogo com os nossos alunos e alunas, vê a curiosidade, como característica humana, o instrumento capaz de sempre estar procurando o novo, o diferente, dentro de um contexto histórico-político, no qual o indivíduo reflete sua prática, em um *vai e vem* de ação e reflexão, buscando cada vez mais humanizar-se, em virtude da sua vocação, enquanto ser detentor de consciência, em ser mais, através do anseio de liberdade e solidariedade. Entretanto, vemos dia a dia essa condição sendo negada na injustiça.

A curiosidade, como você nos ensina é classificada basicamente em duas: aquela, desprovida de rigor, denominada de *curiosidade ingênua*, caracterizada pelo conhecimento do senso comum, e a outra, na qual a curiosidade ingênua pode se transformar, através da educação, em curiosidade exigente, rigorosa, crítica, denominada de *curiosidade epistemológica*.

Estivemos atentos meu caro, a concepção de que o processo de desenvolvimento da curiosidade, com a passagem da curiosidade ingênua para a epistemológica está relacionado com o processo de conscientização, que por sua vez se dá através do desenvolvimento do conhecimento, a partir da

constante decodificação da realidade, o que enseja na passagem de um tipo de consciência para outra, quais sejam, *consciência intransitiva*, *consciência transitiva ingênua*, *consciência transitiva* e *consciência crítica*. A curiosidade ingênua está diretamente ligada ao que Freire designa de *consciência ingênua*. Enquanto, a curiosidade epistemológica pode, ou não, levar à *consciência crítica*.

Por sua vez, em relação ao ensino, tivemos o cuidado de não concebê-lo como a transferência de conhecimento, mas sim, como um processo de criação das possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Logo, para você, estimado educador, não há como separar ensino de aprendizagem. Pois, foi a partir da capacidade de se aprender socialmente que homens e mulheres descobriram a necessidade intrínseca do ensino, cujo endosso se dá na afirmação de que não há docência sem discência. E ainda mais, partindo do princípio que professor e aluno são sujeitos do processo, guardando as devidas diferenças, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” sem, no entanto, reduzir um ou o outro a objeto. Portanto, o ensino e a aprendizagem dependem dos esforços dos sujeitos envolvidos no processo.

De uma forma mais específica, o processo de ensino e aprendizagem está envolvido com a busca da superação do ensino bancário, que se baseia no autoritarismo, estando a serviço da dominação, através da mistificação da realidade. E, de uma forma mais ampla, buscamos a superação da relação opressor-oprimido, a partir da implementação de uma educação problematizadora, reflexiva e criativa, a serviço da libertação e da construção de uma sociedade igualitária.

Dessa maneira, há uma estreita relação entre educação e política. A educação não pode tudo, porém tem uma importante tarefa a cumprir, qual seja, contribuir no desvelamento de como a sociedade se organiza para manter a opressão, oportunizando assim uma consciência crítica e, conseqüentemente, uma consciência de classe.

Quanto à relação entre professores e alunos, compreendemos com base em seus ensinamentos, que ambos são sujeitos do processo e, ao mesmo tempo, educador e educando. A relação entre ambos se caracteriza por uma horizontalidade, no sentido da busca de um clima de cooperação nos trabalhos

desenvolvidos, intermediada pelo diálogo. O que não leva a concluir que são iguais, pois ambos têm suas especificidades. Não tem como se negar a função do professor, devendo este ser autoridade, sem ser autoritário.

Nesses termos, do/a professor/a que se diz democrático, progressista, exige-se atitudes de coerência em relação ao aluno, posturas imprescindíveis, como a de valorizar o conhecimento acumulado pelo mesmo, através de experiências diversas que traz à escola. Por outro lado, uma atitude não progressista seria exatamente a valorização, apenas, do conhecimento científico, do qual ele se julga detentor, considerando o aluno apenas um objeto de sua prática educativa. Nas suas próprias palavras, temos:

O/a professor/a democrático/a deve exercer sua autoridade sem ser autoritário, nem licenciado/a, buscando na tolerância o fator intermediário que possibilite uma boa convivência, viabilizada sempre pelo diálogo. Você não concebeu um ensino não-diretivo. No entanto, é através do convencimento que pautou suas atitudes pedagógicas.

Enfim, a relação entre o/a professor/a e o/a aluno/a deve ser baseada no respeito, na cooperação, na coerência, humildade, tolerância, alegria, liberdade, rigorosidade e autoridade. Portanto, para você, essa relação deve buscar fundamentalmente a formação ética, no respeito e na construção da autonomia do educando.

Entretanto, os princípios metodológicos por você delineados não se aplicam apenas à alfabetização de adultos, dentro de uma educação informal, mas podem ser aplicados também na estrutura da escola formal.

O ensino problematizador, que valoriza o conhecimento do senso comum, a cultura e a realidade vivida pelo educando são princípios propulsores em busca da superação da curiosidade ingênua, vital para o incentivo à criatividade, à formação da criticidade, assim como o acesso ao conhecimento sistematizado. A partir da contínua reflexão da prática educativa, esse ensino objetiva contribuir na solução de problemas do cotidiano do educando e promover uma visão crítica de mundo.

Através da curiosidade, o educando submetido à uma prática libertadora busca conhecer profundamente o objeto em estudo, diferentemente da educação bancária caracterizada pelo exercício da memorização do objeto. Essa condição está relacionada com a mudança de foco que se tem dos educandos,

passando a ser considerados investigadores críticos de um mundo problematizado, ao invés de *recipientes dóceis de depósito* de conteúdos.

Sendo assim, a educação transformadora visa a mudança de paradigmas, no sentido do homem enxergar a realidade, deixando de ter uma percepção fatalista de sua situação no mundo, para exercer uma atitude de sujeito perante um mundo problematizado, com o qual se relaciona.

Entendemos, caro amigo, que o fato do educando ser tomado como sujeito do processo torna o princípio dialógico como sendo o principal de sua teoria. O qual se contrapõe ao fato de ser o/a professor/a a autoridade máxima que transfere o conhecimento aos alunos e alunas, cabendo-lhes apenas absorver as informações pré-estabelecidas.

Então, sendo assim, você poderia nos perguntar: o que temos a dizer sobre o diálogo?

Diríamos que o diálogo questiona a armadilha que o capitalismo nos impôs, transformando-nos em seres individualistas, egoístas e competitivos, que só valem pelo que têm e pelo que consomem. Enquanto, o processo dialógico busca exatamente o contrário, ou seja, humanizar as relações através da comunicação entre seres que discutem sobre sua realidade, procurando discernir o que é conhecido ou desconhecido, a fim de poderem agir sobre ela, de forma coletiva, e principalmente, solidária. Desta forma, podemos manter a esperança acesa do sonho de uma sociedade mais justa, através da motivação pelas lutas em favor desse objetivo.

É no princípio do diálogo que os educandos podem ter valorizados sua cultura e o seus saberes, facilitando desta maneira, o acesso ao conhecimento acadêmico. Contrariamente, no entendimento da educação bancária, as relações tradicionais em sala de aula endossam as relações sociais dominantes, são instrumentos a serviço dela. Nós professores seríamos agentes de dominação.

A própria forma da apropriação do conhecimento é o outro fator que afirma esse tipo de sociedade. O professor é o dono do conhecimento, é quem vai transferir o saber aos alunos que passivamente aceitam, sem nada questionar ou poder fazer.

Daí, você poderia argumentar, questionando-nos com base numa perspectiva democrática e dialógica, não podendo mais fazer uso do autoritarismo, como deve se portar um professor que se diz progressista?

Com certeza, caro mestre, surge um grande espaço para o/a professora exercer a sua liderança, a sua capacidade de persuadir e de convencer. Além do mais, o mesmo dispõe do contrato firmado por ambas partes. Um, de um lado compromete-se a ensinar, enquanto professor/a. O outro, o/a aluno/a, a aprender.

Assim, você nos lembra que numa perspectiva dialógica, o/a professor/a não pode pautar a sua autoridade no conhecimento, porque ele/a se apresenta como sujeito em comunidade, encontro e diálogo, corresponsável pelo processo, no qual junto com os discentes ensina e aprende. Desta feita, ele/a não sabe mais de tudo. Entretanto, você chama a atenção: “Isso não quer dizer que, o educador renuncie ao que sabe! Seria uma mentira, uma hipocrisia. Ao contrário, tem que demonstrar a sua competência aos alunos”. Além do mais, com o tempo ele adquire algumas certezas. Todavia, sempre tem que estar aberto para aprender com os discentes.

Apesar de que, da mesma forma que o oprimido tem introjetado o opressor dentro de si, o aluno tem introjetado o/a professor/a autoritário/a dentro de si, dando centralidade apenas para esse tipo de comportamento. Desta forma, o/a aluno/a deverá passar por um processo de reaprendizagem nessa relação democrática.

Meu estimado professor, você nos adverte que a educação transformadora tem que vir acompanhada de uma rigorosa formação ética que por sua vez diz respeito a formação de homens e mulheres na sua vocação humanizadora. Para você, educadores e educandos devem resistir às facilidades promovidas por uma sociedade corrupta que põe os princípios morais subordinado a outros valores, não podendo reduzir a educação a um caráter meramente de treinamento técnico, esquecendo do seu ponto maior que é a formação de sujeitos ativos e criativos. Portanto, há uma condição premente, a do/a professor/a ser coerente nas suas atitudes, a partir do que fala e defende. Dessa forma, sua necessária formação científica deve estar compatível com uma prática ética, de respeito aos iguais e de uma boa convivência com os diferentes.

Outros pressupostos seus que nos seduz e encanta são: a ética, a práxis, o respeito à autonomia dos alunos e alunas, a alegria, a esperança, a pesquisa e a rigorosidade metódica.

Caro mestre, terminamos aqui na certeza de que a luta continua e dias melhores virão. Enviamos um forte abraço. Obrigado pelos seus ensinamentos que nutrem a nossa esperança na teimosia.

Com amor e carinho,
Campina Grande (PB), junho de 2021

Recolhendo e plantando sementes de felicidade

Zumar Cleide Queiroz de Oliveira¹

Estimado mestre,
Às vezes, no meu silêncio, penso no momento pandêmico e político que estamos vivenciando, que muito tem angustiado e transformado a nossa vida, e sinto falta de pessoas como o senhor, porque vejo a cada minuto a morte cada vez mais perto e com ela morrendo também a fé e a esperança, os sonhos e a utopia.

Porém, diante dessa triste realidade, não esqueço que fazer educação é um ato político. Por isso, pego minha máscara e sigo nos protestos em favor da vida, esperançando, desenterrando os sonhos e a utopia, acreditando num mundo muito melhor. Quando o conheci fiquei instigada para descobrir de onde vinham aqueles dizeres esperançosos, onde era que o senhor recarregava tanta força de otimismo, numa busca incansável por um mundo melhor, em favor da autonomia e da libertação dos seres, no compartilhar saberes, sem ser ingênuo diante do sistema permeado de crueldade. Existia uma força para além desses dizeres que me encantou e isso aguçou a minha curiosidade. A cada encontro nosso eu me abasteço de sonhos. Sabendo da minha responsabilidade de professora, eu trato de recolher as sementinhas distribuídas pelo senhor e saio plantando. Planto até hoje em todas as escolas e lugares por onde passo, presencialmente ou virtualmente. Considero-me mais uma semeadora dos seus ensinamentos, dos sonhos, que sonhamos juntos, e que

¹ Professora polivalente das redes municipais de Olinda e Camaragibe. Mestranda pela UFPE

aprendi nos seus livros. Não cheguei a conhecê-lo pessoalmente, mas sinto-me próxima dos seus pensamentos e ideais.

Apesar de todos os obstáculos enfrentados durante toda vida, considero-me defensora da escola pública de qualidade, equidade e consciente do meu papel. Acredito e luto dentro dos limites da minha atuação, para que um dia as escolas e seus professores/as possam esperar que uma outra escola é possível, que estejam cada vez mais envolvidos nas lutas pelos direitos educacionais, que os olhares sejam mais ampliados e busquem inspiração no/a professor/a inesquecível, que proporcionem aos seus estudantes uma educação mais crítica, humanizada, que cultivem e potencializem positivamente a formação do ser mais ético, crítico, criativo, solidário, afetivo, feliz e que possam ajudar a (re)construir, (re)significar novas trajetórias e histórias de vida.

Muito prazer, eu sou a professora Zumar, sou mulher, brasileira, nordestina, pernambucana, recifense, esposa, mãe de três filhos, registrada como parda, cafuza, tenho cabelos ondulados castanhos, olhos castanhos escuros, sou professora que nasceu e cresceu no Morro da Conceição.

A primeira Creche Comunitária do Morro da Conceição teve início na nossa casa, uma das lutas em que minha mãe era envolvida e aos nove anos eu já ajudava a cuidar das crianças que chegavam a esta creche. Ouvi o choro dos pequenos que pediam ajuda e embalando uma criança e outra comecei a pensar que quando eu crescesse queria ser professora.

Além de ir à escola e ajudar na creche, eu fazia parte do Movimento de Adolescentes e Crianças o MAC, na época acompanhado pelo ex-padre Reginaldo Veloso. Neste grupo começamos a discutir que precisávamos de um lugar para brincar no Morro, anos depois conquistamos este espaço, a Praça das Crianças que existe até hoje.

Iniciei o trabalho como voluntária na Escola Comunitária e continuei apoiando minha mãe na construção e legalização da Creche *Flor da Comunidade*, hoje administrada pela prefeitura da cidade do Recife. Fui crescendo consciente que precisaria me envolver em outras lutas comunitárias, e comecei a caminhar junto ao Conselho de Moradores do Morro e nas idas e vindas em reuniões buscando apoio para a construção dos muros de arrimo e contenção das barreiras que caíam e matavam muitas famílias, conseguimos que todas as barreiras do Morro fossem construídas.

Daí por diante vivenciei muitos espaços educativos; desde auxiliar de creche, concluí o magistério e segui professora, depois gestora de escola particular, concluí o curso de pedagogia e fui contratada em Recife, concluí o curso de psicopedagogia e passei num concurso para inspetora da GRE/Recife Sul, mas não me adequei e pedi exoneração, felizmente passei no concurso em Olinda para professora polivalente, e depois efetivada em Camaragibe. E no ano 2020 sou a primeira da família a conseguir realizar o sonho do mestrado na Universidade.

Apesar de todos os obstáculos enfrentados durante toda vida, considero-me defensora da escola pública de qualidade, equidade, unidade e consciente do meu papel, acredito e luto dentro dos limites da minha atuação, para que um dia as escolas e seus professores/as possam esperar que uma outra escola é possível, que estejam cada vez mais envolvidos nas lutas pelos direitos educacionais, que os olhares sejam mais ampliados e busquem inspiração no/a professor/a inesquecível, que proporcionem aos seus estudantes uma educação mais crítica, humanizada, que cultivem e potencializem positivamente a formação do ser mais ético, crítico, criativo, solidário, afetivo, feliz e que possam ajudar a (re)construir, (re)significar novas trajetórias e histórias de vida, para muitos parece ser uma ousadia, sinto muito pelos que pensam assim, mas aprendi que precisamos seguir em frente, na caminhada esperando um mundo melhor. Devo muito do que sou e aprendi ao senhor, Paulo Freire.

Eternamente grata por todo aprendizado.

Recife (PE), 22 de junho de 2021

O esperarçar como ato de resistência

Rodrigo Roah Rodrigues¹

Companheiro Paulo Freire, permita-me que o chame assim. Não que sejamos grandes amigos, mas o considero parte de minha vida, de tardes prazerosas que passei lendo suas obras, regado de um bom café.

Mudanças importantes aconteceram na minha jornada enquanto educador, a partir da leitura de suas obras. A partir delas, desconstruo minha identidade profissional, forjada no tradicionalismo, vivenciado nos períodos pré formativos e de minha formação profissional para a perspectiva de um educador progressista. Também o considero companheiro de lutas e batalhas contra a opressão do sistema neoliberal que assola nosso Brasil.

Venho compartilhar meus sentimentos, companheiro. Parece que depois de um breve período de ascensão da classe trabalhadora, de uma constância dialógica com as minorias sociais, que foram marginalizadas no passado de exílio do amigo, voltamos a um período nefasto, que flerta com o fascismo e a ditadura militar.

1 Mestrando em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual Paulista (UNESP); Especialista em Esportes e Atividades Físicas para Pessoas com Deficiência pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Licenciado pleno em Educação Física pela Universidade Paulista (UNIP) e Licenciado em Pedagogia pela Universidade Santa Cecília (UNISANTA). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (IMES).

Desde 2016, estamos sofrendo com o Golpe Político-Jurídico que nos retirou a nossa primeira Presidenta eleita, democraticamente, para desconstruir as conquistas da classe trabalhadora. Essa derrocada teve seu ápice com a eleição de Jair Bolsonaro para a cadeira mais alta do executivo e que tem distanciado a sociedade nas discussões sobre políticas afirmativas, falta de investimentos na saúde e na educação. Assuntos tão caros para a nossa permanência e resistência.

Que tempos difíceis, companheiro!

Principalmente para nós, da educação pública. Diante das dificuldades que encontramos nos dias atuais, peço sua permissão para que dediquemos esse momento mutuo de reflexão aos companheiros e companheiras, professores e professoras progressistas do Brasil, na tentativa de animá-los, de cuidar dos nossos, daqueles que entendem a nossa luta pelo diálogo franco e aberto entre nós.

Alguns outros companheiros e companheiras, Paulo, por meio de seus escritos, de sua influência e de suas ações libertadoras sempre procuram evidenciar o “Ser Mais”, procuram o inédito viável nas práticas pedagógicas que oportunizam e tem como objetivo a emancipação dos alunos num diálogo horizontalizado e numa relação de sujeito com sujeito.

Não quero parecer, já de início, excluir desse diálogo os professores e professoras tradicionais, que prezam pela transmissão bancária do conhecimento, da conversa em questão. Mas compreendo que por coadunarem com as práticas presentes do sistema neoliberal, pautado pelo patriarcado, se estabelecem numa posição política contrária a defendida nas linhas que lhe escrevo.

De qualquer forma, não tenho, pessoalmente, o poder de indicar os leitores dessa breve reflexão crítica, ao ponto que, convido-os a, de uma forma dialógica, como sugere você, Paulo, que reflitamos sobre nosso papel como educadores, principalmente nesse momento que a perda dos nossos direitos, conquistados com tanto, suor, sangue e morte dos nossos, tenha se mostrado flagrante.

Minha reflexão parte da compreensão sobre o ato de esperar, que é tão caro a nós e a outros de nossos companheiros e companheiras. A essa ação inspiradora que nos une, que simboliza, de forma romântica, comunitária e

necessária, a luta contra a hegemonia e aspirações do capitalismo e do neoliberalismo, no sentido de não nos deixarmos levar pelo discurso sedutor de salvamento pela educação pautada no discurso mercadológico. A educação que nos é imposta, na grande maioria, é meritocrática num país de desigualdades. Apresenta-se num discurso que prega a solidariedade, a tolerância, com a ilusão de que resolverá as desigualdades sociais que esse mesmo sistema criou.

Considero ser dever dos educadores libertadores refletirmos criticamente, sem deixar nos acometer pela desesperança. Como você, propõe companheiro, há de termos criticidade e nos colocarmos para uma educação da pedagogia da pergunta, no sentido de perceber essa hegemonia neoliberal e não nos deixar convencer que a exclusão social não parte desse sistema.

A esperança renasce a cada diálogo estabelecido de maneira horizontalizada com os sujeitos em formação. É assim que caminhamos Paulo, com a certeza de que somos sujeitos em constante construção, como você nos coloca, somos seres inacabados e sempre em busca de conhecimento, de reflexão crítica sobre a realidade que nos parece cada vez mais desafiadora.

Vimos enfrentado discursos retrógrados, entre eles, os que defendem e costumam denominar de “Escola sem Partido”.

Veja o absurdo, companheiro!

Alguns dos nossos colegas professores e professoras não percebem que tal defesa se torna, de certa maneira, uma contradição entre termos. Como você já nos contou em outras ocasiões o educar é um ato político. Os que se denominam sem partido já se colocam partidários de uma ideia. Uma proposta nefasta que pretende que os oprimidos continuem na sua posição enquanto os opressores permanecem no lugar de domínio que sempre tiveram. Assim a escola não muda, os problemas são os mesmos e o diálogo para a humanização não se estabelece.

Prova cabal de nossa falta de ousadia, enquanto grupo companheiro, são os mais recentes acontecimentos de massacre de homens negros pelo mundo, que refletem o quão nossa sociedade ainda é desigual e, como os interesses estão em congruência para que se mantenha da mesma forma. O discurso apresentado de combate ao racismo estrutural chega a ser comovente, mas, na prática, o que vemos é a decadência da nossa capacidade de empatia, de

perceber o outro, de respeitar a sua dor e dialogar com quem pensa e quem é diferente.

É meu companheiro, ainda somos segregados dentro do nosso Brasil. Temos uma sociedade a parte, marginalizada e escravizada a pensar que seu destino é o fracasso e que sua subserviência é a lógica para garantir, pelo menos o pão de cada dia. Comer e agradecer aos burgueses que jogam as migalhas.

Não está diferente nas escolas, não é mesmo Paulo? O professor vem perdendo sua capacidade de refletir criticamente sobre a transformação necessária da sociedade, passando sua profissionalidade a percorrer uma função muito mais administrativa do que de cunho pedagógico reflexivo.

A falta de diálogo gera a persistência ao ensino tradicional, que culpabiliza os atores escolares pela falta de sucesso do alunado, quando na verdade o Estado se exime de investimentos em recursos materiais, salariais e formativos. Assim, a prática pedagógica vai permanecendo desassociada da realidade, fora de contexto e acrítica.

Ah, companheiro... Quanta falta faz mais oportunidades de círculos de cultura nas escolas. Outro dia me lembrava das suas propostas formativas enquanto Secretário da Educação da cidade de São Paulo, no Governo Luiza Erundina. Quanto aprendizado nas trocas com aqueles professores não é, companheiro?

Discussões tão valiosas que aprendemos com você, que nos fez dialogar com os alunos e nos faz perceber que aprendemos mutuamente, que ninguém se educa sozinho, não é mesmo companheiro?

É preciso esperar, Paulo. Mais do que nunca!

Mas também é tempo de nos posicionarmos!

De nosso lado, nos colocamos no desafio da educação como prática da liberdade, no sonho e na utopia necessária para a justiça social e da emancipação dos sujeitos para a sua humanização.

Peço que me ajude a compartilhar essas palavras em busca de apoio ao nosso projeto de país. Sim, Paulo. O projeto de educação libertadora que encontre caricias, afagos e luta dos nossos e dos outros. Que possamos trabalhar de forma que desperte na sociedade a necessidade da busca ao diálogo, que os alunos se percebam como pertencentes a um processo social em construção, de forma a conduzir todas e todos para a emancipação política e social.

Para tanto, invistamos recursos, suor e sonhos numa formação humanizadora, que leve em consideração os cotidianos e as práticas pedagógicas oportunizadas pelos professores, para, a partir delas, ressignificarmos e refletirmos sobre as ações propostas transformando-as em novas práticas.

Sejamos a resistência na escola e na vida! Sejamos a esperança viva!

Abraço fraterno companheiro, Paulo e a todos e todas que dialogam em pensamento conosco!

São Bernardo do Campo (SP), junho de 2021.

Esperançar é o que nos move

Livian Lino Netto¹

Querido Paulo,
Te escrevemos juntas e juntos porque acreditamos na potência da comunhão. Te escrevemos com histórias de muitas vidas que se entrecruzam no caminho da formação, da vida e da partilha. Também, da luta, da revolta e da construção coletiva de outra possibilidade de mundo, na qual, precisamos de esperança.

Quando tu nos escreves a primeira carta, apresenta que o tema mais pertinente do qual precisamos dialogar é sobre a ousadia de ensinar. Paulo, em 2021, podemos afirmar que a ousadia é manter a esperança, e tornar ou fazer do esperançar verbo de luta.

Talvez, quando tu, na ditadura enfrentaste aquelas forças devastadoras, deves ter pensando também sobre isso, e com alegria e boniteza conseguiu estar presente aqui até hoje. Logo, com o processo de redemocratização, talvez esperançar fosse um horizonte que nos tocasse os olhos tão de perto, que acreditamos que chegaríamos em um lugar bonito. Sei que foram tempos difíceis os teus, e agora enfrenta (mo)s aqui, mesmo que não saibas, tempos tão doídos quanto os de outrora.

Tu, acusado de comunista, permanece até hoje na boca dos algozes que nos querem fazer perder a esperança. Esvaziaram de sentido e o significado

1 Doutoranda em Educação e integrante do Grupo Mariposas: minorias sociais, resistências e práticas de transformação – FaE UFPel - Surge da necessidade de refletir sobre o papel de grupos caracterizados como minorias sociais, visando a construção de ações políticas transformadoras. Integrantes: Livian Lino Netto; Andressa Barrios; Álvaro Veiga Júnior; Diônvera Coelho; Anelise Fernandes; Júlia Rocha Clasen; Tamiê Pagies; Aline Accorssi.

das palavras e, dizer que queremos revolução pode parecer algo perigoso. Governos de extrema direita avançaram pelo mundo, chegaram ao poder pelo voto, discursos mentirosos e notícias falsas espalhadas pela internet. Construíram uma narrativa baseada em ideais de família, patriotismo e progresso. Desacreditaram a ciência. Aliás, arriscamos te dizer que, esta tem sido atacada diariamente, de diferentes maneiras.

No Brasil, depois de anos de um governo do partido dos trabalhadores (com muitas ressalvas a serem feitas), após o primeiro governo de uma mulher eleita, chegamos ao que é chamado por alguns de bolsonarismo: e são estes tempos inacreditáveis Paulo! Tu segues acusado de comunista e fizeram campanhas para que tu não sejas mais o patrono da educação no país. Atacaram as ciências humanas, os professores e professoras de ciências humanas em especial. Atacaram a educação. Existe uma PEC, 55 do “teto de gastos” – que declara 20 anos sem investimentos na educação e em outras áreas substanciais. Existiu também um projeto “escola sem partido” que, mesmo que o seu idealizador tenha o abandonado, nutriu a perseguição contra nós, professoras e professores. Sim, Paulo, nos acusaram e ainda acusam de doutrinação! Como ousar ensinar os conceitos de solidariedade, justiça social, igualdade fosse contra o que se espera de uma nação.

Querido Paulo, em 2020 o mundo entrou em colapso: o capitalismo chegou em níveis de exploração inimagináveis, um vírus (nomeado por muitos de democrático - dissemos que precisamos recuperar o significado de algumas palavras) espalhou-se. Evidenciou tudo o que em anos denunciámos: racismo, sexismo, extrativismo. É bem fácil imaginar o fim do mundo, e Paulo, como esperar?

No teu Recife, uma criança morreu pela negligência de uma mulher que não pôde abrir mão do trabalho de outra, negra e de periferia. Matou seu filho, caiu do nono andar, e era pra estarmos (todas e todos) em casa. Morreu o Miguel, e dizemos, são muitos os *Miguéis* em 2020 e 2021. O vírus, que dizem ser invenção da China, se chama COVID-19. Mas Paulo, quem afirma que ele é resultado do neoliberalismo, da exploração e esgotamento ambiental, acaba ignorado. Estamos perdendo. Aqui, no Brasil, há quase 240 mil mortos e esse número aumenta. Como esperar?

Certa vez, por ocasião de tua participação em um programa de televisão, disseste que a ditadura estragou e continua estragando o nosso país. Se te

contarmos que houve marchas pedindo a volta da ditadura e intervenção militar tu acreditarias? Logo tu, que estiveste feliz por ver as marchas dos trabalhadores e trabalhadoras sem-terra e da via campesina pelo Brasil, e anunciaste que gostaria de ver ainda muitas delas, dos sem escola, dos sem trabalho, dos oprimidos. Corromperam nossas marchas e o teu medo de que não houvesse uma reinvenção do autoritarismo, aconteceu. Fracassamos Paulo?

Porque é esse o sentimento que nos assola nesse momento, depois de um ano inteiro de ensino remoto. Estudos da Sociologia do trabalho falam hoje em indústria 4.0 e uberização – palavras bonitas para retratar formas mais cruéis de exploração da mão de obra. As imagens que assistimos hoje, em várias telas, reproduzem a exploração como uma dádiva, superação das dificuldades. Paulo, estão nos matando. Estamos doentes, medicados, ansiosos, com medo, exaustos. A palavra que melhor nos descreve nos últimos meses é ‘cansaço’!

Nos tiraram o que restava de dignidade. Deturparam nosso ofício de educadores/as. Empurram nós e nossos estudantes para a frente da morte, e essa é muitas vezes lenta e sempre sofrida. Quem perdeu seus entes durante esses meses pandêmicos, não tem nem mesmo direito ao ritual de passagem. Interrompem sem dó e sem piedade qualquer luto. Acabou!

Escrevemos esta carta, querido companheiro, aqui do Estado do Rio Grande do Sul, que hoje é governado pela direita liberal e que, com o objetivo de pintar as cores do progresso, gastou milhares de reais em plataformas privadas para o ensino em tempos de pandemia. Nós, Paulo, temos a pior remuneração da classe em todo país. Recentemente, em 2019 fizemos uma greve. Não pense que foi para exigir melhorias do sistema de educação, não mesmo, era pela manutenção dos direitos que já temos previstos na lei, na constituição. Como questionava Brecht, *que tempos são esses que precisamos defender o óbvio?* Por aqui, era apenas a manutenção do mínimo. Perdemos direitos todos os dias, na calada da noite. Quando raia o novo dia, não temos o que tínhamos antes. São tempos difíceis para os sonhadores, diz o roteiro de um filme francês de sucesso.

Por vezes nos sentimos uma farsa. É como se fingíssemos que ensinamos e os estudantes fingissem que aprendem. Nos controlam e, se não bastasse, não

se pode falar abertamente sobre isso, pois nossa imagem vai para as redes. Somos expostos como ameaça a ordem e a democracia (outra palavra deturpada). Que revolução? *Dessignificaram* nossas lutas! Meus colegas são atacados por simplesmente relatar fatos históricos e Marx é um nome quase que proibido, assim como o seu. Temos lutado todos os dias, para acordar e abrir os olhos, respirar profundamente e buscar um mínimo sinal de mudança.

Paulo, é preciso estar atento, forte e, não temos tempo de temer a morte. A morte, essa também foi resignificada. Matam crianças com tiros de fuzil, somem com seus corpos e deixam mães desesperadas procurando o filho subtraído da vida sem nenhuma explicação. Matam as crianças negras, e quando não é tiro, é fome. Sim, voltamos para o mapa da fome.

Ensinar não é mais um ofício aqui, Paulo. Nos soterram de burocracia, papéis, tempos infinitos e incontáveis. Temos telefones que não são mais nossos, nem nossa casa e nem nossa vida. Misturou tudo: casa, trabalho, e não nos dão a mínima chance de organização. Olha, era uma quinta-feira a noite, e estávamos todas e todos em um conselho de classe, agora é pela tela da televisão (imagina o Orwell assistindo ao vivo o seu 1984?). Durante a falação do que tinha que ser resolvido, uma colega recebeu uma ligação e começou a chorar copiosamente: recebera a notícia da morte de sua irmã, ao vivo, na frente de todas/os nós. O que podemos fazer? O que fizeram? Nada, nada aconteceu para os burocratas. Temos prazo e metas a cumprir e a reunião seguiu como se não passasse de um ruído na chamada. Paulo, a vida não vale nada nos dias de hoje. Nosso presidente, em meio a pandemia, fez com que o cálculo fosse o seguinte: 6 armas por habitante, e 0,25 de vacina. Estamos no poço e ele não tem fundo, então, querido colega, nos ajude, como esperançar?

Sabe Paulo, tu nos disseste em Pedagogia da Autonomia que a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica, e que sem ela, não haveria história, mas puro determinismo. Que só há história onde há tempo problematizado e não dado previamente. Ao nos deparar com isso em nosso diálogo mediado pela leitura, lembramos que, o futuro não está dado, ele é o que fazemos dele, agora. É organização política, e que a esperança é um sentimento de organização de classe. Precisamos nos organizar e lutar pelo futuro. Mas sabe, como fazer se estamos cansados? (extremamente cansadas e cansados).

Creio que é a tática de nos fazer desesperançar, e olha, estão conseguindo. Nos querem ver sucumbir ao ódio como recuso de nos vencer. Inclusive, existe o Gabinete do ódio, uma máquina de produzir e contaminar a todas e todos com um sentimento soberano que destrói o amor. Aliás, os discursos, os contos, as narrativas, são construídos para que pensemos que amor e ódio são sinônimos: quando tu odeias uma coisa é porque tu a ama. Mentira! Deturpam as palavras para vencer uma guerra contra a alegria, a esperança, a construção coletiva, a justiça. Ao te escrevermos tudo isso, buscamos a esperança, porque escrever é um ato de desabafo, de revolta e de organização. Também, é preciso registrar essas atrocidades para que, não haja possibilidade de uma reinvenção da ditadura, porque devemos amar, construir e compreender a liberdade.

E, falando em liberdade, é a de todas e todos. Do lugar que te escrevemos, somos um grupo e este grupo se coloca ao lado das minorias, para transgredir ao ódio. É preciso criar Espaços de esperança, como nos disse o David Harvey. Nosso grupo é um, de tantos e tantos espaços da esperança, que retomam a utopia para organizar a transformação. São mulheres, homens e jovens que querem sentir o calor da rua e que, como disse Drummond ao observar a paisagem de Brasília, feia, suja e corrompida, que uma flor furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

A literatura e a poesia, nossas conversas aqui por estas cartas, podem ser a utopia do mundo novo, não este que nos enfiaram goela abaixo chamando de “novo normal”, mas um mundo em que não precisaremos buscar incansavelmente pela esperança, por ela estará brilhando a cada abrir de olhos. Querido Paulo, precisamos retomar o significado das palavras, das marchas, das lutas, e da revolução.

Lembro da música de Jards Macalé que diz “eu estou cansado e você também, mas eu não quero ficar dando adeus as coisas passando, eu quero é passar com elas”, porque Paulo, “não sou eu que vai ficar no porto chorando, lamentando o eterno movimento dos barcos”.

Por fim Paulo, nosso querido companheiro, queremos te dizer que, outras pessoas no mundo espalham tua palavra. Temos nos encontrado com bell hooks, e sabe o que ela vem nos ensinando? Que precisamos te conhecer ainda mais. Hooks, inspirada na tua palavra, lembra que a existência humana

é radicalmente construída pela pergunta e que, é a partir dessa pedagogia que existe ação e transformação.

Terminamos essa correspondência com as palavras de Ursula Le Guin, por ocasião de receber um prêmio sobre suas obras de ficção, diz ela,

Acredito que tempos difíceis estão por vir, quando desejaremos ouvir a voz de escritores que consigam ver alternativas ao que vivemos hoje e possam enxergar além desta nossa sociedade, tomada pelo medo e por sua tecnologia obsessiva, outras maneiras de existir, e que possam até imaginar possibilidades reais de esperança. Precisaremos de escritores que possam se lembrar da liberdade. Poetas, visionários — os realistas de uma realidade mais ampla. (...) Livros, vocês sabem, não são apenas mercadorias. A motivação pelo lucro está frequentemente em conflito com os objetivos da arte. Vivemos no capitalismo. O seu poder parece ser inevitável. Assim era o poder divino dos reis. Os seres humanos podem resistir a qualquer poder humano e mudá-lo. A resistência e a mudança muitas vezes começam na arte, e muitas vezes mais na nossa arte — a arte das palavras.

Querido companheiro Paulo, as tuas palavras são arte que no meio do caos nos fazem esperar, verbo de luta.

Pelotas (RS), maio de 2021.

Esperançar é escolher agradecer

Karine de Oliveira Gomes¹

Estimado Paulo Freire,
Foi com muita alegria que recebi o convite para enviar-lhe esta carta e confesso que nunca imaginei que teria essa oportunidade!

Todo mundo sabe que o considero um amigo imaginário, um confidente, um companheiro de todas as horas e uma grande inspiração. Seus ensinamentos me ajudam a recuperar o fôlego, a compreender as contradições, a recarregar as forças, a alimentar a esperança e, sobretudo, a me tornar uma pessoa melhor a cada dia.

Então Paulo, meu querido mestre, hoje escrevo para lhe agradecer.

Obrigada por me ajudar a entender que todas as pessoas são providas de saberes, já que não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes.

Obrigada por me alertar sobre a condição humana do inacabamento, provocando em mim curiosidade e o desejo de estudar e aprender sempre mais.

Obrigada por me mostrar que não há aprendizado fora da constante interação entre teoria e prática, que se retroalimentam continuamente, criando a práxis.

Obrigada por me fazer compreender que viver é um ato político e que, portanto, não há educação, pedagogia, pensamento ou prática neutras.

¹ Educadora, feminista, antirracista, esposa do Marcelo, mãe da Catarina, nutricionista de formação e revolucionária por opção. Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal de Minas Gerais; professora da área de Saúde Coletiva na Universidade Federal de Viçosa, Campus Rio Paranaíba (UFV/CRP) e coordenadora da Rede de Extensão, Pesquisa e Ensino sobre Saúde e Educação (REPEnSE). E-mail: karine.gomes@ufv.br.

Obrigada por defender a amorosidade, a ética, a humildade, a empatia, a esperança, o respeito e o diálogo como elementos imprescindíveis ao ato educativo.

Obrigada por denunciar as “situações limites” que fomentam a opressão e por anunciar o “viável histórico” que nos permite caminhar em busca do “inédito viável”.

Obrigada por me fazer acreditar que a educação é uma forma de intervenção no mundo e me incentivar a sonhar com uma outra realidade possível. Mais que isso, obrigada por oferecer instrumentos que me permitiram colocar a prática educativa a serviço da busca do “ser mais” de cada pessoa que passa pelo meu caminho.

Sei que existem muitos desafios, mas, não desanimarei e, encorajada pelos seus ensinamentos, seguirei lutando para que a justiça social se implante antes da caridade.

Finalizo parabenizando-lhe pelos seus cem anos de nascimento e celebrando sua vida que impactou substancialmente tantas pessoas neste mundo, como eu, por exemplo!

Um forte e afetuoso abraço, com muito amor e admiração.

Rio Paranaíba (MG), Outono/2021

O esperarçar na educação

Quilombola

Maria de Fátima Souza de França Cabral¹

Marlene Burégio Freitas²

Denize Tomaz de Aquino³

Prezado Mestre Paulo Freire!
Inspiradas nos seus escritos atemporais deparamo-nos nesses tempos adversos, nos quais temos vivenciado o recrudescimento do conservadorismo que transborda nas ações colonialistas e imposições defendidas pelo governo atual, que se acentua na pandemia pela Covid- 19, ao atingir a todos os segmentos da sociedade, penalidades, no que se refere a educação e, mais especificamente professores/as, que vem sendo “instados” a dar respostas que atendam aos anseios de retorno as aulas, mesmo remotas, daqueles e daquelas que tal como eles/as também são atingidos pelo desgoverno, mas pouco se percebem como oprimidos por esta política governista.

1 Professora aposentada da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. Professora convidada da UPE-Campus Mata Norte. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa: “O Lugar da Interdisciplinaridade no Discurso de Paulo Freire” e do Grupo de Pesquisa:”A Cultura da Infância nas Políticas e Práticas Pedagógica da Educação Infantil”.

2 Professora Adjunta aposentada da UPE- Campus Garanhuns, atuando na PPG Lato Sensu. (Líder do Grupo de Pesquisa:” A Cultura da Infância nas Políticas e Práticas Pedagógica da Educação Infantil”.

3 Professora Adjunta da UPE-Campus Garanhuns, atuando na PPG Lato Sensu. Vice –líder do Grupo de Pesquisa:” A Cultura da Infância nas Políticas e Práticas Pedagógica da Educação Infantil”. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa: “O Lugar da Interdisciplinaridade no Discurso de Paulo Freire”. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP.

Observamos Professor Paulo Freire, que há uma complexidade na organização dos projetos de educação e sociedade, que se caracteriza por tendências que foram constituindo o pensamento pedagógico brasileiro ao longo da história da educação e que, imbricadas nos ideais contemporâneos de identidade étnica e cultural, tem sustentado ou limitado às ações do poder público, sobretudo, no que se refere à problemática da diversidade e da ideia de justiça social, o que implica pensar a educação a partir das diferentes formas de organização social, política, cultural, econômica e religiosa dos povos, se confrontando, em sua vertente política, com pressões oriundas de grupos menos privilegiados e se constituindo numa amostra da inclusão como princípio social.

Nesse ensejo, Professor Paulo Freire, como professoras e estudantes vinculadas à Rede Pública Estadual, de Educação Básica e Superior, queremos denunciar a instauração de um processo incipiente de valorização do outro que reflete reducionismo, no âmbito da profissionalidade docente da educação infantil, no sentido crítico e que se agrava quando se trata da escola campesina. Nesta realidade, destacamos a escola quilombola no tocante à invisibilidade das crianças, suas famílias e professoras no que se refere ao direito à organização curricular dos conteúdos que contemple uma formação universal e também a específica, material didático, calendário e avaliação, em uma *práxis* voltada à diversidade.

Dentre outros, ressaltamos que tais entraves devem-se ao descaso do poder público e a tendência a homogeneização no/do atendimento a população campesina em suas especificidades, não oferecendo formação inicial e continuada para as docentes que atuam na educação infantil na escola quilombola. Para Alves e Côco (2018) os processos formativos que se realizam vinculados a prática docente, “representam um lugar de possibilidades”, uma vez que a formação inicial e continuada é redimensionada a partir da relação dialógica que se efetiva “nos encontros com as crianças, com os parceiros de trabalho, com os familiares e a comunidade em geral”.

Imbuídas pelo desejo de defender os seus pressupostos, Professor Paulo Freire, no âmbito da diversidade étnica e cultural, na escola pública quilombola e problematizar a profissionalidade docente a partir da formação inicial e continuada das professoras que atuam na educação infantil, no campo,

indagamos: De que maneira o processo de formação inicial ou continuada interfere na profissionalidade docente da educação infantil quilombola, em suas especificidades, no contexto da *práxis* dialógica, em tempos de pandemia?

Destarte, se pensarmos na escola campesina que atende crianças da educação infantil, as dificuldades se avolumam pela situação problemática em função da inexistência de condições para o fazer docente, que tem assumido a responsabilidade pelo ensino remoto, já apontadas em pesquisas recentes Freitas, Cabral e Aquino (2020), no sentido de estabelecer com as crianças qualquer tipo de orientação e/ou proposição que busque manter com elas uma relação pedagógica, especialmente, em função da precarização de recursos tecnológicos, financeiros e de outras ordens que impossibilitem o diálogo entre as crianças e suas famílias.

Assim, inscreve-se o desejo de denúncia e também de anúncio que se assenta numa tendência educacional contestadora e que defende o reconhecimento e a prática educativa para/pela inserção social, da criança e do/a professor/a como sujeitos de direito (BRASIL, 2009; 2012).

A partir das leituras e reflexões de seus livros: “Ação cultural para a liberdade...” “Por uma pedagogia da pergunta”, “Educação como prática da liberdade”, “Pedagogia do Oprimido”, “Professora sim, tia não: cartas a quem ousar ensinar”, “A Importância do ato de ler” e “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” construímos a base teórico/epistemológica para percebermos que, no processo de formação, a construção de conhecimento é desafiadora na sua *práxis* e que acontece à medida que o sujeito se reconhece como um ser histórico que produz e interage com sua realidade e seu mundo.

Dessa maneira, nos identificamos com a perspectiva problematizadora da educação libertadora que se assenta, em seus pressupostos, Professor Paulo Freire, na percepção das contradições de uma “educação bancária”, conforme apontadas no livro “Pedagogia do oprimido” (2005) e que apostam no engajamento dos indivíduos na “luta por sua libertação”. Assim, de acordo com a configuração de suas ideias, Professor Paulo Freire, anunciamos a possibilidade de que as crianças, suas famílias e professoras da educação infantil quilombola, em tempos de pandemia, poderão desenvolver seu potencial de apreensão e de compreensão do mundo que se lhes apresenta, em suas

relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo.

Ademais, no âmbito da profissionalidade docente, concordamos com o senhor, Professor Paulo Freire, quando adita no livro “Professora sim, tia não,” o significado de ser professora como profissão, o que demanda um sentido de se cumprir determinadas tarefas, militância e especificidades, na essência de seu dever, enquanto ser tia se resume a uma relação de parentesco, portanto, livre das incumbências inerentes ao trabalho docente.

Motivadas pelo seu conceito de que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, em sua obra “A Importância do Ato de Ler” (2011), quando o senhor expõe que o mundo, no qual os indivíduos se inserem, pode ser distinto do mundo da escolarização, observamos que as crianças quilombolas, como sujeitos socio-culturais e políticos, têm uma infância constituída em estreita relação com o território, e nessa relação, emergem as múltiplas maneiras de ser criança. Sendo assim, “a infância quilombola revela a pluralidade e historicidade da infância, envolvida pela economia e tecnologia locais, a relação com a sociedade envolvente e a condição geográfica (SOUZA, 2020).

Dessa forma, a especificidade da profissionalidade docente, em tempos de pandemia, delinea-se a partir da especificidade da educação infantil, em meio às experiências possibilitadas às crianças tanto às mais novas quanto às mais velhas.

Ademais, “conhecer como vivem o atual contexto pandêmico e de distanciamento social significa ampliar o enfoque e conhecer seus grupos, as estratégias de luta e denúncia da exclusão social e racial vividas”. (SOUZA, 2020) Assim, o espaço escolar necessita se (re) configurar no sentido de buscar estabelecer com as crianças e suas famílias participação e interações ricas em possibilidades de reconstrução da realidade para desenvolverem-se em múltiplos aspectos de sua integralidade.

Dessa forma, o processo formativo das professoras que atuam na educação infantil na escola quilombola, em tempos de pandemia, precisa se constituir num espaço de mediação para favorecer a apropriação dos saberes/conhecimentos que permeiam o mundo, os sonhos, a linguagem com que as crianças reagem às agressividades de seu mundo; o que sabem e como sabem, fora do ambiente escolar.

No sentido de alcançarmos respostas aproximativas a indagação proposta, anteriormente, estamos nos debruçando em uma nova pesquisa que

tem como objetivo compreender a contribuição do processo de formação inicial ou continuada na constituição da profissionalidade docente da educação infantil quilombola, em suas especificidades, no contexto da práxis dialógica em tempos de pandemia.

Nessa perspectiva, concordamos com o senhor, quando defende na obra, “Educação como prática da liberdade” (2005), uma educação que, “desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação” e que poderá possibilitar “uma postura de auto-reflexão e de reflexão” dos grupos menos privilegiados no contexto da sociedade brasileira, “sobre o seu tempo e seu espaço”, levando-os a conscientização e superação, em cada indivíduo, “a sombra da opressão que o esmaga.”

Em decorrência desse entendimento, aprendemos com o senhor no livro acima citado, que os indivíduos deverão nomear “posições mais indagadoras, mais inquietas, mais criadoras”, no contexto social e histórico em que vivem evidenciando-se, assim, uma postura libertadora da consciência que intensifica o entendimento superficial da realidade.

Nos processos de formação inicial e continuada, ressaltamos que esses espaços deverão se constituir em possibilidade de revisão, análise e reflexão dos saberes das professoras da educação infantil quilombola acerca dos limites que lhes estão sendo impostos para uma atuação profissional emancipatória.

Os seus pressupostos, Professor Paulo Freire, evidenciam, para nós, a urgência de um debate em torno do *quefazer* do/da professor/a da criança do campo como um sujeito que produz culturas e, assim, a diversidade de concepções sobre as crianças, infâncias, suas trajetórias e processos de construção social, cultural/histórica. Dessa forma, ancoradas em seus livros, buscaremos desenvolver uma pesquisa de campo, qualitativa, de cunho etnográfico. A investigação será realizada em uma escola da Rede Municipal envolvendo professoras que atuam junto às crianças de 4 a 5 anos, tendo como *locus* a comunidade quilombola Castainho, situada geograficamente na Zona Rural do município de Garanhuns/PE.

Nesse processo, evidenciamos a construção de conhecimentos que se inserem numa relação educacional em consonância com os saberes da comunidade quilombola, instituindo-se possibilidades de autonomia, para ambos os envolvidos na pesquisa, professoras e crianças, conforme o senhor, Professor Paulo Freire, aponta na obra “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à

prática educativa” (2006): “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Ressaltamos que a construção de um saber comunitário não implica na existência de uma desorientação dos saberes científicos, mas na busca de um equilíbrio entre esses diferentes saberes a fim de que se possa investir na possibilidade de uma sociedade mais humana e reflexiva, pela interpenetração de saberes.

No atual contexto profissional em que atuamos nos Cursos de Formação Inicial, Pós-Graduação e na Educação Básica, suas concepções de educação, Professor Paulo Freire, representam, para nós, a possibilidade de compreender melhor o compromisso intelectual e a responsabilidade de se desenvolver uma pesquisa na qual o resultado das discussões possam contribuir para uma reflexão crítica acerca do direito de se representar e ser representado, em um contexto social marcado pela cultura do branco, seja mais que uma formal promessa, principalmente nas instituições escolares das/nas comunidades quilombolas.

Ratificamos, ainda, que a obra “Por uma pedagogia da pergunta” (2012), proposta pelo senhor, Professor Paulo Freire, um livro-diálogo com Antonio Faundez, nos inspirou a escrever essa carta, visto que percebemos que a *práxis* dialógica almeja uma educação conscientizadora em que o educador, sobretudo, na educação infantil quilombola precisa investir na pedagogia da escuta, a fim de que, a educação possa se constituir numa prática libertadora.

Assim, conforme o senhor aponta na obra “Ação cultural para a liberdade e outros escritos” (2011), no contexto das “relações dialéticas entre consciência-mundo ou homem-mundo”, quando o educador faz opção por uma educação problematizadora e libertadora, passa a reconhecer que o conhecimento existente poderá se estabelecer em ponto de partida para a busca de novos conhecimentos, o que demanda uma ação efetiva dos indivíduos sobre a realidade.

Deixamos para o senhor Professor Paulo Freire, o nosso abraço e o esperar de que a utopia de uma *práxis* dialógica se efetive na educação libertadora.

Recife (PE), 19 de junho de 2021.

A esperança no hoje e no amanhã

Gilmar Aparecido Altran¹

Paulo Freire, querido amigo. Ainda que, de fato, não nos conhecermos pessoalmente, o sentimento forte da palavra amigo, me permite estar em profunda sintonia com seu pensar, me traz uma sensação de estar todos os dias ao seu lado, dialogando contigo as vicissitudes da vida.

Aqui, nas terras quentes e vermelhas do Norte do Paraná, conheci suas obras e suas experiências de “andarilho do mundo”. Aprendi com sua amável condição de “ser-do/no-mundo” o conceito de pertencimento. Me permitiu viver nesse mundo.

Ao revisitar minhas experiências como professor da educação básica e superior, recordo do ato de ensinar como um constante ato de aprender e de fazer a leitura do mundo, em suas constantes e inquietantes situações.

Me recordo das leituras dos seus livros. Essas primeiras leituras, ainda que de pequenos trechos, como integrante de um grupo de jovens (igreja católica) e depois na pastoral da juventude, me provocava um certo desconforto diante do “dado”, do já “instituído”, do “é assim e pronto”.

Em meados dos anos de 1980, ainda morando em minha cidade natal, com a família, numa pequena cidade distante dos grandes centros, buscando

1 Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Ciências de Toledo, atualmente Unioeste (1992), Especialização em Metodologia da Ação Docente (1999) e Mestrado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Marília (2004). É professor Assistente do Departamento de Educação (CECA) da Universidade Estadual de Londrina, na Área de Filosofia e Educação. Coordena o Projeto de Pesquisa e Ensino *O pensamento Freiriano e a educação no Brasil*.

articular a juventude local, fomos às salas de aula do único colégio público, com a tarefa de convidar mais pessoas jovens a participar do nosso grupo.

Ah, como foi complicado falar de ti, do seu pensamento e das suas ideias para a educação. Imagina Paulo, fiz o antigo segundo grau com professoras e professores formados na tradição da escola em tempos de ditadura militar. Nunca mencionavam Paulo Freire. Creio que sequer o conhecia. Mas ao motivarmos a juventude para a organização, usando seus argumentos, sua experiência e seu pensamento, dentre outros autores à época, ligados ao movimento teologia da libertação, de imediato a repulsa, o combate, a indignação dessas professoras e professores: “isso é coisa de comunista”!

Do nada me vejo na atualidade, saltando no tempo e buscando um momento de prosa contido. Vivemos tempos difíceis em todos os sentidos. Muitas pessoas, nos mesmos moldes dos anos 60/70 continuam a se pautar pela incompreensão em relação à ti. Se leram seus textos certamente não compreenderam. Mas não abdicam de vociferar imputando às suas ideias e experiências o fracasso da escola brasileira.

Certamente você gostaria de estar conosco para trazer mais vida a esse debate. Fique certo que muita gente continua vivenciando e relendo o mundo a partir dos teus saberes.

Por isso Paulo, desde que comecei a trabalhar, como professor, na formação de outras professoras e professores, numa instituição de ensino superior, fiz e faço questão de inserir suas ideias para o debate, o diálogo, a reflexão sobre temas tão caros à nossa vida de cada dia. Seja nas aulas, nos projetos, em rodas de conversas (cafezinho), enfim, sempre que é possível, estudamos Freire.

Ao te escrever, um processo dialético de retorno às minhas memórias. Compreender que o “caminho se faz caminhando”. Ter certezas, não tão certas, pois a inconclusão do ser-no-mundo e estar-no-mundo me permite olhar para os acontecimentos atuais e tomar a prática docente, sempre, como um ato político, de amor, de acolhida, de inclusão, de gente sentindo o afago e outas gentes, de empatia, de vida!!!

Do nada me volto às experiências que me possibilitou te conhecer mais de perto. um ano difícil, 1997, pois você partiu do nosso convívio. Uma das primeiras e merecidas homenagens que presenciei foi um evento para homenagear sua vida, o que representou para a educação brasileira, para cada

pessoa que, a partir das ideias propostas por você se encontrou ou reencontrou com o mundo em que vive. Foi um ato de celebração, pela sua vida e pelo pensamento.

Das leituras e releituras, das aulas, dos eventos, do diálogo com quem gosta de ti, das pessoas que não tem apreço por suas ideias e até as que te atacam covardemente, uma aprendizagem constante. Como na natureza, a transformação da cultura é a possibilidade e a esperança que movem à crença na mesma possibilidade e esperança em pensar de um mundo diferente, mais incluso e menos perverso, especialmente com as pessoas que mais necessitam dessa esperança e possibilidade.

A vida seguiu. Te apresentei a muitas turmas do Curso de Pedagogia. Algumas pessoas, certamente investidas de uma corriqueira má vontade, sequer tiveram a decência do respeito. Mas outras tantas, e são muitas, acolheram tuas ideias, tuas reflexões, leram e releeram seus escritos. As mais apaixonadas continuaram firmes no propósito de te conhecer melhor.

Hoje, nos encontramos, veja só, através de diferentes mídias, para celebrar tua vida. A pandemia que estamos vivendo nos trouxe muitos desafios. Em Freire buscamos inspiração. A esperança no hoje e no amanhã. O humano, assim como na natureza, como escreveu certa feita, é capaz de transformar. Seguimos esperançosos e esperançosas no “inédito viável”, de sermos capazes de nos permitir as emoções, das mais variadas, para lutarmos pelo que acreditamos, como ser possível, numa sociedade tão carente de esperança e de vida!!!

Afetuosos abraços à Ti e às pessoas que, sem medo, e com ousadia, vivem teus ensinamentos.

Londrina (PR), 10 de junho de 2021.

Pedagogia da Intrepidez



Ousadia e coragem de viver e esperar

Ana Lúcia Pinto de Almeida¹

Gisele Rose da Silva²

Rejane Margarete Schaefer Kalsing³

Sonia Maria da Silva⁴

Querido Paulo Freire!

É que, se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a “educação bancária” pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação.
(Paulo Freire)

- Eu sou a **Rejane** - a primeira de quatro mulheres filósofas a escrever esta carta, que terá seguimento com a carta da Sonia, depois, com a da Gisele

1 Professora de Filosofia nas redes Estadual e Municipal de Pelotas e professora bolsista no Curso de Lic. em Filosofia EaD/UFPeL. Licenciada em Filosofia e Pedagogia e Mestre em Educação/UFPeL.

2 Professora de Filosofia na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro SEEDUC-RJ. Licenciada em Filosofia pela UFRJ e Mestra em Relações Étnico-Raciais/Cefet-RJ.

3 Professora Adjunta na UFRGS, é licenciada em Filosofia/UFPeL, Mestra em Filosofia/UNISINOS e Doutora em Filosofia/UFSC.

4 Professora de Filosofia nas redes estadual e privada. Licenciada em Filosofia / UFPeL; mestranda PPG Filosofia UFPeL.

e, por último, a da Ana! Eu sou professora de filosofia desde 2001 e iniciarei minha carta por algumas definições...

Educar e ensinar são verbos que possuem origens diferentes. Porém, ambos vêm do latim. O segundo vem de *doceo*, “ensinar, fazer aprender, instruir alguém em alguma matéria (Faria, 1956, p. 308.). Da qual deriva, como se pode deduzir, *docente*. Já o primeiro verbo vem de “educó (1), educar, instruir, ensinar” mas, além disso, designa (educó [2]), “levar para fora, fazer sair, tirar de, dar à luz” (Ibidem, p. 320.). De onde vem *educatrix* (Idem.) – educadora, e *educator* (Idem.) – educador.

Em minhas *andanças* – porque foram, de fato, andanças, como professora de filosofia, posso dizer que procurei – se consegui já não sei!!!, quem melhor poderá atestar isso, ou não, são as/os discentes (*discípulas/discípulos* (Ibidem, p. 299.), ou seja, aquela/aquele que aprende, que encontrei pelo caminho – andanças que, neste ano, completam exatos 20 anos!!! – procurei, como ia dizendo, e procuro! ser sempre aquela *educatrix*, ou seja, aquela que se esforça, tal qual a parteira, sempre evocada por *Sócrates*, para dar à luz, trazer à luz, fazer sair, levar para fora, tirar de dentro, numa palavra, *extrair* os saberes filosóficos daquelas e daqueles que por mim passaram e passam, no intuito de aprender. Pois compreendo, como *Kant*, que não se ensina filosofia e, sim, a *filosofar*.

Ou seja, filosofia, muito mais (do) que uma disciplina, é uma *atividade* – para a qual, como diria o filósofo grego *Epicuro*, não há idade ideal para praticar, pois nunca é cedo demais nem tarde demais para exercê-la (conforme Epicuro, 2002, p. 21.). E, fazendo um *link* com o nosso homenageado, o contemporâneo *Paulo Freire*, assevero que “não existe ensinar sem aprender” (Freire, 2015 p. 38.) ou, ao menos, não deveria existir, pois, como educadoras e educadores, deveríamos sempre nos colocar numa postura de abertura e de humildade, permanentemente disponíveis a repensar o pensado, a rever o conhecido, a se envolver com a curiosidade das educandas e educandos (conforme p. 38.).

E, assim, procuro tecer minha *colcha de retalhos* – e aqui me recordo e, por isso, por justiça hehehe, faço a referência, *dou os créditos*, ao filme *Colcha de retalhos* – sendo essa *colcha* a minha vida, mesclada – e constituída, logicamente, com meu ofício de ensinar... Procurando ser como a *abelha*,

exemplificada por *Francis Bacon* a respeito da sua teoria do conhecimento, que extrai a sua matéria-prima das flores do jardim e do campo, transformando-a e digerindo-a em virtude de uma capacidade que lhe é própria, ou seja, recolhendo o que encontro pelas minhas andanças, pelo meu caminho e transformando-o com elementos que possuo, isto é, meus saberes, minhas capacidades, construindo, em conjunto com elementos *de fora* – nem tão *de fora* assim!

E, dessa forma, vou constituindo a minha teia, a minha vida, o meu viver e o meu ofício com as minhas experiências, saberes, vivências e com outros elementos, como a compreensão de filosofia de Sócrates, Epicuro, Cícero, Vergílio, Kant, Paulo Freire, entre tantos outros e outras!, procurando vestir-me e revestir-me do eterno *admirar-se, surpreender-se, espantar-se, indignar-se* – atitudes *fundadoras*, por assim dizer, da filosofia - com o que o mundo diariamente nos presenteia e procurando também nunca perder contato, o encanto por tudo e a amorosidade que deve constituir qualquer ofício, em especial, aquele de dar à luz, fazer sair, levar para fora, tirar de dentro, extrair...

Passo agora a caneta à minha colega e amiga, **Sonia**, para dar seguimento à nossa carta...

- Paulo Freire, à você professor agradeço os ensinamentos e aprendizagens! Que maravilha é ser professor, aprender e ensinar, como bem colocavas! É desafiador e um tanto, frustrante a realidade hoje do nosso país, talvez você, como muitos não imaginaria que em 2021 estaríamos passando por um grande retrocesso e, tristemente, até sua referência como patrono da educação e seu sonho de uma educação libertária estejam sendo desvirtuadas por ignorantes e fanáticos ou, talvez, pior que isso, por fascistas!

“*Não existe ensinar sem aprender*”, nas suas palavras professor, a cada dia estamos aprendendo mais do que ensinando, já vivenciei muitas experiências diferentes e, em cada uma, um grande aprendizado. Sou professora da rede pública e privada de educação básica desde 2000 e, sempre trago comigo a esperança de trabalhar de fato como uma educação libertadora. Que lindo quando um estudante faz a “*leitura de mundo*” e, não só de palavras!! Já vivenciei isso, como também o fato de “*ensinantes*” que não são humildes,

abertos, e nem mesmo se coloquem disponíveis a “*repensar o pensado*”, reverem suas posições; tão pouco procuram envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes “*caminhos e veredas*”, que eles podem percorrer.

“Esperanço» do verbo esperar, que tenhamos uma educação voltada para a justiça social, o respeito e o conhecimento, onde todos sejam sujeitos de sua história e se valorize “*todos os saberes*” de cada estudante e de cada professor!

Professor Paulo! Tão bem desenvolveu, indagou sobre o conceito de cultura, ao falar que o trabalho além de uma forma de sobrevivência, pode ser a valorização de uma determinada cultura. Da cultura do trabalhador que está em processo de aprendizagem e, pelo seu método vai se reconhecendo e ressignificando seu mundo.

Para concluir, você nos fala em sua Pedagogia da autonomia da “*boniteza de ser gente*”, da boniteza de ser professor: “*ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.*”

Palavras lindas como sua alma, professor Paulo!

Nós professores e professoras iremos seguir esperando na boniteza e na alegria, por você e por todos nós, e principalmente pelos nossos estudantes, para que o sonho se torne real. Deste sonho compartilham minhas amigas e lutadoras, como a professora Gisele.

- Sou **Gisele Rose**, uma mulher negra, de 42 anos, graduada em filosofia pela UFRJ, que possui muitas histórias que atravessam essa via de mão dupla educanda/educadora, diante dos tantos percalços que passei ao longo de minha vida escolar, tento ser no mínimo parecida com aquelas e aqueles educadores que fazem parte da minha existência e que compõe o meu ser e estar no mundo.

Fui alfabetizada pela professora Helena Brasil, uma baixinha de nome tão imponente que, pasmem, está na minha vida até hoje. Tia Helena (sei que você não gosta), mas ela vai ser sempre minha amada tia, a quem eu agradeço ser a professora que sou hoje.

Tia Helena dizia que o processo de alfabetização era mágico, que ela só ensinava a juntar as letras o restante era mérito de cada aluno e aluna. Ela explicava que acontecia uma espécie de mágica onde cada criança no seu tempo

aprendia a ler e escrever. Ela era rígida com todos e todas, menos comigo, acho que era o fato de eu ser sua admiradora (até hoje).

Paulo Freire, não me considero uma privilegiada, mas sim uma sobrevivente de um sistema de ensino que invisibiliza pessoas pretas e pobres.

Atualmente me questiono sobre o motivo de você não ter escrito que meninas e meninos pretos e pobres são os oprimidos que você tanto pensa, pois, o pessoal que está no poder atualmente além de negarem a sua importância, precisam que façamos desenhos e ainda dizem que estamos errados.

Me recordo das minhas professoras do ensino fundamental e penso que todas elas leram seus livros, com certeza leram, elas me chamavam de linda, me escutavam e viam em mim alguma coisa que até hoje eu não consigo identificar o que é.

Minhas “tias” fazem parte da minha história e quando atuo hoje em sala de aula lembro de cada uma delas, pois eram profissionais exemplares que se importavam realmente com o processo de ensino/aprendizagem.

É bem estranho te escrever, pois eu lembro da menina faladeira que tinha vergonha de falar em público e que demorava para fazer o cabeçalho, e que, hoje, se tornou professora, pesquisadora, escritora e atua no *front* de batalha na luta por uma sociedade mais justa.

Paulo Freire nesses tempos estão difíceis, nosso povo está morrendo em função do contexto pandêmico que agravou ainda mais as desigualdades e mazelas cotidianas. Não sei o rosto dos meus alunos, meu contato é apenas virtual e, confesso que tem dias que dá um desânimo tremendo. Não sei como vamos sair desse processo e tenho medo do que pode vir a acontecer mais para frente...

Gostaria de saber como faço para esperar apesar de todos os pesares? E queria muito que você me respondesse, mas ao mesmo tempo me questiono como você iria atravessar esse momento.

Para ir finalizando gostaria de te agradecer por seus escritos e por sua influência na prática de ensino, mas isso não significa que eu concorde com tudo o que você escreve, pois eu queria te fazer muitas provocações...

Enfim, a professora Gisele Rose agradece a você por sua luta, agradece a Helena, Maria José, Sandra, Giovana e Gisele, as professoras (tias) que dedicaram as suas existências a educar e empoderar a menina preta que sentava no fundo sala de aula.

- Eu sou a **Ana**, brasileira-mulher-professora de filosofia-mãe. Li as tuas cartas para quem gosta de ensinar e preciso te contar algumas coisas que andam acontecendo por aqui, no Brasil em 2021.

Escolho te relatar nesta missiva que tivemos outro golpe em nossa democracia, acreditas? E tu estavas envolvido, fostes colocado na rua, na boca da elite, nos cartazes da elite, que reclamava dos governos progressistas e das escolhas em investir na educação da população da classe operária.

Luís Inácio Lula da Silva, brasileiro-operário, governou o Brasil por dois mandatos, a alegria fez parte de seu governo, assim como as contradições. Os dois mandatos seguintes foram ganhos pela Dilma Rousseff, brasileira-mulher aguerrida e admirável. Nossa primeira presidenta. Ventos novos pareciam ter chegado.

Nesse contexto alvissareiro, por muitas vezes, conversei contigo em minhas aulas para formação de professores, te citava, lembrando a importância de valorizar a formação profissional: professora sim, tia não!

Em 2012 a Luiza Erundina, lembra? Brasileira-mulher-progressista, então deputada, te tornou o Patrono da Educação brasileira. A lei foi sancionada pela Presidenta da República, Dilma Rousseff. E foi ela quem foi derrubada, “impitimidada” em 2016.

No segundo mandato de Dilma, o Brasil descobriu uma reserva imensa de petróleo. A profundidade exigida para perfuração em mar aberto revelou o potencial da ciência e da tecnologia nacional e tornou a Petrobrás alvo de investigação de supostas corrupções. As passeatas contra o governo iniciaram e colocaram multidões nas ruas.

E as tuas frases e o teu rosto apareceram em muitos cartazes nas manifestações por um “novo” Brasil, contra a corrupção econômica e moral. Tal como a Sócrates te acusaram de corruptor da juventude e te culpabilizaram pela fragilidade da educação. Os professores e professoras tornaram-se acusados de práticas doutrinárias, visando a um “marxismo cultural” e à divulgação do comunismo entre os jovens. Acreditas nisso? Poderias imaginar nos anos noventa que os oprimidos se juntariam aos opressores para repudiar a educação? Justamente em um momento da educação em que o ensino superior irrompia como possibilidade real para a juventude. A criação do programa Ciência sem Fronteiras permitiu que jovens pesquisadores fizessem bonito

lá fora, na Europa, nos Estados Unidos, no Chile, no Uruguai... Elas e eles estavam em tantos países! Uma lindeza de esperançar!

Os treze anos de governos progressistas indicavam que a democracia e a igualdade tinham solidificado suas raízes em nossa sociedade. Chegamos a pensar que nós, professores e professoras, havíamos cumprido nossa função social, tão bem descrita na Lei de Diretrizes e Bases de 1996.

Não sei se te conto mais... Se estivesse vivo, certamente, estarias assombrado, sendo perseguido por aqueles a quem dedicastes tua obra, que eram também eles que encheram as ruas carregando cartazes difamatórios sobre a tua suposta culpa no fracasso da educação nacional. Poderias até mesmo ter morrido de tristeza ou de COVID 19.

Freire, após a derrubada da presidenta Dilma, o país desandou. As investidas contra professores e professoras brasileiras tornaram-se um projeto de lei que vilipendia a Constituição cidadã de 88. O Escola sem Partido, como é chamado por seus criadores, insuflou na população a ideia de que os e as docentes são vilões degenerados, “comunistas”, depravados, que, em suas aulas, contrariam a família tradicional brasileira. Mães, pais, políticos e/ou líderes religiosos solicitam o direito de *homeschooling*, como proteção contra a autonomia docente. Votamos a discutir se a Terra é plana. Voltamos à teoria criacionista nas salas de aula. A Filosofia novamente saiu dos currículos escolares. Agora é: tia não! E professora muito menos!

Os militares estão no poder central novamente, por intermédio da democracia, pelo exercício do que te era tão caro: a cidadania. Na eleição de 2018 nós elegemos um capitão reformado do exército.

Ao que tudo indica nossa educação, ainda que tenha avançado nos governos progressistas em inúmeras questões, principalmente na inclusão de diferentes sujeitos e no acesso à escolarização, pecou por não ser libertadora. A leitura da tua *Pedagogia do Oprimido* nos traz a possibilidade de entendimento de nosso cotidiano

Há algo, porém, a considerar nesta descoberta, que está diretamente ligado à pedagogia libertadora. É que, quase sempre, num primeiro momento deste descobrimento, os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou sub opressores. A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se “formam”. O seu ideal é, realmente, ser homens,

mas, para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja superação não lhes está, clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade (1987, p. 21).⁵

Os avanços dos governos anteriores ao golpe na educação foram potentes, mas nossas questões sociais são profundas, estruturais (racismo, desigualdades de toda sorte, violências) e, embora a vida tenha melhorado, funcionou de certo modo como um paliativo que acomodou. Iludiu boa parte dos nossos. Nossos direitos estão em risco e parte dos oprimidos concordam com nossos opressores: direitos humanos, socialmente construídos, são criminalizados. A cada pobre-preto-trans-mulher que morre tem alguém para comemorar o CPF cancelado. Jornalistas são acoitados pelo governo federal, alguns foram presos. Estudantes resistentes receberam e recebem balas de borracha e outros tratamentos indignos ao se manifestarem publicamente.

Mas estamos aqui e não nos calaremos! A luta se intensifica e não está nem perto de encerrar.

Te escrevo ao som de Criolo, acredito que gostarias dele. Tem força e é um resistente, ele descreve o que vivemos por aqui “Pois quem toma banho de ódio exala o aroma da morte”, tomamos banho de ódio, elegemos quem nos odeia, exalamos o aroma da morte. Vivemos uma pandemia mundial de COVID 19, um vírus novo. Não há remédio que cure, porém, a ciência desenvolveu vacinas. E nós imploramos por elas.

Ontem ultrapassamos os quinhentos mil brasileiros mortos por uma pandemia em meio ao desastre das políticas públicas para a saúde. Nosso governo pratica, inequivocamente, a necropolítica conceitualizada por Mbembe, tu concordarias com ele, acredito. Estamos encurralados, mas resistimos, viu? A geração de 68 continua fazendo bonito e já está nas ruas clamando por novo impeachment, mas a nova direita, chamada extrema direita é estranha, quer a barbárie. Ontem Chico Buarque esteve nas manifestações. No dia de seu septuagésimo sétimo aniversário participou dos protestos contra o governo. É a necessidade. O povo está passando fome, não existem empregos, não temos vacinas para todos. Não tememos agora sermos chamadas de tias. Não nos querem entre suas famílias; nós, docentes, somos os inimigos das *famílias de*

5 FREIRE, Paulo. *z.* 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

bem – utilizando o termo com o qual as mesmas se qualificam. Professoras e professores são perigosos divulgadores de conteúdo ideológico, deixando de corresponder aos ideais de bom mocismo. Hoje somos o oposto à tia sob uma raiva desmedida contra professores de todos os níveis de ensino.

Sou a Ana como te disse lá no início, a fofqueira do grupo. Escrevo com a Gisele, com a Sônia e com a Rejane, quatro mulheres formadas em filosofia e em exercício da docência, que se reuniram e pretendem ser resistência e viver num Brasil melhor, ainda esperamos. Por isso também, nos dedicamos a parar, refletir e te escrever.

Caetano tem razão, gente é para brilhar, não para morrer de fome.

Abraços afetuosos e esperançosos.

Pelotas (RS), junho de 2021

Da justa raiva ao esperar!

Grupo Prática da Liberdade no Contestado¹

Nos permitimos dizer e escrever: ao amigo Paulo Freire, Amigo na convivência com seus escritos, fonte de inspiração nos desafios de práticas educativas e no desejo de *ser mais*. Querido mestre e amigo, vivemos *situações limites* e contigo nos inspiramos na criação de *inéditos viáveis!*

É preciso manter nossos sonhos aquecidos. Nesse sentido, como podemos recuperar os sonhos que parecem perdidos? Seus ensinamentos nos mostram caminhos para revertermos a lógica do desencanto, nestes tempos de muita malvadeza no poder e retrocessos da incipiente democracia brasileira.

O gênero epistolar vem sendo tramado pelo grupo “Prática da Liberdade no Contestado” que se constituiu como um mosaico de tecido, alinhavado a partir do III Ciclo de Leituras e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, organizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Filosofia, NESEF/UFPR, o Departamento de Planejamento e Administração Escolar, DEPLAE/UFPR, a APP-Independente e o Projeto de Ensino e Extensão Loucos pela Vida, IFPR. Somos parte desta iniciativa e temos em comum a atuação docente, seja na educação básica ou universitária. Somos em maioria mulheres, com um educador e, estamos, também na militância, em diferentes movimentos sociais e/ou nos espaços institucionais e somos trabalhadoras e trabalhadores de origem popular.

¹ Integrantes do Grupo Prática da Liberdade no Contestado, da região do Vale do Iguaçu (PR), participante do III Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, durante o ano de 2021. O Ciclo de Leituras é um projeto de extensão organizado por um coletivo de educadores do grupo sindical APP Independente; do Instituto Federal do Paraná e da Universidade Federal do Paraná.

Para algumas pessoas este espaço foi um primeiro encontro com seus escritos e para outras, um reencontro tendo em vista que no grupo alguns de nós participamos ativamente do Coletivo Paulo Freire de Filosofia, Educação e Cultura, da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Programa de Extensão que vem desenvolvendo ações, articulando pesquisa e extensão com interfaces entre pedagogia libertadora, interculturalidade, descolonialidade, bem viver e educação popular feminista e/ou tem uma trajetória política e pedagógica em movimentos sociais onde seu legado é permanente inspiração.

Estamos situados especialmente em União da Vitória/PR, cidade que faz divisa com Porto União/SC, território que foi dividido após a Guerra do Contestado (1912-1916). Nossa extensão territorial ainda é marcada por desigualdades sociais, pobreza e concentração de riquezas, neste sentido a luta do povo caboclo de mais de 100 anos segue atual. Em memória aos nossos ancestrais que lutaram por terra, pão e liberdade no território do Contestado, batizamos nosso grupo de “Prática da Liberdade no Contestado”.

Nesse território, caboclos e caboclas, afro-brasileiros e afro-brasileiras, indígenas, são os reais proprietários, construtores dessa região. Na guerra foram os que morreram enfrentando e resistindo e nos dias atuais continuam morrendo porque a guerra continua com outras roupagens desumanizantes.

Nossos povos trazem memórias, saberes, conhecimentos, culturas que resistem e, que infelizmente foram e ainda são colocados à margem da história como se fossem estranhos ao seu território. São tratados como aqueles que deveriam se “submeter” aos colonizadores brancos que aqui chegaram e fizeram desse ambiente o seu lugar.

É uma linda região com montanhas, cachoeiras, rios, inclusive o Rio Iguaçu, que serpenteia nossas cidades, a qual oferece tardes com pôr do sol incríveis. Por outro lado, entre nós e os municípios que compõem este território, identificamos desmatamentos de florestas nativas, diminuição de águas dos rios, com conseqüente grau de fome e pobreza que escancara a desigualdade social. Assim podemos afirmar que a fome e a pobreza nessa região têm classe, raça e gênero.

Ademais, é com imenso regozijo que nós, parte das integrantes do Grupo Prática da Liberdade no Contestado, saudosamente ousamos nos dirigir a ti, caro Paulo Freire, justamente neste momento, onde mais se vê necessário o estudo da sua filosofia acerca de uma educação pautada na liberdade, sendo

que nestes mais de 20 anos sem sua presença física parece que o tempo às vezes titubeia, tenta voltar para trás, onde a educação ensaia não ser integrante do pódio da libertação, mas capenga para a opressão; ousamos mencionar esses aborrecimentos cientes de que como educador, que até exilado foi, compreendes intimamente esse descontentamento, que é um sentimento de desalento advindo da experiência de um momento em que nossos olhos e corações experienciam constante negligência com a educação e o povo brasileiro.

Escrever sobre esperar é uma tarefa árdua em tempos como os que estamos vivendo, fase obscurecida pelo negacionismo, opressão de toda ordem, genocídio ocasionado pela Covid-19 e maximizado pelo governo atual. A falta de esperança se faz parte em consequência de uma estrutura, onde assistencialismo e a massificação reinam como política governamental para manter o povo passivo, estagnado em sua posição de sujeição e dominação. Indivíduos se vendo isoladamente não conseguem trilhar meios para sair dessa situação, ou ainda, se encontram alienados ao ponto de não perceberem sua posição desfavorável, e assim voltamos à beira do colonialismo ou percebemos como este segue vivo na cultura brasileira, onde as “soluções” são feitas para o povo e não com o povo, edificadas geralmente por pessoas que não conhecem a realidade proletária.

Em suas “*Odes Elementares*”, o poeta Pablo Neruda nos ensina a “des-coisificar” o universo das relações e transformá-las em uma reflexão poética, histórica e política. A des-coisificação é justamente a humanização do ser humano, construído como ontologia do ser. Neste momento de tantas adversidades, nos seus 100 anos, nos inspiramos esperançosamente em você, Paulo Freire, no permanente movimento de nos reeducarmos na justa raiva e no esperar como condição ontológica, como energia vital para a existência, para não cairmos no desespero ou no fatalismo imobilizante.

Sem dúvida temos que ter o cuidado ao falarmos de esperança no momento que vivemos, pois talvez um grande desafio seja unir esperança e indignação e lutar com toda inteligência e força contra as injustiças, desigualdades e silenciamentos tão recorrentes na história humana. Esta indignação, já dita por muitas vezes, está explícita em uma das cartas que escreveu, compiladas por sua querida Nita Freire, em “Pedagogia da Indignação”. Lá nos

rediz acerca do valorizar nossas perspectivas éticas, comprometidas com a vontade e a sensibilidade, com as emoções que permitem nossos atos de resistência e consciência histórica, de ser e estar no mundo, isto é, desenvolver uma práxis educativa libertadora, encharcada de esperança.

No movimento de pensar a sociedade brasileira, nossa busca parte do território no qual reexistimos, em andanças e caminhos percorridos, semeamos o sonho de um mundo justo e solidário, sonho como a utopia que nos ensina, que se faz desde o cotidiano, como *inéditos viáveis*. E o que nos une nesse cenário? A educação. Embora sejamos de áreas plurais, temos um interesse comum: “a educação como uma prática de liberdade” e, afirmando isso, buscamos uma educação com ampla conscientização, que provoque a reflexão e a autorreflexão do tempo e de seu espaço, na e desde a cultura. Este tema da conscientização em seu pensamento, caro Paulo Freire, merece atenção, algumas leituras mais amplas de seus escritos indicam que reviu posições numa perspectiva mais dialética e dialógica.

Sua síntese inovadora das correntes do pensamento filosófico contemporâneo, como o existencialismo, a fenomenologia, a dialética hegeliana, o materialismo histórico e as ricas contribuições sobre o pós-colonialismo, tais como de Albert Memmi, Frantz Fanon e Amílcar Cabral situam-se sobretudo na constituição processual de um movimento amplo em favor da superação das opressões sofridas por mulheres e homens, desvio cruel da vocação humana de *ser mais*, como expõe em “Pedagogia do Oprimido” e “Pedagogia de Esperança”. A práxis de conscientização se expressa com movimento permanente de descolonização, portanto, de ação política e cultural para libertação, comunitariamente.

O tempo presente exige coragem! Na coragem seguimos de mãos dadas, unidos e unidas apesar dos dilemas, das *situações limites*, esperançosos e esperançosas. Nesta travessia de refletir sobre seus ensinamentos, na valentia de amar mais ainda em tempos sombrios, nos obrigamos a questionar mais, refletir mais e lutar pelas nossas utopias. A história é implacável! E esse período de transição deixa marcas: o choque do ontem esvaziando-se e de um mesmo modo permanecendo.

É nesse processo que o Brasil se encontrava na década de 60, passagem de uma época, avanço da industrialização e urbanização e marcada por uma

sociedade fechada, de alienação cultural, autoritária, dominada por uma elite, um povo imerso em questões fechadas, sem acesso à educação, ou seja, que não tinha condições de refletir sobre o que estava vivenciando, uma certa incapacidade e fatalismo, como de perceber a sociedade em si mesma.

Nesse momento, relendo-o reconhecemos a atualidade de suas palavras e muitas questões surgem, principalmente quando pensamos na “sociedade fechada” que analisou em “Educação como Prática da Liberdade”, na qual não existe abertura para o diálogo, para expressão da palavra e reina o autoritarismo, a massificação e violência. Momento em que se torna urgente discutirmos a radicalização e o sectarismo, conceitos atuais, pois estamos vivendo um fanatismo exacerbado e acético.

São tempos de banalização do mal e de ausência de pensamento crítico. A radicalização pode ser entendida como o enraizamento, é positiva, amorosa, crítica e comunicativa. Não impõe, mas dialoga, busca as raízes, as causas das questões desafiadoras. O problema se intensifica, pois nesse caminho, as contradições surgem, quando o ser humano é levado a sectarização, isto é, práticas acéticas, posturas arrogantes e antidialogais. Vemos abismadas/o narrativas contra a ciência, contra a defesa da vida e do cuidado de todos os seres vivos, o ódio como política e a mentira como norma dominando o Brasil.

Estamos num tempo em que a vida está perdendo para a morte! Não são apenas mortes de sonhos, mas de vidas concretas que perdemos para a pandemia por COVID-19 e devido à ausência de políticas públicas, ausência de distribuição de vacinas e de negação da ciência. Neste contexto é urgente transformar a dor, a justa raiva e a indignação em esperança na ação no mundo, na defesa da boniteza da vida e das liberdades!

Sabemos que nesse caminho, as pedras surgem, sectarismos, fanatismos e ativismo só podem ser evitados, como você menciona, com vigilância crítica permanente. O radical é aquele que vai pelo outro caminho, rejeita o ativismo e submete sempre sua ação à reflexão, buscando ir à raiz das questões socioeconômicas da sociedade. É ser sujeito, não mero espectador do processo. Uma sociedade embrutecida gera ódio. Quem somos? Sob o véu do colonialismo, perdemos o encantamento de nossa própria cultura, uma sociedade puramente reflexa de outras sem autonomia. Mas, precisamos ir contra a lógica do sistema que insiste no desencanto. E a educação pode cumprir esse

papel, de recuperar sonhos, freando assim o desencanto. Precisamos manter nossos sonhos aquecidos, e esperar não é somente um desejo, mas uma necessidade.

Quando o amor nasce, ele rasga o asfalto, ele faz nascer e brotar esperança! Em clima de esperança nasce uma sociedade que não é mais objeto, mas passa a ser sujeito, em um cenário que podemos desenhar seu sonho da democracia como um saber. Navegar é preciso, assim, remando e remando novos mares surgem, e a crescente participação do povo, novas dimensões surgirão seja econômica, social, política e/ou cultural.

Estar e Ser nesse mundo não é uma tarefa fácil pois às vezes bate o desânimo frente a tantas situações de morte que tendem a tomar conta de nossas vidas, até mesmo porque estamos respirando mais a morte do que a vida, porém, dialogar com você nos encoraja a seguir a caminhar e é assim que nos fortalecemos coletivamente, resistindo e enfrentando o capital, o Estado autoritário e todas as expressões de opressão.

Neste contexto, a educação libertadora, pautada no diálogo, no amor, na práxis, na comunhão, na *unidade na diversidade*, que acolhe singularidades na rica diversidade humana, é um ato de rebeldia contra o sistema, é uma forma de mostrar que esperamos em tempos sombrios, que não nos curvaremos frente às mazelas do capitalismo explorador e de políticas ultraconservadoras, mesmo que pareça mais fácil este caminho. Estamos aqui embaladas/o na utopia que seu pensamento e suas práticas inspiram. Remando em um barco que pode afundar, mas que nós queremos que aprenda a voar.

Deixamos este registro com algumas de nossas reflexões, com afeto, garra e gratidão! Visamos seguir estabelecendo relações do campo teórico, prático e humano, aproximando suas concepções com nossa realidade na busca comum por uma sociedade diferente, a qual passa pelo respeito ao outro, exercício contínuo do diálogo e o direito de cada um e cada uma se pronunciar no mundo. E, assim como o latino americano, brasileiro e nordestino Belchior: “amar e mudar as coisas nos interessa mais”!

Por fim, em homenagem a você amigo nordestino, na justa raiva e no esperar deixamos um humilde cordel:

República do Diabo

Contestando a república do diabo
O povo caboclo do sul
Se organizou com força e coragem

Se levantou como o Exército Encantado
Teve muito sangue derramado
Muita luta e resistência!
Teve morte pra todo lado.

Foi há muito tempo...
Que o povo pela terra lutou
Que a história não apague nossas memórias
Toda aquela injustiça ainda não acabou.

Pois, a República do Diabo renasceu!
Se alastrou como verme por todo Brasil
Mas não esquecemos nossa herança cabocla
Nosso Exército Encantado tem como armas inéditos viáveis.

No Brasil do ódio há, também, amor e esperança
Com a força da vida como práxis de liberdade
Superaremos o vírus
E colocaremos para correr os genocidas.

Abraços carinhosos das mulheres educadoras, Bruna, Érica, Giselle, Graciele,
Joana, Pâmela e do educador Almir (Filó)

Vale do Iguaçu, junho de 2021.

Participantes desta carta:

Almir Sandro Rodrigues: Doutorado e Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória. Pesquisador do

Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educativa (GEPPRAX-UNESPAR). E-mail: filorodrigues@yahoo.com.br; **Bruna Estefany Czarnos:** Graduanda e Monitora Voluntária do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória/PR. Graduanda em Administração pelo Centro Universitário de Maringá (Unicesumar). E-mail: brunaestefanyczarnos@gmail.com; **Erica Vanzin:** Graduanda do Curso de Pedagogia, bolsista (PIBIS) no Programa de Extensão Coletivo Paulo Freire: Filosofia, Educação e Cultura da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *campus* de União da Vitória. E-mail: vanzinerica13@gmail.com. **Giselle Moura Schnorr:** Doutorado e Pós-doutorado em Educação, professora do Colegiado de Filosofia e do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia e coordenadora do Grupo de Estudos e Experiências em Educação Filosófica (GEEFIL), da Universidade Estadual do Paraná, *campus* União da Vitória. E-mail: giselleschnorr@gmail.com. **Graciele Aparecida da Silva:** Pós-graduanda em Didática e Docência do Ensino Superior (Uniguaçu); Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *campus* de União da Vitória. Professora das redes pública e privada de ensino. Incentivadora das práticas de educação inclusiva como educadora e integrante da comunidade surda. E-mail: gracielebia@hotmail.com. **Joana D'Arc Vaz:** Doutora (UFSC) e Pós-doutora em Educação (UEPG). Professora do Colegiado do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educativa (GEPPRAX- UNESPAR). E-mail: darcvaz.13@gmail.com **Pâmela Bueno Costa:** Mestre em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO). Professora das redes pública e privada de ensino de Santa Catarina e do Colegiado de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória e pesquisadora do Grupo de Estudos e Experiências em Educação Filosófica (GEEFIL), E-mail: costapamela58@gmail.com

Cultivando a utopia em tempos distópicos

Janiely Ferreira Lopes¹

Professor Paulo Freire, primeiramente gostaria de agradecer o legado que deixou, e por sempre esperar, apesar de todos os momentos difíceis que passou. Após ler algumas de suas obras, sinto uma espécie de conexão e, conseqüentemente, uma missão de falar para o maior número de pessoas as reflexões que deixou a respeito da sociedade, da educação brasileira, dos educadores e educandos, dado que se mostram bastante atuais. Diante disso, sinto-me confortada, pois não me sinto desamparada; mas ao mesmo tempo me preocupa, porque exigirá dos educadores muita força, perseverança, pensamento crítico, e claro, amorosidade. Em virtude disso, agradeço os meus professores e professoras que introduziram as leituras de seus trabalhos nas aulas da universidade. Sinto que deveria tê-las conhecido antes, mas também acredito que as coisas acontecem no tempo certo, e talvez eu não teria maturidade suficiente para compreender as experiências de aprendizagens, com tantas pessoas e reflexões sobre a sua própria vida.

Devo admitir, que o processo de escrita desta carta foi muito desafiador, muitas vezes pensei que as reflexões que queria compartilhar eram de menor valor. Porém, tomada por uma coragem, que é própria daqueles que escolhem o caminho da educação progressista, decidi escrever considerações sobre o período pandêmico que estamos enfrentando, seu caráter distópico, e como suas obras serviram de apoio nesse momento – tanto para mim quanto

¹ Graduanda de pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e integrante do PET Pedagogia.

para os demais estudantes de licenciatura e docentes. Durante a quarentena, participei de vários eventos virtuais, sendo a grande maioria sobre sua herança. Nesses momentos conheci tantas pessoas que estão no mesmo barco que eu, numa condição de rede de compartilhamento, que se apegam e extraem forças do seu legado para seguir lutando.

Desse modo, devido ao isolamento social, a principal estratégia contra esse vírus, que ainda se mostra amedrontador enquanto a maioria da população não estiver vacinada, pessoalmente esse período em casa também se demonstrou como um catalisador para minha busca interior, como jovem, graduanda em pedagogia, nordestina e apaixonada pelo poder transformador da leitura. Conseqüentemente, o afastamento da universidade foi um momento doloroso, me separei de meus amigos e de professores que sempre compartilharam tanto comigo. Eu sentia a universidade como um coração pulsante, vivo e ativo; onde pessoas diferentes, em graduações distintas, professores e alunos, se encontravam nesse lugar e compartilhavam as experiências, tristezas, alegrias, o conhecimento que cada um tinha. No final das manhãs, após as aulas, eu tinha o desejo de permanecer lá e conhecer mais, participar de cursos, palestras e programas educacionais, as possibilidades eram inúmeras e eu queria participar de todas elas.

Como leitora voraz de livros distópicos, me encanto com as reflexões a respeito de como tais sociedades ficcionais foram moldadas e os novos costumes adotados por elas. As fórmulas dessas obras geralmente se passam em regimes autoritários com eventos apocalípticos; permeados pela perda de direitos da população; doenças que dizimaram a grande parte dos habitantes; a desesperança por dias melhores que são marcados pelo medo, violência extrema e a presença escancarada das mazelas sociais sem a perspectiva de um cenário melhor. Nesse ínterim, os mundos distópicos descritos nas páginas dos livros, não se passam em realidades tão distantes da nossa; apresentando uma conjuntura de elementos econômicos, sociais, políticos, populacionais ou ambientais que levaram a este momento. O alerta que esse gênero literário carrega, nos leva a ponderar que tais eventos se aproximam muito da nossa realidade atual, Brasil 2021, em meio uma pandemia mundial, devido ao COVID- 19 e se aproximando da impressionante marca de 500.000 mil mortes.

Logo, me deparo com esta realidade em que o governo é negacionista a comprovação científica das vacinas, não estimula o isolamento social e o uso de máscaras; o que significa um conjunto de medidas que vão contra as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), e que estão surtindo efeito nos países que as seguem rigidamente, com casos de contaminação pelo coronavírus controlados e a aceleração no processo de vacinação da população.

Assim, quando me deparei, em suas obras, com o conceito de utopia como um sonho possível, senti como um sopro de esperança, considerando estes tempos que situações distópicas parecem tão palpáveis. Diante disso, compactuo com sua obra “Professora sim, tia não” (2015); de fato, o processo de ensinar se demonstra prazeroso, mas impõe desafios e, por isso, é preciso ousadia para lutar pelos direitos de uma educação de qualidade, com rigor científico, militância e amorosidade. Naturalmente, tudo isso não seria possível sem uma compreensão do contexto em que estamos presentes e as políticas autoritárias que o governo adota. Certamente, existe uma lacuna que nos leva a não compreender a ideologia dominante e suas marcas no cenário que estamos perpassando atualmente.

Enquanto buscava incessantemente sobre esse conceito, devo admitir que fiquei tomada pela curiosidade e esperança. Como eu, apenas uma estudante de pedagogia, poderia exercer um papel transformador em meio a um caos eminente em nossa sociedade, que por muitas vezes parece ser irreversível e que nos resta aceitar e acreditar que não há mudança? Porém, em meio as minhas leituras nas madrugadas, me deparei com essa frase “É nesse sentido que me parece fundamental a importância a insistência sobre a compreensão da história como *possibilidade* e não como *determinismo*.” (FREIRE, 2019, p. 37, grifo do autor). Em virtude dela, pude compreender mais sobre os impactos do imobilismo, de sermos apáticos em relação ao que acontece a nossa volta, como se esperássemos pacientemente dias melhores sem fazer nada em busca deles. No entanto, o pensamento utópico implica na *denúncia* do que estamos vivendo e no *anúncio* do que poderíamos viver, como suas próprias palavras ressaltam, o futuro não é inexorável, é apenas problemático; então, conseqüentemente, podemos e intervir sobre ele.

Vou lhe confessar que compreendo que essa jornada não será fácil, e nem espero que seja, Mestre Paulo. Parece algo inalcançável se permitir sonhar neste momento, mas existem inúmeros exemplos de luta, que me inspiram,

contra as transgressões; por isso, suas palavras se materializam em força. Nesse sentido, à medida que analiso a nossa capacidade crítica de enfrentar esses entraves condicionantes que insistem em nos deixar em um lugar alheio ao nosso entorno e nos faz acreditar que não temos capacidade de mudança. Assim, acredito que temos o potencial de superá-los, pois nós, homens e mulheres, somos seres condicionados, mas não determinados. Sendo assim, isso nos dá a possibilidade de reinventarmos e reconstruirmos a nossa história, sem reproduzir os mesmos erros, pelo contrário, aprendendo com eles. Portanto, é nessa característica humana que me apego e me impulsiona a acreditar em dias melhores.

Finalizo minha carta tomada pela gratidão. Sei que pode parecer repetitivo, mas devido aos seus escritos, me tornei uma estudante que compreende a tarefa do educador, e sua responsabilidade social e política de mobilização, em prol de uma educação de qualidade para todos; levando em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, com enfoque na leitura da palavra e a leitura do mundo, estimulando a luta e o pensamento contra as problemáticas que insistem em minar nossa esperança.

Com afeto e gratidão.

Campina Grande (PB), junho de 2021.

Referências

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira**. 12^a. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo. Editora Paz e Terra. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo. Editora UNESP. 2000.

Utopias forjadas nas lutas do cotidiano

Rosecleide Orozimbo Harada¹

Olá, Mestre!

Quanta honra poder me dirigir a ti! Gostaria de te dizer que a alfabetização de adultos tem dado muito certo, ainda que com tantos reveses e desafios, mas, mulheres e homens estão ingressando no Ensino Superior. Há pouco, comecei a trabalhar numa universidade e, acredite, meu caro: Sou intérprete de Língua de Sinais de duas estudantes com surdez!!!

Embora, muitos acreditem que a inclusão, ou Educação Inclusiva, seja um processo, no qual cabem somente os estudantes com alguma categoria de deficiência, nossa sala estava recheada de histórias de inclusão.

Mas, caro professor, hoje quero pontuar (talvez desabafar, partilhar, processar...nem sei!!) uma história de superação, dentre os acadêmicos e acadêmicas desta referida Universidade na qual exerço meu ofício. Uma estudante muito querida, sentava-se na primeira “carteira”, se é que me entende, pois, é assim que pessoas com mais idade se referem à mesa e cadeira de estudos. Maravilhada pela conquista de estar retomando sua formação acadêmica no curso em que sonhara há tempos, nossa amiga era curiosa e traçava suas atividades como se o “dom” da pedagogia lhe fora inato. Não trato aqui, a palavra “dom” de forma inocente, no sentido “messiânico” ou, porque não dizer “missionário” que por tanto tempo ouvimos na história da Formação Docente, como

1 Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEL), pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atua como Tradutora e Intérprete de Libras na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) _ polo de Maracaju/Ms.

quem pudesse acreditar que, se é missão, o retorno salarial fosse só um detalhe Não! No caso de nossa acadêmica, dom aqui, tem a ver com ter a convicção visceral sobre o que desejava se tornar, enquanto Ofício de Mestre! Aqui, a palavra “dom” se apresenta como meta perseguida e desejada, em direção a qual ela traçou seus sonhos e, desejando dar vida a cada um deles, também traçava com o mesmo zelo a cada uma das atividades propostas, como quem entende os “ritos de passagem” deste “vir a ser”! Afinal, caro mestre, como você bem destacou em seus textos, vou te parafraseando enquanto me lembro que “somos gerúndio!! Não somos (numa perspectiva inerte e absolutizada, definida!), mas, estamos sendo, sujeitos que somos em permanente transformação, transmutação, a cada nova experiência que o caminho educativo/formativo (sempre aberto, sempre em curso...) nos imponha!”

Não é fácil para uma mulher, mãe, filha e profissional acompanhar o ritmo dos colegas recém-formados no Ensino Médio, quando nas expressões de sua face encontravam-se as marcas históricas de quem se formara no “segundo grau”. Nossa acadêmica, se me permite o neologismo, pois foi o que ela, também foi se tornando – acadêmica e amiga- estava em busca de uma pedagogia libertadora, que a “elevasse” não somente profissionalmente, mas, a si mesma, afinal, o conhecimento nos liberta, não é?

A educação, como a conhecemos no seu aspecto institucional, sempre foi um processo excludente e, se antes, as pessoas tinham que optar por trabalhar para sustentar-se, deixando a educação formal em segundo plano; hoje, o povo tem se “encorajado” a tomar posse do seu, já citado na legislação brasileira, “direito universal”, ou, “da educação para todos”: todos os sexos, todas as idades, todos os gêneros, todas etnias e todas as classes. É Paulo! Nossa amiga tinha um vasto conhecimento de mundo, porém queria mais que este saber genuíno, forjado na lida da vida de quem, de repente, inventou e reinventou formas de driblar as desigualdades de toda sorte, os diferentes “direitos de acesso”, aquilo que não veio em tempo hábil e justo, haja vista, as contingências políticas, econômicas e sociais que você tanto sublinhou nas reflexões que nos convidava/convida, seus leitores e leitoras, educadoras e educadores que, assumindo a *Práxis educativa (AÇÃO-REFLEXÃO-AÇÃO)*, *não podemos mais deixar de perceber, reconhecer que não há ato mais político do que o Ato Educativo.*

Não... Ela não era da classe dominante, não pertencia a este contexto. Lutava junto dos colegas contra as injustiças sociais que não a permitiram terminar seu curso superior em tempo hábil. Mulher forte! Não se acomodou, mas posicionou-se, mobilizou-se e organizou-se para mudar o mundo e tornar-se uma professora capaz de participar/contribuir com os processos emancipatórios de tantos sujeitos, mulheres e homens, ainda oprimidas e oprimidos neste país. Um país, caríssimo Paulo, cuja conjuntura atual, eu teria vergonha de descrever nesta carta que, por sua natureza, está imbuída, neste momento, de um apelo e um sentido muito mais nobre, pois quer participar da Apologia dos Sonhos Possíveis, que não podem e nem devem morrer, quando Um/a dos nossos, parte de modo prematuro, sem poder festejar como se deve SUAS UTOPIAS FORJADAS NAS LUTAS COTIDIANAS, tendo abreviada, sem direito à negociação, a sua vida, seu bem maior.

Sim, Paulo Freire, creia que, já no primeiro semestre, as coisas por aqui e pelo mundo pararam diante um vírus mortal, evidenciando, ainda mais, os abismos existentes não só no processo educativo, mas, em outras frentes da vida em sociedade. Assim, numa tentativa de “normalizar” a situação nos foi proposto o “ensino remoto” (atividade pedagógica desenvolvida através de plataformas mediadas pela “maravilha” da interconectividade... essa coisa da internet que já existia quando você partiu!). Pois bem, o que parecia ser um placebo viável para as tarefas pedagógicas que “não poderiam parar”, diante de uma situação real de isolamento social sem precedentes, tornou-se uma prática que evidenciou e agravou as dificuldades de estudantes e professores. Nossa amiga desistiu. Mais uma vez a mãe pensou na filha, a esposa no marido e a filha nos pais. “Evadir-se” do curso de formação (sim, porque a culpa sempre é do estudante que não tem força de vontade!), naquele momento, foi a sua escolha possível. Porém, a educação já estava impregnada em si e, cativa pelos conhecimentos adquiridos no primeiro semestre, revisitou seus sonhos e retomou de onde antes havia parado.

Afinal, esperávamos que o vendaval perdesse a força, contávamos com a ajuda da ciência, mas uma outra luta, a de sempre, desde a sua passagem por aqui, as politicagens, as negociatas, os favorecimentos ilícitos indizíveis que habitam os jogos de poder, “confundiu nossos governantes”, ou, seria mais apropriado dizer, sem meias palavras, que o escrúpulo a decência, o mínimo

de empatia, compaixão deixou de habitar estes sujeitos que, sem qualquer limite frente às atitudes políticas mais abomináveis e genocidas, que abateram e ainda abatem toda uma nação, ue nos coloca a todas e todos em permanente estado agonístico, enquanto “eles” se ocupam em “jogar com o tempo” nas medidas para aquisição das vacinas, não impedindo e nem se importando com o avanço exponencial de mortes.

Muito triste ter que te escrever neste contexto, te dando notícias tão depressivas, ao mesmo tempo em que até vou poupando você de imaginar o que houve de nefasto e desrespeitoso à sua história, quando esta nuvem de apologia ao ódio, à exclusão, a xenofobia, à misoginia, ao *apartheid*, em todas as suas expressões, foram emergindo do âmago de uma sociedade pacífica e reconhecida mundialmente, pelas outras nações, pela sua postura sempre amistosa e acolhedora; assistimos atônitos e atônitas, tudo o que pode causar de mais sombrio, vindo da natureza “humana”, a falta de vontade política, as responsabilidades de gestão nas mãos, não só, de pessoas despreparadas para a função, como (o que é ainda mais grave), pessoas cuja orientação político-social, ideológica, dentre tantas outras categorias, podem nos fazer assistir ao extermínio de, em números atuais, no dia desta carta, meio milhão de brasileiros e brasileiras. Cada um e cada uma, independente de sua idade cronológica, certamente, carregava em seus corações e mentes, sonhos incríveis...Utopias possíveis, ou, como um dia você preferiu chamar de “inédito viável”

Nossa querida acadêmica contraiu o vírus e perdeu a luta. O luto tomou conta de nossa turma, choramos e lamentamos. Tornou-se eterna, pois se permitiu ser educada e educar. Ela não vai receber “o canudo”, não estará na formatura de sua turma, mas, sem sombra de dúvidas, sua memória será exaltada! Pois, acreditamos que educar-se é dar sentido a todos os momentos, mesmos os de separação e tristeza. Eu precisava muito falar para você, meu mestre. Você sempre esteve certo! “Ninguém conscientiza ninguém. Ninguém educa ninguém! Nós nos educamos em comunhão mediados pelo mundo!” Ela foi persistente, lutou, combateu o bom combate, mas perdeu para morte. A morte, no sentido literal da palavra, da abreviação da sua vida, quando todos os sonhos ainda pulsavam no ritmo do seu afetuoso coração. Mas, nós, seus professores e professoras, colegas de turma, sabemos bem: perdeu para

a morte, sobretudo, daquilo que nos constitui como seres, o que somos, afinal! Perdeu para a falta de humanidade que enterrou os seus sonhos.

Como você mesmo enfatizou, Paulo, a educação é um ato de amor, uma doação (sem ser piegas!). O profissional e o pessoal caminham juntos e, por isso mesmo, não foi possível manter minhas impressões neutras (a neutralidade não existe! É, eu aprendi. Isso é seu, também!). Continuaremos, por aqui, lutando de todas as formas para seguir e manter as esperanças vivas.

Acho que te escrever foi, afinal, minha catarse necessária! Minha catarse urgente! Sei lá! Em todo caso, vai desculpando o meu enunciado no preâmbulo dessa carta! Não, os sonhos não estão morrendo! Cada vida ceifada nessa Pandemia precisa se tornar mola propulsora de nossa marcha comum! É preciso que a vida de nossa ACADÊMIGA seja exaltada. É mister que a vida faça sentido ao darmos sentido a sua vida: O Sonho dela nutrirá os nossos para que possamos transpor o Portal das Utopias Possíveis e não percamos de vista, o que viemos fazer aqui, quando escolhemos que seríamos educadores e educadoras neste país.

Obrigada por me ensinar a valorizar o processo, mais que o produto final; o sonho coletivo, mais que os louros da autoria solitária, por entender, sentir e saber que o exercício da pedagogia é impossível sem que seja um ato político, pleno de amorosidade e compromisso.

Com afeto,

Brasil, março de 2021

Referência:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Compromisso: AMERICA LATINA E EDUCACAO POPULAR** - 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**: - 1ª ed. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** 4^a ed. (1^a edición: 1992). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Faz escuro, mas eu canto

Maria Evilma Alves Moreira¹

Grande Mestre Paulo Freire, somos do mesmo Nordeste do Brasil. Do mesmo Pernambuco de Luiz Gonzaga, de João Cabral de Melo Neto, de Solano Trindade. Eu, tão pequena e anônima diante de vocês, me alegro em partilhar essa origem de poesia, de luta e de força que nos une a tantas Marias, Paulos - que permanecem no sertão ou nos grandes centros e de algum modo bebem da mesma fonte de esperança na mudança pela educação. Nasci em Exu, Pernambuco, e ainda bem pequena fui trazida ao Paraná por meu pai (Joaquim) e minha mãe (Maria Nasira) bem jovens, em busca de melhores condições de vida. A escola pública me fez professora e me ensinou que nosso trabalho de educar é também o ofício de dar voz e vez a quem está sempre compelido às margens pelo sistema que explora, esvazia de sentidos e exclui. Há mais de vinte anos vivo no chão da escola as alegrias, os avanços e os retrocessos, ora acreditando que conseguiremos vencer, ora vendo que seremos massacrados.

Aqui se faz necessário lembrar que mais uma vez não vivemos tempos fáceis:

Passamos de meio milhão de pessoas mortas pela covid-19 na maior pandemia já registrada no planeta, enquanto o Brasil tem no governo homens cruéis e incompetentes (que negam a ciência, negligenciam criminosamente todas as ações de combate ao vírus e de proteção da população, desde a conscientização para o uso de máscaras, de distanciamento social, até o boicote deliberado a compra de vacinas); são tantas mortes que nesse momento não

¹ Graduada em Letras; Especialista em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira; Mestra em Estudos da Linguagem. Professora na Rede Estadual do Paraná.

há quem não tenha entre amigos, familiares ou referências da arte, da cultura, alguma perda irreparável; além dos tantos companheiros que tombaram por força mortal do corona vírus, perdemos a possibilidade de conviver e interagir presencialmente com família, amigos, amores, estudantes, de modo que sentar em volta de uma mesa e conversar enquanto se come não parece ser possível ou seguro nem daqui a meses.

As tantas mudanças e os impactos da pandemia revelaram ainda mais frágeis nossas estruturas democráticas, especialmente quanto ao racismo, o machismo e as discriminações estruturais que afetam minorias historicamente marginalizadas. Mulheres e crianças que viviam em situação de violência doméstica, agora passam mais tempo reféns de seus algozes; comunidades majoritariamente negras e periféricas são mais afetadas pelo vírus e têm menos acesso aos cuidados à saúde. São essas comunidades que para sobreviver se submetem ao subemprego, ficam mais expostas à contaminação em transportes públicos inadequados e facilmente são descartados/ substituídos como engrenagens problemáticas.

Em nível estadual, aqui no Paraná as mazelas nacionais reverberam e, na educação, há uma crescente onda de precarização e mudanças que preparam caminho para terceirização e esvaziamento da consciência, dos significados de construção coletiva, de solidariedade e de alterações nefastas no atual quadro. A crescente militarização das escolas, os discursos do empreendedorismo, da meritocracia somam-se aos ecos fascistas que classificam educadores como subversivos, inimigos da civilização ocidental cristã, perigosas influências políticas. A cada semana a sobrecarga de trabalho, as dezenas de documentos a serem lidos e de tarefas acumuladas nos retira qualquer possibilidade de sanidade ou equilíbrio emocional. Some-se a isso as tarefas domésticas e o cuidado com crianças e idosos que muitos/as de nós temos em casa, simultaneamente ao trabalho “home office”. A energia da morte está no ar e nos dói todo dia. Em pleno caos, quem disser que está bem é que está pior. Não vemos como ficar tranquilos se nem ao menos temos a quem recorrer: são visíveis as estruturas corrompidas, corruptas e comprometidas com a defesa da burguesia. A justiça brasileira trabalha para a burguesia, para seus pares, e para a manutenção de privilégios financeiros.

Esse quadro tão feio e triste é para pensarmos que “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. É desse emaranhado de

tristezas tantas que precisamos nos reorganizar como sujeitos e como grupos que acreditam na educação como força de transformação, de mudança e de libertação.

Para seguir em frente, temos nos fortalecido relembando a trajetória e os ensinamentos de homens e mulheres que vieram antes de nós e tornaram possível nosso existir. Recentemente tivemos um governo que possibilitou acesso aos bens de consumo, mas não à cidadania, o que contribuiu com essa perspectiva alienada que faz inexistir consciência e compreensão de que somos muito mais que engrenagens para rodar o capitalismo e para enriquecer quem nos explora. Em “Ode ao homem simples”, Neruda traz para o poema nossa poesia de viver, de existir mais e além, somos todas as nossas vidas, no trabalho, na escola, na moradia e nas estruturas sociais. Mas somos antes, somos mulheres e homens que carregam ancestralidade, pulsão de vida plena e de liberdade, de amor e de luta. Antes de nós, havia nossas ancestrais africanas, indígenas que ainda aparecem em nossos cabelos, nossa pele, nosso jeito de se alimentar e de dançar, de amar e de viver – de continuar a viver.

É daqui que falamos, desse momento triste e desse desalento. Mas não é aqui que ficaremos. Mesmo a passos pequenos, seguiremos. Seguiremos como no poema de Thiago de Mello “Faz escuro, mas eu canto/ Porque a manhã vai chegar...”.

Nesse caminho de resistir, repensar e não enlouquecer, estudamos teus escritos, querido Mestre Paulo Freire, buscamos no teu percurso de estudo, de luta e de amor construir também caminhos possíveis aos que virão depois de nós.

Com abraços de esperança em tempos melhores, cumprimento a companheirada, queridas e queridos companheiros/as irmanados/as nos estudos freireanos e no desejo que haja força e poesia para resistirmos e construirmos juntos/as um novo tempo.

Axé!

Londrina (PR), 20 de junho de 2021.

O mundo está malvado, feio e desumano

Fabiola Dantas¹

Querido Paulo Freire, é com imensa alegria e esperança que te escrevo essas linhas!

Não está sendo fácil enfrentar tantas adversidades no cenário brasileiro, só mesmo esperando, sem espera, indo à luta! Desde 2018, como deve ser sabido por ti, resistimos aos desmandos políticos que muito nos tem desabonado em nossos direitos. O povo estava indo às ruas, como sempre fazíamos, para protestarmos nossa insatisfação com as deliberações que nos afetavam... no entanto, eles (os neoliberais, com características fascistas), conseguiram colocar o povo contra o povo que, como animais ameaçados, digladiam-se, motivados pelo ódio e a intolerância à diversidade.

Parece-nos que as máscaras de muitos reacionários caíram, e agora podemos enxergar seus rostos raivosos e seus olhos maldosos, quando proferem palavras e atos de extrema ignorância e irracionalidade com a vida.

Nossas florestas estão sofrendo com queimadas, nossos índios sendo assassinados, os corpos negros são alvo de “balas perdidas” ... o capital avança com a força e a rapidez nunca antes vista, sobrepondo-se à vida. Não se tem notícias de quando o Brasil esteve tão perdido em sua humanidade, desde à época escravocrata. Tudo isso me faz recorrer às suas palavras de amorosidade, de esperança... mas, também, de que é preciso, necessário e urgente, a denúncia.

¹ É mãe de três Marias, esposa de Jazon. Professora progressista que tem como principal referência o mestre Paulo Freire. Pedagoga por formação, atua coordenando escolas da EJA na circunscrição da 10^a Diretoria Regional de Educação. Mestranda em Educação pela UERN, desenvolve pesquisa na área da EJA, Educação Popular e Formação Docente.

Já vivíamos um caos político, enfrentando recessão econômica e cortes absurdos nas políticas públicas mais essenciais, com pessoas voltando à condição de extrema pobreza. Pois é, estimado amigo, os invisíveis do mundo, os esfarrapados, hoje se multiplicam pelas ruas, expondo a fome e a necessidade, vistas em seus corpos magros e olhos desesperançosos.

Não bastasse esse cenário por demais desolador, enfrentamos uma crise sanitária que tem ceifado milhares de vidas no mundo todo causado pela a doença Covid-19, um vírus altamente contagioso e letal. A elite importou-o para o Brasil, mas a maioria das mortes está sendo de pobres, entregues em muitos casos, à própria sorte, peregrinando por hospitais em busca de vagas nas UTIs. O vírus não escolhe suas vítimas, mas a assistência médica é garantida para os que podem pagar por ela.

O mundo está malvado, feio e até desumano. Muitas pessoas não são empáticas e têm proliferado o vírus por atitudes egoístas, principalmente os jovens que se consideram imunes... no entanto, muitos têm partido, inclusive esses.

A esperança é o que tem me mantido sã nesses tempos, e dialogar contigo tem sido um alento... isso porque ao ler algum escrito seu, meu coração se anima e se enche de alegria por estarmos do mesmo lado nessa luta por justiça social. Falando nisso, caro Paulo, quero te agradecer pela inspiração do programa radiofônico EJA EM AÇÃO. Nesses tempos de distanciamento físico, onde nossas escolas estão fechadas pela alta e rápida proliferação da doença, surgiu-me a ideia da rádio como forma de atingir os nossos educandos da EJA, já que a maioria deles e delas vivem à margem, sem acesso às novas tecnologias advindas do mundo digital.

O meu olhar indignado tem se exercitado muito, principalmente na percepção do aumento do fosso das desigualdades sociais.

Ah, querido Paulo! Como suas reflexões me são oportunas! O fazer pedagógico que se traduz em práxis, com toda a sua subjetividade, experiências individuais e coletivas, dialógicas e problematizadoras, vem (re)construindo o nosso currículo, oportunizando aos professores, professoras, estudantes e o pessoa das escolas a se engajarem no movimento em prol da justiça social e da transformação dessa sociedade.

Aos poucos vamos colorindo e multiculturalizando as escolas... sim, estão fechadas! Mas você mesmo nos lembra que Escola é gente! Então as cores

estão surgindo das pessoas, da empatia, compromisso que estão desenvolvendo ao buscarem manter os vínculos com os estudantes da EJA e tornando-os protagonistas de suas próprias aprendizagens através das ondas do rádio.

Eles participam conosco, e nós com eles, de diversos debates e reflexões que o programa fomenta, nos dando, a nós todos, um olhar diferente daquele que tínhamos, pois somente a problematização da realidade, a criticidade e politicidade nos subsidiam para essa tarefa. Espero que esta carta o encontre bem e disposto a continuar conosco nessa luta, esteja onde estiver. Em breve te darei notícias de como estamos seguindo por aqui, diante desse cenário tão devastador, de situação limite, mas criando os inéditos-viáveis, sempre mantendo a fé, a amorosidade e a esperança vivas em nossos corações. Se puder, abrace a companheira Lucinete, por mim. Uma educadora popular forte, que lutava conosco pelos menos favorecidos, uma incansável! Infelizmente, assim como o seu coração, o dela parou por tanto amar... hoje vocês já se encontram no mesmo plano divino, a olhar por nós que ficamos e continuamos aprendendo e recrutando mais progressistas a se engajarem nessa luta.

Sem mais para o momento, receba o meu abraço solidário e fraterno. Espero, um dia, poder dá-lo pessoalmente. Continue conosco, precisamos de ti.

Caicó (RN), 27 de agosto de 2020.

(Revisitada em 15/02/2021)

Sol escaldante no sertão do Seridó

Interpretar o mundo esperançando mudanças

Grupo Mariposas¹

Caro Paulo,
Tantas coisas temos para lhe dizer que escrever esta carta requer um momento de preparação e organização dos pensamentos, para que não vire um emaranhado de ideias pelas quais pode se tornar até difícil encontrar o caminho. Então nos preparamos, fizemos um café e conversamos por horas até decidir qual assunto seria priorizado nesta resposta.

Esta carta se trata de uma necessidade quase visceral de lhe falar dos tempos em que vivemos, quando alguns tentam, inclusive, distorcer sua história e suas palavras. Escrevemos do sul do Brasil, para dizer que este grupo pensa constantemente em você. Temos conversas profundas sobre/com os seus textos e traçamos novos caminhos de pesquisas com eles. Descobrimos com você algo que ilustra uma ânsia presente entre nós, uma necessidade que pouco encontramos dentro do espaço acadêmico e que impulsiona debates infundáveis, que circundam a pesquisa e a formação humana: a vontade de interpretar o mundo no sentido de esperar sua mudança.

1 Grupo Mariposas: minorias sociais, resistências e práticas de transformação - É um grupo de pesquisa na área de educação, alocado na Faculdade de Educação (FAE/PPGE), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Surge da necessidade de refletir sobre o papel de grupos caracterizados como minorias sociais, em especial no campo de gênero, raça e sexualidades, com professoras/es estudantes que estão em processo contínuo de formação docente, visando à construção de ações políticas transformadoras. Integrantes: Julia Rocha Clasen; Álvaro Veiga Júnior; Aline Accorssi; Anelise Fernandes; Livian Lino Netto; Diônvera Coelho; Andressa Barrios e Tamiê Pages.

Percorremos aquilo que você escreve e que escreveram em diálogo com você seguindo nossa busca permanente por Ser Mais. Neste caminho encontramos os Círculos Epistemológicos (ROMÃO *et al*, 1998). Descobrimos nos círculos uma outra concepção de pesquisa e pesquisadores/as, e, a partir desse encontro, tomamos o diálogo como elemento central da pesquisa social que praticamos. Foi com você que reconhecemos a possibilidade de produção de conhecimentos que não se encerravam em nós, mas se insurgiam no encontro com o/a outro/a, na busca por um conhecimento conscientizador, em um processo cheio de contradições. Por isso te escrevemos Paulo, para falar sobre o fazer pesquisa em educação nos tempos atuais, e das vezes que a conversação com você se tornou crucial diante da produção epistemológica dominante.

Certamente Paulo, respondemos com prazer a sua carta e sabemos que, como um bom diálogo, ele é solidário e de interesse social, o que quer dizer também educativo. Então vemos – ou desejamos – que esta escrita circule e desperte provocações para além de nós. Aliás, esse nós trata-se, institucionalmente falando, de um grupo de pesquisa inserido em uma Faculdade de Educação. Nosso nome é “Mariposas”, pois procuramos lembrar a história de mulheres, de ativistas, como as irmãs da República Dominicana. Somos formados/as em diversas áreas, tem pedagogia, artes, música, psicologia, sociologia. Tem agronomia e veterinária. E viemos crescendo, expandindo o círculo. Nossa linha de estudo, nomeamos educação descolonial e transgressora. Com isto, almejamos práticas de transformação. Transformação, importante dizer, nossa e da sociedade. E aqui cabe começar a falar da linguagem e concepção de mundo. Nos dedicamos a pesquisar na educação, com educação e para a educação.

Estamos numa instituição pública, fazendo nossas pesquisas de mestrado e doutorado, na segunda dezena do século XXI. Este “estar” é constituído de várias áreas e tempos, disciplinas e indisciplinas, dentro ou fora, movimento de fluir fronteiras, modificá-las. A transgressão se dirige ao poder injusto e ao fatalismo da opressão. Nosso grupo já vinha trabalhando há algum tempo com a Educação Popular e em um formato inspirado nos Círculos de Cultura. Assim, foi um passo para desejar seguir com os Círculos Epistemológicos, que são muito semelhantes. Podemos dizer que são uma continuidade desta

forma ancestral humana de se reunir em círculos abertos e horizontais, voltados para o centro, e que representa um reconhecimento da importância percepção coletiva e solidária do mundo em movimento. A totalidade em relação interativa com as suas partes. Nos nossos estudos viemos detalhando mais a metodologia no sentido de enfatizar a pesquisa, mantendo as articulações da totalidade dinâmica na práxis, por meio dos processos dialógicos que envolvem o ensino e a aprendizagem.

Sobre nossa formação escolar (incluída aqui a formação acadêmica), transcorridos estes mais de 50 anos da epistemologia da Educação Popular e Problematicadora, acreditamos que a educação em muitos sentidos tenha melhorado, mas também tenha ido a passos lentos, com quedas e recuos. É bom lembrarmos que a educação “precisa de mais andorinhas” e como ainda precisamos nos fortalecer e sermos mais numerosas/os, assim, falaremos um pouco adiante sobre o inverno polar que estamos vivendo.

Querido professor, expressamos nossas experiências e sensibilidades, no afã da democratização do conhecimento, de abertura, na conquista da participação e da justiça social, por isso, aqui não caberia revisões teóricas, normas e rigores metódicos. Digamos que as instituições são ainda muito presas ao sacerdócio colonial e, assim, nossas concepções de mundo estão sendo formadas em meio a processos que envolvem negociações entre o autoritário e o emancipatório. Será que nisto avançamos? A burocracia tem ficado inflacionada pela dificuldade da ética se materializar, da dignidade humana ser garantida. Não precisaria tanta papelada, tanto palavrorio e tanta lei se as pessoas fizessem mais do que dissimulam, se vivessem mais do que acumulam.

Falamos em quedas e recuos, e estes tempos recentes estão atroz. Incrível Paulo, que tempos estes! Aqui, o consenso é claro sobre o que se dizia há muito tempo: a sociedade tem avançado tecnologicamente, mas na esfera ética e política, muito pouco. Um avanço longe do suficiente. Hoje, a educação, a ética e a política estão encasteladas num núcleo vital. E dizemos isto com certo amargor, depois de tanto tempo sabendo o que não fazer ainda incorremos em erros primários.

Na segunda dezena do segundo milênio, ficamos um pouco chateados Paulo, de ter que dizer aqui que levamos um tombo muito feio, parecido com atropelamento. Em certas partes se olha a pele e não foi danificada, mas os

ossos doem muito e esperam o pior da radiografia! O conservadorismo, o obscurantismo religioso e o neoliberalismo têm crescido muito, e em nível mundial. E há uma pandemia viral, de um vírus mutante e muitas vezes mortal, que afeta, confirmando a regra do capitalismo, as pessoas mais vulneráveis.

Para não nos alongarmos demais neste contexto, olhemos mais para cá: o Brasil não está fazendo bonito. Elegemos o negacionismo em várias frentes e, pasme, chegamos a celebrar a ditadura militar! O negacionismo, junto com o autoritarismo e a distribuição clientelista de privilégios se aproveita da expansão da tecnologia informática em rede e se fundamenta na repetição da mentira e difamação. O poder judiciário se corrompe e se acovarda. Moroso e parcial com a maioria da sociedade, é uma fera célere e ágil para com os interesses do capital.

O deus dinheiro tem estrangulado a política e a educação. Tem mais coisas, que chamaremos de política da exploração e da morte, mas nesta carta Paulo, não será possível abordar com a devida importância este tema. Precisaríamos de muito espaço e tempo para falar disso, porém vamos dosando, nas próximas cartas seguimos neste processo incessante de compreensão, de diálogo, leitura de mundo e escrita. O que é preciso dizer agora, é que tudo isto é uma parte das pessoas, é grande, mas está longe de ser mais da metade. O inimigo sabe dividir e nos jogar uns/umas contra as/os outros/as, inclusive no campo da educação.

A configuração da realidade tem sido severa. É extrema! As coisas que acontecem agora evocam a chamada “gripe espanhola” e depois a grande depressão. Frequentemente tem se comparado o atual rumo com os perigos da ascensão do nazismo e do fascismo. Entendemos que não é tão grave como a guerra mundial que aconteceu quando você era jovem. E depois teve a bomba atômica. Mas como queríamos te ouvir falar sobre a guerra fria, sobre o “estado de bem-estar” e te pedir para traçar algumas considerações sobre o atual panorama mundial. Não obstante, o trabalho educativo não foi em vão, ainda temos muita imunidade humana e apetite em viver justa e alegre. Precisamos agradecer a todos/as que como você e suas sementeiras nos fortaleceram, nos dão alento e coragem.

Acreditamos que podemos falar assim. Nosso círculo Mariposas tem nos nutrido e nos dá força para nos educarmos e educar. Podemos esperar

com o corpo em processo de conscientização, por meio da e na realidade, com nossas percepções a nos dispor a aprender a dialogar mediados pela realidade concreta. Cada vez mais compreendemos que o percurso da Educação Popular é atual e necessário. Sim o tombo foi grande, mas foi tombo! Não fomos estraçalhados ou soterrados, estamos aqui agora nos levantando e tentando entender este movimento do mundo.

Queremos dizer sobre a importância dos Círculos para compreender e criar possibilidades de transformação numa realidade tão dura como estamos vivendo. Necessitamos trazer essa contextualização do tempo presente na compreensão dinâmica que nos propicia os círculos e nós mesmos/as como pesquisadores/as e dedicarmo-nos à realidade para lutar pela esperança ativa. Acrescentamos que o desafio é pensar a educação nos tempos atuais e que isso somente se faz possível, desde nossa concepção de ciência, a partir de relações, a partir do contato com o/a outro/a, do diálogo. Na renovada fundamentação da práxis da Educação Popular em busca da possibilidade de compreensão e intervenção nessa realidade.

Quando nos levantamos encontramos os Círculos Epistemológicos, como uma maneira de seguir o caminho, mesmo diante dos percursos nebulosos. Enfocamos aqui esta forma de fazer pesquisa Paulo, porque para nós é também, expressão de uma possibilidade de conscientização. De rompimento com a falsificada neutralidade científica. Ou com engajamento autoritário. Através dessa concepção de pesquisa, nos formamos e localizamos a possibilidade de uma formação conscientizadora, aporte para nossa práxis sobre a realidade. Descobrimos o diálogo como algo que percorria não apenas nossas pesquisas, mas nosso encontro com a/o outra/o, encontro este que abriga o reconhecimento de nós mesmas/os como sujeitos históricos. E, reflete a pulsão da nossa atuação sobre a realidade. Realmente é como você afirmou Paulo, “Não há consciências vazias; por isto os homens não se humanizam, senão humanizando o mundo”. (FREIRE, 1987, p. 14).

O fazer pesquisa que encontramos em nossas longas conversas com você indicam esse ato revolucionário de humanização do mundo, por meio da humanização coletiva de nós mesmos/as. Um ato que busca romper com o distanciamento incorporado na posição teórica dominante, para então, apontar o diálogo como caráter principal na decisão de interpretar a realidade. Uma

relação dialógica que não permite distanciamentos intrincados em nossa formação como pesquisadores/as. Romper com isto, é um processo que também diz respeito ao nosso movimento de conscientização.

Assim, esta carta é também uma carta de agradecimento, Paulo, porque no nosso encontro com você aprendemos caminhos sobre as possibilidades de uma pesquisa emancipatória, que não se esgota em nós mesmos/as, mas que abarca um processo coletivo de conscientização, de encontro e transformação sobre concepções de mundo. Esta carta não é suficiente para expressarmos a *amorosidade* que vivenciamos no nosso encontro com você, mas é parte de um agradecimento que não esgotamos aqui, seguimos, em outras cartas e, em outras frentes de trabalho, uma prática de formação crítica, como também, na produção de conhecimentos que se pretendem emancipadores.

Com amorosidade e esperança,
Pelotas (RS), maio de 2021

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^aed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 25^aed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

ROMÃO, José Eustáquio; CABRAL, Ivone Evangelista; CARRÃO, Eduardo; COELHO, Edgar. Círculo epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa. **Revista Educação e Linguagem**. Programa de Pós-Graduação em Educação: Universidade Metodista de São Paulo. V. 1, n^o.1. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.

O portador de profecias e aquele que as professa

João Fernando Costa Júnior¹

Caro Professor Paulo Freire,
É com imenso prazer que lhe comunico que estamos indo de mal a pior e, ao mesmo tempo, de vento em poupa. O senhor deve se perguntar: mas como assim é possível avançar em duas direções tão distintas? Explico: Se por um lado, a educação enquanto ferramenta de apropriação do conhecimento e ferramenta de independência do indivíduo segue em declínio, os aparatos que circundam esta mesma educação avançam como nunca! Nunca se houve tantas tecnologias a serviço da educação e do ensino como atualmente. São inúmeros os dispositivos, programas, metodologias e técnicas à serviço do conhecimento. Mas que de nada adiantam se não estiverem em consonância com políticas de igual importância. Os professores ora unidos, ora dispersos, seguem a resistência, defendendo com unhas e dentes, a aplicação de medidas que garantam o mínimo de qualidade e condução do trabalho docente. O aluno, em meio a tudo isso, se vê muitas vezes perdido, sem saber para onde ir.

A sensação de caminhar em círculos é frequente e não apenas nos ambientes escolares. Em meio a um cenário de pandemia, muitos de nós nos munimos de armas a fim de garantir a perpetuação e a defesa da educação

1 Mestrando em Educação (UniNorte). Especialista em Informática em Educação (UFLA), Planejamento, Implementação e Gestão de EAD (UFF), Docência no Ensino Superior e Técnico (Doctum), Educação à Distância 4.0 (FAEL). Graduado em Administração e Pedagogia. Professor universitário e consultor educacional. Editor da Revista Espírito Livre e coordenador da Rede Espírito Livre, coletivo do universo do código aberto, software livre e da difusão do conhecimento.

de qualidade, como direito do cidadão, além de seguirmos fortes em nossas trincheiras. Sabemos que muitas são as baixas pelo caminho, mas também percebemos que as vitórias podem sim ser alcançadas se persistirmos diante das adversidades, não apenas do vírus, mas de um sistema que, em alguns momentos, parece nos desfavorecer, a fim de nos derrubar.

A digitalização de certos processos educacionais e a tecnologia que nos circunda diariamente pode e deve ser usada a favor do ensino, na constante busca por novos conhecimentos, nas descobertas e como ferramenta em nosso percurso, na esperança de dias melhores para nossos alunos, estejam eles sentados em uma sala de aula tradicional ou atrás de uma tela de *smartphone* ou computador. Muitos ainda carecem de acalanto ou mesmo cuidados no manejo de tais dinâmicas, mas nada que um agente transformador como o professor não domine.

Após décadas de evolução, chegamos ao ponto em que o educador já não é mais o detentor do conhecimento. Hoje, este guerreiro também é tutor, palestrante, *showman*, orientador, articulador, animador, apresentador, *youtuber*, designer, pesquisador, agente do conhecimento, quase um profeta, por assim dizer. Justamente por isso que acredito que o seu lugar continua e continuará reservado não apenas nos corações dos alunos, mas também a frente e envolto nas principais práticas educacionais. É ele que está diante de seus aprendizes, professa magnitudes, estendendo possibilidades, abrindo caminho com sua luz, mas não como o seu dono, mas sim o seu difusor.

Percebo, portanto que, se fôssemos buscar uma definição para este profissional tão necessário, me arriscaria a dizer que uma denominação perfeita poderia ser como o portador de profecias ou ainda aquele que professa, dadas as habilidades que este traz consigo. Penso que não haveria nenhuma presunção ao nominá-lo desta forma.

O profeta é um ser cuja sensibilidade é capaz de ler (perceber) em profundidade o seu tempo, por isso mesmo, é igualmente capaz de diagnosticar as contradições da sua realidade humana. Tendo na denúncia das desigualdades, injustiças, alienações a chave de leitura do seu contexto histórico. Assim como tantos profetas conhecidos, a figura do professor se alinha com a daquele que, mesmo diante das adversidades e da supremacia de certos grupos, lidera os seus, e por meio da resistência e da luta, traça objetivos que apontam na direção do bem.

Sigo convicto de que a educação é a base de uma sociedade democrática e fraterna. É a base de cidadãos conscientes politicamente e atuantes de seu papel de resistência ante ao que vivemos, angustiados em certos momentos. Enfim, a base de tudo. Entendo, portanto que a educação é um ato político, um ato de resistência. Não há como enxergar a educação de forma diferente. Simples assim. Sustento que a profissão de professor implica carregar a responsabilidade de se envolver por inteiro em nossa sociedade, em prol da igualdade, através dos conhecimentos, ciências, culturas, no campo do trabalho, das tecnologias e da militância. Em um mundo tão “estranho” como o que estamos vivendo, é necessária esperança para seguir, coragem para mudar e ousadia para ensinar, sem nos calar.

Através de suas “profecias”, o professor precisa ter a coragem de seguir expondo as injustiças, seja dentro ou fora da sala de aula. Precisa ser íntegro ao direcionar suas forças em prol do bem comum e com o foco em um futuro melhor que o presente. Não pode ter medo diante das pressões que cotidianamente aparecem para afugentá-lo, acuando-o. Espera-se ainda que o educador professe, ao longo de sua trajetória, a vivência de um guerreiro que não fugiu à luta. O professor já não é mais o transmissor de informação (já que as inúmeras tecnologias disponíveis já o fazem muito bem). Ele se torna o fio condutor, aquele que conecta experiências, habilidades e vivências.

Reconheço com enorme alegria a possibilidade de estar lhe homenageando professor Freire, no centenário do seu nascimento. É inegável que suas pedagogias (pois não foi apenas uma) serviram de linhas guia e cânone, encorajando os sujeitos do conhecimento a serem igualmente profetas, professando suas próprias histórias, suas vivências e convivências, seus destinos.

Então, estimado professor, de onde quer que esteja, saiba que estamos aqui, dia após dia, no *front*. E mesmo diante das complexidades e dificuldades cotidianas, não estamos fazendo feio não, acredite.

Com apreço!

Belo Horizonte (MG), 14 de Junho 2021.

Sim! Você fará a diferença!

Agnes Harumi Iamaguchi¹

Estimado Paulo Freire,
Hoje gostaria de compartilhar algumas reflexões e experiências particulares com intuito de que algumas das palavras aqui escritas possam agregar positivamente nas práticas de meus colegas professores, principalmente com nossos alunos público alvo da educação especial.

Em 2008 era publicada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e no mês de agosto do mesmo ano eu me formava em Pedagogia e assumia minha primeira turma. Então minha docência praticamente nasceu junta com a implementação de novas práticas e diretrizes nas escolas em relação a inclusão de alunos com deficiência.

Devo confessar que os primeiros três anos foram angustiantes, pois toda a teoria aprendida na faculdade parecia não me ajudar a vencer os constantes desafios enfrentados dentro da sala de aula. E apesar de ter consciência de que tudo isso era previsto, de que todo início era difícil, ainda assim passei por momentos de dúvidas em relação a minha vocação.

A sala de aula é composta por alunos dentro de realidades sociais, culturais e comportamentais tão diversas das nossas, que realmente a teoria aprendida

1 Mestranda em educação inclusiva pela UNESP. Graduada em pedagogia pela universidade norte do paraná. Especialista em arte e educa o, psicopedagogia clínica e institucional, gestão e organiza o da escola e educa o especial e inclusiva. Agnes Harumi Iamaguchi foi professora de educa o básica nas sérias iniciais de 2008 a 2016 no município de Arujá-SP. Em 2013 assumiu o cargo de professor titular de educa o especial em Itaquaquecetuba-SP. Atualmente,   professora de educa o especial efetiva destes mesmos dois municípios atuando no atendimento educacional especializado em salas de recursos.

na faculdade não nos capacita para solucionar dificuldades que estão além do pedagógico. E quando nos deparamos com um aluno com deficiência, a primeira reação é de insegurança e medo, pois lidar com o desconhecido é desconfortável.

As capacitações oferecidas nos informavam do que deveríamos fazer baseados nas novas perspectivas e práticas docentes de inclusão, mas ao voltar para sala de aula a realidade continuava a mesma, não havia recursos materiais e ninguém lá para ajudar, permanecia só eu mesma, a lousa e o giz.

Porém colegas, quero já deixar claro aqui meu sentimento depois de 12 anos do primeiro dia em que pisei no chão da sala de aula, realização! Realmente não foi fácil, mas gostaria que soubessem o quão prazeroso é ser o diferencial na vida de alguém. Todo o sofrimento é esquecido quando ao final do ano letivo você colhe o fruto de seu trabalho, e esse sentimento se multiplica quando você recebe a gratidão de uma mãe que teve seu filho incluído com todo amor e respeito, depois de tantas outras experiências frustradas.

O que eu gostaria que compreendessem com essas palavras é que sempre teremos que conviver com as situações que ficam entre “o ideal e o possível”, a famosa “expectativa e realidade”. Atualmente temos leis que garantem os direitos da pessoa com deficiência, mas sabemos que muitas vezes esses direitos só são conquistado através de ações judiciais e isso não é o correto, mas é o que acontece e com muita frequência, infelizmente.

Intérprete de libras, acompanhante especializado, acessibilidade arquitetônica, materiais de comunicação alternativa aumentativa, adaptação curricular, atendimento educacional especializado, transporte... Tudo isso é direito dos nossos alunos, mas nesse Brasil tão desigual as políticas públicas não chegam como deveriam as nossas escolas. A educação inclusiva garantiu o acesso, mas ainda está longe de garantir a qualidade de aprendizagem dentro das individualidades e potencialidades de cada um.

Da mesma forma pode parecer que você não está conseguindo atingir seus objetivos com sua turma devido à falta de estrutura da escola, de apoio da equipe gestora, do acompanhamento familiar, de formação adequada, mas não desista! Quando menos esperar você terá certeza de que valeu à pena!

Contextualizando tudo que já escrevi gostaria de relatar algumas situações reais vividas que demonstraram toda a magnitude de nossa profissão e o quanto podemos impactar, tanto para o bem, quanto para o mal.

No ano de 2013 iniciei minha jornada como professora de educação especial e desde então tenho procurado unir as experiências como professora das séries iniciais e as do atendimento educacional especializado para melhor auxiliar e orientar a todos os envolvidos no processo de educação inclusiva.

Dentre tantas histórias ouvidas nas entrevistas com as mães dos meus alunos deficientes algumas me marcaram profundamente e acredito que contribuam para que vocês tenham um olhar especial para esse público e para seus familiares.

Certa vez, uma mãe que acabara de mudar para a cidade onde trabalho me contou que na escola anterior que seu filho estudava passou por uma situação muito constrangedora em uma reunião de pais. A professora após passar os recados gerais iniciou a entrega dos envelopes com as atividades desenvolvidas no bimestre para cada um dos responsáveis presentes. Ao passar por ela não lhe foi entregue nada, apenas ouviu que ela aguardasse até o final para conversar em particular. Ela aguardou até o final e escutou da professora a seguinte fala: “Infelizmente não tenho nada do seu filho para lhe entregar, ele não faz nada!”. Com lágrimas nos olhos essa mãe me disse: “Nada, não tinha nada! Eu sei que meu filho não é fácil (autista moderado), mas nada professora, isso doe demais!”

Nunca esqueci a dor estampada nos olhos daquela mãe. Então meus colegas, por mais difícil que seja o trabalho com determinada criança, jamais esqueçam que ali é um ser humano que precisa de você e dentro de suas possibilidades faça o possível. Não aceitem o nada como alternativa, sempre é possível desenvolver algo. Pode ser que o próprio aluno não consiga registrar, mas hoje em dia temos tantas outras alternativas, pesquise, se informe, não permita que uma família receba “o nada” como sua resposta de trabalho.

Outro relato marcante foi desta mãe, que ao levar seu filho que tem paralisia cerebral para escola, em determinado dia, descobriu que teria uma excursão para um parque e na agenda de seu filho não havia sido mandado bilhete informando. Ao questionar a professora recebeu a justificativa que ela achou melhor não mandar, uma vez que ele não poderia participar das atividades como os demais. E ainda essa mesma mãe, na mesma escola, ouviu de outra mãe ao vê-la empurrando a cadeira de rodas: “Que fardo, né mãezinha”.

Essa mãe hoje em dia também é professora de educação especial e luta diariamente para que situações tão capacitistas não ocorram mais e não

magoem outras mães como aconteceu com ela. Não julgue a capacidade de nenhum aluno, com ou sem deficiência, pelo o que você vê externamente. E não esqueça que ele também tem uma família que pode ter conhecimento ou não de seus direitos, porém é nosso dever fazê-los prevalecer.

E assim já passaram doze anos que vivencio inúmeras histórias, que preencheriam muitas páginas, mas escolhi estas duas para ilustrar o quanto ainda temos que lutar pela educação inclusiva de qualidade.

Neste ano saiu a nova Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida. Desde sua publicação muitas discussões estão acontecendo devido as diferentes interpretações do seu texto. O que me preocupa particularmente, é o fato de que muitos dos grupos envolvidos nestas discussões terem assumidamente seu viés político influenciando suas opiniões. Deste modo, podemos não enxergar corretamente determinadas individualidades e particularidades que são fundamentais na vida de quem realmente precisa ter seus direitos garantidos.

Penso que, se somos todos seres únicos e diferentes, também não há regras que determinem exatamente o que é certo e errado diante de cada caso. Há parâmetros norteadores de práticas que devem ser baseados em muitos estudos e experiências de sucessos, mas cientes de que nada é homogêneo, principalmente dentro de um país tão grande e tão desigual.

Enfim, caros colegas de profissão e estimado Paulo Freire, espero que minhas palavras tenham contribuído de alguma forma para a reflexão de todos. Mas o que realmente espero, é que ao se depararem com o grande desafio de ensinar uma pessoa com deficiência, lembrem-se de que não há receita pronta, mas com certeza você poderá fazer a diferença e deixar as mais doces lembranças na memória de seus alunos.

Encerro com suas palavras, caro Paulo Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Portanto... Façam acontecer e florescer novas ideias e perspectivas para cada vez mais garantirmos a qualidade da nossa educação para todos!

Com carinho,
São Paulo, junho de 2021

Ousar saber, ousar fazer

Francisco Tibério Felizmino de Araújo¹

João Edson Rufino²

Caríssimo Freire,
Já se tornou lugar comum entre os estudos acadêmicos a análise das trocas de cartas entre os ícones da intelectualidade brasileira – homens e mulheres que marcaram positiva e afirmativamente o Brasil, país ainda carente de grandes ideias transformadoras e um efetivo projeto de nação.

Assim, foram objeto de estudos as cartas entre Carlos Drummond e Mário de Andrade, entre Jorge Amado e Jean-Paul Sartre, entre Clarice Lispector e seus muitos amigos, e tantas outras. Por mais objetivas e pessoais que tenham sido essas correspondências, de certo modo, explicitam o desejo coletivo desses pensadores, apontam para o anseio de um Brasil pleno e orgulhoso de si.

De Nápoles, em carta ao amigo Lúcio Cardoso, Clarice Lispector escreve: “Estou trabalhando no hospital americano, com os brasileiros. Visito

1 É graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras-FAFIC. Especialista em Filosofia Clínica pelo Instituto Packter e Faculdade Pe. João Bagozzi. Especialista em Gestão Ambiental para o Semiárido Nordeste pela Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* Cajazeiras. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba-*Campus* Sousa, atuando nas áreas de Filosofia e Filosofia da Educação. *E-mail*: francisco.araujo@ifpb.edu.br

2 É doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba e professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba-*Campus* Sousa, atuando nas áreas de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Leitura e Produção Textual, Introdução aos Estudos Literários e Gestão Educacional. *E-mail*: joão.rufino@ifpb.edu.br

diariamente todos os doentes, dou o que eles precisam, converso, discuto com a administração, pedindo coisas, enfim sou formidável. Vou lá todas as manhãs e quando sou obrigada a faltar fico aborrecida, tanto os doentes já me esperam, tanto eu mesmo tenho saudade deles” (GOTLIB, 2014, p.198). Pelo contexto da viagem e diante da subjetividade “da escritora da introspecção”, é possível ver, nas estrelinhas da carta, a vontade de maternar, de cuidar dos brasileiros e, por extensão, do Brasil, país ainda doente e cambaleante, pois não nos despedimos das mazelas e cicatrizes da escravidão e da subserviência, como sempre fora seu desejo.

Freire, você foi e é uma espécie de médico para os males brasileiros. Você deixou uma carta/cura para o Brasil. Em cada uma das suas obras, para quem as conhece, não estão apenas registros de uma larga e exuberante experiência de aprendizagem e saber, mas um grito de alerta para todos os brasileiros que amam a sua terra e que insistem em vê-la feliz e liberta da ignorância que ainda a tem deixado fincada nas raízes dos seus primórdios coloniais. Você nos ensinou a amar o Brasil, agindo em prol dele. O seu legado é incontestado, caro patrono da Educação Brasileira!

Não somos intelectuais renomados. Somos professores, sim. Cientes e contentes da nossa missão e do nosso ofício. No entanto você, Freire, sim, é um ícone da nossa intelectualidade, e a sua luz, lançada há anos sobre a vastidão do Brasil, tem-nos ajudado a dissipar as densas trevas da ignorância que ainda persiste nesta imensa nação que você tanto amou. E é essa luz que nos tem encorajado e ajudado a resistir, sobretudo em tempos tão nebulosos e difíceis como este que atravessamos, sob o risco iminente da pandemia da COVID-19, que assola o Brasil e, neste momento em que escrevemos, tem ceifado meio milhão de vidas. Convivemos com o negacionismo e com as *fakenews*, com a alienação e a barbárie, num movimento contraproducente e inconsequente.

Ao lermos o seu livro *Pedagogia da esperança, aprendemos contigo que [...] “precisamos da esperança crítica [pois] pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. O essencial, é que ela [a esperança], enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática”* (FREIRE, 1992, p.05). Nessa perspectiva, já que você nos ensinou a esperar, queremos lhe dar notícias do que temos feito por aqui, no sertão

paraibano, região ainda carente de quase tudo e sofredora das exclusões que se perpetraram e que ainda persistem no País.

Atuantes nas áreas de Filosofia e Literatura, no instituto de Ciência, Educação e Tecnologia da Paraíba, especificamente no *Campus* da cidade de Sousa, desenvolvemos aqui, no ano de 2019, o Programa InterdisciplinaCidade, que tem como principal meta levar, para além dos muros da Instituição, ações pedagógicas, desportivas, mostras tecnológicas e culturais para as cidades circunvizinhas.

Inspirados na criação do seu neologismo com o verbo *esperançar*, o título do nosso programa pretende, também, ser um. Criado por outro colega, poeta e escritor, Miguel Wanderley, também servidor no nosso *Campus*, o termo “InterdisciplinaCidade” remete aos sentidos do termo “interdisciplinar”, no que se refere ao diálogo entre disciplinas – sinalizando a dialética que fundamenta os seus métodos, em junção com as “cidades” circunvizinhas.

Nesse prisma, o InterdisciplinaCidade se propõe a estabelecer diálogos, conversas e trocas profícuas de saberes e conhecimentos entre as cidades envolvidas, sem estabelecer hierarquizações, mas, sobretudo, propor trocas e partilhas de conhecimentos e experiências com as comunidades e seus povos, objetivando a socialização de saberes para além da academia.

Esse processo de troca de saberes ia de vento em popa... Mas o ano de 2020 nos pegou a todos de surpresa com o advento da pandemia da COVID-19, que, em princípio, paralisou o planeta. Assim, vindos de uma exitosa experiência do ano anterior, o Programa se viu diante de um grande dilema em face da paralisação das atividades presenciais, em março de 2020: paralisar o programa ou dar-lhe continuidade? Após reuniões com a Direção e grupos de trabalho da Instituição, optamos por continuar o Programa, em forma remota, pautando-se em conferências *online* e articulando as cidades partícipes para colaboração e construção dessas atividades, em um novo cronograma, pelo caminho da virtualidade, o que nos restou como alternativa para um novo fazer nesse processo dialógico.

É fato que a nossa capacidade de resiliência se apresenta melhor quando estamos diante do desafio, que nos impele à mudança. Mudar hábitos e práticas é algo que, muitas vezes, acaba gerando medo, porque o novo é diferente; é pura provocação à comodidade da zona de conforto, que certamente causa ansiedade, comportamento que provoca o estado de anomia. Por esse

motivo, faz-se necessária uma dose de coragem para tomar novas atitudes e não apenas se adaptar às circunstâncias, mas também realizar mudanças de pensamentos e de operacionalização de novas práticas. Fomos instados a agir, a inovar, para superar desafios. Seguimos com o caminho proposto pela lição do ousar saber na missão de gerar o compromisso profissional com a sociedade, para promover o ato comprometido, lição que nos deixou na obra *Educação e Mudança*.

Diante do quadro situacional, o principal desafio foi lidar com uma ferramenta (Plataforma Virtual) até então desconhecida de um público já acostumado às ações pedagógicas presenciais e como fazê-lo migrar para essa nova modalidade. É cediço que a crise pode, sim, abrir espaço para a criação. E foi isso que tivemos de fazer: criar. E, assim, nós nos reinventamos!

Entre as grandes conquistas dessa nova modalidade virtual que o Programa InterdisciplinaCidade conseguiu, destacou-se a maneira como o projeto agigantou-se, acolhendo um maior número de cidades parceiras para, juntos, disseminarmos o conhecimento, dando continuidade à práxis que você nos ensinou. Lição das mais belas que nos deixou. Ao beber na sua fonte, aprendemos a nos instrumentalizar e a lidar com os procedimentos empíricos do povo do nosso redor.

Sendo verdade, como quer Hall (2015, p.9), que a “crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas centrais das sociedades modernas”, o Programa traz uma contribuição no sentido de reconfigurar territorializações e identificações. Nessa perspectiva, o InterdisciplinaCidade propõe estratégias e mecanismos de aperfeiçoamento da política de educação nas instâncias de sua formulação e execução, com o intuito de melhorar os indicadores educacionais e sociais da região.

O Programa objetiva ainda promover concursos de produção textual, gincanas, olimpíadas diversas, conhecimentos gerais e outras atividades pedagógicas. Intenta também a realização de mostras de arte, exposições de objetos históricos, relacionados à herança sertaneja em nossa cultura, valorizando o diálogo entre distintas manifestações artísticas, eruditas e/ou populares que guardam a memória do povo nordestino na história brasileira, como forma de reconhecimento da importância de sua presença na estrutura sociocultural. Seu lema – agir e refletir – tem sido um caminho seguro para termos a devida

consciência de nosso fazer e sermos parte integrante da realidade transformadora em nosso meio social e cultural.

Nesse contexto, pretende-se ainda desenvolver atividades de extensão, pesquisa e preservação do meio ambiente e do patrimônio cultural oriundo da presença do homem nordestino, rural e urbano, na vida nacional, em especial aquelas orientadas para a identificação de preconceitos e combate aos diversos tipos de discriminação que ainda são vistos na cultura do Nordeste.

No constructo do ato educativo, sofremos com as dificuldades existentes, muitas delas impostas pelo sistema, a exemplo dos inúmeros e infundáveis cortes nos recursos da educação, que ora vivenciamos. Entretanto, nos desafiaremos a seguir adiante; afinal, somos seres de práxis, como você bem afirmou sobre as pessoas compromissadas com o fazer e o viver autênticos, principalmente quando intentamos superar as frustrações e ousamos resistir nessa busca de sermos corajosos e cooperantes, para alcançarmos os resultados desejados na ação solidária de ensinar e aprender para a vida. É assim que nos tornamos sujeitos no viver, sob a ótica de um viver crítico e humanizado, como bem descrevem os seus ensinamentos.

Amigo Paulo Freire, ao nos debruçarmos sobre os resultados que estamos alcançando com as iniciativas do nosso Programa InterdisciplinaCidade, nos deparamos com um fazer compromissado com a mudança de nossos hábitos do individual para o coletivo, pois, através do engajamento de todos os envolvidos nesse processo de atividades educativas, conseguimos atingir um público carente de interações e ávido em partilhar seus saberes e experiências de vida porque, ao lhe dar atenção, são respeitados seus valores e modos de ser, viver e estar no mundo.

É bonito ver o brilho nos olhos dos agricultores e agricultoras ao atuarem nas formações e oficinas temáticas, para tratar sobre a lida do campo, em seu desafio de produzir com sustentabilidade. É belo observar as reações dos idosos ao discutirem sobre a utilização das ervas medicinais, como também o é, acompanhar o treinamento das merendeiras das escolas públicas no aproveitamento de alimentos.

Atuando na formação continuada em diversas áreas do saber e protagonizando suas ações com os alunos enquanto sujeitos do conhecimento e de suas próprias escolhas, os educadores trazem lições de pleno aprendizado. É maravilhoso averiguar que os jovens e adultos se confraternizam nas atividades

de esporte e lazer. Tudo isso aconteceu nos encontros presenciais promovidos pelo Programa, e muitas dessas e outras ações estão ocorrendo também durante o contexto pandêmico, embora mudando o foco de nossas atividades para o âmbito da virtualidade e, assim, passamos a atuar com as formações não presenciais, inclusive trabalhando com os educadores na utilização das ferramentas tecnológicas para a educação, naquilo que se configura como a inserção da educação 4.0.

Graças aos seus maravilhosos ensinamentos, nós, educadores, aprendemos que podemos ampliar nossas ideias e pensamentos, exercer nossa liberdade e construirmos uma visão de futuro mais produtora e responsável para com a nação, ainda tão sofrida e distante do que consideramos uma educação pública gratuita e de qualidade, pela qual você tanto sonhou e lutou.

Da mesma forma, aprendemos com seu exemplo que somos capazes de transcender as dificuldades com ações simples e práticas, pois somos seres políticos que provocam ações de mudanças, de transformações. Por essas razões, somos resistência, seres inacabados, mas de autorreflexão, seres de ação, de mudanças e transformações. A grande lição está na capacidade de sabermos que somos sujeitos de nossa própria educação, por isso ninguém educa ninguém, porque estamos todos nos educando, como bem nos alertou.

Saber com humildade e educação com amor são premissas das mais relevantes para quem pretende desenvolver o fazer pedagógico. São essas suas inspirações que nos contagiam o espírito e a alma, fazendo-nos agentes de nossas próprias histórias e narrativas, pois somos agentes do dever, no fluxo interno do que somos e temos, como dizia Heráclito. Verdadeiramente, a busca se faz na esperança, como você dizia!

Tê-lo como mestre orientador, mesmo a distância, através de suas obras e legado, tem sido uma honra para nós, que aprendemos a ousar saber, a ousar fazer, a ousar ser o que somos e, desta condição, lutarmos pelos melhores ideais de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Nessa labuta e missão, nós somos freirianos de alma e coração!

Saudades de sua existência singular.

Que sempre esteja entre os eleitos de Deus, Paulo Reglus Neves Freire!

Sousa (PB), 07 de junho de 2021

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**[1997]. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOTLIB, Nádya Battella. 3.ed. **Clarice fotobiografia**. São Paulo: EdUSP, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

Aprender com a própria história

Ângela Maria de Sousa Lima¹

Claudia Maria de Sousa de Lima²

Claudiney José de Sousa³

Prezado Educador Paulo Freire
Desafiadas/os a escrever-lhe uma carta, no centenário de sua morte,

-
- 1 Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas; Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal do Paraná, Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina. Atua na Área de Metodologia e Prática de Ensino de Sociologia no Curso de Graduação em Ciências Sociais; no PPGSOC - Curso de Pós-Graduação em Sociologia (Linha de Pesquisa: Desigualdades, Cidadania e Cultura); no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO); e no LENPES (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia), do Departamento de Ciências Sociais da UEL; atua no GEDUC/UEM (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Básica e Superior).
 - 2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina, Especialista em Metodologia do Ensino das Artes, pela Universidade Paranaense (UNIPAR), Graduada em Educação Artística, com habilitação em Arte Visual, pela UEL e Graduada em Ciências Contábeis pela Faculdade Paranaense (FACCAR). Possui experiência como docente na disciplina de Arte para estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Rolândia.
 - 3 Doutor em filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na área de Teoria do Conhecimento/Epistemologia e atualmente Professor Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Obteve o título de Mestre em História da Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde atuou como Professor Auxiliar. Licenciou-se em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde atua como Professor desde 2007. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia da Educação, Ensino de Filosofia, Epistemologia, Filosofia da Ciência e História da Filosofia Moderna.

no momento em que o Brasil registra mais de 500 mil vidas ceifadas pela gestão negacionista e genocida da pandemia da Covid-19, num contexto de necropolítica e de desprezo aos grupos humanos historicamente excluídos, vimo-nos diante de um desafio ímpar. Portanto, é na condição de filhas/os de lavradoras/es pobres/as economicamente, que teimaram muito como você para se formarem educadoras/os da Educação Básica e do Ensino Superior, inconformadas/os com as injustiças sociais e alavancadas/os cotidianamente pela utopia de defesa das vidas que importam, que ousamos, humildemente, dirigir-lhe algumas poucas palavras.

São, antes de tudo, sentimentos que expressam os fôlegos derradeiros de sujeitos oprimidas/os, constituintes de uma classe trabalhadora no campo da educação pública, ainda tão desprezada e atualmente perseguida neste país, apesar de tudo que o senhor já escreveu e concretamente implementou como ser sociopolítico e sociocultural insubmisso aos ditames do neoliberalismo e do colonialismo. E, por que não dizer, obstinado a empoderar aquelas/es que já não mais acreditavam no poder do Estado e das políticas públicas, organizadas sob as cópias dos piores “modelos” internacionais. Suas lições educacionais são, antes de qualquer conceituação, lições de vida, tão verdadeiramente expressas nos títulos de suas principais obras. São, neste sentido humano, prático e epistemológico, lições de autonomia; de indignação, de esperança, de conscientização; de mudança social e de diálogo. São, acima de tudo, lições de “educação como prática de liberdade” e de libertação.

Hoje, revivendo uma nova reconfiguração do cotidiano político e profissional de “medo e ousadia”, passamos a compreender, mais do que nunca, porque suas memórias e seus ensinamentos passaram a incomodar tanto os movimentos neoconservadores e de ultradireita neste país. Afinal, sua ousadia, banhada de utopia e fincada com os pés no chão na realidade objetiva, nos permite hoje transformar nossos simples escritos em gritos de denúncia contra as incontáveis expressões das desigualdades; assim como nos faz perceber o compromisso de ecoar vozes de sábias/os da vida, que violentadas/os do direito de acessar ou permanecer na universidade pública, são também impedidas/os de serem lidas/os e ouvidas/os, mesmo sendo estas/es, excluídas/os socialmente, as/os que mais dominam a leitura de mundo e a leitura da história humana, experienciada na pobreza econômica e política que marca a constituição da nossa república.

Como você nos ensinou, “não há neutralidade da e na educação”. Assim, seguiu nos educando com a “importância do ato de ler” o mundo pelas percepções de quem constrói incansavelmente a história da humanidade pela Cultura, pelo trabalho e por tantos outros processos de desalienação cotidiana. Tratam-se dos registros históricos institucionais que permanecem invisibilizadas/os e silenciadas/os. Na “ação cultural” e pedagógica amorosas de alfabetizar crianças, adolescentes, jovens, adultas/os e idosas/os, nos tornou herdeiras/os de tantas pedagogias inovadoras críticas, valorizadas pelo mundo afora, mas atualmente tão perseguidas e estrategicamente esquecidas no Brasil. Se implementadas institucionalmente hoje, como já foram em tantos cantos do país e por tantas/os outras/os ousadas/os como o senhor, transformariam, de modo humanizador, as realidades cruéis evidenciadas nesse momento socioeducacional desafiador do país.

Prezado Mestre, as violações de direitos são tamanhas, que a exclusão tecnológica das/os educandas/os impedidas/os de acessar a internet e os ataques contra a ciência, a docência, a universidade pública e a pesquisa encobrem a extensão dessa desumanização. Como educadoras/os de três áreas do conhecimento, não mais consideradas prioritárias pelos órgãos estatais que fazem a gestão dos ínfimos recursos financeiros que restaram à pesquisa científica, transformadas em “estudos e práticas de...” pela última reforma do Ensino Médio, esvaziadas de saberes teóricos nas últimas bases curriculares nacionais, continuamos “pelejando”. Sentimo-nos inspiradas/os nos seus múltiplos exemplos de “aprender com a própria história” e ensinar outras/os educadoras/es que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Quiçá nossas “práxis educativas”, que têm tanto ainda a aprender com a “reflexão interdisciplinar da educação popular”, pelo senhor brilhantemente problematizada, possa, mais do que ensinar, diminuir opressões patriarcalistas e colonialistas, numa busca constante pela redução da “educação bancária”. Perceber-nos antropológicamente “inacabadas/os”, ensinando-nos a aprender com as outras pessoas pela prática pedagógica dialógica e pela “pedagogia da pergunta”, não pelas respostas prontas de ciências etnocêntricas, é outra lição humana da mais alta grandeza, que nos ressignifica processualmente como educadoras/es.

Afinal, querido Mestre, somos fruto de uma educação tecnicista, bancária, capitalista e alienante, ofertada como favor na chamada “década perdida”

a trabalhadoras/es do campo, que só muito tempo depois descobriram que sabiam ler o mundo e que produziam Culturas, mesmo estrategicamente impedidas/os, pela realidade objetiva desigual, de possuírem o direito a um único livro, gibi ou apostila mimeografada. No entanto, “nessa escola chamada vida”, guiadas/os pelas mãos inquietas de pais considerados equivocadamente como “analfabetos” e de educadoras/os que enxergavam vidas para além de rankings e notas, pudemos experienciar, de modo significativo, como políticas públicas progressistas, muitas delas inspiradas em suas lições, conseguiram reduzir desigualdades nesse país. Mas, nestes momentos tão nefastos, em meio a retrocessos políticos que causam tantas desesperanças, vemos que precisamos ainda mais de suas orientações e exemplos, para aguentar a peleja de esperar e resistir, sem esmorecer de vez antes de saborear uma mudança real na educação pública.

Portanto, nossas “conversas sobre educação e mudança social”, são, antes de tudo, como bem nos ensinou, “reflexões sobre nossas vidas e nossas práxis”, percorridas de mãos dadas, em um “caminho que se faz caminhando”. O Senhor nos presenteou com a autoavaliação do inacabamento, da responsabilidade humana e dialética de sermos gente. Antes de sermos educadoras/es, sermos gente que respeita e luta por todas as formas de ser gente e de ser humanas/os. Muito obrigada por nos inspirar a inquietude, que nos mantém vivas/os quando todas as forças ditadoras tentam nos silenciar. Gratidão por ser esta linha mestra que nos impulsiona coletivamente para a construção de nossas próprias caminhadas, sob a mira de sua utopia, arrebatando-nos para frente no “processo constante de humanização”, quando a revolta ao ver cotidianamente tantas vidas ceifadas e tantas violações de direitos humanos, tenta nos anular como gente e como educadoras/as persistentes nas Ciências Humanas. Em síntese, muito obrigada por existir e coexistir corajosamente nesta nação, que tem tanto a aprender com suas práticas e ideias.

Saudades e saudações carinhosas de três irmãos que te estimam cada dia mais.

Rolândia (PR), junho de 2021

Aprendizagens da cooperação

*Jaime Vieira Rocha*¹

*Josineide Silveira de Oliveira*²

*Francisco Adilson da Silva*³

*Umberto de Araújo Medeiros*⁴

Caro Paulo Freire, caminheiro de sonho, mestre da libertação! Os desafios postos à humanidade nos primeiros anos deste século XXI têm forçado novos aprendizados e reorganizações sociais. Nunca fomos tão impelidos a pensar sobre a existência da vida na Terra como nesses tempos, visto que impera a aceleração da cultura da destruição dos bens naturais em favor do lucro desmedido de algumas poucas pessoas em detrimento da maioria dos humanos e outros viventes.

Como alerta o nosso Papa Francisco, a “Terra não pode ser espremida como uma laranja” (Conferência da TED 11/10/2020). É preciso abrir os olhos, o coração e os braços para reagir a tantos desmandos. Ouvindo os apelos do Papa Francisco e revisitando tua militância, Freire, compreendemos a urgência das ações e a possibilidade de participação de todos os homens e mulheres de boa vontade nessa empreitada.

1 Sociólogo, Mestre em Ciências da Religião, Presidente do Observatório Social do Nordeste (OBSERNE), Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Natal/RN.

2 Doutora em Educação, pesquisadora Permanente do GRECOM/UFRN, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFRN), Membro do Observatório Social do Nordeste (OBSERNE)

3 Diácono Permanente da Arquidiocese de Natal/RN, Filósofo, Educador Popular, Coordenador Executivo do SAR.

4 Diácono Permanente da Diocese de Caicó/RN, Doutorando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFRN), Professor do Seminário Diocesano de Caicó/RN.

Bem sabeis da caminhada da Igreja aqui do Nordeste do Brasil. Fostes companheiro de tantas jornadas e, em especial, da Igreja de Natal, quando te juntastes aos estudantes universitários, professores e agentes de Pastoral atuantes no *Movimento de Natal*, com vistas à alfabetização de adultos no Rio Grande do Norte. No solo potiguar, precisamente em Angicos, no ano de 1963, pudestes mostrar ao mundo como é possível promover a transformação pela via da educação.

O método de alfabetização regido conforme tua batuta possibilitou, em 40 horas de aula, aos trabalhadores explorados por fazendeiros, ir além da decifração da ortografia das palavras. Possibilitou que fossem da leitura das páginas à leitura do mundo no qual estavam inseridos. É escusado lembrar-te das etapas do teu próprio caminho didático, mas é forçoso dizer que, como herdeiros desse legado, somos animados a esperar na ação. Tratar de uma das alternativas de resistência nascidas sob orientação da Doutrina Social da Igreja à luz da Pedagogia por ti instruída é o assunto dessa missiva. Saiba que tudo aquilo que semeastes não ficou à margem do caminho. Fecundou e deu frutos.

Como podes imaginar, essa fecundação é processo permanente, mas não se dá de forma simples. Aqui no Nordeste brasileiro, a chegada das grandes indústrias, a exploração das terras por parte de uma minoria de privilegiados pouco mudou a paisagem de nossa miséria. O ideário do desenvolvimento pleno de oportunidades para todos ainda continua no horizonte das expectativas.

Se ontem nossas terras eram exploradas pelos senhores de engenho, do agave, do algodão e do gado, hoje, imensas glebas de terra são apropriadas por meio de contratos inescrupulosos de 20, 30, 40 anos, por empresas nacionais e transnacionais das chamadas “energias renováveis”. Estas companhias vão convencendo as famílias dos assentamentos, comunidades rurais e comunidades tradicionais com a propaganda do desenvolvimento através da geração de emprego e renda. Porém, pouco ou quase nada é feito pela comunidade atingida, que arca com o ônus da degradação social e ambiental.

Crescem, também, os problemas de saúde, assim como o número de habitantes nas comunidades. Muitas mulheres engravidam de forasteiros e depois são abandonadas, são os chamados “Filhos dos Ventos”. Muitos deles jamais conhecerão seus pais. Outro fato importante é o aumento dos casos de

drogadição, das infecções sexuais transmissíveis, como a AIDS, sem contar o descaso com a juventude pobre e negra.

O que fazer para propiciar uma compreensão dos desafios da realidade e propor uma organização social mais justa e digna para as pessoas, mirando no respeito à natureza? Nesses momentos adversos, tua coragem nos anima e tua determinação nos instiga. Nós entendemos que é imperativo não esmorecer diante das dificuldades e prestar atenção aos minúsculos sinais anunciadores da esperança transformadora. Sobre isso, o poeta Gonzaguinha conclama:

*Ontem um menino
Que brincava me falou
Hoje é a semente do amanhã*

*Para não ter medo
Que este tempo vai passar
Não se desespere, nem pare de sonhar*

*Nunca se entregue
Nasça sempre com as manhãs
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar*

*Fé na vida, fé no homem, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será*

Embalado desse propósito, o Serviço de Assistência Rural e Urbano da Igreja de Natal (SAR) compreendeu que é pelo investimento na esperança que se suplanta o medo e se constrói o sonho. Uma parceria firmada entre o SAR e a ADVENIAT, da Igreja da Alemanha, no primeiro momento da pandemia da Covid-19, possibilitou o atendimento a mais de mil famílias, em duas etapas, com a entrega de 2.200 cestas básicas e material de higiene. As cestas foram preparadas com produtos da agricultura familiar, da economia popular solidária e da pesca artesanal, como uma forma de fazer circular os recursos nas próprias comunidades, por meio do pequeno comércio local.

As famílias atendidas foram cadastradas com antecedência, de acordo com o acompanhamento feito pelas Pastorais Sociais e Serviços da Rede SAR, a partir dos seguintes critérios: famílias em situação de maior vulnerabilidade, famílias numerosas, famílias não atendidas pelos programas sociais, famílias chefiadas por mulheres e famílias de comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, de terreiro, de pescadores e pescadoras artesanais e marisqueiras).

Esse processo desencadeou outra ação, a das “trocas solidárias”, a partir de uma iniciativa dos pescadores artesanais e marisqueiras atendidos. Eles resolveram fazer uma pesca solidária, como forma de retribuir as cestas recebidas e levaram mais de 300 kg de peixes e mariscos para um assentamento e duas comunidades indígenas. Em troca receberam milho, feijão, maxixe, quiabo e batata doce. Um gesto muito bonito de solidariedade entre os próprios envolvidos.

Essa dinâmica chamou a atenção da ADVENIAT, que proporcionou uma segunda parceria. Foi nessa articulação para um novo projeto que a Equipe SAR começou a pensar uma tecnologia social que fosse capaz de mobilizar as comunidades para a solidariedade e que propiciasse em sua própria metodologia um processo de formação dos envolvidos, ou seja, das famílias em situação de vulnerabilidade e de insegurança alimentar e nutricional. A esse conjunto de experiências deu-se o nome de Bodegas Solidárias. Algumas delas já estão em funcionamento em cinco cidades do território da nossa Arquidiocese: João Câmara, Macau, Lagoa Salgada, São Miguel do Gostoso e Goianinha.

Como sugerido pelo próprio nome, as bodegas guardam as características dos lugares de vendas próprios das comunidades e pequenas cidades do interior como recintos destinados à aquisição de produtos necessários ao viver. Para além da lógica competitiva imposta pela concepção de mercado, que privilegia o consumo exacerbado, a exploração da natureza, a monocultura da mente, o hiperindividualismo e a exaustão das relações de amizade, a bodega favorece a sociabilidade, pois o processo de compra e venda de alimentos e de utensílios ultrapassa a mera consecução do lucro e possibilita a emergência de convívios inspiradoras de confiança, do reuso de objetos e da solidariedade comunitária. Gostaríamos de apresentar-te essa alternativa elegendo essas três sociabilidades como princípios orientadores de sua dinâmica. Elas

são entendidas como lugares de formação de sujeitos críticos e responsáveis pela produção do próprio destino.

O primeiro princípio desenvolvido neste projeto alternativo de vivência social é o da confiança. Assim como acontecia nas negociações das antigas bodegas, nas quais o bodegueiro confiava no cliente o pagamento *a posteriori* da negociação – o popular fiado –, a reabilitação da confiança tratada na bodega solidária tem como intuito a valorização da pessoa em sua dignidade. Reaprender a confiar um no outro em um mundo onde todos desconfiam de tudo e até das próprias potencialidades é uma das urgências do viver.

A ideia é começar pelo exercício da autoconfiança com aqueles que estão vivendo em condições de invisibilidade, sem ninguém para ouvi-los, até mesmo sem uma documentação que lhes possibilite as condições de exercer minimamente a cidadania. São pessoas em situação de rua, humanos abandonados à própria sorte, experimentando o que o Papa Francisco (2013) denunciou como “periferia da existência”, a mais miserável e perversa de todas as periferias possíveis.

Para os que mesmo tendo um teto e, por vezes, um trabalho talvez sazonal cuja remuneração não lhes é suficiente para prover o sustento, a observância do princípio da confiança instila a crença na construção de uma sociedade onde a força do coletivo se impõe ao individualismo e à alienação das ideias e dos bens. É preciso restabelecer relações de confiança alicerçadas nas amizades, nas conversas sobre os problemas comuns da comunidade e no compartilhamento das histórias de vida.

Cada comunidade onde se instala a Bodega Solidária deve atentar para as demandas do contexto local e a inserção no contexto global. Reconhecer o sofrimento da fome e tantas outras carências humanas supõe discutir as causas do empobrecimento, as manobras que favorecem o acúmulo das riquezas de alguns e a usurpação dos bens comuns em benefício dos grandes grupos.

Nessa Pedagogia retomada no século XXI, caro mestre Paulo, temos bem vivas as tuas lições. Ensinastes que é na fluência do diálogo que descobrimos os reclames de uma identidade comum; é no reconhecimento da fala do outro que identificamos o universo de preocupações e as necessidades comunais. Nesse processo é possível fazer brotar a força do coletivo que se insurge no acolhimento da pessoa do irmão e, igualmente, na garantia da escuta da sua

palavra. Tais condições asseguram aos envolvidos na relação a tessitura do coletivo e a expressão de sua vontade.

Para o enriquecimento dessa práxis libertadora torna-se imprescindível o diálogo com as sabedorias ancestrais e outras áreas de saberes, tais como a arte, instigante da criticidade e do bem pensar; as ciências, que se pautam pela amplificação dos saberes e rejeição ao dogmatismo; a espiritualidade, que nos põe na igualdade de habitantes da Terra; e a política, palco legítimo de exposição e discussão das políticas públicas. A bodega solidária se constitui como um parlamento regido pela confiança capaz de fazer emergir uma formação libertadora.

O segundo princípio orientador da bodega solidária é o do reuso de objetos. Numa sociedade ávida pelo consumo e afeita a cultura do descarte, é preciso intensificar o combate ao desperdício. O modo de produção capitalista prega a acumulação como sinônimo de felicidade, investe no descarte das coisas e no incentivo do cancelamento das pessoas como demonstração de êxito e autonomia.

A perspectiva da bodega solidária abre uma brecha nessa lógica autodestrutiva incentivando a partilha do excedente e fazendo com que as pessoas se sintam responsáveis por si, pelos outros e pela natureza. Foca na recuperação da biodiversidade e na consequente regeneração do ambiente. Quanto mais se partilha, menos se desperdiça. Esse é um imperativo ético para os dias atuais. A quantidade de alimentos jogada nos lixos daria para alimentar muitas bocas famintas.

Precisamos alertar as populações sobre as práticas de ecocídio revestidas de pseudoprojetos de desenvolvimento, ou seja, quando tais projetos provocam o extermínio do ecossistema de uma região ou de uma comunidade. A cegueira para o esgotamento dos recursos naturais e para as respostas dadas pela natureza têm colocado em cheque a previsibilidade construída ao longo dos últimos três séculos pela lógica da racionalização fechada.

É urgente reaprender a lidar com as situações de imprevisibilidade social e natural. Não se pode cumprir ou apenas obedecer às ordens e ensinamentos defendidos pelo mercado financeiro, que na maioria das ocasiões assume pre-sunçosamente a direção do funcionamento da sociedade.

Na encíclica *Laudato Si* (2015) o Papa Francisco conclama ao zelo para com a Casa Comum e convoca à discussão de uma biopolítica, capaz de

repensar os recursos naturais e o destino de humanos que já não têm onde reclinar a cabeça. Contrapondo-se a essa lógica do capital operada pelo mercado, apresenta-se no fazer das Bodegas Solidárias um pensamento agroecológico que se fundamenta em uma outra economia proposta pelo Papa Francisco, na qual São Francisco e Santa Clara são modelos das relações de existência humana e trato da natureza.

O terceiro princípio revelado nas bodegas solidárias é o da solidariedade. Embasada na Doutrina social da Igreja tais espaços de convivência têm como horizonte a construção da pedagogia do compartilhamento. A doação de alimentos e produtos de higiene pessoal revela o cuidado com a vida dos irmãos; os mutirões de agricultores(as), pescadores(as) e professores(as), os(as) colaboradores(as) das diversas áreas investem trabalho e ternura. Pequenas empresas do lugar ajudam no atendimento às famílias cadastradas.

O mais bonito é ver e sentir a solidariedade que brota do coração das próprias famílias envolvidas, como é o caso do Assentamento Modelo 2, que destinou uma área irrigada para a produção de alimentos para as bodegas, como forma de garantir o processo de soberania, segurança alimentar e nutricional destes irmãos. A bodega solidária é apresentada como um espaço da Igreja para a troca de lições que incentivem a construção da justiça social e do zelo para com a casa comum.

A primeira experiência aconteceu na cidade de João Câmara, com a instalação da Bodega no dia 1º de abril, uma quinta-feira santa. Um fato que chamou a atenção foi a solidariedade imediata da comunidade. Lá foram cadastradas 100 famílias no município de João Câmara e 30 famílias no Assentamento Modelo 2, no mesmo local. A mobilização feita pela Paróquia, pela Caritas paroquial e a pastoral da criança fez com que a Comunidade Paroquial fizesse a doação dos alimentos, o que possibilitou o atendimento a 230 famílias. Neste caso foram beneficiadas 100 famílias a mais do que as cadastradas anteriormente. Um número que vem sendo mantido a cada mês no acesso à alimentação, tamanha é a solidariedade local.

Fato interessante foi o que as famílias do Assentamento Modelo fizeram. Não só doaram frutas para complementar as cestas das famílias da cidade como optaram em preparar um terreno para plantio com irrigação, de cuja produção final 30% será destinada para o Projeto Bodega Solidária. Essa

mesma tecnologia está sendo implantada em mais 4 municípios do RN - Macau, Lagoa Salgada, São Miguel do Gostoso e Goianinha. Em cada um deles o empreendimento vai se amoldando à realidade da comunidade, conservando-se, porém, os critérios básicos: atendimento às famílias mais vulneráveis, famílias numerosas, famílias chefiadas por mulheres.

Em Lagoa Salgada, a segunda bodega instalada, a comunidade resolveu homenagear duas lideranças locais (*in memoriam*) distintas pela sua forma de agir. A primeira, a Bodega Solidária “Sebastião Getúlio”, faz referência a um cidadão que se destacou na Região como sindicalista, cooperativista e formador de organizações dos trabalhadores no município.

A outra liderança, cuja casa onde a Bodega foi instalada faz memória à sua antiga moradora, que doou sua casa para os trabalhos sociais pós morte, lembra o seu nome: Casa de Atendimento “Conceição dos Anjos”. Uma mulher simples, religiosa, caritativa e devota do Padre Cícero Romão. Populares do lugar estão criando também um Bazar Solidário como forma de angariar recursos para colaborar com a bodega local, além de contar com as doações que estão sendo feitas pelo comércio e pessoas da comunidade.

Nos municípios de Macau (Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão-RDSPT) e São Miguel do Gostoso (Comunidade Indígena não reconhecida, de Tabua e Assentamento Maria Aparecida) as Bodegas Solidárias estão sendo organizadas juntamente com a criação das moedas sociais locais e os Bancos Comunitários.

A quinta e última Bodega será instalada em julho, no município de Goianinha, para beneficiar a comunidade indígena do Catu. Essa comunidade destaca a importância da questão ambiental. Procura dar relevo ao trabalho dos “guardiões da mata” na luta pela preservação da Micro Bacia Hidrográfica do Piquiri Una, ameaçada pelos grandes empreendimentos que desmatam, queimam e assoreiam os rios da região. Nessa Bodega dar-se-á reforço às ações desenvolvidas pelo SAR na linha ambiental e dos recursos hídricos.

Com bem vês, caro mestre, as coisas não mudaram muito depois da tua partida. Mas, a cada crise, a Igreja, como mãe e mestra, seguindo o preceito bíblico - “Eu ouvi os clamores do meu povo” (Ex. 3,7) -, vai ao encontro dos filhos que sofrem. Observar a Doutrina Social da Igreja e valer-se de

ensinamentos como os teus para reacender a esperança e produzir força na caminhada é um trabalho constante.

Esperançando solidariedade,
Natal (RN) 20 de Junho de 2021.

Referências

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. 1^a ed (2015). 5^a reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **Conferência da TED** 11/10/2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/papa-francisco-avisa-que-a-terra-ao-pode-ser-espremeida-como-uma-laranja-12906859.html>. Acesso em 18/06/2021

_____. **Na semana Santa. Abrir as portas do Coração**. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/papa-francisco-em-sua-primeira-audiencia-geral-qna-semana-santa-abrir-as-portas-do-nosso-coracaoq-2/>. Acesso em: 19/06/2021.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. 17^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 21^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

NASCIMENTO JUNIOR, Luiz Gonzaga do. Nunca Pare de Sonhar. Longa Play (LP) *Grávido*. **EMI-Odeon**, 1984. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/46281/>. Acesso em 18/06/2021.

OLIVEIRA, Josineide Silveira de; ALMEIDA, Maria da Conceição de; ROMÃO, Manoel Onório. E por falar em coragem, Pensemos em Educação. In: **Educar é um ato de coragem**. 3 (Org) DICKMANN, Ivanio. Veranópolis/RS: Diálogo Freireano, 2020.

Qual “sombra da mangueira” será lembrada?

*Carine Mello da Silva*¹

*Claudionei Vicente Cassol*²

*Arnaldo Nogaro*³

Querido Mestre, Paulo Freire
Sentimos tanta alegria em poder lhe escrever estas palavras e dizer que esperar é um verbo que atualmente expressa resistência e, também, traz sua presença ao nosso meio. Você se faz presente em cada frase desta carta. Você vive! Suas palavras transformam! O saber assume o sabor de uma fruta colhida de uma grande árvore, a mangueira.

Freire, à nossa volta há muito horror, tristeza, medo, dor e incertezas. Não há mais abraços; os risos estão escondidos por máscaras que simbolizam o espectro da morte. O mundo enfrenta uma pandemia, talvez a pior já registrada, com forças para mudar vidas e o cotidiano de todas as esferas sociais, deixando evidente que o papel da escola é extremamente relevante. É lá que se aprende a ler a palavra, mas também a fortalecer a leitura do mundo que precede a da palavra. A leitura da palavra é fundamental para que as pessoas

1 Mestranda em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI/FW. E-mail: kakamellodasilva@hotmail.com.

2 Professor no PPGEDU – URI-Frederico Westphalen e no CEEDO, Cerro Grande-RS. Dr. em Educação nas Ciências, Membro e Coordenador do Grupo Biosofia (Pesquisas e Estudos em Filosofia), URI – Frederico Westphalen-RS. cassol@uri.edu.br.

3 Doutor em Educação. Professor do PPGEDU URI Frederico Westphalen E-mail: narnaldo@uricer.edu.br.

compreendam que mudar a si e o mundo é possível. É lá que se semeia a esperança!

Escrevemos para dizer que a sua obra “A sombra desta mangueira” serve de inspiração para esse diálogo. Adotamos como tempestade de luz ou um esperançar sobre qual escola queremos oportunizar, não somente em épocas pandêmicas, mas, principalmente, quando tudo isso passar, pois quem educa precisa acreditar que o amanhã é o lugar para concretizar nossos sonhos e partilhar a utopia que abandonará o rastro de morte do presente. Qual fruto da “escola mangueira” queremos colher? Esta carta tem a intenção de ampliar as possibilidades de reflexão sobre o contexto educacional e dialogar já que você se faz presente em cada parágrafo e em todos os momentos de nossa humana docência.

Para este momento, acreditamos na prática da liberdade e vislumbramos uma “escola mangueira”. Nesta, o diálogo é base de sustentação para construção de novos saberes daqueles que, com humildade pedagógica, aprendem com pais e mães à sua sombra, para aprender muito além do que apenas a leitura da palavra, atentos às possibilidades que o mundo em mudança nos oferece. Esta traz elementos novos como as tecnologias digitais que se tornam o meio para instigar a curiosidade, o pensamento crítico, o conhecimento, a pesquisa, desenvolvendo-se nas trilhas hermenêuticas, uma vez que o isolamento social nos confinou em nossas casas e crianças e jovens necessitam de nossa “presença” para revigorar seu desejo de realizar sua vocação ontológica de ser mais como humanos. Também trazemos reflexões que demarcam a vontade de concretizar “escolas mangueiras”, pois nelas há respeito, empatia, diálogo, humanidade e um novo jeito de educar. À sombra da grande árvore encontra-se um mundo de possibilidades, na qual podem ser sentidos os melhores e maiores saberes da vida.

Caro Paulo! Permita-nos esta informalidade, para que juntos, possamos refletir assuntos importantes no fazer dialógico de uma escola, na qual o aprender a aprender é essencial. O mundo experiencia um assombro pandêmico que assola e devasta todas as esferas sociais e humanas, isolando as crianças e jovens de seus mestres. Ela é um dos mais ricos lugares de fala de uma criança, onde não somente decodifica os símbolos escritos e os números, mas aprende a autonomia, se constitui como agente de sua história e

de tornar-se consciente do projeto comum de mundo. Na escola, alfabetiza-se e torna-se letrada científica e socialmente. Em épocas de seu isolamento físico, de fechamento de suas portas, pode ser um interstício para “podar” suas folhas, mudar seu jeito de oferecer aconchego a quem abriga-se em suas sombras. Este renovar-se pode significar o nascimento de uma nova mangueira.

Freire, em “A sombra desta mangueira”, no seu início, descreve tudo o que atrai nas árvores: a variedade do seu verde, sombra aconchegante, o cheiro das flores, os frutos, o contorno dos galhos e sua resistência aos ventos fortes, os diferentes tipos de pássaros que lá pousam e se abrigam com suas cores, variados cantos, dentre tantos outros seres viventes que lá sentem-se acolhidos. Entre uma infinidade de árvores, escolheu a mangueira como sua memória inesquecível pois em suas sombras aprendeu muito do mundo e das palavras. Nossas escolas são como as mangueiras. Em suas sombras habitam diversos mundos, cada um com sua singularidade, especiais em sua plenitude, fazendo uso de sua palavra, à medida que nos entregamos “[...] ao gosto de vir, vivê-lo, fazê-lo mais intenso na medida em que o provo” (FREIRE, 2015, 19).

Em tempos obscuros que clamam por lucidez, a leitura do mundo emerge como precedente à leitura da palavra, torna-se imperativo reinventar a forma de ser mangueira. Mas como? Para muitas crianças, o fruto da aprendizagem somente a escola mangueira pode fornecer. O capitalismo desenfreado, vírus potente e avassalador, que gera uma sociedade anônima, isolada, nos põe diante de nós mesmos para que pensemos sobre como reconstruir uma sociedade que sofre perdas irreparáveis de vidas humanas, que desumaniza pela exclusão valendo-se de espaços como a educação para domar e aprisionar os sonhos mais nobres de um mundo menos desigual. Qual será o fruto desta nova versão de escola mangueira?

Muitas são as dúvidas, incertezas, medos. É preciso pensar na educação que queremos para nossas crianças e jovens. As tecnologias digitais podem ser novas ferramentas para nos aproximar-nos de seu mundo e colher bons frutos da árvore escola. Porém, se esbarra na sombra de uma mangueira que não consegue abrigar a todos, deixando grande número de indivíduos sem acesso, especialmente pela sua condição econômica. Vivem uma vida de escassez, não possuem o básico em casa, nem alimento, nem livros, nem tecnologias e, na escola, conseguem suprir algumas de suas carências, inclusive

alimentares. É ali, neste espaço, de ciência e de amor, que podem encontrar-se com uma nova visão de mundo.

Como romper com as barreiras da exclusão e incluir um aluno/uma aluna que não possui acesso às tecnologias digitais? Justamente estas que foram e se tornam cada vez mais essenciais na vida de um/a professor/a que semeia, rega e colhe os frutos da educação e dos/as alunos/as que lutam para usufruir da primavera da vida. Como diz Freire (2015, p. 18): “Sombra e luminosidade, céu azul, horizonte fundo e amplo dizem de mim. Sem eles, sobrevivo mais do que existo.” Ao educador cabe lembrar que a empatia sustenta a compreensão do mundo da vida de crianças e adolescentes e a resiliência é o fertilizante que nutre e dá forças às raízes da “escola mangueira”.

Admirado Mestre! Pensemos agora nos frutos de uma “escola mangueira”. Os/As alunos/as são aqueles que dão vida às escolas, são luz, presença, esperança no futuro da humanidade. Podem ser comparados como o sol e a água, vitais para as plantas; um dependente do outro, água e fotossíntese, são elementos fundamentais na vida de uma árvore. As escolas possuem características peculiares como tantas árvores: jequitibás, carvalhos, oliveiras e mangueiras. Cada uma com seu significado e história por detrás de cada célula que compõe sua estrutura orgânica. Assim são as escolas: jequitibás em sua altura e extrema importância na realização de sonhos e objetivos; carvalhos como representação de força, firmeza e resistência; oliveiras, ao serem consideradas sagradas para a deusa Atena e, por último e não menos importante, a mangueira. Nela há a descoberta de cores, cheiros, sabores, conhecimento de mundo e palavras.

Em meio ao caos mundial que o coronavírus instaurou, aqueles e aquelas que estavam às margens foram definitivamente expulso, banidos e outros que dispunham de alguma condição econômica, que lhes possibilitou ao menos um pouquinho de acesso às tecnologias conseguiram conduzir os processos educativos de maneira exitosa. Àqueles/Àquelas que estavam e ainda estão à margem, como trazê-lo para a sombra da “escola mangueira” e dar-lhe acesso a seus frutos? Talvez não tenhamos muitas respostas neste cenário de incerteza, mas nada impede que alimentemos indagações e indignações, como ensina Freire (2015, p. 19).

Preciso do mundo como o mundo precisa de mim. O

isolamento só tem sentido quando, em lugar de negar a comunhão, a confirma como um momento seu. Neste sentido é que o isolamento negativo não é o de quem tímida ou inibidamente se recolhe ou o faz por método, mas o do individualista que, egoistamente, faz girar tudo em torno de si e de seus interesses.

As aristocracias não suportam ver as classes sociais empobrecidas realizando o direito de aprender a ler e a escrever, pois são sinais de emancipação que colocam em risco a condição em que se encontram, alimentada pela crença de que no mundo só pode haver dignidade e lugar para quem está no topo da pirâmide social. Às classes hegemônicas é preferível que os/as pobres continuem sempre à margem e à mercê das benesses construídas pelos coletivos. A “escola mangueira” é aquela que proporciona educação para todos e todas; torna-se um esperar na vida e na leitura da palavra como prática libertadora, de oportunidade e da capacidade de sonhar, de se fazer ouvir e crer no amanhã.

Educar e aprender são pilares em uma escola que prioriza a educação através do diálogo, da empatia, da amorosidade, que reconhece o espaço e o direito do/a aluno/a, que parte do que já sabe para abrir as avenidas fundamentais de novos conhecimentos e experiências. Neste sentido, Freire (2015, p. 20) mostra que saber “[...] melhor o que já sei às vezes implica saber o que antes não era possível saber. Daí a importância da educação da curiosidade em cujo exercício ela se constitui, cresce e se aperfeiçoa.”

Para que os frutos de uma “escola mangueira” sejam colhidos da melhor maneira possível é sempre importante estimular os/as alunos/as a querer aprender algo novo e a entender o conhecimento como resultado de uma visão cosmogônica de mundo. Aprender é ampliar horizontes, romper limites, inclusive aqueles que cerceiam famílias e as forçam a uma condição desigual. A escola desejada nutre-se pelo saber dialogado, mediado que oportuniza momentos de reflexão e construção do conhecimento poderoso que emancipa, a exemplo do que Young (2007, p. 1296), defende. Para ele,

[...] o *conhecimento independente de contexto* ou *conhecimento teórico*. Ele fornece generalizações e busca universalidade. Ele fornece uma base para se fazer julgamentos e é geralmente, mas não unicamente, relacionado às ciências. É esse conhecimento independente de contexto que é, pelo menos potencialmente, adquirido na

escola e é a ele que me refiro como *conhecimento poderoso*. (grifo do autor).

O diálogo como práxis transforma o mundo, o indivíduo e a escola. A palavra é vivida e dinâmica, não se torna inerte, transpõe muros visíveis e invisíveis. Criar experiências de diálogo, de conhecimentos que instiguem a curiosidade, bem como, dar espaço para o aprender libertador é a alma da “escola mangueira”. Neste intuito, Freire (2015, p. 21) escreve que “[...] o necessário é estar permanentemente à espera de que novo conhecimento surja superando outro que, tendo sido antes novo, envelheceu”. E para que a educação da curiosidade seja provocada, é relevante, no processo de uma “escola mangueira”, provocar processos reflexivos, instaurar a dúvida problematizadora, mais do que dar as respostas prontas. Freire ensina que a “educação da resposta”, não colabora com a curiosidade e muito menos com o processo de aprendizagem.

A educação da resposta não ajuda em nada a curiosidade indispensável ao processo cognoscitivo. Ao contrário, a educação da resposta enfatiza a memorização mecânica dos conteúdos sobre os quais se fala. Só uma educação da pergunta aguça, a curiosidade a estimula e a reforça. É preciso, porém, deixar claro que o erro da educação da resposta não está na resposta mas na ruptura entre ela e a pergunta. O erro está em que a resposta é discursada independentemente da pergunta que a provocaria. Da mesma forma a educação da pergunta estaria errada se a resposta não se soubesse parte da pergunta. Perguntar e responder são caminhos constitutivos da curiosidade. (FREIRE, 2015, p. 20). (grifo do autor).

Educar, em uma “escola mangueira”, é aprender fertilizar as raízes, nutrir a terra para que as novas sementes encontrem as condições de germinar com força e desenvolver experiências de produção do conhecimento através do diálogo, da construção de um mundo de partilha, justiça, igualdade, equidade, liberdade, felicidade e solidariedade. Uma árvore da vida, um mundo onde os pássaros multicores retornem e, num trabalho solidário, auxiliem a lançar mais sementes ao chão; que cresçam fortes, vigorosas, “curiosas” por explorar o que o mundo lhe oferece e que sempre aprendam, colorindo-se de sonhos, enchendo-se de liberdades e semeando esperança.

Sinto enorme alegria em poder lhe escrever, quando penso sobre o currículo da “escola mangueira”. Pensar em escola e não pensar na experiência humana, na bagagem cultural dos/as alunos/as, é ausência da continuidade necessária para um diálogo de novos saberes. Para Freire (2015, p. 23), o “[...] que ocorre é a superação de uma fase histórica por outra que não elimina a *continuidade* da história na mudança. Impossível é transformar o mundo que, para ser, tem de estar sendo”. Nesta ótica, o currículo de uma “escola mangueira” requer diálogo, conhecimento, flexibilidade e, principalmente, qualidade humana nas relações que educam e fazem o outro/a outra, caminhar na direção do seu “ser mais” humano. O currículo tem como um de seus papéis principais orientar a aprendizagem para que seja, realmente, significativa.

Pensando assim pode-se desenvolver propor uma dialética entre Freire e Young, no que tange ao currículo de uma “escola mangueira”: privilegiar o diálogo entre o conhecimento poderoso e todo o seu contexto, de maneira que proporcione empoderamento e representatividade dos/das alunos/as. Nesta mesma linha de raciocínio, Zanardi (2013, p. 2), reforça que

[...] a revisão de alguns conceitos e teorias sobre o currículo é indispensável para que seja possível estabelecer uma relação indissociável entre o conhecimento escolar e o contexto no qual ele se desenvolve e se realiza como forma de viabilizar a necessária criatividade para a transformação da sociedade.

Então, parece ser fundamental pensar no currículo como construção social e histórica em busca de novos saberes que frisem o diálogo como ação-reflexão e como resultado da ação do conhecimento. Como salienta Young (2011, p. 612), “[...] o currículo reformado enfatiza sua flexibilidade e sua relevância para a experiência que os/as estudantes levam para a escola”, e da demanda que o currículo seja “[...] visto como instrumento para motivar os estudantes a aprenderem”.

A partir do pressuposto de construção de um currículo dialógico encaminha-se o ato educativo pelo conhecimento do cotidiano trazido pelo/a educando/a, pela curiosidade em aprender algo novo, nos novos horizontes vislumbrados por uma “escola mangueira”. As leituras de mundo e da palavra,

realizadas à frondosa e perfumada sombra, no aprender a aprender e, principalmente, no seguir aprendendo, dão sinais de que o proclamado por Freire pode tornar-se realidade, pois ele mesmo (2015, p. 23), ensina que se a

[...] comunicação e a intercomunicação são processos que se verificam na *vida* sobre o *suporte*, na experiência *existencial* que se dá no mundo, ganham uma conotação demasiado especial. Aqui, a comunicação e a intercomunicação envolvem a compreensão do mundo. A vida sobre o *suporte* não implica a linguagem e, por isso, a postura ereta do corpo de que resultou a liberação das mãos. O *suporte* vai virando *mundo* e a *vida existêcia* à medida em que cresce a solidariedade entre mente e mãos; na medida em que o corpo humano vai virando do *corpo consciente*, captador, apreendedor, transformador do mundo e não puro espaço vazio a ser enchido por conteúdos do mundo.

Pensar em currículo na rede da “escola mangueira” é rememorar e viver os verbos no infinitivo: atuar, refletir, avaliar, dialogar, investigar, esperar e transformar. Estes transmitem a ideia de movimento, vida, dão sentido à existência de escolas e currículos que pensam o humano como ser social, com histórias e com infinitas possibilidades, como desejava Freire (2015, p. 24). “A *vida* vai virando *existência* e o *suporte mundo* quando a consciência do mundo que implica a consciência de mim, emergindo, já se acha em relação dialética com o mundo.” (grifo do autor).

Em “A sombra desta Mangueira”, Freire (2015, p. 24) ensina que “Toda operação do mundo envolve uma certa compreensão dele, um certo saber do processo de operar, uma verificação dos achados que a intervenção produziu e, antes de tudo, os fins que ela se propõe”. É sob este olhar que interpretamos o mundo pandêmico. A pandemia da Covid-19, além de trazer transtornos pessoais, psicológicos e globais, também fez com que as escolas fechassem seus portões, esvaziassem os corredores. Silenciou os intervalos e o refeitório, as salas de aulas foram fechadas e o vai e vem dos/as alunos/as não acontece mais no ambiente escolar. Momentos de medo, inseguranças, mas também de esperanças. Como ser uma “escola mangueira” se não há alunos/as à sua sombra?

As tecnologias digitais passaram a ser a ferramenta de acesso ao diálogo e à produção do saber e da disseminação das sementes da “escola mangueira”.

Elas dão suporte ao aprender a aprender tanto dos/as professores/as, quanto dos/as alunos/as. As tecnologias existiam antes da pandemia, estavam o tempo todo a serviço dos/as professores, porém muitos não se desafiavam a fazer uso delas na sua prática docente. O quadro instalado fez muitas pessoas se reinventarem, e os/as professores/as no “olho do furacão” reaprenderem a dar aulas, com receio, alguns/algumas com mais facilidades, outros/as com certa dificuldade, mas não tiveram escolha. Escolha que muitos, estudantes e Professores/as não tiveram por que, diante de as condição econômico-geográfica, sucumbiram, “afundaram”, pois não tiveram os meios para “navegar”, conectar-se à rede que se criou por onde circularam os saberes. Mas partindo do pressuposto que a intervenção no mundo se dá através da busca, da curiosidade, de um certo saber do processo e, como intervir produz conhecimento, os/as professores/as, novamente, assumem a tarefa de ajustar os currículos para a acolhida de mais sujeitos às sombras da mangueira. Freire (2015, p. 24) antecipava cenários como este, ao dizer que a

[...] criação de novas técnicas de intervenção no mundo se intensifica na medida em que se acelera o ritmo das mudanças conquistadas pelas técnicas cada vez mais adequadas aos desafios. A rigorosidade dos métodos científicos de aproximação aos objetos de conhecimento provoca uma maior exatidão dos achados.

A sombra da “escola mangueira” não deve perder a sua essência dialógica, o saber e o sabor de aprender, a ação-reflexão, a possibilidade de intervir no mundo, a força da esperança. Acompanhar os ciclos da vida, crescer, expandir-se, florescer, render frutos é da essência da “escola mangueira” que pode contribuir, nesse momento de caos que o planeta vive, para mudar práticas, currículos, efetivar a dialogicidade. Esperançar é profissão de fé no ser humano, naquilo que ele cria para melhorar a vida no seu entorno, como as tecnologias digitais, que se apresentam como mecanismos para acolher a todos e todas sem deixar que abram mão da curiosidade, da criticidade, da amorosidade e, aprendam que a abertura ao novo e ao diálogo são práticas que definem a identidade das “escolas mangueiras”.

Convido-o para continuarmos à sombra da mangueira, refletindo e estabelecendo um diálogo “gostoso”, como fazia questão de dizer Freire (2015),

sobre nossa práxis docente e nosso fazer pedagógico. Essa dimensão que “[...] se alicerça na finitude de que nos tornamos conscientes. Para que a finitude, que implica *processo*, reclame *educação*, é preciso que o ser nela envolvido se torne dela consciente. É a consciência do inacabamento que torna o ser educável.” (FREIRE,2015). (grifo do autor).

Reconhecer-se professor/a de uma “escola mangueira” é descobrir-se capaz de ensinar segundo os princípios e valores freireanos, de reconhecer a presença humana no outro e fazê-lo com rigorosidade, sem perder a ternura. É ter a humildade pedagógica para entender que nunca estamos prontos e que sempre há espaço para aprender como ensinar. É viver e conviver na “escola mangueira” não esperando pela primavera, unicamente, como dádiva da natureza e capricho dos deuses, mas saber entender que cada estações possui sua beleza, que dentro delas há um trabalho a se fazer para que as sementes sejam plantadas, regadas, cuidadas e os frutos resultem da natureza, mas também do esforço humano que transforma o mundo.

Esperançando a “escola mangueira”,
Cerro Grande (RS), junho de 2021.

Referências

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. [recurso eletrônico] / Paulo Freire; Ana Maria de Araújo Freire. – 11. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. Recurso digital (1921-1997).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. GUIMARÃES, Sergio. **Educar com a mídia, novos diálogos sobre educação**. [recurso eletrônico] - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. Recurso digital.

FERNANDES, Marcia. **A simbologia das árvores e plantas**. Publicado em: 9 de Fevereiro de 2011. Disponível em: <https://www.marciafernandes.com.br>

com.br/site/a-simbologia-das-arvores-e-plantas/ Acesso em: 20 de Maio de 2021.

YOUNG, Michael F. D. **Para que servem as escolas?** Educ. Soc., vol. 28, n. 101. Campinas: set./dez. 2007. Disponível em: www.cedes.unicamp.br. Acesso em: maio de 2021.

ZANARDI, Teodoro Adriano. **Conhecimento Poderoso e Conhecimento Contextualizado**: o currículo entre Young e Freire – Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Minas. 36^a Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO

Ao professor do futuro

Fernanda Abrantes de Almeida¹

Caro professor do futuro, Aqui escrevo essa carta para mostrar a você, professor do futuro. Quais são os desafios que no século XXI nos professores enfrentamos, para quem sabe no próximo século isso tenha sido superado. Elenco agora algumas reflexões desses desafios diante a minha experiência como docente vivenciada nas aulas remotas. Que tem me impulsionado á reflexões constantes e necessárias sobre novas formas de ensinar a aprender, e, ao mesmo tempo, de ressignificação do papel da formação docente (inicial e continuada).

No momento atual em que vivemos, a formação profissional do professor, precisa ser concebida não apenas como condição para conhecer sobre ferramentas digitais, seus usos, no processo de ensino e aprendizagem. É preciso ir além dessa questão, considerar sempre implicações envolvidas na aprendizagem e, por sua vez, no ato de ensinar. ²

Assim como Paulo Freire, que se preocupava em propor um ensino que despertasse a curiosidade daqueles alunos de uma “maneira dinâmica e viva³”, nós professores de hoje diante um mundo virtual, permanecemos com essa mesma inquietude de como levar o ensino remoto de uma forma prazerosa de se ensinar para o aluno se permitir a se debruçar de saber e não memorizar

1 Graduada em Licenciatura em Química/ Habilitada em Química pela UEPB. Mestra de Ciências e Educação Matemática pelo PPGECEM-UEPB. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9021137006706578>

2 SOUZA C. F.; PAIXÃO M. S. E.; ROSA M. M. C. S. **Educação e Formação em Tempos de Pandemia**: deslocamentos e experiências em contextos situados, 1º Edição e comunicação Ltda., março de 202

3 FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23 Ed. São Paulo, 1989.

mecanicamente a descrição do objeto daquele ensino e sim aprender sua significação profunda.

Quero lhe dizer, que ainda vivenciamos essa busca infinita de como levar o ensino de forma prazerosa e dinâmica ao aluno assim como no século passado. A busca do conjunto dos saberes atualizados e necessários no âmbito da prática educacional como docente. Hoje, mais do que nunca me vejo com a preocupação de aprender muito mais do que me foi adquirido durante toda minha formação acadêmica enquanto professor.

Atualmente, estamos vivenciando um momento crítico no mundo inteiro. Um vírus mudou a vida de todo o mundo. Com isso, dentre esse momento em que estamos vivenciando veio o desafio dos professores em desenvolver habilidades de criação e inovação, em um contexto em que ensinar e aprender vêm demandando aos educadores uma mudança de postura, de valores, sobretudo, de ressignificação dos modos de ensinar e aprender.

Professores e alunos se reinventando a cada dia que se passa. Quase dois anos de mudanças no mundo educacional. Professores enfrentando uma mudança radical em um mundo virtual cheio de caminhos nunca antes tão explorados. Fomos obrigados a deixar a experiência acadêmica no campus para uma experiência atrás das telas chamadas por nós dessa geração de “recursos tecnológicos”.

Uma experiência global de educação online faz-me então questionar: Em como levar para a academia remota os valores que aprendi durante minha graduação em química nos quatro anos de experiência acadêmica? Diante minha experiência no campus, o que preciso adapta-la para a cultura digital? Como os alunos poderiam ser produtivos nesse meio remoto? Essas perguntas são poucas quando comparada aos dias que me deparo no ambiente virtual. Mas nada comparado com o desafio prazeroso em se reinventar e buscar o novo.

Um ensino remoto que traz uma diversificação de plataformas digitais acessíveis. Muitas vezes de baixo custo, não sendo tão exploradas no ensino. Mas, que veio como algo duvidoso e que, neste momento, está fazendo uma diferença gratificante para a formação continuada.

Preciso lhe dizer, que sinto falta da interação professor e aluno dentro de uma sala de aula ou até mesmo fora da sala de aula, podendo chamar essa interação de experiência complementar acadêmica. Mas, posso te dizer

também que, este momento pandêmico veio-me, contudo, o desejo e a grande necessidade de transformação para meu ser como professor.

Pois, o ensino passou por uma mudança importantíssima, diante uma inovação didática e gamificada, tanto para a integração de exercícios didáticos como aos processos avaliativos. Onde, o que antes eram todos feitos no papel, hoje, podemos utilizar plataformas de mensagens, questionários online e até mesmo chamadas de vídeo com o uso do Meet. ⁴

A expansão digital no meu ver, meio que foi jogada para uma transformação curricular dos professores, onde a gestão não procurou de fato o problema que nós professores estávamos prestes a enfrentar, não teve um tempo para pensar.

Nós professores fomos jogados ao mundo digital através de um sistema de prêmios e punições, sem um apoio da gestão. Onde a mesma, só visa boas notas dos alunos e não a solução para o problema. E com isso veio a dificuldade em como incluir o aluno nessas plataformas digitais. Um desafio atrás do outro. Precisou-se criar estratégias de acesso ao que seria ensinado com as ferramentas disponíveis para o ensino como o Google Meet, Classroom, Google Forms, Phet e entre outros.

O currículo foi avaliado, e a preocupação era que os alunos não fossem afetados pela exclusão digital, diante o novo modelo de reforma dos objetivos instrucionais, método, os materiais e a avaliação. Pensando em como poderia incluir o aluno nessa nova reforma curricular de formação continuada. Vendo como uma possibilidade de não existir limitação diante esse novo mundo virtual.

Faço-me a comparação de que essa experiência de ensino a distância emergencial, poderia ter sido um dilúvio. Mas, só abriu novos interesses de repensar as formas de ensinar e reconhecer o que foi aprendido com uma nova visão expandida para o lúdico. Possibilitando a oportunidade de pegar esse momento e transformar em algo bom para nossos alunos em forma de superação as novas formas de educação mais inclusivas e com novos mecanismos de socialização de conhecimento.

4 PARDO H. K; COBO C. **Expandir la universidad más allá de la enseñanza remota de emergencia:** Ideas hacia un modelo híbrido post-pandemia, Outliers School. Barcelona.2020.

São diversos os benefícios que as TICS podem fornecer aos professores em sua prática pedagógica. Nesse viés, elas atuam nas práticas pedagógicas de forma beneficiadora diante o acesso à informação, valorizando processos de ensino-aprendizagem.

Faço-me então um questionamento se com o uso das metodologias ativas hoje, devido a pandemia, será professor do futuro que isso não veio pra ficar? Acredito que você irá ler o meu texto daqui a 100 anos, e irá me comparar com o futuro. E como será o seu futuro? Será que as tecnologias ativas e metodologias da informação veio como advento? E como estará daqui a 100 anos?

Início então minha docência nesse advento por mais que pareça ser desafiadora, ao mesmo tempo é espetacular. Nesse desafio, eu, assim como todos os professores necessitaram se reinventar por conta própria, mesmo com o pouco que o sistema político educacional nos proporciona. Com os baixos salários e a escassez de computadores por eles, sem nenhum incentivo tecnológico para nós que também somos aprendizes dos saberes. Digo-me sempre que ao mesmo tempo que ensino aos meus alunos também estou aprendendo.

Assim como Tardif⁴ fala que, os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validadas⁵. Pego-me refletindo se também estou aprendendo esses recursos com eles. Onde, o que era um problema virou completamente uma prática positiva no processo de construção do conhecimento tanto para o aluno como para o professor.

E mesmo com todo o momento crítico em que vivemos, vejo as tecnologias como uma luz no fim do túnel, devolvendo o prazer como elemento vital para aprender. E hoje sei, que elas podem sim trazer o conhecimento completo interativo para minha sala de aula. Despertando o melhor dos alunos que é a curiosidade e criticidade com ideais inovadoras.

A dificuldade está em todo os lugares da sala online, alunos que ainda não tinha conhecimento dessas tecnologias e outros que manuseiam facilmente. A aula em casa se tornou frequente atrás das telas. Os pais também

5 TARDIF M. **Saberes docentes e formação Profissional**.13^o Edição, Petrópolis-RJ, 2012.

se tornaram alunos ao mesmo tempo. Participam com mais frequência da aprendizagem do aluno.

A adoção e entrega do uso dessas novas tecnologias mobilizou todos nós da educação como também aguçou o desejo e a necessidade de trazer para a sala de aula uma gamificação que nos permitia explorar sua identidade, interação, produção, boa ordenação dos problemas, exploração dos pensamentos sistemáticos, revisão dos objetivos, ferramentas inteligentes entre outras.

Posso chamar de um processor com muitas dificuldades no caminho que em alguns momento essas tecnologias nos pregam peças inesperadas. Muitas vezes nos coloca em situações imprevisíveis, como por exemplo em uma e apresentação online em grupo de alunos, a internet de um membro cai. Havendo então o improvisado ou a ampliação do tempo que aquele aluno teria para apresentação de sua parte, que o mesmo se programou para apresentar.

A aula remota permite que, um grande número de alunos possam se interligar-se em um mesmo processo de construção de conhecimento, favorecendo a participação ativa dos mesmos. Sim, confesso que fico as vezes com receio dessas tecnologias, por surgir, em algumas vezes nas aulas, implicações quando a internet cai ou as imagens não abrem devido a internet lenta. Mas, ao mesmo tempo, elas tornam minhas aulas bastante interativas.

O uso de aplicativos nas salas online é sim um grande desafio. Mas é nítido que despertam nos estudantes, o entusiasmo pela atividade quando o mesmo se associa a um conteúdo específico. Permito-me buscar o novo nessas aulas, para que esses alunos consigam assimilar do que está sendo aprendido. Exercendo um importante e desafiadora função de instigar o aluno na construção do conhecimento com essa ideia que o ensino online me proporcionou.

E digo a você meu caro professor, que o uso das TICS a cada dia vem crescendo e se solidificando. Se permanecendo ainda mais presente na vida de cada aluno. Mas, também vejo que a cada dia precisamos melhorar muito quanto a essas tecnologias diante o sistema escolar como um todo.

As escolas de uma forma geral, ainda não estão totalmente capacitadas para assumir um ensino híbrido utilizando esses recursos. É preciso ainda uma política pedagógica para entender todas essas demandas. Será, meu caro professor do futuro, como estará nossas políticas educacionais diante a novas tecnologias para um ensino híbrido?

Será se as mesmas iram se tornar aliadas ao ensino aprendido de forma mais completa e se vão ser inseridas e ajustadas de acordo com o que vai ser aprendido ou atualizado gerando um crescimento de qualidade e de grande valia para a sociedade? Espero que sim. Espero que o ensino hibrido permaneça nas escolas presenciais quando esse tempo pandêmico passar e que a educação amplie essas experiências de forma positiva com um ensino expandido seja: físico e também digital.

Atenciosamente,

Sousa (PB), 30 de junho de 2021.

A educação em tempos de incertezas

Francisco Ari de Andrade¹

Giselle Priscila Brandão Vieira²

Karytia Nayara Gonçalves da Silveira³

Estimado educador Paulo Freire, saudações eternas! Quantas alegrias nos traz o contato perene com os textos, que o senhor produziu para os educadores e as educadoras do nosso país, ao longo da sua jornada acadêmica. Esses textos podem ser apreendidos como um bálsamo para aqueles que procuram alento diante de problemas educacionais, que afetam o nosso cotidiano. Visto que sentimos satisfação ao ler suas cartas, pois o sussurrar das suas palavras escritas chega a nós como um amparo, a tornar leve nosso entendimento sobre a vida. Nessa comemoração de aniversário do seu centenário de nascimento, suas ideias são o oxigênio que nutre o fluxo sanguíneo, que irriga nossos corações de esperança.

Esse cenário perceptível tem sua origem na grande satisfação que tivemos ao tomarmos contato com duas cartas suas, publicadas em seu livro

1 Professor Associado do Departamento de Fundamentos da Educação, da Faculdade de Educação (FACED) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Ceará (UFC). Líder do Grupo de Pesquisa em História da Educação do Ceará - GEPHEC.

2 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista do Programa de Acolhimento e Incentivo à Permanência – PAIP, da Pró-reitoria de Graduação – PROGRAD -UFC. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação do Ceará - GEPHEC

3 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência – PID, da Pró-reitoria de Graduação – PROGRA -UFC. Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica – PIBIC, pela UFC-FUNCAP, de agosto de 2020 a maio de 2021. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação do Ceará - GEPHEC

Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. Por meio delas, aprendemos uma lição de orientação da prática docente. Compreendemos o valor de se viver, porque a educação, como o senhor deixa transparecer, não se dissocia da vida. E, assim, alcançamos a compreensão de que ao nos dispormos a ensinar pessoas, colaborando com a busca da sua identidade humanitária, celebramos os valores éticos necessários às pilastras de uma sociedade justa e igualitária. Todo o seu esforço, nosso nobre professor Paulo Freire, deixou-nos o legado de sua pedagogia libertadora, alimentada pela fé na transformação do ser humano, a qual se substanciou na ideia de seu pensador, que movido pela causa motriz do trabalho docente, dignificado pela decência, foi capaz de mudar o rumo da história daqueles sujeitos escolares, que, porventura, acharam-se presos a amarras determinantes, impostas pelas estruturas do poder dominante.

Por via da leitura dessas duas cartas, não há como não se indignar, na atualidade, com os fatores que ainda têm impedido às pessoas de terem acesso à escola. Entretanto, tal indignação vem a se transformar em esperança, uma vez que suas palavras nos encorajam a ser educadores(as), com a perspectiva de fazer a diferença por meio da práxis social, mobilizando pessoas a se assumirem como sujeitos de seus destinos.

Enquanto educadoras e educadores, somos muito agradecidos (as) ao senhor por ter sido tão sábio e tão corajoso, um autêntico, “cabra da peste” nordestino, na condução e disseminação das suas ideias, que alteraram a maneira de se ver a educação nesse país e no mundo. Sem temer as intempestivas investidas de um regime político de exclusão brasileiro, nos pesados anos de chumbo do final da década de 1960, o qual impedia a circulação de ideias e o exercício democrático pleno, o senhor se lançou às terras estranhas, num degredo forçado, um triste emigrante em uma “triste partida”, indo lançar âncora de seu barco em mares estranhos, mas convicto de seus ideais para a abertura de novos portos, onde pudesse desembarcar a pedagogia da libertação latino-americana, disposta a ultrapassar fronteiras, gerações e tempos.

Nobre educador, nosso país caminhou muito em direção à democratização do ensino. A escola pública chegou a sujeitos sociais antes excluídos do direito à educação formal. Lamentavelmente, apesar do avanço ainda convivemos com negacionismos científicos e fundamentalismos políticos que interferem

nos passos da sociedade. Por mais que nós educadores nos esforcemos, por meio das nossas práticas, em levar nossos educandos a um entendimento crítico da nossa realidade, ainda somos surpreendidos por discursos e práticas políticas conservadoras, que tendem a sombrear a verdade frente ao obscurantismo dogmático.

A década de 20, do século XXI, começa trazendo pavor à comunidade mundial, com a eclosão da pandemia da Covid-19, disseminada em todo o planeta, sem poupar países e classes sociais. A grande quantidade de vítimas tem deixado nossos dias mais tristes. Uma corrida árdua da comunidade científica tem sido notória na busca da vacina para salvação da humanidade. Então, diante desse quadro de incertezas, se manifestam discursos conservadores e negacionistas do saber científico, deixando alguns segmentos sociais atordoados diante da necessidade de cumprir protocolos sanitários para evitar o contágio coletivo. É nesse momento que nós educadores e educadoras temos nos munido de toda a boa intenção possível para transformar nossas salas de aulas virtuais, em um ambiente de esclarecimento e de reforço à necessidade de se prestar atenção às orientações da comunidade científica, levando os nossos educandos a entender que o pensamento crítico começa no instante em que procuramos romper com as concepções de mundo, arraigadas na falta de bom senso.

Enquanto educadoras e educadores, sem a possibilidade de estarmos em sala de aula presencialmente com nossos (as) alunos (as), em atendimento ao protocolo de saúde que sugere a execução das atividades didático-pedagógicas de maneira remota, temos sido testemunhas oculares de momentos de tensão e de pavor em nossos dias tão difíceis. A humanidade, submetida a tal catástrofe epidemiológica, tem pagado um preço muito alto, em particular no nosso país. Nosso coração fica agitado e temeroso! Acreditamos, alentados (as) pelas suas palavras de esperança, cientes de que elas foram lançadas numa época em que o senhor vivera uma situação adversa, o sofrimento do exílio, porém, com a expectativa de que logo tudo isso iria passar, e a vida tenderia a voltar para o seu eixo normal.

No contexto atual, vivemos a chamada “era digital”, na qual as aulas remotas substituíram as salas de aula físicas. Cada aluno e aluna dentro de seu ambiente doméstico, frente a uma tela de um aparelho digital, com suas

câmeras e microfones, por muitas vezes, desligadas, assistindo aulas remotas, vivendo suas próprias realidades e desafios. Assim, meu caro educador, estamos ousando na nossa tarefa docente. Ao lermos suas duas primeiras cartas, em seu livro Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar, deparamo-nos com conselhos que parecem ser um oásis em meio a todo esse deserto inseguro que atravessamos, sem perder a ternura em nossa prática docente.

Em sua primeira carta, o senhor nos chama atenção que “não existe ensinar sem aprender”. O(a) docente deve sempre verificar o seu ensinar com humildade, quando se percebe aberto a repensar o pensado e rever suas posições, reaprendendo, também, quando ensina. O ato de ensinar deve ser encorajado ao docente a envolver seus alunos(as) com a curiosidade, entendendo os diferentes caminhos que devem ser percorridos no processo ensino e aprendizagem. Ainda nos alerta sobre o uso da “memorização maquinal” e da importância de lembrar, pois antes de lermos as palavras, trazemos mentalizada nossa “leitura de mundo”. Entendendo assim, que professores(as) críticos, são capazes de entrar na sala de aula, com conhecimento e a prática reflexivos, para direcionar os alunos a serem leitores críticos, e a ousarem pensar além dos moldes impostos pelos modelos pedagógicos conservadores.

Suas palavras nunca fizeram tanto sentido como nos dias de hoje. Os(as) professores(as) estão engajados com o compromisso de repensar não somente as suas práticas de ensino, como também, de reavaliar o que ensinam, buscando novas estratégias metodológicas e adequando a suas práticas pedagógicas, no intuito de estimular às leituras de mundo, por meio do despertar das curiosidades dos discentes.

Nesse período pandêmico, percebemos a necessidade de condução do debate, na sala de aula virtual, sobre os impactos da pandemia na escola, relacionados à saúde física, à saúde mental, e aos danos sociais sofridos por docentes e discentes. Muitos educadores e educadoras, mesmo sem dominarem as novas tecnologias, doaram-se tanto e se deixaram aprender mais sobre essas ferramentas do ensino e aprendizagem, e, com isso, garantiram o direito à Educação dos seus alunos. Os educadores e as educadoras do nosso país, nesse momento tão difícil, salvam a escola brasileira de um colapso geral.

Em sua segunda carta, aquela que diz sobre não deixar o medo do difícil nos paralisar, tornou-se a mais importante fala para nós. Nela, está enfatizada

a importância de não nos envergonharmos quando não entendemos o que lemos, para que tomemos a iniciativa de enfrentar o medo de perder nossa cientificidade, sabendo que a leitura é uma transação entre o sujeito-leitor e o texto. Sua carta nos orienta, ainda, que a leitura é também uma “experiência dialógica” entre os leitores, e que, através de uma compreensão grupal, emerge de diferentes pontos de vista que, por meio de trocas, enriquecem uns aos outros na produção da inteligência. Tal missiva nos orienta a enfrentar a dificuldade e o medo de aprender, de usar nossas habilidades individuais de maneira inteligente, e, junto à habilidade de nosso orientador, guia-nos a pensar sem medo, sem preconceitos e entender os textos.

Lemos essas cartas em um período difícil das nossas vidas. Escrevemos essas palavras expondo os sentimentos que nos foram despertados por meio de suas leituras. Pensamentos que tocam o âmago do nosso ser. Temos consciência de que é preciso enfrentar nossos medos, e pensar nisso nos deixa apavorados. Sabemos que alguns medos só serão superados com o enfrentamento, mas, caro Paulo Freire, isso é tão difícil! No entanto, ouvir histórias de superação aquece nossos corações, dando ânimo para continuarmos nossa jornada docente, no momento em que precisamos enfrentar a situação com fé e coragem.

Sucintamente, a esperança toma conta do nosso ser, quando nos deparamos com seus ensinamentos sendo postos em prática por nós, em nossas salas de aula. E, ainda, nesse período de insegurança, temos também refletido sobre nossos medos, com a certeza de que para conseguir superá-los, somente enfrentando-os. Por meio de seus ensinamentos temos aprendido que é mais importante dar pequenos passos todos os dias do que correr o dia todo. Ter constância da nossa caminhada é entender que não precisamos correr sem destino. Pois conforme o ensinado, aprendemos que a constância é fazer um pouco todos os dias, e não tentar fazer tudo em um dia só. Nunca manter a agenda para evitar o tédio, em meio a esse caos que estamos vivendo. Mas, que nossas atitudes possam permitir nossa caminhada acadêmica com leveza, movidos (as) pela solidariedade.

Obrigada, querido educador, pelas suas cartas. Agradecemos por sua explicação que nos fez compreender que ter um corpo e uma alma conscientes é continuar a jornada. Suas palavras têm-nos lembrado sempre que ser

professora e professor, apesar das dores do mundo, é um processo de transformação de pessoas para o bem, embora lento e árduo. Ensinar e estudar é uma atividade complexa. Exige disciplina e compromisso com o outro. Como o senhor sempre nos fez acreditar, a recompensa do nosso trabalho melhora o estar no mundo. A satisfação e a alegria com o resultado da nossa práxis pedagógica nos fazem enxergar além da fronteira sombria, que separa o antes e o depois.

Até sempre, com aquele sentimento no peito chamado saudade.

Fortaleza (CE), 24 de junho de 2021

Referência

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

Educação infantil em tempos de pandemia

Poliana Bruno Zuin¹

Estimado Professor Paulo Freire, Escrevo ao senhor buscando conversar sobre esses tempos tão difíceis, cuja Pandemia da Covid-19 mudou a rotina de todos nós, inclusive de nossas crianças. Desde o dia 15 de março de 2020 as crianças não puderam frequentar a escola presencialmente, deixaram de interagir com os colegas, sofriam a ausência de sua rotina com os amigos, professores e com o espaço escolar. Por outro lado, ganharam tempo com os seus familiares, puderam curtir melhor a sua casa, os seus brinquedos, os seus livros, os seus animais de estimação e também a convivência com os seus pais e irmãos.

Sob o ponto de vista de uma professora, senti a ausência dos olhos curiosos, dos sorrisos, das brincadeiras no parque, da atenção às histórias lidas, o abraço na entrada e na despedida de cada dia. Como professora comprometida com a educação e a formação das crianças pequenas em busca do “ser mais” acredito ser essencial a parceria da família nesta etapa tão importante que consiste a Educação Infantil. Descobri essa importância quando iniciei o meu trabalho docente nesta etapa do ensino, não sabia muito como

1 Doutora e Mestre em Educação - PPGE - pela Universidade Federal de São Carlos, área de concentração em Metodologia de Ensino na linha de Processos de Ensino e Aprendizagem. Possui graduação em Pedagogia também por essa instituição - UFSCar. Coordena o Grupo de Pesquisa e Estudos: Práticas de Letramentos e Ensino e Aprendizado da Língua Materna. É docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar - PPGL e da Unidade de Atendimento à Criança da UFSCar, no regime EBTT de dedicação exclusiva. Contato: polianazuin@gmail.com

estreitar os laços devido à falta de experiência e timidez de minha personalidade. Ainda na minha formação inicial sabia da importância da mediação do outro na formação do sujeito já que estudava profundamente a teoria histórico-cultural e, querido Professor Paulo Freire as suas obras, bem como as de Mikhail Bakhtin.

Fui tecendo um diálogo com as palavras de vocês, criando uma intertextualidade nos discursos das suas palavras que me eram alheias, mas que foram pouco a pouco tornando palavras minhas. Descobri a necessária humildade para que se tenha diálogo, descobri a importância de se colocar no lugar do outro e do necessário distanciamento para conseguir compreender melhor os fatos, descobri a importância do estudo e da curiosidade, dos diálogos problematizadores e do quanto é necessário tentarmos ler o mundo junto e com as crianças para que o processo de ensino e aprendizado seja significativo para elas. Também reforço a importância de se ensinar na primeira infância por meio da observação e investigação.

Diante deste contexto, a educação infantil historicamente foi assistencialista e muitas instituições de ensino se preocupam com o cuidado, porém a educação infantil compreendida como a primeira etapa da Educação Básica deve unir o ensino aos cuidados, conforme a legislação brasileira. Vale ressaltar que as concepções teóricas de Educação Infantil, sempre estão pendendo a «curvatura da vara»² para lados extremos. É senso comum entre professores que a atividade principal³ da criança são os jogos e brincadeiras, porém deixá-los brincando, experienciando, como muitas vezes verbalizam no discurso escolar, faz com que se perca o caráter educacional das escolas, ou seja, a intencionalidade da ação docente e o ensino de conteúdos.

Não sei por que professor Paulo (muita intimidade minha chamá-lo assim?) é proibido falarmos em ensino de conteúdos na Educação Infantil... Quando ensinamos sobre cuidados com o corpo (alimentação, saúde, higiene pessoal, etc), sobre os animais (conteúdo de interesse das crianças), cuidados com as plantas, com o planeta, respeito para com o amiguinho... isso tudo não é conteúdo?

2 Menção à Demerval Saviani in: “Escola e democracia ou a teoria da curvatura da vara”. In, ANDE, Ano 1, n° 1, 1981, pp. 22-33.

3 Teoria desenvolvida por Leontiev (2001) colaborador de Vygotsky. In: Linguagem, Aprendizagem e Desenvolvimento, EPU, 2001.

Volto-me ao Afanasiev (1968, p.8) que argumentava que o método nada mais é do que “os caminhos que levam ao fim proposto, o conjunto de princípios e procedimentos determinados de investigação teórica e de atividade prática”, ou seja, há uma unidade entre conteúdo e forma, ou seja, a unidade entre a teoria e a prática. Compreendendo a escola como unidade de ensino e tendo lido o livro maravilhoso de sua filha Madalena Freire “A Paixão de Conhecer o Mundo”, fica evidente que mesmo nesse tempo de Pandemia mundial, de trabalho remoto, a importância de se trabalhar em parceria com as famílias para que o processo de ensino e aprendizado mediado pelo professor, possa ocorrer.

Foi assim que em meio as transformações e a minha necessidade e a necessidade de famílias e crianças de serem acolhidas é que formulei projetos a serem desenvolvidos em parceria com as famílias para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças em seus lares. Esse acolhimento primordial nesse momento de isolamento permitiu uma horizontalidade nunca antes vista, porque ao mesmo tempo em que as famílias necessitavam ser acolhidas, nós professores e crianças, educadores e educandos, sentimos a necessidade de acolher e sermos acolhidos.

Esse é um momento em que muitas marchas se anunciam como possibilidades de termos um mundo melhor, mais humano e igualitário, mais amoroso como o senhor sempre diz em seus discursos. Essa amorosidade se reafirma no ato responsável e ético do qual nos fala Bakhtin (2017).

Utilizando o seu referencial teórico e metodológico em consonância com as vozes de Bakhtin e Vygotsky, seus interlocutores, uma vez que acreditam que precisamos considerar o contexto o qual estamos inseridos, salientando a importância do outro para formação do sujeito, colocando como fator a história, ao mesmo tempo em que somos determinados pela história, somos capazes de transformá-la. Esse papel de sujeito que o senhor sempre colocou em seus textos permite com que nos inserimos na história, outro conceito trazido por você, quando o senhor faz referência à diferença entre inserção e adaptação. Não somos seres que simplesmente se adaptam à realidade, mas nos inserimos nela, por isso podemos transformá-la.

Colocando esta afirmação como premissa, as marchas que o senhor anunciava como importantes para a transformação se iniciam com o ato educativo

e a conscientização. Li muitas obras do senhor e esse processo de conscientização possui alguns níveis, conforme a filosofia materialista-histórica, por isso tanto Vygotsky quanto Bakhtin fazem menção a esses níveis. Acredito que podemos iniciar um processo de conscientização na criança, por meio de diálogos problematizadores a partir daquilo que está em sua realidade e contexto. Problematizar ações dos personagens dos Contos de Fadas, problematizar a falta de água, o desmatamento, o por que dos animais serem ameaçados de extinção, o por que devemos ter uma alimentação saudável, enfim, tantos conteúdos a serem trabalhados dentro do universo da criança ainda na Educação Infantil.

Um outro pensamento importantíssimo em sua teoria Professor Paulo é sobre a leitura de mundo anteceder a leitura da palavra, mas que a leitura desta possibilita a nós a leitura de muitos mundos. Pensar nas crianças da Educação Infantil me leva a inferir que escutar essa leitura de mundo delas, ensiná-las a ler esse mundo, mesmo antes de aprender a leitura das palavras (muitas vezes essa leitura da palavra ocorre justamente pelo fato da leitura ser embebida de palavras que possuem sentido e significado a elas, pois partem da sua realidade) é fator imprescindível para o processo de conscientização. “Eu me constituo e sou constituído pelo outro” dizia-nos Bakhtin (2001), essa palavra outra vai se tornando palavras próprias, essa mediação do outro, uma leitura de mundo outra, permite que novos horizontes de significação sejam tecidos a duas ou mais consciências. Ensinar é possibilitar novas leituras de mundo e leitura da palavra.

Entendo, pois, que o processo educativo é passagem da desigualdade à igualdade. Portanto, só é possível considerar o processo educativo em seu conjunto como democrático sob a condição de se distinguir a democracia como possibilidade no ponto de partida e a democracia como realidade no ponto de chegada. Conseqüentemente, aqui também vale o aforismo: democracia é uma conquista; não um dado. (SAVIANI, p.237, 2013)

Professor, o senhor que sofreu durante a ditadura, que fora exilado e que sempre buscara a democracia, trouxe em sua obra “A Pedagogia do Oprimido” a necessidade de se conscientizar os oprimidos, uma vez que muitos desses sem essa consciência tornavam-se opressores em outros contextos. Trouxe

esse excerto do colega Professor Saviani, pois ele nos atenta que a democracia é uma conquista e não um dado. Devemos lembrar que precisamos enquanto professores formar essas crianças, contribuir com essa formação dos jovens e também dos adultos para que conquistemos essa tão sonhada democracia.

Diante deste contexto, ainda que sem experiências de ensino usando as tecnologias para as crianças essa se tornou a nossa principal ferramenta de comunicação com as famílias e muitas vezes para com elas. Sugestões de atividades feitas por mim e pelo meu grupo de pesquisadoras e extensionistas possibilitaram delinear projetos que envolvessem as diferentes linguagens das crianças, porque:

Quando eu pinto, eu brinco;

Quando eu desenho, eu brinco;

Quando ouço uma história, eu brinco;

Quando eu aprendo um outro idioma como Libras, Inglês ou Espanhol, eu brinco;

Quando eu faço uma arte com matérias descartáveis, eu brinco;

Quando faço isso junto a àqueles que eu amo e que me amam, eu sinto essa amorosidade que transborda em alegria...

Com essas minhas observações advindas da teoria e prática a criança pode aprender brincando, da mesma forma que as inúmeras aprendizagens possibilitam a ela a criação de novas brincadeiras, uma vez que aprender desenvolve a sua imaginação e atividade criadora. A imaginação e a criatividade vêm justamente de experiências reais, que foram mediadas por outrem.

Querido Professor, fecho esta pequena carta para agradecer aos seus ensinamentos e a sua voz que reverbera em muitos educadores e em mim, na busca constante por esse “ser mais” me despeço,

Com amor e carinho,

São Carlos (SP), 01 de fevereiro de 2021

Referências

AFANASIEV, Viktor Griegorievich. **Fundamentos da Filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Pedro e João Editores, 2017.

SAVIANI, D., **Escola e democracia ou a teoria da curvatura da vara**. In, ANDE, Ano 1, nº 1, 1981, pp. 22-33.

SAVIANI, D. Escola e Democracia: para além da Teoria da Curvatura da Vara” In: **GERMINAL: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 227-239, dez. 2013.

A aflição de educar em tempos de pandemia

*Ana Vitória Imperiano da Silva*¹ | *Anderton Guimarães Cavalcanti Macedo*² | *Iris Borba Cardoso*³ | *Jean Felix Borges*⁴ | *Luana Stéfane Castro Marques*⁵ | *Mayara Campos Pires*⁶ | *Marineta Moreira Cordeiro*⁷ | *Taynnã Valentim Rodrigues*⁸

-
- 1 Graduanda em História Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba(UEPB), integra como bolsista o Programa de Residência Pedagógica, Subprojeto História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, na Cidade de Campina Grande - PB. ana.imperiano@aluno.uepb.edu.br
 - 2 Graduando em História Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), integra como bolsista o Programa de Residência Pedagógica, Subprojeto História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, na Cidade de Campina Grande - PB. anderton.macedo@aluno.uepb.edu.br
 - 3 Graduanda em História Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba(UEPB), integra como voluntária o Programa de Residência Pedagógica, Subprojeto História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, na Cidade de Campina Grande - PB. iris.cardoso@aluno.uepb.edu.br
 - 4 Graduando em História Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), integra como bolsista o Programa de Residência Pedagógica, Subprojeto História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, na Cidade de Campina Grande - PB. Jean.borges@aluno.uepb.edu.br
 - 5 Graduanda em História Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), integra como bolsista o Programa de Residência Pedagógica, Subprojeto História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, na Cidade de Campina Grande. Luana.marques@aluno.uepb.edu.br
 - 6 Graduanda em História Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), integra como voluntária o Programa de Residência Pedagógica, Subprojeto História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, na Cidade de Campina Grande - PB. mayara.pires@aluno.uepb.edu.br
 - 7 Graduanda em História Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), integra como bolsista no Programa de Residência Pedagógica, Subprojeto História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, na cidade de Campina Grande - PB. marineta.cordeiro@aluno.uepb.edu.br
 - 8 Graduada em História Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba

Querido Paulo Freire,

Das linhas que escreveste, nos ensinaste liberdade. Dos pensamentos que provocaste, a coragem foi o que nos preencheu. Esta carta não é só para te dizer o quanto de inspiração tu nos deste; escrevemos, sobretudo, para confessar as angústias, medos e alegrias que temos sentido. Esperamos que possas nos entender, acolher e ouvir, pois precisamos te falar. Sei que quando compartilhamos o que sentimos, nos tornamos mais fortes, pois assim como nos disseste, é na troca de experiências que crescemos.

Nas linhas que aqui te escrevemos, queremos contar o que temos vivido. Sabemos que podemos em ti confiar, visto que foi você que tanto nos ensinou o amor que sentimos pela profissão que escolhemos, e que tão feliz ficamos quando percebemos que essa profissão também havia nos escolhido. Ser professor(a) talvez seja isso, uma dupla escolha entre desejar o ofício e ser desejado por ele.

Ah, Freire! Se nós pudéssemos transformar em palavras a emoção que estamos sentido em poder contar o quanto somos gratos por cada linha que escreveste. Talvez tu não soubesses, mas essas linhas um dia se transformariam na esperança por dias melhores em tempos difíceis. Então, essa é a carta que desejamos te escrever, com um misto de confissões, desabaços, partilha de experiências e gratidão por teres sido quem fostes/és, um educador que falou com sinceridade e emoção daquilo que um dia se tornaria ritmo do nosso fazer, a educação.

E por falar em educação, hoje, mais do que nunca, entendemos quando dissestes que seria ingênuo se pensássemos que a classe dominante se preocuparia em proporcionar uma educação equânime, com fins à autonomia e supressão das desigualdades sociais existentes no Brasil e no mundo. A cada momento que passa, percebemos que a fragilidade do ensino é uma tentativa de nos calar, privando-nos de cumprir com o propósito libertador

– UEPB (2014), Especialista em Educação Étnico-racial pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB (2017), Mestra em História pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB (2019). Professora preceptora do Programa de Residência Pedagógica – Subprojeto História, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, Campina Grande – PB. taynnarodrigues@bol.com.br

e autonomista da educação, visto que é mais rentável, como sempre foi, a criação de peões nessa mesa de xadrez comandada pelos poderosos de hoje.

A angústia, este sentimento que tem nos assombrado, por vezes toma conta do nosso ser, em decorrência das incertezas e sobrecargas que estamos tendo de enfrentar. Hoje, lutamos o tempo todo contra nossas ansiedades, bem como para sermos compreendidos por nossos educandos, com a finalidade de que consigam compreender o que queremos transmitir. Somos constantemente solapados pela necessidade de nos reinventarmos a cada momento como educadores, na busca por conhecer, compreender e interpretar a realidade de cada discente, criando métodos, técnicas e práticas didático-pedagógicas que favoreçam o ensino-aprendizagem, mesmo que muitas vezes nossos objetivos não sejam alcançados o que nos traz doses de angústias, em decorrência das imposições que insistem em nos limitar.

Não estamos conseguindo separar trabalho da vida pessoal, os tempos são outros. Fomos surpreendidos por uma pandemia que ressignificou a espacialidade da vida. As casas – com o isolamento social – que outrora fora ambiente de descanso e confraternização familiar converteram-se em ambientes de trabalho, nos quais passamos a maior parte do tempo nos dedicando exclusivamente à educação.

Ah, Freire! Não sabes o quanto estamos fragilizados e exaustos, tendo que suportar uma grande carga de esgotamento mental, agravada pelo assistir de mãos atadas ao sucateamento da educação. Esta, relegada ao segundo plano, no âmbito político e social, vem sendo deixada para depois, mas para depois do que? Freire, lembro-me que afirmastes que, se a educação não conseguia sozinha mudar a sociedade, sem ela, tampouco a sociedade mudaria.

A docência, atualmente encontra-se em uma situação de precarização e decadência. Marcada pela desvalorização salarial, despolitização do processo formativo e, com a demanda de trabalho sempre crescente, a prática educativa recai no caráter bancário do ato educativo, formando agentes sociais subservientes, acrílicos e destituídos de autonomia e liberdade, como consequência do descaso com o profissional da educação, respingando diretamente no aprendizado do discente.

Ser educador, pode ser lido e compreendido como sinônimo de ser resistência, pois, no atual estado das coisas, suportamos dia após dia um misto

de situações desgastantes, lidando com demandas políticas, de pais, gestores e comunidade escolar em geral, que nos tratam e nos concebem como uma mera ferramenta descartável.

Vivemos e lidamos com uma realidade na qual somos programados para tolerarmos, com um sorriso no rosto, os descasos, ataques e violências, que beiram a barbárie da ignorância, voltadas para quem ousa ensinar. No presente momento, estamos passando por uma imensa desvalorização educacional na sociedade ocidental, pois atingimos uma era onde os docentes não têm importância, nos encontramos em um nível tão irrelevante que a banalização é incomensurável.

Diante tudo isso que até aqui vimos e vivemos, refletimos sobre as circunstâncias futuras em que docente e educação poderão se encontrar, visto que, vislumbramos um abismo sobre os nossos pés que se agrava paulatinamente, que se não fosses tu ensinando a alegria do esperar, já teríamos caído e as quimeras perdido, mas tu fostes e és como asas que nos levam a voar.

Freire! Freire! Ah, Freire! Querido mestre, se te contarmos os desafios que estamos enfrentando na educação brasileira em pleno século XXI, tu irias descreditar que depois de tantos avanços no âmbito científico, o pensamento histórico social mostra-se incoerente àquilo que você propôs: um ensino pautado nas vivências humanas, isto é, valorizando uma prática que partisse das experiências do educando para o contexto escolar. Todavia, essa perspectiva, por vezes assolada, mais uma vez sofre um abalo devido à pandemia do COVID-19, a qual nos revelou uma série de desigualdades sociais, somadas a uma onda conservadora e negacionista, que rejeita a ciência em geral, sobretudo no que concerne às humanidades.

As nossas relações sociais tornaram-se estreitas e distintas, trocamos o encontro presencial pelo encontro em telas, distanciando o contato humano e direto. Diante desse cenário, o ambiente escolar também se modificou e as aulas que antes contavam com o fervor das trocas de sorrisos, olhares e experiências que permitiam o fortalecimento de um vínculo afetivo, hoje se encontram em um mundo virtual, marcado pelo nostálgico, cuja reinvenção e adaptação envolveram os agentes e o *locus educacional*.

O maior desafio, é fazer com que todos os educandos assistam às aulas, ou prestem atenção a elas, pois enquanto uns têm a oportunidade de possuir

aparatos tecnológicos necessários às aulas, como celulares, computadores tablets, etc., outros, pela falta desses elementos essenciais, não têm acesso ao ensino remoto. Diante disso, indagamos: como atender às demandas de todos os educandos, meu caro Freire?

Essa questão, nos têm causado um misto de incertezas, mas, principalmente, reflexões enquanto educadores, levando-nos a pensar que talvez o nosso maior desafio, seja perceber as demandas de todos os educandos de maneira singular, tendo em vista que a sala de aula é um ambiente composto por pessoas totalmente diferentes, com pensamentos e condições sociais diversas. Diante disso, percebemos que defendias uma educação humana cujo intuito era, através dos inúmeros saberes compartilhados, gerar uma série de reflexões e, por conseguinte, ações motivadoras do aprender. Mas, ainda nos perguntamos: como aplicar tais metodologias diante de novo contexto e dessa nova conjuntura marcada pela insegurança, pela desigualdades e incertezas presentes e futuras, tanto para educando, educadores quanto para a educação em geral?

Oh, mestre! Gostaríamos que estivesses entre nós, para nos auxiliar em estratégias e caminhos, a fim de tentarmos contornar essa situação desafiadora em tempos pandêmicos. De qualquer forma, tu ainda inspiras, seja por aquilo que redigistes em tuas obras, seja nos fragmentos de pequenas frases que vislumbram a educação que um dia sonhastes e, que continuamos a sonhá-la de uma forma justa e igualitária para todos e todas.

Querido Freire, além de tudo isso, mesmo vivendo esses momentos difíceis, essas angústias, dificuldades e aflições têm se transformado em alegrias quando enxergamos que nossos esforços, dedicação e várias noites acordados planejando aulas, repensando métodos e práticas, resultam no processo de aprendizagem e evolução da vida dos nossos educandos.

Quando analisamos seus posicionamentos perante o mundo social, a criticidade com que o leem e o interpretam, bem como o reconhecimento de que o conhecimento adquirido/construído foi resultado das aulas ministradas por nós, essas contribuições são uma maneira de incentivo que nos trazem criatividade e forças, para lutarmos, assim como tu, por uma educação de qualidade e libertadora. Dessa forma, o nosso coração palpita de felicidade, depositando esperanças e acreditando que dias melhores virão.

A alegria que mencionamos é aquela que tanto dissestes que precisaríamos dispor ao ato de ensinar, visto que a afetividade e a seriedade do ensino precisam conviver emparelhadas. Com essa alegria, seguimos caminhando e buscando aperfeiçoar, constantemente, a nossa tarefa, oferecendo diversas possibilidades aos educandos para a construção de uma educação livre e consciente. Tarefa essa que é marcada por altos e baixos, sendo necessário construir uma maturidade para enfrentarmos diariamente as problemáticas que surgem, com sorrisos nos rostos, como bálsamo para as angústias e augúrios do espírito. Além disso, Freire, queríamos dizer-te que as experiências e o contato com os educandos contribuem para esse regozijo, sentido apenas por quem ousa ensinar.

Recordamo-nos da época em que nos direcionávamos para a sala de aula, muitos estampavam seus sorrisos perguntando como foi o nosso fim de semana, se o passamos bem, qual conteúdo seria ministrado naquele dia, etc., oferecendo, muitas das vezes, abraços afetuosos e aconchego. O que ficou dessa época, no contexto das aulas remotas, foram as saudades que sentimos de vivenciarmos a presencialidade desses momentos. Contudo, ao mesmo tempo, o que nos motiva é a esperança que, em um futuro próximo, todos nós possamos nos abraçar novamente e vivenciar novas experiências de afeto e aconchego no chão da escola.

Por fim, queremos dizer-te que admiramos e consideramos o esperar defendido por ti, grande mestre e patrono da educação brasileira, como um dos pontos que mais possui beleza em teu legado. Com a leitura de tuas obras, aprendemos que ensinar exige pesquisa, respeito, criticidade e ética, mas, sobretudo, esperança, porque é ela que nos move enquanto educadores que acreditam na possibilidade da mudança, pois “a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica, sem ela não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da história” (FREIRE, 2020, p.71), trata-se de termos consciência de que a experiência humana não ocorre no domínio do determinismo e conformismo, haja vista que o mundo não é, o mundo está sendo, e somos nós que construímos o futuro.

Querido mestre, você encorajou a nós e encoraja tantos outros educadores a não entrar em conformidade com a miséria, injustiça e opressão, alertando

para a nossa responsabilidade em tomar posição coerente e acertada diante das injustiças sociais, alimentando em nós, educadores, o esperançar que nos anima de forma democrática e solidária.

Gratidão por sua existência e por seu legado, que delineia o caminho da esperança e mudança, de um futuro diferente, mais justo e humano.

Saudações! De jovens educadores e educadoras que ousam ensinar...

Campina Grande (PB), Junho de 2021

O pensamento antirracista nas escolas

Samuel Dias Alves¹

Caro colega, Paulo Freire!
Faz pouco menos de um mês que eu terminei a leitura de um de seus livros - *Pedagogia do Oprimido* (1974) - e em paralelo a ela estive fazendo algumas outras leituras cujas ideias eram facilmente relacionáveis com a sua e isso me levantou diversos questionamentos e por isso decidi te escrever para podermos dialogar um pouco mais sobre.

Durante as leituras de seus livros me deparei com uma grande questão que estava me rodeando. Neles, sempre me deparei com a construção do pensamento crítico, a formação cidadã dos educandos e como essas ações podem modificar a nossa realidade, que se mantém em um processo de transição constante. A minha questão é sobre o pensamento antirracista, uma ideia bastante discutida por autoras como Djamila Ribeiro, Lélia Gonzales, Bell Hooks e muito mais. Essa ideia é facilmente permeável a área educacional e uma grande aliada a luta antirracista que estamos vivendo diariamente.

Através do meu contato com seus escritos, não pude deixar de notar, que o pensamento crítico vem da ideia do educando entender a situação em que ele está inserido, como suas ações a interferem e quais seus direitos e deveres na sociedade — a ideia de criticar a realidade que vive e modificá-la da forma

¹ Licenciado em Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Faço parte do grupo de pesquisa Grupo de Articulação, investigação e pesquisa em Educação Matemática - GAIPEM da UESB.

em obtermos a equidade - isso foi observado na leitura de seu livro *Pedagogia do Oprimido*.

Hoje, em nossa sociedade brasileira, os negros sofrem bastante com a opressão do sistema — uma opressão que como discutida por você, nem sempre é entendida pelos oprimidos. Durante muito tempo, esse assunto foi, claramente, reduzido por diversos movimentos meritocráticos, que culpam o povo negro de ser o verdadeiro culpado pela sua miséria. Porém, como você diz, nem sempre as pessoas que detêm o poder entendem a realidade em que estão inseridos, o que limita ainda mais o acesso a essa equidade em função do medo de perderem esse controle.

A falta de discussão desses assuntos me deixa bastante intrigado, já que essa falta nos leva a uma alienação que, por consequência, reduz o povo à massa e o faz seguir tudo que lhe é mandado, pois não vê seus valores como pessoas e sua importância no mundo, um ponto bastante importante que observei em seu livro *Educação como Prática da Liberdade* (1967). Na rua, são tratados como marginais; nos locais de trabalho, são postos a baixos salários — comparados com os homens brancos —; e nas escolas, não são valorizados por sua cultura ou não há representatividade necessária para podermos criar uma imagem positiva a ser visualizada por nossos educandos. É como você traz em seus escritos, a relação de opressão é efetivamente desenvolvida para encarcerar os oprimidos na ideia de que aquela realidade é a única que ele deve se encontrar.

Por isso, eu estive pensando em como podemos inserir o pensamento antirracista em nossas escolas. E a sua ideia de pensamento crítico é exatamente isso, a discussão desses assuntos dentro da sala de aula deve ser incorporada na ideia de criarmos cidadãos que entendam a situação em que vivem e que consigam quebrar esse ciclo que está instaurado na nossa sociedade. Se as pessoas entenderem como os mecanismos atuam no sistema, elas podem criticá-lo e modificá-lo na busca pela equidade.

Mas não é tão fácil assim, a nossa educação ainda é bem jovem e acaba sofrendo bastante com diversos ataques e com um péssimo incentivo. A quantidade de aulas por turma é muito pouca, nossos educadores possuem carga horária exaustiva. A estrutura escolar é, em suma, deplorável: não há equipamentos básicos — quiçá tecnológicos — para uso dos professores. Quando

há, seu uso é regrado para que todos tenham acesso. As aulas, nem se fala..., Hoje, o que é prezado pelo Estado é o conteúdo, por mais que tenhamos bases curriculares que digam o contrário. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) — um dos fatores que regula os investimentos que as escolas vão receber — requer dos alunos um conhecimento conteudista e que deixa os professores numa terrível situação, pois mesmo que queiram exercer uma formação crítica e humanizada, acabam sendo impedidos por esses problemas. Esses fatores fizeram com que nossa educação se tornasse o que tanto você já criticava: uma educação bancária. Os alunos vão para escola e se deparam com uma estrutura conteudista e feita para formar massa, pessoas não críticas, ou seja, uma mão de obra.

Em um dos capítulos da Pedagogia do oprimido, mais especificamente, o segundo “A concepção ‘bancária’ da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica” traz uma discussão sobre a educação “bancária” e tudo que circunda ela, como a sua estrutura opressora e sua forma de enxergar a relação Educador-Educando como algo vertical, que vem do depósito do “detentor do saber” para aqueles que não sabem de nada, além disso o capítulo relaciona essa forma de educar com a relação de opressor-oprimido, em que ela a reforça e doutrina os educandos a tal situação.

Em contraste a esse triste modelo educacional, você nos apresenta a “educação problematizadora”, onde há um reforço no diálogo e na relação horizontal do Educador-Educando. Tendo ela, o papel de libertar o educando e trazer a ele o pensamento crítico. Imagino que este seria o modelo ideal de educação para uma sociedade dita revolucionária, como dito por ti, se estamos desfazendo a relação de opressão não podemos utilizar os mesmos artifícios que eles.

Mesmo com tantos problemas, eu tenho fé nos nossos educadores e vejo neles a esperança para mudarmos o rumo do nosso país. Uma esperança ligada à luta, no sentido de buscarmos a mudança, criarmos projetos e propostas que possam contribuir para levarmos tanto o pensamento crítico quanto o antirracista para dentro das salas de aula. São esses educadores que mesmo com tudo isso, estão sempre na linha de frente e se adaptando a todas as situações, e com o amparo de suas e outras leituras, podemos ter a esperança de mudarmos as engrenagens que regem a nossa sociedade.

Sabe Paulo, hoje já temos muitos avanços com as discussões raciais atrelado a educação, com o advento da internet, há muito mais encontros, grupos, debates e ciclos que tem o interesse de se discutir tais assuntos e isso é incrível. Eu acredito que ainda temos um longo caminho pela frente, ainda nos falta muita visibilidade com tais temáticas, mas acredito que com o desenvolver de nossa educação, iremos alcançar um ambiente democrático.

Por fim, gostaria de dizer que me sinto honrado de conseguir lhe enviar tais indagações, tais pensamentos irão estar juntos comigo durante muito tempo, minhas leituras sempre estarão rodeadas com suas ideias e espero nunca perca o espírito que eu criei junto aos seus livros, a esperança de mudança, o amor ao diálogo e a vontade de formar cidadãos para estarem aptos a enfrentar o futuro.

Como dito por ti em pedagogia do oprimido, somos seres em constante formação e por isso, espero sempre poder aprender.

Com gratidão,
Vitória (BA), junho de 2021

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

O luto mobiliza a luta

Andréia Regina de Oliveira Camargo¹

Querido Paulo Freire,

Não há possibilidade de pensarmos o amanhã, mais próximo ou mais remoto, sem que nos achemos em processo permanente de “emersão” do hoje, “molhados” do tempo que vivemos, tocados por seus desafios, instigados por seus problemas, inseguros ante a insensatez que anuncia desastres, tomados de justa raiva em fase das injustiças profundas que expressam, em níveis que causam assombro, a capacidade humana de transgressão da ética. Ou também alentados por testemunhos de gratuita amorosidade à vida, que fortalecem, em nós, a necessária, mas às vezes combatida esperança (FREIRE, 2000, p.117).²

Hoje completo 42 anos de vida, e hoje nosso país está ‘molhado’ de sangue de 430.596 vidas ceifadas e de lágrimas de milhares de famílias que perderam seus entes queridos. Como comemorar a minha vida diante de tantas vidas perdidas?

Paulo está muito difícil viver o hoje e quiçá pensar no amanhã, próximo ou distante!

O desastre foi anunciado há um bom tempo. Inúmeras profecias foram realizadas a partir da leitura de mundo e das palavras, da nossa presença no e com o mundo.

1 Mulher, mãe, companheira, professora, pesquisadora, militante... Professora do ensino básico, técnico e tecnológico (EBTT) no Núcleo de Educação Infantil NEI Paulistinha, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e pós-doutoranda na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar campus Sorocaba).

2 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Profecia, anúncio, denúncia de um desastre humano, que escancara a desigualdade e a desumanidade de um povo.

Paulo, você está vivo e pulsante, mais do que nunca! O contexto histórico e político do nosso país me convidou, ou melhor, me convocou ao reencontro com a sua palavra.

Muitas vezes me pego num movimento de esperar, de lembrar meu fracasso e conseqüentemente a minha capacidade e dever de intervir e transformar o mundo.

Confesso que estou extremamente furiosa, com medo, raiva, assombrada com o genocídio que assola o nosso povo. Muitas vezes durmo e acordo chorando. A dor é carnal, visceral, mas sinto, como você, que “o sonho de um mundo melhor nasce das entranhas de seu contrário”.

O luto mobiliza a luta, pois aprendemos com você que a realidade não é assim porque tem que ser, ela está sendo por interesses de quem está no poder.

Luto cotidianamente para ter uma prática educativa coerente e responsável com a reinvenção do mundo, num movimento dialógico de “estar no mundo, com o mundo e com os outros”, consciente de que todo “ato político é pedagógico e o pedagógico é político”.

Paulo, tá difícil respeitar a escolha do povo, mas a minha/nossa luta continua. Utópica, sonhadora...sim, mas jamais aceitarei calada e imóvel as injustiças, o ‘desrespeito à coisa pública’, a violência contra a natureza, a história, a cultura, as minorias, o desrespeito mentiroso e inescrupuloso dos que governam para poucos.

A luta é minha e de todos os seres de responsabilidade, da ética, da criticidade, da opção, da decisão, de criatividade, de invenção, de transformação... pois ‘não somos, estamos sendo’, sempre.

Com os outros também testemunhamos a amorosidade, o alento, rupturas, buscas... movimentos de ‘denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho’, formas possíveis de esperar lutando.

Na minha prática educativa com as crianças pequenas, me fortaleço com suas curiosidades, invenções e encantamentos. Elas, assim como você, me convidam a ‘desver o mundo’, a ‘ouvir a cor dos passarinhos’, a ‘caçar jeitos’³

3 Inspirada nas palavras inventadas de Manoel de Barros. BARROS, Manoel.

de estar no e com o mundo, de intervir para transformá-lo e nos transformar em algo “menos feio, mais humano, mais justo, mais decente”.

Abraços crianceiros e esperançosos!
Votorantim (SP), 13 de maio de 2021.

Originais da carta resposta escrita à Paulo Freire, inspirada e mobilizada pelo destinatário.⁴



Biblioteca Manoel de Barros. São Paulo: Leya, 2013.

- 4 Inspirada e mobilizada também pelas professoras, professor e cursistas do curso de extensão “Cartas Pedagógicas como instrumento de ensino, pesquisa, extensão e gestão” da Unipampa.

A pedagogia da água

José Irivaldo Alves O. Silva¹

Caro mestre Paulo Freire, Ao longo desses quase 20 anos que tenho experienciado a docência, deparo-me com uma aprendizagem impactante, tanto na minha vida como na dos meus alunos. Passei a estudar as dinâmicas e articulações que estão em torno da água. Nessa interação entre professor, objeto de estudo e alunos tenho visto que é preciso aprender a compreender melhor o que estamos estudando, partindo da importância para o outro.

Desse modo, Paulo, passo a entender melhor meu objeto de estudo, de pesquisa, que abordo nas minhas aulas, partindo da importância da água para o outro, sabendo que em torno dela há diversos interesses. Muitos silenciosos, outros explícitos, mas todos, de certo modo, têm algum interesse sobre ela.

Assim surge a compreensão que, muito além de um bem meramente econômico, a água é um direito humano. Sim, Paulo, um direito de todos, o que significa que nenhum ser vivo pode ficar sem água. Depois de diversas incursões com os alunos, todos nós aprendentes, passamos a compreender mais a natureza desse fenômeno. Entretanto, as pessoas ainda perguntam se a água é um direito mesmo. Talvez, diante da negação dessa premissa tão básica, elas nunca reconheceram essa relação com lastro no direito humano.

Devemos aprender com a própria dinâmica da água. Como ela surge, cai sobre a terra e volta formando nuvens num verdadeiro ciclo, meio a declarar

¹ Professor da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA). Professor do curso de graduação em Gestão Pública e dos programas de pós-graduação em Gestão e Regulação dos Recursos Hídricos (ProfÁgua), em Administração Pública (Profiap), em Administração (PPGA) e Direitos Humanos e Desenvolvimento (PPGCJ/UFPB).

que a vida pede esse processo. Sem falar, Paulo, que a água depende das florestas e da forma como nos organizamos ao longo de uma bacia hidrográfica. Todos esses elementos podem ser utilizados no processo de ensino aprendizagem para apresentar aos nossos alunos como é importante mantermos a sinergia dos elementos da natureza e que todos realizam funções e estão interligados formando a vida.

Caro Paulo, parece-me que ao contextualizar o processo pedagógico através dos seus escritos, estavas abordando uma nova racionalidade para ensinar a aprender e aprender a ensinar. Sendo assim, isso me fez enxergar que a água e seus fluxos pode nos levar a compreender a dinâmica de rios, córregos, lagos, aquíferos e mares. Isso é extraordinário! Ensinado através de mapas, apresentando-se os territórios impulsionados pela existência da água e aqueles que, mesmo sem ela, tem uma vida pulsante. Aqui, podemos lembrar do espaço em que estamos, do lugar de onde falamos, o semiárido, que é palco de uma realidade difícil de escassez desse líquido que nos ensina a resiliência necessária para o viver. Sim, a água está a nos ensinar todos os dias, em todos os momentos que se tem oportunidade de falar sobre ela e tudo que a rodeia.

Ensinamos que a água não é apenas a vida, mas simboliza a assimetria de interesses e de poder. Controlá-la, significa ter poder, que circunda as relações daqueles que dependem dela para suas atividades e subsistência. Diante de tantas desigualdades existentes em nosso povo, ainda convivemos com milhares, bilhões de pessoas que ainda não tem acesso direto à água. Outro tanto que precisa percorrer grandes distâncias para acessar esse líquido vital.

Porém, é no semiárido que parece que aprendemos a dar um valor extraordinário à água, talvez em virtude da sua escassez, bem como das estórias de secas e sofrimentos dos nossos familiares que deixaram o campo para viver na cidade, pois aí, talvez tivessem acesso a ela como não tinham lá. É Paulo, o campo na semiaridez ficaria esquecido, se não fossem programas públicos com a intenção de construir cisternas em sistema de mutirão, o que garantiu água, seja pela pouca chuva que era reservada, ou mesmo através do carro pipa, que de tempos em tempos chega nas portas desses irmãos do campo.

A água que para muitos em diversas regiões desse Brasil abunda, para o homem do campo e da cidade no semiárido é escassa. Porém, Paulo, o tempo está mudando, a água está escasseando no mundo inteiro. A injustiça

hídrica permeia de forma patente muitos países, principalmente da periferia do mundo, o que significa dizer que muitos não tem acesso às condições de vida dignas e básicas para um ser humano. Dentre os quais, o acesso à água, a coleta e o tratamento de esgotos. Pasmem, muitos não tem nem banheiro, ainda defecam em buracos na terra, as mulheres e meninas fazem suas necessidade a céu aberto. Isso....em pleno século XXI ainda temos um quadro social desafiador.

Pois é Paulo, qual seria a saída? Pensando nisso, olho novamente para a água e incentivo meus alunos a olharem também, para daí vermos o fluxo dela renovando-se. É preciso pensar que as nossas vidas são como esse fluir, precisamos seguir, embora o caminho seja difícil, com obstáculos quase intransponíveis. Então, o que a água nos ensina é a resiliência, buscar nos refazer, resistir e renascer nesse processo.

Ademais, a água nos faz pensar que existe um ciclo a ser respeitado, a ser compreendido, que não pode estar a serviço apenas do desenvolvimento como crescimento, mas de um desenvolvimento humano que seja integral. A água não vem pela metade, embora nós humanos tenhamos interferido nos processos de produção desse líquido, chamado por muitos de “ouro azul. Essa interferência gera constrangimentos em quem tem consciência de sua importância para toda forma de vida no planeta. Isso não é coisa simples....pois o homem, capaz de percorrer o universo em busca de água para saber se tem outras formas de vida, também é o único ser que destrói o seu habitat, não só para sua manutenção, mas para acumulação. Os tempos são tão difíceis que incentivo meus alunos a pensar como as relações estão dispostas e como esse líquido é central nos processos humanos de convivência. Partindo daí é possível compreender porque chegamos a um ponto na história da humanidade em que ela pode se transformar em grande *commodity*, similar ao petróleo, ofertada na bolsa, quando, na verdade, está disposta “livremente” na natureza. Como ensinar isso aos nossos alunos?

Daí Paulo, isso faz parte do processo de construção das relações humanas em que o homem foi protagonista e escolheu o modelo de vida que gostaria de implementar. Claro que é pertinente perguntar quem escolheu e construiu o modelo? Para quem foi construído? Sempre me pergunto de que forma uma determinada política pública beneficia a população, quais são os interesses envolvidos, quais os impactos? São questões cruciais, pois o cenário pode

não estar tão claro para todos, sendo necessário descortiná-lo para que todos vejam os atores envolvidos.

Uma coisa é verdade Paulo, a participação da população em qualquer processo que envolva a gestão de recursos hídricos é fundamental. Mas não vejo essa participação ocorrendo a contento. Ademais, estamos falando de um bem que é comum, único e que é essencial à vida. Portanto, interessa a todos o modo como ela vem sendo usada e compartilhada. Sim, a palavra de ordem é compartilhamento desses bens comuns inestimáveis e não a valoração econômica deles. No momento em que valoramos economicamente determinados bens, há o risco de transformá-los em mercadoria. E, sinceramente, não creio que a água possa ser objeto de algum negócio como se fosse uma mercadoria.

Paulo, busco reforçar através de uma pedagogia da água que é essencial o fortalecimento do Estado como mediador entre sociedade e mercado. Isso se externaliza através da compreensão do ciclo natural desse fluido no qual compreendemos que isso não pode ser limitado a um valor monetário, disponibilizado na bolsa de valores, sendo um bem inestimável. Água é bênção nas nossas vidas, dádiva, em sendo assim não pode ser objeto de negociações de grande vulto. Para muitos, parece fácil entender o valor econômico desse recurso hídrico. Porém isso ocorre porque essas pessoas não se submeteram à pedagogia da água.

Essa pedagogia é baseada nos ensinamentos que o ciclo natural da água nos traz e na noção de sistema que está ínsito na compreensão do processo de sua produção. Isso nos transmite as dinâmicas interconectadas existentes na natureza e que o equilíbrio dessa, em sendo afetado, prejudicaria todo o processo. A pedagogia convencional parece que transmite a água como sendo algo dado, sem demonstrar o que está por trás ou a complexidade existente nos arranjos e dinâmicas estabelecidas. Por isso é fundamental promover, Paulo, uma transição entre uma pedagogia convencional para uma proposta de pedagogia da água. Isso é essencial na medida que queremos sensibilizar gerações para a crise que está nos envolvendo e toda a humanidade.

A pedagogia da água chama a atenção para um cenário de crise que não foi naturalmente dado, mas construído pela ação do homem, levando-se em conta as relações de poder existentes e a busca pela maximização dos lucros. O processo de produção desse inestimável fluido nos ensina que a nossa vida é um processo que é interdependente de outros e não algo açodado, como a

ânsia do homem em ganhar muito mais dinheiro do que possa gastar, tentando viver o hoje sem se importar com o amanhã e as demais gerações que virão, uma vez que elas também possuem um direito a ser resguardado.

Paulo, quando compreendemos que no mundo da política foi muito difícil aprovar o direito humano à água e ao saneamento, mesmo sabendo que este faz parte dos direitos que concretizam o direito à plenitude da vida, conseguimos entender os reais interesses de parte da humanidade. Portanto, falar a partir de uma pedagogia da água também é se insurgir à naturalização da água como mercadoria apenas. Mas é uma tarefa muito difícil, pois está ficando cada vez mais complexo estabelecer um debate que privilegie o interesse coletivo. Há uma espécie de racismo frente ao fornecimento da água, nem todos tem acesso. Isso piora quando se pensa numa água de qualidade, na coleta e tratamento de esgotos para que o meio ambiente não seja poluído.

É um racismo hídrico, na verdade. A política de universalização não chega a todos, infelizmente. A falta de água prejudica uma série de atividades e, principalmente, não deixa que o homem e a mulher tenham sua dignidade, que está garantida na Constituição, mas parece muito mais uma “letra morta”. Mas é verdade Paulo, para que o homem e a mulher tenham dignidade eles precisam de água suficiente para suas necessidade básicas.

Querido Paulo, os números demonstram que a causa da crise não advém exclusivamente das pessoas. Elas, na verdade, são vítimas de um Estado que não tem políticas públicas estruturantes, e que o maior uso e consumo de água está na agricultura e na indústria. Portanto, é preciso repensar esse processo de culpabilização da população pela escassez ou poluição de água. Não temos saneamento para todos, sendo a coleta e o tratamento de esgotos deficitários. O saneamento rural é praticamente inexistente e não se tem uma política consistente para esse setor.

Por isso Paulo, escrevo-lhe para compartilhar essa experiência que tem como base em parte de seus ensinamentos. Já adianto, continuo nesse processo de aplicação da pedagogia da água.

Abraços!

Sumé (PB), julho de 2021.

Um café com Freire sobre viver hoje

Shirleyde Santos¹

Querido Freire,
Como eu gostaria de poder te entregar esta carta! Para falar a verdade, eu gostaria mesmo era de me sentar embaixo de uma árvore contigo e te ouvir falar um dia inteiro, ou dias, ou meses... Mas, já que não é possível, resolvi te escrever.

Não lembro bem quando ouvi falar de você pela primeira vez, provavelmente eu ainda criança. Cresci rodeada de educadoras: mãe, tias, amigas da mãe e das tias... e o universo da educação me encantou logo cedo. Fui professora de inglês ainda na adolescência. Ainda cursei Letras, mas me graduei na área de saúde, em Farmácia. Mesmo atuando como farmacêutica, de vez em quando, eu estava envolvida em alguma atividade relacionada à educação. Até que deixei de lado a farmácia e me tornei oficialmente uma professora.

Hoje, além de professora, sou militante. Acredito que são duas coisas que não podiam e nem deviam ser separadas: Educação e Militância, ainda mais no mundo em que vivemos. Milito contra os agrotóxicos e pela Vida num país que se vangloria do “Agro” como riqueza e tem um mundo de pessoas passando fome... num país que, em plena pandemia da Covid 19, questiona as

1 Shirleyde Alves dos Santos, Farmacêutica, Mestra em Saúde Pública, professora do Bacharelado em Agroecologia e do Técnico em Agroindústria, no CCAA/UEPB. Coordenadora do Programa de Extensão “Agroecologia, saúde e cidadania: ações do Núcleo de Extensão Rural Agroecológica (NERA) pelo bem viver”. Integra a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, a Comissão da Produção Orgânica do Estado da Paraíba- CPOrg/PB, e faz parte do GT Saúde e GT Agrotóxicos da ABA Agroecologia.

vacinas mas libera abertamente mais agrotóxicos... num país que anda cultuando a morte, a violência, a desumanização... num país que nega a existência do racismo e onde “*a carne mais barata é a carne negra*”... num país onde as armas viraram símbolo de governo e onde a leitura é desestimulada (já que não podem proibir a leitura, nem queimar os livros, estão querendo taxá-los para dificultar o acesso)... num país onde as desigualdades sociais estão cada vez mais evidentes... num país onde invadem hospitais e consideram a dor um mimimi (talvez você nem conheça esse termo... mas “mimimi” é toda dor que não dói na gente)... num país que pessoas se elegem para cargos políticos com campanhas baseadas em Fake News (outro termo que talvez você não conheça... mas lembra da famosa brincadeira do telefone sem fio? Imagina sem ser brincadeira... imagina as pessoas distorcendo as informações ou criando informações falsas... imagina um mundo de gente recebendo essas informações falsas diariamente em seus celulares e acreditando e passando essas informações falsas a frente...). É, querido Freire, está bem difícil viver por aqui...

Sei que você viveu tempos difíceis em nosso país, precisou sair, sofreu muito - física e emocionalmente, mas nunca baixou a cabeça e ainda nos deixou um legado de esperança. Em geral, sou otimista, Freire, mas é que realmente tá difícil. Tento me agarrar no seu Esperançar. Me pego pensando o que você estaria falando e escrevendo se estivesse nesse plano conosco. Tem tanta gente boa que fala em você, fala até por você, e nos inspira mas eu queria ouvir a sua opinião. Queria ler um livro teu sobre o hoje! Ahhh... eu sei que seus textos são atemporais... e que a forma como você nos ensinou a ler o mundo segue sendo tão atual... Mas, mesmo assim, eu queria saber o que você diria desse “desgoverno” em que vivemos e que caminhos nos mostraria com nossos próprios olhos... Eu queria poder te entregar essa carta... Eu queria poder te dar um abraço como dei em seu amigo Leonardo Boff e nunca esqueci a energia maravilhosa que senti... Eu queria conversar e até rir contigo como quando conversei com teu outro grande amigo Carlos Brandão e até tirei foto...

Apesar de tanta coisa negativa nos rodeando, sei que esse mundo ainda está cheio de pessoas boas e com vontade de fazer o bem... São essas pessoas e seus exemplos que nos fazem seguir lutando e esperando... Mas, querido Freire, pode ter certeza que você faz muita falta! Se tua lembrança nos enche

de esperança e nos estimula a seguir sonhando com um mundo melhor, imagino a tua presença!

Na visão espírita, que eu acredito e sigo, nos sonhos a gente pode entrar em contato com o plano espiritual... Bem que a gente poderia se encontrar em algum dos meus sonhos, né? Quem sabe até tomar um café... Vou continuar ESPERANÇANDO!

Até um dia...

Com carinho,

Campina Grande (PB), 20 de abril de 2021

Shi (desde menina caprichosa e nordestina)

Um festejo de ideias

Morgana Barbosa Gomes¹ | Verenna Barbosa Gomes² | Luciana Hartmann³; | Thais Felizardo Resende⁴ | Débora Cristina Sales da Cruz Vieira⁵ | Denise Munhoz de Lima⁶ | Rossane Lemos de Souza⁷ | Juliana Mado. Atriz⁸

Querido Paulo,
É centenário da sua existência, e por isso te escrevemos esta carta. Permita-nos chamá-lo de avô, evocando ancestralidade e inspiração no exercício do ensinar-aprender. Você que é rejeitado pelos medrosos e ignorantes.

-
- 1 Doutora em Performances Culturais (UFG), mestra em Artes Cênicas (UFBA), especialista em Comunicação e Política, graduada em Comunicação Social, técnica universitária (UESB).
 - 2 Licenciada em Química pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2010). Mestra em Ensino de Ciências e doutora em Educação em Ciências pela UnB. Professora da Universidade Federal do Tocantins.
 - 3 Ouvidora e contadora de causos, antropóloga, professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, pesquisadora do Cnpq e mãe de duas meninas.
 - 4 Contadora de histórias, mãe, Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal _SEEDF. Mestranda em Artes Cênicas (UnB).
 - 5 Professora da educação básica SEEDF, estudante do doutorado em Artes Cênicas (UnB), mestra em Educação (UnB), especialista em Educação Infantil (UnB), graduada em Letras (CEUB), pesquisadora das/com as infâncias e membro do FEI-DF/ MIEIB.
 - 6 Mestre em Artes Cênicas (UnB), professora, contadora de história, atriz e pesquisadora da infância. Freireana na leitura do mundo e na prática da vida.
 - 7 Doutora em Antropologia pela Sorbonne Nouvelle e pesquisadora sobre comunicação/narração oral.
 - 8 Contadora de histórias e educadora. Mestre em Artes Cênicas (UNESP), tem especial interesse na performatividade inata do ser humano.

Ignorado pelos arrogantes e invejosos. Invejado por aqueles que gostariam de, como você, ter mudado a história com a ousadia de seu pensamento e de sua prática. Ousamos em seu nome!

Por aqui trabalhamos sob maus tempos. Você já nos alertava sobre a inexperience democrática no Brasil. Agora, enquanto enfrentamos uma pandemia mundial, sendo um dos países onde as políticas sanitárias são também as mais frágeis, como profissionais da arte, da cultura e da educação, temos nossos limites testados diariamente. E ainda assim não podemos nos queixar, pois há muitas, muitos e muitas (TIBURI, 2019) em condições ainda mais vulneráveis, estruturalmente. Te ler nos dá coragem para seguirmos em frente, firmes em nossos valores éticos e sociais. Está lá, na sua segunda carta a quem ousa ensinar (FREIRE, 1997), que não devemos deixar que o medo do difícil nos paralise. Assim, todas as dificuldades encontradas estão sendo convertidas em contra-molas da resistência (Secos & Molhados)⁹ para nos movimentarmos no sentido de conservar o mínimo de dignidade, enquanto seres humanos, de respirar o mínimo de liberdade, em que possamos pensar e nos expressar organicamente.

Ler a sua obra nos inspira a sermos educadoras, ainda que não o saibamos ser exatamente. E como educadoras nos esperamos com a sua leitura. Esse esperar nos conduz a um caminho cuja direção leva a uma prática docente dialógica, e o ponto de chegada é a relação democrática, outrora de opressão, de injustiça e de autoritarismo, é a solidariedade, é o entrelaçamento entre processos afetivos e cognitivos. Ponto de chegada? Nem tanto, afinal, como leitoras de suas obras, somos, diariamente, impulsionadas ao desafio de um recomeço desse trilhar pedagógico. Nesse recomeço, buscamos romper com nossas concepções autoritárias, que insistem em impor aos estudantes que somos detentoras das palavras, do conhecimento, de um saber pronto, acabado, conclusivo, portanto, concepções que denunciam o quão desconhecemos a historicidade do ser humano como sujeito de sua própria história em construção, da sua capacidade de aprender a partir de suas próprias vivências. Com você aprendemos a reconhecer que, no processo de ensino-aprendizagem, todos são sujeitos ativos de conhecimento: professores/as

9 Música Primavera nos Dentes, do álbum homônimo (1973), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oIbled8a3lY>, acessado em 17 de Junho de 2021.

e alunos. E isso nos leva a não mais dissertar o conhecimento em sala de aula, mas, sim, problematizá-lo, tomando a realidade como ponto de partida. Aqui não nos referimos apenas às atividades de ensino, mas também de extensão universitária, onde saberes são produzidos e compartilhados, para além da sala de aula. Também nos referimos à educação informal em suas mais diversas formas de organização, considerando, inclusive, nossas vivências cotidianas. É preciso romper com a história e a ideia de um sujeito colonial que se refere ao outro como um objeto do seu discurso ou do seu conhecimento, reconhecendo-o como sujeito também dessas experiências e encontros.

Em seus escritos percebemos o feliz encontro entre teoria e prática na materialização de uma práxis libertadora, que preconiza a transformação da sociedade por meio desse sujeito epistemológico que produz conhecimentos e saberes desde a primeira infância até a velhice. De modo que esses sujeitos epistemológicos se desenvolvem em unidade dialética entre afetividade e intelectualidade, considerando suas experiências e vivências concretas atravessadas em seus corpos pelas relações de classe, gênero, raça, etária e demais marcadores sociais que os constituem nas suas singularidades. Gratidão por nos convidar a conceber a escola como um espaço de amorosidade, de acolhida mútua do ser, de responsabilidade social coletiva comprometida com as classes populares, um alegre lugar dialógico e democrático, que transcende as hierarquias hegemonicamente constituídas. “Como educadoras e educadores somos políticos, fazemos política ao fazer educação. E se sonhamos com a democracia, que lutemos, dia e noite, por uma escola em que falemos *aos e com* os educandos para que, ouvindo-os possamos ser por eles ouvidos também.”(FREIRE, 1997, p.62).

Frente ao deslize constante que se dá na superfície escorregadia do ensino tradicional, (aulas descontextualizadas, memorísticas e verborrágicas), suas obras são fios condutores para estruturar o processo didático-pedagógico na perspectiva de um movimento crescente e contínuo de ensinar não para formar profissionais e sim cidadãos. Quando lemos seu comprometimento com a troca de saberes num círculo de cultura por meio do Tema Gerador (FREIRE, 1993), somos inspiradas a atuarmos de modo a valorizar a formação de cidadãos críticos e comprometidos com a sociedade. Portanto, a escolha pela leitura de suas obras nos mobiliza na proposição de um ensino capaz de fornecer subsídios

para a valorização do diálogo, da construção de uma sociedade democrática e para a superação do que você chama de “cultura do silêncio”¹⁰.

No entanto, um dos desafios no Brasil, que é nosso lugar de fala, como canta Elza Soares¹¹, é justamente não termos referências de liberdade nas experiências sociais. O que temos como liberdade parece ser ora um ideal romântico, ora uma pretensão individual, ora um privilégio de gênero. Os movimentos libertários sobre os quais temos conhecimento na história foram motivados por experiências imediatamente anteriores, senão concomitantes, de repressões. Acerca disso temos desenvolvido uma consciência, na medida em que recorremos às nossas memórias mais imediatas e ancestrais. Sendo gerações oriundas, primeiro da violência colonial, depois da ditadura militar, como encontrar uma justa medida entre a autoridade e a liberdade, sem recair nos círculos viciosos do autoritarismo e da licenciosidade que, como você bem esclarece, são formas desmesuradas de comportamento que negam a vocação ontológica do ser humano? (FREIRE, 1999). Nesse sentido, você nos parece otimista, acreditando na essência de nossa inclinação ética, e seu otimismo nos vem como uma forma, mesmo, de esperança. Tal virtude não seria, tampouco, uma conduta moral de gênero, mas um empenho da humanidade que almejamos ser e construir, assim como você também sonhava, em uma perspectiva universal, dada sua inclinação metafísica. Aliás, é preciso estarmos atentas ao discurso da moralidade que acaba por justificar os abusos de poder. Em nome da disciplina, da técnica e da burocracia, em nome de Deus e da sagrada família, os novos e velhos tiranos se sobrepõem em relações subordinadas e, como tal, constrangedoras. Vale aqui, novamente, a sua ressalva, de que “o autoritarismo não está necessariamente associado a repressões físicas. Dá-se também nas ações que se fundamentam no ‘argumento da autoridade’. ‘Isso é assim porque é – a técnica já o disse – não há o que discordar, mas sim que aplicar’.” (FREIRE, 1979, p. 41).

Desde o início da pandemia do COVID-19 vivemos uma elevação da desigualdade de gênero e da violência doméstica, reforçando que campos como

10 Sobre a questão do silenciamento cultural no Brasil ler Carta para Paulo Freire, disponível em <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/7046>, acessado em 14 de Junho de 2021.

11 Álbum Deus é mulher (2018), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Kw9ke8zt7XA>, acessado em 14 de Junho de 2021.

ciência, tecnologia e política permaneçam como atividades majoritariamente masculinas, enquanto as mulheres acumulam jornadas de trabalho invisibilizadas, mal ou não pagas (Federici, 2017). As universidades continuam a reproduzir um modelo colonial de conhecimento notadamente androcêntrico. Nas escolas, continuam a negligenciar as questões de gênero, nos materiais de ensino as mulheres são esquecidas, embora elas desde sempre tenham produzido conhecimentos. Professores e professoras se engajam em políticas de educação de gênero muito sutis, havendo ainda bastante despreparo coletivo para lidar com os casos de violência acadêmica dessa natureza. Mas seguimos firmes no enfrentamento dessa questão, descortinando a face obscura da relação gênero x epistemologia. Obrigada por nos ensinar sobre a pedagogia libertadora que nos faz reverberar contra os preconceitos que são reproduzidos nas escolas, nas universidades, em nossas famílias, na sociedade civil de forma geral e, institucionalmente, nas instâncias do poder executivo. E se te escrevemos a partir dessa nossa condição de mulheres, mães, artistas, professoras, produtoras culturais, pesquisadoras, entre tantas jornadas, é porque, antes mesmo da crítica contemporânea à hegemonia do masculino universal na linguagem, você já se referia a nós, mulheres, como sujeitos de diálogo, colaborando para romper com o silenciamento cultural que ainda enfrentamos, até que agora pudéssemos exercitar as flexões de gênero nos discursos, até mesmo formais. Você que reconheceu, em uma conversa documentada na série Paulo Freire: um homem do mundo (2020)¹², ter sido a consciência de gênero a que mais tarde lhe chegou, pois isso lhe exigiria uma experiência ainda mais aguçada de alteridade. Décadas depois, estamos aqui para te dizer que você foi um aliado na interminável luta pela igualdade de gênero no Brasil.

Querido mestre, é tão maravilhoso te ler e vislumbrar tudo o que você traz em suas palavras, mas quando vamos para a prática na educação é que encontramos os desafios de fazer mundo. Considerando essa prática, gostaríamos de te contar aqui algumas anedotas surgidas de nossa experiência como professoras da educação infantil e fundamental: certo dia, um menino de 5

¹² Dirigida por Cristiano Burlan, disponível em <https://sesctv.org.br/programas-e-series/paulo-freire/?fbclid=IwARo8feTVxBOECZUfhW6j9RfszaXHOpyluaj-cOkXMZyKmj0sjN87WJajZ9LA>, acessada em 14 de Junho de 2020.

anos chegou à escola com as unhas pintadas de esmalte. Os outros meninos logo vieram comentar, enquanto ele mesmo ia escondendo os dedos entre as pernas. Imediatamente falamos “Que legal! Divertido pintar as unhas, né, Mateus¹³? Não há problema algum!” Naquele dia a atividade era contar histórias com o livro na mão, mostrando as ilustrações. Fizemos questão de pedir várias vezes que ele mostrasse os desenhos apontando com o dedo. Uma outra passagem aconteceu numa turma de 4 e 5 anos, em uma atividade em que uma criança deveria desenhar a outra. Uma delas, ficou bem chateada porque a colega a tinha deixado gorda no desenho. Tivemos então um momento de conversa sobre como não somos todos iguais, com corpos idênticos. A terceira anedota já envolve a relação com os pais e não acabou muito bem. Em 2020, na odisseia das aulas online, compartilhamos com crianças de 5 anos algumas imagens da artista Rosana Paulino, mulher negra e militante. As imagens que escolhemos de sua obra deixaram alguns pais impressionadíssimos e eles pediram uma reunião com a diretora da escola. A preocupação deles é que estivessem “militando” em sala de aula. O caso foi mediado da melhor forma pela diretora, mas ao final do ano uma ou duas mães desse grupo avisaram que os filhos não participariam das nossas aulas em 2021. Com receio de que elas fomentassem um boicote na turma, a direção da escola resolveu nos tirar todas as aulas do 1º ano.

Agora, fazemos uma releitura do livro *Correspondência*, de Bartolomeu Campos de Queiroz (2004). Seus escritos são palavras que amamos. Resolvemos tirar do sono algumas palavras para dar de presente aos amantes da educação: transformação, inspiração, dedicação. Quando escritas podemos fazer poesias, cantar melodias e misturadas podem construir um novo dia. Esperamos que possam ser transformadas em afeto, estima e amor. O trecho escrito é pequeno, mas lido por muitos, podendo dar alento aos escutadores/leitores. Quem sabe assim possamos despertar novos escritores/leitores/ouvintes a escreverem/fazerem para quem gosta de ensinar. Aprender para apreender, entender, compreender e transformar. Percebemos que as palavras podem ir muito mais longe se juntarmos a elas mais algumas: libertador, trabalho e justiça. Acreditamos, sim, que a educação é um meio de se chegar à liberdade/libertação!

13 Nome ficcional.

Aproveitando as palavras proferidas nesta carta, adentramos em uma que você acreditava ser tão importante, chegando a usá-la como verbo: ESPERANÇAR. Sim, esperar essa nação que anda tão sofrida com os acontecimentos atuais. A opressão, a violência e a fome ainda assolam nosso país, mas com resiliência, respeito e determinação ainda há um povo nesta terra que continua buscando dignidade, igualdade e respeito. É por isso que celebramos os 100 anos da memória de sua existência, Paulo. Façamos um festejo! Um festejo de suas ideias, seus estudos, suas palavras. Em tempos difíceis, são elas que nos guiam, como bússolas que apontam caminhos, trazem esperanças. Você mesmo insistiu nessa palavra *esperançar*: palavra-verbo-sopro-ato revolucionário. Esperançamos... Apesar da intolerância, da negação, da soberba, da negligência, da intransigência. Esperançamos... Esperançar transpondo o sentido de apenas esperar. Esperançamos com suas palavras-trilhas, você cavador de terra, cavador de veias de pensamentos para que os nossos pés sigam reto na estrada: boniteza, liberdade, emancipação, silêncios, saberes da experiência, pedagogia da autonomia, transformação. Esperançamos, Paulo! Jamais nos esqueceremos das estradas que você nos inspirou a trilhar com esperança e sabedoria!

No exercício da escuta des alunes fomos nos aproximando mansamente de sua obra. A Importância do Ato de Ler, Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Autonomia. Quantas histórias e quantos ensinamentos importantes fomos encontrando em meio a tanta singeleza! Pois assim também são os ensinamentos dos nossos mestres de saberes tradicionais, sábios muitas vezes analfabetos, não reconhecidos pela história opressora deste país.

Há pouco tempo encontramos com bell hooks (2013), na conversa franca e direta que ela faz com você. Agora, em sala de aula, nossas conversas/aulas são assim: Freire e hooks juntas! Você iria gostar de ver até onde nossos debates alcançam. No último semestre propomos que es alunes formulassem perguntas para vocês. As perguntas foram gerando outras questões, numa dinâmica que deixou a todes entusiasmades, curioses, desejosos tanto de conhecer mais as obras de vocês quanto de agir diretamente no mundo. É maravilhoso constatar que sua obra mantém a atualidade e, mais, segue sendo propositiva e estimulante para pensarmos/fazermos nossas práticas em sala de aula, e para além dela, de outras maneiras. Com você as interseccionalidades tão

acionadas atualmente podem ganhar novas camadas, lembrando que as questões de classe não podem ser ignoradas, sendo ela um limite crítico da micropolítica que tanto reverberou na universidade brasileira.

Temos o privilégio de compartilhar essa passagem pela Terra com um grupo de pesquisa muito especial, o Imagens e(m) Cena, da Universidade de Brasília, integrado por estudantes, professores e pesquisadores que nos inspiram e ensinam incrivelmente a cada encontro. Esta carta para você foi sugerida pela Morgana, artista-colega do grupo que se dedica aos silêncios e que fez das cartas uma das formas de se expressar/dialogar/criar/compartilhar conhecimentos, desejos e inquietações. Ficamos felizes que a sugestão tenha sido acolhida por outras colegas, pelo engajamento coletivo desta carta escrita como um ato de amor, generosidade e resistência ao individualismo da cultura capitalista.

Gostaríamos de continuar escrevendo, mas as demandas de educadoras, mães e donas de casa, nos chamam. Esta carta é para que você, Paulo avô, saiba que seguimos juntas na busca de uma educação libertadora, democrática e inclusiva.

Com esperança,
Brasil, junho de 2021

Referências

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 46a. edição. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho D'água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2013.

QUEIROZ, Bartolomeu Campos de. **Correspondência.** Belo Horizonte: RHJ, 2004.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum:** para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2019.

Um encontro intercultural inusitado!

Cleiva Aguiar de Lima¹

Maria Elisabete Machado²

Felizardo Vasco Domingos Maceia³

Querido Paulo Freire,
No último dia do outono, cá estamos, duas professoras, desde o sul do Brasil, mobilizadas para te escrever e contar de nossas andanças! Então, com base na proposta do Professor Cidoval Morais de Sousa, coordenador da obra *Cartas a Paulo Freire - Escritas por quem ousa esperar* (2021)⁴, resolvemos convidar um amigo africano para ampliar o diálogo. Assim, desde

1 Doutora e Mestra em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande FURG. Professora Titular Aposentada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS – Campus Rio Grande. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Profissional e Tecnológica do IFRS – GPEPT. E-mail: cleiva.lima@riogrande.ifrs.edu.br

2 Doutora e Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Integrante do Núcleo de Educação, Cultura, Ambiente e Sociedade - NEAS. Participante do Grupo de Pesquisa: Adultos, Jovens e Educação no contemporâneo - Formação, ética e pesquisa em Educação. Atua na Rede Municipal de Ensino em Viamão. E-mail mmelisabete@yahoo.com.br

3 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Mestre em Educação pela PUCRS. Lic. em História e em Teologia pela Universidade Católica da África Oriental (Quênia) e Esp em Pedagogia Marista pela PUCPR. Diretor de escola de ensino médio. Membro da Comissão Nacional de Educação (Igreja Católica de Moçambique). E-mail: felizardo.domingos@acad.pucrs.br

4 Disponível em <https://zenodo.org/record/4707850#.YM-9nFRKjIU>

o Brasil e da África, unidos pela mesma intenção de nos (re)conhecer, a partir da escrita desta carta, ousamos estabelecer um diálogo intercultural!

O convite para esta escrita nos mobilizou a pensar no lugar que ocupas, Paulo Freire, na nossa vida pessoal, acadêmica e profissional. Cientes de que nossa trajetória é encharcada daquilo que estudamos, resolvemos parar nossos afazeres para te contar um pouco de nós e, ao mesmo tempo, compartilhar contigo o tanto que teus ensinamentos nos impulsionam na busca de “ser mais” (ZITKOSKI, 2010) com os outros.

Direto de Maputo, capital de Moçambique, Felizardo entra na conversa pela plataforma virtual *Meet* para juntos finalizarmos esta carta! E então, ansiosas, discutimos com ele o que mais escrever. Decidimos, então, usar o Dicionário Paulo Freire (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010), para que cada um pudesse escolher um excerto, a partir do qual estabeleceríamos um diálogo.

Paulo Freire, nem imaginas a riqueza deste processo, quando nosso amigo africano trouxe a questão da cultura para o diálogo. Quantas aprendizagens para nós, que vivemos em uma cultura completamente distinta, em que a nossa ancestralidade e os ritos estão geralmente esquecidos e não fazem parte do nosso cotidiano. Ainda assim, sabemos o quanto estamos atravessados por esta ancestralidade cultural.

Tendo como inspiração a afirmação “A Cultura como aquisição sistemática de experiência humana” (FREIRE, 1980, p. 109), Felizardo relata para ti e também para nós, o que acontece na sua etnia. Assim, escreve ele: baseando-me nesta linha de pensamento de Paulo Freire, na minha etnia, a inserção dos jovens na vida adulta passa por um ritual que se chama “Ritos de iniciação”, onde o/a jovem adolescente recebe instruções para a aquisição dos segredos da vida adulta, o que lhe possibilita dirigir os seus próprios destinos. Os rituais praticados nessas cerimônias constituem a etapa última de ensinamento, pois esse/a jovem passou por muitos ensinamentos por parte dos pais e tios paternos (MWANA, 2019).

O iniciando com a idade de 14 a 16 anos, longe do convívio familiar, é chamado a obedecer, a respeitar os adultos; a controlar as reações físicas e emoções como sofrimento e medo da morte e, por fim, os segredos para assumir a responsabilidade no seu lar (MWANA, 2019).

Esses ensinamentos trazem na juventude uma total libertação das amarras primitivas que massacravam a infância até a realização desses rituais, tornando-o cada vez mais livre e aberto para partilhar os seus valiosos conhecimentos apreendidos durante a sua infância. Com isso, os ritos de iniciação são construtivos, pois educam o indivíduo para saber ocupar o seu próprio lugar na sociedade.

Os ritos de iniciação na tradição africana devem ser vistos como uma via pela qual o indivíduo pode alcançar a dita perfeição, com a facilidade da melhor integração na sociedade. Faltando esse elemento cultural, o indivíduo perde o sentido de pertença, perdendo esse sentimento de pertença, o indivíduo perde a direção e perde todos valores morais da sua cultura que lhe viu nascer (NAMUHOLOPA, 2019).

Sobre a categoria cultura, Brandão (2010, p. 100-101) afirma que:

Assim, vivemos e interagimos na e através da cultura objetivamente criada por nós. E somos subjetivamente a interiorização de práticas culturais do fazer, de regras do agir (as diferentes gramáticas sociais), de sistemas de significação da vida e do mundo em que vivemos (as ideologias, as teorias e os sistemas mais abrangentes de saber e sentido). Os movimentos de cultura popular trouxeram para o campo da educação a cultura como conceito, ideia, valor e fundamento de ações sociais, inclusive pedagógicas. Dito de outro modo: ao lado de outras práticas sociais do pensar e do fazer, como as artes, a ciências, as filosofias, as tecnologias do agir, do cuidar (como a engenharia, a medicina, a culinária), eles situaram a educação no interior da cultura.

Diante disso, podemos compreender melhor a importância dos ritos para os jovens africanos e o quanto a valorização disso constitui a cultura e o ser educador deste nosso amigo moçambicano.

Portanto, na continuidade do diálogo, escolhemos apresentar a ideia defendida por Peter Mayo (2010) que, com o verbete: Intelectual/intelectuais, perscruta na obra de Freire esta importante categoria. Afirma o autor:

O educador crítico toma posição e *dirige* o processo de aprendizagem, despertando a *curiosidade epistemológica*, mas deve estar aberto para reaprender de seus educandos, que oferecem diferentes perspectivas, muitas vezes derivadas de sua respectiva localização social, que incidem sobre o objeto da coinvestigação. Nesse sentido,

o intelectual-educador dirige um processo de atividade intelectual caracterizado pela reflexão sobre a ação (práxis), a obtenção de uma distância crítica do mundo que se conhece, no qual a tarefa intelectual é compartilhada por cada um e por todos - todos realizam a função de intelectuais, da mesma forma que a função de professores e alunos, mesmo que em proporções distintas. Eles aprendem e ensinam juntos e uns aos outros, num processo que sublinha a dimensão coletiva da atividade de aprendizagem e da aprendizagem intelectual (MAYO, 2010, p. 229, grifos do autor).

Tal consideração de Mayo nos contempla, na medida em que como educador e educadoras críticas, buscamos ter em mente as diferentes categorias freireanas que fundamentam nosso ser e fazer, dentre as quais, a cultura. Além disso, tais pressupostos, dialogam com Pierre Bourdieu. Este, reconhece a valorização do *habitus* e destaca que esta categoria dialoga contigo, Freire, já que “*habitus* é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade, ao captar “a interiorização da exterioridade e a exterioridade da interioridade”” (BOURDIEU,1997, p. 22, grifo do autor).

Tal excerto, ratifica a importância do diálogo entre os autores. Tu, Paulo Freire, ao compreenderes a educação numa perspectiva libertadora, salientas que a realidade da sociedade se mostra na forma de opressão dos esfarrapados. Portanto, de modo consciente apresentas uma forma de educação para a libertação dos/das oprimidos/as. Nesse sentido, a teoria crítico-reprodutivista que Pierre Bourdieu afirma existir e a tua teoria crítica, Paulo Freire, nos convidam a pensar de que forma o diálogo entre ambas pode contribuir com as práticas educativas, no sentido libertador. Neste ponto, o diálogo aproxima vocês, pois ambos desempenharam um papel relevante no que se refere a ser um educador crítico. Tomam a aprendizagem no sentido de despertar no educando a curiosidade epistemológica, entendendo que esta objetiva-se pela transformação.

Entendendo a importância do intelectual no contexto educativo, ampliamos a questão, ao destacar que o professor e a professora, necessitam estar atentos aos inéditos viáveis. Veja Freire, esta carta escrita por nós três, a seis mãos, desde o Brasil e Moçambique, não apenas atualiza algumas de tuas importantes questões, como mostra a possibilidade de

situações-limites serem transpostas com criatividade. Em tempos de Pandemia, em que o isolamento nos oprime, a distância pode ser diminuída com a tecnologia e o resgate de amizades construídas, pode ser uma diferença em dias em que a espera por um mundo melhor não pode ser uma espera vã. Assim, se estabeleceu um diálogo entre um africano e duas brasileiras que muito tem a dizer sobre suas andanças ao teu lado, querido Freire.

Cabe destacar aqui o verbete “Inédito viável”, definido por Nita, tua amada esposa:

No decurso de nossa vida pessoal e social, encontramos obstáculos, barreiras que precisam ser vencidas, as “situações-limite”. Diante delas nós temos várias atitudes: ou as percebemos como um obstáculo que não podemos transpor, ou como algo que não queremos transpor, ou ainda como algo que sabemos que existe e que precisa ser rompido. Nesta hipótese a “situação-limite” foi percebida criticamente e por isso agimos para superá-la. Para isso precisamos nos separar epistemologicamente, tomar distância daquilo que nos “incomodava”, objetivando-o e somente quando o entendemos na sua profundidade, na sua essência, destacado do que está aí, o entendemos como um problema que necessita de solução. O vemos como algo “percebido” e “destacado” da vida cotidiana o “percebido-destacado” que deve e precisa ser enfrentado, portanto, deve e precisa ser discutido e superado, socialmente. (NITA FREIRE, 2010, p. 224-225, grifos da autora).

Assim, o diálogo intercultural entre um educador africano e duas educadoras gaúchas, estreitou nossos laços afetivos, ao mesmo tempo em que nos oportunizou te revistar, valorizar a cultura e lembrar da importância de seres históricos que somos. Desse modo, nossa tarefa principal de formação de professores, ganha novo significado, pois esta carta é também, um modo de nos “formar”.

Freire, desde Moçambique, Felizardo, nos apresentou questões ligadas a seu país, que também enfrenta, na atualidade os desafios do ensino remoto e da inclusão de tantos excluídos, diante desta catástrofe que é a Pandemia. Por aqui, no Brasil, chegamos a marca de 500 mil vidas perdidas e a despeito de já termos vacinado muitos milhões de pessoas, esse processo avança muito mais lentamente que o vírus.

Então, buscamos em ti, nos teus ensinamentos, a perspectiva de que a questão cultural é central nos processos de formação e que devemos manter a esperança de que outro mundo é possível.

Um forte abraço!

Porto Alegre (RS), Moçambique, junho de 2021.

Referências

BOURDIEU; Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Trad.: Mariza Corrêa. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. Cultura (verbetes) In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 100-101.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

MAYO. Peter. Intelectual/intelectuais (verbetes) In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 228 - 229.

MWANA, Afrika. **Rituais de iniciação e sua simbologia**. Oficina Cultural. In: Web Vídeo [S. l.], 16 fev. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ga8z894E81Q>. Acesso em 12 de jan. 2021.

NAMUHOLOPA, Oscar Fernandes. **Práticas educacionais a partir de ritos de iniciação**: evidências da comunidade yaawo em Moçambique. Universidade Federal de Goiás (UFG). Brasil, 2019.

NITA(Freire), Ana Maria Araújo. Inédito Viável (verbetes) In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo**

Freire. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 224 - 225.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.).
Dicionário Paulo Freire. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

ZITKOSKI, Jaime José. Ser mais (verbete) In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 228 - 229.

Freire, a hermenêutica e o paradigma da Complexidade

Maria Marly de Oliveira¹

Querido professor Paulo Freire, como sua ex-aluna, aqui estou com imensa alegria, para lhe apresentar três equipes de estudantes que estão cursando a disciplina Hermenêutica, Dialogicidade e Complexidade (HDC) no processo de Formação de Professores em duas universidades UFRPE e UPE. Esta disciplina está alicerçada nos seus ensinamentos, que ao longo do tempo vem se consolidando na minha prática docente. Posso lhe assegurar, querido mestre, que estes mestrandos e doutorandos estão estudando e se preparando na busca por seus títulos de mestre e doutor no Ensino das Ciências do PPGE/UFRPE e mestrandos em Educação da UPE. Trata-se portanto, de uma carta coletiva, onde todos os estudantes participaram ativamente na construção desta carta, e a bem da verdade, podemos afirmar que cada estudante é coautor desta carta. Enfatizamos que esta carta construída coletivamente também se legitima como sendo um trabalho de parceria entre os estudantes de pós-graduação da UFRPE e da UPE

Seguramente esses estudantes ficaram e se encontram entusiasmados com a oportunidade de ter na academia um contato mais direto com o legado que você deixou à humanidade, para uma educação libertadora.

Nesta carta, cada estudante procura tecer conexões entre os seus estudos e as experiências de quem já vem esperando no chão das escolas e em contextos populares, fazendo a *leitura de mundo*, de forma contextualizada.

¹ PhD em Educação. Professora Sênior da UFRPE. Professora de Pós-graduação da UFRPE e da UPE/PPGE marly@academiadeprojetos.com.br

Portanto, o foco desta carta está no exercício destes pós-graduandos em estabelecer uma interface da sua dialogicidade com o paradigma da complexidade de Edgar Morin e a hermenêutica filosófica de Hans Georg Gadamer.

Assim nos posicionando, vamos dar a voz e vez para cada um destes estudantes apresentarem o registro de suas impressões, ao entrar em contato com sua proposta de uma educação libertadora.

— Querido mestre Paulo Freire, nós os mestrandos Antonio Denilson Leandro da Silva, Francisca Suene Alcântara Siqueira, Jefferson Matheus Alves do Amaral, Joseline da Silva Damascena e nós os doutorandos Franciana Pereira dos Santos, João Paulo Rocha dos Passos e Joseane Maria do Nascimento do PPEGEC/UFRPE agradecemos à professora Marly Oliveira pela oportunidade de escrever um Carta coletiva para estabelecer um diálogo com você, querido professor, patrono da educação brasileira.

Pois é querido Paulo Freire, os seus ensinamentos se tornam cada vez mais importantes em nossas vidas, sobretudo a dialogicidade, que é capaz de construir e reconstruir nosso que fazer, pois constatamos que em pleno século XXI, ainda existe muita falta de diálogo. Por isso, se faz necessário romper com as visões deformadas dos papéis do educando e do educador, onde acreditamos que em regra geral, ainda impera a cultura do silêncio. Seu legado nos ensina que o diálogo é a essência da educação e, por consequência, estudar a dialogicidade se tornou um dos eixos centrais de nossos estudos.

Ao refletir sobre a dialogicidade para o desenvolvimento humano e educacional, nos apoiamos em você dialogando com Gadamer e Morin, para ser capaz de enxergar a necessidade da retomada da dialogicidade no exercício da prática pedagógica. Decisão, esforço, persistência e paciência, é essencial para se estabelecer estratégias dialógicas de ensino e aprendizagem, e é o que vocês nos proporcionam, cada um à sua maneira.

Ao estudar a sua dialogicidade, compreendemos o diálogo como um processo de humanização, como uma prática emancipatória capaz de ampliar os espaços de liberdade de indivíduos e grupos que dela participam transformando as situações de dominação e sujeição a que estamos submetidos em nossa sociedade. Em Gadamer, o diálogo é a abertura de possibilidades que se realiza no encontro das pessoas e de culturas diferentes. Assim como

Aristóteles, ele ratifica o diálogo como um atributo natural do ser humano que possui linguagem e que a linguagem ocorre somente no diálogo (SANTOS, 2014).

Destacamos também o paradigma da complexidade que tem alguns princípios como o diálogo e a compreensão, para entender que ter uma visão complexa nos permite desprezar a fragmentação dos componentes curriculares, sabendo distinguir as especificidades, com uma visão complexa do processo ensino-aprendizagem. Dessa forma os princípios norteadores do paradigma da complexidade segundo Edgar Morin trazem significativa contribuição no sentido de nos oferecer elementos importantes para a caracterização da educação como fenômeno complexo. Nesse sentido, o enfoque da complexidade, da dialogicidade e da hermenêutica, além de contribuir para a formação de cidadãos responsáveis, também têm um forte potencial no desenvolvimento de uma educação mais crítica e humanizadora no ensino das ciências.

Durante nossos estudos, tivemos a oportunidade de refletir sobre os ensinamentos oriundos da prática de Jesus Cristo na Palestina do século I, e como estes princípios se relacionam com a sua pedagogia eminentemente humanizadora, problematizadora e libertadora. Essa reflexão pode ser percebida a partir do evangelho de Marcos 6, 34 - 44, que fala sobre a multiplicação dos pães e dos peixes, para saciar a fome de multidões. Esse princípio encontramos em suas obras, sobretudo na Pedagogia do Oprimido, onde nos oferece fartos elementos que nos levam a refletir e saciar a nossa fome de saber, para nos tornar seres humanos melhores e preocupados com o bem coletivo.

Silva e Junior (2021) nos mostra quão importante é perceber algumas características da pedagogia de Jesus Cristo, o Divino Mestre, que podem ser extraídas desta narrativa, a saber: a) Jesus se aproximou do povo para ver em profundidade as causas de tamanho sofrimento, e com isso “ficou tomado de compaixão por eles” (Mc 6,34), b) Jesus, por meio dos discípulos, serviu comida ao povo, nos fazendo refletir e ressignificar o conceito de educador e de estar a serviço do bem comum.

Mas afinal, estamos a serviço de quê ou de quem? Ainda parodiando os ensinamentos de Jesus Cristo, ao estabelecer o confronto com a nossa prática pedagógica, Senão vejamos: Jesus ensina a lógica da partilha dos bens, de forma organizada viabilizando uma economia solidária e participativa, que

em nada tem a ver com a economia de compra e venda, b) Jesus ensina esperança, por meio da fé no milagre da multiplicação de pães e peixes, uma vez que o disponível para a partilha era pouco, mas todos ficaram saciados e ainda houve sobras. Portanto, essa passagem bíblica dialoga com o educador em seu fazer pedagógico; daí porque estabelecemos este elo, vez que você nos ensina que o educador problematizador refaz constantemente, sua prática, como investigador crítico da realidade, buscando um desvelamento, uma para uma mudança e uma inserção crítica na realidade. Para você, o importante está em que os homens e mulheres submetidos à dominação lutem por sua emancipação. Ainda nos instrui que a luta revolucionária não está em olhar para trás de forma nostálgica e querer voltar, mas no sentido de melhor conhecer a realidade, para que tenhamos uma sociedade mais justa.

O amor de Jesus nos inspira para a sua dialogicidade, visto que esse amor é ferramenta de iluminação e merece ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. Do mesmo modo, no diálogo buscamos reconhecer e compreender nosso lugar no mundo com potencial para discutir e intervir nas injustiças sociais. A prática pedagógica de Jesus ficou registrada na memória coletiva da fé cristã exatamente porque tem potencial profético-revolucionário, porque inspira esperança em mudanças e porque não é impositiva, mas é antes de tudo reflexiva.

Seus escritos, querido mestre, nos leva a repensar a nossa prática enquanto docentes e pesquisadores. Destacamos o quanto é encantador nos debruçarmos em reflexões e contribuições trazida nos livros, cartas ou vídeos; percebermos o quanto são atuais e verdadeiros, ainda que realizados em outra época. Por falar em época, neste ano de 2021, a pandemia da Covid 19, nos impõe limitações e fica difícil vivenciar uma educação libertadora.

O nosso Sistema Educacional está passando por retrocessos, por falta de investimentos e ausência de uma política que possa garantir uma educação de qualidade. Estamos sentido falta de liberdade para ir e vir, e esta ausência de liberdade não temos um contado direto e fraterno entre colegas e professores. Sentimos saudades do abraço, do afeto, do aconchego nas universidades, para trocas de experiências e produção de conhecimentos de forma coletiva. Estamos reclusos, pois também sentimos saudades de livremente irmos as escolas, as universidades para aprender, compartilhar vivências

e dialogarmos com amor, afeto, humildade, fé, sem uso de máscaras, que também nos sufoca e nos distancia dos colegas, professores, familiares e amigos. Disposição não nos falta, mas estamos submetidos, neste momento, ao uso de tecnologias digitais. Se por um lado estas nos proporcionam novos horizontes, limitam nossos contatos através do “olho no olho”, da face a face e maximizam a desigualdade social.

Mesmo assim, em nenhum momento nos deixamos desanimar, lembrando-nos sempre do esperar. Não esperamos de braços cruzados, mas buscamos novas formas para melhorar nossa prática e aprendizagem, enquanto mestrandos e doutorandos, exercendo a práxis, na busca de constantes mudanças. Entendemos que o nosso país clama por mudanças, para que tenhamos uma educação transformadora. Educação esta, que muda as pessoas, que dialoga, que transforma, e que não é dicotomizada da realidade, visto que estamos inseridos na realidade com todas as normas, cultura e linguagem. Como nos diz Morin (1997) “a parte está no todo e o todo está nas partes. Assim, ao tempo em que somos autônomos também somos dependentes numa singularidade e o distingue, simultaneamente). Este é o princípio epistemológico da complexidade”. E é assim que concebemos uma nova forma de aprender e ensinar.

Nessa direção, compreendemos que o professor é sinônimo de luta, de resistência a um discurso que nega a defesa dos fracos e pobres como nos mostra o seu livro “Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar” (FREIRE, 2017).

Recordamos também, prezado Freire, do seu convite para que os ambientes escolares, principalmente as salas de aula, sejam espaços que privilegiem o diálogo. Tal perspectiva, muito bem delineada em suas obras, nos leva a refletir sobre inúmeras possibilidades que propiciem melhoria da qualidade da educação brasileira e, conseqüentemente, da formação cidadã. Entendemos através de seus escritos que há diversos saberes e vozes que potencializam a aprendizagem, não se restringindo apenas ao saber científico escolar.

Destacamos uma de suas célebres frases onde você nos diz que “a educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Desta forma, acreditamos na educação como ferramenta de mudança e preparação de sujeitos aptos a lutar por seus direitos individuais, mas

também coletivos. Assim, privilegamos uma formação para a vida, desapegada das amarras que tentam suprimir direitos adquiridos com muitas lutas ao longo da história brasileira.

O relato que trazemos ao longo desta carta prezado mestre, não só deriva da leitura de outros manuscritos a seu respeito, mas também do pouco de conhecimento que temos sobre suas grandes obras, afinal, somos professores iniciantes na carreira docente e temos muito a aprender sobre o ser e que-fazer docentes. Mas não tenha dúvida de que os seus ensinamentos vivem e resistem, ajudando-nos a compreender e refletir sobre o contexto de lutas e esperança em uma educação que transforme o homem pelo e para o amor.

Seu legado nos aponta possibilidades incríveis para a promoção de uma educação mais crítica e humanizadora, tão necessária diante dessa difícil situação na qual nos encontramos. Gostaríamos de lhes dar boas notícias de nossa terra tão linda, mas a verdade, como já mencionamos, é que estamos vivendo tempos difíceis com crises políticas e sanitárias que têm devastado nosso povo. Nos perdoe se não trazemos bons informes, mas “a coisa por aqui está feia”.

Os anos de 2020 e 2021 não foram fáceis para os professores, pois a pandemia da Covid-19 afetou muito o convívio social, nos obrigando ao fechamento dos portões das escolas, deixando-as vazias. Em meio a esse caos, tivemos a oportunidade de ler relatos de outros professores sobre seu legado e de construir novas possibilidades. Essas leituras reforçaram nossas observações de que a afetividade e o diálogo são fundamentais para uma educação significativa.

Ao refletirmos sobre aprender como algo inspirador, percebemos que a educação não para e mesmo nas situações mais difíceis, ela resiste. Mesmo diante de um governo tirano que menospreza o professor e a ciência, onde o dinheiro se vê como o bem mais valioso que está acima da natureza e das pessoas, nós professores e estudantes de pós-graduação resistimos e resinificamos a vida com esperança de dias melhores. Com nossa resistência e luta, seguimos na resiliência por uma melhoria na qualidade de ensino.

Querido Freire, como são proveitosos os dias nos quais nos dedicamos à leitura de seus escritos. Através deles refletimos sobre nossas trajetórias enquanto seres humanos, enquanto professore, e estudantes. Ainda temos

muito a aprender sobre o ser docente, mas consideramos isso como algo positivo e compreendemos que essa convicção tem influência sua. Somos seres incompletos e inconclusos e no ambiente escolar podemos aprender com o estudante, com a moça da cantina, com o jardineiro, com os colegas, gestores, etc. Devemos construir um diálogo sempre em horizontalidade, acreditando que os outros têm importância e tem algo a nos ensinar.

Professor, suas obras nos inspiram a ser professores humanizadores e olharmos todos horizontalmente, numa relação eu-tu gratificante, onde as vivências são valorizadas e o saber se constrói de maneira linda. É um prazer lhe conhecer e saber que ainda existem pessoas que têm esperança de que tudo vai melhorar. Temos fé e esperamos contigo, Freire!

Prezado mestre, destacamos o quão importante foram as aprendizagens adquiridas durante nosso início no PPGEC-URFPE. Percebemos o quanto precisamos aperfeiçoar nossa prática docente e pedagógica de forma a tornar a sala de aula, um espaço cada vez mais democrático. Apesar de toda a complexidade existente no ambiente escolar, podemos priorizar a dialogicidade tão bem defendida por você em seus escritos, reconhecendo que no ato de ensinar também aprendemos com o outro.

Sua história nos mostra que por onde você passou, semeou esperança e amor no coração das pessoas. Não era somente pela convivência diária, pois isso era uma das suas características, estar com pessoas em constante diálogo. Seus ensinamentos podem ser comparados com os do apóstolo Paulo de Tarso, que também deixava seu legado por onde passava. Ele instruía as comunidades pela sua catequese, que de tão profunda, provocava a transformação das pessoas e, quando partia de um lugar a outro, sempre se preocupava em escrever ao seu povo, dando-lhes direção, enchendo-os de esperança. Assim, vocês os Paulos de tempos tão diferentes e de contextos tão distintos, nos deixaram como lições de vida sempre acreditar nas pessoas e em um mundo melhor.

Foi uma enorme satisfação, e uma surpresa, encontrarmos entre tantas cartas belíssimas escritas ao nosso querido patrono da educação brasileira, alguma que reconhecesse nas palavras sagradas de Jesus Cristo, pedagogia, ensino, libertação. Como estudantes, admiradores e entusiastas da palavra viva de Cristo, sempre nos emocionamos e aprendemos muito sobre a vida, sobre o ser humano, sobre o amor, nas nossas singelas leituras da escritura.

Infelizmente ainda percebemos uma resistência dentro da academia em aceitar, ou mesmo admitir, o potencial pedagógico do discurso e da postura de Jesus e sua, Freire.

Em meio a avalanche de incertezas, inseguranças e medos que nos cercam nesse plano de convivência com a Covid-19, refletir sobre Jesus Cristo, ainda que seja numa pequena passagem bíblica, é encontrar refúgio, renovação e esperança. A multiplicação dos pães e dos peixes narrada no Evangelho de Marcos (Mc 6, 34-44) confrontada, de maneira original e respeitosa, com os seus ensinamentos, nos proporcionou um exercício de fé, de acreditação em um mundo capaz de se refazer, se levantar e com isso, melhorar.

A experiência comparativa entre grandes mestres da Pedagogia conflui para um mesmo ponto, e apenas por esse motivo recolhem semelhanças, tanto Jesus Cristo como você, acreditaram nos homens. Dessa forma, vocês investiram na relação dialética do ensinar e aprender a ser, ser humilde, servir, agir e refletir, problematizar a realidade até sentir compaixão e transformá-la.

Sabe Freire, não tem sido fácil continuar construindo conhecimento junto aos estudantes. Por vezes nos sentimos limitados e impossibilitados de atender a todos, por uma série de fatores desiguais que os atingem. Sabemos que todo esse período trará prejuízos irreparáveis para a educação brasileira, sobretudo, para os injustiçados. Ao mesmo tempo, reconhecemos que a vida na escola reside no barulho e na comunicação estabelecida entre os seus sujeitos diariamente e, é isso que dá sentido à arte de educar.

Seus ensinamentos vivem conosco e estaremos, dia após dia, fazendo parte do grupo de profissionais da educação que levarão o seu legado para os mais diversos espaços educativos. Nós os mestrandos e doutorandos do Ensino das Ciências da UFRPE, finalizamos esta Carta, informando á você querido mestre, que aprendemos muito ao fazer algumas leituras de suas obras, pois até então tínhamos apenas algum conhecimento superficial de sua filosofia e proposta pedagógica. Muito obrigado pela oportunidade de aprender um pouco de seus ensinamentos.

— Nós, os mestrandos Ana Luiza P. de Souza, Matheus Freire, Silvana Gomes de Araújo, Viviane Maria da Silva, Maria José Avelino e Wilka do Nascimento Barbosa do programa de Pós-graduação em Educação

Profissional da UPE, estamos felizes pela oportunidade que nos foi dada pela Professora Marly Oliveira para estabelecer um contato com o senhor, visando lhe conhecer melhor como professor e ser humano, sensível aos problemas sociais em diferentes contextos.

Inspirada na Carta “Educação que não educa”, escrita por Maria Jessica Danielly de Lima fiz algumas reflexões e as divido com o senhor, que a denominei “Freire, na teoria e na prática”. Que grande exemplo, professor Freire! Seus ensinamentos são como uma bússola para guiar o professor a estabelecer uma relação dialógica, humanizadora dentro de uma perspectiva problematizadora que culmina no protagonismo dos discentes.

Apesar de suas obras serem tão divulgadas e reconhecidas até fora do nosso país, muitos professores ainda precisam lhe conhecer de forma mais profunda. Usar suas frases e pintá-las nos muros das escolas são gestos nobres, mas que não causam o efeito que o senhor em vida almejava, a transformação da realidade. Para isso, precisamos levá-lo no nosso discurso e principalmente na nossa prática. É necessário chegarmos cada vez mais perto dos nossos alunos, conhecermos sua realidade e desperta-los com uma intencionalidade transformadora.

Ah, querido Freire, aprendemos tantas coisas através de suas obras. Cada encontro com elas produz reflexões que nos levam a ser professores mais humanos, empáticos e preocupados com o social. Afinal, isso traz impactos diretos na vida de nossos alunos. Quero lhe agradecer por todo legado que nos deixou e dizer que junto a mim existem milhares de professores construindo uma educação justa e acolhedora, estamos unidos levando sua teoria e prática para dentro das escolas e universidades numa luta constante contra os que almejam uma educação tecnicista, fria e metódica.

Vivemos dias difíceis em nosso país, mas com garra e ousadia venceremos e a transformação do nosso contexto atual será o inédito viável que presenciaremos.

Luta e resistência!

— Caro professor Paulo Freire, ao digitar esta carta, quero lhe dizer o quanto é importante e valiosa são as suas obras e seus ensinamentos, para minha formação acadêmica.

Lendo uma carta também endereçada ao senhor com o título “Tem caroço no angu”, escrita por Adriana da Silva Maria Pereira, fiquei encantando com o que foi dito por esta autora através do relato sobre os obstáculos e situações causadas pela pandemia. Fiquei impressionado com a relação com seus ensinamentos e a realidade na qual nos encontramos e nela intervir para melhoria da qualidade de vida. Neste confronto a autora trabalhou com a hermenêutica privilegiando a dialogidade para compreensão esta realidade e nela intervir para melhoria da qualidade de vida.

Desta forma, não se limita o diálogo em situações específicas, pois de forma geral a relação que se estabelece é de sujeito a sujeito e sujeito e mundo. O reconhecimento de si enquanto o sujeito faz sua própria história, reconhecendo a palavra e analisa de forma compartilhada, e contribui para o desenvolvimento do eu coletivo.

Querido mestre, o senhor nos desvela o papel que exercemos na sociedade, o lugar que temos no mundo. Varre as falácias de quem diz que apenas a ganância do indivíduo fornece prosperidade e avanço através da concorrência e competitividade; revela-nos que nossa superação esmaga a estagnação pelo caminho dialético que inevitavelmente traçamos por nossa condição de humano.

Por isso, nesta carta, desejo enfatizar as sementes que você deixou para que atravessássemos décadas interpretando suas obras através da hermenêutica, e aplicando suas ideias em nossa prática cotidiana, transformando, como quem dá passos para um futuro melhor.

Querido professor Paulo Freire gostaria de registrar aqui a minha satisfação em poder partilhar desta leitura que nos remete a um pouco da história de vida e aprendizado que a professora Maria Marly de Oliveira viveu e compartilhou através de suas palavras. Ter a oportunidade de ler a história da professora é como poder viver um pouco aqueles momentos os quais fizeram parte da vida dela ao seu lado e senti-lo mais próximo de nós.

A maneira que ela expõe sua história nos emociona e nos leva a compreender um pouco mais sobre a generosidade do mestre em sala de aula e até mesmo fora dela, aprender com o mestre, poder estar ao seu lado certamente foi uma experiência ímpar na vida de qualquer pessoa e a maneira pela qual a professora relata sua experiência nos faz sentir o desejo de estar lá.

A leitura das cartas me oportunizou conhecê-lo melhor e despertou o sentimento de várias cartas que foram endereçadas ao senhor nos leva a buscar mais informações sobre sua história de vida e sobre sua história acadêmica, pois os depoimentos nestas cartas deixam claro como cada pessoa pôde crescer compartilhando seus ensinamentos, cujo legado nos impulsionou para sermos melhores com pessoa e profissional da educação.

— Saudoso mestre, sou professora de Educação de Jovens e Adultos na Prefeitura da Cidade de Recife e coordenadora pedagógica dos anos iniciais na mesma instituição, tenho 35 anos e nasci em 1985, ano em que findou a ditadura de nosso povo e foi reacendida a chama da democracia.

Estou em busca do meu título de mestre em Educação pela Universidade de Pernambuco através do PPGE/UPE, lugar que me forja enquanto educadora progressista e libertadora. Nesta Universidade conheci professores maravilhosos que fazem valer o seu legado e ensinamentos filosóficos, o que muito tem me ensinado sobre a importância de conhecer a fundo sua literatura e aplicá-la no chão da escola.

Tenho conhecido professoras verdadeiras guerreiras, que em muito me influenciaram, e me fazer lembrar que Paulo Freire vive e mais do que nunca deve fazer parte de nossa práxis pedagógica e está presente nos nossos discursos, que já não deve se diferenciar da nossa prática docente.

O Brasil já passou por muitos problemas, mas nesse momento especificamente, sobretudo na educação, nunca tivemos tanto retrocesso. São cortes nos investimentos em educação pública, sem reconhecimento salarial e de cargos e carreira, pandemia e aulas remotas sem apoio de políticas públicas eficazes que estão comprometendo drasticamente o futuro da nação na próxima década.

Voltamos a extrema pobreza e em cada 10 famílias 4 estão com sua segurança alimentar ameaçada, segundo dados UNICEF 2020. Os jovens e adultos estão pensando em desistir dos estudos, pois muitos/muitas são chefes de família e não tem apoio financeiro para seguirem com seus estudos, nessa situação a última coisa na qual pensam é em estudar, pois a fome é urgente e não pode esperar. Enquanto isso, temos um presidente genocida que discursa ódio e espalha notícias falsas a respeito do vírus mortal que nos ronda.

Os tempos são sombrios e mais que nunca necessitamos beber na sua fonte de conhecimento e ousadia. Com professores conhecedores da sua causa e ao legitimá-la sem dúvida nos tornaremos uma categoria mais forte e aguerrida. Fazer com que o aluno compreenda que ele é protagonista do processo de construção do conhecimento e que a palavra *autonomia* deve ser o mesmo que ter as rédeas da sua própria vida coloca o sujeito na posição de autoridade.

Essa liberdade mais que necessária deve voltar ao debate entre nós professores que estamos um pouco esquecidos que a revolução se faz dentro da sala de aula. Mesmo que o momento seja de salas virtuais antes jamais inimagináveis ainda podemos nos reunir e provocar aqueles que pensam que adormecemos.

Querido Mestre, seus ensinamentos não adormeceram, eles estão presentes em cada professor e aluno oprimido desse país, em cada brasileiro que perdeu sua vida devido a negligência com a vida por falta de vacina, isso nós não vamos esquecer e para seguirmos com o ideal utópico de uma educação progressista e libertadora levaremos para a sala de aula a reflexão do seu legado que sempre é atual e que muito o Brasil precisa para se libertar das garras do passarinheiro que insiste em nos matar, a gente combinou de não desistir e ser resistência!

— Querido mestre tenho a alegria de aqui partilhar o quanto está sendo gratificante imergir na tua pedagogia amorosa, dialógica e reflexiva. Esta contribuição intitulada de “Presença emancipada no mundo”. Em meados de 2021, tive a oportunidade de mergulhar mais profundamente em teu legado maravilhoso, quando fui convidada a parti par na construção de uma Carta coletiva em parceria com colegas da UPE e UFRPE. E foi assim, que passei por um processo de transformação no pensar e agir, quebrando paradigmas e saboreando uma transformação libertadora.

É verdade que o estudar abre caminhos para uma vida mais consciente e humanizada como um divisor de águas, uma marcha para a compreensão da realidade através da linguagem como nos ensina a hermenêutica e ações complexas sem dicotomização, em reação a opressão, muitas vezes vivida sem assim perceber. Estou feliz com esta produção, pois aprendi, mesmo quase

tardiamente sobre a diversidade de saberes, a construção conjunta da ação libertadora, da capacidade de transformar o mundo pela concretude e amorosidade. Entendi também, que é preciso contemplar as bonitezas deste mundo complexo e reinventar nossas práticas a cada dia, com ou sem pandemia, em qualquer contexto em que estejamos inseridos.

Quero registrar a minha alegria e emoção ao participar desses escritos, dando mais um passo libertador em minha andarilhagem nesta vida. Assim como sua presença no mundo marcou a vida de muitos, transformou a minha também. Hoje sou melhor e maior no sentido mais humano da palavra. Gratidão é o gesto mais belo que hora posso expressar à Deus, ao querido professor Paulo Freire *in memoriam*, e também a professora Marly Oliveira, por todo aprendizado e oportunidades revolucionárias que nos presenteou em suas aulas. E agora, em conjunto vamos ecoar um grito libertário: “Viva nosso Patrono da Educação e Viva o seu centenário.”

Como diz a canção, Paulo Freire, morre NÃO!

Recife (PE), junho de 2021

Referências

BELJU, S. M. X. Aprender é uma aventura criadora. *In*: SOUSA, M. C (Org.). **Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperar**. Campina Grande: EDUEPB, 2021, p. 212-220.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar, 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**. Tracos fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15.ed. Petropolis-RJ: Vozes, 1960.

GEREMIAS, B. M. Sobre ousadias docentes. *In*: SOUSA, M. C (Org.). **Cartas**

a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperarçar. Campina Grande: EDUEPB, 2021, p. 174-182.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Paris: Esf, 1992.

SANTOS, M. J. A dialogicidade no pensamento de Paulo Freire e de Hans Georg Gadamer e implicações na cultura escolar brasileira. **Cadernos do PET filosofia**, v. 5, n. 10, p. 1-11, 2014.

SILVA, D. E., JÚNIOR, J. L. C. Paulo Freire e a pedagogia de Jesus. *In*: SOUSA, M. C (Org.). **Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperarçar.** Campina Grande: EDUEPB, 2021. p. 269 - 276.

Pelos caminhos da América que foi buscar o amanhã

Charles Amorim de Mendonça¹

“Quando a educação não liberta, o sonho do Oprimido é ser opressor”

Caro Amigo e Irmão Paulo Freire,

Saudações deste Povo Ameríndio que Clama por Libertação.

Meu irmão, depois de sua partida, que tem nos deixado muita saudade, muitos companheiros de luta nos deixaram também, homens e mulheres que estão nos fazendo muita falta; nessa caminhada pela Libertação. Como é triste lhe falar; muitos tiveram suas vidas ceifadas por opressores que querem continuar oprimindo e massacrando o nosso povo, que hoje está sendo assolado por uma pandemia causada pelo vírus *Sars Cov 2*, que tem deixado o mundo em alerta, e modificado nossas vidas e os nossos costumes. Perdemos entes queridos e nem conseguimos nos despedir como queríamos. Meu amigo, temos opressores que não desejam ver pessoas libertas, homens e mulheres pensantes e que refletem sua existência e permanência na terra, que não vieram aqui para serem coadjuvantes de suas histórias e sim autores. Companheiros que mobilizaram forças vivas na luta contra todos os sistemas de opressão.

¹ Mineiro, filho de pais semianalfabetos, aluno de escola pública e ex-frade Marista. Hoje sou professor formado em Teologia e Filosofia e discente no curso de Pedagogia e aspirante ao Mestrado em Ciências da Religião.

A sua vida e luta, como os seus escritos, Paulo, resplandecem qual traço de luz, e nos apontam para os horizontes da liberdade e da solidariedade, em contraste com o que é caracterizado como a “opressão”. Esta define a situação da humanidade que se vê envolvida, senão algemada por sistemas dominadores, quase sempre rubricados como da direita ou da esquerda. Na verdade, esses monstros frios eram e são surtos de egocentrismo concentrado, vindo de todo lado da perversidade e da corrupção de uma civilização em crise de humanidade, falta mais empatia pelo outro. Por isso, quando vemos pessoas que assumem tal luta, são perseguidos e oprimidos por um sistema opressor. São violentamente perseguidos e difamados, quando não são mortos de forma cruenta e viril.

Um dos últimos a nos deixar foi Dom Pedro Casaldáliga, aquele que fez de sua vida uma opção pelos pobres morando às margens do rio Araguaia no Estado do Mato Grosso do Sul, uma região com um alto grau de analfabetismo, e marginalização social e concentração fundiária, onde eram comuns os assassinatos. A violência e a opressão reinavam. Me faz lembrar de seus relatos, quando ele nos contava do seu primeiro dia no local, encontrou quatro bebês mortos deixados em caixas de sapato diante de sua casa para serem sepultados.

Assim, muitas vezes, sem vinho e hóstia, precisava improvisar as missas com cachaça e bolacha, nos lembrando o texto de Teilhard Chardin “A missa no altar do mundo” Escrito em 1923, em que, na ausência das espécies, ofertava a sua própria vida. Quanta luta este homem passou para ajudar o seu povo a serem pessoas libertas e a saírem do regime da opressão. Era bonito ver como ele deu a sua vida pelos seus, como ele queria seu povo liberto, assim como você, meu amigo, você o inspirou no exercício do ministério, quando falava de libertação e quando lutou para que seu povo fosse alfabetizado e implantou os círculos de cultura e os círculos bíblicos em sua diocese. Esta realidade sofrida deste nosso povo nos recorda a triste canção *Pelos Caminhos da América*, do nosso amigo Zé Vicente, que narra os caminhos desta Latino América, oprimida pelos seus algozes, esta América Latina que você tanto amou. E que verá sua vitória conquistada através dos conhecimentos e da educação libertadora.

O conhecimento é aquele grande tesouro relatado pelos evangelistas, pois ele nos liberta. Como Cristo desejou para os seus seguidores homens

e mulheres livres e libertos. Sem nenhum regime de opressão. Segue um trecho que nos faz lembrar da nossa história de tantas lutas, de tantas cruzes que beiram as nossas estradas da vida.

*Pelos caminhos da América,
Pelos caminhos da América,
Pelos caminhos da América,
Latino América.*

*Pelos caminhos da América há tanta dor, tanto pranto,
Nuvens, mistérios, encantos que envolvem nosso caminhar.
Há cruzes beirando a estrada, pedras manchadas de sangue,
Apontando como setas, que a liberdade é pra lá.*

*Pelos caminhos da América há monumentos sem rosto
Heróis pintados, mau gosto, livros de história sem cor
Caveiras de ditadores, soldados tristes, calados,
Com os olhos esbugalhados, vendo avançar o amor.*

*Pelos caminhos da América há mães gritando, qual loucas,
Antes que fiquem tão roucas, digam onde acharão,
Seus filhos mortos, levados na noite da tirania,
Mesmo que matem o dia, elas jamais calarão.*

*Pelos caminhos da América, no centro do continente,
Marcham punhados de gente, com a vitória da mão.
Nos mandam sonhos, cantigas, em nome da liberdade,
Com o fuzil da verdade, combatem firme o dragão.*

*Pelos caminhos da América, bandeiras de um novo tempo,
Vão semeando, ao vento, frases teimosas de paz.
Lá na mais alta montanha, há um pau d'arco florido,
Um guerrilheiro ferido, que foi buscar o amanhã.*

*Pelos caminhos da América há um índio tocando flauta,
Recusando a velha pauta, que o sistema lhe impôs.
No violão um menino e um negro tocam tambores,
Há sobre a mesa umas flores, pra festa que vem depois.”*

Este povo que se encontra escravizado e clama por Libertação. Caro amigo, depois de sua partida, tivemos muitas perseguições e acusações, somos chamados de comunistas e agitadores por sonhamos com um mundo melhor, como Cristo quis, um mundo sem exploração, onde se tenha melhor distribuição de renda. Lembra, meu amigo, quando Dom Helder recitou ao mundo e nos emocionou com o seu famoso Mariama que dizia:

...basta de uns com empresas se derramando pelo mundo todo e milhões sem um canto onde ganhar o pão de cada dia. Mariama, Senhora Nossa, Mãe querida, nem precisa ir tão longe, como no teu hino. Nem precisa que os ricos saiam de mãos vazias e os pobres de mãos cheias. Nem pobre nem rico. Nada de escravo de hoje ser senhor de escravo de amanhã. Basta de escravos. Um mundo sem senhor e sem escravos. Um mundo de irmãos. De irmãos não só de nome e de mentira. De irmãos de verdade, Mariama. (Texto; MISSA DOS QUILOMBOS, D. Helder Câmara, INVOCAÇÃO À MARIAMA, 1981)

Onde o homem Seja Mais, e Tenha Vida com Dignidade, como está no Evangelho, Vida e Vida com Dignidade que não fiquemos em palavras. É preciso acertar o passo de hoje e ser diferente. Como Santo Irineu de Lion no ano 180 d.C. falava que a Maior glória de Deus é o Ser humano Vivo, e este vivo quer dizer repleto, pleno de dignidade, com educação de qualidade, saúde e saneamento, com todos seus direitos. Meu irmão, a grande linha divisória tem sido a educação, ela é usurpada e ativada pelos opressores como instrumento de suas ambições ilimitadas de concentrar dinheiro e poder. A educação tornou-se massa de manobra política.

Precisamos de mais forças para ajudarmos neste caminho de plena vida, em que a pedagogia como ação libertadora seja viva e eficaz. Precisamos de mais círculos de cultura e de círculos Bíblicos que provoquem debates geradores de vida em torno da palavra. Precisamos de mais momentos como aquele em que nos ajudou em sua assessoria no CELAM (Conferencia Episcopal Latino

Americana e Caribe) em Medellín, em que saímos entusiasmados por uma educação e uma catequese libertadora, onde a igreja na América latina ratificou suas opções por uma catequese e pedagogia libertadora e o homem não continue sendo coadjuvante de sua história, mas sim Protagonista desta ação que Liberta.

O conhecimento nos liberta de todas as correntes de opressão e queremos continuar livres, podendo contribuir para que mais homens e mulheres sejam libertos de toda opressão que os impede de lutar. Jesus Cristo a quem nós seguimos, nos incomoda, por meio do seu evangelho, a lutarmos pela vida e pela liberdade, para que não falte pão e educação para ninguém, onde estes agentes de libertação, que são tão esquecidos pelos poderes públicos não tenham seus direitos renegados e sejam enfim valorizados pelo trabalho que desempenham. Na base e na inspiração deles todos, há um humanismo da generosidade e da exigência, eles apostam nos seres humanos, apoiando-se no que tem de melhor, a capacidade de acolher os valores mais elevados e a disposição de se empenhar e até de lutar por essa única causa digna de todo louvor. No entanto, eles se veem e veem cada homem sujeito a não se acomodar, a não crer em nada que enalteça e exija o dom da vida, esse dom que se recebe de graça e que se pode e que se deve tornar uma doação gratuita. Paulo aposta no ser humano tal qual ele é, educável, amável e solidário capaz de se realizar, em uma experiência original de erros e acertos, homem em constante processo de construção e reconstrução.

A pedagogia libertadora se elabora em doutrina, mas nada tem de um sistema arquitetado, gerado em gabinete é feito por intelectuais para intelectuais, assim ela vai crescendo, se afirmando e se confirmando na vida das pessoas, por que ela toca vidas e se deixa tocar por elas, é algo prático, ela se importa com a vida mais do que com os resultados e com as análises cuidadosas das experiências de ensino.

Esse contexto faz-me lembrar que, diferente dos métodos fabricados pelos intelectuais nos gabinetes, surge e, diríamos, resplandece o seu método libertador e a sua busca por palavras e por temas geradores que dê sentido e rumo na vida daqueles que serão alfabetizados, que, despertando a sua curiosidade pelo conhecimento seu método é inquietante e inquieta a pessoa. Ele desperta

fome de saber, e nos dá forças para lutar pelos nossos direitos, lá onde eles nos são negados.

Sem dúvida, para realizar este processo de iniciação da alfabetização e da leitura de mundo das pessoas, o método começa por entrar pela leitura das palavras que dão sentido à existência das pessoas. Dessa forma, seguindo toda a lógica e na linha da práxis constante, você nos fez enxergar um método libertador. Como me emociona ouvir o relato da alfabetização dos candangos na construção de Brasília, em que as palavras geradoras deveriam jorrar do tijolo, da mão dos pedreiros das forças humanas, como a água do São Francisco jorra, de mansinho, quase invisível, da serra da Canastra aqui nas Minas Gerais, publicado no jornal Brasil Urgente em 1963. O tijolo, essa primeira palavra geradora e libertadora, fora escolhida por eles como as outras que proclamam temas de libertação. O saber ler brota do saber viver e do saber trabalhar. Estava lá escondida, esperando o seu toque, para brotar e inundar Brasília e o Brasil. A palavra e a imagem do tijolo se decompõem e recompõem como em uma dança circular e tomam forma de sílabas, em consoantes e vogais e formam outras palavras, viram frases e tocam vidas e começam a ser mexidas e remexidas, tornando-se fecundas em novas palavras e novas imagens, sempre dão vida ao analfabeto que brinca com as letras e vira escritor autobiográfico assim é como semear em terra fértil. Meu irmão, quantas saudades deste semeador que é você, que saiu por aí semeando palavras de vida. Precisamos de esperança, do verbo esperar, de homens como você, que é para nós como um farol a nos iluminar.

A mágica se deu a partir da descoberta e da curiosidade, resultando, em um primeiro contato, em que todos se divertem com palavra ti-jo-lo, que os ajudantes educadores ajudam a fragmentar a palavra em sílabas ta, te, ti, to, tu, acompanhando ja, je, ji, jo, ju, chegando ao la, le, li, lo, lu. Após a discussão para a formação da palavra geradora tijolo, os participantes foram estimulados no jogo de combinações das famílias silábicas do ti, do jô e do lo. Imediatamente, um dos participantes, demonstrando já ter compreendido o mecanismo da leitura, juntou as sílabas e formou, numa linguagem bem popular, a frase: “Tu já lê” (“Tu já lê!”). Imagino compartilhar desta alegria contigo, meu amigo, você não sabe como este método tem feito bem na vida de muitas pessoas e como nós educadores temos tido alegrias ao ver mais e

mais pessoas alfabetizadas. Como foi bonito ouvir em uma entrevista que o fenômeno do tijolo “mágico” dos candangos, quando eles saíram escrevendo pelas ruas de Brasília a palavra TIJOLO.

A magia pedagógica é salvadora, está na dupla leitura conexa: o sentido das palavras aprendidas é associado à realidade sofrida da vida e do trabalho essa palavra se torna viva e provoca vida, na vida das pessoas. Visa-se formar pessoas com valores humanos e evangélicos no comprometimento de construir uma sociedade mais igualitária e fraterna, uma sociedade incansável na busca por direitos para todos. Meu amigo, mártir da educação, me despeço pedindo que rogue a Deus nosso Pai, que nos envie mais operários e operárias comprometidos na construção do saber que liberta e gera vida e nos tira dos braços do opressor, para que sejamos livres e agentes de libertação. Para, dessa forma construirmos uma terra de iguais.

Paulo Freire! Presente!

América Latina, junho de 2021

En la búsqueda de la paz, la justicia y el valor de la vida

Daniel Matul Morales¹

Querido hermano Pablo Freire, al cumplir tu primer centenario de vida, te escribo desde el corazón de la cultura Maya, recordando tu centellante personalidad de amor y tu inmenso espíritu de pregunta.

Como si hubieras presenciado la creación de la humanidad, narrada por nuestros antepasados, en las páginas de nuestro libro sagrado *Pop Wuj*², cuando los dioses mitológicos enunciaron; “Así es que luchemos para hacer al grande, al averiguador, al buscador de la existencia -dijeron- “efectivamente, tu vida ha sido consagrada a la indagación de la poética humana como fuente de conocimiento”.

En extremo, Maestro Freire, inauguraste un nuevo camino de aprendizaje privilegiando su función estético-comunicativa, al tiempo de destacar filosofía, ética, arte, espiritualidad, educación, naturaleza, contribuyendo así, a la emergencia de conocimiento contextual nutrido por sensibilidades en

1 Guatemalteco, es de nacionalidad *Maya-kiché* y originario de Quetzaltenango donde vive. Es Licenciado en Ciencias Jurídicas y Sociales, tiene Doctorado en Educación, ha publicado artículos y entrevistas en periódicos y revistas de América Latina sobre cultura Maya y fue el creador y líder intelectual de un proceso de descolonización del pensamiento entre nacionalidades Maya. Su trabajo ha sido recogido en múltiples antologías. Hoy, es el Presidente de Liga Maya, institución que articula las etnias Maya en Guatemala.

2 *Pop Wuj*. Poema Mito-histórico Ki-che. Traducción directa del Manuscrito por: Adrián I. Chávez. IV “Congreso Internacional sobre el *Pop Wuj*”. Editorial Centro de Estudios Mayas -Timach- Quetzaltenango, Guatemala, 2007.

propósito de edificar un ser humano culto en la cultura del otro, completamente libre para obrar según su propia voluntad, a lo largo de su vida.

Como muy bien lo sabes, querido Pablo, desde los antiguos tiempos nuestra cultura Maya, resolvió su “núcleo problemático” acerca de la naturaleza de la realidad: ¿qué es la vida?, ¿qué es el universo?, ¿cómo se comporta el tiempo?, ¿qué relaciones concurren en la conformación cosmos-naturaleza-tierra-espíritu-humanidad-acontecimientos siderales?, ¿cuál es el deber de la humanidad?; desplegando, en la cumbre de su sensibilidad, emociones, pasiones y vibraciones por el deleite de la existencia. Fue así, como nuestro sentido de vida se afianzo en la trayectoria del maíz, conjugando arte y ciencia en relación con el universo. Por este camino, desde milenios construimos nuestras historias, imaginamos nuestro porvenir y esperanza. Acontecimientos que narramos, incansablemente, a las hermanas culturas del planeta y los mostramos a quienes desean conocer la cultura mesoamericana.

Nuestros antepasados resolvían su problemas económicos, sociales y culturales, tomando sus decisiones con sus propios sentimientos, pensamientos, dignidad y contexto, siempre en la búsqueda de la paz, la justicia y el valor de la vida. Los sinsabores acamparon en nuestros territorios cuando se produjo la invasión europea en 1492, la intensidad de la violencia física, para garantizar el saqueo, la explotación humana y de nuestras riquezas naturales, convirtió a nuestros territorios en cuarteles gigantescos, su dominio no solamente se ejerce por la vía militar. También sojuzga social, política, espiritual y culturalmente, hasta nuestros días.

Es la violencia por el dominio del espacio territorial, por la imposición de formas de conducta y maneras de ser, por la imposición de condiciones de pensamiento ajenas a las cosmovisiones de los pueblos acometidos. Una vez asumido su modus operandi de ocupación, al Estado, no le interesa la vocación espiritual y política de nuestros pueblos y naciones. Desde entonces, estado y derecho no corresponden a una experiencia históricamente determinada. Junto a ello, nos estigmatizaron paganos adoradores del diablo y, bajo la amenaza de eterna condena al infierno, obligaron a la renuncia de nuestras espiritualidades. A partir de ese momento, todos los saberes milenarios de Mesoamérica, que configuran nuestra imagen de realidad, pasaron a ser supersticiones, creencias, primitivismos, costumbres, ocultismos, arcaísmos.

Inaugurada la violencia epistémica, el modelo impuesto profundizó en odio, incompreensión, en la destrucción del pensamiento totalizador, holográfico, ecológico, milenariamente sustentado. Hoy, querido hermano Pablo, en el Siglo XXI y en el cambio de época que ahora vivimos en todo el planeta, superar el dolor y el sufrimiento constituye nuestra primordial responsabilidad. Una segunda responsabilidad, probablemente, tenga que ver con la humanización de nuestras relaciones sociales-políticas, como es el retorno a nuestras sociedades multiétnicas, multilingües y pluriculturales para dar origen a una nueva sociedad, como tú hermano, has anhelado.

Presente tenemos que, alguna vez, pronunciaste con firmeza: aceptar y respetar la diferencia es una de esas virtudes sin las cuales la escucha no se puede dar, lo cual imprime nuestras prácticas educativas en la contemporaneidad Maya, siempre reconociendo como tú, la responsabilidad que ellas nos exigen. Persistentemente, has sido un convencido que el deber de luchar no sería respetado, sin el respeto a la dignidad del otro, nadie respetara la lucha, si no somos tratados con dignidad y decencia.

Justamente, cuando en Mesoamérica, a finales de la década de los sesenta y principios de los setenta, del siglo pasado, empezamos a conocer tu pensamiento, supimos con claridad, que, probablemente por alguna sincronía cósmica nos encontrábamos interconectados en ese vivir despierto con todo el cuerpo, con toda la mente y con todo el corazón que vislumbramos en el fondo de tus escritos.

Maestro Pablo, tanto tu pensamiento, filosofía y pedagogía, como el alma Maya, han abierto ventanas al cosmos para comprender el funcionamiento de la belleza, auscultar los misterios de la subjetividad, indagar por el espíritu del oprimido y sus diversas formas de liberación. No es para menos, el cultivo del diálogo colectivo viene siendo expediente formidable para ampliar la capacidad de crear nuevos universos donde quiera que estemos, la comunidad se enriquece recibiendo de cada quién, elocuencia de sentimientos saludables destinados al mejoramiento de vida, sin tribulación por lo restringido y fuera de las angustias que ocasiona el conocimiento compartimentado. Antes bien, hablamos de discernimientos reticulares, interactivos y emergentes. Es esta conciencia ecológica profunda, la que nos relaciona con el faro luminoso de tu pensamiento, hasta comprender cultura y naturaleza como hilos de una

misma trama, advertida solamente cuando vivenciamos la complejidad de la mirada, cuyo espíritu tonifica la socialización de la persona, la formación de la personalidad y la educación contemplativa, creativa e interactiva, dedicando notable atención a la experiencia de sentir, al hábito de volver a la postura original de seres humanos relacionados con el caos-orden del universo -vegetal, animal, mineral y celeste.

En este sentido, Admirado Maestro Pablo Freire, oriundo de Recife, Brasil, hijo de Joaquín Temístocles Freire y Edeltrudes Neves Freire, e inconfundible fruto de los oprimidos de *Abya Yala*, al conmemorar el centenario de tu nacimiento, con intensidad espiritual, te expresamos nuestra gratitud por contribuir a la emergencia de una inédita pedagogía, dispuesta a ampliar el talento humano de los explotados y olvidados del continente, en perspectiva de su auténtica liberación; con capacidad de amar, regocijo, relación con los otros, crecimiento colectivo, aprendizaje grupal, y coraje para enfrentar la soberbia del invasor.

No podemos olvidar, aun en la complejidad del neoliberalismo y la globalización, que tu filosofía robustece nuestras luchas libertarias, y nos alienta en la construcción de campos de conocimiento respetuosos de la vida y conscientes del valor espiritual de la naturaleza. Recibe en esta memorable fecha de tu nacimiento, querido hermano Pablo Freire, nuestro abrazo espiritual, con la fraternidad del maíz, el aroma de nuestras flores y el magma de nuestros volcanes.

Sinceramente,

Quetzaltenango (Guatemala), junio de 2021

Boniteza

Jó Oliveira



Por uma Epistemologia do A(fé)to

Flor (Du Meinberg Maranhão)¹

AMAR (Associação Internacional de Estudos de Afetos e Religiões) e FOGO Editorial²

Sensível amigo Paulinho,

Antes de tudo gostaríamos de te louvar, honrar, saudar e agradecer por seus luminosos escritos. Neste ano de seu centenário relembramos a canção *Alucinação*, de Belchior, especialmente o trecho alusivo ao nosso sentimento atual de que “amar e mudar as coisas nos interessam mais”, e mais especificamente, que “amar e impeachment” é o que o Brasil mais necessita no momento.

Não sabemos se você tem acompanhado todos os acontecimentos recentes aqui no país desde que Jair Messias Bolsonaro foi eleito à Presidência da República em 2018. Foram ataques sistemáticos à educação - ele até sugere que você não deva ser considerado mais o Patrono da Educação brasileira, acredita? -, foram dezenas de informações falsas (as famosas “fake news”) distribuídas desde a campanha deste à presidência, foram escândalos

1 Flor (Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho) é uma pessoa não binária que pesquisa sobre as re(l)ações entre religiões, gêneros e a(fé)tos. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), Flor faz parte do Conselho Diretor da AMAR e da Coordenação Científica da FOGO. Academia.edu: <https://independent.academia.edu/DuMeinbergMaranhão> Contato: edumeinberg@gmail.com

2 A FOGO e a AMAR são, respectivamente, uma editora e uma associação internacionais com enfoque nas relações entre a(fé)to e religião, diversidades e educação. Mais informações no portal www.amarfogo.com e nas redes sociais @amarfogo (Instagram), @amarfogoeditorial (Página de Facebook), e @perfilamarfogo (Perfil de Facebook).

diversos, uma política econômica desastrosa que levou ao desemprego em massa e retorno de altíssima inflação...

E enfim, até o dia que encaminhamos esta carta a você (junho de 2021), mais de meio milhão de vidas foram perdidas pela pandemia de COVID-19 no Brasil, graças à condução negligente e irresponsável do atual governo. Um verdadeiro genocídio.

Em outras cartas que a Associação Internacional de Estudos de Afetos e Religiões (AMAR) e a FOGO Editorial assinaram, as *Cartas da AMAR* (publicadas em nosso sítio), pedimos o *impeachment* de Bolsonaro, crendo que “somente com o definitivo afastamento da chapa eleita à Presidência (Capitão Bolsonaro/General Mourão) avistaremos um horizonte mais alvissareiro. Uma solução é eleger uma junta governativa com a tarefa de organizar as próximas eleições com a celeridade necessária e elegermos uma nova chapa, realmente representativa e com a sensibilidade, empatia e firmeza condizentes com o momento que atravessamos”. Comentamos ainda que “caso isso não aconteça, o número de mortes, o desemprego, a inflação, a fome e o sofrimento só aumentarão – e nosso país não pode continuar sendo vitimado pelo descaso, falta de planejamento e organização, negligência, negacionismo e obscurantismo reinantes”.

Pois é, amado irmão Paulo. Como teria sido melhor se nas últimas eleições tivesse sido eleito um professor. Mas infelizmente não foi. Foi escolhido - democraticamente - um ex deputado federal que em 27 anos de mandato não aprovou mais de 2 projetos de lei.

Menino, dá vontade de perguntar se a gente vai conseguir caminhar da teoria à prática de uma educação democrática, libertadora, laica, emancipatória neste atual contexto brasileiro. Estamos infelizmente sob a égide de tempos *terrivelmente bolsonaristas*, mas ainda mantemos a esperança e o amor. Precisamos né, Paulo? Precisamos continuar crendo e atuando em prol de uma educação revolucionariamente amorosa e emancipatória - em outros termos, procurando *amar e mudar as coisas*.

Ai, ai, Paulo... mas será possível imaginar que o governo federal valorize uma educação voltada às diversidades e que ensine as pessoas discentes a refletirem e questionarem acerca de seus contextos, quando um dos alvos ideológicos do governo foi justamente você.... nosso Patrono da Educação Brasileira?

Quando Bolsonaro interpelou nosso patrono (você) de “energúmeno”, foi crítico do seu método de alfabetização desenvolvido - que é tão bonito, sensível e amoroso!-, se posicionou contra sua influência pedagógica nas escolas públicas brasileiras...

Mas sabemos que o título que lhe foi conferido em 2012, após aprovação de projeto de lei é justíssimo. Bolsonaro está rodeado de gente chata, Paulo (para não dizer outras coisas, né?). Por exemplo, a deputada federal catari-nense Caroline de Toni (PSL) protocolou em 29 de abril de 2019 um PL que retiraria seu título. E pasme... justificou no projeto que você “preocupou-se tão somente em discutir formação política e relegou a segundo plano os verdadeiros desafios da educação”. Menino, ela não sabe é NADA.

Sabemos que para ti a educação não se dissocia de sua dimensão cultural e política; e a justificativa da deputada demonstra a valorização que alguns segmentos da sociedade dão a uma educação que “deposite conteúdos” na mente de discentes ao invés de ensiná-les a aprender, a questionarem e se posicionarem criticamente no mundo, encontrando ressonância no movimento ideológico denominado Escola Sem Partido (ESP). E não vale nem a pena comentar agora sobre este movimento doutrinário tacanho e desamoroso...

Perdoe o desabafo, amore! Sei que o que importa é que, “eles passarão e nós passarinho”!, e que “apesar deles, amanhã há de ser outro dia!”. E temos em mente suas lições de sensível amorosidade.

Não esqueceremos de sua atuação tão apaixonada e apaixonante no processo de emancipação crítica de docentes brasileiros e estrangeiros a partir de um “método ativo, dialogal, crítico, criticizador e participante”. Você sempre explicava que a educação se situava na encruzilhada entre *domesticar* - instigar a obedecer, e *emancipar* - libertar criticamente o pensamento preparando-o para a ação, igualmente libertadora.

O atual governo prega a primeira alternativa, mas a gente escolhe a segunda... *mudando as coisas para amar, amando para mudar as coisas* e acreditando que a educação emancipatória é o que permite estes movimentos! E escrevi alguns textos sobre educação e Direitos Humanos comentando assuntos relacionados, né... inclusive no contexto do atual governo federal, com nossa amiga Clarissa.

Por aqui ainda acreditamos em uma Economia do Cuidado e em uma Educa-ação fundamentada no que podemos chamar de *Epistemologia do A(fé)to* (falo disso em alguns textos). Quem acompanha a FOGO Editorial e a AMAR sabe que costumamos grafar a palavra afeto da seguinte forma: com o termo “fé” entre o “a” e o “to”, ou seja, ao redor da palavra “fé” está a palavra “ato”... indicando a mistura de “crença” e de “ação”. Amor, A(fé)to, fé, ato, ato de fé, ação de crer, ação de acreditar, crença na ação, na eficiência e eficácia da ação. A(fé)to, então, denota afetividade e também ação - ou afetividade *em* ação.

Fé+ato: afeto / Ato+fé: afeto... e vamos sintonizando questões cognitivas e afetivas. Vamos pensando uma ação educativamente amorosa / amorosamente educativa relacionada à inclusão. E como se dá esse processo educativo e amoroso de ensino-aprendizagem (troca)? Primeiro, e você sabe tão bem, né, querido... é se dispor a abdicar de bagagens que não nos servem mais, e estar abertos à novidade, à alteridades, à empatia...

O AFETO, no sentido da *afetividade* mesmo - ah!, e poderíamos pensar em uma miríade de sentidos relacionados a contribuições da Antropologia, da Sociologia, da História, da Psicologia e de tantas áreas, mas nesta cartinha vamos pensar no sentido da afetividade mesmo, tá bom?, por que sim, poderíamos pensar o termo afeto como afecção, impacto, e também sob a ótica de pesquisadoras como Jeanne Favret-Saada - mas conversamos sobre isso em outra doce oportunidade.

Mas o afeto enquanto afetividade, vai passando pela importância de se pensar as emoções e sentimentos na construção das relações humanas democráticas, na construção de uma educação verdadeiramente inclusiva e emancipatória, no desenvolvimento das capacidades cognitivas e sensíveis (nossas e de todo mundo)... E saber da importância do afeto nos lembra da urgência de educar (e nos educar) ao amor.

As re(l)ações entre conhecimento e a(fé)to são indissociáveis. Não é possível separar inteligência e afeto na experiência concreta das pessoas. Então, de algum modo, é necessário pensarmos em uma inteligência afetiva e afetiva e em uma afetividade inteligente - na imbricação entre o que é considerado pedagogicamente “cognitivo” e “afetivo” - como se estas coisas fossem realmente separadas, e não são necessariamente (ou pelo menos não em relação ao presente texto).

É pensar epistemologicamente e concretamente o afeto. E Patroninho!
Sua educa-ção emancipatória é tão a Epistemologia do A(fé)to né?

Por isso te saudamos. E louvamos a fé no ato (de amar)! Isso é amar e mudar as coisas... Mudar as coisas para amar. Amar para mudar as coisas... pois amar e mudar as coisas É amar, e amar É mudar as coisas.

E neste movimento, é necessário governos nada bancários e nada autoritários... mas sim, inclusivos e que estimulem uma poética Educação acolhedora.

Amorosamente,
Ilha da Magia (SC), 19 de junho de 2021.

Referências

Carta da AMAR pelo impeachment do presidente Jair Bolsonaro (11 de fevereiro de 2021). Cartas da AMAR. Disponível em: www.amarfogo.com/amar/cartas. Acesso em: 19 jun. 2021.

Simpósio Internacional Amar e Mudar as Coisas. Disponível em: www.amarfogo.com. Acesso em: 19 jun. 2021.

FRANCO, Clarissa de; MARANHÃO F^o, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Não metam gênero na nossa religião! Educação em disputa nos movimentos “Escola Sem Partido” e “Con Mis Hijos No Te Metas”. **REVER**. São Paulo, v. 20, n. 2, 2020.

FRANCO, Clarissa de; MARANHÃO F^o, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Um Estado “terrivelmente cristão” e privatizador: A opressão à Educação em Direitos Humanos no Governo Bolsonaro. *Revista de Estudos Teológicos - EST*, 60, 1, p. 134-155, 2020.

FRANCO, Clarissa de; MARANHÃO F^o, Eduardo Meinberg de Albuquerque. A teocratização, privatização e militarização no Governo Bolsonaro: Perspectivas antidemocráticas e contrárias à educação. **Mandrágora**, v.26, n. 1, 2020, p.

203-224.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 25ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

Lembrar para não repetir: Ditadura nunca mais! (Primeiro de abril de 2021). **Cartas da AMAR**. Disponível em: www.amarfogo.com/amar/cartas. Acesso em: 19 jun. 2021.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Amar e Mudar as Coisas no Arco Íris de Euá: A(fé)to, Sagrado Não Binário e Teologia Queer de Orixá. Texto no prelo.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. É possível amar e mudar as coisas? o Ensino Religioso entre Bolsonaro e Paulo Freire. Texto no prelo.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque; COELHO, Fernanda Marina Feitosa; DIAS, Tainah Biela. “Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional”. **Correlatio**, v. 17, n. 2, p. 65-90, 2018.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque; FRANCO, Clarissa de. “Menino veste azul e menina, rosa”: Educação Domiciliar e as ideologias de gênero e gênese de Damares Alves, a “ministra terrivelmente cristã” dos Direitos Humanos. **RBHR**, n. 35, 2019, p. 297-337.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. O navio negreiro do racismo religioso “reverso” e a escola como porto inseguro. **Semina**, v. 17, N.º 1, 2017, p. 10-30.

Muito mais de 300 mil pessoas mortas – Impeachment já! (24 de março de 2021). **Cartas da AMAR**. Disponível em: www.amarfogo.com/amar/cartas. Acesso em: 19 jun. 2021.

SOUZA, Odair; MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Gênero e Diversidade na Escola ou Ideologia de Gênero? Reações religiosas a um Plano Municipal de Educação de Santa Catarina. **Poder e Cultura**, v.5, n.9, p. 330-349, 2018

Leitores sem fim

Roberto Seabra¹

Prezado mestre Paulo Freire, Há cinco anos e meio finalizei a minha primeira experiência cinematográfica, ao lançar o documentário *Leitores sem fim*, que conta a histórias de pessoas que encontraram na leitura, ou no abrigo das bibliotecas, uma saída para suas vidas. O personagem que me levou a fazer o documentário não esteve presente no produto final. Dorival, um ex-catador de lixo que virou doutorando em linguística quando eu começava a buscar personagens para o meu filme, acabou por desistir de contar a própria história, por razões que não valem a pena explicitar aqui.

Mas conhecer a trajetória de Dorival, que ao buscar alumínio e papelão em um lixão na periferia de São Paulo acabou por juntar uma pequena biblioteca em casa que o levou de volta para a escola e dali para a universidade, me fez desejar buscar outras personagens para o meu propósito. Encontrei essas pessoas no Rio de Janeiro, ao visitar diversas bibliotecas quando iniciava a pesquisa para o meu documentário.

¹ Roberto Seabra é jornalista, documentarista e escritor. Dirigiu dois documentários pela TV Câmara: *Leitores sem fim* e *Sr. Deputado Ulysses Guimarães*. Produziu e dirigiu também, de forma independente, o documentário *O risco do artista*, que conta a história do criador do Zé Gotinha. Também foi diretor e apresentador do programa *Casa das Palavras*, na mesma emissora, e tem uma coluna sobre lançamentos literários na Rádio Câmara. Foi autor do argumento da série *Impressões do Brasil*, exibida pelo canal *Curta! É* criador e roteirista da série de animação infantil *Uiraçu*, em fase de produção. Atualmente é editor de textos da Agência Câmara de Notícias. Escreveu o romance *Silêncio na cidade*, um livro policial sobre um crime ocorrido durante a ditadura militar e que nunca foi elucidado. Mantém o blog *Leitores sem fim*, sobre literatura e jornalismo. Tem 56 anos e nasceu em Brasília.

Ali conheci Elizabeth, que limpava os banheiros na Secretaria de Cultura do Estado quando, ao mostrar interesse por uma estante de livros que havia em uma das salas da secretaria, foi convidada por uma servidora a compor a equipe que iria cuidar da nova Biblioteca Parque de Manguinhos, localizada em um bairro da Zona Norte do Rio que abriga a sede da Fundação Oswaldo Cruz, um belíssimo prédio em estilo neomourisco, e que recentemente virou motivo de *memes* na internet em razão de uma referência de mau gosto feita por uma médica negacionista ligada ao governo federal.

Mas o que nos interessa aqui é a história de Elizabeth, que imaginava que estava sendo convidada para limpar os banheiros da Biblioteca de Manguinhos, e pensou: “meu sonho é trabalhar em um lugar onde eu possa estar perto dos livros”, quando soube que seria na verdade auxiliar de bibliotecária. Quando finalmente a entrevistei para o documentário, Elizabeth já estava matriculada em um curso de Letras, em uma faculdade particular e com bolsa de estudos. Seu sonho era ser professora de Literatura. Espero que tenha conseguido.

Ali também conheci Daiana, mulher negra e de infância pobre, mas que pelo caminho da leitura terminou os estudos e se tornou professora de dança na Biblioteca de Manguinhos. Perdi o contato com Daiana, ela que foi uma das entusiastas na divulgação do documentário entre os moradores da sua comunidade, até que em 2020 recebi uma triste notícia. Daiana foi uma das vítimas da Covid-19. Uma mulher jovem, que estava no auge da carreira de formadora de bailarinas, e que teve a vida interrompida por uma pandemia que poderia ter sido controlada desde o início, não tivesse o nosso país imerso naquilo que você tão bem classificou ao escrever sobre a lógica desumanizadora da vida: “*O sadismo aparece, assim como uma das características da consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isto é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida*” (Pedagogia da Autonomia, 1996, p.47).

Não é impressionante que esse seu texto de 1996 seja tão atual no Brasil de 2021?

Mas vamos em frente, pois quero lhe contar sobre outras figuras maravilhosas que conheci ao produzir o documentário *Leitores sem fim*.

Na Biblioteca Parque da Rocinha entrevistei o historiador Fernando Ermiro, nascido e criado na favela, e que quando o conheci ocupava o cargo

informal de agitador cultural daquele espaço e que hoje, eu descubro dando uma *googlada* no nome dele, promove cursos pela internet para que as crianças e os adolescentes de sua comunidade possam continuar se educando durante a pandemia e com as escolas fechadas. Ermiro disse uma frase que nunca me esqueci: “Tem uma fala do Lima Barreto, na inauguração da Biblioteca Nacional, em que ele diz: ‘é um prédio imponente, que assusta. Então a população ‘mais baixa’ não vai entrar porque não vai se sentir convidada. A Biblioteca Parque da Rocinha tem essa mesma característica. É um prédio muito bonito. E o camarada passa lá fora e acaba achando que isso aqui não é para ele. Então a gente precisa tornar claro, para o público, que isso aqui é público”.

Uma frase simples: “Tornar claro, para o público, que isso aqui é público”. Mas não é isso que precisamos fazer de mais urgente? Mostrar que a escola pública é do público? Que o hospital público é do público? Parece tautológico, parece óbvio, mas não é. O morador da favela se sente em casa na rua, ou no boteco, discutindo futebol, mas um prédio bonito e repleto de livros o constrange. O que fazer?

E aí me lembro novamente de você, professor Paulo Freire, quando fala da boniteza das coisas. Assim como é fundamental instalar a boniteza na educação e na escola, eu acredito também em uma biblioteca bonita, mas que também seja um lugar para se fazer amizades, para ler e sonhar, estudar e se divertir, trabalhar e refletir. Um lugar onde o leitor se sinta em casa. E isso se faz desde cedo, levando as crianças e os adolescentes para dentro da casa dos livros, e que essa casa dos livros, por ser muito, mas muito bonita mesmo, possa competir com o shopping, como bem disse outra entrevistada em meu documentário.

Saio da Rocinha e vou para o centro do Rio de Janeiro, perto da Central do Brasil, por onde passam milhares de trabalhadores todos os dias, a caminho do trabalho ou de casa. A trezentos metros da principal estação de trens urbanos da cidade está a Biblioteca Parque Estadual. Ali conheci a menina Núbia, moradora de rua, que, ao contrário de muitos moradores da Rocinha, não se constrange com a beleza do lugar. Quando não está vigiando carros ou dormindo, ela está dentro da biblioteca, vendo vídeos ou conversando com os amigos, pois não sabe ler.

Núbia adora a biblioteca, mesmo não entendendo uma linha do que está escrito em qualquer dos milhares de livros expostos no lugar. Não é incrível isso? Deixo que ela mesma explique, em palavras simples e certeiras:

“Aqui você faz amizade, conversa, aprende. Vê vídeos, cinema, teatro. Eu gosto daqui, desde que eu entrei. Só não leio os livros, é a única coisa, mas eu sei que um dia eu vou tá aprendendo”. (Documentário *Leitores sem fim*, 2016). <https://www.youtube.com/watch?v=152xuy762QY>

Núbia é moradora de rua, não sabe ler, mas adora a Biblioteca Parque Estadual do Rio de Janeiro. Quer boniteza maior do que essa? Se conseguíssemos espaços lindos e acolhedores como este em número suficiente para abrigar as milhões de Núbias que estão em busca de educação, cultura, arte e...amizades, não seria uma revolução?

A cada entrevista que eu fazia para o *Leitores sem fim*, mais crescia a minha vontade de mostrar ao mundo que aquelas pessoas precisavam de algo muito simples para deixarem a feiura da miséria e entrarem na beleza do mundo do conhecimento, seguindo uma utopia que você tão bem explicitou em um depoimento:

“Um dia este país há de se tornar menos feio. Ninguém nasceu para ser feio. Este país será mais bonito na medida em que a gente lutar com alegria e com esperança...” (Dicionário Paulo Freire, p. 61).

Outro morador de rua que conheci no Centro do Rio de Janeiro, Alexander, me disse que quando está frio e chovendo, e ele não consegue vender nada nos semáforos, é na biblioteca que ele se refugia, onde aproveita para buscar emprego pela internet, conversar com as pessoas e ler, ainda que soletrando com dificuldade frases simples de livros infantis. “E aqui tem ar-condicionado e banheiro limpo”, finaliza. Se essas duas coisas são importantes para quem já tem isso em casa e busca uma biblioteca “apenas” para estudar, imagine para quem leva uma vida como a de Alexander?

Seu amigo Márcio Evangelista, também morador de rua, não esconde que a biblioteca também pode ser um espaço para ele fugir do que mais o ameaça: “Às vezes quando eu tô a fim de usar droga eu venho pra cá pra dentro, porque aqui dentro eu não posso usar...Pelo menos até sete horas, até a hora de fechar, eu consigo esquecer desse...” (*Leitores sem fim*, 2016).

As reticências na fala de Márcio podem ser preenchidas com a palavra crack, que ele não conseguiu pronunciar durante a gravação. E se a biblioteca

funcionasse 24 horas e permitisse, de alguma forma, que ele trocasse as drogas pesadas pelos livros e pela internet, tão importante para ele conseguir se comunicar com a família, que só aceitará ele de volta quando deixar o vício?

Não consigo ver nada mais bonito e acolhedor, hoje, quando o nosso país está estraçalhado por uma pandemia que não cessa e por uma guerra cultural entrincheirada dentro do nosso próprio governo contra a educação e a arte libertadoras, do que uma imensa, bela e democrática biblioteca. Quando a crise sanitária passar, as pessoas precisarão de lugares de encontro, que não sejam apenas espaços para festas e lazer, e imagino milhares de bibliotecas abertas para receber crianças, jovens e idosos; estudantes, trabalhadores e desempregados; pobres, remediados e miseráveis, que estarão sedentos por vida e pelo conhecimento, que por sua vez gera uma vida mais bonita e boa de ser vivida.

Soube dia desses, por uma postagem nas redes sociais, que em uma biblioteca na Dinamarca você pode “pegar emprestado” uma pessoa em vez de um livro para ouvir a história de sua vida por trinta minutos. Cada pessoa tem um título. Pode ser “um desempregado, um refugiado, um bipolar”, continua a notícia, e ao ouvir tais histórias você percebe que não pode julgar uma pessoa pela aparência, assim como não se julga um livro pela capa. O projeto se chama “Biblioteca Humana”.

Vejo essa ideia como mais uma aproximação daquilo que você, Paulo Freire, chama de *dialogicidade*. E cito uma frase que aparece novamente em sua *Pedagogia da autonomia*, um livro que leio e releio para aprender todos os dias: “*Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa*” (*op. Cit. P. 153*).

Leitores sem fim não termina com uma fala, mas com um clipe de imagens de mais ou menos um minuto, apenas com uma música ambiente, mostrando o trabalho feito pela professora Daiana com as crianças e adolescentes da comunidade de Manguinhos. Depois de mais de trinta minutos falando de livros e leitura, por que terminar o documentário com dança e música? A ideia não partiu deste diretor e roteirista, mas sim do editor do filme, que ao final achou que tinha muitas imagens bonitas ainda não utilizadas e me sugeriu fazer esse final sem palavras. Na montagem final vi que a ideia era boa e deixei assim.

Mas, hoje, vejo que a decisão do montador do filme foi além do mero intuito de produzir “beleza plástica” a uma obra já encharcada de histórias e

palavras. Ao mostrar o trabalho da Daiana e de suas meninas, *Leitores sem fim* parece dizer que o resultado final do conhecimento, da educação, da arte e da cultura são justamente isso: a beleza.

Mais freireano do que isso, impossível!

Brasília (DF), inverno de 2021.

-

Uma carta de quem ousa aprender

Luciana Butzke¹

Ivo Marcos Theis²

Querido Paulo,
Pode parecer que estamos fugindo de nossa responsabilidade ao invertermos o subtítulo do livro em que você reúne cartas maravilhosas a todas e todos que ousam ensinar, já que viemos, aqui e agora, à sua prezada presença, animados pelo desejo de aprender. De maneira que, antes de entrar no assunto principal de nossa carta, queremos justificar a inversão.

Ela radica na necessidade do testemunho, mais neste momento e neste lugar que em qualquer outro tempo e qualquer outro espaço. Corre o ano de 2021 e um genocídio, deliberadamente perpetrado, avança sobre meio milhão de seres humanos nesta infelicitada Ilha de Vera Cruz. Privilegiados leitores de suas cartas e seus livros, supostamente, conscientes do que se passa

1 Doutora em Sociologia Política pela UFSC (2014), mestra em Sociologia Política na Universidade Federal de Santa Catarina (2007), especialista em Métodos e Técnicas de Projetos Sociais pela PUC Minas (2001), graduada em Ciências Sociais pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (1998). Tem experiência docente na área de Sociologia no ensino superior e no ensino médio. Na pesquisa e extensão, atua principalmente nos seguintes temas: desenvolvimento regional; sociologia do desenvolvimento; desenvolvimento, gênero e raça.

2 Graduação em Economia (Universidade Regional de Blumenau, 1983), Mestrado em Administração Pública (Universidade Federal de Santa Catarina, 1988) e Doutorado em Geografia Humana (Eberhard-Karls Universität Tübingen/Alemanha, 1997), com Pós-Doutorados em Política Científica e Tecnológica (Unicamp, 2008) e Desenvolvimento Regional (Universidade de Santa Cruz do Sul, 2016). Professor titular da Universidade Regional de Blumenau desde 1986, com atuação no ensino de graduação (Economia) até 2019 e no ensino de pós-graduação e na pesquisa (Desenvolvimento Regional) até o presente.

à nossa volta, confessamos que nossa esperança já não é a mesma de uns dez anos atrás. Talvez as suas mensagens não tenham tido a necessária receptividade para que se lograsse o despertar da consciência – reflexão e prática – que você, desde cedo, vinha postulando. Em outras palavras, a inversão entre ensinar e aprender não significa, de modo algum, fugir de nossa responsabilidade de professora e professor; antes, implica adotar uma postura política de confrontar o ‘elogio da inconsciência’, de desafiar o terraplanismo que se espalhou como fogo em palha. O genocídio em curso é produto, assim entendemos, de desinformação, de desconhecimento, de ignorância. A nós, professora e professor, nos resta dar nosso testemunho enquanto seres aprendentes, dispostas a ouvir a/o outra/o, a prestar muita atenção, a decifrar as mensagens, a processar o seu conteúdo, a refletir criticamente e a agir em conformidade com as nossas referências éticas. Esse testemunho, se compreendido devidamente por nossas interlocutoras e interlocutores – e se, talvez, compartilhado por mais gente – pode conduzir a um maior questionamento sobre quem produz inconsciência (e por que), sobre quem perpetra um genocídio (e por que) à base de desinformação, desconhecimento e ignorância.

O assunto principal de nossa carta, querido Paulo, já está implícito no parágrafo anterior: como estancar a esperança que, neste momento e neste lugar, se esvai como areia entre os dedos da mão? Como reter a esperança neste tempo e neste espaço em que a inconsciência é produzida em massa? Esperamos não lhe aborrecer com as linhas a seguir. Elas, por assim dizer, fundamentam a questão que lhe propusemos.

Um de seus livros traz o termo no título: *Pedagogia da esperança*, de 1992. Nele você faz um belo balanço da sua trajetória e se ocupa da *Pedagogia do oprimido*, de 1970. A rigor, não vamos tratar nem deste nem daquele. Importa-nos falar da e sobre a esperança, evocada pelo primeiro.

O tema da esperança tem antecedentes. Pelo fato de você conhecê-los, vamos lhe poupar deles. Todavia, a esperança recebeu um tratamento à altura de sua significação – para um mundo que tateia com dificuldades em busca de seu plenificar-se – de Ernst Bloch. O princípio esperança (cujos três volumes foram, originalmente, publicados na década dos anos 1950) é a obra mais conhecida deste filósofo nascido em Ludwigschafen (1985) e falecido em Tübingen (1977). Trata-se, inquestionavelmente, de um verdadeiro

compêndio das formas e da história da esperança e uma das grandes referências do pensamento emancipador do século XX. Talvez devamos recuperar, brevemente, o que para nós constitui o argumento central de Bloch em *O princípio esperança*: “a verdadeira gênese se situa no fim”. Ou seja, para o filósofo alemão, a história humana começa lá onde, afinal, se quer e se deve chegar: o reino da liberdade, a sociedade sem classes, a pátria, a utopia concreta. A nós nos parece que Bloch opera uma extraordinária inversão na percepção do tempo. Com efeito, não se trata mais de pensar o futuro como projeção do passado, com ajustes no que não vem dando certo, mas de interromper o fluxo desvairado do tempo. A história humana ainda não começou. E se se quiser considerá-la como possibilidade real, será preciso não mais mirar o passado com saudade do que aconteceu – mesmo do que possa eventualmente ter sido favorável à busca do mundo por seu plenificar-se. Pelo contrário, será preciso orientar as energias com muita disposição para a viagem em direção ao reino da liberdade.

Como Bloch chega a este resultado? Logo na primeira página do primeiro volume ele formulou cinco questões que enfrentaria com galhardia ao longo das 1500 páginas seguintes: “Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Que esperamos? O que nos espera?” (BLOCH, 2005, p. 1). Vale a pena meditar sobre cada uma delas e sobre elas conectadas uma com a outra. A última, porém, nos desafia a recorrer à imaginação, já que, como é perceptível, as quatro primeiras dizem respeito apenas a nós mesmos, gênero humano. A última, não. A nós nos parece que Bloch convida a pensar num encontro entre o gênero humano... e seu destino! Uau! Então, as coisas não acabam com a morte de cada uma e de cada um? Ou com uma catástrofe ‘natural’? Ou com um acidente nuclear? Ou com um genocídio deliberadamente perpetrado?

Uma primeira pista, Bloch nos a oferece poucas páginas adiante, quando afirma que “a vontade última é a de estar verdadeiramente presente. De tal modo que o instante vivido pertencesse a nós e nós a ele e fosse possível dizer a ele: dure eternamente!” (BLOCH, 2005, p. 26). Vale a pena meditar também sobre estas palavras, inspiradas em Johann Wolfgang von Goethe. Que é estar verdadeiramente presente? A nós nos parece que o filósofo alemão vislumbra um ‘estar-consigo’, uma unidade de si consigo mesmo, uma espécie de ‘controle’ sobre o que cada uma e cada um faz. E você, querido Paulo, melhor

que ninguém, sabe que, nas presentes circunstâncias da pré-história do gênero humano, somos as/os escravas/os do trabalho abstrato, de um fazer que não está sob o nosso controle. Ou seja, estamos ausentes, não ‘verdadeiramente presentes’.

Bloch, como você bem pode imaginar, vai espalhando pistas ao longo das páginas seguintes. Nelas também refaz caminhos trilhados pelo gênero humano e indica uma estratégia na busca do mundo por seu plenificar-se. Quanto às pistas, a mais interessante nos parece ser a dos ‘sonhos acordados’, dos sonhos que se sonha desperta, com a vontade e o desejo de que se realizem. Quanto aos caminhos já trilhados, páginas preciosas são consagradas às utopias sociais, aos mistérios religiosos, ao testemunho de Jesus e às descobertas de Marx. Quanto à estratégia, há que mencionar que Bloch não despreza o malogro, o fracasso; mas, disponibiliza-nos um programa audacioso que, ancorado no que chama de ‘consciência antecipadora’, concentra a atenção na ‘possibilidade real’ que desemboca na realização da utopia concreta.

Isso lhe parece familiar? Pois, quem leu os seus livros deveria saber que você se ocupou desses assuntos. Aliás, é curioso que você não tenha feito referências a Ernst Bloch – que faleceu no ano em que você publicou o seu quinto livro. E quando você publicou Educação como prática da liberdade (1967), o seu primeiro livro, com uma elogiosa orelha da lavra de Pierre Furter, Bloch já era conhecido para além das fronteiras da Europa por sua contribuição a uma ‘filosofia da esperança’. A propósito de Pierre Furter, convém lembrar que este escreveria a melhor introdução ao pensamento blochiano disponível no Brasil: Dialética da esperança (1974). Essas similitudes todas, essas proximidades, essas quase convergências, aqui brevemente mencionadas, também foram notadas por outras de suas admiradoras (LOPES; ARANHA, 2017; MISOCSKY et al., 2009; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2014; VENEZIA, 2016). De maneira que aquelas/es que leram algo de Ernst Bloch e algo de Paulo Freire devem ter notado a presença do primeiro nos belos e sempre instigantes textos do último.

Se conseguimos nos fazer entender até aqui, podemos voltar ao que, como referimos antes, mais nos incomoda: como, neste momento e neste lugar, deter o esvair da esperança? O filósofo alemão é uma fonte de inspiração valiosa. Mas, você, querido Paulo, nos deixou um legado preciosíssimo. Dele

– e em alguma consonância com o que destacamos de e sobre Ernst Bloch – nos é especialmente cara a sua descoberta não, propriamente, de um método pedagógico (de um mero aprender a ler a palavra), mas de um método de conhecimento (de um ler o mundo, de captar o real no qual cada uma e cada um está inserida) – o ‘caminho epistemológico’. E aí você mete a ética, a ética da professora e do professor que ensina aprendendo e aprende ensinando. A concepção de educação que daí resulta exige o respeito à outra e ao outro. Ela, indubitavelmente, mira a libertação dos seres humanos, um processo que se dá em comunhão (portanto, não como ato isolado) e contextualizado na realidade social e política em que esses se movem, mas que deverão transformar – no mesmo processo em que buscam libertar-se.

Ora, o seu ensinamento de como ler o mundo com vistas à transformação – tanto a pessoal, de quem experimenta ler o mundo, como também a social, do próprio mundo (se e quando) conscientemente lido – está amparado em uma inequívoca perspectiva da esperança. Não apenas no título de seu livro de 1992, mas em inúmeras manifestações suas, em textos por você escritos e entrevistas por você concedidas, a esperança ocupa um lugar bem destacado. E aí ela, de fato, tem esse significado blochiano de impulso em direção à realização da utopia concreta. Poder-se-ia objetar que você se nutriu, a si e ao seu fazer pedagógico, de esperança (disso oferecendo inúmeros testemunhos), mas não se ocupou do ponto de chegada, do reino da liberdade, da utopia concreta. Sabemos, porém, que isso é falso, já que você também apontou para o que ainda não é. Aliás, identificamos uma passagem de uma entrevista em que você dirime quaisquer dúvidas a respeito de sua preocupação com o assunto, afirmando: “Eu me identifico como utópico, sabe? Agora, num sentido diferente do que, geralmente, é definido. Para mim utópico não é o que é impossível. A postura utópica é a postura que vive, entende e se experimenta na tensão entre a denúncia e o anúncio” (CHASIN et al., 2012, p. 139).

A nós nos parece que ensinar a ler o mundo para transformá-lo sintetiza a sua perspectiva utópica. Se, de um lado, se desvelar a realidade social e política, portanto, se se desnudá-la verdadeiramente, seremos confrontados com duas opções: aceitá-la, conformando-nos com ela, ou, então, rejeitá-la. De outro lado, a sua rejeição – a única opção válida para quem se torna consciente no e do mundo – conduz a sonhar acordado, a vislumbrar um outro

ponto de chegada. Ora, também aqui Ernst Bloch está presente em Paulo Freire.

Enfim, nossa tentativa de interlocução com os seus ensinamentos, querido Paulo, reforça em nós o compromisso com o testemunho de colocarmo-nos como professora e professor que, dadas as circunstâncias, e sem desprezar a responsabilidade do ensinar, privilegiam a dimensão do aprendizado. Daí experimentamos o brotar da consciência – reflexão e prática! Se nosso diagnóstico – de que as suas mensagens não tenham tido a devida receptividade para que se lograsse o propósito de despertar a consciência – está correto, a tarefa é de, munidas de sua teoria do conhecimento, contrapor a ‘possibilidade real’ da utopia concreta à desinformação, ao desconhecimento e à ignorância.

Nesses tempos em que nesta infelicitada Ilha de Vera Cruz se perpetra um genocídio à base de inconsciência deliberadamente produzida, recordamos outra similaridade entre o filósofo da esperança e o pedagogo da esperança. Em meados dos anos 1930, Bloch (1985) deu seu testemunho da catástrofe que, então, já se abatia sobre a Alemanha e logo alcançaria outras partes da Europa. Fê-lo com base na tentativa de desvelar aquela perversa realidade social e política – da qual emergiria sua *Theorie der Ungleichzeitigkeit* – com vistas a enfrentar os monstros do fascismo que a forjaram. Nem aí nem depois perdeu as esperanças. Como também você. Aliás, querido Paulo, nas últimas linhas de nossa longa carta demo-nos conta de que já tínhamos a chave para a questão antes formulada: não perderemos as esperanças, mesmo neste tempo e neste espaço de produção massiva de inconsciência. A esperança já nos havia inspirado o testemunho do aprendizado e agora nos impulsiona a reescrever o mundo, não apenas com os recursos cognitivos (reflexão) de que nos munimos como professora e professor, mas com a disposição ética da transformação (prática) de que nos provimos como seres conscientes dos desafios postos para a construção da utopia concreta.

Aprendendo esperança!
Blumenau (SC), julho de 2021.

Referências

BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit. Frankfurt am Main:** Suhrkamp, 1985 [1935].

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança I.** Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 2005.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança II.** Trad. Werner Fuchs. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 2006a.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança III.** Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Contraponto, 2006b.

CHASIN, J.; GOMES DANTAS, Rui; MADEIRA, Vicente. “Caminhos de Paulo Freire: entrevista”. In: COHN, Sergio (Org.) **Paulo Freire** (= Encontros). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, p. 104-153, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FURTER, Pierre. **A dialética da esperança: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

LOPES, Frederico A.; ARANHA, Antônia V. S. Pedagogia da utopia: um diálogo entre Paulo Freire e Ernst Bloch. **Movimento: Revista de Educação**, ano 4, n. 7, p. 133-158, 2017.

MISOCSKY, Maria Ceci A.; MORAES, Joysi; FLORES, Rafael K. Bloch, Gramsci e Paulo Freire: referências fundamentais para os atos da denúncia e

do anúncio. **Cadernos EBAPE**, vol. 7, n. 3, 2009.

OLIVEIRA, Caroline T.; RODRIGUES, Victor Hugo G. Interloquções teóricas entre Paulo Freire e Ernst Bloch: diálogos acerca do Princípio e da Pedagogia da Esperança. **Educação: Teoria e Prática**, vol. 24, n. 46, p. 40-54, p. 447-471, 2014.

VENEZIA, Elisabetta. A necessidade de esperança militante: comparação entre Bloch e Freire. **Revista UniFreire**, ano 4, n. 4, p. 2016.

Carta Sertaneja

Cristine Nobre Leite¹

“**U**ma carta sertaneja”
Sugeriu o meu colega:

O Otacílio Batista
Que um poema me entrega
Contou-me numa entrevista:
Que ao “Freireano” se apegar

Meu colega foi meu mestre
Um professor de renome
Otacílio é só festa!
É adjetivo e pronome
Nesse momento me empresta
Para um cordel, o seu nome

Um aprendiz de cordel
O Otacílio quer ser
Pedi- me pra lhe ensinar
Corri pra lhe atender
Gosto muito de ajudar
De mostrar o meu saber

¹ Casada, natural de Fortaleza Ceará, filha de José Leite da Silva e Maria Coeli Nobre da Silva. Radicada na Paraíba. Graduada em Odontologia pela UFPB e membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba. Mãe de Tales, Taíla e Heitor.

Eu que aprendi com ele
Posso agora lhe ensinar
Nosso saber diferente
Faz esse mundo mudar
Faz gente somar com gente
É bom pra esperar

Somos todos aprendizes
(Isso não nos surpreende)
E você, Freire, dizia
Que quem ensina, aprende
Meu verso e rima sadia
Sei que algum alcance rende

Entendendo o seu pensar
Eu preparo minha missiva
Pensando bem no sertão
E em gente apreensiva
Que quando água cai no chão
Nasce em natureza viva

Carta com um DE e PARA
Enviada ao coração,
Do lado esquerdo do peito,
Pra você ter emoção
Deixando o lado direito
Orgulhoso da missão

De Cristine para Paulo
Saindo da Guarabira
O correio celestial
Recebe até macambira
Prum seio imaterial
De um Paulo que só inspira

Hoje moro aqui no Brejo
Mas vivi no bom sertão
Na formosa Cajazeiras
Berço de Educação
Recordo das brincadeiras
E de toda a formação

Você por lá era lido:
Homem de saber modesto
Essa carta é um pedido
Parece até manifesto
Quero vê-lo deferido
Assino embaixo e atesto

Uso aqui palavra - pele
Em meio à palavra vida
Somando a palavra alma
Usando a mão atrevida
Estendendo toda calma
Curando a dor da ferida

A dor que está no menino,
Na sertaneja menina
A dor que está no Brasil
Que surge logo na esquina
Uma dor que anda à mil
Sem saber onde termina

Precisamos do teu colo
Volte! Traga seu saber!
Para que mãos calejadas
Não mais venham se perder
E memórias apagadas
Acordem no amanhecer

Estarei lhe aguardando
E o Otacílio também
Precisamos lhe informar
De mudança que ora tem:
Que aprender e ensinar
A internet detém

Serás nosso *YouTuber*
(Vale agora o virtual)
Lhe daremos cobertura
Pra criar o seu canal
Se embrenhe nessa aventura
É esse o novo normal

Prepararemos terreno
Pra você ter seguidores
Teremos zelo e cuidado
Pra não teres dissabores
Conteúdo desvelado
Que afaste vis senhores

Até mesmo no sertão
Há essa a realidade
Voltou o tempo da fome
Jovem quer facilidade
Internet que consome
É essa a voracidade

És flor de Mandacaru
Bem dentro desse deserto
Um caminho bem florido
Pra deixar um homem esperto
Só você pra dar sentido
Com seu paraíso aberto

Nosso Bioma é mais belo
Com a sua sabedoria
Tem mais fruto o Juazeiro
Dentista faz poesia
Para um povo brasileiro
Ora, ora! Quem diria?

Nos ares a arribaça
Deixando o céu mais bonito
Venha pra almoço elegante
Com cozido de cabrito
É convidado brilhante:
Freire o verdadeiro mito!

Paraíba, junho de 2021

Carta sobre Cartas Pedagógicas

Ana Lúcia Souza de Freitas¹

Querido professor Paulo Freire
Escrever, para mim, vem sendo tanto um prazer profundamente experimentado quanto um dever irrecusável, uma tarefa política a ser cumprida. [...] escrever não é uma questão apenas de satisfação pessoal. Não escrevo somente porque me dá prazer escrever, mas também porque me sinto politicamente comprometido, porque gostaria de convencer outras pessoas, sem a elas mentir, de que o sonho ou os sonhos de que falo, sobre que escrevo e porque luto, valem a pena ser tentados. (FREIRE, 1994, p.15-16).

Esta é a segunda carta que te escrevo, agora já me sentindo um pouco mais confortável em estabelecer o diálogo *com* e *em* tua memória, neste ano em que celebramos o centenário de teu nascimento. Há muito tempo venho escrevendo Cartas Pedagógicas, mas somente agora me dirijo diretamente a ti, com muita alegria. Inicialmente, devo dizer, estou encantada com a leitura do primeiro volume da trilogia *Cartas a Paulo Freire: Escritas por quem ousa esperar*, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). As 70 cartas publicadas, oriundas de 20 estados brasileiros, além de serem marcadas pela diversidade territorial, apresentam peculiaridades textuais de ensaios e relatos de experiência, incluindo proposições, arte, poesia e literatura de cordel, entre outras, para expressar a atualidade do conhecimento e reinvenção de

1 Doutora em Educação (PUCRS, 2005) com estudos de Pós-Doutorado em Pedagogia Crítica (Liverpool Hope University, 2015). Atualmente aposentada, é pesquisadora convidada da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) Campus Jaguarão, integrando o Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas, Avaliação e Gestão da Educação/GEPPAGE. Desde 2020, integra o Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França. leiturasdepaulofreire2020@gmail.com

teu legado (SOUZA, 2021). Sem dúvida, uma publicação que evidencia quão fecundo e atual é a *Pedagogia do Oprimido* e as demais pedagogias que a desdobram enquanto referência para a constituição de práticas educativas emancipatórias e o compromisso com a justiça social.

Entre tantas possibilidades sobre o conteúdo desta segunda carta, resolvi escrever-te uma *Carta sobre Cartas Pedagógicas*, chamando atenção do potencial teórico-metodológico emancipatório da expressão, vislumbrado com as parcerias nas *Andarilhagens de uma educadora pesquisadora* (FREITAS, 2020), publicação há muito tempo imaginada e recentemente realizada. Pois é, precisei esperar a aposentadoria para me dar de presente “um ano sabático”, no qual vivi a intensidade da experiência da escrita. Este livro é resultado da participação de longo prazo no acompanhamento da itinerância do *Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire* que se realiza no Rio Grande do Sul. Em 22 anos de experiência, o Fórum passou por 15 cidades no RS, iniciando por São Leopoldo, depois Santa Maria, Canoas, Pelotas, Santa Cruz do Sul, Alegrete, Passo Fundo, Rio Grande, Porto Alegre, Santa Rosa, Erechim, Taquara, Santo Ângelo, Jaguarão e Caxias, algumas mais de uma vez, como é o caso de Erechim, nossa mais recente edição que ocorreu, pela primeira vez, de modo totalmente virtual depois de um ano de interrupção em função dos protocolos de isolamento social. Vivi intensamente este percurso, desde a primeira edição, momento em que estava finalizando o Curso de Mestrado, cuja dissertação seria defendida em julho do mesmo ano. Assim, minha formação acadêmica, pessoal e profissional foi fortemente influenciada pela participação continuada no evento. Então, mesmo sem ter tido a oportunidade de te conhecer melhor pessoalmente, a leitura de tuas obras me impactou profundamente.

Entre outros aspectos, o principal impacto provocado foi o modo de compreender – e exercer – a relação entre teoria e prática. Realizei os estudos de mestrado no final da década de 90 (1997-1999). Naquele momento, trabalhando na Secretaria Municipal de Educação em Porto Alegre (SMED), minha intenção inicial em retornar à universidade era a de teorizar minha prática. No entanto, por meio do estudo de tuas obras, em especial as da década de 90, após tua experiência como secretário municipal de educação em São Paulo, percebi como a educação popular freireana já estava sendo uma referência para mim. Mais do que isso, e por este motivo te escrevo, em forma de agradecimento, o estudo

de tuas obras mobilizou-me à tomada de consciência sobre minha condição como sujeito de conhecimento e – do ponto de vista bem prático – orientou tomar a própria prática como objeto de investigação.

Fiquei encantada quando li, na *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 1992) sobre como escreveste, em quinze dias, os três primeiros capítulos da *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987), fazendo uso das fichas de ideias para organizar os registros sistemáticos da escuta cotidiana. Desde então, tuvens sendo referência para reinventar, na minha experiência docente, o ato crítico de estudar, registrando, inspirada no que escreves, de modo extremamente didático, naquele texto de 1967, publicado em *Educação como prática de liberdade* (FREIRE, 1995) e ainda tão atual!

Foi a partir das referidas leituras que percebi o valor epistemológico do ato de registrar as escutas do cotidiano, incluindo meu próprio pensamento. Mas foi a partir de *Professora, sim; tia não* (FREIRE, 1993) e de *Cartas a Cristina* (1994) que me dei conta da indissociabilidade entre o compromisso político e o prazer intrínsecos à experiência de escrita. Por isso, a epígrafe escolhida para esta carta tem sido recorrente em muitas de minhas produções acadêmicas, por meio das quais venho buscando compartilhar a compreensão acerca do legado que nos deixaste no que se refere à constituição de professoras/es pesquisadoras/es. Concordo plenamente com o que enfatizas na *Pedagogia da Autonomia*: “Ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.25). E, principalmente me identifiquei, à época, com uma impactante afirmação, que deixaste como nota de rodapé.

[...] o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 1996, p.32).

Mas, enfim, em meio a estes estudos, gostaria de destacar a importância da expressão *Cartas Pedagógicas*. Vale dizer, emprego com letras maiúsculas, como se faz com os nomes próprios, buscando chamar atenção para a singularidade de teu pensamento ao criar a expressão e para o modo como esta vem sendo convidativa à reinvenção de teu legado.

Tomamos conhecimento desta criação deixada em teus últimos escritos por meio da publicação de *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (FREIRE, 2000). Esta é a primeira de outras obras póstumas organizada por Nita Freire, ou, como dito por ela, é uma “obra que celebra sua VIDA” (FREIRE, Nita, 2000, p.13). Publicada há mais de duas décadas, esta obra foi para mim uma leitura bastante instigante quanto a sugerir possibilidades de problematizar as práticas bancárias de relação com a escrita na experiência acadêmica. Trabalhando no âmbito da formação de professoras/es e de gestoras/es, buscava alternativas para diminuir estranhamentos e, quiçá, promover a experiência de satisfação advinda da produção autoral, desde seus primeiros passos. Assim, a escrita de Cartas Pedagógicas fez muito sentido como forma de ampliar o diálogo na relação com as e os estudantes no ensino superior e também de convidá-las/os para “dizer a sua palavra” (FIORI, 1987), por escrito. Além disso, no decorrer da experiência docente no ensino superior, as Cartas Pedagógicas foram sendo reinventadas com mestrandas e mestrandos, em diversos contextos de atuação e investigação e desafiando-nos a constituir referencial teórico-metodológico sobre o emprego das Cartas Pedagógicas no âmbito das práticas de pesquisa participativas.

Não será possível neste momento entrar em detalhes sobre como a expressão Cartas Pedagógicas está desafiando educadoras, educadores e estudantes, em diferentes contextos, a dizerem a sua palavra, por escrito. No âmbito dos movimentos sociais, também no RS, um interessante trabalho é o de Isabela Camini, educadora atuante no Setor Pedagógico do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), publicado sob o título *Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam* (CAMINI, 2012) e, de modo mais recente, o trabalho de Fernanda dos Santos Paulo e Ivo Dickmann intitulado *Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular* (PAULO; DICKMANN, 2020). Peço desculpas pela ênfase um tanto bairrista, pois não pretendo neste momento apresentar um “estado da arte” sobre as Cartas Pedagógicas, mas de fato dizer como o movimento de *Leituras de Paulo Freire* que se realiza no RS, há mais de duas décadas, vem contribuindo para reinventar o conceito. Neste sentido, claro, não posso deixar de mencionar que a expressão transformou-se em verbete

(VIEIRA, 2018) no *Dicionário Paulo Freire*, mais uma relevante referência dos esforços de reinvenção de teu legado desde o Sul do Brasil.

Por fim, é importante dizer que nos últimos anos, com maior ênfase, estamos trazendo para o âmbito da extensão universitária esta fecunda experiência gestada nos movimentos sociais. Desde 2018, as Cartas Pedagógicas estão incluídas como modalidade de inscrição de trabalhos no *Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire*, já referido, e no *Seminário Nacional Diálogos com Paulo Freire*, evento que também ocorre anualmente no estado. Os Anais eletrônicos desses eventos contém inúmeros trabalhos publicados em forma de Cartas Pedagógicas. Esta é uma importante contribuição para fomentar a reinvenção das Cartas Pedagógicas em diversos contextos educativos e, principalmente, para provocar a reflexão acerca das possibilidades de reinventar práticas de produção acadêmica.

Bem, esta escrita está ficando longa, mas a intenção desta *Carta sobre Cartas Pedagógicas* foi chamar atenção sobre como a expressão se faz convidativa à reinvenção da práxis freireana. Escrever esta carta para o terceiro volume da trilogia *Cartas a Paulo Freire: Escritas por quem ousa esperar*, que em breve estarás recebendo, é uma forma de participar desta conexão entre experiências que se realizam em distintos contextos. Isto é importante porque estamos vivendo tempos difíceis, de retrocesso da democracia, agravado pelas circunstâncias da pandemia que assola nosso país e o mundo todo. Infelizmente, as situações de vulnerabilidade e desigualdade estão cada vez mais preocupantes e o sentimento de impotência se sobressai em diversos momentos.

Diante de um governo negacionista da ciência, que despreza o conhecimento e a pesquisa, corta investimentos na saúde e na educação, as repercussões são muitas e danosas. O dado mais recente diz mais do que quaisquer palavras: contabilizamos 500.000 mortes pela Covid-19! São vidas interrompidas, famílias enlutadas, práticas que banalizam a morte e naturalizam a desigualdade. Enfim, um momento que nos faz compreender, com o *corpo inteiro*, o que nomeaste como *justa ira*, encontrando um modo de expressar a “legitimidade da raiva contra a docilidade fatalista diante da negação das gentes” (FREIRE, 1996, p.85). Enfim, entre a justa ira e o amor brigão (FREIRE, 1993), vamos nos apoiando mutuamente para seguir em frente, porque lutamos com esperança e com alegria.

Ao me despedir, agradeço a oportunidade de escrever-te, participando deste compartilhamento de Cartas Pedagógicas, no ano do centenário! Espero que seja esta uma forma de fomentarmos conexões entre experiências e fortalecemos compromissos com a reinvenção de teu legado, na continuidade das andarilhagens.

Despeço-me, como de costume, deixando um forte abraço freireano! Desta vez, curiosa quanto à leitura das demais *Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperar*, com uma ampliada expectativa quanto à continuidade do diálogo.

Ana Lúcia Souza de Freitas

Com saudade,
Porto Alegre (RS), 30 de junho de 2021.

Referências

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 22^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.9-21.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Nita). Apresentação. In: **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000, p.9-13.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 22^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho D'Água, 1993.

_____. **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora**: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. – São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poiesis & Poiética Casa Publicadora, 2020.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. (orgs). **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2), p.54-70. Disponível em: <http://livrologia.com.br/anexos/1432/50003/livro-cartas-pedagogicas-pdf> Acesso: 10 ago 2020.

SOUSA, Cidoval Morais de. (Coord); COSTA, A. R. F. da et al. (Edit); OLIVEIRA, J. & CABRAL, A. (Ilustr). **Cartas a Paulo Freire: escritas por quem ousa esperar** - Campina Grande: EDUEPB, 2021.

VIEIRA, Adriano Hertzog. Cartas Pedagógicas (verbete). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 75-76.

O fascinante mundo das Cartas

Nhelma Magda Barbalho de Santana¹

“Enquanto presença na História e no mundo, esperançadamente luto pelo sonho, pela utopia, pela esperança, na perspectiva de uma Pedagogia crítica. E esta não é uma luta vã”.

Paulo Freire

Na minha infância, quase uma sentinela eu vivia sempre atenta ao carteiro, vislumbrada por notícias principalmente movida pela esperança. Isto é, esperançada e esperançosa de receber uma carta com o meu nome no remetente. Um sonho mais imaginável do que possível, e que, todavia, de fato nunca aconteceu.

Depois do rádio, o carteiro sempre fora o elo mais importante da minha casa com o mundo lá de fora. O chato é que as cartas ali desembarcadas nunca seriam para mim, por diversos fatores, mas isso não me impedia de acompanhar a movimentação e a ansiedade com que os adultos abocanhavam aqueles envelopes brancos, emoldurados nas cores do Brasil. Do meu ponto de espreita, via muito aquele frenético, abre e fecha de envelopes. Às vezes, o mundo adulto se retirava da sala para ler noutro lugar, ou rasgava os envelopes ali mesmo e os olhos retribuía em brilho espelhado com sorrisos e partilhas. Sempre que as notícias traziam felicidade, ou em outros casos nem chegavam ao término da leitura, porque dos olhos deles vertiam água e do nariz fungados seguidos de intermináveis suspiros. Era assim o impacto da leitura daquelas cartas naqueles ávidos leitores, o meu pai e a minha mãe.

¹ Pernambucana, Mestra em Ciências da Educação (PY), pedagoga, atuando como professora formadora da equipe da Gerência da Educação do Campo, da Secretaria de Educação do Governo de Pernambuco e membro pesquisadora do Grupo de Pesquisa o Lugar da Interdisciplinaridade no Discurso de Paulo Freire.

Essa é sem dúvida a minha primeira convivência impactante do ato de ler. Aquelas notícias continham muitos assuntos, e o mais recorrente era sobre a vida dos irmãos dele e dela de parentes distantes.

E pensava eu na minha autêntica meninice, o impacto que aquelas cartas chegadas causavam na família, era algo muito especial e sempre acreditava, eram tão carregadas de felicidade que os faziam rir ou chorar de acordo com o que ali estava escrito, mas o que eu também percebia era que algumas vezes aquelas cartas denunciavam outras notícias nem tão boas assim, porque os deixavam com marcas na testa que não eram de alegria nem de contentamento e não causavam tanto bem estar àqueles leitores.

Um dia, soubemos que receberíamos uma tia avó nossa, ela era muito legal, mas o marido dela, um tal de tio Zé, era um típico modelo de chato de galocha, não gostava de crianças, comia muito e vivia fuxicando de mim e de meus irmãos. Pois é, as cartas tinham dessas coisas também. Trazer gente indesejada para a nossa casa era uma delas. Só depois de algum tempo, compreendi que jamais alguma carta chegaria para mim, pois até aquele momento eu só escrevia para as minhas bonecas, e bem mais tarde para algumas amiguinhas que se mudavam para outros cantos que nunca soube onde eram, mas eu lembro que escrevia, acho que não era uma carta mesmo, mas bilhetinhos amigáveis e coloridos.

Mas o fato é que o ato de escrever e de receber cartas sempre me fascinou até hoje. Primeiro pela geografia de onde as cartas vêm, as datas corridas no tempo, as caligrafias, os locais por onde elas circulam. Depois pelas narrativas e a maneira como as pessoas escrevem. Nos meus recortes de memória, ainda na infância, consigo ver da caneta ao papel de finíssima utilidade e exclusiva intencionalidade para a escrita, que a mim cabia a compra na lojinha da esquina, pois tinha que ser levíssimo, para não pagar caro na hora de pesar nos correios, embora fizesse um calhamaço de muitas folhas que chegavam a fazer saliências no verso.

Também lembro que muitas vezes eu era chamada tanto para ler, quanto escrever para algumas vizinhas. E naqueles textos tinha uma frase que dizia assim ‘ ao receber essas mal traçadas linhas espero que estejas com saúde junto com toda família’, e o interessante, é que eu nunca achei que minha letra era ruim, ou mal traçada e nem eu escrevia fora das linhas, mas

a ordem era muito explícita: comece assim... O interessante que, ao ver o filme *Central do Brasil*, me vi um pouco naquela função da protagonista, que muito me fascinou pela poesia e o sentimento depositado naquela obra. Os tempos e os recursos tecnológicos mudaram tanto, que até para se falar em cartas nos dias de hoje é muito difícil, parece coisa do outro mundo, tem sempre alguém a resmungar e nos chamar de saudosista. Se for assim, deixa eu ser mesmo, nem me importo, porque não lembrar de coisas boas, que rendem histórias para escrever ou contar? Escrever cartas é muito bom, reativa histórias e memórias das diversas narrativas, e nos permite expressar, o que muitas vezes não conseguimos falar. Quantas cartas coloquei os meus mais profundos sentimentos de adolescências, sem selo ou carteiro, apenas enviadas por debaixo das portas, ou pelas mãos dos outros, mas com as mais preciosas cargas de amor que se faziam povoar os corações apaixonados próprios da idade.

Meu sentimento em relação ao gênero freireano dessas cartas também me faz reportar a outros modelos como por exemplo, às de narrativas históricas, descritiva como a carta de Pero Vaz, informativas como a Carta de Getúlio Vargas, a Carta Testamento de Oswald de Andrade ou a de memória pós morte de Bráz Cubas, dentre tantas outras que entraram para a história. Escrevi esse preâmbulo sobre o meu fascínio por esse gênero literário, para me situar diante desse desafio em que me encontro hoje, no mesmo dia em que o mestre escreveu a sua derradeira carta, praticamente bem próxima à sua morte, onde ele descreveu toda sua comoção e indignação pela violenta morte de Galdino de Jesus, -índio pataxó, há exatos 24 anos, em 20 de abril de 1997. Hoje me sinto provocada a escrever uma carta para esse gênio das cartas, chamado Paulo Freire, que nos traz um fabuloso resgate histórico ao nos presentear com uma extensa reinvenção desse gênero textual, já tão corroído pelo tempo e com extraordinária maestria. Essas cartas se tornaram uma preciosa viagem no tempo e nas diversas áreas do conhecimento, da cultura, e sua eterna luta política sobre a revolução da mentalidade humana, cujo foco sempre foi o mesmo exorcizar o opressor que carregamos dentro de cada um e cada uma de nós no sentido amplo para uma criação coletiva e perceber que esse universo mesmo tão bem debatido e escrachado ainda continua indômito em sua saga silenciadora, não só agora, é claro, mas sempre.

Adentrar nesse universo freireano e suas cartas, é não ficar apenas catalogando exemplos subjacentes às práticas opressoras, mas sim sentir que podemos ser responsáveis pelas lutas e enfrentamento por um mundo mais justo e mais igualitário, a começar desde cedo no chão da escola. Dessa forma as Cartas Freireanas, nasceram para tocar nas nossas mais profundas subjetividades de ensinantes, como um convite irrecusável de ajuntamento à causa, para com ele construir um diálogo em permanente exercício com a educação, na tentativa de desconstruir os modelos de opressão tão presentes na sociedade. Ele chama atenção, no entanto, que é preciso estar atento à falta de projetos pedagógicos que não priorizem a compreensão política, social, ética e cultural para a formação de um cidadão com uma sede de mudança. As suas cartas enviadas aos quatro cantos do mundo, durante os seus 15 anos de exílio, para mim, estão cristalizadas como as ‘sempre vivas’, que são significativas para além de toda sua beleza ímpar e toda sua singeleza que brota no meio do cerrado com encantamento e ao mesmo tempo, com tanta determinação ao se permitir mudar o cenário oferecendo pureza ao cruel do mundo opressor.

Ter a oportunidade de se deixar influenciar em Freire é para poucos, por isso antes de mais nada, me sinto privilegiada, e isso é o que me fascina ainda mais nessas leituras e me faz chegar perto de outras grandes narrativas, e admitir esse gênero literário importantíssimo e de grande alcance, como sempre esteve presente nas cartas que o mundo conheceu, na vida e na morte, nas narrativas da literatura, na história, no cantar dos amores, das chegadas e despedidas, dos afetos e afagos me faz muito bem. De longe ou de perto o pensamento freireano se fez presente na engenharia da educação, eternizado como um mestre da generosidade, da amorosidade, um abridor de mentes, desconstrutor de velhas práticas, construtor de releituras do mundo pedagógico, cuja abordagem visita os mais variados enfoques, pelo universo da transitividade compartilhada, respeitando a nossa finitude, capaz de ser um agente perpetuado por essa busca incessante de uma educação como prática libertadora, desalienante e de grandes transformações. Como diz ele “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens, não é uma palavra a mais, oca, mitificante”. Um mestre que de uma prática para além de seu tempo, cheio de amorosidade por tudo

que viveu, mostrando sempre a importância do ato de ler, não só a palavra, mas sobretudo ler o mundo, que é importante que você veja a uva, todavia mais importante ainda do que esse ato sem propósito que não lhe serve de nada, mais do que isso, é necessário ensinar esse e tantos outros aprendentes ensinar os vovôs a saber em que condições sociais ele pode, de fato, comer a mesma uva, a partir da oferta de um universo problematizador,” que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Às vezes até fico a imaginar como esse gênio em toda a sua comunicabilidade, conseguiu implementar seu pensamento para tantos mundos em suas fartas cartas pedagógicas de dimensões transcontinentais e atemporais, para além de uma simples reinvenção de textos escritos, mas sobretudo com o firme propósito de fazer entender que o papel do ensinante é compreender-se “do direito e do dever de mudar o mundo” (FREIRE,1997,pág.53). E que ao escrever a sua vasta obra, crava toda a sua indignação e toda sua ira em favor dos oprimidos.

Nenhuma carta foi igual a outra, elas foram dirigidas às pessoas dos muitos mundos, aos opressores, sem deixar de compreender no entanto, que cada pessoa é sujeito do seu próprio destino. As cartas não são dirigidas a uma pessoa sequer em especial, mas sobre cada uma delas cada linha escrita, cada ideia carrega esse pertencimento para muito além das práticas escolares, compreendendo a importância de uma contextualização e ressignificação da educação como algo intrinsecamente vinculado, já há muito cauterizado pelas muitas construções descontextualizadas da realidade sobrevivente do espaço escolar.

As Cartas de Freire nos está a transportar em traços indelévels os seus escritos deixando implícita a ideia de incompletude e ao mesmo tempo nos faz sentir parte interativa dessa mesma construção que necessita de bases para sustentação do homem, levando em consideração a sua constituição histórica para além da sala de aula.

Pois bem, estamos aqui para falar das mais que didáticas cartas escritas por esse homem viajante, de alma profundamente inquieta que nos deixa esse legado para além do circunscrito, e que hoje, há exatos cem anos do seu nascimento, estamos dialogando com suas ideias mais que instigantes e desafiadoras, revolucionárias em todo seu contexto. Paulo Freire, esse nosso conterrâneo e tão contemporâneo cidadão do mundo, cujo empenho

no modelo de escrever, nos faz refletir para além dos muros da escola, publicou suas cartas como uma vasta visão sobretudo dos muitos aspectos que envolvem os ensinantes e os aprendentes, modificou a nossa maneira de ver o a gestão pedagógica, não só da educação, mas sem dúvida, sobretudo do contexto do mal estar da civilização. Ele nos convida a incursionar permanentemente por essas estradas, mas de uma forma diferente, pelo olhar carregado de afetividade pedagógica e ao mesmo tempo tão crítico sobre ainda tão cravados nas nossas memórias como Adélia Prado nos chama atenção, “o que a memória ama, fica eterno”. E eterno é o pensamento freireano de amorosidade e todo seu legado carregado de sua mais profunda afetividade, cravado naquela ‘tão mal traçadas linhas’ que a sociedade reescreve todos os dias noutras cartas que a constituem desde sempre.

Freire nos faz transitar tão profundamente entre essas escritas carregadas de saberes vivos, como um poderoso aliado para o nosso processo de desalienação e até por que não dizer de desoxidação das nossas caixas pedagógicas, por muito ainda fechadas e corroídas pela opressão, desvinculadas de uma realidade esperançadamente possível. As cartas nos ensinam a todo tempo, que é preciso estabelecer uma relação dialógica entre os diversos mundos inseridos na alma da escola, porque a leitura e a escrita, no entanto, devem funcionar de maneira emancipatória dentro do princípio da construção da pessoa enquanto um ser político, com criatividade e ousadia.

É preciso ler este mundo com olhar crítico dentro de uma realidade abstrata, como garantia da formação permanente e esférica de aprendentes e ensinantes, assim como ele conduziu toda a sua vida dedicada à educação, à desopressão de todo um sistema educacional sempre caquético e tão fragilizado como o nosso. Ele nos ensina que além de se reinventar nossa prática de aprendentes e ensinantes, é preciso, sobretudo, nos desconstruir, é preciso entender o universo de saberes que moram do lado de fora da escola, considerando a historicidade de cada um e cada uma, considerando o pertencimento aos muitos universos onde o estudante está inserido, política e culturalmente e é necessário criar pontes entre eles, num pensar fora da caixa, contracenando com universos mais fortes e mais democráticos, o que para Gadotti (2003,pág.21), isto se constitui “na medida em que hoje em dia, a nossa sociedade está em crise, se interroga e hesita, a educação torna-se por sua vez, um

lugar posto em questão, um lugar de tensão e de debate. Nesse sentido, ela se constitui num espaço político pedagógico de liberdade”.

Nas entrelinhas dessas cartas, estão delineadas para além, são cartas de cunho profundamente político, sócio filosófico, ético-cultural, a serviço da democratização do ensino, pensada como ato político principalmente na relação social e dialógica entre ensinantes e aprendentes. Através desses registros, conseguimos viajar nesse universo de maneira tal que nos convencemos cada vez mais, qual é a nossa importância na inclusão desse conjunto político e conflituoso, é que devemos ser significativamente, mais aprendentes e menos ensinantes, para então vislumbrar de fato uma educação libertadora que a todo momento nos informa sobre a importância de que é preciso sobretudo, uma insistente e adequada exploração da leitura e da escrita como esse objeto subjacente à construção de um mundo desopressivo. Nós como professoras e professores ainda como aprendentes, deveríamos nos apresentar eternamente reflexivos, não obstante, ainda seguiremos grávidos e grávidas de perguntas que nunca fizemos na escola, e também grávidos de respostas que nunca nos foram respondidas, porque as práticas de escolarização, não nos conduziram para isso, pelo menos numa determinada geração.

A escola como sempre, representada por essa quietude, ainda continua a divorciar algo que devia estar casado, a leitura crítica, sobretudo, da própria comunidade onde está inserida, utilizando-se, portanto, de uma educação para além da mediocridade do ensino no sentido político dentro da compreensão de que. “A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios, a quem o mundo encha de conteúdos”. Freire (1987,67). Ninguém mais do que ele, ressaltou a importância do ato de ler, sobretudo, o mundo no sentido político e a importância dos diálogos críticos entre aprendentes e ensinantes.

Ao percebermos que isso é o eterno descompasso que a escola carrega em todo o seu escopo, em que mal consegue formar simples leitores, muito menos leitores seguros e conscientes do seu papel de transformação de mundo, como sujeitos cada vez mais seguros de que a leitura da palavra tem sua importância para a construção de toda a vida humana, mas essa tem que estar criticamente vinculada à leitura de mundo, em forma de libertação, numa prática

da auto ação reflexiva como ‘ação-reflexão-ação’. A ideia por ele defendida de que para ler a palavra, antes precisa ler o mundo, também deixou de lado a não formação de escritores engendrados, deu liberdade para voos cada vez maiores para aqueles poucos que conseguiram beber da sua essência. Essa é uma realidade que nos persegue enquanto ensinantes e aprendentes, quando não se compreende primordialmente que quem ensina, primeiro aprende, quem lê o mundo lê-se a si mesmo, para se melhorar enquanto pessoa e consequentemente se fazer desalienar-se e melhorar as práticas opressoras tão arraigadas e tão presentes na educação brasileira.

Ao mestre com carinho, subscrevo-me agradecida.

Igarassu (PE), 20 de abril de 2021

Tecendo a Libertação

Grupo Esperançar SP¹

Caríssimo Professor Paulo Freire,
Nossas melhores saudações!

O que escrevemos é o que pensamos
É memória, é percepção, é sentido
É a experiência do que se vive
É uma parte nossa
E de todos que conhecemos
Somos errantes, caminhantes
Aprendentes, gente!
Muitas travessias e vários saberes
Muito prazer!
Somos o Grupo ESPERANÇAR!
Estado mãe dos que aqui nasceram, São Paulo
Terra de todos os povos
Hospedeira de milhares de vozes, de muitos lugares
Estamos aqui juntos, para criar

1 Integrantes do Grupo Esperançar - SP, participantes do III Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, realizado durante o ano de 2021: Ademir da Silva Pinheiro; Andreia Lucia da Silva; Beatriz Fernanda Jorge; Cynthia Faria Oliveira; Gabrielly de Sousa Moraes; Luciane Maria dos Santos, MARÍLIA DE MORAES BENINI, PATRICIA APARECIDA CORDEIRO, PAULO ROBERTO DE LIMA, TATIANE OLIVEIRA SANTOS NASCIMENTO O Ciclo de Leituras é um projeto de extensão organizado por um coletivo de educadores do grupo sindical APP Independente; do Instituto Federal do Paraná e da Universidade Federal do Paraná.

Fazer de outros modos
Sendo homens, mulheres, pessoas
Estudantes, profissionais,
Professores ou não
Educadores

“... Para mim, você é isso, Paulo, é a libertação contra a alienação! Espero podermos nos resgatar em cada encontro, compartilhar saberes e formarmos ricamente a nossa própria consciência...”

Viva nossas vozes, oriundas de tantas partes
Seja da Cynthia e do Ademir de Campinas
Ou da Luciane de Sandovalina
Da Marília, que vem de Taboão da Serra
Ou de Tatiane de Presidente Prudente
Gabrielly da nossa capital
A Patricia de Barueri
Paulo e Beatriz de Sumaré
Ou Andréia de Cândido Mota

“... Caminhemos juntos aos iguais, ao “homem simples”, mencionado por Pablo Neruda. No outro, podemos nos ver refletidos, e a ele, devemos nos unir, para fortalecidos seguirmos nessa caminhada de luta. Estejamos atentos e conscientes. Por um país mais justo, igualitário e amoroso, esperancemos!”

“... Você nos deixou como legado a indignação diante da injustiça e também o amor e a esperança. Esperança é a capacidade de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída. Caminharemos juntos, enfrentaremos este período de incertezas e ameaças aos direitos humanos...”

Mediatizados pelo mundo
Somos eternos educandos
Tantas buscas e a busca constante

De não desistir
Nos movemos como gente
Reconhecendo múltiplos atores e saberes
Trazemos conosco mais que a espera,
A esperança!
Não há homem no vazio
Assim você nos disse, assim somos nós
Atravessamos e somos atravessados por essas histórias
Vivências, culturas, experiências...
Ao final temos uma trama
Diversas histórias costuradas
Um às outras

“... Veio-me à memória a exposição da artista Sonia Gomes: Risco do Tempo. Nesta exposição, ela apresenta algumas esculturas construídas a partir da costura de retalhos de tecidos doados ou da própria artista. Cada retalho conta uma história. Ao final temos uma trama de diversas histórias costuradas umas às outras...”

“... Ao entrar em contato com sua obra, Professor, certo de extrair algum conhecimento, percebi que seria incomodado. E estava certo. Nunca mais olhei para educação apenas como mais um serviço a ser prestado de maneira comercial e ingênua. Ela, a educação, sempre exigirá o envolvimento de construção coletiva...”

Se sozinhos somos bons
Juntos somos ainda melhores
Nessa travessia de saberes
Aliamo-nos, entrelaçamo-nos, costuramo-nos
São Paulo com Paraná, Minas com Paraíba
A riqueza do tecido está na trama
E no colorido dos retalhos
Que, juntos, se fazem colcha

“... Professor Paulo, você denuncia uma sociedade catastrófica sobre o mando e o poder. Anuncia uma sociedade respeitosa e gentil - uma Utopia. Não foi ingênuo, foi educador...”

Educação como uma via de mão dupla
Vital, orgânica
Viver a alta complexidade da humanidade
Exige envolvimento de construção coletiva
Nada de instruções, postulados, receitas, modelos prontos
Educação bancária, ameaças, punições
Manobra do capital
Basta!

“... Em nossa vivência profissional, é impossível não associar suas ideias à realidade enfrentada hoje em dia...”

Libertação contra a alienação!
Bate papo e interação
Pensantes e críticos
Capacidade de rir, chorar e sorrir
Desconstruir
Palavra tornando-se presente
Expressando o interior dos sujeitos
Tornando visível o invisível
Respira a cultura e a identidade de um povo
Emergem as vozes de muitas vozes
Dilacerações e lutas em nossa gente
Você escreveu “Educação como Prática de Liberdade”
Marcado pela história brasileira
Brasil de dores e amores
De cores e sabores
Como retrocedemos...
Mas não importa!

“... Quero e preciso te saber em detalhes e em profundidade. Sei da responsabilidade e do desafio do mergulho, mas nossas maiores chaves, agora e sempre, estão postas nesses tesouros, escondidos lá embaixo...”

Caminhemos juntos
Juntos a homens, mulheres e todos os seres
Que buscam e vivem a simplicidade
Atentos, conscientes, resilientes
Com o outros construir e se reconstruir
Podemos nos ver refletidos no outro
E a ele nos unir
Vamos percorrer esta trama
Vamos descortinar o mundo
Vamos construir uma educação revolucionária

VAMOS ESPERANÇAR!!

Campinas, Sandovalina, Taboão da Serra, Presidente Prudente, São Paulo,
Barueri, Sumaré, Cândido Mota (SP), 19 de junho de 2021.

Recomeçar, eis a questão

Wellington Henrique Ferreira¹

Estimado Paulo Freire, (Re) começar é iniciar algo de novo, repetir até atingir algum objetivo, um processo de melhoria, ou mesmo o êxito. De antemão, questiono qual seria o tal êxito da vida? Seria o de cumprir as regras e normas pré-estabelecidas pela sociedade atual? Aliás, sociedade esta que se encarrega de nos cobrar uma mudança cada vez mais rápida, para atender a um ideal de vivência, ou de convivência. Se o momento me permite uma ressalva, vejo que algumas coisas parecem mais a ver com conveniência.

Por esses tempos tenho passado em frente a uma escola, que não é o local onde trabalho. O que me intrigou foi a falta de vozes, mas que não foram sentidas pelos meus ouvidos. O silêncio da ausência das crianças era exposto na horta, na plantação comunitária e no jardim. Embora tenha chovido, não era visível ali sinais de vida humana. As poucas mudas de hortaliça (que supostamente foram plantadas por algum adulto sem a presença das crianças) se misturavam de forma desenfreada em meio ao mato, e mal se interpretava o que era quem ali.

Era de se imaginar que ali havia vida humana há cerca de um ano atrás, e típica de seus protagonistas: as crianças e seus olhares. Ainda que neste momento de pandemia, alguns sonhos foram pausados, nem todos foram eliminados. As crianças continuam sonhando, mas de dentro de suas casas.

¹ Formado em Pedagogia pela Universidade de Mogi das Cruzes – UMC e atualmente Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo – USP. Em seu Projeto de Pesquisa, aborda a temática do Fracasso Escolar e o contexto de uma escola pública do município de Poá – SP, local onde atua profissionalmente na Educação Infantil.

Referem suas angústias e vontades aos pais, ou ao primeiro par de ouvidos que lhes aparecer disponível.

Foi refletindo e pensando constantemente em como encarar novos desafios que me vi na obrigação de voltar, começar. Meu trajeto passou a ser mais devagar, não somente para poder observar se na horta comunitária e no jardim existem traços infantis ou se persistem apenas insetos. Voltei para a criança que ainda permanece em mim para tentar enxergar e compreender as mudanças em que passei até chegar aqui, e pensar em me preparar para as rupturas futuras em que serei submetido, e no quão resistente devemos ser frente às adversidades.

Esse processo de liberdade me deu aptidão para poder transitar entre o adulto e a criança, e que no fundo possuem a mesma essência. Foi o ir e vir até a catarse que encontrei minha essência, algo que é com melhor precisão é ofertado ao outro sem esperar nada em troca, ou seja, o que cada um tem de melhor e carrega dentro de si, seja eu, você, o vizinho, o jardineiro ou a moça da padaria. Nossa essência chega ao próximo antes de nosso perfume, e deixa marcas da nossa personalidade exposta.

Ainda assim, a busca por um novo eu fez com que nesses processos de (re) começar eu tenha pago um preço, como se tivesse usado algumas vidas de um jogo cujo eu era o personagem, o narrador, o protagonista, mas não pudesse antecipar nenhum capítulo ou fase. Foi necessário cumprir cada etapa, amargar cada espinho, apreciar cada pétala disponível no caminho e suspirar, ora fosse para apreciar a beleza daquele momento ou se o suspiro fosse o anseio por um momento melhor. Precisei esperar, mas não esperar. Ao que me era acessível, decidi agir. Então dei “reset” em vidas passadas, e de tempos em tempos buscar o “novo eu”. Essa busca não foi sozinha, nem em vão. A medida em que novos relacionamentos interpessoais eram estabelecidos entre mim e os demais sujeitos, um novo eu era ali moldado. Quando interagi com o outro, nascia ali uma relação metade minha e metade de outrem. Daí vem a responsabilidade afetiva, onde o outro era responsável por mim e vice versa, onde o respeito mútuo permitiu que eu me tornasse quem sou através do que era oferecido pelo outro, e o outro era quem era pelo que eu ofereci a ele.

O processo de humanização não pode acontecer de forma hierárquica, automatizada, robótica. É preciso ter empatia e simpatia, sutileza e gentileza na

troca com o outro a minha frente. Através disso, é possível compreender que nossas ações nada mais são do que respostas pautadas em um corpo e uma mente dispostas a cumprir uma resposta à jornada em que seguimos, regidas por um propósito.

E como (re) começar faz parte de um processo contínuo, uma busca pela construção de minha identidade, a cada passo que eu dou, a cada interação minha com o outro, uma pessoa de meu círculo social ou não, parte de mim é lançada a frente e em contrapartida recebo parte de alguém também. É sobre quebrar correntes, paradigmas, estigmas, rótulos e práticas pré-fixadas, que muitas das vezes são impostas a nós como imutáveis, mas esquecemos que elas foram criadas por alguns de nós, por isso podem padecer de ajustes e possibilidades. É como as regras impostas às crianças de fazerem filas e se sentarem nos bancos escolares para o cumprimento de tarefas, ou como as regras criadas para priorizar as pessoas em uma campanha de vacinação. Justas? Injustas? Não entremos nessa discussão. Entre idas e vindas, o lançamento de um livro ou outro, durante o segundo eu estive frente ao meu reencontro. Mas nem todos tiveram esta chance, mais precisamente quinhentos mil amargaram a despedida e a ruptura de laços inesperados, e por estes não deu pra guardar as lágrimas que poderiam ser adiadas para outros dias. O tempo presente foi com muitos cruel e devastador. Por eles, nosso sentimento, empatia e compaixão. Pelos que permanecem em busca de si mesmo: liberdade e consciência.

Por isso deixo meu legado e minha lista de tarefas a serem realizadas: Amar novamente, viver novamente, sentir intensamente, transitar e deixar minhas pegadas nas areias do tempo, além de expressar minha gratidão diariamente, pois em meio ao caos atual, poder ir, me reencontrar, retornar para (re) começar é sim uma verdadeira dádiva.

Se o dom da vida é sim uma oportunidade, eis me aqui para aproveitar minha chance.

São Paulo (SP), junho de 2021

Memórias, Lembranças, Vivências

Lucivanda Braga Lima¹

Artur Maciel de Souza Neto²

Ana Lúcia Oliveira Aguiar³

Estimado Freire,
As lacunas sobre as vozes de homens e mulheres simples, do cotidiano da vida, em suas narrativas de sentido e significado para suas vidas são bem visíveis nas práticas do dia a dia dos fazeres nas escolas. Essa ausência nos provoca buscar o espaço da fala, por onde nossas vozes possam ecoar no dizer em texto e contexto de vivências. Essa carta, Paulo, é para compartilhar experiências marcadas por nossos pés de caminhantes de nossos caminhos pelas ruas, atalhos, vias, avenidas de um dos países por onde deixamos recordações e trouxemos aprendizados, imprimimos saudades e construímos uma rede de afetividades. Chama-se Colômbia

1 Formada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pós Graduada em Libras e Educação de Surdos pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Atualmente, é professora efetiva e intérprete de Libras da Seec/RN E-mail:luciblima.braga@gmail.com

2 É licenciado em Letras com habilitação em Português e Inglês pela Universidade de Pernambuco (UPE) Pós graduação em Pedagogia, Gestão, Supervisão e Coordenação Escola. Mestrando profissional em Educação Especial pela Universidade Paulista (UNESP) Professor TILPS da rede estadual de ensino do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: Oliveiraneto.a.m@gmail.com

3 É formada em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestra e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, é professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail:anaaguiar@uern.br*

Um dos maiores desejos do grupo, dentre os países da América Latina listados era conhecer a Colômbia, a cidade de Medellín, por onde nossos sentimentos passeavam no aconchego do viver a vida como aprendizes e ensinantes. Pois bem, Paulo, organizada a programação, nossos corpos desejavam por em prática a palavramundo, o aprender o mundo antes de aprender a palavra. O cenário onde nossos fazeres seriam aquecidos vestiam-se de empoderamento, de energia emancipatória a despeito de não termos conhecimento sobre o lugar. No entanto, Paulo, seus ensinamentos nos guindavam para adiante, pois viver é correr risco. Risco de ir e vir, de acontecer e não acontecer, de poder e não poder, de fazer e não fazer, da alegria e da tristeza, da dor e da felicidade, do amargo e do doce. Esse é o que chamamos do bom da viagem.

Sobre algo muito pertinente, tínhamos certeza, que era o enfrentamento do caminhar caminhando nosso caminho, tecendo nossas incertezas, acolhendo nossas dúvidas, abraçando nossos questionamentos, costurando nossas redes onde o mundo estaria muito pequeno diante do tamanho dos nossos sonhos. Ah, Paulo! Os livros não contam essas histórias, nem os escritos institucionais, e essas vivências do sujeito da experiência se constituem em uma central necessidade para a história vida com base em pessoas e lugares simples, do dia a dia. Considerar que as histórias oficiais contadas nos livros não trazem o aroma dos detalhes com base em histórias de pessoas comuns que tem suas marcas nos sítios, na agricultura, no mar, no campo, no ribeirão, nas montanhas, no pastoreio que são oriundas de uma prática aprendida com as lições de casa histórias onde famílias, por gerações, não teve condição para a educação seus filhos em bancos escolares e da academia. Somos esses e essas que andam seu andar, pisam seu pisar, abraçam seu abraçar.

Para narrar sobre a viagem à Colômbia, especificamente, à cidade de Medellín, e mais particularmente nossa etnografia pelas ruas, veredas, comunas da cidade, como a Comuna 13, prepararmos nossos corações de aprendizes que aprendem na emoção do outro, entrando na subjetividade do outro. Na Colômbia, direto para a cidade de Medellín, Universidad de Medellín, onde realizaríamos uma experiência ímpar na construção de nossas biografias.

Precisaríamos de muitas páginas de narrativas tendo como ponto de partida, o viver cada segundo, cada minuto bebendo cada palavra, cada lugar, cada espaço, cada toque, cada detalhe, por todos os caminhos de construção

da vida e com os outros. As dimensões da subjetividade permitem o autoco-nhecimento. Ouvir a voz dos caminhos construtores e diante dos quais dialogamos no interior de cada um no presente é formativo. Criamos, fizemos o percurso de retorno do que criamos e recriamos. Os processos formativos, o aprender a aprender, pelas mãos do mundo, da palavramundo, como central, como sujeito e como objeto do nosso processo de transcendência.

Escrever o mundo, com o mundo, a partir de modos de viver, narrar, guardar em diálogos cruzados na região de fronteira onde os sujeitos se tocam, modos de produção da vida para apreender novos contornos e configurações na cartografia de partilha, reflexões, exigem muitas aproximações aos sujeitos, lugares e acontecimentos. Exige aglutinar a inventividade e narrar sua história como produtora de sua história de vida. Contar a sua história para viver a história de todos que passaram por sua vida dando-lhe um modo que lhe corresponde e a revela. Foi o que fizemos na cidade de Medellín. A vida e a arte da vida, sentida no sentimento do desejo, do querer, sempre presente em nossas ações nos levou a essa viagem internacional à Colômbia, cidade de Medellín, em 2018, para realizar uma Formação para nossos irmãos colombianos. De Mossoró, cidade do Rio Grande do Norte, à Medellín, cidade da Colômbia para narrarmos na partilha nossas experiências de formação. A história narrada para uma plateia composta de professores, estudantes, estudiosos e pesquisadores, gestores, emocionou todas as pessoas.

Essa trajetória quebrou grilhões que nos amarravam a uma história, na qual, muitas vezes, nos pensávamos impossibilitados. Veremos nossas malas arrumadas, check-in realizado, viagem em direção ao aeroporto Internacional Pinto Martins, em Fortaleza embarcar as malas e entrarmos pelos corredores até a aeronave foi uma viagem sentida no mais profundo da alma. Conduziu-nos às ações que nos fizeram caminhar pela vida consciente, agindo e sabendo que fizemos nossas escolhas, portanto, construindo nossa capacidade de responder, com resistência às pedras no caminho e pensar rumo à superação dos obstáculos, com mais lucidez, no processo de formação. Ficamos surpresos com nossas surpresas, mas o cotidiano da vida expressa nossas escolhas/prioridades. As lições de vida, e para a vida, são inenarráveis.

Preparamos a próxima viagem. Será surpreendente! Encontramo-nos no Bom da Viagem e, seguros, revimos todos os detalhes de outros traçados,

mais ainda, para nossos aprendizados e ensinamentos cotidianos. Viagens fantásticas com uma primeira pergunta: o que nos faz acordar todos os dias! Quais os detalhes mais simples e preciosos da vida? Reflexões feitas, desde antes de embarcarmos à Colômbia. Embora no isolamento social/quarentena, relembramos da viagem à Colômbia. Tem sido um ganho sensível para por em prática o que sempre nos moveu como projeto transcrito vinte anos. Alimentamo-nos do sol, da terra, da água, de pessoas que tem o outro, no seu dia a dia, na prática. Somos do mundo. Sobre os escritos de décadas de formação, os três últimos anos mostram que uma planta precisa ser regada por todos os dias. Essa nos atira às leituras e transposições. Como é bom uma liminaridade!!! Seguimos, Paulo, felizes, dinâmicos, dialógicos, no Bom da Viagem! Obrigada, Paulo, por nos ensinar a ficarmos surpresos, admirados, curiosos. Permite-nos reaprendizado. O aprender e o desaprender são aprendizados. Acredito que o desaprender é estimulante! Entusiasmo! Faz-nos amadurecer, acordar, como na República de Platão! As correntes se partem para resplandecer da vida. Todos esses encantamentos e reencantamentos, aprendizados e desaprendizados erguem e, como necessidade singular, possibilitam reaprendizados. Liminaridades são essenciais. Nesses lugares nos deparamos com miradas apreciativas, aromas, azedos e doces, olhar com muitas lentes.

Dimensões com várias entradas e caminhos. Somos caminhantes da nossa caminhada, de conhecimentos e experiências que se autobiografam. Que generosidade seus ensinamentos, Paulo, com tamanhas dádivas alimentadas pelo exercício do estranhamento e desbanalização do cotidiano. Caminhamos nossa caminhada com nossos desertos de liminaridades. Estes nos embalam com todas as certezas/incertezas! Silêncio para enxergar! Escutamo-nos para desabafar! Ouvimo-nos para reconstruirmo-nos! Lemo-nos, lemos o mundo para atizar nossas releituras que se autobiografizam.

Relembrar as memórias através de narrativas é ver possível a aproximação às lembranças por meio das palavras. Estamos a rememorar Paulo, a viagem que fizemos à Colômbia, em destaque Medellín, que nos permitiu alegrias, aprendizados, ensinamentos, novas redes de colaboração humana. Andamos, cantamos, passeamos, admiramos. As ruas, as avenidas, as praças, museus, bibliotecas, o centro da cidade fervilhavam de diversidade. Encontramos,

tantos outros e tantas, outras nas esquinas, nas praças que nos abriram suas histórias de vida e se encantaram com histórias que contamos de nossas experiências do Brasil. Abrigamo-nos em histórias!

Foram cerca de dezessete dias de muitos aprendizados e emoções que fizeram diferenças singulares na nossa vida pessoal e profissional. Conhecer lugares, nos aventurarmos, dar um novo sentido a nossa vida, nos fez ver e encontrar um novo “eu”, nos oportunizando um confronto com medos, inseguranças nutridas por anos e como você falou Paulo. É preciso impor limites nos nossos medos, não devemos permitir que eles sejam injustificáveis e que nos mobilizem.

Essa parte da trajetória das nossas vidas, foi muito especial e significativa, ao recebemos convite para participar das conferências na Universidade de Medellín, ministrar formações para os professores do Colégio Campestre Conquistadores e alunos do Curso Normal na cidade de Santa Rosas de Osos. À época eu, especificamente, estava gestora do Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento aos Surdos e essa oportunidade me permitiu compartilhar experiências e conhecimentos acerca da Educação de Surdos do Brasil, pois como você disse Paulo, somos educadoras e educadores, de viver, na prática, o reconhecimento óbvio de que nenhum de nós está só no mundo. Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora significa reconhecer-nos e nos outros para que os professores conheçam nossa prática pedagógica.

Dessa forma é possível apresentar uma prática pedagógica que auxilie na construção da independência e autonomia do sujeito surdo, uma educação como por você ensinada, Paulo, uma proposta de formação de professores com vistas a uma educação emancipadora capaz de contribuir para a construção do ser autônomo. Foi um encontro envolvente, entendível, sobretudo por estarmos inseridos em uma cultura e idioma diferentes, nos conectamos pela linguagem da empatia, carisma e receptividade das pessoas que ali se encontravam. Ah, Paulo, quantas saudades daqueles dias, daquela gente, daquelas paisagens encantadoras, dos lugares visitados.

Continuamos nossa viagem fazendo uma caminhada pelas ruas da cidade, especificamente em um local que é chamado “coração da cidade”. Conhecemos

a praça que abriga esculturas do artista Fernando Botero. Com formas rechonchudas, a cabeça, o gato, o guerreiro romano, a Vênus adormecida, a mulher com espelho, todos compõem uma visão inspiradora. Encontramos nessa praça e em outros recantos da cidade, homens, mulheres e crianças, imigrantes da Venezuela, em busca de emprego e uma vida melhor para suas famílias.

Eles passam dias atrás de lugares para dormir e comer. Essas pessoas apesar das dificuldades se mostravam alegres, alguns deles, cantavam nos sinais de trânsito, e em restaurantes, trazendo alegria e entretenimento.

O desejo, Paulo, escuto na sua fala, quando diz que o homem é um ser histórico e, portanto, capaz de construir sua história participando ativamente com os outros no mundo, lembrando sempre que se reporta ao mundo imediato dos sujeitos, isto é, o local onde vivem, criam, produzem, sonham. Os moradores da Colômbia são muito solidários com os imigrantes venezuelanos.

Continuamos encantados pelas belas paisagens de Medellín, quando tomávamos um táxi, podíamos vislumbrar o vale de prédios imponentes, com arquitetura de tijolos à vista, cercado de montanhas onde ficam as favelas, as chamadas Comunas. Estamos indo andar de teleférico, o Metrocable, um meio de transporte que favoreceu a classe mais vulnerável da cidade, as pessoas que moram nas Comunas, permitindo conforto e dignidade. Foi a primeira vez que andamos em transporte desse tipo, muito comum para o povo de Medellín. Foi um passeio emocionante, com direito a friozinho na barriga.

Ah, Paulo, também conhecemos a cidade de Santa Fé de Antioquia, uma das antigas cidades da região que mantém até hoje sua arquitetura colonial do século XIX. A arquitetura chama atenção pelas janelas e varandas, típicas de Antioquia. Nas estreitas ruas de pedra há várias lojas de artesanatos, cidadezinha linda que cultiva a tranquilidade. No caminho de Santa Fé, pudemos ver uma ponte suspensa, dizem que é a primeira continente e a maior ponte da América do Sul.

Quantas aventuras, quantos momentos marcantes, vivemos nessa viagem, voltamos para casa com nosso coração preenchido de muita paz, diante de tantos lugares encantadores e de pessoas maravilhosas e generosas. Nossa

vontade era de não ir embora. Mas, partimos com a certeza que trouxemos conosco muita leveza, tranquilidade e felicidade. Deixamos, sem dúvida, um pouco de nós, para oportunamente regressarmos contando alegrias!

Com leveza, paz, felicidade...e saudades, esperamos um mundo novo!
Rio Grande do Norte, junho de 2021

Uma aula é uma aula

Matheus Medeiros Pacheco¹

Querido Paulo Freire,
Cartas nos aproximam nos tornam íntimos. Cartas compartilham sonhos, segredos, esperanças. Cartas, mais do que cartas, são convites ao diálogo, uma exortação ao olhar externo e uma convocação para a batalha. Por isso, escrevo essa carta.

O que quero relatar é uma experiência como aluno, na disciplina de Didática da PUC-RS. A professora pede para que um aluno faça uma rememoração da aula anterior (nós chamamos nossos encontros de *ágora*, e é essa expressão que utilizarei aqui). *A ágora do dia 12 de abril de 2021 ficou sob minha responsabilidade, e quero dividir essa experiência contigo.*

Nesse dia, o Brasil foi pego com a divulgação de um áudio de Jorge Kajuru falando com Bolsonaro sobre a CPI da Covid. A Polícia Civil buscava novas respostas ao caso Henry Borel, menino morto espancado pelo padrasto. Rosa Weber suspende parte de decretos pró-armas de Bolsonaro. Um tiroteio em escola no Tennessee, EUA, deixa um morto e um ferido.

Se as notícias nem sempre nos dão esperança, precisamos saber que o mundo em que vivemos é cheio de desafios. E por isso também escrevo essa carta, para que possamos, daqui a alguns anos, reler e perceber que as notícias mudaram. Perceber que passamos por tempos assombrosos, mas que sobrevivemos e conseguimos melhorar a realidade – nem que seja um pouco.

Pois bem, com esse cenário catastrófico, cada um chegou na ágora. Cada um no seu espaço, com seu computador ou celular. Com seus livros,

¹ Contador formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estudante de letras na PUC/RS e um eterno sonhador.

almofadas, travesseiros. Com sua família, seus bichos. Com seus sonhos. Todos nós sonhando juntos. A ágora começou com a famosa boa noite da Professora Rosane e a projeção de um excerto do filme Nunca me Sonharam:

Tem professores que entram na sala e que não dão nem bom dia, que entram passando matéria. A gente ganha muito mais numa relação de troca, na qual o professor não está lá “em cima”, só depositando um monte de informação para o aluno.

Lembrei do artigo da Kollas², que fala sobre o professor não ser somente um transmissor de saberes. Que a educação dessa forma parece muito mecanicista. Uma colega citou o exemplo de muitos professores que falam da “perda de tempo” – muita coisa para dar, precisa passar conteúdo. A professora falou que chegar na aula é currículo – currículo oculto, que se revela nas ações, nas escolhas, nas trocas.

Sobre essa fala da menina no filme, me lembro de versos de Gregorio de Matos, poeta brasileiro seiscentista conhecido como Boca do Inferno. Quando foi até Coimbra para estudar, ele teve uma visão de escola muito parecida com a daquela aluna, e escreveu assim:

Adeus, prolixas escolas,
Com reitor, meirinho e guarda,
Lentes, bedéis, secretários
Que tudo somado, é nada.

No slide em que aparece a frase, aparece também a imagem de uma árvore. A professora questionou que árvore era aquela. Um pé de jaboticaba? De butiás que caem dos nossos bolsos? Não. A imagem é de uma tamareira.

As tamareiras podem representar o processo de aprendizagem, já que tâmaras demoram mais de cem anos para frutificar. Processos reflexivos

2 KOLLAS, Franciele *et al.* *Saberes necessários ao bom professor: dizeres de licenciados e estudantes da Educação Básica. Educação, Santa Maria, v. 38, n. 3, p. 645-658, set./dez., 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.509/198464445700>.*

demoram e dificilmente vemos o produto do que desenvolvemos, nós apenas semeamos e acompanhamos o processo na medida em que conseguimos.

Curioso, aliás, a jabuticaba aparecer como uma das possibilidades na provocação. As jabuticabeiras sempre me intrigaram por uma característica especial em relação às outras árvores: a fruta nasce no caule. Penso que nós precisamos ser jabuticabeiras: pensar diferente da maioria, sermos criativos. Nunca veremos os resultados, mas pelo menos tentaremos mudar as ideias dos alunos sobre as aulas. Se tentarmos mudar a forma de pensar, mesmo que demore, podemos fazer a diferença.

Aproveito essa temática e trago também a reflexão de Rubem Alves, que diz que devemos ser jequitibás, e não eucaliptos. Ele diz assim:

É bem verdade que é possível plantar eucaliptos, essa raça sem-vergonha que cresce depressa, para substituir as velhas árvores seculares que ninguém viu nascer nem plantou. [...] Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma fase, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” *sui generis*, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo pra acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois.³

Mas enfim, vamos sair do jardim botânico e continuar a ágora. Entre os debates provocados pela frase do filme, surgiu uma conversa sobre a diferença entre conhecimento e informação. Um colega falou sobre o trabalho que envolve ter conhecimento, que a informação é uma fonte de dado bruto e que o conhecimento é produzido por essas unidades de informação. Trouxe também a questão de conhecimento científico e saber local, apontando que a ciência não é tão científica, que tudo é falseável, que não existe uma exatidão. A experiência pode ter equívocos, mas é muito válida. Falei que a experiência nem sempre explica o porquê das coisas, mas a ciência deve partir da experiência para chegar à explicação. Outra colega falou da ciência como uma sistematização do conhecimento. Surgiu também uma discussão sobre conhecimento empírico, e a professora completou que o ciclo ideal e natural da ciência é se tornar senso-comum.

3 In: ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. Editora Autores Associados, 1980. p. 12.

Depois disso, tivemos a rememoração da ágora anterior. Trouxe aqui alguns pontos que foram debatidos e que me chamaram atenção na rememoração da colega. Ela trouxe uma frase do ex-diretor da OMS, que disse que “o otimismo ingênuo é um enorme risco ao agravamento da situação”. Claro que ele falou isso sobre a pandemia, mas cabe muito bem nas discussões que tivemos, citando Medo e Ousadia, de Paulo Freire.

Ela também trouxe como provocação a afirmação da Receita Federal de que os livros são artigos de luxo, já que “só os ricos leem”. Por isso, as isenções fiscais sobre livros devem ser retiradas. Um colega colocou no chat (estamos utilizando o Zoom durante a pandemia) os vencimentos de Auditor Fiscal da Receita Federal, que ficam na base dos 21 mil reais mensais. Outro colega falou sobre percepção de mundo e questionamentos, que devemos sempre refletir sobre o que faz sentido, sobre privilégios. Houve também uma provocação sobre desvalorização da ciência que ocorre atualmente no Brasil, e que isso acaba corroborando com a ideia de que livros são desnecessários. Livros vão na contramão daquilo que fomos ensinados, a simplesmente aceitar o que recebemos como verdade. Livros levam a um pensamento crítico.

Sobre tudo o que discutimos até aqui, me lembro desse pequeno excerto de uma carta tua, querido Paulo, que fala justamente sobre a importância das leituras no ensino, retirado do livro *Professora sim, tia não*:

Por isso também é que *ensinar* não pode ser um puro processo, como tenho dito, de transferência de conhecimento do ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal que já critiquei. Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do contexto.⁴

Um colega acrescentou que hoje em dia os alunos estão pesquisando em tempo real. Há muita informação disponível, e devemos pensar sobre elas. Apontou também o privilégio que nós temos de acessar aulas síncronas, se tratando da realidade dos brasileiros.

4 In: FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não*. Editora Olho D'água, 1997. P. 23.

Em matéria do Correio do Povo, alguns dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação de 2019 são divulgados. Entre eles, os seguintes:

No último trimestre antes que a pandemia de Covid-19 se agravasse no Brasil, 12,646 milhões de famílias ainda não tinham acesso à internet em casa. Cerca de 39,8 milhões de brasileiros de 10 anos ou mais de idade não usavam a rede, e ainda havia 34,9 milhões de pessoas nessa faixa etária sem aparelho de telefone celular.⁵

A professora comentou sobre o ambiente escolar no período da pandemia, que tem havido menos aulas síncronas e os exercícios têm sido com baixa complexidade. Um professor observou que muitos tentam fazer jogos, mas que, além dos alunos, professores também têm dificuldades nesse formato. Outra colega trouxe um caso do município de Cachoeirinha (RS) em comunidade vulnerável: a escola precisava ficar aberta para que os pais pudessem levar as atividades para os alunos, porque a maioria não tinha acesso.

Mas o que tudo isso tem a ver com docência, com didática? A professora nos provocou, e eu provoco aqui também. Acho que a continuação da ágora pode nos ajudar a responder isso.

No próximo momento da ágora, vimos os vídeos com entrevistados que respondem o que é uma boa aula. Em um dos vídeos, a menina L.⁶ afirma que uma boa aula é presencial. Que não gosta do online, porque cai muito e é ruim. Apesar disso, a aluna não lembra exatamente como é uma aula presencial. Em outro, a aluna A., de 15 anos, trouxe que uma boa aula tem que ser interativa, com perguntas, exemplos, participação dos alunos, mas que o professor não os coloque em situações embaraçosas. Que a aula seja espontânea, uma conversa, sem pressão aos alunos. Num terceiro vídeo, o estudante B., de 9 anos, respondeu que uma boa aula deve ter mais intervalo.

5 Matéria disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/jornalcomtecnologia/em-2019-acesso-%C3%A0-internet-exclui-39-8-milh%C3%B5es-de-brasileiros-1.603191?fbclid=IwAR02iNPwJJiHp2U5DpLlqrLXOOLmuVsOLvhl-gTtnZloR8w9uaQn-e8GtOBA>

6 Embora tenhamos autorização para utilização dos vídeos, optei por abreviar os nomes.

Conversamos sobre os vídeos, e vou tentar resumir os principais pontos aqui. Prefiro unir os raciocínios que foram feitos, em detrimento da ordem cronológica, para que possamos também nós agora raciocinar.

Em relação às aulas online, uma colega apontou que L. não sabe exatamente o que é uma boa aula, mas sabe o que não é. Que a aluna sabe o que é prazeroso, no campo da emoção, e que as aulas online não têm sido prazerosas. Outra colega fala de tentar aproximar a aula síncrona com a presencial, de fazer os alunos ainda gostarem de aula. Também surgiu a questão do exa-gero, dos tempos de aula, da sobrecarga, e que isso não é proveitoso. A professora chamou atenção sobre diferenças de tempos, espaços e significados entre aulas virtuais e presenciais.

Outro colega falou que a aula online dificulta a interação do aluno com o professor, fica basicamente um monólogo, além de aumentar a exposição, criar um holofote em quem tira dúvida. A professora comenta sobre se ver na câmera, como isso se relaciona com o processo de aprendizagem, com a construção de conhecimento, principalmente em matérias que exigem um grau de racionalidade e abstrações. Foi comentado que as aulas ficam gravadas, que dá um receio de falar e ficar registrado. Apareceu também a importância de não constranger o aluno, já que o constrangimento, muitas vezes, causa evasão. Apontam também os atrativos da casa, como o videogame, a televisão, os amigos. Traz a questão da concorrência que o professor tem em relação às demais coisas do dia.

Sobre tudo isso, percebe-se que existe uma mistura, uma invasão do público e do privado, já que hoje a sala de aula está na casa dos alunos. Em uma aula de Iniciação à Docência, recentemente, tive depoimentos de dois professores que cabem aqui para algumas reflexões. Uma das professoras falou sobre dar aula com câmeras desligadas, que isso é ruim e causa um distanciamento. A sala de aula presencial tem o aluno ali, interagindo, a aula online tira esse momento, é muito artificial, e a câmera desligada também “desanima” o professor. Por outro lado, outro professor comentou que uma escola da rede privada de Porto Alegre fez os pais assinarem um termo de que os filhos manteriam as câmeras ligadas durante a aula, ou teriam faltas. É complicado pensar nisso, principalmente por tudo que vimos sobre constrangimento. A câmera traz a invasão do público com o privado, e a obrigatoriedade tem que

ser discutida. Por outro lado, como fazer a interação que desejamos sem ver os alunos, sem poder ouvi-los? Não sei a resposta, mas podemos juntos tentar descobrir.

A professora traz a pergunta-provocação “o que é importante agora?”, e fala que pensar nisso exige muitos acordos. Inclusive sobre a naturalização de levantar e beber água, ir ao banheiro, caminhar um pouco. Se existe no presencial, por que não no online?

Continuamos a agora assistindo a um quarto vídeo, que nos apresentou Dona C., de sessenta e poucos anos. Ela se sentiu constrangida, sem argumento, sem conteúdo, como se não pertencesse ao mundo da escola e, portanto, não pudesse opinar. Apesar disso, Dona C. nos presenteou com a frase “Uma aula é uma aula”.

Um colega aponta que o comentário de Dona C. parece muito com o raciocínio de uma criança, que “foge” do assunto, dizendo “isso não é meu”. Fala também do constrangimento, da recusa e da falta de segurança de falar, de assumir uma posição, de exercer a cidadania, de ter uma opinião. O colega fala que é importante que nós percebamos o quão diferenciado nós já somos, porque já temos capacidade de pensar, de ponderar, de raciocinar.

A professora aponta que na EJA é muito comum que encontremos esse raciocínio, que é comum aos professores de adultos enfrentarem esse distanciamento, o “eu não sei isso, “isso não me pertence”. Uma colega traz também que ouviu muito o argumento de “eu já estou velha demais para aprender”, e que muitas dessas pessoas sabem muitas coisas, mas nem sempre sabem como demonstrar esse conhecimento. Que falta perceber onde os conteúdos estão na nossa vida, o porquê de serem importantes.

A professora trouxe a questão de que esses pensamentos também são comuns em adolescentes, principalmente em determinados agrupamentos. Que esse raciocínio tem classe social, cor, localização geográfica. E que nunca teve interesse público para mudar a situação. Acrescentou que, muitas vezes, o professor é a única imagem daquilo que deu certo na vida dos alunos.

Portanto, tenhamos sempre cuidado com as nossas atitudes e as nossas falas. Somos exemplo e temos um peso enorme na vida das pessoas que passam por nossas mãos. Decidir ser professor é um ato político. Docência é militância por melhores direitos, por cidadania, por opinião. Tenhamos

sempre isso em mente quando formos pensar na nossa docência. Vejamos sempre o aluno como um ser humano que merece e deve exercer seu direito de cidadão, que não pode ser sonogado no seu direito básico de opinar.

Continuamos a agora discutindo algumas citações do artigo da Kollas. A professora apontou que somos um todo em nós mesmos e no mundo, e que precisamos usar isso no nosso ofício. O bom professor e a boa aula dependem do momento, do local, das expectativas, dos sujeitos, da sociedade. Não há um discurso pronto, uma resposta fechada.

Também tem que ser levado em conta o entendimento do professor sobre sua profissão. Sobre isso, a professora aponta a necessidade de continuarmos pesquisando, colocando a nossa docência como objeto e nós como sujeitos. Essa prática ainda é muito nova, mas muito relevante.

Fomos divididos em grupos para discutir o artigo e elencar temáticas que expressassem as principais ideias, que apontassem quais conceitos são relevantes para levarmos para a nossa docência. O grupo Bendito Fruto⁷ apontou as palavras AMOR, EMPATIA, AFETIVIDADE, RESPONSABILIDADE, CRIATIVIDADE, DIDÁTICA, PACIÊNCIA e MEDIAÇÃO. Foi apontado pelo grupo que devemos ter regras de convivência, mas não limites, e que isso muitas vezes é complicado devido à realidade dos alunos. Uma colega apontou que autoridade exige aceitação e compreensão por parte do outro. A professora citou Antonio Nóvoa sobre a formação específica do professor, no chão da escola. Ele diz que é na escola que se ressignifica a docência, se coloca em debate a avaliação, o currículo, as políticas públicas. As discussões do grupo Humano ficaram para essa semana.

O último momento da agora foi a aula de um colega. Como parte dos conhecimentos da disciplina, é proposto que todos os alunos deem uma aula sobre um assunto de sua área. O colega informou que daria uma aula expositiva para 1º ano do Ensino Médio (jovens de 14-15 anos), em conteúdo inicial de Sociologia. O tema escolhido foi Positivismo. Para evitar de falar bobagens sobre um assunto que não domino, não vou entrar em detalhes sobre o conteúdo passado, mas sim sobre o que me chamou atenção na sua dinâmica.

⁷ Na disciplina, os grupos de trabalho se batizam. Um dos grupos se chama *Bendito Fruto*; o outro, *Humanos*.

Ele utilizou como exemplo a bandeira do Brasil e a espada dos militares para explicar o Positivismo, com o lema Ordem e Progresso da bandeira. Chama-me atenção às ligações com história e filosofia que ele fez na aula. As propostas de desafios aos professores, o convite ao pensamento crítico. Ao responder a uma pergunta feita por outro colega, explicou a questão, mas também colocou o aluno no debate, convidando à curiosidade, à pesquisa.

Um segundo ponto que quero trazer aqui antes de encerrar é a forma com que foram trabalhados os símbolos da pátria. Isso é uma coisa que sempre penso a respeito. Ao usar a bandeira do Brasil para falar do lema positivista de Auguste Comte (“Amor por princípio, Ordem na base e Progresso por fim”), Lucas abriu uma gama de possibilidades de estudo sobre esses símbolos. Baseado nisso, e por ver que esse lema entrou com a Proclamação da República, podemos questionar por que a bandeira republicana é quase igual à bandeira imperialista. O que são, afinal, o verde e o amarelo? Por que a nossa bandeira jamais será vermelha se o Brasil tem esse nome justamente por causa de uma árvore de cor vermelha?

Enfim, são questões para pensarmos. E ver o colega abrir essas possibilidades na aula foi muito bom. Precisamos desafiar e ser desafiados. Precisamos questionar e ser questionados. Que nunca nos falte esse otimismo crítico, essa rebeldia amorosa. Que (diferentemente da bandeira) nunca nos falte amor.

Receba o afeto que se encerra em meu peito juvenil.

Com carinho.

Porto Alegre (RS), maio de 2021

Celebrando vida, memória e legado

Leticia Rameh¹

Prezado professor Paulo Freire, minha eterna fonte de inspiração e gratidão!

É com muito prazer, emoção e alegria, que estou redigindo essa carta em comemoração ao seu centenário e lhe parabenizar por ser um educador inesquecível e Patrono da Educação Brasileira, desde 2012, além de ser considerado o mais importante educador brasileiro do século XX.

Paulo Reglus Neves Freire, nasceu em Recife/ Pernambuco, em 19 de setembro de 1921 e aprendeu a escrever com gravetos no quintal da sua casa, orientado pela sua mãe Edeltrudes Freire. Com Elza, que era professora primária, hoje ensino fundamental nos anos iniciais, da Escola Mathias de Albuquerque em Casa Amarela, bairro em que morava, teve cinco filhos. Depois de viúvo, casou com Ana Maria Freire, sua ex-aluna do mestrado.

Nesse mesmo bairro eu residia e estudava no Colégio Santa Catarina e em plena ditadura militar com o golpe de 1964, comecei a presenciar alguns fatos que me chamavam atenção, como por exemplo: a casa em frente à escola, começou a ser vigiada por militares, depois de adulta fiquei sabendo que era a casa de Anita Paes Barreto, que foi diretora da Divisão de Ensino e participava do Movimento de Cultura Popular de Pernambuco (MCP), do qual Paulo Freire foi diretor da Divisão de Pesquisa, sendo substituído depois Paulo Rosas, além de ter sido também coordenador da Educação de Adultos. Todos que fizeram parte desse movimento foram perseguidos, presos ou

¹ É pernambucana, educadora, professora, pedagoga, escritora, psicopedagoga, palestrante e pesquisadora. Doutora em Educação. Atualmente é professora da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda - FACHO. Autora do livro Movimento de Cultura Popular em Pernambuco: impactos na sociedade pernambucana.

exilados, que foi o seu caso e eu sinto muito, devido ao senhor querer ensinar aos adultos analfabetos a ler e escrever com consciência da realidade e do mundo em que viviam.

Nesse período, no governo de João Goulart, o senhor coordenou o Programa Nacional de Alfabetização, que durou apenas 3 meses, no período de janeiro a 31 de março de 1964. E em setembro do mesmo ano teve que deixar o Brasil.

A partir do final da década de 60, eu comecei a estudar Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e eu não entendia o porquê não se podia nominar alguns professores, intelectuais, inclusive o seu nome não podia ser citado. Quando eu saía pra faculdade, papai me dizia: “minha filha vá calada e volte muda”, pois com a ditadura militar, não tínhamos o direito de expressar os nossos pensamentos!

Na ocasião, o seu exílio foi bastante pedagógico, pois andarihou o mundo, participando e atuando em programas educacionais, para e com as classes populares oprimidas. Foram 16 anos de exílio, teve oportunidade de conhecer e atuar nos continentes americano, europeu, africano e asiático. Aproveitou o momento para escrever importantes obras como: Educação como prática da liberdade e Pedagogia do oprimido, desta forma ficou conhecido no mundo e respeitado pela sua concepção pedagógica.

Lembro que quando o senhor voltou ao Brasil em junho de 1980, foi lecionar na Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP) e na UNICAMP, em Campinas (SP). Nesse mesmo ano, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1989, assumiu o cargo de Secretário de Educação da cidade de São Paulo. Entre outras ações criou o MOVA/SP, Movimento de Alfabetização, tendo a atuação efetiva do Estado de Pernambuco, com formação inicial e continuada dos educadores, onde eu tive oportunidade de participar como professora formadora na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Na gestão de Silke Weber, que também participou do MCP e foi Secretária de Educação de Pernambuco na década de 90, os educadores de apoio, participaram do Congresso de Alfabetização, no período de 14 a 16 de setembro de 1990, na gestão da prefeita de São Paulo, Luiza Erundina. Depois, tive a oportunidade de conversar com o senhor e pedi permissão para colocar o seu nome no Colégio que eu pretendia abrir, e o senhor sorrindo disse: “Deixe pra

colocar depois que eu morrer” e eu respondi: “Aí não vai ter graça, eu quero que o senhor veja”. Posteriormente ao nosso encontro, inaugurei o Colégio e Curso Paulo Freire, em Olinda/ PE.

Era uma escola diferente não apenas devido a pedagogia freireana, mas devido a iniciar com a educação infantil até o 4º ano (hoje 5º ano) e o curso de magistério, pois na minha concepção de educação, seria um Laboratório Didático, esses/as alunos/as iniciariam o Estágio desde o 1º ano do magistério, onde teriam oportunidade de vivenciar e unir a teoria à prática, resultando a práxis freireana.

O Colégio e Curso Paulo Freire (CCPF), durou poucos anos, pois o término do Curso de Magistério e o seu falecimento, então decidimos fechar a escola, deixando um legado, que originou a minha tese de doutorado que teve o senhor como principal teórico e que posteriormente deu origem ao livro Movimento de Cultura Popular: impactos na sociedade pernambucana. Foi uma honra publicar esse livro com financiamento público do FUNCULTURA e depois uma edição especial da Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife.

Em 1996 tivemos a formatura do Magistério e o senhor foi homenageado, porém enviou uma mensagem por telegrama comunicando e se desculpando, que estava doente, e o seu amigo Ariano Suassuna também do MCP foi o paraninfo da turma.

Depois do seu falecimento, devido a um infarto, no dia 02 de maio de 1997 em São Paulo, logo após essa data, nós fizemos um ofício para a Câmara de Vereadores de Olinda, pedindo pra colocar o seu nome na praça em frente à escola, infelizmente até a presente data ainda não colocaram, porém esse ano reenviei novamente e esperamos conseguir para o dia da sua comemoração dos 100 anos!

No mesmo ano, no dia do seu aniversário, 19 de setembro, quando faria 76 anos, nossos alunos participavam de um Projeto desenvolvido pelo Diário de Pernambuco e que tinha como objetivo principal estimular as crianças na leitura e escrita. A turma da alfabetização (hoje 1º ano) fez uma produção textual e o Diarinho publicou, em homenagem póstuma pelo seu aniversário.

*Era um velhinho professor
que ensinava a ler
as pessoas grandes e pequenas
também aprendiam a escrever
lembramos do seu aniversário
19 de setembro
como será esse dia
sem Paulo Freire lendo?
pelas pessoas pobres vivia a lutar
foi preso por 16 anos
porque só queria educar!*

Preciso lhe contar que a partir do ano 2000 finalmente as gestões populares chegaram ao Palácio do Planalto com Lula presidente, promovendo avanços sociais significativos com políticas afirmativas de reparação histórica. A implantação das cotas para ingressar nos processos seletivos do Ensino Público Superior e concursos que mudaram o perfil da universidade brasileira e das instituições públicas, o aperfeiçoamento do bolsa família que tirou da margem da extrema pobreza uma parcela significativa da população, dentre outros avanços.

Nos últimos anos houve uma mudança conservadora no mundo que atingiu também o nosso país. Tivemos a primeira presidenta MULHER eleita que sofreu um Golpe em 2016 que culminou com o seu impeachment (sendo absolvida de todas as acusações posteriormente). A prisão política do ex-presidente vinculado ao Partido dos Trabalhadores para que o mesmo não pudesse concorrer como candidato nas eleições de 2018. O que abriu espaço para o fortalecimento da extrema direita que foi eleita e atualmente está na presidência do país.

Na ambiência da UFPE foi criado o Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas que congregou desde a sua criação pessoas de dentro e de fora da universidade, do qual fui diretora pedagógica e fiz parte até 2010.

Hoje, como professora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO), criamos o Grupo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire (GEPauf). Finalizamos o semestre juntamente com nossos alunos

liderando o diálogo com vários livros, entre eles: Professora sim, tia não; Pedagogia da Autonomia- saberes necessários à prática pedagógica e Cartas à Guiné Bissau, tendo o nosso aluno guineense Bruno Alfredo Varela da Silva Sá, do 5º período de Pedagogia, que dialogou e apresentou a importância e contribuição do legado deixado pelo senhor para a Guiné Bissau.

Quero também contar algo que está acontecendo não só no Brasil, mas no mundo inteiro é um problema de saúde pública universal, estamos passando por uma pandemia sendo contaminados pelo covid-19. De uma hora para a outra ficamos reclusos aos nossos lares. Máscaras e álcool passaram a ser itens de primeira necessidade. Devido a esse vírus, nós educadores ficamos impossibilitados de ensinar presencialmente e os nossos alunos também precisaram ficar em casa. São mais de quinhentas mil mortes até a data atual e uma gestão desastrosa por parte do governo federal.

Estamos há mais de um ano com aulas remotas e nós, professores e alunos tivemos que reaprender e nos reinventar da noite para o dia a ensinar a partir das novas ferramentas tecnológicas, conhecer e utilizar as Metodologias Ativas, nas quais reconhecemos o senhor como um dos principais autores. Eu acredito que o senhor chamaria esse momento de “inédito viável”, conceito que registrou pela primeira vez no livro Pedagogia do Oprimido, uma palavra-ação, portanto, práxis, que é a junção da teoria com a prática, ou seja, repleta de desejo de transformar o mundo e carregada de crenças, valores, sonhos, aspirações, medos, ansiedade, vontade e possibilidade de saber, fragilidade e grandezas humanas não perdendo a esperança do verbo esperar. A educação inovadora, problematizadora, libertadora é capaz de envolver o aluno como centro e sempre encantar os aprendizes ao longo da vida

E pra finalizar quero registrar toda a minha gratidão pela oportunidade de fazer esse relato e parabenizá-lo pelos 100 anos do seu nascimento!

Abraço virtual,
Olinda (PE), 18 de Junho de 2021

Café, Pão de Queijo e Educação

*Raquel X. Grazzinoli*¹

*Renan R. Souza*²

Caro Paulo Freire, enquanto iniciamos essas linhas a fim de lhe dizer um pouco sobre nós, é impossível que não lhes relate a ansiedade que vai em meu coração devido ao processo eleitoral que se deu em novembro de 2020 em todas as cidades brasileiras, em que, infelizmente, perpetua os interesses capitalistas.

Apesar das nossas angústias nas últimas semanas, a escrita dessa carta pedagógica nos permitiu visitar antigas leituras e nos fortalecer em bases nas quais nos filiamos; considerando isso algo muito importante - que nos aproximemos da teoria e que haja apropriação dos conceitos, a fim de repensar a própria prática, como afirma Smolka.

No dia de hoje, amanhecer relendo *Pedagogia da Indignação*, de sua autoria foi um bálsamo que suavizou os dias tensos de manifestações sociais em que estamos vivendo. Você que sempre nos conclamou à luta por um mundo mais humanizado, com o compromisso da prática refletida, repensada, com o amadurecimento e à percepção dos nossos erros, além da busca

1 Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. E-mail: r.grazzinoli@unesp.br

2 Possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP); Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI, pela mesma Universidade - UNESP. E-mail: renan.r.souza@unesp.br

de melhoria para auxiliar na construção de um lugar para todos, um lugar de mais amorosidade.

No texto de Bezerra e Araujo também encontraremos essa convocação, quando as autoras citam Marx, 1999, sobre o compromisso político genuinamente transformador [...] e o desfazer das ilusões.

Temos caminhado pela educação inclusiva tentando manter essa coerência e, confessamos a você que, em alguns momentos a luta pela “escola genuinamente inclusiva” e por uma sociedade mais igualitária vai nos deixando bastante abatidos... Iniciamos na rede pública ainda influenciados pela eufórica influência dos documentos internacionais, Jontiem e Salamanca, e do viés que construía a escola como salvadora das mazelas sociais que se apresentavam. Somos, ainda, aguerridos defensores da escola para todos, mas precisamos nos ater ao fato de que ela sozinha não dará conta de tudo que estava implicado por trás disso...

Participamos dos processos formativos dos quais gostamos sempre de ressaltar a proximidade com nomes importantes da construção dessa discussão, dos quais citaremos Elisa Tomoe Moria Schlünzen e Sadao Omoti. Como é significativo ouvi-los dialogar sobre propostas educacionais e falar de práticas que vivenciam ao acompanhar o trabalho com projetos desenvolvido por colegas de profissão!

Paulo, nossas buscas formativas e lutas têm sido para que a escola legitime o que já temos garantido por lei. Relembrando novamente suas palavras, nos atravessando sempre de forma amorosa, coisas que muita gente não queria ver ou ouvir: “não creio na democracia puramente formal que “lava as mãos” em face das relações entre quem pode e quem não pode porque já foi dito que “todos são iguais perante a lei”. Mais do que dizer ou escrever isto, é preciso fazer isto”.

Não é suficiente (apesar de muito significativo) que tenhamos garantias legais de acesso, permanência, busca de qualidade na escola brasileira, se a práxis Paulo, não condiz com o que está posto. Mendes, Bueno, Beyer, Bourdieu, já nos trouxeram contribuições no tocante a isso, de que não basta a matrícula, não é suficiente abrir as portas, não basta deixar que entrem, é preciso que possam sentar à mesa, nutrir-se, e deixar que outros também se nutram, enraízem conhecimentos nas trocas vivenciadas.

Quando lemos os textos que discutem a busca por uma escola inclusiva nossa atitude, às vezes, é a de pensar: ainda estamos falando essas mesmas coisas? Vinte anos depois, o tema desse estudo ou desse encontro ainda é esse? E talvez seja essa atitude inerte (a qual você nos solicitava resistência), que esse grande emissor de tentáculos paralisantes que é o capitalismo queira de nós... porque o neoliberalismo vai tecendo essa teia, sedutora no início, e que quando você está preso, pode se debater inicialmente e, com o tempo, vai cansando. A gente pode até se cansar, mas não podemos deixar de “nos debater”.

Se nós pudéssemos hoje, lhes convidaria para um café-debate, quem sabe com pão de queijo ou bolo quentinho (os mineiros e os paulistas adoram essa mesa posta para receber os amigos!), e te chamaríamos Freire, chamaríamos Vigotski e ainda alguns amigos com os quais dividimos os enfrentamentos para uma escola inclusiva em nossas cidades (E, despretensiosamente, podemos afirmar a você, para além da escola, lutamos por uma sociedade mais inclusiva!). Lhe contaríamos, e aí acho Freire, que você ficaria orgulhoso, ao saber como temos pensado uma proposta de atenção às subjetividades dos alunos das escolas municipais, nos comprometendo com uma política que você não conheceu, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Ah, que tarde seria essa! Poderíamos varar a noite, pois quando um grupo de professores se encontra, inconformados com políticas que criam “arremedos”, discutindo como tem sido o cotidiano da escola, como tem sido o descompromisso com o aluno, não somente com o Público da Educação Especial, a conversa flui e a gente não vê a hora passar.

Paulo, você nos diria, com esse seu jeito de profeta: “nossa presença no mundo implica escolha e decisão, não sejam uma presença neutra [...] se não é possível mudar o mundo sem um certo sonho, devem usar toda possibilidade que tenham para não apenas falar de utopia, mas para participar de práticas coerentes.” E nós nos veríamos inflados de vontade de ver nossas escolas florescendo (como estamos gostando dessa ideia hoje!).

Florescer na nossa escola a flor viva de que nos falavam as pesquisadoras que estudamos, uma flor que vem de luta e vitória, uma flor que se legitima numa escola realmente para todos! Que está sendo cultivada, mas que ainda está no nosso imaginário, ainda não é real.

E nós nos permitiríamos passar mais um “cafezim”, para pontuarmos que precisamos ir além das discussões, nos libertando de “celas”, de “prisões” que vão sendo erigidas dentro de nossas escolas, muros altos com tijolos do “não estou preparado para isso”, “esse aluno da educação especial”, “esse menino não tem jeito”, “a mãe dessa aluna era assim também, estudou aqui”. Vigotski nos traria contribuições e pediria que levássemos esse diálogo para nossas escolas, para as formações de professores, para todos os lugares: “De modo pontual, pode-se dizer que a deficiência primária é aquela ligada à causa orgânica e a deficiência secundária é aquela que aparece como consequência social da deficiência primária. A deficiência primária é ligada à condição biológica e muito pouco modificável; já a secundária pode ser contornada.” (2015, pg.4)

Essas contribuições meu amigo, nos possibilitariam mais argumentos nas propostas dialógicas com outros professores. Sabendo que não há como culpar o professor, a formação, a escola, a família, por uma política perversa que vem se legitimando desde sempre entre nós, tentado convencer-nos de que o fracasso tem que ter um responsável (na escola)! Hoje vivenciamos o gerencialismo da educação, são provas externas, avaliações de qualidade, premiação, ranqueamento, produtividade e precisamos perceber quem está por trás dessas práticas, como por exemplo, organismos internacionais, grandes empresas, etc. Precisamos abrir nossos olhos quanto à manipulação, quanto ao que pode estar por trás de modelos de educação para todos, do novo modelo de ensino médio, por exemplo, do uso da educação como produtora de (matéria-prima) mão-de-obra para atender ao capital.

E quanto aos alunos, público da Educação Especial, há algo bem sério nos discursos de “aprender ao longo da vida”, ou no anterior “aprender a aprender”. Discursos que podem levar ao conformismo e à desresponsabilização dos nossos professores, dos gestores. O Estado deveria assegurar o direito, não precisaríamos ficar “pedindo”, “incluindo”, o processo seria natural, mais uma vez Paulo (estamos íntimos a essa altura do café-debate): “o exercício do direito viraria obviedade”.

É inegável que avançamos nas discussões sobre práticas docentes, sobre como possibilitar propostas para auxiliar no acesso dos alunos ao

conhecimento, já temos refletido sobre o ensino de forma colaborativa, aquele que beneficia a todos, mas ainda há uma régua que quer medir, que quer averiguar “se estão todos na mesma medida”, basta verificarmos que adotamos sistemas avaliativos “importados” de contextos sociais muito diferentes dos nossos. E vemos aqui, apesar de todo discurso amplamente divulgado sobre o ideário inclusivista, que as oportunidades são para poucos!

Ainda hoje vivemos o que estava relatado pelas pesquisadoras Bezerra e Araujo, 2013, p.580: “ A construção de escolas inclusivas não resulta, em última instância, do esforço político nacional ou da participação ativa dos grupos e representantes de pessoas com deficiência, na luta pela afirmação de direitos, mas desenrola-se, sobretudo, como adequação aos critérios internacionalmente estipulados para a concessão de empréstimos e doações.”

Paulo, apesar das manobras neoliberais, não podemos negar a importância de hoje essas minorias terem atingido visibilidade através das políticas, há reações a práticas e espaços excludentes são espaços e tempos construídos para garantir mais avanços e um crescente movimento para que as pessoas sejam vistas por suas singularidades e não pela “falta” (Vigotski, 1997).

Lembra-se amigo, quando Vigotski nos fala de nascer esse homem novo que está em seus estudos, nos leva a busca por uma sociedade onde não haja o normal e o defeituoso, mas onde todos desenvolvam-se ao máximo, respeitadas suas subjetividades. E nos mostra a porta aberta e o jardim florescendo de flores vivas, uma educação universal, para todos!

Precisamos nos comprometer com isso!

Encerramos nossa carta com um trecho da carta que Balduino lhe escreveu para prefaciar o livro organizado por sua estimada esposa: “Cabe a nós, pois, não fundarmos clubinhos ou capelas, mas promovermos o diálogo amplo e crítico entre as grandes teorias que, contra a maré do determinismo e do fatalismo inexorável da economia de mercado, da especulação, da ganância e da exclusão, querem contribuir para um novo projeto planetário de convivialidade humana. Cabe a nós, Paulo, que aqui ficamos, derrubarmos muros e inventarmos o que venho chamando, há alguns anos, uma engenharia epistemológica-pedagógica de pontes, através das quais possamos ir e vir, ao encontro dos outros, sonhando com o dia em que possamos sentar à sombra dessa mangueira da fraternidade global!”

Esse é nosso desejo de despedidas!

Que nós sejamos pontes nessa busca e que possamos estar juntos, numa mesa de café ou a sombra de uma mangueira sempre inspirados por suas ideias, meu caro amigo!

Gratidão pelo pingão de esperança que nos deixou!

São Paulo (SP), 19 de junho de 2021

De feiuras a bonitezas

Carlos Augusto Euzébio¹

Caro Professor Paulo Freire, inicialmente preciso agradecê-lo por oferecer um tempo/espaço em que posso refugiar-me da feiura e tristeza que se estabeleceram em nossas terras. Diriam os subjetivistas que se trata de sentimentos meus e que o feio e triste está em minha alma e só por isso o enxergo no mundo. Então deveria ficar mais triste comigo, porque feio e triste que sou, só vejo tristeza e feiura. E como “não consigo me arrancar da areia movediça puxando-me pelos cabelos” ficaria entregue ao desespero.

É a sua boniteza no escrito – que apresenta sua boniteza do pensar e que só pode expressar sua boniteza de ser e agir – que acalma meu espírito e anuncia em meus ouvidos que o mundo *está* feio e triste, mas não *é* feio e triste por vocação ontológica. E aí, nesse nó dialético em que o que é está “apenas” sendo e o que será, a partir do que é, já está em movimento de ser, que encontro forças para resistir à feiura e à tristeza.

Como insistes que devemos nos esforçar para pensar bem e que pensar bem exige rigorosidade, quero “limar” as expressões aqui utilizadas. Sei que não me explico para o professor, mas para um ou outro leitor que possa ler a

¹ Professor da UFPR Setor Litoral. Membro da Câmara de Educação Física desta universidade. Gosto da humanidade e das pessoas. Na esperança que as feiuras se convertam em bonitezas. Integrante do Grupo UFPR Setor Litoral, de Matinhos (PR), participante do II Ciclo de Leitura e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, realizado de setembro de 2019 a abril de 2020. O Ciclo de Leituras é um projeto de extensão organizado por um coletivo de educadores do grupo sindical APP Independente; do Instituto Federal do Paraná e da Universidade Federal do Paraná.

carta – por generosidade, ou acidente, caída às mãos – que o feio refere-se ao que desumaniza, que retira das relações de homens e mulheres o brilho estético de enxergar o outro como potência e promessa. Tratamos da beleza (ou boniteza) da generosidade, da solidariedade, da empatia que existem como antítese a feiura da mesquinhez, do egoísmo e da auto-referência.

Sendo rigoroso lembro que o par utilizado pelo professor foi estética e ética, portanto, pincei a alegria das páginas à frente e adiantei a prosa. E se desarvorado escrevo do sentimento de tristeza é porque, abraçado à feiura, esse me sonega a capacidade de pensar, muito menos pensar certo, sem o qual a ética vira simulacro. Então, a ética que caminha de mãos dadas com a estética demanda e convida uma alegria de viver. A alegria nasce no encontro com a esperança e a esperança é futuro imaginado, significado da vida. Sem a alegria, a boniteza, a ética e a esperança morre o projeto da educação, empalidece educador e educando.

Não obstante, foi bálsamo para minha consciência encontrar em teu pensamento a legitimidade de minha raiva, sem a qual minha própria atuação docente estaria colapsada. É legítima uma raiva que encontra um momento político de maximização da negação do direito de “ser mais” de homens e mulheres. Da percepção inequívoca do grotesco encarnado nas políticas de plantão, o silêncio é criminoso e a luta necessária.

Despeço-me, querido professor Paulo Freire, ciente - a partir de suas palavras - de que educar supõe uma concepção de mundo e uma posição no mundo. Estamos, educadores e educadoras, convocados pela emergência dos retrocessos, a colocarmos nossa raiva da conjuntura, nossa esperança de futuro, nossa alegria e nossa ética em um projeto de resistência e defesa de uma educação libertadora.

Fraterno abraço.

Matinhos (PR), 7 de junho de 2020.

Sendo FREIRES por aí

Jabson Costa Santos¹

Jonson Ney Dias da Silva²

Estimado mestre,
Tudo copiosamente poético, um vento frio e suave batendo nas árvores quase “nuas”, devido à perda de suas folhas e eu, inquieto, aqui na frente do teclado, dentro do quarto com um propósito que nos atormenta, que é escrever para você uma carta compartilhando algumas das reflexões relacionadas às leituras e vivências, temas os quais surgiram e que não saíram das nossas cabeças durante todo esse tempo.

Amigo Paulo, (desculpas pela maneira com que nos referimos a você, mas depois que lemos algumas de suas obras, nos sentimos mais íntimos) os dois últimos anos tem sido bem difíceis, são tantos acontecimentos que realmente é complicado abordá-los aqui. Claro, mudanças ocorrem a todo momento e isso é normal, mas o grau de complexidade desses últimos acontecimentos vem trazendo uma angústia tão grande que beira o medo. São mudanças relacionadas à política, à economia, à educação, à sociedade de forma geral. Acreditamos que você ficaria impressionado com tudo que é visto no mundo atualmente. Sim, acreditamos que a angústia tomaria conta o seu peito e suas palavras tornaria nítida a inquietação com tantas mudanças.

1 Licenciando em Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e integrante do Grupo de Articulação, Investigação e Pesquisa em Educação Matemática (GAIPEM) da UESB.

2 Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e integrante do Diálogos e Indagações sobre Escolas e Educação Matemática (DIEEM) da UNESP/Rio Claro e do Grupo de Articulação, Investigação e Pesquisa em Educação Matemática (GAIPEM) da UESB

Confessamos que ao ler seus livros, suas propostas ou suas obras (e que obras), consideramos às vezes sua fala tão real, tão próxima, tão presente que parece um presente (e olha que nem é aniversário de nenhum de nós). Enfim, acreditamos que as lutas, os conflitos que você vivenciou para a escrita das suas obras como *Pedagogia do Oprimido* (2000), *Educação Como Prática Para Liberdade* (2018) e outras, continuam ainda aqui.

Faz aproximadamente 20 dias que pudemos sentir novamente o cheiro das folhas de um dos seus livros, *Pedagogia do oprimido*. Mergulhando novamente em suas palavras, pudemos perceber a proximidade de situações que você relata e ficamos um pouco assustado com tudo isso. Como as coisas não mudam? Como as coisas continuam do mesmo jeito? Parece que a sociedade está caminhando sobre a curva de uma circunferência e essas coisas angustiantes são definidas como o raio, pois não importa a velocidade do nosso deslocamento, a quantidade de voltas, o sentido da caminhada ou o ângulo descrito, o raio sempre é o mesmo, as inquietações, angústias, medos e lutas são sempre as mesmas.

Imaginamos que nesse momento você franziu o cenho e se perguntou: Estou lendo uma carta ou um livro de Matemática que define circunferência e raio? Perdão por usar esses termos técnicos da disciplina e por causar um certo estranhamento, mas assim como você, somos educadores. E você bem sabe que de forma alguma podemos e nem conseguimos nos distanciar daquilo que cativa nossos corações.

Paulo, apesar das áreas diferentes existe um termo que nos une e já até usei ele no parágrafo anterior, somos educadores. E eu, assim como você, pensamos muito em questões relacionadas à educação, principalmente, no período que estamos vivendo agora. Acreditamos que você mais uma vez franziu o cenho e se questionou: Que momento é esse? Pois bem, estamos sitiados aqui e talvez o cerco de uma guerra seja até mais tranquilo que esse cerco biológico que estamos vivendo. Um vírus assolou o mundo e causou uma pandemia que já beira dois anos. Por isso, fomos obrigados a nos isolar e estarmos guardados não só para o nosso bem, mas também para proteger o vizinho, o amigo, o colega da rua de baixo, o conhecido que está em outro país, nossos pais, tios, sobrinhos, ou seja, a humanidade. Não se assuste, pois pode até parecer mentira, mas na verdade Paulo, o ato de estar distante ganhou o mesmo significado de estar cuidando de si e dos outros.

A educação em meio a pandemia foi e está sendo um desafio gigantesco para todos os envolvidos. Foi preciso reinventar a maneira de ensinar e de aprender, pois a escola, lugar onde se ensinava e aprendia lado a lado, onde se conseguia ver o olho humano ali presente, hoje é apenas um prédio administrativo. A construção de conhecimento foi uma das mudanças que relatamos angústia no início desta carta e toda essa mudança conteve a participação tecnológica.

Acredite se quiser, a tecnologia que em sua época era presente, hoje é mais, é primordial, é essencial, e está conosco desde quando respiramos o ar todos os dias da janela de casa com uma xícara de café na mão direita e um bom livro na mão esquerda, até deitar para descansar. Aquelas palavras utópicas de anos atrás, que desejava a inserção da tecnologia na escola, hoje é mais que realidade nesse contexto que nos une.

A tecnologia está nos permitindo desenvolver as ações de forma não presenciais, possibilitando os encontros e diálogos de pessoas que estão em lugares diferentes e fazendo com que possamos trabalhar, discutir e produzir conhecimentos coletivamente (e olha que ironia, mesmo isolados podemos promover a coletividade, pois educação é coletivo, é união, é amorosidade, como você já dizia em suas obras). Temos medo de que, mesmo falando tanto sobre esse contexto atual, ainda não consigamos deixar claro para você a importância que a tecnologia tem.

Hoje, com a pandemia, ela é indispensável na educação de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Para nós educadores, também. Temos a oportunidade de ministrar aulas, utilizamos o computador, as videoconferências, as plataformas que foram criadas ou adaptadas para dar subsídios ao desenvolvimento do nosso ofício. Mas não está sendo fácil, Paulo, pois apesar da tecnologia ser algo que está tão presente na vida de tantas pessoas, ela não acontece de forma equitativa, principalmente no Brasil.

Conforme algumas pesquisas, como por exemplo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2018, percebemos que há uma parcela significativa da população que não possui acesso à tecnologia ou ainda um acesso de menor qualidade, utilizando de forma precária, o que no contexto atual, conseqüentemente, dificulta o acesso à educação e como efeito muitos estudantes não estão tendo acesso à educação, Paulo. No

contexto presencial, conseguimos perceber as dificuldades de acesso à tecnologia de diversas formas, como por exemplo a falta de salas de informática nas escolas básicas, computadores para uso dos estudantes e educadores suporte técnico para aquelas escolas que possuem algum aparato tecnológico e falta de formação docente.

Tal situação se agravou ainda mais no período da pandemia pelo fato de tantos estudantes não possuírem o acesso necessário para construção do saber. Muitos estudantes tinham acesso à tecnologia na escola e o isolamento fez com que esse acesso fosse limitado e a construção do saber interrompida. É triste e dói no peito escrever isso, mas você como educador deve ser informado e, como educadores, devemos denunciar.

Essa difícil realidade que relatamos nos parágrafos anteriores é o que você chama, na sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2000), de situação limite e ela, no contexto atual, é influenciada pela falta de políticas públicas destinadas à acessibilidade das pessoas ao uso da tecnologia. Essa situação, desde a época que você retratava, reflete uma educação negligenciada pelo governo, o que origina a falta de investimentos em políticas públicas que visam dar subsídio e ao mesmo tempo garantir o direito de forma equitativa ao acesso à educação.

Mas você pensa, amigo, que isso faz com que o educador abaixe a cabeça e sucumba diante da difícil realidade? Não, Paulo. Pois como você mesmo disse, quando as pessoas encontram essas situações limites, elas se sentem mobilizadas a agir e a descobrir o “Inédito viável” como você retrata no livro *Pedagogia da Esperança* (2012). Algo que na verdade ainda não está claro, mas muitas vezes sendo um sonho, pode se tornar realidade e para isso muitos educadores vem quebrando barreiras e tentando de certa forma vencer a situação trazendo uma perspectiva de educação na qual utiliza tecnologias móveis como o smartphone e tablet, aparelhos que grande parte dos estudantes possuem. Tudo bem que não é uma situação ideal, mas é uma situação onde o educador de certa forma luta contra o descaso proposto pelo poder público.

Recordamos que na leitura de *Pedagogia da Autonomia* (2002), você enfatiza que ensinar exige a luta em defesa dos direitos dos educadores de exercer sua prática docente com dignidade, contra o descaso do poder público pela educação. Essa colocação me faz pensar que é necessário lutar pelos direitos de acontecer, das coisas se concretizarem, pois acredito que não adianta os

educadores se adaptarem, incorporarem as tecnologias em suas práticas se estas ainda não estão disponíveis para a maioria dos seus estudantes e também para alguns educadores, pois vale destacar que falta, por exemplo, formação continuada aos docentes.

Essas questões pontuadas podem ser relacionadas ao que você chama de “denúncia”, as denúncias que precisamos fazer. Entretanto, também temos que com essas denúncias pensar em como podemos a partir delas modificar a realidade e assim temos algo que é muito caro e me lembra muito de você, o “esperançar”. Esperançar não de esperar, mas de lutar contra essas questões que nos angustiam.

Não esquecemos que em uma determinada ocasião, assistindo a um documentário, escutamos a seguinte fala: “É preciso ter esperança, mas não esperança do verbo esperar, esperar que as coisas aconteçam, esperança de algo que virá, notícias boas, e sabemos que não é assim; o esperançar não é esperar. O esperançar, como você já dizia, é se levantar, é ir à luta, é ir atrás, é construir, não é desistir, é levar adiante e juntar-se com outras pessoas que também pensam em como podemos mudar tal situação. Neste momento que vivemos, apesar de estarmos isolados, a união está sendo muito significativa, porque nós educadores estamos nos apoiando, nos ajudando; estamos reivindicando, mostrando a nossa importância.

Bom, chega de denúncias, vamos fazer anúncios, é importante anunciar. Apesar da insegurança nesse tempo, das questões angustiantes voltadas para a educação, das perdas, da falta de acesso e da invisibilidade de alguns grupos. Temos ações que estão sendo promovidas na pandemia, como por exemplo o crescente número de grupos de estudos, as interlocuções entre instituições em estados diferentes, o compartilhamento de informações, a coletividade, a união.

Olha, Paulo, precisamos falar sobre união nesta carta, o verbo unir nunca foi tão usado quanto nesses tempos de pandemia. Ainda é preciso deixar claro que esse verbo foi resignificado, pois percebemos que pode haver união mesmo estando longe um do outro. Para falar um pouco de união e de tantos temas discutidos, vamos usar de uma arte muito conhecida no Brasil e tão popularizada no Nordeste, o Cordel, e saiba logo de antemão que você é tema dele. Então, pegue seu café, pois teremos:

Cordel e Paulo Freire

Conversar de educação,
Com Paulo Freire e fé,
Discutir e dialogar
Tomando um bom café,
Não ser dono do saber,
Mas tão somente querer,
Ir ao longe sem migué.

Fazer um paralelo,
Do direito do cidadão,
Com o que há de mais belo,
A tal da transformação,
A educação transforma,
É a mesma que te forma
Galgando igual formão.

Paulo Freire está presente,
Na vida do cidadão,
Paulo Freire está presente
Falando de educação,
Falando de atuar
De saber posicionar,
De ser um em um milhão.

Em toda discussão
Tudo é sempre importante,
O educador deve ser político,
Deve ser sempre atuante,
Deve se posicionar,
Deve querer dialogar
Desejando ir adiante.

Mas antes de ser político,
Deve ser competente,
Não pode banalizar
A luta de toda gente.
Não pode se posicionar
Sem nem saber onde estar,
Sem separar o frio do quente.

Tenha sempre em seu peito,
A força acolhedora,
A mesma força que luta,
Por isso batalhadora,
A força que vem do ser,
Força que vem de você,
A força transformadora.

Falando em transformador,
Falamos de educação,
Falamos de cada direito,
Pertencente ao cidadão,
Falamos de ir avante,
Sendo seres atuantes,
Em meio a população.

Enfim, a vida já bate,
Já cansamos de cair,
E defender os direitos
É querer evoluir,
A nós, cabe lutar,
Saber se posicionar,
Sendo FREIRES por aí.

Já relatamos o medo em não deixar claro o que queremos dizer. Então, se você não percebeu, precisamos dizer que você foi, é e sempre será presente

por aqui. Sua escrita é como a luz em uma rua escura, nos guia, clareia o caminho e brilha.

Agradecemos imensamente pela escuta. Foi uma honra, para nós, escrevermos essas singelas palavras.

Pois bem, Paulo, chegou meu momento de guardar o lápis e ressaltar mais uma vez a nossa gratidão em iniciar esse diálogo.

Um grande e afetuoso abraço,
Na Suíça Baiana³, em um dia de inverno de 2021

Referências:

FREIRE, P. **Educação com prática da liberdade**. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

³ Apelido dado à cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, devido ao registro de temperaturas mais amenas do estado, chegando a até 60°C no inverno.

A Cigana analfabeta

Lendo a mão de Paulo Freire

Fábio Mozart¹

Chico César aboiou:
“A cigana analfabeta
Lendo a mão de Paulo Freire”
Em canção toda repleta
De vaga melancolia
Na conjuntura abjeta

Este cordel estafeta
Pretende levar ao mestre
Uma missiva elevada
Cuja sintonia orquestra
Trovadores combatentes
Em todo o globo terrestre

E que o rude ele adestre
Como ensinou Paulo Freire
Ocupando o latifúndio
Da mente em cada alqueire
Levantando barricadas
Educação entrincheire

1 Jornalista, dramaturgo, radialista, poeta e cronista. Escreve no jornal “A União”, é militante do movimento de rádios livres e comunitárias e fundador de várias estações de rádio. Autor de mais de 30 títulos de cordel, teve seu folheto “Biu Pacatuba, um herói do nosso tempo” escolhido para o Prêmio Patativa do Assaré de Literatura de Cordel, patrocinado pelo Ministério da Cultura em 2010.

Que nosso cordel peneire
O generoso ativismo
Da fútil frivolidade
De ilusório humanismo
Que confunde educação
Com corda de alpinismo

Para subir é preciso
Na montanha social
Ensino de resultado
Diz a cartilha boçal
Aprender a ser vassalo
E dependente mental

Na obra fenomenal
O educador de verdade
Que se chama Paulo Freire
Contestou a falsidade
Ensinar a ler o mundo
É fator de igualdade

Com bastante acuidade
Probidade e consciência
Foi assim que Paulo Freire
Elegeu como premência
Emancipação do povo
E a sua transcendência

A partir da consequência
Do aluno “ler o mundo”
Para poder transforma-lo
Em um conceito profundo
E essa pedagogia
Teve efeito fecundo

Hoje o povo, moribundo,
Sente a dor que lhe espeta
Imemorial angústia
Nossa elite abjeta
Mantendo o peão na jaula
E a cigana analfabeta

Essa cigana é bisneta
Daquela que em Angicos
No Rio Grande do Norte
Alcançou mais altos picos
Em quarenta e oito horas
Teve ensinamentos ricos

Os poderosos, nanicos,
Temendo o novo saber
Levado por Paulo Freire
Procuraram então conter
A experimentação
Nova forma de aprender

Como é comum ocorrer
Destruíram a experiência
Da alfabetização
Sem a subserviência
Em perspectiva livre
E soberana docência

A quiromante em vidência
E seu saber popular
Leu na mão de Paulo Freire
Aula de valorizar
O dia a dia do povo
Para alfabetizar

E na lição arrogar
Confiança e autonomia
Tendo como referência
O comum do dia a dia
Ensino que até hoje
Seu conteúdo desfia

Paulo, essa pedagogia
Na vida interiorana
Da cidade de Angicos
Ainda hoje atazana
A “educação bancária”
Que não chegou à cigana

Esse conceito profana
A falsa concepção
De que o aluno é leigo
E o professor sabichão
E já faz cinquenta anos
Que isso está na contramão

Porque tacanha visão
Diz que o aluno nada sabe
E o mestre erudito
De todo saber se gabe
Em relação vertical
Onde a permuta não cabe

Antes que o folheto acabe
Direi ao Paulo querido
Que o nosso pobre país
Quase vendido e vencido
Largou a Pedagogia
E continua Oprimido

O que nos tem destruído
É que a inculta classe
Que sedimenta as bases
Desse nosso desenlace
Expõe nos dias que correm
A mais monstruosa face

Que tua alma abrace
Os andrajosos do mundo
Como sempre procedeu
Em sentimento profundo
E nos incite a lutar
Por teu ideal fecundo.

Com gratidão,
Campina Grande (PB), junho de 2021

O-î-kobé kó yby-pe auêmanhe-ne. (Viverá para sempre)

Maria Sônia Barbalho de Macedo

Míriam Gomes do Nascimento

(Organização dos Professores Indígenas Potiguara/PB - OPIP/PB)¹

Caro Mestre,

Caboquinho da Jurema eu dancei no seu Toré

Para me livrar das flechas dos Tapuias Canindé

Oh Reis Canindé, oh Reis Canindé

Palma de Jurema pra reis Canindé.

Nós, Professores Indígenas Potiguara da Paraíba, sentimos muita falta da sua prática educativa, prática esta, que se assemelha com a nossa vivência na educação Escolar Indígena, onde “o quintal da nossa casa com as mangueiras, cajueiros e jaqueiras - árvores, cores, cheiros, frutas, que, atraindo passarinhos vários, a eles se dão como espaço para seus cantares”, são verdadeiros cenários onde se dá início a Educação Indígena, a mesma que nossos curumins já trazem para a sala de aula e que aprendem no cotidiano Potiguara. Conhecimentos que são repassados pelos nossos anciões, que são verdadeiras bibliotecas de conhecimentos e sabedoria e que nos deixaram como herança dessa história milenar.

¹ Professoras Potiguara/PB. Pedagogas, Psicopedagogas, Licenciatura Intercultural Indígena- UFCG. Organização dos Professores Indígenas Potiguara/PB-OPIP. Representação junto ao Conselho Estadual de Educação.

*Sou Tupã, sou Tupã, Sou Potiguara
Sou Potiguara nesta Terra de Tupã
Tem uma arara, caraúna e xexéu
Todos pássaros do céu quem me deu foi Tupã*

Mesmo em tempos tão sombrios, com uma atual conjuntura política que só nos nega todos os nossos direitos, e que está destruindo o que conseguimos conquistar à duras penas, temos a esperança, do verbo Esperançar, pois “É preciso ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é esperar. Esperançar é se levantar, é esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir”. E como nós Potiguara somos um Povo de Luta e Resistência, não desistiremos, jamais, por isso, temos esperança de esperançar e lutar por tempos melhores!

Estamos cansados da tutela do Estado Brasileiro que nos dizia o tempo todo como agir e o que fazer, hoje temos voz, e, como a fênix, ressurgimos mais fortes e somos protagonistas da nossa história. História, hoje, que é contada pelo nosso próprio povo, e acreditamos que é a através da educação que tomaremos nosso lugar, ocupando espaços que por direitos, são nossos, pois já basta tudo que nos foi tirado, nossa língua materna extinta, nossa própria identidade negada, povo este que foi dizimado, não nos dando a verdadeira importância na participação da construção desse Território.

Por isso, recorreremos aos seus ensinamentos para desenvolver nas Escolas Indígenas Potiguara/PB práticas pedagógicas que possam compartilhar as vivências e ensinamentos do nosso povo, a partir da construção e reconstrução do conhecimento, sempre levando em consideração a leitura de mundo de cada indivíduo.

A Educação Escolar Indígena ocorre em unidades educacionais inscritas em suas terras e culturas, as quais têm uma realidade singular, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada povo ou comunidade e formação específica. Como diz suas sábias palavras, “não existe ensinar sem aprender”. Pois quem compartilha conhecimentos, está sempre disposto a aprender com outro, porque ninguém sabe tudo; a vida é uma verdadeira aprendizagem e todos temos muito que ensinar e o que aprender. Procuramos trabalhar nas escolas indígenas com um currículo que

possibilite aos nossos alunos indígenas condições reais de tomar decisões emancipatórias, por meio do engajamento da luta contra qualquer sistema opressor contra nosso povo, possibilitando condições e desejos de aprender, não fugindo da realidade, com uma visão crítica e consciente, possibilitando aos mesmos, a responsabilidade para com a sua identidade cultural, e o seu papel ativo na construção de uma sociedade justa e igualitária.

Portanto, pensamos que compartilhar nossos saberes e tradições culturais, nos permite desmistificar este estereótipo que foi criado a nosso respeito, que para sermos indígenas temos que viver isolados, sem acesso à tecnologia, e aos bens de consumo a que nos foram impostos. Pois, para sobrevivermos tivemos que nos adaptarmos a esta cultura europeia e este sistema capitalista. E hoje estamos ocupando os espaços, que nos dão visibilidade, e somos os protagonistas da nossa própria história.

Caro Mestre, continuamos esperançosos por um mundo mais justo, enquanto isso, continuamos resistindo fortemente e lutando por uma educação transformadora, significativa, libertadora.

Asé o -'ar

(A gente nasce)

Asé o-îkobbé

(A gente vive)

Asé o-manõ

(A gente morre)

Îandé anamata-te

(Mas, o nosso povo)

O-î-kobé kó yby-pe auîemanhe-ne.

(Viverá para sempre)

Esperando por um mundo justo

Baía da Traição (PB), 30 de junho de 2021

Povo Potiguara da Paraíba

A arte do encontro entre ensinantes e aprendentes

Ana Lúcia Oliveira Aguiar¹

Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes²

Stenio de Brito Fernandes³

De que maneira poderíamos pensar como pensaria Paulo Freire nesses tempos de Pandemia? Que lições cotidianas ergueria o mestre Freire para as dores, aflições, certezas, incertezas, reinvenções, iniciativas, nesses últimos tempos atizados pela palavra geradora que de forma sistemática nosso mestre nos ensinou? Certamente muitas e refaria todas as que nos deixou ao longo de sua trajetória de vida, simples, acreditamos e praticamos, uma vez que as reflexões vem das lições de Paulo Freire na carta deixada aos professores intitulada *Carta de Paulo Freire aos Professores*, dentre tantas lições tomaremos, querido Paulo aquela com a qual você nos inspira para a prática

1 É formada em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestra e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, é professora Adjunta IV da UERN. E-mail: anaaguiar@uern.br

2 É formada em Pedagogia e Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP/IFRN). Atualmente, é professora de Didática do IFRN. E-mail: aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br

3 É formado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Especialista e Mestre em Educação pela mesma Universidade. Atualmente, é professor da Secretaria da Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC/RN). E-mail: steniondre@hotmail.com

em qualquer tempo, a saber, que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria.

A carta que você nos deixou, mestre Paulo, nos provoca o desejo de ler nossas incertezas, questionamentos, dúvidas, tensões, o amargo, os sabores, o aprazível, o deleitável, das dimensões pessoal e coletiva. Praticamos inspirados por seus ensinamentos, o ler, o doce e o suave. Queremos passear pela leveza do ser, ser capaz de nos transformar no próprio ser de sujeito, adentrar, mais ainda, em contextos, memórias, experiências, nos sentidos, nas mobilidades, em novos arranjos sociais e configurações que nos identificam para nesse ato de conhecimento continuar promovendo a autotranscendência, no caminho das renúncias e purificações acompanhado de uma prática reflexiva permanente das ações, atitudes, para nos tornar, sempre, em possibilidade de descobertas e de nos autorizar todos os dias. A vida em sua dinâmica. A vida arte que vamos aperfeiçoando na arte de vida, esteira na qual encontramos nossa potencialidade formadora.

Com suas lições, Paulo, nos abre o caminho da escrita da autobiografia tendo como início o transitar viver a vida com e no mundo, com cada um de nós e com todos em espaço de colaboração. Ouvir a voz dos caminhos construtores e diante dos quais dialogamos no interior de cada um no presente. Criamos, fazemos o percurso de retorno do que criamos e recriamos. Os processos formativos levam à questão do ser humano, como central, como sujeito e como objeto do processo de transcendência. Escrever o mundo, a partir de modos de viver, narrar, guardar em diálogos cruzados na região de fronteira onde os sujeitos se tocam, modos de produção da vida para apreender novos contornos e configurações na arquitetura da cartografia de partilha, reflexões, aproximações. Aglutina a inventividade e nos construímos como produtores das nossas histórias de vida. Contar a minha história para viver a minha vida, a sua vida, dando-lhe um modo que lhe corresponde e a revela.

Exercitamos o aprender como ensinante, o reaprender como aprendente com novas iniciativas. Observamos, nesse caminhar do aprender, ensinar, aprender espaços de encontro com o outro de forma leve para desaprender, pensar o aprendido e, principalmente, concluir que é preciso acreditar na força da disponibilidade para os plurais aprendizados, modos de fazer, de dizer, de sentir, sentindo o outro em seus conhecimentos. Um dos aspectos desse

caminho do aprender a aprender ocorre o encontro com o outro com deficiência e, nesse percurso aberto, humilde revimos nossos procedimentos, novos aprendizados, outros fazeres. Alicerçamo-nos de curiosidade sobre o outro para, com a aproximação, entendermos o lugar das diferenças. Revimos posições como professores e nossos desenhos didáticos foram instruídos com um que fazer sobre a deficiência. Traçamos caminhos no admirar a riqueza que os aprendizados nos fazem percorrer construindo, questionando, refazendo. Que belo caminho de disponibilidade onde a humildade molhou as práticas.

Nesse momento, sentimos a leveza que os caminhos nos permitem quando estamos dispostos a rever conceitos, mudar práticas, intensificar as sensibilidades abertos ao admirar. No percurso na companhia do outro, o mundo foi nosso grande mestre, ao trazer a oportunidade de fazer de outra forma e melhor modo, sobretudo, por fazermos juntos, coparticipado, coresponsável. Trazemos a relação intercultural com gramáticas do comportamento diversificadas, festivas, plurais para exercitarmos novas iniciativas, miradas apreciativas. Professores da vida, com a vida e na vida, das letras, das artes, das resistências, do amor presente. Nossa primeira mestra, a vida. Construimos com suas lições, do esperar, mestre Paulo. Sem alguma obrigação de lembrar, mas do sabor doce e suave do lembrar por onde caminhei com quem caminhei, e com quem construí alegrias, sonhei, vivi certezas e incertezas, dores, interdições e permissões, no prumo dos valores de respeito aos princípios da dignidade humana. Na relação intergeracional com alunos, pais de alunos, avós, fizemo-nos com base na honra e dignidade com e para a vida. O valor das relações de vínculo está cimentado nos braços, no colo, no corpo de todos e de todas que abraçam o desafio de ensinar e aprender.

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas, que não foram percebidas antes pelo ensinante no aprender ao ensinar.

Na trajetória, com a sensibilidade sobre o outro, reaprendemos, desaprendemos para aprender de novo, libertamo-nos dos grilhões que nos impedia de enxergar para além do visto, do observado e para bem próximo do cotidiano, nesse movimento de estranhamento que nos leva a colher nossos botões de rosa na arte de aprender e de ensinar. Portas abriram-se para a continuidade da escrita da história formativa com mais admiração pelo processo de formação. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado. Admirar, Esperançar, Amar, leva ao sentimento e à prática de olharmos os ensinantes e aprendentes como uma maravilha de possibilidades de vida quando respeitados os seus tempos, momentos, lugares, sujeitos, acontecimentos, histórias de vida.

Ao ensinar não se transfere conhecimentos, mas se cria possibilidades para sua própria construção. Para tanto, é imprescindível o pensar certo, ou seja, a rigorosidade metódica. Pensar certo coloca ao ensinante o dever de não só respeitar os saberes de todos os sujeitos, sobretudo os das classes populares, mas também o de discutir a razão de ser de alguns desses saberes.

O que ensina, precisa saber corporeificar a palavra pelo exemplo, ou seja, se pensa certo, tem que fazer certo. É típica do pensar certo à disponibilidade ao risco, a aceitação ao novo, rejeitando qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende o indivíduo e nega, radicalmente, a democracia. A dinâmica entre o que ensina e o que aprende envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Paulo nos adverte que nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheia do exercício da criticidade, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação.

Por meio dos seus ensinamentos o mestre Paulo, nos autoriza a sermos aventureiros, predispostos à mudança inerente a qualquer processo de vida e formação. A condição de aventureiros nos remete ao conceito de inacabamento do ser humano. Com isso, conscientes do inacabamento, vamos nos tornando protagonistas da nossa própria história, pois não nos adaptamos ao mundo apenas, mas nos inserimos nele, como sujeitos da História. Ao ter a dimensão do inacabamento do ser, se reconhece a educação como processo permanente. Destarte, ao aprender em comunhão com o outro, nos tornamos ávidos, curiosos, programados para aprender/ensinar.

Nesse processo formativo, o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético no agir entre os sujeitos. Em razão disso, ensinar exige bom senso em saber respeitar à autonomia, à dignidade e à identidade do aprendente. Aquele que ensina não pode fazê-lo com luvas nas mãos, constatando apenas. Como educadores, devemos estar atentos à leitura que o outro faz da nossa atividade, precisamos compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada, afinal, o espaço pedagógico deve ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito.

Nesse emaranhado de lições, aprendizados, dizeres e saberes, Paulo nos diz que temos o direito de ter raiva e isso se coaduna ao momento pandêmico que ora estamos vivenciando, pois o direito à raiva é igual ao direito de amar, pois somos seres históricos, vivendo a História. Apesar dessa justa ira, não podemos cruzar os braços diante do caos, não podemos e nem devemos nos acomodar, mas sim resistirmos, aguentar um pouco mais é a nossa resistência, a nossa força e luta política. Não somos sujeitos determinados, mas seres de possibilidades.

Desse modo se constrói a história no cruzamento de diferentes processos, que não segue uma linearidade, é uma história do singular, do diferente. Para isso, é preciso fugir dos lugares comuns, é necessário saber perguntar, escrever, pensar. Paulo alerta para o sucumbimento do intelectual crítico devido às exigências mercadológicas burocráticas e produtivistas presentes na nossa sociedade. É urgente compreender, com Paulo Freire, que toda prática pedagógica é uma ação política. Pois, para esse autor, separar educação e política é uma ação perigosa. Não há como pensar a educação independente do poder que a constitui.

E ainda, o ensinar/aprender deve constituir-se num espaço em que os indivíduos se percebam como sujeitos históricos, sensíveis ao seu entorno. Não banalizar o pensar, o refletir, o criticar, o pesquisar, o dialogar e o afirmar-se eticamente. Ir além das aparências. Esse é o nosso compromisso como intelectuais, pesquisadores e professores.

Retornando à *Carta de Paulo Freire aos Professores* que citamos inicialmente, fica o aprendizado que estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros elementos. Requer que o aprendente se aventure, se ponha em experiência no conviver com

outro. Mestre Paulo, tem sido muito difícil sermos produtivos e tocarmos as nossas agendas num contexto tão fúnebre, cruel e revoltante que nos impõe a covid-19, que já matou quase 490 mil brasileiros e brasileiras. Qualquer pessoa que tem a dimensão do que estamos vivenciando, acreditamos que sente tristeza, revolta e justa raiva. Entretanto, como o senhor afirmou: “Num país como o Brasil, manter a esperança viva é em si um ato revolucionário”. Esperança do verbo esperançar, não no sentido de esperar, mas de lutar.

Ademais, esperança e luta são indissociáveis e assim nos sentimos como quem espera pelo inédito viável, apregoado pelo mestre Paulo, como algo ainda não experienciado, entretanto, possível e passível de ser degustado, vivenciado. É desse modo, que nós, mobilizados pelo agir, nos sentimos. A realidade pode ser transformada, modificada, refeita, repaginada, reescrita. Somos esperançosos nos rastros de Paulo Freire, por imperativo existencial e histórico.

Esperança e luta!

Rio Grande do Norte, junho de 2021

Pedido de desculpas

Júlia Coutinho Mafra de Moraes¹

Querido Paulo Freire,
Primeiro gostaria de dizer que esta homenagem na qual tenho a oportunidade de participar é muito mais que merecida, é necessária. Vivemos tempos em que a esperança, às vezes, parece difícil de se encontrar, e a luta por uma educação significativa parece em vão.

Esta carta que lhe escrevo é um pedido de desculpas. Por muitos motivos, mas principalmente por pensar em desistir. Esta profissão tão difícil que escolhi para mim, muitas vezes tão condenada e por muitos banalizada está sendo, neste momento de pandemia em que a escola adentrou as casas das famílias em todo o mundo, alvo de muitas críticas.

Nasci no interior do meu estado, por lá tive uma infância feliz e tranquila, até que com 14 anos me obrigaram a tomar uma decisão muito importante que iria decidir todo o meu futuro: fazer curso normal ou não? Optei por seguir os passos da minha mãe e foi então que começou meu destino. Estudar para ser professora transformou de muitas maneiras minha vida. Aquela cidade tão acolhedora, bonita e calma, passou a ser pequena demais para mim. Eu queria ganhar o mundo. Então, bem menina, aos 18 anos sai do aconchego

¹ Professora formada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Pedagoga formada pela Universidade Cruzeiro do Sul, especialista em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Inclusão Social pela Universidade Federal Fluminense - UFF, mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI) pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP. Professora da Fundação Municipal de Niterói e Orientadora Pedagógica da Prefeitura Municipal de Maricá. Email: julia.mafra@unesp.br

do lar da minha mãe para estudar na cidade mais próxima que tinha uma universidade, situada a mais de 92 km de distância de casa.

A experiência de estudar em uma universidade, cursando licenciatura, me transformou. De repente expressões comuns na minha cidade, tão usadas, mas carregadas de forte preconceito já não eram mais aceitas por mim. Passei a ser um ET na minha própria família. “Você reclama de tudo”, dizia minha mãe. “Em tudo você coloca problema, menina”.

A pedagogia foi importante para que eu pudesse começar a questionar o mundo. Não conseguia mais reproduzir certos comportamentos só por reproduzir, precisava entender tudo para que eu fizesse uso ou não. Escolhas... Tão difícil fazê-las, mas também tão difícil aprender que se pode tomá-las. Aprender a ler o mundo e como o senhor mesmo disse “É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho.”

Querido mestre, é por este motivo que lhe peço desculpas no início desta carta. Eu quis ser ignorante. Desejava me parecer mais com os meus, voltar para casa. Juntamente com esse desejo me deparei com uma diretora que me disse muitas vezes que eu não era capaz, que tinha “muito sangue de sala de aula”. Eu precisava mudar para me adaptar ao meio. E por um tempo desenvolvi um trabalho mecânico. Na média. E sem reclamações. Agradável. O diálogo, tão valorizado pelo senhor, não é bem visto. Questionar incomoda. Fui silenciada.

Mas veja só, mestre. Quem teve sua visão de mundo ampliada, não consegue mais retroceder. Ninguém nos tira o aprendizado. E o que eu conquistei não perco jamais. Incômodo, questionamento, insatisfação... Não estava feliz. Não estava realizada! O senhor nos disse que devemos ser um professor que provoca seus alunos. E eu quero despertar em meus alunos o que foi despertado em mim.

Pode ser que isso seja a maturidade chegando, mas não desejo mais me parecer com meu lugar de referência familiar. Eu quero me parecer comigo! E quero que outras pessoas se inspirem em mim.

Ainda sou constantemente silenciada. Lutar contra um sistema é muito difícil, principalmente em tempos sombrios como os que estamos passando. E ser questionador é cansativo e desgastante. Hoje percebo que minha vontade

de ganhar o mundo quando eu era pequena se deu pela educação como ampliadora de oportunidades.

Precisamos ter mais esperança. Eu preciso ter mais esperança e calma. A transformação não acontece do dia para a noite. Mas com certeza eu posso ser um pontinho no início dessa transformação.

Obrigada senhor Freire, por ser o meu mentor. E desculpe-me, se por um breve momento me omiti. Conte comigo para continuar o seu legado. E deixo aqui registrado meu desejo de que a educação no Brasil possa ser transformadora para muitos, assim como foi para mim.

Um grande abraço afetuoso!

Maricá (RJ), junho de 2021

A palavra geradora é: Gratidão!

Bruno Alfredo Varela da Silva Sá¹

Querido Paulo Freire, meu nome é Bruno Alfredo Varela Da Silva Sá, sou de Guiné- Bissau e hoje por causa da sua influência na educação do meu país, vim ao Brasil para estudar Pedagogia e voltar ao meu país a fim de colocar em prática aquilo que estou aprendendo aqui. Como dizia o Amílcar Lopes Cabral, “os que sabem devem ensinar os que não sabem”.

Era teu sonho e de Amílcar Cabral, a “re-africanização” isto é, voltando para as nossas raízes, porque a educação colonial era/é para “desafricanização”. E com luta e coragem o senhor combateu isso. Amílcar Cabral dizia que “As crianças são as razões do nosso combate e flor da nossa luta”, não queremos mais que aconteça o que aconteceu no dia 16 de Junho do ano de 1976 em África de Sul, na cidade de Soweto, onde muitas crianças e adolescentes foram massacrados pelo regime de “apartheid” só porque eles estavam protestando para ter direito à educação e um ensino de qualidade como os filhos dos colonos. Por essa razão, em 1996 a OUA (ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA), que hoje é conhecido como UA (UNIÃO AFRICANA) adotou este dia, 16 de junho, como sendo o dia das crianças africanas.

Fiquei maravilhado com o seu ensino, porque ele não é somente para ensinar o indivíduo a ler e a escrever, mas para fazê-lo libertar a mente. E no livro que escreveste para o meu país demonstra isso claramente (*Cartas à Guiné-Bissau*). Como o senhor bem disse, “o ato de aprendizado da leitura e escrita envolve o aprendizado da “leitura” da realidade, através da análise correta da prática social”. Infelizmente até hoje no meu país mais de 66% da

¹ Estudante da Pedagogia. Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO).
email: brunovaresa591@gmail.com

população ainda é analfabeta e, com isso, dificilmente, vão conseguir fazer essa leitura da prática social, mas, acredito que um dia esse cenário irá mudar, sabe por quê? Porque não iremos baixar os braços, vamos continuar com a sua luta, criando palavras geradoras para libertar a mente do nosso povo.

Como dizia seu amigo Amílcar Cabral “suicidar como classe para renascer como trabalhadores revolucionários”. Isto é, acabar com as classes impostas pelos colonos e lutar para unificação do nosso povo em mente e na construção da nossa terra. Mas, para que tudo isto aconteça, temos que apostar no ensino.

O senhor estava ciente que só poderia colaborar e colocar em prática seu projeto educacional na Guiné se conhecesse de perto a nossa realidade, através da leitura e vivência, por isso que fez uma viagem para lá, e isto é uma honra para mim: saber que um grande pedagogo visitou o meu país e não foi para fazer turismo, mas, para ajudar na educação do meu povo. Para o senhor, nós, os guineenses, devemos contar a nossa história e colocá-la nos livros didáticos. Hoje eu também defendo esse pensamento, porque um povo que não conhece a sua história, esse povo está perdido no tempo. Por isso que tenho somente que lhe agradecer por tudo que você (e continua fazendo) por nós.

A luta continua...

Olinda (PE), junho de 2021

P de Paulo Freire

Sueli Bortolini¹

Pretensão pura, pensar na possibilidade de produzir uma página de palavra para Paulo.

Paulo participa da polis planetária, portanto é perene, é pensador permeado de palavras, é processo de persuasão pincelada por perfeitos pontos de paciência e piedade.

No pretérito, Paulo, pirralho em piso pernambucano, pegava pequenos pedaços de pau para proferir palavras na poeira da praça.

Perscrutava pedras, plantas, pomares.

Planejava e previa processos para permitir posses para pobres com pouca provisão, população de palafitas que pedia partilha de pão e de paz. Portadora de privados poderes e com potência passageira, pouco pegava do que produzia!

Mas a práxis pedagógica de Paulo polemiza, potencializa e protagoniza pressupostos para promover o processo político e pedagógico na participação de pessoas.

Persistentemente Paulo percorria planícies e planaltos, problematizando o poder popular e prognosticando a possibilidade do pensar-certo, de “paradigmar” a pesquisa, num pejar permanente.

Paulo preso: pensa... pensa... pensa... pensa... partaja pensamentos, procria pautas, providencia propostas, mas os pusilânimes que portam porretes prescrevem:

- “Pra fora”.

¹ Bibliotecária de formação, Mestra e Doutora pela Unesp/Marília (SP), docente aposentada do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina. Colaboradora da Rede Mediar.

Por quê?
Porque Paulo perturba o progresso.
Pobre pátria perde Paulo.
Paulo parte pra pátria do Pablo e perambula por países.
Palavreia, palestreia é premiado!
Produz pérolas-livros. O pódio é sua posição.
Peço perdão para Paulo.
Peço perdão pelas pessoas possuídas de um pérfido pavor de povo.
Párias perversas, perdidas em parques pensamentos, que persistem em putrefar a pessoa Paulo.
No presente, Paulo no parnaso pede piedade e paz.
Sua pátria posterga providências progressistas e o passado provou que as palavras de poderosos não propiciam progresso.
Por fim, passo a palavra para o poeta paraibano:
“E a cigana analfabeta Lendo a mão de Paulo Freire”
(Chico César)
Parabéns, Paulo, parabéns poeta!

Londrina (PR), 13 de maio de 2021.
(nada pra comemorar)

Carta a Paulo Freire menino

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio¹

Saudações!

Agora que a memória é cultuada diante de tua grandeza, resta escrever sobre nossa infância rememorada.

Projeto em minha mente um Paulo menino, vagando freiranamente na Jaboatão dos seus sonhos, pernambucamente projetando o seu destino.

Tenho certeza que não sonhavas em ser educador no teu passado/futuro.

O destino é construído no caminhar.

Certa vez afirmaste: *“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”*.

Retocaste o teu caminho deslumbrando as margens, não apenas olhando em frente em sua passagem central. Pois como um homem atento às margens refizeste o teu saber nas bordas do teu olhar.

Hoje, atuando como professor, me projeto nos meus ideais infantis na Campina dos meus sonhos passados, na Grande dúvida de seguir um caminho, paraibanamente incerto.

Como você, Paulo, não tinha a certeza no passado do caminho na tarefa árdua de caminhar. Continuo, portanto, a procurar o meu caminho na arte da caminhar.

Vem-me a memória uma de suas grandes frases: *“Um dos grandes pecados da escola é desconsiderar tudo com que a criança chega a ela”*.

Cheguei à escola, e continuo nela em meu passado/futuro na alegria/tristeza do aprender a ensinar, sempre; de ensinar a aprender, eternamente,

¹ Escritor, historiador e professor. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo.

como um “sábio aprendiz”, como um “principiante errante” em sua busca por (in)certezas.

Olho as crianças como escolas prontas a reabrir em uma manhã infinda.

Pois assim como tu: *“Voltar-me sobre minha infância remota é um ato de curiosidade necessário”*.

Vivo a deslumbrar minha infância recriada em memórias de “um curioso insolente”, sempre “a curiar” o mundo ao redor.

“Lâmpadas são “sois” em miniatura? Raios são choques da lanterna do céu?”.

Hoje sei, que mesmo com toda a minha curiosidade: “Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo”.

Nossa imperfeição é uma dádiva do destino.

E como aprender a mudar o mundo? Mesmo sabendo que mudar o nosso mundo interno é tão complicado?

Neste momento me vem à memória uma reflexão tua sobre o tema:

“Jamais me senti inclinado, mesmo quando me era ainda impossível compreender a origem de nossas dificuldades, a pensar que a vida era assim mesma, que o melhor a fazer diante dos obstáculos seria simplesmente aceitá-los como eram. Pelo contrário, em tenra idade, já pensava que o mundo teria de ser mudado. Que havia algo errado no mundo que não podia nem devia continuar”.

Essa tua rota de transformação me guia, Paulo. Como guia também outros tantos como eu, que insistem às vezes microscopicamente, a tentar mudar o mundo ao seu redor. Trilhando caminhos de incertezas. Procurando um sol em lâmpadas de suas infâncias.

Na vila em que habitam. No morro em que observam ao longe. O céu. O Sol. O chão.

O mundo precisa mudar, para que possamos ser capazes de lutar por algo melhor que virá. A gente muda como o mundo muda com a gente. O olhar da linguagem da criança aponta o rumo.

Como tu, olho-me no espelho e afirmo: *“A minha rebeldia contra toda espécie de discriminação, da mais explícita e gritante a mais sub-reptícia e hipócrita, não menos ofensiva e imoral, me acompanha desde minha infância”*.

Continuo um rebelde, Paulo, mesmo um jovem-velho, peregrino em buscar de um mundo melhor. A infância me guia incorreta, tendo o teu caminho na arte de caminhar.

Paulo, tu és o menino que continua iluminar os homens descaminhados como eu. Rebeldes, permanecemos a gritar sobre as injustiças do mundo, carregando a nossa infância no prumo.

Aqui da janela observo “a lâmpada do céu” a guiar nossos sonhos.
Campina Grande (PB), 18 de junho de 2021.

Pertencimento a Paulo Freire

João Morais de Sousa¹

Quem ensina tem essência
Que é ensinar com paixão
Ensinando se aprende
As grandezas da lição
Supera seu ser passivo
Encontra o sujeito ativo
Lutando contra a opressão.

Paulo Freire nos ensina
Pensar além do possível
Fazer a leitura do mundo
Daquele mundo invisível
Que cristaliza a pobreza
Mata, explora a natureza
Que parece intransponível.

Porém aponta o caminho
Que precisamos buscar
Juntando outras pessoas
Visando o mundo mudar
Resiste à exploração
Com cultura e educação
Sem perder o esperar.

¹ Sociólogo, Doutor em Sociologia, professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), escritor e pesquisador da cultura popular.

Ver a educação bancária
Que é pra se depositar
Discente é cofre vazio
Recebe sem contestar
Tudo que é depositado
Fica sempre alienado
Sem poder se libertar.

Assim, ele nos inspira
Uma educação inclusiva
Semeando esperança
Na dimensão coletiva
Mais diversa e mais plural
Livre e mais integral
Mais feliz, participativa

O discente é atuante
Discute a realidade
Docente conduz a aula
Sem ser dono da verdade
O debate é dialógico
A vida com o teórico
Sem perder a autoridade.

Portanto uma educação
De vez emancipadora
Centralizada nos pobres
Com força libertadora
Focada em cidadania
Construindo com alegria
A práxis transformadora.

Emancipa os oprimidos
Contra toda exploração
Estimula a ação política
Com justiça e comunhão
Um mundo mais amoroso
Solidário e esperançoso
Vindo pela educação.

Seu legado mestre Freire
É uma semente plantada
Mesmo com os desafios
Será sempre bem cuidada
Com amor e esperança
É a raiz da mudança
Da utopia semeada.

Com pertencimento,
Paraíba, março de 2021

Sobre o livro

Projeto gráfico e capa Erick Ferreira Cabral

Mancha Gráfica 12 x 19 cm

Tipologias utilizadas Georgia 12/18 pt

O que não é, porém, possível é sequer pensar em transformar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto. As puras ilusões são os sonhos falsos de quem, não importa que pleno ou plena e boas intenções, faz a proposta de quimeras que, por isso mesmo, não podem realizar-se. A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta.

Paulo Freire

(Pedagogia da indignação – Editora Paz e Terra, 2016)

ISBN: 978-65-86221-97-8



Apoiadores:



Estado da Paraíba



UEPB



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



Paulo Freire
ESTUDOS E PESQUISAS



Sociedade
Brasileira para o
Progresso da
Ciência



OBSERVATÓRIO
SOCIAL DO NORDESTE



ACVPB



GESPAUF



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



eduepb



EDITORA
A UNIÃO